



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO – UFRJ
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO – ECO
INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA –
IBICT
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – PPGCI

AMANDA SALOMÃO

**NICOLAS ROUBAKINE (RUBAKIN) PELAS LENTES DA BIOBIBLIOGRAFIA:
HORIZONTES PRAXIOLÓGICOS PARA UMA TEORIA SOCIAL DA LEITURA NA
E PARA A RÚSSIA ENTRE AS DÉCADAS DE 1880-1920**

Tese de Doutorado
Novembro de 2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO – UFRJ
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO – ECO
INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA –
IBICT
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – PPGCI

AMANDA SALOMÃO

NICOLAS ROUBAKINE (RUBAKIN) PELAS LENTES DA BIOBIBLIOGRAFIA:
horizontes praxiológicos para uma teoria social da leitura na e para a Rússia entre as
décadas de 1880-1920

Rio de Janeiro
2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - UFRJ
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO - ECO
INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA –
IBICT
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – PPGCI

AMANDA SALOMÃO

**NICOLAS ROUBAKINE (RUBAKIN) PELAS LENTES DA BIOBIBLIOGRAFIA:
horizontes praxiológicos para uma teoria social da leitura na e para a Rússia
entre as décadas de 1880-1920**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI), convênio entre o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict) e a Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação (UFRJ/ECO), como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Ciência da Informação.

Área de concentração: Informação e Mediações Sociais e Tecnológicas para o Conhecimento.

Linha de Pesquisa: Comunicação, Organização e Gestão da Informação e do Conhecimento.

Orientador: Dr. Gustavo Silva Saldanha.

Rio de Janeiro
2025

CIP - Catalogação na Publicação

S173n Salomão, Amanda
Nicolas Roubakine (Rubakin) pelas lentes da
biobibliografia: horizontes praxiológicos para uma
teoria social da leitura na e para a Rússia entre
as décadas de 1880-1920 / Amanda Salomão. -- Rio de
Janeiro, 2025.
486 f.

Orientador: Gustavo Silva Saldanha.
Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio
de Janeiro, Escola da Comunicação, Instituto
Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia,
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação,
2025.

1. Nicolas Roubakine (Rubakin). 2.
Bibliopsicologia. 3. Teoria social da leitura. 4.
Epistemologia Histórica em Biblioteconomia e Ciência
da Informação. 5. Práxis biblioteconômica
informacional. I. Saldanha, Gustavo Silva, orient.
II. Título.

AMANDA SALOMÃO

NICOLAS ROUBAKINE (RUBAKIN) PELAS LENTES DA BIOBIBLIOGRAFIA:
horizontes praxiológicos para uma teoria social da leitura na e para a Rússia entre as décadas
de 1880-1920

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI),
convênio entre o Instituto Brasileiro de Informação
em Ciência e Tecnologia (Ibict) e a Universidade
Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação
(UFRJ/ECO), como requisito parcial para obtenção
do título de Doutora em Ciência da Informação.

Rio de Janeiro, 27 de novembro de 2025.

Aprovada por:

Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente



GUSTAVO SILVA SALDANHA

Data: 06/01/2026 12:35:33-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Gustavo Silva Saldanha (Orientador)
PPGCI IBICT-UFRJ

Documento assinado digitalmente



MARIA NELIDA GONZALEZ DE GOMEZ

Data: 03/12/2025 10:07:46-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dra. Maria Nelida Gonzalez de Gomez (Examinadora interna)
PPGCI IBICT-UFRJ

Documento assinado digitalmente



ROSALI FERNANDEZ DE SOUZA

Data: 26/01/2026 19:28:56-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dra. Rosali Fernandez de Souza (Examinadora interna)
PPGCI IBICT-UFRJ

Documento assinado digitalmente



ARTHUR COELHO BEZERRA

Data: 27/01/2026 10:29:11-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Arthur Coelho Bezerra (Examinador interno)
PPGCI IBICT-UFRJ

Documento assinado digitalmente



LIGIA MARIA MOREIRA DUMONT

Data: 27/01/2026 11:45:16-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dra. Lígia Maria Moreira Dumont (Examinadora externa)
PPGCI UFMG

Documento assinado digitalmente



CLAUDIO PAIXAO ANASTACIO DE PAULA

Data: 30/01/2026 12:14:40-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Claudio Paixão Anastácio de Paula (Examinador externo)
PPGCI UFMG

Ao Ecce Liber, por me permitir e sonhar
junto comigo a transformação do mundo,
e à Nicolas Roubakine, cujo pensamento
epistemologicamente revolucionário
tornou possível chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

À espiritualidade e a todos os seres de luz que me permitiram e me deram as condições para que eu chegasse até aqui, mesmo diante de tantas incertezas.

À Sheila, pelo amor incondicional e atemporal. Pelos abraços, as lágrimas, as risadas, as orações. Pelo colo e pela caminhada nessa e em tantas outras vidas. E, principalmente, por ser quem você é e por me permitir ser quem sou. Hoje e sempre.

Ao meu amor, Gabriel, por partilhar a caminhada comigo por mais de duas décadas e de tantas formas diferentes. Por todos os detalhes mais sutis do cotidiano ao seu lado que fazem a vida valer a pena.

À Ivone, *in memoriam*, avó tão querida e tão confiante de que eu poderia ocupar o lugar que quisesse no mundo.

Ao Bruno, pelas palavras, pela fé em mim e pela presença quando a vida se faz incerta.

Ao professor e amigo Gustavo Saldanha, que não só me apresentou Nicolas Roubakine em uma sala do Ibict, em 2018, em um gesto premonitório que traçaria, ali, todo o percurso que me traz a esta pesquisa, mas que também, antes disso, me introduziu à Biblioteconomia em janeiro de 2013, na sala 201 do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. No auge do verão carioca, há mais de 10 anos atrás, por volta das 7h da manhã, Gustavo Saldanha me convidou para um grupo de pesquisa, uma seita chamada Ecce Liber, me ensinou a pesquisar, a montar uma exposição e, depois daí, ainda não satisfeito, me fez sonhar a transformação do mundo a partir da Biblioteconomia. Eis Gustavo Saldanha! Eis o livro! Ecce Liber!

Ao “Ecce Liber: Filosofia, Linguagem e Organização dos Saberes”, grupo de pesquisa construído em 2011 e transformado em seita a partir de 2013. Um agradecimento especial à Diogo, Fernanda, Mell, Victor e Vinícios, pelo acolhimento, a parceria, a amizade, a escuta ativa, os projetos, o compartilhamento de dores e alegrias e, de modo geral, por toda a rede terapêutica que este grupo formou nos últimos cinco anos - rede esta que me permite sonhar, resistir e vislumbrar a transformação do mundo pelas lentes tão queridas de vocês. Nicolas Roubakine nasceu, nasce e renasce a cada dia no Ecce Liber.

Ao querido amigo Diogo Xavier da Mata, parceiro de Ecce Liber, da Biblioteconomia, da pesquisa e de toda a travessia epistêmica e transformadora. No

verão carioca de 2013, no bebedouro ao lado da sala 201 do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Unirio, no dia em que Gustavo Silva Saldanha cruzaria nossas vidas, o seu “sim” para Gustavo Silva Saldanha, o seu “sim” para o Ecce Liber e todo o sonho indisciplinado ecceliberiano, me convocaram à superação de todas as inseguranças que me impeliram, em um primeiro momento, a dizer um “não”. Se não fosse o seu “sim”, talvez esta pesquisa não existisse.

Às amigas e amigos, em especial, Ana Paula, Camila, Carina e Josimara, pela partilha da caminhada, das risadas, das lágrimas, das conquistas e dos desesperos, pela amizade, o acolhimento e o abraço. Por acreditarem, confiarem e, principalmente, por permanecerem.

Às pessoas pesquisadoras que compõem esta banca: prof. Dra. Maria Nélida González de Gómez, prof. Dra. Rosali Fernandez de Souza, prof. Dr. Arthur Coelho Bezerra, prof. Dra. Lígia Maria Moreira Dumont e prof. Dr. Claudio Paixão Anastácio de Paula. Todas elas, generosa e prontamente, aceitaram participar da defesa desta tese, oferecendo apontamentos e sugestões que permitiram contextualizar o pensamento de Nicolas Roubakine no tempo e no espaço. Estendo o agradecimento aos membros suplentes interno e externo da banca, prof. Dr. Marco André Feldman Schneider e prof. Dr. Alberto Calil Elias Junior, pelo pronto aceite, pelas conversas, dicas e por todo o acolhimento ao decorrer desta caminhada.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência da Tecnologia, por tornar possível cruzar o caminho de tantas pessoas queridas e pela oportunidade de acesso não só a uma educação pública de qualidade, mas também a pensamentos, vozes e diálogos que inspiram a minha trajetória de pesquisa e me permitem trilhar um percurso que tanto me faz feliz.

Ao curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, pela oportunidade de acesso a um ensino público gratuito e de qualidade que transformou minha vida como discente e agora transforma minha caminhada como docente. Às pessoas professoras, pesquisadoras e estudantes que atravessaram o meu percurso acadêmico, pessoal e profissional e as quais, agora, retomo o contato pelos corredores da Universidade e nas travessias pelo campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação brasileiro.

À Universidade Federal Fluminense e, mais especificamente, à Biblioteca Central do Gragoatá, pela partilha do cotidiano, dos desafios e das alegrias do fazer bibliotecário.

Ao Círculo de Estudos Rubakinianos (Cerub), por compartilharem a admiração pelas ideias de Nicolas Roubakine e, assim, contribuir para a compreensão e divulgação de seu pensamento centenário e revolucionário.

Às pessoas discentes que atravessaram esta jornada acadêmica e pessoal ao longo da experiência como professora substituta no Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro desde abril de 2024. As trocas e saberes compartilhados em sala de aula - e fora dela - me ofereceram diferentes lentes para pensar não apenas esta pesquisa, como também o mundo. Foi bonito demais ver Nicolas Roubakine adentrando a sala de aula, encantando e nos ajudando a (re)construir a Biblioteconomia brasileira. Obrigada por me ensinarem e me deixarem aprender.

Às instituições e pessoas bibliotecárias no Brasil e no mundo que, em seu fazer histórico na luta pelo acesso ao conhecimento, tornaram possível o desenvolvimento desta pesquisa e, para além disso, os estudos de e sobre Nicolas Roubakine no contexto brasileiro e latino-americano em Biblioteconomia e Ciência da Informação: Biblioteca Digital Curt Nimuendajú; Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo; Biblioteca Pública de Nova York; Biblioteca do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CFCH/UFRJ); Biblioteca da *University College London* (UCL); Biblioteca da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (Biblioteca ECA/USP); Biblioteca da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP); Biblioteca Professora Etelvina Lima, da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (ECI/UFMG); Biblioteca Central da Universidade de Brasília (BCE/UnB); Centro de Obras Raras e Especiais da Universidade Federal Fluminense (CORES/UFF); Biblioteca Central da Universidade Federal de Minas Gerais; Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias (IFLA); Biblioteca da Universidade de Harvard; Biblioteca de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Paraná; Biblioteca Adolfo Rodríguez Gallardo, da Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM); Biblioteca da Universidade do Kansas; Biblioteca Nacional da Suíça.

Ao pesquisador e bibliólogo francês Robert Estivals (1927-2016), *in memoriam*, mesmo não o tendo conhecido. Meu agradecimento por introduzir e presentear o professor Gustavo Silva Saldanha com a obra seminal roubakiniana, *Introduction à la psychologie bibliologique*, durante sua pesquisa de pós-doutorado na França. Robert Estivals tornou possível, com um gesto que talvez já vislumbrasse os horizontes de repercussões roubakinianas mais à frente, a pesquisa de e sobre Roubakine no Brasil.

Por último, mas não menos importante, à Nicolas Roubakine, por entrever e, a partir de seu pensamento, nos permitir sonhar em humanizar a humanidade pela via da leitura.

A Bibliopsicologia é uma das formas de **humanizar a humanidade**
(Roubakine, [1922] 1998, p. III, tradução nossa, grifo do autor).¹

¹ No original: *La Biblio-psychologie est un des moyens d'humaniser l'humanité* (Roubakine, [1922] 1998, p. III, grifo do autor).

RESUMO

SALOMÃO, Amanda. **Nicolas Roubakine (Rubakin) pelas lentes da biobibliografia**: horizontes praxiológicos para uma teoria social da leitura na e para a Rússia entre as décadas de 1880-1920. 486 f. 2025. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Ibict/UFRJ. Rio de Janeiro: PPGCI Ibict-UFRJ, 2025.

A presente pesquisa tem como objetivo investigar o pensamento do bibliotecário russo Nicolas Alexandrovich Roubakine (Rubakin; Николай Александрович Рубакин, 1862-1946) em Biblioteconomia e Ciência da Informação a partir das lentes da Biobibliografia. De maneira específica, interessa discutir o percurso biobibliográfico do pensador na e para a Rússia entre as décadas de 1880 e 1920, contexto de opressão no império russo czarista e período de desenvolvimento da teoria de Roubakine em torno do que denominou como Bibliopsicologia ou Psicologia Bibliológica, consolidada na obra *Introduction à la psychologie bibliologique*, publicada em francês em 1922 e em russo no ano de 1928; o foco está na compreensão das articulações entre suas vivências e sua produção sobre a teoria bibliopsicológica e as fontes biobibliográficas roubakinianas, em um percurso epistemológico, teórico, metodológico, conceitual e social que se descortina no campo biblioteconômico-informacional a partir dos estudos científicos sobre a leitura e seus potenciais de transformação do mundo. No plano teórico-metodológico, esse trabalho se caracteriza como exploratório, de fundo teórico e abordagem qualitativa, sendo conduzido em suas bases lógicas de investigação pelo método indutivo; ainda, adota critérios de pesquisa bibliográfica e histórica ancorados, de um lado, na Biobibliografia e, de outro lado, na Epistemologia Histórica, com ênfase para as abordagens sociocríticas e os estudos sobre a leitura no campo. Para complementar o referencial teórico proposto, emprega-se uma revisão de literatura nas fontes epistemológicas e históricas em Biblioteconomia e Ciência da Informação e nas áreas de Ciências Humanas e Sociais. Para a etapa de coleta de dados, utiliza-se a obra bibliopsicológica roubakiniana em sua reedição francesa de 1998, cujo olhar desdobra-se sobre as seguintes categorias de análise: leitura; pessoa leitora; livro; Bibliopsicologia; biblioteca; trabalho bibliotecário; e transformação social. Na análise dos resultados, vislumbra-se o diálogo entre o pensamento roubakiniano e as questões epistemológico-históricas, teóricas, metodológicas e conceituais referentes à contribuição do bibliotecário russo para a constituição do domínio epistemológico dos estudos sobre a leitura em Biblioteconomia e Ciência da Informação, dadas a partir de três dimensões epistemológicas: 1) dimensão epistemológico-histórica; 2) dimensão teórico-metodológica; e 3) dimensão conceitual-categorial. Para a discussão dos dados, elencam-se quatro categorias discursivas co-constituídas a partir do olhar sob e sobre a biobibliografia de Nicolas Roubakine: 1) teoria social da leitura; 2) prática bibliotecária; 3) práxis transformadora; e 4) uma síntese da revolução epistemológica do pensamento de Nicolas Roubakine? Nas considerações finais, depreende-se a contribuição do bibliotecário russo para a fundamentação da Biblioteconomia e Ciência da Informação como ciência e como um território científico epistemologicamente comprometido com uma práxis transformadora.

Palavras-chave: Nicolas Roubakine (Rubakin; Николай Рубакин); Bibliopsicologia; teoria social da leitura; epistemologia histórica em Biblioteconomia e Ciência da Informação; práxis biblioteconômica-informacional.

ABSTRACT

SALOMÃO, Amanda. **Nicolas Roubakine (Rubakin) pelas lentes da**

biobibliografia: horizontes praxiológicos para uma teoria social da leitura na e para a Rússia entre as décadas de 1880-1920. 486 f. 2025. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Ibict/UFRJ. Rio de Janeiro: PPGCI Ibict-UFRJ, 2025.

This research aims to investigate the thinking of the Russian librarian Nicholas Rubakin (Roubakine; Николай Рубакин) in Library and Information Science through the lenses of Biobibliography. Specifically, this study attempts to discuss the theorist's biobibliographical path in and for Russia between the 1880s and 1920s, the context of oppression in the tsarist Russian empire and the period of development of Rubakin's theory about what he called Bibliopsychology or Bibliological Psychology, consolidated in the book *Introduction à la psychologie bibliologique*, published in French in 1922 and in Russian in 1928; the focus is on the understanding of the connections between his life and his production on Bibliopsychology theory and Rubakinian's biobibliographical sources, in an epistemological, theoretical, methodological, conceptual and social path that reveals the Library and Information Science foundation, its theories and methods, from the standpoint of scientific studies on reading and its potential for changing the world. On a theoretical and methodological level, this work adopts an exploratory research, with a theoretical background and a qualitative approach, being conducted in its logical basis of investigation by the inductive method; furthermore, it uses bibliographical and historical delimitation grounded, on the one hand, in Biobibliography and, on the other hand, in Historical Epistemology, with an emphasis on social and critical perspectives and studies on reading. As a complement to the proposed framework, a literature review is conducted in epistemological and historical sources in Library and Information Science and in the field of Human and Social Sciences. For the data collection stage, the Rubakinian work is used in its French re-edition of 1998, which focuses on the following categories of analysis: reading; reader; book; Bibliopsychology; library; library work; and social change. The analysis of the results reveals a dialogue between Rubakin's thought and the epistemological, historical, theoretical, methodological and conceptual questions regarding the Russian librarian's contribution to the constitution of the epistemological domain of studies on reading in Library and Information Science, given from three epistemological dimensions: 1) epistemological and historical dimension; 2) theoretical and methodological dimension; and 3) conceptual and categorical dimension. For the discussion of the data, four discursive categories are listed from the lenses of and on Nicholas Rubakin's biobibliography: 1) social theory of reading; 2) library practice; 3) transformative praxis; and 4) a synthesis of Nicholas Rubakin's thought epistemological revolution? In the final considerations, the study points to the contribution of the Russian librarian to the foundation of Library and Information Science as a science and as a scientific field epistemologically committed to a transformative praxis.

Keywords: Nicholas Rubakin (Roubakine; Николай Рубакин); Bibliopsychology; social theory of reading; Library and Information Science history and epistemology; Library and Information Science praxis.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 -	Obras de e sobre Nicolas Roubakine em bibliotecas universitárias brasileiras.....	51
Quadro 2 -	A geobiobibliografia roubakiniana.....	75
Figura 1 -	Esquema teórico-metodológico.....	85
Figura 2 -	Lista de fenômenos bibliopsicológicos despertados nos atos de ler.....	161
Figura 3 -	Reações psíquicas dos leitores a cada palavra lida.....	161

SUMÁRIO

1	REFLEXÕES INICIAIS: os caminhos que levam à Nicolas Roubakine.....	15
2	PERCORRENDO A TRILHA ROUBAKINIANA: caminhos teórico-metodológicos.....	36
2.1	PERCURSOS AUTO E GEOBIOBIBLIOGRÁFICOS NA BUSCA POR NICOLAS ROUBAKINE: incursões teórico-empíricas para a construção do referencial teórico.....	39
2.2	DELIMITAÇÃO DOS CRITÉRIOS DE PESQUISA: caminhos para a operacionalização dos conceitos e das categorias de análise.....	78
3	UMA BIOBIBLIOGRAFIA [БИБЛИОГРАФИЯ] ROUBAKINIANA EM CURSO: travessias teóricas e aplicadas de Nicolas Roubakine entre 1862 e 1946.....	94
3.1	NICOLAS ROUBAKINE ENTRE ORANIENBAUM E A LEITURA-EDUCAÇÃO PARA O POVO NA RÚSSIA.....	95
3.2	OS FIOS QUE COSTURAM UMA BIOBIBLIOGRAFIA: mais de cem anos de Bibliopsicologia revolucionária roubakiniana.....	147
4	INTERPRETANDO AS ABORDAGENS SOCIOCÍTICAS DO PENSAMENTO DE NICOLAS ROUBAKINE NA CONSTRUÇÃO EPISTEMOLÓGICO-HISTÓRICA EM BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO.....	174
5	ENTRE O CONCEITO DE LEITURA EM BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E A LEITURA CRÍTICO-COLETIVA DE MUNDO A PARTIR DE NICOLAS ROUBAKINE.....	200
6	PRÁTICA BIBLIOTECÁRIA COMO UMA PRÁXIS BIBLIOPSICOLÓGICA?: por uma crítica na, da e para a realidade social em Nicolas Roubakine através da leitura.....	222
7	RESULTADOS: análise e apreciação dos dados coletados a partir da obra roubakiniana <i>Introduction à la psychologie bibliologique</i>.....	241
7.1	DIMENSÃO EPISTEMOLÓGICO-HISTÓRICA.....	242
7.1.1	Bibliopsicologia.....	243
7.1.2	Psicologia.....	264
7.1.3	Estudos da linguagem.....	269

7.1.4	Estudos literários.....	271
7.1.5	Bibliologia e Bibliografia.....	274
7.1.6	Física.....	283
7.1.7	Biologia.....	285
7.2	DIMENSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA.....	288
7.2.1	Teoria roubakiniana: as leis fundamentais da Bibliopsicologia na travessia praxiológica de Nicolas Roubakine.....	289
7.2.1.1	Wilhelm von Humboldt e Aleksandr Potebnia.....	292
7.2.1.2	Émile Hennequin.....	299
7.2.1.3	Hippolyte Taine.....	307
7.2.1.4	Gabriel Tarde.....	312
7.2.1.5	Ernst Mach.....	317
7.2.2	Método roubakiniano: a busca exata pelo leitor em sua intersubjetividade.....	320
7.3	DIMENSÃO CONCEITUAL-CATEGORIAL.....	331
7.3.1	Livro.....	332
7.3.2	Leitor.....	342
7.3.3	Leitura.....	347
7.3.4	<i>Mnéma</i>.....	349
8	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: horizontes roubakinianos para humanizar a humanidade.....	354
8.1	TEORIA SOCIAL DA LEITURA.....	355
8.2	PRÁTICA BIBLIOTECÁRIA.....	363
8.3	PRÁXIS TRANSFORMADORA.....	374
8.4	UMA SÍNTESE DA REVOLUÇÃO EPISTEMOLÓGICA DO PENSAMENTO DE NICOLAS ROUBAKINE?.....	383
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS?: o porvir de uma travessia epistêmica em e a partir de Nicolas Roubakine.....	386
	REFERÊNCIAS.....	393
	APÊNDICE A - RELAÇÃO DA PRODUÇÃO ACADÊMICO-CIENTÍFICA DA PESQUISADORA SOBRE O PENSAMENTO DE NICOLAS	

ROUBAKINE.....	410
APÊNDICE B - TERRITÓRIOS <i>ITER</i>.....	413
APÊNDICE C - CRONOLOGIA BIOBIBLIOGRÁFICA ROUBAKINIANA.....	432
APÊNDICE D - DIMENSÕES EPISTEMOLÓGICAS DE ANÁLISE.....	440
APÊNDICE E - PRODUÇÃO ROUBAKINIANA.....	460
APÊNDICE F - BIOBIBLIOGRAFIA SELETIVA DE NICOLAS ROUBAKINE EM BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO.....	462
APÊNDICE G - BIOBIBLIOGRAFIA SELETIVA DE NICOLAS ROUBAKINE EM SUA CIRCULARIDADE EPISTÊMICA.....	481

1 REFLEXÕES INICIAIS: os caminhos que levam à Nicolas Roubakine

A própria vida russa fez com que a nova ciência tivesse como lema a fé na força motriz do livro, instrumento o mais potente na luta pela verdade e pela justiça (Roubakine, [1922] 1998, p. 23, tradução nossa).²

A presente pesquisa propõe investigar o pensamento do bibliotecário russo Nicolas Alexandrovich Roubakine (Rubakin; Николай Александрович Рубакин)³ em Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI) a partir das lentes da Biobibliografia. De modo específico, nos interessa discutir o percurso biobibliográfico do pensador entre as décadas de 1880 e 1920, de forma a compreender as teorias construídas em torno do que denominou como Bibliopsicologia ou Psicologia Bibliológica, com foco para os seus desdobramentos no campo biblioteconômico-informacional a partir dos estudos sobre a leitura e o leitor⁴. Essa reflexão integra e resulta de investigações conduzidas no contexto do doutorado em Ciência da Informação (CI) no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia em convênio com a Universidade Federal do

² No original: *La vie russe, elle-même, a fait que la science nouvelle a eu pour devise: foi en la force agissante du livre, instrument le plus puissant dans la lutte pour la vérité et la justice* (Roubakine, [1922] 1998, p. 23).

A tradução desta e de outras citações diretas retiradas da reedição de 1998 da obra *Introduction à la psychologie bibliologique* (Introdução à psicologia bibliológica), de Nicolas Roubakine, é resultado do trabalho coletivo desenvolvido pelo Círculo de Estudos Rubakinianos (Cerub), grupo de estudos formado pelo Ecce Liber (Ibict-Unirio) e o Gabinete de Estudos da Informação e do Imaginário (GEDII), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), para estudar e traduzir a obra seminal roubakiniana. A tradução encontra-se em fase de desenvolvimento para publicação.

³ A grafia utilizada ao longo deste trabalho segue as variações dos registros de autoridade encontrados no *Virtual International Authority File* (VIAF), os quais apontam, em sua maioria, para o modelo de transliteração lusófono “Rubakin” - também já indicado, em outro lugar, por Gustavo Saldanha (2019a). Especificamente, optamos por empregar, no texto, a grafia conforme a fonte francesa estudada da obra roubakiniana, *Introduction à la psychologie bibliologique*, dada a publicação da versão original francesa, no contexto do exílio, com o registro onomástico na obra de repercussão internacional na primeira década do século XX via a transliteração francesa empregada na capa e na folha de rosto da obra. O mesmo se dá com outras pessoas russas mencionadas no decorrer desta reflexão. Nas demais citações, acompanhamos as transliterações das publicações consultadas.

⁴ Em termos teórico-metodológicos, optamos pela não adoção de uma linguagem neutra para nos referirmos ao conceito de “leitor” desenvolvido por Nicolas Roubakine (ou seja, a utilização do termo “pessoa leitora”, conforme utilizado em outras partes ao decorrer do texto). Essa decisão parte, de um lado, da transliteração do conceito “*lecteur*”, conforme a edição francesa aqui utilizada como *locus* de investigação da obra *Introduction à la psychologie bibliologique*, sendo um substantivo sem flexão de gênero em francês (“*le lecteur*” pode ser “o leitor”/“a leitora”) e, do outro lado, da compreensão de que, no pensamento roubakiniano, o conceito macro de “leitor” abarca diferentes intersubjetividades. Quando estivermos nos referindo ao conceito abordado na teoria roubakiniana, utilizaremos “leitor” e, nos desdobramentos advindos dessas teorias, sobretudo na introdução, resultados e considerações finais, empregaremos “pessoa leitora”.

Rio de Janeiro (PPGCI Ibict-UFRJ), estando situada no centro das discussões históricas e epistemológicas em BCI à luz de seu tecido sociocrítico.

Nicolas Roubakine foi bibliotecário, teórico, editor, bibliógrafo, propagandista, popularizador da ciência, entre outras atividades relacionadas ao ramo do livro. Nascido em 1862, na pequena cidade de Oranienbaum (atualmente Lomonossov), região perto de São Petersburgo, na Rússia, e falecido em 1946 em Lausanne, Suíça, para onde exilou em 1907, o pensador dedicou grande parte de sua vida aos estudos teóricos e empíricos sobre a leitura. Mais especificamente, ao seu acesso às camadas populares pela via da Bibliopsicologia, uma ciência voltada para o estudo dos fenômenos psíquicos relativos aos artefatos bibliográficos e seus efeitos na humanidade, no caminho de luta contra as formas de desigualdade e opressão forjadas, dentre uma de suas manifestações, no e através do conhecimento registrado. Consolidada na obra *Introduction à la psychologie bibliologique: la psychologie de la création des livres, de leur distribution et circulation, de leur utilisation par les lecteurs, les écoles, les bibliothèques, les librairies, etc: théorie et pratique. T. I. et II* (Introdução à psicologia bibliológica: a psicologia da criação dos livros, de sua distribuição e circulação, de sua utilização por leitores, escolas, bibliotecas, livrarias, etc: teoria e prática. T. I. e II.), publicada em francês, em 1922, e em russo, em 1928,⁵ e resultado de mais de trinta anos de investigações, conduzidas entre as décadas de 1880 a 1920, sobre o gesto leitor e suas possibilidades de transformação do mundo, a ciência bibliopsicológica está no centro do enfrentamento às condições de vida desiguais através da instrução das classes populares e seus direitos de acesso ao livros, à leitura e às bibliotecas; configurando a Bibliopsicologia, conforme veremos, como uma epistemologia de fundo sociocrítico situada em seu espaço e em seu tempo.

Essa proposta, que demarca seu percurso teórico-metodológico, é desenvolvida em meio ao contexto de opressão na Rússia czarista nas últimas décadas do século XIX e nos primeiros anos do XX, junto da efervescência política e intelectual que daria forma às revoluções de 1905 e 1917 no país⁶. O bibliotecário

⁵ Trata-se, segundo Simsova (1975), da seguinte obra: RUBAKIN, Nikolai. **Psikhologiya chitatelia i knigi**: kratkoe vvedenie v bibliologicheskuiu psikhologiyu [Psicologia do leitor e dos livros: uma breve introdução à psicologia bibliográfica]. Moscow-Leningrad: Gos.izd., 1928. Paul Otlet (2018), por outro lado, aponta que a edição russa da obra roubakiniana foi publicada na Rússia em dois volumes entre 1923 e 1924. Seguimos aqui a data apontada por Sylva Simsova (1975).

⁶ Revolução Russa de 1905, considerada um dos marcos iniciais da Revolução Russa de 1917 (Reis, 2017).

intentara demonstrar de que forma o livro e a leitura — objeto epistemológico-social-histórico-político — poderiam conduzir o povo russo às tomadas de consciência crítica coletiva e à libertação das massas oprimidas.

O percurso que motiva e conduz os estudos sobre o pensamento roubakiniano se inicia, possivelmente, muito antes da ideia de concepção deste trabalho. Tem seu início a partir do entrelaçamento com as vivências como leitora, depois como pesquisadora, bibliotecária e, em um sentido mais amplo que perpassa todas essas esferas, como ser social: os contextos que marcam o despertar de um interesse pela leitura na infância; o mergulho nas experiências individuais de leitura durante a adolescência, aprofundadas pelos vínculos estabelecidos nos *loci* das feiras de livro na cidade do Rio de Janeiro — as conversas com livreiros sobre livros e leitura, sobre suas vidas e as atividades e interações ali transcorridas cotidianamente —, e estendidas até a fase adulta na forma de eventos literários promovidos por editoras e as relações traçadas com outras leitoras, que resultaram em encontros para trocas de livros e compartilhamento de experiências de leitura. Acontecimentos que revelaram, para mim, múltiplos saberes e formas de conceber e interagir com o real, demarcando vivências que seriam orientadas pelos atos de ler — a palavra e o mundo, para recorrermos às concepções do filósofo brasileiro Paulo Freire (2011), que tanto se relacionam com a teoria roubakiniana, como veremos.

Em outras palavras, poderia dizer que tratam-se de diferentes instâncias simbólicas que me trazem, direta e indiretamente, ao que considero como os quatro marcos centrais de toda a trajetória — acadêmica e pessoal — que me trariam a essa pesquisa: 1) a graduação em Biblioteconomia na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), iniciada em novembro de 2012; 2) as atividades de pesquisa, a partir do ano seguinte, em maio de 2013, no âmbito do Grupo de Pesquisa *Ecce Liber: Filosofia, Linguagem e Organização de Saberes*⁷, coordenado pelo professor Dr. Gustavo Silva Saldanha e pela professora Dra. Naira Christofolletti Silveira, cujas atuações perduram até hoje, mais de dez anos depois; 3) a dissertação sobre mulheres leitoras e clubes de leitura, desenvolvida dentro do PPGCI Ibict, então em convênio com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), entre 2018 e 2020 e fundamentada, em uma de suas abordagens, pela via

⁷ Grupo de Pesquisa criado em 2011, então como grupo de discussão, no cenário das experiências de docentes e discentes da Escola de Biblioteconomia da Unirio. Em 2013, o coletivo foi formalizado em uma parceria com o Ibict e a UFRJ. Mais informações sobre o *Ecce Liber* podem ser encontradas no *site* do coletivo. Disponível em: <https://www.ecceliber.org/>. Acesso em: 10 mar. 2024.

roubakiniana; e 4) as inquietações retomadas e emergidas no período pós-defesa e pré-ingresso no doutorado no mesmo PPGCI, entre final de 2020 e 2021, a partir da atuação coletiva no Ecce Liber na pesquisa e produção científica, dentre outros horizontes, sobre Nicolas Roubakine.

Esse marco inicial na Unirio, situado já no primeiro ano de graduação, é conferido pelo contato com as disciplinas Fundamentos da Biblioteconomia e História do Livro e das Bibliotecas I e II, ministradas, respectivamente, pelos professores Gustavo Silva Saldanha e Fabiano Cataldo de Azevedo, as quais despertaram interesses que influenciariam reflexões futuras: os aportes de fundamentação do campo biblioteconômico-informacional e suas múltiplas esferas de articulação, a ação do livro e da leitura no mundo, a construção histórica das bibliotecas e de seus modos de acesso, as práticas de leitura, produção e circulação de saberes transcorridos de formas e em espaços distintos. As teorias, enfoques e metodologias abordadas nessas disciplinas, somadas às relações travadas na experiência universitária, me levariam, em maio de 2013, ao ingresso como voluntária no Ecce Liber.

De maneira geral, a proposta do grupo de pesquisa está na reflexão filosófica e epistemológica sobre a construção da Biblioteconomia e Ciência da Informação, com ênfase para as análises e discussões do universo bibliográfico em sua tessitura histórica e seus desdobramentos na realidade social. As vivências no coletivo demarcam as aproximações com as atividades de pesquisa e, de modo específico, com os estudos sobre a leitura por uma via teórica, epistemológica e aplicada nas linhas de pesquisa Filosofia e Epistemologia Histórica em Ciência da Informação; Linguagem, Cultura & Informação; e Organização dos Saberes. Esses construtos sobressaem, centralmente, a partir de reuniões e discussões entre os integrantes e, também, através de ações práticas de intervenção no real em diferentes *loci* — bares, cafés, feiras, livrarias —, ações que permitiram observar, registrar e vivenciar as dinâmicas de produção, mediação e circulação de saberes, bem como as interações simbólicas que circundavam, ali entre 2014 e 2017, os rituais cotidianos desses ambientes: o início e encerramento das feiras de livro, com os atores, gestos, objetos e símbolos que dão vida às suas atividades, as trocas de saberes em conversas de bar e nos cafés, os fazeres nas livrarias, as caminhadas em grupo pelas ruas do Centro Histórico do Rio de Janeiro. Colocado de outra forma,

instâncias que contemplam, em suas mais diferentes manifestações, o livro, a leitura e o gesto leitor na paisagem social do campo.

É no contexto dessas intervenções empíricas que posicionamos as indagações iniciais que conduziram os estudos sobre a leitura nos anos seguintes. Entre 2015 e 2017, via Pesquisa de Iniciação Científica (Bolsa PIBIC) com fomento da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj), e sob orientação do professor Gustavo Silva Saldanha, deslocamos as vivências pessoais nas feiras de livro — notadamente, aquelas promovidas pela Associação Brasileira do Livro, no centro da cidade, e a Primavera Literária, organizada pela Liga Brasileira de Editores — para a realidade científico-acadêmica, situando-as como objeto de uma reflexão que se propôs a investigar *in loco*, no ano de 2016, as relações simbólicas de e entre pessoas livres e visitantes com o livro, a leitura e os saberes que integram esses espaços a partir de aportes etnográficos e da história oral. No centro das experiências no cotidiano das feiras de livro, os resultados dessas pesquisas, registrados em Amanda Salomão e Gustavo Saldanha (2017, 2018) — e, depois, retomados na dissertação de mestrado, em 2020 (Salomão, 2020) — nos revelaram os primeiros vislumbres da leitura em sua concepção como instrumento de transformação.

Ao mesmo tempo, durante esse período, vivenciei um desvio na trajetória acadêmica até então percorrida, ainda que em diálogo com as reflexões sobre os atos de leitura. No cenário de construção do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado em 2017, as experiências individuais de leitura resultantes de aproximações com fontes de informação sobre a história das bibliotecas no contexto ocidental — despertadas pelas já supracitadas disciplinas — introduziram a noção de bibliotecas circulantes: tipologia de biblioteca voltada para o aluguel de livros e predominante na Inglaterra na segunda metade do século XVIII a meados do XIX, com foco em mulheres pertencentes aos estratos médios e médios-altos da sociedade. Apesar de discutir a temática em poucos trabalhos nos anos posteriores (Salomão; Alentejo, 2019a,b),⁸ a pesquisa histórica e bibliográfica conduzida sobre a contribuição das bibliotecas circulantes para a expansão das possibilidades de

⁸ Além de trabalhos apresentados em eventos da área sobre a temática, como o *VIII Encuentro Latinoamericano de Bibliotecarios, Archivistas y Museólogos* (EBAM), em 2016, e o V Seminário Internacional A Arte da Bibliografia, em 2018, mais dois artigos resultaram deste foco de produção: um, de 2018, publicado na *Revista Bibliographica*, do *Instituto de Investigaciones Bibliográficas* (IIB) da *Universidad Nacional Autónoma de México* (UNAM), e outro, na *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*. Ambos datam de 2019.

inclusão de leitoras e escritoras em diferentes instâncias da economia do livro — sobretudo em uma época na qual o acesso ao livro e à leitura às mulheres era muito restrito —, indicaram apontamentos sobre as potencialidades de transformação pessoal e social pela via da leitura. A discussão sobre a mulher leitora do século XIX — nesse contexto, branca e pertencente às classes médias e médias-altas — inspiraria, ainda que em um recorte espaço-temporal distinto, algumas das indagações que deram origem à dissertação, particularmente no que se refere às condições sócio-históricas de acesso aos processos de conhecimento.

Desse modo, o ingresso no mestrado em Ciência da Informação no PPGCI Ibict-UFRJ, em 2018, está vinculado às experiências não somente como leitora e discente do curso de Biblioteconomia, mas, acima de tudo, como partícipe na formação e na pesquisa do *Ecce Liber*, contexto em que retomo as narrativas estudadas na pesquisa de Iniciação Científica como horizonte de inspiração. Os relatos das pessoas entrevistadas nas feiras de livro, em 2016, me permitiram reconhecer, de um lado, as vulnerabilidades que atravessam diferentes indivíduos sociais — nesse *locus* de investigação, as mulheres — e afetam, em maior ou menor nível, suas possibilidades de ser e estar no mundo; por outro lado, propiciaram vislumbres de como os livros e a leitura foram ou ainda são zonas transformadoras de significações e ressignificações nos cenários de suas vivências.

Nessa direção, como proposta de dissertação, retomando uma outra vivência com a leitura compartilhada, interessava analisar e compreender as possibilidades de transformação pessoal descortinadas pelas histórias de vida de mulheres participantes de clubes de leitura na cidade do Rio de Janeiro, mais especificamente, no *Leia Mulheres Rio de Janeiro*⁹. Aí, na procura por abordagens teórico-metodológicas para investigar as experiências de leitura e seus potenciais de transformação, caminho percorrido através das lentes do nosso campo, via Lígia Dumont (1998) e John Budd (2005), como em contextos científicos afins de investigação sobre a leitura, como Antropologia, a partir de Michèle Petit (2009, 2013, 2019), acabaria sendo introduzida ao pensamento de Nicolas Roubakine.

Em um dos diálogos de orientação com o professor Gustavo Saldanha durante nossas reflexões sobre as abordagens a serem utilizadas na pesquisa, ele

⁹ Clube de leitura voltado para a leitura e discussão de obras exclusivamente de autoria de mulheres escritoras, que abarcam diferentes gêneros e temas literários. Disponível em: <https://leiamulheres.com.br/>. Acesso em: 15 mar. 2024.

dissera, ainda sem saber como esta simples frase transformaria todo o curso de minha trajetória acadêmica: “Você precisa conhecer Nicolas Roubakine se vai estudar a leitura no nosso campo”, e narra sua própria aproximação com o bibliotecário russo e os dois volumes de sua obra clássica *Introduction à la psychologie bibliologique*. Essa obra — e o próprio Roubakine, ambos até então desconhecidos por mim —, fora evocada pelo orientador em nosso diálogo a partir de uma discussão de Paul Otlet (1868-1944) em seu *Traité de Documentation* (Tratado de Documentação) de 1934 — este, ainda viríamos a saber, tecido, em uma de suas vias, sob a influência das teorias roubakinianas — a qual aponta a centralidade da Bibliopsicologia para a luta pela transformação social; o que, para nós, não apenas conversaria com as considerações propostas na dissertação, como também serviria como fundamento teórico e epistemológico da articulação dos estudos sobre a leitura costurada na pesquisa.

Mesmo diante das dificuldades atravessadas por não ser fluente em francês e russo — idiomas de publicação e tradução do trabalho de Roubakine — e pela aparente incipiência de discussão em BCI sobre o teórico e/ou sua Bibliopsicologia, me debrucei na investigação da obra seminal roubakiniana, utilizando os aportes ali desenvolvidos para compreender de que modo suas teorias poderiam desvelar a leitura como instrumento de transformação pela via de uma percepção crítica da realidade, sobretudo por parte das pessoas mais afetadas pelas desigualdades e opressões — no nosso olhar, as mulheres.

Diante desse horizonte, os resultados alcançados na dissertação demonstraram que as instâncias de transformação pessoal eram dadas através das experiências de leitura individuais e compartilhadas nos clubes de leitura como ferramentas para lidar e enfrentar os contextos adversos vivenciados ao longo da vida dessas leitoras, bem como para ressignificar seus modos de concepção sobre si mesmas e o real. Além disso, este trabalho revelou outras possibilidades de articulações teórico-epistemológicas do pensamento de Roubakine que, em razão do espaço-tempo do mestrado, não foram objeto de reflexão mais profunda, mas cujas inquietações aí despertadas seriam fundamentais para orientar as indagações futuras sobre sua contribuição para os estudos da leitura no nosso campo.

No curso de desenvolvimento e conclusão do mestrado, é preciso mencionar um outro desvio, especialmente porque este contextualizaria a proposta submetida ao PPGCI Ibict-UFRJ para o processo seletivo de ingresso no doutorado, em 2021.

As atividades de escrita das últimas seções do texto de dissertação, retomadas após o exame de qualificação, bem como a própria defesa, em outubro de 2020, foram realizadas no bojo da pandemia de Covid-19,¹⁰ diante do isolamento social estabelecido como medida para conter o avanço do vírus; o que repercutiria em reconfigurações tanto nas minhas vivências pessoais, como nas práticas profissionais e acadêmicas: os impactos na saúde mental, provocados, entre vários motivos, pelo próprio isolamento e a preocupação com possíveis contaminações; as negligências do então governo federal em lidar com a pandemia, incluindo suas políticas e discursos sobre o fazer científico, o que afligiu mais ainda todos e todas; a adaptação ao modelo remoto — diante do privilégio de não ter perdido meu emprego e de poder realizar meu trabalho de casa, com condições de acesso ao computador e à *internet* —, mas que se somou à sobrecarga de trabalho e, com isso, afetou o desenvolvimento da pesquisa de dissertação e demandou o trancamento do mestrado para manutenção do meu emprego.

Nesse cenário, as experiências ecceliberianas — então, transcorridas na forma de encontros virtuais entre os anos de 2020 e 2021 —, mais do que nunca, se tornaram fundamentais não somente para manter as conexões com o fazer científico-acadêmico, mas, principalmente, para atuar como uma espécie de resistência simbólica coletiva ao contexto de crise ali imposto. Recordo, aqui, todas as iniciativas do Ecce Liber direcionadas para um debate e compreensão das teorias, métodos, epistemologias e filosofias que formam o nosso campo: as reuniões de planejamento das ações do grupo (Alephs); os “Fóruns de Orientações Metodológicas (Forum)”, que tanto contribuíram para o momento da defesa e para a construção das ideias que formariam o pré-projeto de ingresso no doutorado; as leituras filosóficas discutidas no que chamamos de “Sofias”; os diálogos sobre diferentes suportes e formatos de registros de conhecimento, dados a partir do “Ü:Tópica: linguagens” e do “Cinecce”, nossa sessão de filmes às 8h30min das

¹⁰ Infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2 (Brasil, 2021). A pandemia de Covid-19 foi decretada pela Organização Mundial da Saúde em 11 de março de 2020; e o número de pessoas mortas no Brasil em decorrência do vírus totaliza mais de 700 mil. Importante mencionar que a pandemia deixou mais evidente as desigualdades socioeconômicas reinantes em diferentes partes do mundo, especialmente no em território nacional: de um lado, a uma parte da população foi possível se manter em isolamento social, se comparada a uma outra parte, muito maior que, sobretudo em razão de dificuldades financeiras, de acesso à informação, saúde e medidas de distanciamento social, continuou mais exposta às possibilidades de contaminação; dentre outros tipos de vulnerabilidade ocasionados pelo período pandêmico.

sextas-feiras para discutir suas relações e desdobramentos com a BCI — essas ações, em diálogo com discussões sobre o contexto pandêmico então vivenciado.

Ainda, em outra esfera, está a estruturação e operacionalização do “Portal Ecce Liber”, originalmente iniciada em 2016, mas retomada com mais ênfase em 2021, configurando um canal de divulgação científica da produção ecceliberiana. Durante esse ano, produzimos diversos conteúdos que envolveram o “Blog Ecce Liber”, parte importante do portal que reúne tópicos de interesse comum e de elaboração do coletivo, dados na forma de produções textuais sobre os objetos de pesquisa dos integrantes do grupo, organizados na editoria “Produção em Perspectiva”; das divulgações de eventos — ali, remotos — interessantes à área e/ou que contavam com a participação de membros do Ecce Liber; demos início também ao “E.Liber Cast”, *podcast* que busca trazer à luz figuras centrais da construção do campo através do que intitulamos como “BioArca”¹¹ — em todas essas articulações, abordamos Nicolas Roubakine e alguns dos fundamentos que sustentam sua teoria. No ponto que mais dialoga com os meus estudos sobre a leitura, demos continuidade ao “Observatório do Fim do Livro”, semanário teleológico concebido em uma espécie de *clipping* de notícias que lança questionamentos sobre a finalidade do livro e dos demais artefatos de linguagem a partir das fontes gerais de informação, como jornais e portais de notícias. Entre diversos outros desdobramentos que não caberiam no espaço desse trabalho — projetos tão queridos, tão sonhados, alguns implementados em meio ao caos, outros ainda na espera de um dia serem convocados à ação, à práxis transformadora do campo.

É necessário dizer que ali, na atuação no Ecce Liber, em nossa pequena, porém potente resistência coletiva, eu reforçaria não somente meus vínculos com a pesquisa científica, como também (re)encontraria pessoas integrantes do grupo — e de outras instituições e grupos de pesquisa — que tanto me ensinariam, ampliariam e ressignificariam os meus olhares sobre a vida, a ciência, o nosso campo e, não menos importante, sobre Nicolas Roubakine. Aqui, é preciso evocar não só a figura do meu orientador, mas também de Diogo Xavier da Mata, Fernanda Valle, Victor Soares e Mell Siciliano, esbarradas em outros momentos da trajetória acadêmica e reencontradas no interior da pandemia para relembrar e aprofundar as inquietações emergidas no mestrado. Daí, durante o ano de 2021, surgiram reflexões, parcerias científicas e encontros virtuais que resultaram em concepções de ideias para

¹¹ Disponível em: <https://www.ecceliber.org/libercast>. Acesso em: 16 mar. 2024.

trabalhos e em nossa participação no VIII Seminário Internacional A Arte da Bibliografia em dezembro de 2021, voltado, em sua oitava edição, para a temática Bibliografia e Justiça Social e na qual apresentamos o trabalho “Rússia nos trópicos: em busca da biobibliografia de Nicolas Roubakine”, publicado em 2024 no periódico Encontros Bibli (Salomão; Valle; Siciliano; Mata; Saldanha, 2024), e que se desenvolveu à luz da análise e discussão acerca de um levantamento bibliográfico sobre a Bibliopsicologia e o bibliotecário russo no âmbito da Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional (FBN). Junto a essas figuras, destaco o trabalho desenvolvido em parceria com Victor Soares Rosa e Daniel Strauch Ribeiro, *La lectura del mundo en Capitães de Areia bajo la óptica de Paulo Freire: potenciales constructos para la reflexión crítica y transformación social* (A leitura de mundo em Capitães de Areia a partir da ótica de Paulo Freire: potenciais construtos para a reflexão crítica e transformação social), apresentado em outubro de 2022 no *Colloque Freire Hoje, Freire Hoy, Freire S(i)empre*, no qual discutimos as concepções freirianas sobre a leitura em um diálogo costurado, dentre outros desdobramentos, com a teoria roubakiniana.

Outro exemplo está no Círculo de Estudos Rubakinianos, o Cerub, formado pelo Ecce Liber e o Gabinete de Estudos da Informação e do Imaginário da Universidade Federal de Minas Gerais (GEDII/UFMG), em maio de 2021, para estudar o pensador russo e traduzir sua obra seminal. Interações que me levaram ao contato com o Dr. Claudio Paixão Anastácio de Paula, professor do PPGCI UFMG e orientador da agora também doutora Jéssica Patrícia Silva de Sá, cuja tese defendida no âmbito deste programa, “Aspectos simbólicos da prática da leitura literária em contextos de adversidade”, aborda, em uma de suas discussões, a Bibliopsicologia — contabilizando, dentre outros trabalhos apresentados e publicados pela autora, mais estudos sobre o teórico russo no pensamento brasileiro da área (Sá, 2022). Nesse mesmo cenário, podemos destacar duas pesquisas em desenvolvimento no contexto do PPGCI UFMG, também sob orientação do Dr. Claudio Paixão Anastácio de Paula: “Roubakine: um neurocientista *avant la lettre*”, de Patrícia de Azambuja Pessoa, com início em 2024, e “A Bibliopsicologia de Roubakine e o papel do entretenimento como prática informacional: a relação entre a vivência trans e o consumo de entretenimento pelas pessoas transexuais”, de José Ricardo Silva Neto, iniciada em 2025.

Não menos importante, as reflexões desenvolvidas dentro do Cerub pelos demais membros do GEDII/UFMG, sob uma abordagem psicológica, sem dúvida são relevantes não somente para a ampliação dos estudos roubakinianos em território nacional, como também para compreendermos mais a fundo suas teorias à luz da Psicologia, um dos campos de investigação de sua ciência. Os encontros entre instituições e grupos de pesquisa resultaram, em março de 2022, no 1º Ciclo Cerub, com transmissão pela plataforma *YouTube* no canal do Ecce Liber¹² e voltado para os debates sobre tópicos da biobibliografia do bibliotecário russo, suas aproximações com as pesquisas sobre a leitura, seus trabalhos sociopolíticos por meio das bibliotecas e seus estudos acerca da psicologia científica.

Uma outra experiência que contribuiu para o percurso desta pesquisa está na atuação como Professora Substituta no Departamento de Biblioteconomia da Unirio desde abril de 2024. No decorrer desses quase dois anos de retorno ao lugar que me formou e me permitiu chegar até Nicolas Roubakine, ministrei disciplinas que me tocaram ao longo da graduação, como Fundamentos da Bibliografia e da Documentação, História do Livro e das Bibliotecas I e II, além de outras como Ética Profissional, Representação Descritiva I e Teoria e Prática do Serviço de Referência. Em todas elas, em maior ou menor grau, foi possível articular os componentes curriculares do curso centenário de Biblioteconomia da Unirio às teorias igualmente centenárias de Roubakine. A circularidade epistêmica de seu pensamento nos possibilitou ir dos catálogos de bibliotecas ao atendimento aos usuários, da construção bibliográfica para a educação do povo russo aos embates e resistências à censura czarista.

Ao longo dessa trajetória, não há como deixar de incluir os esforços empreendidos, desde maio de 2021, na procura por fontes de informação gerais e especializadas de e sobre Nicolas Roubakine. Nesse percurso, realizei consultas em catálogos de bibliotecas nacionais e internacionais, bases de dados em BCI e nas ciências humanas e sociais como um todo que não só revelaram a existência de materiais sobre o teórico em diferentes áreas e disciplinas, como também retornaram resultados que apontam para um vasto território de abordagens de e sobre a Bibliopsicologia roubakiniana, sobretudo no pensamento do Leste Europeu, França e, em menor nível, Inglaterra, bem como na paisagem brasileira e latino-americana do campo biblioteconômico-informacional.

¹² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UNZGoruw2Ck&t=6s>. Acesso em: 16 mar. 2024.

Esse percurso de busca, que contribuiu para que eu compreendesse mais a fundo os caminhos possíveis de pesquisa, desvelou autorias que abordam essa temática direta e indiretamente e que poderiam ser centrais para investigar o pensamento roubakiniano à luz das teorias do campo. Dentre estas, podemos mencionar algumas mapeadas até o momento: no cenário internacional, Paul Otlet (1868-1944), Robert Estivals (1927-2016), Javier Jimenez Placer Lasso de La Vega (1892-1990), Sylva Simsova (1931-), Elena Savova (1918-2011), e Oleg Stepanovich Chubarian (Chubaryan, 1908-1976)¹³. Já no horizonte brasileiro e latino-americano, Edson Nery da Fonseca (1921-2014), Gustavo Silva Saldanha (1982-), Elsa Margarita Ramírez Leyva (1949-) e Jose Edmundo Clemente (1918-2013) — essas figuras e suas contribuições serão retomadas em diferentes pontos deste trabalho.

Além disso, diante da impossibilidade de acesso a muitas dessas fontes encontradas — as quais não estavam disponíveis *online* e/ou em acesso aberto — esse percurso de busca é perpassado pelos contatos com bibliotecas e pessoas bibliotecárias em diferentes cantos do mundo. É fundamental destacar as contribuições das seguintes bibliotecas e instituições: Biblioteca da Escola de Ciência da Informação da UFMG (ECI/UFMG); Biblioteca Central da UFMG; Biblioteca da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP); Biblioteca do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ (CFCH/UFRJ); Biblioteca Mário de Andrade (Biblioteca Pública da Cidade de São Paulo); Biblioteca Adolfo Rodríguez Gallardo, da *Universidad Nacional Autónoma de México* (UNAM); Biblioteca da *University College London* (UCL), *New York Public Library* (Biblioteca Pública de Nova York); Biblioteca da *University of Kansas*; e *International Federation of Library Associations and Institutions* (IFLA, Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias). O acesso a essas fontes é fruto de um trabalho bibliotecário coletivo sem o qual o percurso desta pesquisa teria sido muito mais árduo.

Também fruto da trajetória narrada, o que ajudou a ampliar minhas experiências e os debates sobre o bibliotecário russo em BCI, estão os trabalhos apresentados em eventos e publicados em periódicos da área; além de outros que

¹³ Ao longo deste trabalho, utilizamos "Chubarian" quando das citações ao bibliotecário russo Oleg Stepanovich Chubarian, conforme transliteração indicada na obra consultada, *Bibliotecología general* (Biblioteconomia geral). Autorias como Felipe Meneses Tello, por exemplo, utilizam "Chubaryan" nas menções ao pesquisador, razão pela qual indicamos aqui essa transliteração entre parênteses. Para mais informações sobre vida e obra de Chubarian, ver Meneses Tello (2023).

integram, por exemplo, as vivências em disciplinas cursadas já no primeiro ano do doutorado no PPGCI Ibict-UFRJ, como a disciplina Teoria Crítica em Informação, ministrada pelo professor Dr. Arthur Coelho Bezerra, a qual desvelou possibilidades de investigação sobre a relação entre a teoria bibliopsicológica e os construtos trabalhados pelos pesquisadores da Escola de Frankfurt, o que também ofereceria subsídios teóricos para a abordagem na tese sobre Nicolas Roubakine na paisagem social e epistemológico-histórica do campo.

As vivências relatadas pela via do percurso trilhado até aqui justificam, de certa forma, a proposta da tese. Em outras palavras, é essa mesma trajetória, a partir das reflexões, discussões coletivas, interações acadêmicas, buscas por fontes de informação, dos contatos com outras bibliotecas e trabalhos desenvolvidos que propiciariam os construtos necessários para costurar uma proposta de pesquisa sobre o pensamento de Roubakine à luz das teorias em BCI; articulação que nos oferece, para além dos propósitos estabelecidos para esta pesquisa, um vasto terreno de investigação epistemológica que dialoga a Bibliopsicologia roubakiniana com os estudos filosóficos, psicológicos e da linguagem.

Por outro lado, a partir dos dados evidenciados pela produção científica brasileira e latino-americana em BCI, poderia dizer também que esta pesquisa se justifica pela incipiência de discussões sobre e de Roubakine e sua Bibliopsicologia nas fontes de informação especializadas, o que se reflete, por exemplo, nos resultados poucos expressivos recuperados na Base de Dados em Ciência da Informação (Brapci) e na Base de Dados do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (Benancib), conforme será retomado posteriormente.

No entanto, apesar dessa aparente incipiência, as noções tratadas pelo teórico dialogam com alguns estudos sobre a leitura já discutidos em BCI, dentre os quais podemos citar os trabalhos de Lúgia Dumont, umas das pesquisadoras mais reconhecidas no que toca à temática em Biblioteconomia e Ciência da Informação no Brasil na tessitura de um olhar que desvela um certo pioneirismo histórico e epistemológico para a constituição de um campo de estudos voltados para a ação leitora em sua abordagem social; tal percurso se manifesta, inicialmente, em sua tese de doutorado defendida em 1998 no PPGCI Ibict-UFRJ, “O imaginário feminino e a opção pela leitura de romances” (Dumont, 1998), e é continuada por sua vasta produção em artigos, livros, capítulos de livros, trabalhos apresentados em eventos, além da docência, participação em grupos de pesquisa e orientação de monografias,

dissertações e teses no contexto de atuação da Escola de Ciência da Informação da UFMG por mais de três décadas, o que demarca a atuação de uma “escola brasileira” dedicada aos estudos sociais da leitura.

Temos também, no plano mexicano, Elsa Ramírez Leyva, na UNAM, pela via de uma revisão histórica sobre a construção epistemológica da leitura em BCI — na qual posiciona Nicolas Roubakine como um dos pioneiros sobre a temática no campo —, e os trabalhos de Sylva Simsova, centrados especificamente na Bibliopsicologia roubakiniana. Em outras abordagens na área, que situam nosso foco de interesse nessa pesquisa, as teorias roubakinianas estão próximas dos estudos epistemológico-históricos e críticos de Gustavo Silva Saldanha. Ainda, no diálogo mais amplo com as ciências humanas e sociais, está dada igualmente a proximidade com as reflexões de Paulo Freire (2011).

Nessa direção, poderíamos ir além. A partir das discussões sobre Roubakine no plano nacional e internacional em BCI, especificamente na relação entre o seu pensamento e os estudos da leitura em sua via epistemológico-histórica e social, essa tese se justifica pela contribuição da teoria roubakiniana para as discussões sobre o potencial dos atos de leitura e do campo biblioteconômico-informacional, já ali, na virada do século XIX para o XX, como instrumento de reflexões críticas e luta pela transformação social. Dito de outro modo, a investigação do pensamento de Nicolas Roubakine no e pela via de um campo científico comprometido com uma práxis transformadora diante da necessidade de justiça social.

Eis aqui o nosso horizonte.

Desse modo, a hipótese dessa tese repousa na noção de que a biobibliografia de Nicolas Roubakine, isto é, as articulações entre suas vivências e sua obra *Introduction à la psychologie bibliologique*, revelam uma teoria social da leitura no campo que descortina e antecipa, pela via da Bibliopsicologia, avanços teóricos e metodológicos que indicam outras lentes para a compreensão da leitura em BCI e, em sentido amplo, a própria fundamentação epistemológico-histórica do nosso campo; estas, dadas ali, já na virada do século XIX para o XX sob o olhar do Leste Europeu e da concepção dos atos de ler e do campo biblioteconômico-informacional como histórico e epistemologicamente comprometido com um horizonte de luta pela transformação social.

Como problema de pesquisa, indagamos: na e para a Rússia das décadas de 1880 a 1920, sob quais condições se desenvolvem as teorias e a praxiologia de

Nicolas Roubakine acerca da leitura no horizonte biblioteconômico-informacional? Esse questionamento é orientado pelo objetivo geral desta reflexão, que se propõe a compreender o percurso biobibliográfico de Nicolas Roubakine, a partir da lente metodológica da Biobibliografia, para investigar a tessitura de seu pensamento sobre a leitura em BCI entre as décadas de 1880 e 1920, tendo como fundamento os estudos históricos, epistemológicos e sociocríticos do campo.

Os objetivos específicos são:

- a) descrever a trajetória biobibliográfica de Nicolas Roubakine no contexto de desenvolvimento de seu pensamento, de sua obra e de suas ações entre os anos de 1880 e 1920;
- b) analisar os fundamentos epistemológico-históricos em BCI, com foco para as teorias sociocríticas do campo através dos estudos sobre a leitura;
- c) investigar a Bibliopsicologia, com foco para a centralidade dada à leitura e ao leitor;
- d) discutir os construtos teórico-metodológicos roubakinianos desenvolvidos ao longo de sua biobibliografia e consolidados na obra *Introduction à la psychologie bibliologique*, partindo das perspectivas epistemológico-históricas e sociocríticas em Biblioteconomia e Ciência da Informação.

No plano teórico-metodológico, este trabalho percorre um caminho que engloba um estudo exploratório, de fundo teórico e abordagem qualitativa, com critérios de pesquisa bibliográfica e histórica ancorado em duas abordagens distintas, porém intimamente relacionadas: a Biobibliografia, lente metodológica utilizada para investigar as relações entre as vivências de Roubakine e sua obra bibliopsicológica sobre a leitura e o indivíduo leitor no escopo da Biblioteconomia e Ciência da Informação; e a Epistemologia Histórica, centrada nos modos de compreensão das teorias roubakinianas à luz dos construtos de fundamentação do campo, com ênfase para os estudos sociocríticos.

Colocado de outro modo, investigar a posição de Roubakine na trajetória de construção da BCI pela via da leitura e de suas possibilidades de transformação social, a qual aponta para o desenvolvimento de uma teoria social — manifestada

via sua Bibliopsicologia — que encontra sua fundamentação epistemológica sob um olhar social estruturado a partir das próprias lentes positivistas que ancorariam a constituição das ciências sociais na segunda metade do século XIX, expressas tanto nas leis roubakinianas como nas influências exercidas por figuras como Auguste Comte (1798-1857)¹⁴ e Gabriel Tarde (1843-1904)¹⁵.

Aqui, demarcamos fundamentalmente os estudos quanti e qualitativos de Roubakine sobre a leitura e com pessoas leitoras, bem como sua atuação como teórico e bibliotecário, considerando a circulação do pensador russo em diferentes instâncias que envolvem a socialização do conhecimento pela via do livro e da leitura, como as ações de popularização científica, educação popular e seu trabalho como livreiro e editor — no espaço-tempo desta reflexão, não seria possível abarcar todas as atividades na qual Roubakine esteve envolvido ao longo de sua vida.

Importante mencionar ainda que, dentro de nosso exercício biobibliográfico, não é o foco desta tese nos aprofundar na biografia roubakiniana propriamente dita, mas sim em seu percurso biobibliográfico, o qual comporta a abordagem de traços biográficos de Roubakine que se manifestam à luz de sua produção teórica e das fontes trazidas por pessoas biógrafas e comentadoras. Dito de outra forma, de acordo com as lentes metodológicas da Biobibliografia adotadas por este estudo, um olhar que se desdobra sob e sobre a trajetória de vida através da produção textual de e sobre alguém — para nós, de Nicolas Roubakine.

De igual maneira, não constitui o enfoque desta reflexão discutir em profundidade a paisagem política pré-revolucionária russa na qual o pensamento roubakiniano é tecido, tanto no que toca às suas concepções acerca dos elementos que formam a *episteme* do nosso campo no contexto científico de seu tempo e de seu espaço, como à sua posição política nesse mesmo cenário. Compreendemos que trata-se, de um lado, de um período demarcado por processos de constituição de domínios científicos que serviriam de base para a ciência de Roubakine, como as ciências sociais e, em específico, a Psicologia e, de outro lado, da complexidade de um contexto político e sócio-histórico atravessado pelas contradições que marcam

¹⁴ Auguste Comte (1798-1857) foi um filósofo francês reconhecido por suas contribuições científicas e teóricas às disciplinas que integram as ciências sociais, notadamente através de uma corrente de pensamento de fundo positivista (física social) orientada para uma aplicação na realidade social a partir dos contornos objetivos e do rigor metodológico das ciências exatas. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Auguste-Comte>. Acesso em: 21 mar. 2024.

¹⁵ Gabriel Tarde (1843-1904) foi um filósofo, sociólogo, psicólogo e criminologista francês. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Gabriel-Tarde>. Acesso em: 18 mar. 2024.

seu próprio tempo-espço e, neste âmbito, o posicionamento científico e político do teórico russo.

O texto está dividido da seguinte forma: após a introdução aqui apresentada, na qual tecemos as reflexões iniciais que orientam a condução do estudo, indicamos o caminho teórico-metodológico percorrido; discorremos sobre as etapas de construção do referencial teórico e os delineamentos propostos para a constituição dos conceitos operacionalizados e das categorias analíticas e discursivas que fundamentam esta pesquisa. Nas próximas duas seções secundárias, “2.1 Percursos auto e geobiobibliográficos na busca por Nicolas Roubakine: incursões teórico-empíricas para a construção do referencial teórico” e “2.2 Delimitação dos critérios de pesquisa: caminhos para a operacionalização dos conceitos e das categorias de análise e discussão”, descrevemos os caminhos que orientam a constituição do referencial teórico, seguido dos construtos que fundamentam a delimitação do método e do *corpus* central de pesquisa e dos critérios de operacionalização dos conceitos identificados no referencial teórico, que compõem as categorias analíticas e discursivas do estudo.

No que se refere à demarcação teórica da reflexão, trazemos quatro seções que, juntas, orientam e unem a biobibliografia de Roubakine no horizonte epistemológico-histórico e sociocrítico do campo, com ênfase às suas investigações no domínio científico da leitura. A primeira seção, “3 Uma biobibliografia [Биобиблиография] roubakiniana em curso: travessias teóricas e aplicadas de Nicolas Roubakine entre 1862 e 1946”, está dividida em duas seções secundárias: “3.1 Nicolas Roubakine entre Oranienbaum e a leitura-educação para o povo na Rússia”, na qual, a partir da leitura das fontes biobibliográficas de e sobre Roubakine, foi possível depreender a presença de influências simbólicas na tessitura de seu percurso biobibliográfico; estas, exercidas tanto pelo âmbito familiar, na figura de sua mãe, como pela influência de seu contexto histórico, social e político — ambas as experiências, somadas aos laços simbólicos e afetivos construídos a partir de sua atuação bibliotecária em uma biblioteca popular fundada por sua mãe nos anos de 1870 e as vivências acadêmicas na Universidade de São Petersburgo na década de 1880, nos ajudam a expandir os horizontes de reflexão que ancoram o pensamento roubakiniano diante de sua realidade e das potencialidades entrevistadas pelo teórico russo no trabalho bibliotecário e nos estudos sobre a leitura como modo de condução da humanidade à transformação social. Em “3.2 Os fios que costuram

uma biobibliografia: mais de cem anos de Bibliopsicologia revolucionária roubakiniana”, centrada na obra de Roubakine *Introduction à la psychologie bibliologique*, de 1922, e concebida, para os propósitos deste estudo, como sua produção seminal, buscamos compreender os fundamentos principais que orientam a construção epistemológica da ciência bibliopsicológica. Aqui, empregamos as noções teóricas e conceituais expostas pelo próprio Nicolas Roubakine, complementadas pelas interpretações de suas teorias dadas no campo da BCI, na qual esperamos tecer articulações com outras áreas do conhecimento que nos possibilitem costurar os construtos que moldam e orientam essa ciência, bem como suas interlocuções com o discurso biblioteconômico-informacional.

A seção seguinte, “4 Interpretando as abordagens sociocríticas do pensamento de Nicolas Roubakine na construção epistemológico-histórica em Biblioteconomia e Ciência da Informação”, o exercício biobibliográfico roubakiniano é dialogado diretamente com as lentes sociais e críticas que formam a epistemologia do campo biblioteconômico-informacional. A partir de um diálogo próximo com as teorias que desvelam o percurso de construção do campo a partir de uma abordagem positivista, como aquela dada pela teoria matemática da comunicação, buscamos inserir Roubakine no centro de uma dimensão social em BCI entre as décadas de 1880 e 1920, período que marca os mais de trinta anos que dedicou aos estudos teórico-empíricos sobre o gesto leitor em sua práxis transformadora. Aqui, nos interessa posicionar o bibliotecário russo como um desses aportes sociocríticos que, ali, nas décadas iniciais do século XX, com sua *Introduction à la psychologie bibliologique*, propõe uma visão sobre a leitura e o acesso ao conhecimento como instrumentos de luta social, como também destaca o comprometimento do campo e dos elementos que formam sua *episteme* (livro, leitura, leitor) diante da necessidade de justiça social revelada por esse mesmo campo em meio à opressão czarista (o estudo sobre a condição das possibilidades de conhecimento em uma sociedade demarcada pela prevalência de interesses dominantes de uma elite cultural sobretudo no que toca a produção, circulação, acesso e apropriação de saberes).

Em “5 Entre o conceito de leitura em Biblioteconomia e Ciência da Informação e a leitura crítico-coletiva de mundo a partir de Nicolas Roubakine”, discorreremos sobre a leitura no domínio epistemológico biblioteconômico-informacional, articulado aos construtos roubakinianos. Sobressai aqui uma concepção da leitura na qual o pensamento de Roubakine se insere, alinhada à interação indivíduo-realidade, na

qual o ato de ler é tomado para além de sua condição material e decodificação de signos para alcançar uma leitura do mundo. Abordamos a leitura como condição fundamental na luta pela própria voz a partir das possibilidades de reflexão crítica sobre o real, dialogando diretamente com as concepções sobre a leitura em BCI que pressupõem o indivíduo como um ser social cujas experiências de leitura são particulares e de acordo com um dado contexto que pode se modificar à medida em que se modificam as condições de ocorrência desse ato. Isso implica, conforme veremos, na constituição de outras lentes históricas e epistemológicas para pensarmos a fundamentação dos estudos da leitura no nosso campo e do próprio campo como um todo.

Na seção “6 Prática bibliotecária como uma práxis bibliopsicológica?: por uma crítica na, da e para a realidade social em Nicolas Roubakine através da leitura”, nos interessa, fundamentalmente, o olhar roubakiniano sobre a biblioteca e, em sentido mais amplo, sobre a prática bibliotecária, contexto em que sobressai a proposta de uma interpretação praxiológica sobre sua abordagem a partir de sua concepção sobre este *locus*, seu trabalho e os instrumentos biblioteconômicos como forma de construção e representação de diferentes realidades leitoras. A partir da centralidade conferida ao indivíduo leitor como foco da atuação e atividade bibliotecária, o horizonte roubakiniano desvela uma dimensão praxiológica que enxerga na biblioteca um potencial de transformação social.

No que toca os resultados alcançados nesta reflexão, a seção “7 Resultados: análise e apreciação dos dados coletados a partir da obra roubakiniana *Introduction à la psychologie bibliologique*” se volta para a esfera nuclear do pensamento de Nicolas Roubakine sobre a leitura, a pessoa leitora e seu contexto social, consolidado em sua obra de 1922 e que, aqui, é analisada e apreciada a partir do que estabelecemos como três dimensões epistemológicas, que se dividem nas seguintes seções secundárias, terciárias e quartenárias: “7.1 Dimensão epistemológico-histórica”, orientada para as ciências com as quais a Bibliopsicologia faz fronteira, com ênfase nos campos destacados nas subseções: “7.1.1 Bibliopsicologia”; “7.1.2 Psicologia”; “7.1.3 Estudos da linguagem”; “7.1.4 Estudos literários”; “7.1.5 Bibliologia e Bibliografia”; “7.1.6 Física” e “7.1.7 Biologia”; “7.2 Dimensão teórico-metodológica”, a qual se desdobra, de um lado, nas teorias que ancoram a ciência roubakiniana, expressas na seção terciária “7.2.1 Teoria roubakiniana: as leis fundamentais da Bibliopsicologia na travessia praxiológica de

Nicolas Roubakine” via o que o pensador russo compreende como as cinco leis fundamentais da Bibliopsicologia, dadas nas seções quartenárias: “7.2.1.1 Wilhelm von Humboldt e Aleksabdr Potebania”; “7.2.1.2 Émile Hennequin”; “7.2.1.3 Hippolyte Taine”; “7.2.1.4 Gabriel Tarde”; e “7.2.1.5 Ernst Mach”. Do outro lado, temos a esfera metodológica que se sustenta na busca pela exata pelo comportamento leitor, “7.2.2 Método roubakiniano: a busca exata pelo leitor em sua intersubjetividade”, manifestada de acordo com as bases de cunho positivista que circuncrevem o contexto científico de Nicolas Roubakine, mas que se colocam, ao mesmo tempo imbricadas com um horizonte pragmático; “7.3 Dimensão conceitual-categorial”, na qual sobressai os conceitos centrais retirados da análise da obra seminal roubakiniana de 1922, contemplados nas seções “7.3.1 Livro”; “7.3.2 Leitor”; “7.3.3 Leitura”; e “7.3.4 *Mnéma*”. Conforme veremos, a análise e apreciação desses dados apontam para uma certa originalidade das fontes biobibliográficas roubakinianas para a configuração epistemológica do domínio científico da leitura e da própria BCI a partir de uma paisagem sociocrítica transformadora.

Na discussão dos dados analisados e apreciados, a seção “8 Discussão dos resultados: horizontes roubakinianos para humanizar a humanidade”, discutimos a dimensão praxiológica que pode ser entrevista no curso do pensamento roubakiniano, em um horizonte que une suas vivências e sua produção científica diante do movimento biobibliográfico que buscamos aqui costurar. Este exercício se dá a partir de quatro categorias discursivas que se expressam nas seguintes seções secundárias: “8.1 Teoria social da leitura”, voltada para os caminhos que levam Roubakine à centralidade da leitura em sua ciência e na luta social que orientou sua biobibliografia; “8.2 Prática bibliotecária”, desdobrada a partir da atuação do bibliotecário russo nas bibliotecas que construiu e administrou ao longo de sua vida e de suas concepções sobre a função social desses *loci*; “8.3 Práxis transformadora”, que reúne as duas primeiras categorias e que, juntas, vislumbram na biobibliografia roubakiniana caminhos que posicionam os potenciais de transformação social a partir de sua ciência; e “8.4 Uma síntese da revolução epistemológica do pensamento de Nicolas Roubakine?”, que sintetiza as três categorias e se direciona para indagações acerca do pensamento epistemologicamente revolucionário do teórico russo.

Em “9 Considerações finais?: o porvir de uma travessia epistêmica em e a partir de Nicolas Roubakine”, abordamos a contribuição do percurso biobibliográfico

de Roubakine para a fundamentação do campo biblioteconômico-informacional como ciência e como um território comprometido, em sua *episteme*, com uma práxis transformadora. Além disso, apontamos para a existência de outros horizontes de estudos, em diferentes campos de conhecimento, abertos pelas e para além das lentes roubakinianas.

No “Apêndice A - Relação da produção acadêmico-científica da pesquisadora sobre o pensamento de Nicolas Roubakine”, trazemos uma relação dos textos desenvolvidos pela pesquisadora, individual ou coletivamente, que tratam do pensamento roubakiniano. No “Apêndice B - Territórios *iter*”, incluímos registros de imagens das capas, folhas de rosto ou páginas iniciais dadas a partir do acesso às fontes biobibliográficas roubakinianas ao longo do itinerário percorrido por entre instituições informacionais localizadas em diferentes territórios geográficos. Para o “Apêndice C - Cronologia biobibliográfica roubakiniana”, conjugamos as datas que triangulam a biobibliografia roubakiniana em seu espaço-tempo, com foco para os momentos históricos, políticos e sociais que, em nosso exercício biobibliográfico, influenciam a tessitura do pensamento de Roubakine. No “Apêndice D - Dimensões epistemológicas de análise”, indicamos os dados brutos retirados da análise do nosso *corpus* de pesquisa, qual seja a obra *Introduction à la psychologie bibliologique* (reedição de 1998), durante a fase de coleta de dados, a partir da qual elencamos as variáveis via uma abordagem quanti-qualitativa do pensamento roubakiniano tendo como base os horizontes epistemológicos que interessam a esta pesquisa. No que toca ao “Apêndice E - Produção roubakiniana”, listamos algumas das produções de Roubakine que se relacionam à temática da tese. No escopo do “Apêndice F - Biobibliografia seletiva de Nicolas Roubakine em Biblioteconomia e Ciência da Informação”, trazemos indicações de materiais que ora abordam ora apenas mencionam Nicolas Roubakine e seu pensamento no contexto biblioteconômico-informacional, seguindo as produções mapeadas ao longo do percurso investigativo da tese. O “Apêndice G - Biobibliografia seletiva de Nicolas Roubakine em sua circularidade epistêmica” cumpre função similar, detendo-se, no entanto, em documentos que abordam Nicolas Roubakine em diferentes campos científicos do conhecimento que fazem fronteira com a Bibliopsicologia.

2 PERCORRENDO A TRILHA ROUBAKINIANA: caminhos teórico-metodológicos

A Bibliopsicologia aplicada nasceu antes da teoria, sob a opressão do regime absolutista russo; nasceu à custa de sofrimentos inconcebíveis, deportações, execuções, das quais nem os propagandistas mais pacíficos escaparam (Roubakine, [1922] 1998, p. 20, tradução nossa).¹⁶

Neste trabalho, nosso interesse repousa, centralmente, no percurso biobibliográfico de Nicolas Roubakine. Dito de outro modo, a compreensão de seu pensamento via uma trilha histórica, social e epistemológica que busca investigar e discutir as experiências e as teorias roubakinianas desveladas ali, na virada do século XIX para o XX, no centro da opressão do império russo czarista, à luz dos estudos sobre a leitura dados pela própria trajetória de construção do campo biblioteconômico-informacional enquanto território comprometido com uma práxis, ou seja, com os modos de transformação do mundo.

A proposta se caracteriza como teórica, qualitativa, exploratória e é conduzida, em suas bases lógicas de investigação, pelo método indutivo, conforme delineamentos de Maria Cecília Minayo (2010). Ainda, adota critérios de pesquisa bibliográfica e histórica dados por Umberto Eco (2008) e é orientada pelo exercício metodológico da Biobibliografia, segundo os aportes de Diogo Xavier da Mata (2020).

No plano teórico, posicionamos esta pesquisa no âmbito da Epistemologia Histórica em Biblioteconomia e Ciência da Informação e na perspectiva das teorias sociocríticas do campo, partindo, centralmente, dos contornos sociais de Paul Otlet (1934), Jesse Shera (1970), Pierce Butler (1971), Carlos Alberto Ávila Araújo (2003), Rafael Capurro (2003) e Shiyali Ramamrita Ranganathan (2009) e, nos estudos críticos, de Solange Mostafa (1985), Ana Maria Pereira Cardoso (1994), Maria das Graças Targino (1997), Arthur Coelho Bezerra (2019) e Gustavo Saldanha (2019b, 2020a). Para Hilton Japiassu (1977), trata-se de entender o enfoque epistemológico-histórico como método de investigação sobre o desenvolvimento do pensamento de uma determinada área do conhecimento; para nós, segundo interpretação proposta por Saldanha (2019b), representa uma margem dialética para a compreensão dos fundamentos e das contradições que formam a paisagem

¹⁶ No original: *La biblio-psychologie appliquée est née, avant la théorie, sous l'oppression du régime absolutiste russe; elle est née au prix de souffrances inouïes, déportations, exécutions, auxquelles les propagandistes les plus pacifiques n'ont pas échappé* (Roubakine, [1922] 1998, p. 20).

biblioteconômica-informacional. Como complemento à abordagem, articulamos as reflexões tecidas com os estudos teóricos, epistemológicos e sociais sobre a leitura em BCI e em áreas fronteiriças, conduzidos pelas discussões de Sylva Simsova (1983), Nicolas Roubakine ([1922] 1998), Lúcia Dumont (1998, 2020), Elsa Ramírez Leyva (2007a,b), Paulo Freire (2011), Amanda Salomão (2020), Gustavo Saldanha e Amanda Salomão (2021) e Amanda Salomão e Gustavo Saldanha (2021a).

Para tanto, no que se refere ao percurso que orienta a construção do referencial teórico, do *corpus* de pesquisa e dos conceitos operacionalizados, partimos, de um lado, das leituras indicadas pelo orientador — centralmente, a edição de 1998 da *Introduction à la psychologie bibliologique*, de Roubakine ([1922] 1998) — e, por outro lado, das fontes secundárias reveladas a partir da leitura dos prefácios da edição aqui consultada, elaborados por Elena Savova (1998) e Robert Estivals (1998). Essas leituras nos direcionariam, por sua vez, para outros textos que fundamentam esta reflexão e, a partir daí, para o contato com instituições e pessoas bibliotecárias, no Brasil e em outros países, na busca pelo acesso aos materiais de e sobre Roubakine. Para complementar o referencial, conduzimos uma revisão de literatura nas fontes epistemológicas e históricas em BCI e nas áreas de ciências humanas e sociais.

Do ponto de vista metodológico, trata-se de seguir um percurso rigoroso no território do conceito de *iter* dentro da epistemologia da Bibliografia. Para Ana Virgínia Pinheiro (1995, p. 182), conforme também articulado no “Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia” de Cunha e Cavalcanti (Iter, 2008, p. 216), os estudos de *iter* dedicam-se aos itinerários dos documentos, desde sua distribuição, incluindo a perspectiva analítica de suas marcas de propriedade (*ex-libris*, *ex dono*, carimbos, *super libres*), de etiquetas como de livreiros, encadernadores, papaleiros, como também documentos anexos, cartas, anotações, recibos de aquisições, de registros de entradas em coleções, como os catálogos padronizados. Os estudos *iter* são a estrutura para a compreensão da viagem dos documentos e suas paragens, das instituições informacionais a quaisquer ambientes, sendo objeto e empiria fundamentais para a compreensão de pressupostos de desenvolvimento não apenas de um olhar metadocumental (como os registros de inventários e catálogos), como também abrem vasto horizonte de investigação sobre a formação de doxografias, escolas de leitura e interpretação, correntes epistemológicas e instituições

propriamente ditas que se desdobram a partir de um conjunto de ideias que emana das releituras de uma obra ou coleção (Salomão; Saldanha, 2025).

Para o caso desta tese, o escopo das investigações via o conceito de *iter* se volta para uma geolocalização focada nas instituições informacionais, em específico, no âmbito dos sistemas de organização do conhecimento e suas formas de enunciar o destino de viagem e de paragem das obras. Para além desta questão, nos interessa Nicolas Roubakine e sua doxografia, procurando nas relações de movimentação da obra e dos indícios da pesquisa de itinerário as formas de construção de sentido do lugar que aquela vida e seu discurso passam e se fixam, multiplicam-se e são reconstruídas a partir das interpretações.

Ao longo desse percurso auto e geobiobibliográfico, nos deparamos com pessoas e instituições bibliotecárias que cruzam diferentes territórios, indo do Brasil ao México, Estados Unidos, Inglaterra e Suíça. Da leitura das fontes sobre a biobibliografia de Roubakine alcançadas a partir deste exercício de geolocalização, sobressaem sete categorias analíticas que sustentam as etapas de análise e discussão dos resultados: leitura; pessoa leitora; livro; Bibliopsicologia; transformação social; biblioteca; e trabalho bibliotecário, as quais orientam, por sua vez, a constituição de três dimensões que articulam a biobibliografia roubakiniana e os conceitos que formam o domínio científico da leitura em BCI e, em sentido mais amplo, a configuração epistemológica do discurso biblioteconômico-informacional, a saber: dimensão epistemológico-histórica; dimensão teórico-metodológica; e dimensão conceitual-categorial. Na discussão de dados, trazemos quatro categorias discursivas tomadas como conceitos co-constituídos resultantes do diálogo entre as categorias e dimensões de análise: teoria social da leitura; prática bibliotecária; práxis transformadora; e, como consolidação dessas três categorias, uma síntese da revolução epistemológica do pensamento de Nicolas Roubakine?

Nas seções secundárias “2.1 Percursos autobiobibliográficos na busca por Nicolas Roubakine: incursões teórico-empíricas para a construção do referencial teórico” e “2.2 Delimitação dos critérios de pesquisa: caminhos para a operacionalização dos conceitos e das categorias de análise e discussão”, descrevemos os caminhos que orientam a constituição do referencial teórico, seguido dos construtos que fundamentam a delimitação do método e do *corpus* central e dos critérios de operacionalização dos conceitos identificados no referencial teórico, que compõem as categorias analíticas e discursivas do estudo.

2.1 PERCURSOS AUTO E GEOBIOBIBLIOGRÁFICOS NA BUSCA POR NICOLAS ROUBAKINE: incursões teórico-empíricas para a construção do referencial teórico

Como uma dessas ciências, a psicologia bibliológica se dedica, em primeiro lugar, a estudar o real, o que existe (Roubakine, [1922] 1998, p. 7, tradução nossa).¹⁷

Poderia dizer que a trilha percorrida pela biobibliografia roubakiniana começa ali, na sala do Ibict, no ano de 2018, durante as discussões iniciais sobre o referencial teórico a compor a pesquisa de dissertação sobre mulheres e clubes de leitura, a qual seria defendida dali a dois anos, em 2020, no âmbito do PPGCI. Tem seu início, como já mencionado na introdução deste trabalho, com a indicação de leitura do orientador Gustavo Saldanha, seguida da apresentação da edição em francês da *Association Internationale de Bibliologie*, de 1998. Naquele momento, indagava mentalmente quem seria Nicolas Roubakine e qual contribuição este teórico russo do século XIX poderia trazer para a pesquisa então em desenvolvimento. Ali, na sala do Ibict, em 2018, Gustavo Saldanha me emprestaria um livro que não só inspiraria e fundamentaria — ainda que não o soubesse à época — a reflexão aqui proposta, como também transformaria todo o curso de minha trajetória acadêmica em BCI. Arriscaria dizer que transformaria, ainda, o meu olhar sobre as experiências de leitura e o nosso campo, em específico, e a própria realidade social, em sentido mais amplo.

Nesse contexto, esse percurso configura uma espécie de trilha autobiobibliográfica, uma vez que perpassa as vivências e produções científicas no campo, tal como intentaria fazer com Roubakine. Desse modo, essa caminhada é aqui registrada em primeira pessoa, pois são essas recordações epistêmico-simbólico-afetivas que demarcam os passos iniciais que desencadeariam em um mergulho na biobibliografia roubakiniana e que, por isso, fogem, de certa forma, de um dado padrão de linguagem dito acadêmico e científico para poder transmitir a espessura simbólica que acompanha todo o curso de desenvolvimento dessa pesquisa, na busca pela (re)investigação do pensamento de Roubakine em Biblioteconomia e Ciência da Informação.

A partir dessa experiência, antes de adentrar na leitura da *Introduction à la psychologie bibliologique* propriamente dita, leria os prefácios da obra — um escrito

¹⁷ No original: *Etant du nombre de ces sciences, la psychologie bibliologique s'attache, en premier lieu, à étudier le réel, ce qui existe* (Roubakine, [1922] 1998, p. 7).

pelo pesquisador francês Robert Estivals (1998), de três páginas, e o outro pela pesquisadora búlgara Elena Savova (1998), de doze páginas. A leitura desses dois textos que precedem essa edição da obra roubakiniana e que, juntos, chegam a quinze páginas, também marcam esse caminho simbólico-autobiobibliográfico.

Especialmente no texto de Savova (1998), no qual a autora introduz brevemente vida e obra do bibliotecário russo, o que chamara a atenção foram as fontes apontadas que abordam o pensador tanto no âmbito biblioteconômico-informacional como em áreas fronteiriças, com um enfoque voltado para o seu contexto sócio-histórico e suas experiências de vida — aqui, alguns vislumbres de discussões de e sobre o teórico em outros campos do conhecimento já demonstrariam a complexidade epistemológica de seu pensamento.

Para destacar alguns exemplos em BCI, a pesquisadora menciona um próprio texto seu (Savova, 1990), um escrito em coautoria com Robert Estivals (Savova; Estivals, 1993), outro de Estivals¹⁸ e, por fim, um de Marie Bethmann, assistente de biblioteca de Roubakine, escrito em 1949 sobre o Instituto de Psicologia Bibliológica criado por ele na década de 1920 (Bethmann, 1949); ainda no contexto biblioteconômico-informacional, Elena Savova (1998) indica o livro editado em inglês pela bibliotecária tcheca Sylva Simsova (1968a) — arrisco afirmar, uma das figuras mais reconhecidas em Biblioteconomia a não somente trabalhar as ideias da Bibliopsicologia roubakiniana no plano teórico, mas, sobretudo, empírico, em língua inglesa. Esboços de suas vivências são dados a partir das lentes de outros campos do saber, como a biografia sobre Roubakine, em língua inglesa, escrita pelo historiador Alfred Senn (1977) e a edição de 1952 do *Journal des années de la guerre* (Diário dos anos de guerra) do intelectual francês Romain Rolland (1866-1944),¹⁹ que aponta para sua relação com o teórico russo no exílio de ambos na Suíça durante a Primeira Guerra Mundial.

A partir do contato com a existência e indicação dessas fontes, sobretudo pelo horizonte ali demarcado por Sylva Simsova — uma voz biblioteconômica que colocaria o teórico no coração da leitura sob as lentes do Leste Europeu ainda na

¹⁸ Trata-se do texto ESTIVALS, Robert. *Psychologie Bibliologique*. In: ESTIVALS, Robert (dir.). **Les sciences de l'écrit**. Paris: Retz, 1993. Apesar das tentativas, não conseguimos acesso.

¹⁹ Romain Rolland (1866-1944) foi um romancista, dramaturgo e ensaísta francês. Especificamente no contexto da Primeira Guerra Mundial, entre 1914 e 1918, envolveu-se com os ideais pacifistas e a luta contra o fascismo. Em 1914, exilou para a Suíça, onde se aproximou de Nicolas Roubakine, e retornou para a França em 1937.

Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Romain-Rolland>. Acesso em: 24 fev. 2024.

década de 1960 —, floresceriam as indagações que me trazem a essa trilha teórico-metodológica: quem é Nicolas Roubakine? “Se”, “quando”, “como” e “o que” se fala sobre Nicolas Roubakine em BCI, especialmente no que se refere aos seus estudos sobre a leitura? Durante os anos seguintes, partiria em um caminho empírico de pesquisas, reflexões e inquietações para (re)investigar o bibliotecário russo em Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Desse modo, antes de adentrar no processo de escrita do referencial teórico, me dediquei, em 2022, à realização das disciplinas para cumprir os créditos exigidos pelo Programa e revisitei, no período de março a dezembro de 2023, todo o caminho percorrido até aqui — desde a leitura do pré-projeto submetido como modalidade de ingresso no PPGCI Ibict-UFRJ, os primeiros contatos e aproximações realizadas com bibliotecas e pessoas bibliotecárias que me levariam às possibilidades de acesso às fontes que abordam o teórico russo, ainda em 2021, até a leitura de minhas publicações (individuais e coletivas) sobre a temática. Nessa etapa, voltei para o lugar de onde surgiram as primeiras inquietações para refletir acerca das possibilidades de abordagens sobre Nicolas Roubakine, centralizando o olhar na identificação de possíveis conceitos e esboços para o objeto de estudo; os caminhos que levariam à Bibliopsicologia roubakiniana, somados ao seu enfoque na leitura sob uma via transformadora era, já ali, uma noção cara que me interessava investigar mais a fundo.

Antes disso, no entanto, seria preciso retomar o trajeto que me trouxe até aqui. Seria difícil, no espaço-tempo dessa tese, registrar detalhadamente os passos percorridos durante o levantamento das fontes que não somente fundamentam esta pesquisa, mas, sobretudo, permitem sua realização. De início, as inquietações despertadas a partir das leituras de Elena Savova (1998) e Robert Estivals (1998), da própria obra de Roubakine ([1922] 1998), ainda no curso do mestrado, através de uma orientação de leitura dada ali, na sala do Ibict, em 2018, me levaria à construção do pré-projeto de tese nos primeiros meses de 2021. Especificamente a partir de maio deste ano, tendo ciência das fontes mencionadas pelas pessoas pesquisadoras acima, me dediquei às buscas sobre Roubakine e sua Bibliopsicologia dentro de um limite restrito estabelecido, inicialmente, pela pandemia de coronavírus e, depois, tanto pela dificuldade de acesso quanto pelas barreiras idiomáticas impostas por obras escritas em russo e em outras línguas eslavas. O intuito era, centralmente, realizar uma espécie de mapeamento para

verificar se, quando e como o bibliotecário seria estudado no campo, para que pudesse, a partir daí, identificar algumas noções que poderiam vir a constituir os conceitos e fontes nucleares do estudo.

No decorrer das consultas conduzidas entre maio de 2021 e outubro de 2025,²⁰ as fontes de informação especializadas nacionais em BCI, de onde parti inicialmente, como a Brapci, denotaram uma certa incipiência de discussões, dentro de uma delimitação temporal entre 1972 e 2025 e quando utilizados os termos “Roubakine”, “Rubakin”, “Bibliopsicologia” e “Psicologia Bibliológica” — biobibliografia do pensador — em “todos os campos”: dentre os 9 (nove) trabalhos, três são de Gustavo Saldanha (2019a, 2020b, 2024), pela via de discussão de uma Epistemologia Histórica para o campo biblioteconômico-informacional; 3 (três) são escritos pelo mesmo autor em parceria com a pesquisadora (Salomão; Saldanha, 2021b, 2023a, 2025), utilizando a perspectiva roubakiniana como fundamento para a compreensão da leitura; 1 (um) artigo é de Amanda Salomão (2022a); 1 (um) é de Amanda Salomão com Arthur Bezerra (2023); e 1 (um) de Amanda Salomão com Fernanda Valle, Mell Siciliano, Diogo Xavier da Mata e Gustavo Saldanha (2024).

O mesmo ocorre quando do levantamento realizado na Benancib, também mapeada na Brapci, via os mesmos termos empregados antes no campo de busca “todos os campos” e no período compreendido entre 1994 e 2024: 8 (oito) trabalhos, sendo 2 (dois) de Gustavo Saldanha (2018, 2019a); 4 (quatro) de Salomão e Saldanha (2021c, 2022, 2023a, 2024), que tratam do teórico a partir das lentes da leitura, da praxiologia de Roubakine e das reflexões da bibliotecária tcheca Sylva Simsova; 1 (um) de Fernanda Valle e Gustavo Silva Saldanha (2023); e 1 (um) de Amanda Salomão, Fernanda Valle e Cláudio Paixão (Salomão; Valle; Paula, 2024).

O Repositório Institucional do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ridi-Ibict) retornou, por outro lado, 7 (sete) produções científicas entre 2012 e 2022, que ora apenas mencionam Roubakine ora discutem seu pensamento e o utilizam como parte integrante do referencial teórico; são os exemplos dos trabalhos de Gustavo Saldanha (2012, 2015, 2020a, 2022); Amanda Salomão (2020); Leyde Klebia Rodrigues da Silva (2020); Gustavo Saldanha e Patrícia Vargas Alencar (2022).

²⁰ Os dados aqui apresentados foram coletados ao decorrer do processo de investigação, desde maio de 2021. As atualizações desta coleta foram realizadas nas seguintes datas: entre 01 e 08 de dezembro de 2023; 06 de abril de 2024; e 05 de outubro de 2025.

Poderia ir além, adentrando o âmbito das discussões epistemológico-históricas no próprio campo biblioteconômico, rememoradas a partir da profícua produção intelectual do teórico e bibliotecário brasileiro Edson Nery da Fonseca (1921-2014) — mesmo que, à época, não tenha me atentado, este seria um caminho desvelado no contexto dos estudos empreendidos, também em 2021, para o concurso público instituído pela Universidade Federal Fluminense para provimento do cargo de Bibliotecária-Documentalista, o qual ocuparia dali a menos de um ano, contribuindo, portanto, para a constituição de um percurso autobiobibliográfico que me traria a esta pesquisa.

No capítulo “Leitor/Leitura” das duas edições de seu “Introdução à Biblioteconomia”, de 1992 e 2007, o autor aponta que:

Como bibliotecário, sinto-me no dever de lembrar que, muito antes da escola de Constança, houve um russo genial que talvez seja o verdadeiro precursor da estética da recepção. Refiro-me a Nikolai Rubakin²¹ (1862-1946), autor da obra *Introduction à la psychologie bibliologique*, traduzida ao francês por um de seus filhos e publicada em Paris, no ano de 1922. Acolhida entusiasticamente por Lenin, a psicologia bibliológica foi utilizada na então União Soviética como base para o desenvolvimento de bibliotecas populares. Antes mesmo da vitória da Revolução Comunista, já o insigne belga que foi Paul Otlet (1868-1944) se interessava pelas ideias de Rubakin, depois consolidadas na obra citada. Tendo fundado, no começo do século XX, um Instituto Internacional de Bibliografia, Otlet promoveu em 1916, a criação, no Institut Jean-Jacques Rousseau, de Genebra, de uma seção especializada em Bibliopsicologia, que, em 1928, se ampliaria em Institut International de Bibliopsychologie, com sede em Lausanne. Em seu monumental *Traité de documentation*, publicado em 1934, Paul Otlet abre espaço para a matéria, também versada pelo bibliotecário espanhol Javier Lasso de la Vega em capítulo de sua obra *Cómo se hace una tesis doctoral*. Recorde-se, ainda, outro precursor da estética da recepção: o bibliotecário argentino José Edmundo Clemente, com sua obra *Estética del lector: notas para un estudio bibliopsicológico de la literatura* (Fonseca, 2007, p. 79).

Igualmente, em “Ler ou não ler todos os livros”, publicado originalmente como artigo, em 1974, na Revista de Biblioteconomia de Brasília, da Universidade de Brasília (Fonseca, 1974) e, depois, inserido no formato de capítulo na obra “Problemas brasileiros de Documentação”, de 1988, o pesquisador indica, mais uma vez, que “[...] um ‘caso’ realmente impressionante é o do russo Nicolau Rubakin (1862-1946), criador da Bibliopsicologia e considerado como o ‘último dos enciclopedistas’” (Fonseca, 1988, p. 175):

²¹ Na primeira edição, de 1992, o autor utiliza a grafia Nicolau Roubakine (Fonseca, 1992, p. 85).

Depois de ler e estudar aproximadamente 200.000 mil livros, Rubakin selecionou mais de 24.000, dos quais afirmou seu amigo Lênin: 'Nenhuma biblioteca pode passar sem eles'. As selecionadas por Rubakin estão indicadas e comentadas em sua bibliografia *Sredi knig* (Entre livros), infelizmente acessível apenas em língua russa; mas delas podemos ter notícia na edição inglesa das memórias desse russo genial: *Lenin, Krupskaja and Libraries* (Fonseca, 1988, p. 175).

Em ambos os relatos, Fonseca (1988, 2007) não apenas evidencia o cenário de construção da Bibliopsicologia roubakiniana — reconhecendo, inclusive, a proximidade pessoal e teórica entre Roubakine e Paul Otlet —, como também evoca as atividades bibliográficas que demarcariam, igualmente, o percurso epistemológico de constituição da ciência tecida pelo pensador russo. Além disso, ainda que não explore, de maneira específica, as teorias e métodos de Roubakine, o bibliotecário revela, a partir da menção a pessoas pesquisadoras do cenário biblioteconômico que reconheceriam a atuação roubakiniana, como Paul Otlet, Javier Lasso de la Vega, José Edmundo Clemente e Sylva Simsova, um itinerário de procura pelas obras de e sobre o teórico russo no pensamento brasileiro e latino-americano do campo, desvelando as paragens, conforme será visto, reveladas já ali, por Edson Nery da Fonseca, entre as décadas de 1970 e 1990, que permitem (re)constituir a geografia do percurso biobibliográfico de Roubakine em Biblioteconomia e Ciência da Informação, o qual encontra em uma de suas paragens a produção intelectual de Fonseca (1988, 2007) — desdobrada pelo olhar de figuras que, mais tarde, cruzariam o caminho desta reflexão.

Para além de Fonseca (1988, 2007), mas também como desdobramento dos estudos do bibliotecário brasileiro, temos o próprio *Traité de Documentation* de Paul Otlet, de 1934, indicação de leitura dada pelo orientador ainda no curso da pesquisa de mestrado, em 2018, e igualmente mencionado no artigo inaugural de Sylva Simsova de 1966. Ali, ainda em vida de Roubakine, o percurso otletiano desvelaria a ciência bibliopsicológica, dentre diversas outras manifestações possíveis, como ferramenta de compreensão dos registros de conhecimento no mundo e suas formas de transformação.

Uma abordagem mais específica sobre esse conjunto de materiais será retomada em outras seções desta reflexão. Nesse primeiro momento, sob a luz aqui adotada, essas fontes inquietaram e, mais ainda, chamaram a atenção para a existência de discussões sobre o teórico no território brasileiro em BCI, além de evocarem um outro olhar, tradicional para a epistemologia da Biblioteconomia

nacional e ocidental: a bibliologia otletiana, ainda nos anos de 1930,²² e o próprio Edson Nery da Fonseca, que revela, já ali, na década de 1970, um horizonte de possibilidades de estudos sobre o leitor, a leitura e as bibliotecas públicas pela via da perspectiva roubakiniana — o que contribuiria, anos depois, para a tessitura da trilha teórico-metodológica percorrida até aqui.

Em um sentido mais amplo, as buscas realizadas em outras bases de dados nacionais reconhecidas nas grandes áreas de ciências humanas e sociais, como o Portal de Periódicos da Capes e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (BDTD-Ibict), consultadas a fim de verificar se e sob quais condições existem possibilidades de articulação do pensamento de Roubakine com e em outras áreas do saber, apresentaram resultados igualmente incipientes: na Capes, entre os anos de 1961 e 2024, na busca por “assunto”, constam 8 (quatro) materiais para o termo “Roubakine”, sendo 1 (um) artigo para cada uma das seguintes autorias: Richaudeau (1998); Tsvetkova (2016); Saldanha (2020b); Saldanha e Salomão (2021); Salomão e Saldanha (2021a); Salomão e Bezerra (2023); Saldanha (2024); Salomão, Valle, Siciliano, Mata e Saldanha (2024); para a variação “Rubakin”, são 5 (cinco) itens, entre 1 (um) artigo de Lindstrom (1959); 1 (um) de Simsova (1966a); 1 (um) de Senn (1973); 1 (um) de Andrews (1989); e 1 (um) de Furner (2002) — demonstrando, novamente, uma incipiência de discussões na expressão brasileira do campo. Para os termos que representam a obra do pensador russo, “Bibliopsicologia” e “Psicologia Bibliológica”, a busca não gerou resultados, exceto para seus correspondentes em inglês, “*Bibliopsychology*”, com 3 (três) materiais — os já mencionados artigos de Simsova (1996a) e Tsvetkova (2016), e mais 1 (um) de Tsvetkova (2018); “*Psychological Bibliology*”, que recuperou o artigo de Furner (2002), que traça algumas relações entre a Bibliopsicologia de Roubakine e a Epistemologia Social de Jesse Shera e Margaret Egan e, por fim, “*Bibliological Psychology*”, que não gerou resultados.

Na BDTD-Ibict, com um olhar voltado para as teses e dissertações defendidas em universidades brasileiras que possam discutir e/ou abordar o pensamento roubakiniano, os resultados gerados para os mesmos termos empregados na Capes na busca em “todos os campos” são nulos. Ao mesmo tempo, essa aparente

²² O diálogo entre a bibliologia otletiana e a Bibliopsicologia roubakiniana será retomado com maior ênfase na seção terciária dos resultados “7.1.5 Bibliologia e Bibliografia”.

ausência de evidências chama a atenção para a existência de outras possíveis ações e produções em desenvolvimento, ainda não publicadas e/ou não mapeadas nas estratégias de busca aqui adotadas. No e a partir das atividades conduzidas por grupos de pesquisa como o Ecce Liber, no Ibict, e o GEDII, na UFMG, é possível encontrar as já mencionadas produções de Amanda Salomão (2020), Leyde Klebia Rodrigues da Silva (2020) e Jéssica Patrícia Silva de Sá (2022), recuperadas a partir das vivências empíricas da pesquisadora no âmbito desses coletivos.

Essa escassez de discussões mais profundas de e sobre Nicolas Roubakine também se manifesta, de forma mais ampla, no próprio pensamento latinoamericano em BCI como um todo. No repositório institucional do *Instituto de Investigaciones Bibliotecológicas* da *Universidad Nacional Autónoma de México* (IIBI-UNAM), a busca pelos termos “Roubakine”, “Rubakin”, “Bibliopsicologia” e “Psicología Bibliológica” no campo “todo o repositório” apontam para 6 (seis) resultados entre os anos de 2007 e 2018. É possível destacar o trabalho de Gustavo Saldanha (2018), por uma via epistemológico-histórica, e o da pesquisadora mexicana do IIBI-UNAM Elsa Margarita Ramírez Leyva (2007a,b, 2011, 2013, 2015), os quais indicam os esforços roubakinianos como um dos esboços iniciais de formulação teórica em Biblioteconomia sobre os atos de leitura sob um olhar social e psicológico. Ainda no contexto da UNAM, é possível mencionar o também bibliotecário e pesquisador mexicano Felipe Meneses Tello, cujas produções, embora não abordem os construtos de Roubakine diretamente, tratam de temáticas que tocam ou circundam suas teorias sociais de alguma forma — como quando fala do líder da revolução socialista Vladimir Lenin (Meneses Tello, 2006), do bibliotecário russo Oleg Chubarian no âmbito da epistemologia biblioteconômica soviética (Meneses Tello, 2023), ou quando discute as potencialidades de transformação social via bibliotecas públicas e o conceito de práxis bibliotecária (Meneses Tello, 2013, 2021).

Nessa mesma direção, na paisagem biblioteconômica-informacional em territórios para além Brasil e América Latina, as consultas realizadas na *Library, Information Science & Technology Abstracts* (LISTA) também são pouco expressivas. Dos 35 (trinta e cinco) resultados recuperados para os termos “Roubakine”, “Rubakin”, “*Bibliopsychology*”, “*Psychological Bibliology*” e “*Bibliological Psychology*” na busca em “todos os campos” e excetuando-se as duplicidades, somente 3 (três) publicações, entre 1966 e 2010, dialogam com as noções trabalhadas em BCI: o já mencionado artigo de Furner (2002); um texto do professor

e bibliólogo polonês Krzysztof Migoń (2010), em língua eslava, cujos metadados apontam para discussões no âmbito da bibliologia, nas quais a Bibliopsicologia roubakiniana é mencionada; e, mais uma vez, o artigo de Simsova (1966a); o restante dos materiais aborda o pianista Boris Roubakine (1908-1974) e o médico Aleksandr Rubakin (1889-1979), ambos filhos de Roubakine. Conforme será visto, seria objetivamente a partir do olhar simsoviano que partiria na busca pelas fontes de e sobre o bibliotecário russo.

Em uma perspectiva mais ampla no campo científico internacional das grandes áreas de ciências humanas e sociais, o levantamento realizado na *Web of Science* aponta para 42 (quarenta e dois) resultados para a busca (“Roubakine” OR “Rubakin”) entre os anos de 1916 e 2024. Dentre os materiais recuperados, 34 (trinta e quatro) correspondem ao enfoque aqui trabalhado, incluindo 24 (vinte e quatro) produções em russo ou em outras línguas eslavas que dialogam o pensamento roubakiniano e o campo biblioteconômico-informacional, com foco para os estudos sobre a leitura, biblioterapia e educação; 4 (quatro) materiais estão em inglês, 1 (um) em francês e 5 (cinco) itens estão em português, quais sejam os trabalhos de Saldanha (2020b), Saldanha e Salomão (2021), Salomão e Saldanha (2021a), Salomão e Bezerra (2023) e Salomão, Valle, Siciliano, Mata e Saldanha (2024). Para a busca (“*Bibliopsychology*” OR “*Psychological Bibliology*” OR “*Bibliological Psychology*”), constam 20 (vinte) resultados compreendidos entre os anos de 2000 e 2024, dos quais, excetuando-se as duplicidades, 3 (três) correspondem à presente pesquisa.

Nas fontes de informação gerais, por outro lado, como a Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional, os 21 (vinte e um) resultados encontrados para os termos “Roubakine”, “Rubakin”, “Bibliopsicologia” e “Psicologia Bibliológica” trazem abordagens que oferecem um terreno fértil de reflexões para os estudos de e sobre o teórico russo. Esses, mapeados a partir de fontes documentais (jornais e periódicos), entre o intervalo das décadas de 1900 e 1970, abordam artigos que versam tanto sobre suas atividades bibliotecárias como suas pesquisas sobre a leitura e o leitor sob a ótica bibliopsicológica; uma discussão mais detalhada sobre o curso dessas investigações está no trabalho de Amanda Salomão, Fernanda Valle, Mell Siciliano, Diogo Xavier da Mata e Gustavo Saldanha (2024).

Os resultados alcançados a partir do levantamento acima realizado são apontados não no intuito de esgotar a temática ou expressar a totalidade do

mapeamento da produção científica e acadêmica de e sobre Roubakine e sua Bibliopsicologia nas fontes gerais e especializadas do campo, seja no Brasil, na América Latina, no Leste Europeu ou em outros territórios internacionais. Aqui interessa, centralmente, destacar os fundamentos que orientam a trilha metodológica percorrida nesta pesquisa: se, por um lado, os dados recuperados sugerem pouca repercussão sobre as teorias de Nicolas Roubakine nas fontes especializadas do pensamento ocidental em BCI, por outro lado, outras fontes encontradas sob o olhar do campo, a partir das leituras e das referências mencionadas nos materiais levantados, apontam para um vasto horizonte de possibilidades ainda a serem exploradas.

Dito de outro modo, desde o diálogo na sala do Ibict, em 2018, e ao longo de toda a trajetória autobiobibliográfica percorrida até aqui, a leitura e análise dos trabalhos de Nicolas Roubakine ([1922] 1998), Sylva Simsova (1966a), Edson Nery da Fonseca (1988, 2007), Elena Savova (1990, 1998), Paul Otlet (2018) e Gustavo Saldanha (2019a) não apenas me propiciaram os construtos fundamentais para que pudesse traçar os caminhos iniciais de busca pela biobibliografia roubakiniana, ali, em maio de 2021, como também revelaram fontes de pesquisa centrais que viriam a nortear e integrar o referencial teórico e os conceitos operacionalizados. Nesse mesmo contexto, é preciso destacar ainda outras fontes que integram o referencial teórico e são demarcadas pelas vivências da pesquisadora nos coletivos dos grupos de pesquisa *Ecce Liber* e *Cerub*, a partir do compartilhamento de saberes e de saberes co-construídos coletivamente ao longo de reuniões virtuais via *Google Meet*,²³ diálogos e discussões que unem Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

Ao mesmo tempo, é preciso reconhecer as limitações encontradas para o acesso às fontes de e sobre Roubakine. Grande parte do conjunto de materiais mapeados no formato livro impresso foi publicada na primeira metade do século XX, estendendo-se até às décadas de 1960 e 1970; além disso, muitos dos textos selecionados para além desses dois períodos ou não estão disponíveis *online* e em acesso aberto ou, quando disponíveis, estão em russo ou em línguas eslavas — o que dificultaria, no espaço-tempo dessa pesquisa, o empreendimento de ações mais efetivas para a transcrição, tradução, leitura e interpretação dessas obras, uma vez que a pesquisadora não é fluente nesses idiomas.

²³ Disponível em: <https://meet.google.com/>. Acesso em: 18 abr. 2025.

Por esse motivo, apesar da crença na contribuição da literatura científica produzida em russo e em outras línguas eslavas para a compreensão da biobibliografia roubakiniana e, ao mesmo tempo, considerando as limitações linguísticas da pesquisadora, as fontes encontradas nesses idiomas foram descartadas na análise dos textos que poderiam integrar a construção do referencial teórico; a alternativa escolhida foi selecionar um dado conjunto de *corpora* considerado centrais para a tese, tendo por base a teoria da indexação de Frederick Wilfrid Lancaster (2004). Tanto nas obras identificadas de autoria de Roubakine como nos textos que discorrem sobre o teórico, foi conduzida a análise dos metadados de cada registro, com foco para a leitura do título; resumo; palavras-chave; sumário; introdução; considerações finais; frases e parágrafos de abertura e encerramento.

Para os documentos selecionados a partir desse recorte, conforme será visto ao discutir as categorias elencadas, foi realizada a transcrição e tradução dos textos via ferramentas de tradução como *Google Tradutor*²⁴ e *DeepL Translate*.²⁵ Ainda que a pesquisadora não seja versada em russo e em outras línguas eslavas, as traduções do russo para o português e do russo para o inglês foram cotejadas, a fim de verificar se os sentidos e significados se manteriam. Além disso, para assegurar ainda mais a coerência da tradução, os dados coletados nos textos selecionados nesses idiomas foram analisados com as fontes basilares utilizadas nesta pesquisa (como os estudos de Sylva Simsova e Alfred Senn, por exemplo), verificando se as informações eram, de fato, condizentes.

No que se refere às obras e artigos indicados nos textos lidos aos quais o acesso *online* não estava disponível, busquei um caminho para além das fontes especializadas em BCI e em outros campos do conhecimento, estendendo o olhar para fontes mais gerais, como os catálogos de bibliotecas públicas e universitárias nacionais e internacionais que poderiam me levar aos materiais em formato impresso. Aqui entram as contribuições das bibliotecas e pessoas bibliotecárias que integram o que entendo como um percurso autobiobibliográfico, demarcado pelas possibilidades de acesso às fontes que não apenas fundamentam os trabalhos autorais que dariam os esboços iniciais para a compreensão do pensamento roubakiniano, como também permitiriam tecer os conceitos e categorias nucleares

²⁴ Disponível em: <https://translate.google.com.br/>. Acesso em: 18 abr. 2025.

²⁵ Disponível em: <https://www.deepl.com/translator>. Acesso em: 18 abr. 2025.

que sustentam e marcam a trajetória teórico-metodológica desta pesquisa. Colocado de outra forma, uma espécie de movimento não linear, quase indisciplinado, por fontes de pesquisa que levariam a outras fontes e que, por sua vez, levariam dessas para outras fontes e assim sucessivamente.

Desse modo, no território do conceito de *iter*, conforme enunciado por Pinheiro (1995) e depois aplicado por Salomão e Saldanha (2025), a busca auto e geobiobibliográfica pela doxografia roubakiniana estava interessada, em um primeiro momento, em algumas das fontes secundárias indicadas nos textos de Simsova (1966a), Estivals (1998) e Savova (1998), como os textos de Adolphe Ferrière (1917), Lydia Turin (1929) — este último, segundo Simsova (1966a), um dos primeiros materiais em língua inglesa, publicado ainda em vida de Roubakine, a explorar os contornos bibliopsicológicos —, o *Journal des années de la guerre*, de Romain Rolland (1952), já mencionado antes por Savova (1998), o capítulo, em língua francesa, escrito por Roubakine em parceria com sua assistente Marie Bethmann em 1937, sobre a relação entre Bibliopsicologia e bibliotecas públicas e, ainda, a própria obra editada por Simsova (1968a). Esse conjunto de fontes representa os caminhos iniciais para traçar uma compreensão sobre a biobibliografia roubakiniana. Contudo, poderia ir além, percorrendo, a partir do próprio horizonte colocado pela produção simsoviana, uma série de outras fontes que seriam relevantes para as reflexões aqui propostas, mas que, dado o espaço-tempo da pesquisa, não puderam ser exploradas em maior profundidade.

Entre os meses de maio de 2021 a outubro de 2025,²⁶ consultei os catálogos *online* de bibliotecas universitárias brasileiras que abrangem em seu acervo coleções voltadas para as áreas de BCI, com vistas a verificar as possibilidades de cruzamentos entre as teorias roubakinianas e as obras que integram os currículos dos cursos de Biblioteconomia. Das 47 (quarenta e sete) bibliotecas pesquisadas²⁷ através dos termos “Roubakine”, “Rubakin”, “Bibliopsicologia” e “Psicologia Bibliológica” na busca em “todos os campos”, somente 4 (quatro) resultados foram encontrados para as obras de e sobre Roubakine, sendo estes vinculados não

²⁶ Este levantamento foi realizado e atualizado nos meses de março de 2022, janeiro de 2024 e outubro de 2025.

²⁷ Para a busca, procedemos com uma consulta no Sistema E-Mec (<https://emec.mec.gov.br/emec/nova>), em janeiro de 2024 e depois em março de 2025, a fim de verificar as instituições que oferecem o curso em atividade de graduação em Biblioteconomia. A partir dos dados recuperados para os 66 cursos credenciados nas datas da coleta, consultamos os catálogos *online* de cada uma delas (quando disponíveis) através dos termos supracitados.

somente à BCI, como também às áreas de História e estudos da linguagem e da linguística — essa perspectiva sugere, mais uma vez, uma certa incipiência de produções científicas no campo acerca do bibliotecário russo e suas teorias, como também o movimento interdisciplinar presente na abordagem bibliopsicológica.

Os títulos recuperados encontram-se distribuídos por entre 7 (sete) bibliotecas públicas universitárias, conforme indicado abaixo:

Quadro 1 - Obras de e sobre Nicolas Roubakine em bibliotecas universitárias brasileiras

Título	Autoria	Ano	Biblioteca-Instituição
<i>El origen de los idiomas humanos</i>	Nicolas Rubakin	1959	Biblioteca Central da Universidade de Brasília (BCE/UnB) Biblioteca da Universidade de Caxias do Sul (BICE/UCS) Biblioteca de Ciências Sociais e Humanidades da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CSH/UFRGS) Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS/UFRJ)
<i>Lenin, Krupskaja and libraries</i>	Sylva Simsova (ed.)	1968	Biblioteca da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP)
<i>Nicholas Rubakin and bibliopsychology</i>	Sylva Simsova (ed.)	1968	Biblioteca Central da Universidade de Brasília (BCE/UnB) Biblioteca Professora Etelvina Lima, da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (ECI/UFMG)
<i>Rubakin: lotsman knijnogo moria</i>	Aleksandr Rubakin	[1967]	Biblioteca da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP)

Fonte: a pesquisadora (2024).

Ainda que uma discussão sobre o acesso a essas fontes seja conduzida com mais detalhes nos parágrafos seguintes, é interessante refletir acerca da paisagem acadêmica brasileira que parece circunscrever os trabalhos de e sobre Nicolas Roubakine no contexto das ciências humanas e sociais — se tomar como orientação as estratégias de busca aqui adotadas. Não pretendo realizar uma análise bibliométrica da produção roubakiniana em BCI, tampouco me debruçar na análise sobre as fontes de informação que tratam da temática, entendendo que essa atividade vai além dos objetivos propostos para esta pesquisa; no entanto, os metadados identificados ao decorrer desse breve levantamento impactam diretamente na construção e desenvolvimento tanto do referencial teórico como dos caminhos metodológicos percorridos a partir daí, razão pela qual é aqui abordada.

Os registros da obra de 1959, *El origen de los idiomas humanos* (A origem dos idiomas humanos), por exemplo, apontam para a presença de discussões do teórico no campo dos estudos da linguagem e da linguística. A biografia de Roubakine escrita por seu filho em 1967, *Rubakin: lotsman knijnogo moria* (Rubakin: piloto do mar dos livros), encontra-se igualmente vinculada a um outro ramo do conhecimento, incluída no acervo de uma biblioteca das áreas de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH/USP). As outras duas obras editadas por Sylva Simsova (1968a,b) e que configuram aportes fundamentais para esta reflexão, *Lenin, Krupskaja and libraries* (Lenin, Krupskaja e bibliotecas) e *Nicholas Rubakin and Bibliopsychology* (Nicholas Rubakin e Bibliopsicologia), estão localizadas em bibliotecas que atendem os cursos de Biblioteconomia e Ciência da Informação, como a Biblioteca da Escola de Comunicações e Artes (ECA/USP), a Biblioteca Central da UnB e a Biblioteca da Escola de Ciência da Informação da UFMG (Biblioteca Professora Etelvina Lima).

A partir daí, a fim de expandir o raio de buscas para alcançar os materiais não encontrados nas bibliotecas universitárias brasileiras, conduzi uma consulta no catálogo *online WorldCat*,²⁸ gerenciado pela *Online Computer Library Center* (OCLC), através dos termos que representam o nome e obra do autor em inglês (“Rubakin”, “Roubakine”, “*Bibliopsychology*”, “*Psychological Bibliology*” e “*Bibliological Psychology*”), bem como pelos títulos dos textos que desejava encontrar. Embora todas essas fontes não integrem o referencial teórico proposto para essa pesquisa — seja em razão da indisponibilidade de acesso ou porque a leitura dos textos não indicava relações diretas com o objeto de estudo —, tratam-se de elementos que evidenciam tanto o percurso autobiobibliográfico trilhado nesta reflexão como parte da própria produção de e sobre Roubakine no plano acadêmico-científico. Por esse motivo, entendo ser relevante apontar os caminhos percorridos para a identificação e acesso às fontes concebidas como centrais para a compreensão do pensamento roubakiniano.

Abaixo seguem, em ordem cronológica, os passos percorridos para as tentativas de acesso a esses materiais, incluindo aí os contatos com bibliotecas e pessoas bibliotecárias, as trocas de *e-mail*, solicitações, diálogos e demais elementos simbólicos que integram e circunscrevem o processo de construção do referencial teórico. No “Apêndice B - Territórios *lter*”, estão os registros de imagens

²⁸ Disponível em: <https://www.worldcat.org/>. Acesso em: 18 abr. 2025.

das capas, folhas de rosto ou páginas iniciais dadas a partir do acesso às fontes biobibliográficas roubakinianas ao longo do itinerário percorrido por entre instituições informacionais localizadas em diferentes territórios geográficos.

- **Abril de 2021: Nicolas Roubakine em terras argentinas**

No capítulo “Leitor/leitura”, incluído no livro “Introdução à Biblioteconomia”, de Fonseca (2007), o autor menciona a obra de 1950 do bibliotecário argentino José Edmundo Clemente (1918-2013),²⁹ *Estetica del lector: notas para un estudio bibliopsicológico de la literatura* (Estética do leitor: notas para um estudo bibliopsicológico da literatura) (Clemente, 1950). O teórico já foi vice-diretor da *Biblioteca Nacional Doctor Mariano Moreno* (Biblioteca Nacional da Argentina) durante a direção do escritor argentino Jorge Luis Borges (1899-1986), entre 1955 e 1973, e diretor dessa mesma instituição nos anos de 1976 a 1979. Além disso, José Clemente colaborou para a criação, em 1956, durante a vice-direção na Biblioteca Nacional, da *Escuela Nacional de Bibliotecarios*, instituição de educação superior vinculada a essa biblioteca e que tinha como objetivo formar profissionais na área de Biblioteconomia. Suas pesquisas, nas quais é possível incluir a obra de 1950, envolvem, dentre outras temáticas, estudos sobre Psicologia e Literatura, com foco na estética da recepção.

Esta produção encontra-se disponível no acervo da Biblioteca Nacional da Argentina e na Biblioteca Central da Universidade de Brasília. A autoria dessa obra e, mais ainda, ambas as localizações, indicam possibilidades de desdobramentos da teoria roubakiniana no contexto da pesquisa biblioteconômico-informacional latino-americana, evidenciada pela presença dessa obra na Argentina, e, sobretudo, no Brasil, a partir da Biblioteca Central da BCE/UnB (a obra está classificada no âmbito da Literatura, segundo a Classificação Decimal de Dewey adotada pela biblioteca, e é indexada pelo descritor “Literatura”).

²⁹ José Edmundo Clemente ainda ocupou outros cargos públicos na Argentina: foi bibliotecário, desde 1943, no *Ministerio de Obras Públicas de la Nación*, Diretor Geral de Cultura de la Nación (hoje, Secretaria de Cultura), em 1963, durante o governo de Arturo Umberto Illia (1963-1966), além de assumir a *Subsecretaría de Cultura de la Provincia de Buenos Aires* em 1982. Em 1993, integrou a Academia Argentina de Letras.

Disponível em: <https://www.bn.gov.ar/escuela> e <https://www.lanacion.com.ar/ideas/la-saga-silenciosa-de-un-maestro-del-ensayo-a-la-sombra-de-borges-nid13122023/>. Acesso em: 27 maio 2025.

Em uma das buscas indisciplinadas no contexto da *web* que integraria o percurso *iter* dentro da doxografia roubakiniana, encontrei a obra de José Clemente disponível para compra no *site* da Estante Virtual,³⁰ em abril de 2021, em um sebo localizado em Curitiba, no Paraná.³¹ Tal localização evoca, igualmente, indagações dos itinerários e paragens deste documento, ou seja, sobre como e quando essa produção, publicada em Buenos Aires, na Argentina, em 1950, chegou em solo brasileiro mais de 70 anos depois.

A pesquisa sobre Nicolas Roubakine estaria nascendo.

- **Maio de 2021: as fontes roubakinianas no Brasil nascem na Biblioteca Digital Curt Nimuendajú**

“Oi, Amanda, vc deu sorte: quase todos os Boletins Bibliográficos foram doados, apenas três ficaram aqui, entre eles o n. 18.” (Biblioteca Digital Curt Nimuendajú, 2021, *online*). Foi “por acaso” que encontrei, em maio de 2021, a partir de consultas na *web* sem um objetivo claramente definido, a Biblioteca Digital Curt Nimuendajú,³² repositório brasileiro especializado em recursos sobre línguas e culturas indígenas sul-americanas e cujo sumário de uma publicação disponível em acesso aberto apontara para um texto sobre Roubakine traduzido para o português e escrito por seu amigo e pedagogo suíço Adolphe Ferrière. Trata-se de “A psicologia bibliológica de Nicolas Roubakine”, incluído no número 18 do Boletim Bibliográfico da Biblioteca Municipal de São Paulo, de 1951³³ — o qual, ainda não saberia, seria mencionado e indicado nas referências da tese de Simsova, em 1975.

Cheguei às reflexões de Adolphe Ferrière, primeiramente, a partir da obra roubakiniana de 1922, a qual era dedicada para dois grandes amigos e incentivadores de suas teorias: o próprio suíço e o belga Paul Otlet. Em seguida, no tratado otletiano de 1934, em seção dedicada à Bibliopsicologia, o autor apontaria para um texto de Ferrière dedicado ao estudo bibliopsicológico — *La psychologie bibliologique, d'après les documents et les travaux de Nicolas Roubakine* (A

³⁰ A Estante Virtual é uma plataforma digital criada em 2005 voltada para o comércio *online* de livros novos e, especialmente, usados, a partir da reunião, em um só lugar, de livreiros e sebos nacionais. Disponível em: <https://www.estantevirtual.com.br/>. Acesso em: 27 maio 2025.

³¹ A obra foi encontrada no sebo Fígaro, criado em 1989 e localizado em Curitiba, Paraná. Disponível em: www.sebofigaro.com.br. Acesso em: 02 jun. 2025.

³² O site é criado e administrado pelos pesquisadores independentes Eduardo Rivail, e Renato Nicolai, sem vínculo institucional aparente com a Biblioteca Curt Nimuendajú, da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (<https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/biblioteca>). Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/>.

³³ Texto originalmente publicado na *Revue de Psychologie des Peuples*, 3º trimestre de 1950.

psicologia bibliológica segundo os documentos e trabalhos de Nicolas Roubakine), publicado em 1917 no periódico *Archives de Psychologie* e que contém um registro da palestra de Roubakine dada em 1916 no Instituto Jean-Jacques Rousseau e no Instituto Internacional de Bibliografia. Esse texto é também citado por Simsova (1966a) em seu artigo e foi encontrado, em maio de 2021, no repositório *Digital General Collection*,³⁴ da Universidade de Michigan, nos Estados Unidos. Esse texto parecia interessante por conter as reflexões de alguém que não só conviveu com Roubakine, mas que parece ter contribuído de perto para as suas teorias da leitura e, ainda, atuação no campo da Educação. Até então, desconhecia a existência desse documento em língua portuguesa.

A empolgação em encontrar uma produção sobre Roubakine no Brasil e, mais ainda, em português, em uma publicação da década de 1950 voltada para o campo biblioteconômico, era tamanha. Partiria na busca por essa fonte, o que me traz ao repositório sobre línguas e culturas indígenas: o documento no qual consta a indicação do trabalho de Ferrière (1951), compartilhado no *site* da biblioteca, trata, na verdade, de um texto de autoria do etnólogo brasileiro Herbert Baldus (1899-1970), intitulado “Três novidades indianistas”, sem qualquer relação aparente com o que interessava alcançar.

Por sorte, conforme observado no *e-mail* encaminhado pelas pessoas curadoras do repositório, a Biblioteca Digital Curt Nimuendajú ainda não havia doado este fascículo da revista e, por isso, após contato por *e-mail* para verificar a possibilidade de acesso, recebi o artigo de Adolphe Ferrière (1951), o que me levaria a outras lentes de reflexões para pensar a presença do bibliotecário russo no pensamento brasileiro do campo e, mais ainda, de suas relações com outras áreas do conhecimento, como Educação.

Ao mesmo tempo, a partir da fonte indicada no sumário da publicação, a informação de que o periódico teria sido publicado pela antiga Biblioteca Municipal de São Paulo (atual Biblioteca Mário de Andrade) também me direcionaria ao contato com essa instituição, a fim de verificar a possibilidade de acesso — caso a Biblioteca Digital Curt Nimuendajú não pudesse encaminhar o texto. Na ocasião, em razão do contexto pandêmico ali vivenciado, a biblioteca disponibilizou uma cópia digitalizada do documento. Esse periódico, em formato impresso, de 1951, ainda encontra-se disponível no acervo dessa biblioteca, em São Paulo.

³⁴ Disponível em: <https://quod.lib.umich.edu/g/genpub/>. Acesso em: 28 maio 2025.

A pesquisa sobre Roubakine daria indícios de que estava para florescer.

- **Março de 2022: a Biblioteca Pública de Nova York e o acesso às fontes biobibliográficas roubakinianas**

O primeiro contato com a *New York Public Library* (Biblioteca Pública de Nova York) se deu em 03 de março de 2022, a partir dos resultados obtidos nas consultas via *WorldCat*. Na ocasião, o *e-mail* encaminhado para a instituição tinha como objetivo verificar as possibilidades de acesso à obra biográfica de Roubakine escrita em 1977 pelo historiador Alfred Senn, *Nicholas Rubakin: a life for books* (Nicholas Rubakin: uma vida para os livros).

Nesse momento, o acesso a essa fonte, em língua inglesa, parecia central para complementar as lacunas sobre as vivências de Roubakine deixadas pelos textos encontrados até então em idiomas não eslavos (exceto pela biografia em russo escrita por Aleksandr Rubakin, de 1979, a qual já tinha sido selecionada para tradução). Um outro ponto interessante está no campo científico de publicação dessa obra: História, embora o relato biográfico de Roubakine, conforme indicado no próprio subtítulo, “uma vida para os livros”, tenha se desenrolado em torno de sua relação e atuação no universo dos livros.

Na resposta ao primeiro *e-mail* enviado, a bibliotecária respondeu que, de acordo com as regulamentações de licença e direitos autorais da Biblioteca Pública de Nova York, seria possível disponibilizar somente cerca de 10% da obra e, por isso, encaminhava em anexo o sumário do livro para verificação de qual capítulo seria de interesse e pediu mais detalhes sobre o tema estudado para saber de que forma poderia contribuir para o percurso de pesquisa — já aí, demonstrando a cooperação bibliotecária que alçaria voos internacionais: “Enquanto isso, você tem interesse em outros materiais de ou sobre Rubakin? Você lê em algum idioma eslavo? [...] Você pode me dar uma ideia de quais outras fontes você já conseguiu acessar, se houver?” (New York Public Library, 2022, tradução nossa, *online*).³⁵

Eu não lia em línguas eslavas, mas, ainda assim, tinha uma extensa lista de fontes para solicitação de acesso. Nessa mesma ocasião, solicitei mais informações sobre um outro texto de Simsova, de 1977, sobre a Bibliopsicologia roubakiniana, *Nicholas Rubakin*, incluído no livro *Four studies in Soviet Librarianship* (Quatro

³⁵ No original: *In the meantime, are you interested in other materials by or about Rubakin? Do you read any slavic languages? [...] Can you give me an idea of what other resources you have already been able to access, if any?* (New York Public Library, 2022, *online*).

estudos na Biblioteconomia Soviética); trata-se de uma publicação resultante de uma conferência dada pela bibliotecária tcheca em 1976 — *Book and Libraries in the URSS* (Livro e Bibliotecas na União Soviética), transcorrida na *Bodleian Library*, na Universidade de Oxford, Inglaterra. Cheguei a esse texto a partir da leitura do artigo do pesquisador do campo Jonathan Furner (2002), *Shera's social epistemology recast as psychological bibliography* (A epistemologia social de Shera reformulada como bibliologia psicológica), o qual explora as relações entre a Bibliopsicologia de Roubakine e a Epistemologia Social de Jesse Shera e Margaret Egan — interessante destacar que os apontamentos tecidos por Furner (2002) não só evidenciaram, como também reafirmaram a centralidade dessa produção simsoviiana para esta reflexão.

Diante desse cenário, justifiquei para a biblioteca a dificuldade de acesso a esse material e a contribuição que o mesmo teria para a pesquisa, na esperança de que eles encaminhassem o capítulo. Com sua ética profissional e compromisso com o acesso ao conhecimento, a bibliotecária buscou, dentro da equipe responsável pelas questões de direitos de reprodução (*Rights & Permissions*), uma forma de disponibilizar os textos solicitados sem infringir qualquer termo legal, levando em consideração outros critérios além daqueles elencados pela porcentagem e/ou limite de páginas. Em 8 de março de 2022, a Biblioteca Pública de Nova York encaminharia o seguinte *e-mail*: “Nossa equipe de Direitos e Permissões aprovou minha solicitação para o fornecimento de uma cópia em baixa resolução do título de Senn, então a enviarei para você assim que puder”.³⁶ Depois, após ter enviado os dois documentos: “Estamos muito felizes em poder ajudar. Muitas felicidades em sua carreira bibliotecária” (New York Public Library, 2022, tradução nossa, *online*).³⁷

A pesquisa sobre Nicolas Roubakine continuaria.

- **Março de 2022: Inglaterra-Brasil com a Biblioteca do CFCH/UFRJ**

“Seria possível ao SIBI UFRJ entrar em contato com a biblioteca da UCL para solicitar o envio de uma cópia desse material?” (Salomão, 2022b, *online*). Este trecho faz parte de um *e-mail*, de 11 de março de 2022, direcionado ao Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (SIBI/UFRJ), mais

³⁶ No original: *Our Rights & Permissions staff have approved my providing a low-resolution copy of the Senn title so I will have that to you as soon as I can* (New York Public Library, 2022, *online*).

³⁷ No original: *We are very happy to be of help. Best wishes in your library career* (New York Public Library, 2022, *online*).

especificamente, à Biblioteca do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH/UFRJ), que atendia o curso de Ciência da Informação do PPGCI Ibict-UFRJ. Aqui, UCL se refere à *University College London* e a cópia do material solicitado, no caso, trata da tese da bibliotecária tcheca Sylva Simsova: *An evaluation of Nicholas Rubakin's concept of Bibliopsychology in the light of current psychological research* (Uma avaliação do conceito de Bibliopsicologia de Nicholas Rubakin à luz das pesquisas psicológicas atuais), defendida no ano de 1975. Na época, o texto não estava disponível no repositório institucional da universidade por não ter sido ainda digitalizado. Antes, em maio de 2021, após contato com a UCL para verificar a possibilidade de acesso ao trabalho simsoviano, o retorno fora de que não era possível disponibilizar materiais quando da solicitação de pessoas físicas, somente via empréstimo entre bibliotecas.

Em um texto apresentado no XXII Enancib, Salomão e Saldanha (2022) apontam para a complexidade deste trabalho no que se refere ao estudo detalhado sobre o método bibliopsicológico; a tese de Simsova (1975) seria, com base nas fontes e pesquisas realizadas até ali, um dos poucos — ou talvez o único, arrisco dizer — material em língua inglesa a adentrar o pensamento e o trabalho teórico-empírico de Nicolas Roubakine com tamanha profundidade na paisagem ocidental. Diante da incipiência de fontes que discorrem sobre essa temática em línguas não eslavas, essa produção seria central para fundamentar o referencial teórico aqui construído. Seria ali que encontraria os construtos que possibilitariam entender melhor a teoria e o método bibliopsicológico.

Seria aqui, também, que a Biblioteca do CFCH cruzaria o caminho desta pesquisa: "Eu vou fazer todas as tentativas possíveis e vou te manter informada", diria, por *e-mail*, a equipe de referência (Biblioteca do CFCH/UFRJ, 2022, *online*). Em abril de 2022, receberia uma outra resposta: "Olá Amanda, Bom dia! Consegui a confirmação hoje, eles vão digitalizar sem custo e depositar no repositório [de acesso aberto]." Dias depois: "Segue o *link* da tese. Muito feliz por ter conseguido esta tese para vc. Conte com a biblioteca do CFCH. Abraços virtuais" (Biblioteca do CFCH/UFRJ, 2022, *online*).

A Biblioteca do CFCH/UFRJ cruzaria o oceano e voltaria com Nicolas Roubakine para o território brasileiro em Biblioteconomia e Ciência da Informação.

- **Março de 2022: Roubakine chega às bibliotecas da Universidade de São Paulo**

A partir da leitura, em 2021, do já mencionado artigo de Edson Nery da Fonseca de 1974, “Ler ou não ler todos os livros”, cheguei ao livro *Lenin, Krupskaja, and libraries*, editado por Sylva Simsova em 1968. No breve mapeamento realizado para identificar a presença de obras de e sobre Nicolas Roubakine nas bibliotecas universitárias brasileiras, verifiquei que o título estava disponível no acervo da Biblioteca da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (Biblioteca ECA/USP).

Essa obra se tornaria central para compreender não apenas alguns elementos que integram e formam o pensamento roubakiniano, como também outras lentes epistemológicas para a observação de um campo de estudos voltado para a Biblioteconomia Soviética — temática extensamente trabalhada por Sylva Simsova. Mais ainda, ofereceria vislumbres sobre as relações de Roubakine com figuras políticas de seu tempo, como Vladimir Lenin e Nadezhda Krupskaja; o que, conforme será visto, influenciou diretamente as ações do teórico russo no âmbito da educação popular e do trabalho bibliotecário. Identificar a existência desse material em uma biblioteca universitária no Brasil que atende os cursos de Biblioteconomia e Ciência da Informação despertou para um vasto território de inquietações sobre como e por que esse material chegou até a Biblioteca ECA/USP.

Nessa direção, em 20 de março de 2022, entrei em contato com essa biblioteca, via *e-mail*, descrevendo a pesquisa e perguntando se seria possível ter acesso ao livro editado por Simsova. Logo em seguida, já no dia seguinte, a Biblioteca ECA/USP, novamente em acordo com os esforços bibliotecários em prol do acesso ao conhecimento para fins de pesquisa científica, encaminharia a obra digitalizada.

Ainda no cenário das bibliotecas uspianas, esse mesmo mapeamento, dessa vez para o termo “Rubakin”, me direcionaria para a biografia de Roubakine escrita por seu filho, Aleksandr Rubakin, e publicada em sua primeira edição no ano de 1967. A obra, “Rubakin: o piloto do mar dos livros”, utilizada neste trabalho como uma das fontes centrais para a compreensão de traços biográficos do teórico russo, constava no catálogo *online* da Biblioteca da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH/USP). Nesse momento, já tinha acesso ao material,

disponibilizado via outras fontes de pesquisa em acesso aberto; no entanto, as indagações sobre como a biografia roubakiniana foi incorporada a esse acervo permaneceram. Ao entrar em contato com a Biblioteca FFLCH USP, em junho de 2022, para obter mais informações sobre como essa obra de 1967, sobre um bibliotecário russo, chegou ao Brasil e, mais precisamente, a uma biblioteca universitária de São Paulo, a informação recebida foi de que esse título havia sido doado em 1983 para o curso de graduação do Bacharelado em Letras-Russo por David Liberman — possivelmente, o psiquiatra e psicanalista argentino — e depois, em agosto de 1998, incorporado ao acervo da biblioteca.

A informação sobre essa doação aprofundou mais ainda as indagações que me trazem a esta reflexão. Ao mesmo tempo, desvelou uma vasta possibilidade de articulação teórica do pensamento roubakiniano, sugerindo, por um lado, sua doação por uma pessoa pesquisadora nos campos de Psiquiatria e Psicanálise — dadas aqui as articulações da Bibliopsicologia com os estudos sobre os fenômenos psíquicos — e, por outro lado, as possibilidades de relações entrevistadas com as áreas de Letras e Literatura, curso para o qual o título foi doado.

- **Março a dezembro de 2022: rastros brasileiros de Nicolas Roubakine que triangulam a Universidade Federal de Minas Gerais, a Universidade de Brasília e a Biblioteca Pública de Nova York**

A partir do mapeamento realizado em catálogos *online* de bibliotecas universitárias brasileiras que atendem os cursos de Biblioteconomia e Ciência da Informação, foi possível verificar a presença da obra *Nicholas Rubakin and Bibliopsychology*, editada por Simsova em 1968, no acervo da Biblioteca Professora Etelvina Lima, da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (ECI/UFMG), e na Biblioteca Central da Universidade de Brasília (BCE/UnB). Esse título, central para a compreensão do pensamento e da biobibliografia roubakiniana, conforme será visto, é citado tanto nas primeiras fontes sobre Roubakine às quais tive acesso — notadamente, o prefácio de Elena Savova (1998) —, como em outros materiais que articulariam, de certa forma, a figura do teórico russo no escopo da Biblioteconomia nacional, aí representada por Edson Nery da Fonseca e sua menção da obra simsovia no capítulo “Leitor/Leitura” das duas edições de seu “Introdução à Biblioteconomia” (Fonseca, 1992, 2007), e em seu artigo de 1974, “Ler ou não ler todos os livros” (Fonseca, 1974).

Desse modo, entrei em contato com a biblioteca da UFMG e da UnB via *e-mail*, também em 11 de março de 2022, na procura por mais informações sobre a trajetória dessa obra até chegar às Bibliotecas Central e da Escola de Ciência da Informação: “como esse título chegou ao acervo [dessa biblioteca]? Por exemplo, quando, como, porquê e por quem ele foi incorporado à coleção?” (Salomão, 2022c, *online*). As inúmeras indagações faziam parte de inquietações mais amplas que buscavam não somente acessar o trabalho editado por Simsova (1968a), como também e, sobretudo, compreender as possíveis articulações e contribuições das lentes roubakinianas para os construtos epistemológicos e históricos que formam o campo biblioteconômico-informacional brasileiro.

Em um primeiro momento, a única informação recebida foi de que o material chegou ao acervo da Biblioteca da ECI na década de 1980 via aquisição por compra — dados adicionais não puderam ser verificados, pois, à época, ou seja, ainda no contexto da pandemia de Covid-19 ali vivenciado, o material de exemplar único estava em empréstimo domiciliar. No entanto, em 6 de maio de 2022, após a devolução do título, a equipe bibliotecária encaminhou um novo *e-mail*, indicando tratar-se, na verdade, de uma aquisição datada dos anos de 1970, cuja nota fiscal de compra (agora inexistente, em razão da ação do tempo) aponta como local de compra a Livraria Interciência, no Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo, o setor de Desenvolvimento de Coleções da Biblioteca Central da UnB responderia, em 29 de abril de 2022, que a obra foi adquirida também por processo de compra em 1972 junto à Livraria Canuto, em São Paulo. Essa aquisição ocorreu na gestão do então diretor da BCE/UnB Elton Eugênio Volpini (1968-1976) — a equipe acredita que a obra tenha sido adquirida para atender o curso de Biblioteconomia da UnB, que funciona anexo à biblioteca.

Meses depois, em 9 de novembro de 2022, entrei em contato novamente com as bibliotecas da UFMG e da UnB via *e-mail* para verificar a possibilidade de acesso remoto a essa obra, tendo em vista a distância que separa Rio de Janeiro, Minas Gerais e Brasília, bem como a indisponibilidade para viajar naquele momento. As duas bibliotecas, apesar da contribuição dada pelas informações fornecidas sobre a presença de Roubakine em seus acervos, comunicaram a impossibilidade de digitalizar o material, caminho que me conduziria, mais uma vez, à Biblioteca Pública de Nova York.

Em 19 de dezembro de 2022, no contexto de retomada do contato com a Biblioteca Pública de Nova York depois de quase nove meses, solicitei, mais uma vez, o acesso remoto à reprodução da obra de 1968 editada por Simsova. A equipe de referência, após outra análise cuidadosa — tendo em vista as solicitações anteriores para a pesquisa —, daria uma resposta positiva, encaminhando o texto integral de *Nicholas Rubakin and Bibliopsychology* dez dias após o e-mail, em 29 de dezembro de 2022.

- **Novembro de 2022: Lasso de La Vega encontra Niterói**

Na obra de Fonseca (2007), mais uma vez no capítulo “Leitor/leitura”, o autor, ao falar sobre Nicolas Roubakine, faz menção ao trabalho do bibliotecário e documentalista espanhol Javier Jimenez Placer Lasso de La Vega³⁸ (1947), *Como se hace una tesis doctoral: o manual de técnica de la documentación científica y bibliográfica* (Como se faz uma tese de doutorado: ou manual de técnica da documentação científica e bibliográfica). De maneira específica, no capítulo *Como se debe leer* (Como se deve ler), é possível encontrar uma seção sobre *La Bibliopsicologia* (A Bibliopsicologia), na qual o teórico explora os conceitos centrais da ciência roubakiniana, tecendo considerações acerca da relação livro-leitor em suas bases psicológicas e das cinco leis da Bibliopsicologia desenvolvidas pelo bibliotecário russo.

Ao consultar o catálogo *online* de bibliotecas universitárias brasileiras que atendem o curso de Biblioteconomia e/ou Ciência da Informação, verifiquei a presença desta obra no Centro de Obras Raras e Especiais da Universidade Federal Fluminense (CORES/UFF). A partir dessa identificação, entrei em contato, via e-mail, com a referida biblioteca, a fim de verificar as possibilidades de acesso ao material, uma vez que, no âmbito do sistema de bibliotecas da UFF, esse livro encontra-se em um acervo de acesso restrito. Desse modo, solicitei o agendamento

³⁸ Javier Jimenez Placer Lasso de La Vega (1892-1990) foi um bibliotecário e documentalista espanhol. Trabalhou na Biblioteca Nacional da Espanha e atuou como diretor da *Biblioteca Universitaria de Madrid (Universidad Complutense de Madrid)*, também na Espanha, entre 1932 e 1962, excetuando-se o período da guerra civil espanhola (1936-1939). Em 1938, no primeiro governo ditatorial de Francisco Franco (1892-1975), foi nomeado chefe do Serviço de Arquivos, Bibliotecas e Registro de Propriedade Intelectual, cargo em que permaneceu até 1939, quando a instituição foi extinta.

Disponível em: <https://biblioteca.ucm.es/historica/lasso-vega>. Acesso em: 02 jun. 2025.

de uma visita para que pudesse consultar o material, o que foi prontamente atendido pela equipe bibliotecária do setor.

No decorrer da consulta, identifiquei que o carimbo de registro e patrimônio do livro, adquirido pelo então Núcleo de Documentação da universidade (agora Superintendência de Documentação), no qual o sistema de bibliotecas encontra-se vinculado, aponta para o ano de 1976 como data possível de aquisição do título — mesma década da produção de Simsova (1968a) adquirida pela UFMG e UnB —, evidenciando, no contexto dos estudos *iter*, arrisco sugerir, o desembarque e circulação do pensamento de Nicolas Roubakine na expressão nacional do campo, pela via de sua materialidade bibliográfica, pelo menos desde os anos de 1970 (Salomão; Saldanha, 2025).

- **Dezembro de 2022 a janeiro de 2023: os rastros mineiros de Roubakine permanecem na UFMG, mas agora, na Biblioteca Central**

No texto *Joy, not duty: reading and libraries* (Alegria, não dever: leitura e bibliotecas) publicado por Simsova (2008) como resultado de um trabalho apresentado em uma palestra do evento *Metropolitan Libraries Section Conference* (METLIB), da IFLA, em Praga, na República Tcheca, a autora traz uma abordagem da leitura sob a perspectiva do método bibliopsicológico, com ênfase para a sua aplicação no trabalho em bibliotecas; notadamente, a compreensão dos interesses e necessidades de informação das pessoas usuárias (expressas claramente ou não) a partir do entendimento de suas configurações psicológicas, para encontrar materiais que mais se adequem às suas características e possam, com isso, incentivar a leitura como prazer e não como obrigação. Em diferentes partes do texto, ainda que a bibliotecária não se detenha em uma discussão pormenorizada da Bibliopsicologia roubakiniana, tal enfoque está dado em suas concepções sobre as experiências de leitura no geral e, em particular, nos conceitos retirados do exercício metodológico de Roubakine, para entender as dimensões mentais que integram os atos de ler (Simsova, 2008).

No cenário dessas discussões, Simsova (2008) indica como uma de suas referências o capítulo *Subjective dimensions of the reading experience* (Dimensões subjetivas da experiência de leitura), incluído na obra *Bibliography and reading: a*

*Festschrift*³⁹ in honour of Ronald Staveley (Bibliografia e leitura: um *Festschrift* à Ronald Staveley) editada pelas pessoas docentes da *University College London* la Mcilwaine, John Mcilwaine e Peter Metuchen e publicada em 1983. Nesse texto, conforme apontado por Salomão e Saldanha (2022, 2023b), a autora discute os aspectos subjetivos do ato de ler, com ênfase nas motivações, efeitos e sensações advindas das experiências de leitura (Simsova, 1983) — o que contribuiria para compreender não somente como se desenrolam essas experiências, mas também as dimensões subjetivas que influem em sua apropriação.

Por esse motivo, segui na procura pelo texto em catálogos *online* de bibliotecas universitárias brasileiras que atendem os cursos de Biblioteconomia e Ciência da Informação — só que aqui, ao contrário dos termos atribuídos nas consultas pelas obras de Roubakine, utilizei o campo “título” como operador de busca para verificar a disponibilidade dessa obra nessas instituições. Em um sentido mais amplo, parti, de início, das bibliotecas universitárias federais das regiões Sudeste e Centro-Oeste por serem esses os territórios nos quais é possível encontrar obras sobre o teórico russo — notadamente a UFMG e UnB, conforme observado antes. Como resultado dessas consultas, a UFMG, em particular, a Biblioteca Central (voltada para o atendimento aos cursos vinculados ao Instituto de Ciências Biológicas e Instituto Ciências Exatas), possuía o livro pesquisado em seu acervo. Ainda em dezembro de 2022, entrei em contato via *e-mail* com essa biblioteca para verificar a possibilidade de acesso remoto ao capítulo. Em 24 de janeiro de 2023, a equipe de referência respondeu, enviando uma cópia digitalizada do texto solicitado. Interessante observar a existência de uma obra sobre a leitura, pela via de seu enfoque bibliopsicológico, em um acervo cuja temática envolve as áreas de ciências biológicas e exatas. Ao mesmo tempo, essa presença indica a erudição e circularidade das teorias roubakinianas por entre diferentes áreas do conhecimento (Salomão; Saldanha, 2025).

Eis mais uma fonte no Brasil que aponta para o vasto território roubakiniano.

³⁹ No ambiente acadêmico, o termo em alemão *Festschrift* se refere a um tipo de publicação escrito em homenagem a uma pessoa pesquisadora de um dado campo científico. A obra pode conter contribuições de colegas profissionais ou ex-discentes da pessoa homenageada; normalmente é publicada na ocasião de aposentadoria ou quando o indivíduo que se deseja homenagear completa certo tempo de carreira. No caso, aqui, as pessoas editoras da publicação pertencem, tal como Ronald Staveley e a própria Simsova, à *School of Library, Archive and Information Studies* (Escola de Biblioteconomia, Arquivo e Estudos em Informação) da *University College London*. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Festschrift>. Acesso em: 28 mar. 2024.

- **Janeiro de 2023: Roubakine chega à IFLA**

Também em janeiro do ano de 2023, no decurso das pesquisas desenvolvidas sobre as experiências de leitura e o pensamento roubakiniano, encontrei a referência de um segundo texto de Sylva Simsova. Trata-se do título *Bibliopsychological dimensions of the reading experience* (Dimensões bibliopsicológicas das experiências de leitura), apresentado na 53ª *IFLA General Conference: libraries and information services in a changing world* (53ª Conferência Geral da IFLA: bibliotecas e serviços informacionais em um mundo em transformação), evento transcorrido em Brighton, na Inglaterra, em 1987. Naquele momento, diante da incipiência de fontes sobre Nicolas Roubakine e sua ciência, os materiais encontrados sobre o teórico russo, principalmente aqueles de autoria de Sylva Simsova, pareciam de interesse como possível aporte para a construção do referencial teórico.

Após consulta em catálogos *online* de diferentes bibliotecas, bem como na base de dados *Library, Information Science and Technology Abstracts* e no *site* da instituição, na seção *Past IFLA Congresses* (Congressos anteriores da IFLA),⁴⁰ que dá acesso às informações e outros documentos referentes aos eventos transcorridos até 1993, não foi possível localizar o material. Assim, entrei em contato, via *e-mail*, com a própria IFLA, em 14 de janeiro de 2023, a fim de verificar a possibilidade de acesso remoto ao material solicitado. No dia 17 de janeiro, recebi uma resposta informando que os trabalhos apresentados nos eventos da IFLA antes do ano de 1993 ainda não haviam sido digitalizados, mas que, mesmo assim, seria possível encaminhar uma cópia do documento via *e-mail*.

Esse texto discute o método bibliopsicológico para a mensuração da experiência de leitura em uma determinada pessoa leitora (como reage a um texto em um dado momento). Mesmo que não constitua, o método roubakiniano, o objeto de análise desta pesquisa, o documento oferece alguns vislumbres que permitem contextualizar e compreender melhor o panorama teórico da ciência de Roubakine, motivo pelo qual é destacado nesta seção. Além disso, em uma dimensão metodológica e, poderia dizer, até mesmo simbólica, o percurso de busca e acesso a esse texto é aqui descrito para demonstrar os caminhos de pesquisa, ou seja, os caminhos tomados para a construção do referencial teórico e para o acesso a materiais sobre o autor e sua ciência que são de difícil localização.

⁴⁰ Disponível em: <https://www.ifla.org/past-ifla-congresses/>. Acesso em: 14 jan. 2023.

Ainda assim, mais uma vez pelas lentes de Simsova, Nicolas Roubakine chegaria à IFLA.

- **Agosto a outubro de 2023: a Biblioteca do CFCH/UFRJ novamente na busca por Roubakine - travessias que alcançam a Biblioteca da Universidade de Harvard**

Em 6 de outubro de 2023, às 19h44, no caminho de casa no circuito barca de travessia Niterói-Praça XV (Rio de Janeiro) recebi um *e-mail* da equipe de referência da Biblioteca do CFCH/UFRJ. Alguns meses antes, em 30 de agosto desse mesmo ano, retomei o contato com essa biblioteca, contatada lá em março de 2022. Dessa vez, estava em busca do artigo de Lydia Turin, *Dr. N. Roubakin on Biblio-psychology* (Dr. N. Roubakin sobre Bibliopsicologia), de 1929 e indicado por Simsova (1966a), conforme já observado, como um dos primeiros estudos em língua inglesa dedicado ao pensamento e à ciência tecida pelo teórico russo. Para os propósitos desta reflexão, os estudos de Turin (1929) demonstram uma certa relevância teórica e, sobretudo, histórica, uma vez publicado no contexto ocidental ainda em vida de Roubakine (dada sua pequena, ainda que existente, repercussão no ocidente), destacando, de forma introdutória, os elementos que adentram suas vivências e a construção de sua ciência — aí, entrevista do ponto de vista psicológico.

Em um primeiro momento, foi difícil localizar o periódico *Psyche*,⁴¹ no qual o artigo fora publicado, em catálogos *online* de bibliotecas nacionais e fora do Brasil; enfrentei dificuldades de localização e acesso até mesmo sobre seus dados de publicação e criação. Por isso, recorri mais uma vez ao *WorldCat*, na esperança de rastrear qualquer biblioteca que pudesse não apenas conter o fascículo desejado, como também disponibilizar uma reprodução digital de seu conteúdo. Após localização na biblioteca universitária *Cornell University Library*, nos Estados Unidos, entrei em contato com a Biblioteca CFCH/UFRJ para transmitir as orientações de solicitação de acesso comunicadas pela equipe bibliotecária.

O caminho percorrido pela biblioteca perpassaria a *Cornell University*, mas não pararia por aí. Buscaria na Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) um periódico de mesmo nome, mas de outra área do conhecimento, o que confundiria a busca

⁴¹ A revista, de origem britânica, foi fundada em 1920 originalmente sob o título *Psychic Research Quarterly* (renomeada no ano seguinte, em 1921, como *Psyche*, abrangendo também em seu escopo estudos na área de Psicologia). O periódico circulou até 1952.

Disponível em: <https://catalog.library.cornell.edu/catalog/1168496>. Acesso em: 05 abr. 2024.

almejada; chegaria ao programa de Comutação Bibliográfica (Comut) do IbiCT em Brasília, ao IFLA *voucher* e às solicitações às bibliotecas da *University College London* (a qual depois descobriria não ter o fascículo em específico), da *University of Michigan*, *Library of Congress* (Biblioteca do Congresso) e da *British Library* (Biblioteca Britânica) — essas três últimas, apesar da disponibilidade do fascículo, cobravam um valor muito alto para o seu acesso. A própria *Cornell University* possuía um método de pagamento igualmente custoso e complexo. Em 27 de setembro de 2023, quase um mês depois, ainda estaria na busca por Lydia Turin.

No entanto, no dia seguinte, em 28 de setembro de 2023, uma docente da UFRJ, próxima à Biblioteca do CFCH e que tinha desenvolvido recentemente um pós-doutorado na Universidade de Harvard, poderia realizar uma solicitação do artigo de Lydia Turin, e sem custo. Pouco tempo depois, em 6 de outubro, voltaria ao parágrafo inicial deste tópico, ou seja, voltaria ao circuito Niterói-Praça XV:

Sextou com boas notícias. Eu consegui o artigo que você precisa para a sua pesquisa. Foi um grande prazer atender ao seu pedido, consegui aprender muito sobre pedidos internacionais e verificar o quanto é difícil o atendimento via instituições, apesar das bibliotecas estrangeiras recomendarem esta rotina. Eu acredito nas redes pessoais que construímos no ambiente acadêmico, na verdade estas redes garantem este compartilhamento de forma mais eficaz. [...] Escrevi isto tudo para te avisar que estarei sempre aqui para colaborar. Conte com a Biblioteca do CFCH/UFRJ (Biblioteca do CFCH/UFRJ, 2023, *online*).

Seria a partir dos esforços empreendidos pela Biblioteca do CFCH/UFRJ, ali, entre agosto e outubro de 2023, que seria possível acessar um texto de significativa contribuição histórica e teórica para os estudos sobre o pensamento roubakiniano em Biblioteconomia e Ciência da Informação.

- **Setembro de 2023 a fevereiro de 2025: a busca pelo olhar chubariano em Nicolas Roubakine entre México e Estados Unidos**

A leitura da revisão teórico-histórica-epistemológica de Elsa Ramírez Leyva (2007b) me direcionou ao trabalho do bibliotecário russo Oleg Stepanovich Chubarian, voltado para a construção epistemológica da Biblioteconomia Soviética. Em sua obra, *Bibliotecología general* (Biblioteconomia geral), publicada originalmente na Rússia em três edições (1960, 1968 e 1976), sendo esta última traduzida para o espanhol e publicada em Cuba em 1981, o autor aponta para as atividades de Roubakine em torno do estudo do leitor e da luta pela democratização

do acesso ao livro, à leitura e às bibliotecas como contribuições centrais para o desenvolvimento e resolução de questões teóricas e práticas no horizonte biblioteconômico.

A partir da citação identificada em Ramírez Leyva (2007b) e da própria vinculação da autora ao IIBI-UNAM, no México, optei por consultar o catálogo *online* da Biblioteca Adolfo Rodríguez Gallardo, a qual atende o curso de Biblioteconomia da Universidade. Ao localizar o título, entrei em contato via *e-mail* com a instituição, em setembro de 2023, para verificar as possibilidades de acesso remoto, ao que responderam que o material estava emprestado — razão pela qual não seria possível consultá-lo —, e me encaminhou um texto do bibliotecário mexicano e também professor da UNAM Felipe Meneses Tello sobre Oleg Chubarian, publicado em 2023 na Revista Conhecimento em Ação, da UFRJ: *Oleg Stepanovich Chubaryan: teórico en acción de la bibliotecología socialista* (Oleg Stepanovich Chubaryan: teórico em ação da biblioteconomia socialista). Apesar de este texto não mencionar efetivamente Roubakine, é possível buscar e inferir indícios de seu pensamento na própria construção da epistemologia da Biblioteconomia Soviética entrevista pelas lentes chubarianas — ancorada nas atividades de Roubakine a favor da socialização do conhecimento ainda na virada do século XIX para o XX.

Após uma ausência de retorno de quase um ano por parte da biblioteca acerca da devolução e solicitação de acesso ao material, entrei novamente em contato, em junho de 2024, para verificar se já seria possível consultar a obra chubariana. Na ocasião, o título ainda não havia sido devolvido. Por esse motivo, também em junho de 2024, optei por buscar outras bibliotecas que pudessem ter esse título no acervo, realizando uma consulta no catálogo do *Worldcat* a partir do operador de “título”: *Bibliotecología general*. Os resultados recuperados apontaram para a Biblioteca da Universidade do Kansas, nos Estados Unidos, como instituição mantenedora desse documento, o que me levaria ao contato com a equipe bibliotecária a fim de verificar as possibilidades de acesso à obra chubariana.

De início, a biblioteca respondeu não ser possível atender a solicitações individuais de pessoas não vinculadas à Universidade do Kansas fora de um programa institucional de empréstimo entre bibliotecas — sendo esta uma alternativa possível, mas que geraria um custo significativo se considerar as dinâmicas de transporte do livro para o Brasil e, depois, de volta para os Estados Unidos, uma vez que não seria possível encaminhar a obra em formato digital —, mas que estava à

disposição para enviar uma cópia digitalizada de alguns capítulos sem custo (respeitando os direitos de reprodução da obra para fins de pesquisa científica), razão pela qual encaminhava o sumário do livro. Diante da seleção dos capítulos de maior interesse à presente reflexão, a biblioteca enviou, no início de julho, os textos solicitados. Em fevereiro de 2025, em novo contato com a Biblioteca do IIBI-UNAM, a mesma informou que o livro havia sido devolvido e perguntou quais capítulos seriam de interesse para digitalizar, uma vez que o envio completo do texto infringiria os direitos de reprodução da obra. Após a resposta, recebi uma cópia digitalizada dos capítulos solicitados.

Do ponto de vista da reflexão aqui desenvolvida, a obra de Chubarian ([1981?]) parece central por reconhecer e contextualizar, primeiro no horizonte do Leste Europeu e, depois, no próprio discurso latino-americano do campo (pela via de sua publicação em Cuba) e também na década de 1970, as teorias bibliopsicológicas roubakinianas.

- **Janeiro de 2024: o método roubakiniano encontra o Paraná sob o olhar de Sylva Simsova**

Como desdobramento do texto acessado via IFLA, me deparei, mais uma vez, com um artigo de Simsova (1966b), *The Rubakin experiment: a preliminary report* (O experimento Roubakine: um relatório preliminar), também voltado para o método bibliopsicológico, dessa vez em sua dimensão aplicada, e publicado em 1966 no periódico *Research in Librarianship*. Para localizar o material, consultei o Catálogo Coletivo Nacional de Publicações Seriadas (CCN) do Ibict e verifiquei que o fascículo encontrava-se disponível na Biblioteca de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Paraná (UFPR), que atende o curso de Biblioteconomia da instituição. Ao entrar em contato com a biblioteca via *e-mail*, em janeiro de 2024, recebi o artigo, indicando o reconhecimento de mais uma fonte roubakiniana em bibliotecas brasileiras com acervos especializados em BCI.

- **Março de 2024: Nicolai Aleksandrovich Rubakin entre o *Library Journal* e a Universidade de São Paulo**

Novamente no contexto da Biblioteca ECA/USP, encontrei um obituário de “Nicolai Aleksandrovich Rubakin” publicado no volume 72 do periódico *Library Journal*, datado de janeiro de 1947, poucos meses após o seu falecimento (em

novembro de 1946), e indicado por Sylva Simsova (1966a) no artigo *Nicholas Rubakin and Bibliopsychology*. Neste trabalho, a pesquisadora tcheca menciona tratar-se de uma das poucas fontes no campo da BCI em língua inglesa a reconhecer a contribuição das atividades bibliotecárias de Roubakine.

A partir daí, por tratar-se de um periódico, consultei, mais uma vez, o CCN Ibict, a fim de buscar indícios dessa publicação em bibliotecas brasileiras, e verifiquei que a Biblioteca ECA/USP possuía o fascículo no qual o obituário estava inserido. No entanto, uma vez que não tinha acesso ao material, desconhecia a seção e/ou as páginas exatas nas quais apareciam menções ao autor. Em resposta ao contato via *e-mail* e ao não encontrar o obituário na referida publicação, a Biblioteca encaminhou cópias digitalizadas das capas e sumários dos fascículos pertencentes a esse volume para que pudesse verificar. A partir do retorno, consultei os documentos encaminhados e sugeri que, por tratar-se de um obituário, talvez estivesse nas seções *Library World News* ou *Among Librarians* (seções que abordam notícias do universo biblioteconômico e das pessoas bibliotecárias de modo geral) dos dois fascículos, ao que a Biblioteca localizou e enviou uma cópia digitalizada do material.

O acesso a esse obituário desvela indícios do reconhecimento de Nicolas Roubakine no campo biblioteconômico-informacional em língua inglesa ainda na década de 1940, mais especificamente, em 1947, um ano após sua morte e menos de vinte anos das lentes abertas pela produção simsoviana. Isso sugere que, conforme já apontado em Salomão e Saldanha (2025), mesmo que de forma incipiente, não só a figura do teórico, como também o seu trabalho bibliotecário na e para a Rússia, alcançariam o pensamento anglófono em BCI.

- **Dezembro de 2024: Nicolas Roubakine e Paul Otlet se (re)encontram na Biblioteca Nacional da Suíça**

Na obra editada por Sylva Simsova (1968a), *Nicholas Rubakin and Bibliopsychology*, em específico, no capítulo *Guide to the literature on Bibliopsychology* (Guia para a literatura sobre Bibliopsicologia), a bibliotecária tcheca aponta para algumas obras escritas em língua francesa sobre a ciência roubakiniana, mencionando, especialmente, a produção de Adolphe Ferrière e Paul Otlet, figuras próximas ao teórico russo no contexto de fundação do Instituto de Psicologia Bibliológica, em 1929. Dentre as publicações citadas de autoria de Otlet,

Simsova (1968c) chama atenção tanto para o seu *Traité de Documentation*, de 1934, como para o artigo *L'enseignement par soi-même et la lecture systématique* (Autodidatismo e leitura sistemática), publicado na revista *L'interné: organe collectif d'œuvres de prisonniers de guerre* (*L'interné*: órgão coletivo de obras de prisioneiros de guerra), em outubro de 1916 (Otlet, 1916).

Tal produção expõe a leitura não apenas como uma função da vida social, capaz de contribuir para o desenvolvimento das faculdades intelectuais e, poderia acrescentar, para a própria concepção da realidade, como também para sua organização e utilização sistemática — seleção de materiais de leitura a partir das especificidades e habilidades cognitivas de quem lê, como antes postulado pela ciência tecida por Nicolas Roubakine — alinhada ao percurso de autodidatismo, de modo a estender, em língua francesa, o método roubakiniano.

De início, em posse apenas da autoria, título e título da publicação, foi difícil localizar e identificar dados mais específicos sobre a revista *L'interné*. Não encontrei informações no CCN Ibict, bem como a busca em catálogos *online* de bibliotecas próximas ao universo da pesquisa, como a Biblioteca Nacional da França e a Biblioteca Nacional da Bélgica, selecionadas tanto pelo idioma da publicação, como, esta última, por ser o país de origem de Paul Otlet, não retornaram dados expressivos. Foi na Biblioteca Nacional da Suíça, país no qual Roubakine se exilaria e estabeleceria laços afetivos de amizade e profissionais com figuras educadoras e históricas de seu tempo, como Adolphe Ferrière e o próprio Paul Otlet, que encontraria dados mais completos sobre a revista, como o subtítulo e o local de publicação (Lausanne, na Suíça). A partir dos dados identificados, entrei em contato com a Biblioteca Nacional da Suíça, via *e-mail*, em dezembro de 2024, para verificar as possibilidades de acesso remoto à referida publicação para fins de pesquisa acadêmica. Alguns dias depois, recebi uma cópia digitalizada do documento solicitado, demonstrando, mais uma vez, que a pesquisa sobre Nicolas Roubakine atravessaria mais uma fronteira geobiobibliográfica.

- **Dezembro de 2024: Roubakine sob as lentes biográficas de Romain Rolland**

Como desdobramento das investigações realizadas no percurso de busca pela biobibliografia roubakiniana, nos deparamos, em Sylva Simsova (1966a, 1977) e Elena Savova (1998), com a menção aos relatos das memórias do intelectual

francês Romain Rolland em seu *Journal des années de la guerre, 1914-1919: notes et documents pour servir à l'histoire morale de l'Europe de ce temps* (Diários de anos de guerra, 1914-1919: notas e documentos para servir à história moral da Europa naquela época), de 1952. Tal publicação é considerada por seu filho, Aleksandr Rubakin (1979), como central para a compreensão das ideias de Roubakine, tanto no que se refere à relação entre Rolland e o teórico russo no exílio de ambos na Suíça durante a Primeira Guerra Mundial, como também aos laços construídos entre seu pai, Paul Otlet e Adolphe Ferrière nesse período. Além disso, os diários de Romain Rolland revelam vestígios que ajudam a estabelecer fios de conexão entre a configuração do pensamento roubakiniano e a paisagem sócio-histórica e política de seu tempo, a qual influenciaria na tessitura de sua Bibliopsicologia, conforme será visto nas próximas seções.

Em um primeiro momento, tal como se deu no percurso de busca pelo artigo de Otlet (1916), também enfrentei dificuldades para localização dessa obra em catálogos *online* de bibliotecas nacionais e internacionais. Para tanto, consultei o acervo das instituições previamente elencadas a partir dos dados levantados no Sistema E-Mec em janeiro de 2024 e abril de 2025, ou seja, de bibliotecas universitárias que atendem o curso de Biblioteconomia no Brasil; no cenário internacional, segui, novamente, com a procura no *Worldcat*. Em ambos os catálogos, não foram recuperados dados sobre os diários de Romain Rolland.

Desse modo, dado, de um lado, a centralidade dessa obra, conforme antes pontuado por A. Rubakin (1979), para a constituição da biobibliografia roubakiniana e, do outro lado, as dificuldades para sua localização, foram utilizados, no contexto de elaboração do relatório de qualificação de doutorado, apresentado em junho de 2024, os registros encontrados sobre esses diários nas produções de Simsova (1966a, 1977) e Savova (1998), fazendo uso do recurso “citação de citação” (*apud*) quando das menções ao documento na pesquisa.

No entanto, de maneira semelhante ao percurso de busca pela obra de José Edmundo Clemente, *Estética del lector*, o itinerário que perpassa a circularidade das obras de e sobre o pensamento roubakiniano, em sua materialidade bibliográfica, me direciona, mais uma vez, à plataforma da Estante Virtual. Dessa vez, encontrei o diário de Romain Rolland disponível para compra em dezembro de 2024, em um sebo localizado em Brasília, “Sebo Biblioteca de Alexandria”. De igual maneira, tal localização desperta, novamente, para as reflexões sobre como essa obra,

publicada em Paris, em 1952, e não encontrada ao decorrer das buscas realizadas em catálogos *online* de bibliotecas em diferentes partes do mundo, aportou em solo brasileiro. A doxografia roubakiniana continua seguindo seu caminho de (re)constituição.

- **Maio de 2025: Marie Bethmann e o *Institut de Psychologie Bibliologique* de Nicolas Roubakine aportam em Viçosa, Paraná, Brasília e Ceará**

No artigo *Nicholas Rubakin and Bibliopsychology*, Sylva Simsova (1966a) aponta para uma repercussão incipiente, no âmbito da produção anglófona em BCI, sobre o *Institut de Psychologie Bibliologique* (Instituto de Psicologia Bibliológica) fundado por Roubakine em 1929 — antes, *Section de Psychologie Bibliologique* (Seção de Psicologia Bibliológica), em atividade desde 1916 e sobre o qual será abordado nas seções seguintes. De igual maneira, exceto pelas menções de Simsova (1966a, 1977) e Savova (1998) ao artigo publicado em 1949 por Marie Bethmann, *L'Institut Roubakine de Psychologie Bibliologique à Lausanne* (O Instituto Roubakine de Psicologia Bibliológica em Lausanne), não localizei ao longo do recorte teórico-metodológico aqui estabelecido registros específicos sobre a atuação deste Instituto. Assistente de Roubakine, Bethmann constituiria, junto a ele, a única equipe do Instituto de Psicologia Bibliológica que funcionou até o ano de morte do bibliotecário, em 1946, e depois foi continuado por Ferrière junto à própria Bethmann (Simsova, 1966a, 1975).

O artigo de Bethmann (1949), publicado na *Revue de la Documentation* (Revista de Documentação), vinculada à então *Fédération Internationale de Documentation* (Federação Internacional de Documentação) — nome adotado em 1937, mas que, até 1931, seria conhecido como *Institut International de Documentation* (Instituto Internacional de Documentação) e, antes disso, *Institut International de Bibliographie* (Instituto Internacional de Bibliografia), criado por Paul Otlet e Henri La Fontaine em 1895 —, abordaria as atividades do Instituto de Psicologia Bibliológica, bem como as características centrais que demarcam a ciência roubakiniana, apoiando-se, inclusive, no *Traité de Documentation* otletiano de 1934. Ambas as ocorrências, ou seja, a produção dentro de uma publicação fruto do trabalho otletiano em torno da Bibliografia e Documentação, bem como o uso do *Traité* como fonte central e a própria fundação da Seção de Psicologia Bibliológica no IIB já denotam, de certa forma, a proximidade com o advogado belga, cujos

desdobramentos refletiriam não apenas na construção metodológica da ciência bibliológica, como também na sistematização do pensamento roubakiniano culminado em sua obra seminal de 1922.

Nesse contexto, dada a centralidade dessa produção no que se refere à demarcação não apenas teórica e epistemológico-histórica, mas, sobretudo, geo e biobibliográfica, consultei, mais uma vez, o CCN Ibict, na tentativa de encontrar, em alguma biblioteca brasileira, o fascículo da *Revue de la Documentation* que trazia o artigo de Marie Bethmann. Na ocasião, verifiquei que o referido documento estava disponível tanto no acervo da Biblioteca do Ibict, em Brasília, como na Biblioteca de Ciências Sociais Aplicadas da UFPR, a qual atende o curso de Biblioteconomia da instituição e a qual já tinha entrado em contato, em janeiro de 2024, para verificar as possibilidades de acesso ao artigo de Simsova (1966b), *The Rubakin experiment: a preliminary report*.

Em 17 maio de 2025, encaminhei um *e-mail* para as duas instituições, Biblioteca do Ibict e da UFPR, contextualizando a pesquisa de doutorado aqui desenvolvida e solicitando o acesso a uma cópia digitalizada do artigo de Marie Bethmann. Dois dias depois, em 19 de maio, a Biblioteca de Ciências Sociais Aplicadas me enviou o documento, e a Biblioteca do Ibict, por sua vez, não retornou o contato. Ainda, é interessante observar a presença desse fascículo da *Revue de la Documentation* (v. 16, n. 1, 1949) no acervo de outras bibliotecas universitárias que atendem cursos de Biblioteconomia, como a Biblioteca Central da Universidade Federal de Viçosa, em Minas Gerais, e a Biblioteca de Ciências Humanas da Universidade Federal do Ceará.

Nicolas Roubakine cruzaria, mais uma vez, o vasto território brasileiro.

Abaixo, no Quadro 2, está sistematizado o conjunto de materiais recuperados ao longo do percurso investigativo de constituição da biobibliografia roubakiniana:

Quadro 2 - A geobiobibliografia roubakiniana

Mês/Ano	Publicação	Itinerário
Abr. 2021	CLEMENTE, José Edmundo. Estetica del lector : notas para un estudio bibliopsicológico de la literatura. Buenos Aires: El Ateneo, 1950.	Biblioteca Nacional da Argentina BCE/UnB Estante Virtual - Paraná
Maio 2021	FERRIÈRE, Adolphe. A psicologia bibliológica de Nicolas Roubakine. Boletim Bibliográfico , São Paulo, v. XVIII, 1951.	Biblioteca Digital Curt Nimuendajú
	FERRIÈRE, Adolphe. La psychologie bibliologique, d'après les documents et les travaux de Nicolas Roubakine. Archives de Psychologie , Genève, t. XVI, n. 61, p. 101-132, 1917.	Repositório <i>Digital General Collection</i> , Universidade de Michigan, Estados Unidos
Mar. 2022	SENN, Alfred Erich. Nicholas Rubakin : a life for books. Newtonvill: Mass. 1977.	Biblioteca Pública de Nova York
	SIMSOVA, Sylva. Nicholas Rubakin. In: HARRIS, Gordon (ed.). Four studies in Soviet Librarianship . London: Library Association, 1977. p. 7-18.	
	SIMSOVA, Sylva. An evaluation of Nicholas Rubakin's concept of bibliopsychology in the light of current psychological research . 480 p. Thesis (M. Phil) - University of London, 1975.	Biblioteca da <i>University College London</i>
	SIMSOVA, Sylva (ed.). Lenin, Krupskaja and libraries . London: Clive Bingley, 1968.	Biblioteca ECA/USP
	RUBAKIN, Aleksandr Nikolaevitch. Rubakin : lotsman knijnogo moria. [Moskva]: Molodaia Gvardiia, [1967].	Biblioteca da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH/USP)
Mar./dez. 2022	SIMSOVA, Sylva. Nicholas Rubakin and bibliopsychology . London: Clive Bingley, 1968.	Biblioteca Professora Etelvina Lima (ECI/UFGM) BCE/UnB Biblioteca Pública de Nova York
Nov. 2022	LASSO DE LA VEGA, Javier Jimenez Placer. La Bibliopsicologia. In: LASSO DE LA VEGA, Javier Jimenez Placer. Como se hace una tesis doctoral . San Sebastián: Editora Internacional, 1947. p. 121-124.	Centro de Obras Raras e Especiais da Universidade Federal Fluminense (CORES/UFF)
Dez./2022 a jan./2023	SIMSOVA, Sylva. Subjective dimensions of the reading experience. In: MCILWAINE, Ia; MCILWAINE, John; METUCHEN, Peter G. New (ed.). Bibliography and reading : a <i>Festschrift</i> in honour of Ronald Staveley. New York: Scarecrow Press, 1983. p. 66-82.	Biblioteca Central da Universidade Federal de Minas Gerais
Jan. 2023	SIMSOVA, Sylva. Bibliopsychological dimensions of the reading experience. In: IFLA GENERAL CONFERENCE, 53.,	<i>International Federation of Library Associations and</i>

	1987, Brighton, UK. Proceedings [...]. The Hague: IFLA, 1987.	<i>Institutions</i> (IFLA)
Ago./out. 2023	TURIN, Lydia. Dr. N. Roubakin on biblio-psychology. Psyche , [S. l.], p. 74-93, abr. 1929.	Biblioteca CFCH/UFRJ Biblioteca da Universidade de Harvard
Jan. 2024	SIMSOVA, Sylva. The Rubakin experiment: a preliminary report. Research in Librarianship , Oldham, UK, v. 1, n. 4, p. 90-97, out. 1966.	Biblioteca de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Paraná
Mar. 2024	NICOLAI Aleksandrovich Rubakin (Obituary). Library Journal , New York, v. 72, n. 1, p. 94, jan. 1947.	Biblioteca ECA/USP
Set./2023 a fev./2025	CHUBARIAN, Oleg Stepanovich. Bibliotecología general . La Habana: Editorial Científico-Técnica, [1981?].	Biblioteca Adolfo Rodríguez Gallardo (IIBI-UNAM) Biblioteca da Universidade do Kansas
Dez. 2024	OTLET, Paul. L'enseignement par soi-même et la lecture systématique. L'Interné : organe collectif d'œuvres de prisonniers de guerre, Lausanne, n. 1, p. 5, out. 1916.	Biblioteca Nacional da Suíça
	ROLLAND, Romain. Journal des années de la guerre, 1914-1919 : notes et documents pour servir à l'histoire morale de l'Europe de ce temps. Paris: Cercle du Bibliophile, 1952.	Estante Virtual
Mai 2025	BETHMANN, Marie. L'Institut Roubakine de Psychologie Bibliologique à Lausanne. Revue de la Documentation , La Hague, v. 16, n. 1, p. 17-18, 1949.	Biblioteca de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Paraná

Fonte: a pesquisadora (2025).

São essas as conexões que fortaleceriam e motivariam a caminhada acadêmica. O fazer histórico do campo biblioteconômico-informacional que desvela, tal como intentara Roubakine na Rússia do século XIX para o XX, um vasto território de acesso irrestrito ao conhecimento. Dentro do percurso proposto no território do conceito de *íter*, tal como encontrado em Salomão e Saldanha (2025), o relato da trilha teórico-metodológica não apenas autobiobibliográfica, mas também, geobiobibliográfica, no universo dos itinerários das obras roubakinianas, demonstra os caminhos seguidos para a identificação, busca e acesso às fontes que, para esta reflexão, integram e constituem parte da doxografia do teórico russo e, ao mesmo tempo, permitem investigar e compreender a paisagem biobibliográfica de seu pensamento. Trata-se, fundamentalmente, de um movimento não linear, que adentra as fontes primárias — aquelas de autoria de Roubakine — ao mesmo tempo em que se deslocam para as fontes secundárias (aquelas que falam sobre o autor e suas ideias).

Ao longo do percurso investigativo do pensamento crítico e epistemologicamente revolucionário de Nicolas Roubakine para o contexto da virada dos séculos XIX e XX, aqui interessa a fortuna crítica desvelada por parte de sua doxografia, que ajudará, mais a frente, a refletir sobre sua centralidade para a abertura de lentes de discussão para os estudos sobre a leitura em BCI e, de forma mais ampla, a própria configuração científica deste campo. Nesse trajeto, um vasto território de abordagens sobre a Bibliopsicologia podem ser vislumbradas, apontando para autorias que dialogam sobre essa temática direta e indiretamente e que poderiam ser centrais para investigar o pensamento roubakiniano à luz das teorias do campo.

Neste trabalho, significa dizer que a possibilidade de mergulho em parte da doxografia roubakiniana desvelada pelo contato com pessoas e instituições bibliotecárias no Brasil e em diferentes contextos geográficos só foi possível, dentre outras condicionantes, perante o acesso mediado do conhecimento registrado a partir de uma obra ou conjunto de obras em um dado espaço e seu tempo. Cartas, discursos, livros, artigos, atravessam oceanos e continentes, recebem diferentes formas de preservação, arranjo, descrição. Aqui está a busca por um percurso de investigação que perpassa o conjunto de sistemas de organização do conhecimento e fontes alternativas, como os contatos diretos com instituições informacionais, para a investigação sobre os vestígios e as presenças biobibliográficas de Nicolas Roubakine nos espaços dispersos em tempos distintos.

Na próxima seção, a partir das incursões teórico-empíricas para a construção do referencial teórico, relato, já voltando para a primeira pessoa do plural, os caminhos que orientam a operacionalização dos conceitos e categorias analíticas e discursivas que decorrem e mobilizam a biobibliografia roubakiniana. É aqui que delimitamos os caminhos que nos levam de sua obra seminal de 1922, *Introduction à la psychologie bibliologique*, às fontes biobibliográficas desveladas por e para sua doxografia no itinerário percorrido.

2.2 DELIMITAÇÃO DOS CRITÉRIOS DE PESQUISA: caminhos para a operacionalização dos conceitos e das categorias de análise e discussão

A Bibliopsicologia é uma síntese de todas essas ciências, mas uma síntese que persegue seu objetivo particular, que é o estudo da força motriz do discurso cristalizado
(Roubakine, [1922] 1998, p. 16, tradução nossa).⁴²

A partir da seleção e leitura das fontes primárias e secundárias que integram a construção inicial do referencial teórico, conforme abordado na subseção anterior, é possível sugerir que grande parte da produção intelectual e científica de Roubakine, sobretudo no que se refere àquela voltada para a Bibliopsicologia, é orientada por sua biobibliografia — dito de outra maneira, percursos de vida do bibliotecário russo que influenciam sua produção e esta, por sua vez, que influencia sua vida. Mais ainda, o espaço-tempo de onde Roubakine nos fala, atravessado pelo contexto de opressão no império czarista, demarca o desenvolvimento de sua trajetória particular e teórico-metodológica.

Assim, considerando as relações existentes entre vida e obra roubakiniana, emergem como horizonte metodológico para essa reflexão os aportes da Biobibliografia, ancorado nos apontamentos de Diogo Xavier da Mata (2020). No sentido estrito, conforme enunciado pelo pesquisador, a biobibliografia pode ser concebida como o estudo da vida e das obras de uma dada autoria, ou seja, a investigação sobre um indivíduo em conjunto com a sua produção, atuando como uma espécie de fonte de informação biográfica. Em uma dimensão mais ampla, ainda segundo Mata (2020), trata-se de compreender o olhar biobibliográfico para além dos textos de uma determinada autoria dispostos bibliograficamente, alcançando não só a produção sobre essa mesma autoria, como também seus feitos e legado. Para os propósitos desta reflexão, interessa, especialmente, essa definição mais geral.

Na dimensão crítica, social, política e simbólica que pode ser entrevista no interior do discurso biobibliográfico, repousa a noção da biobibliografia como instrumento igualmente simbólico de ordenamento de um mundo que é, ele próprio, em sua condição sócio-histórica, atravessado por contradições que demarcam suas

⁴² No original: *La biblio-psychologie est une synthèse de toutes ces sciences, mais une synthèse poursuivant son but particulier qui est l'étude de la force agissante du discours cristallisé* (Roubakine, [1922] 1998, p. 16).

representações e relações — ou, conforme Mata (2020), um método, um discurso dado por e para regras e enunciações que impõem, nas construções e mediações de saberes que formam esse mesmo mundo social, uma ordem entre os indivíduos que são ilustres e os que não são através do gesto biobibliográfico. No entanto, seria a partir desse próprio gesto, de maneira dialética, que seria possível (re)ordenar o mundo e, tal como o solo epistêmico vislumbrado pela teoria roubakiniana, humanizar a humanidade.

A biobibliografia, entre as vivências de uma autoria e sua produção (a qual também decorre e é mobilizada por esta mesma vida), possibilitaria (re)contar e (re)construir os discursos que formam essas vivências e essas obras; tornaria possível, ainda, dar luz e voz às histórias não contadas, não “ilustres”. No percurso biobibliográfico desta tese, traços biográficos e obra de Nicolas Roubakine nos interessa ao nos permitir compreender as formas pelas quais sua vida tece sua obra e sua obra tece sua vida, em um horizonte sociopolítico que busca, neste gesto biobibliográfico, ilustrar os caminhos que (re)contam e (re)ilustram outras lentes de constituição epistemológica dos estudos sobre a leitura no discurso social do campo.

Como complemento, o enfoque de Roubakine sobre os construtos que envolvem o livro, leitura, leitor, biblioteca, trabalho bibliotecário e transformação social, conceitos centrais que formam e integram a tessitura de seu pensamento bibliopsicológico (em relação direta com o seu espaço-tempo e, em sentido mais amplo, com o próprio campo da BCI), é desvelado por uma abordagem epistemológico-histórica, sociocrítica e fundada nos estudos sobre a leitura no horizonte biblioteconômico-informacional.

Desse modo, o arcabouço teórico-metodológico deste estudo é constituído por duas etapas que, para nós, entrelaçam a biobibliografia roubakiniana. A primeira, de delimitação mais histórica, investiga o pensamento de Nicolas Roubakine centralmente entre as últimas décadas do século XIX e o início do século XX, com foco para a discussão e compreensão sobre aspectos de suas vivências, conceitos-chave e o contexto social, histórico e científico que orienta o desenvolvimento de suas teorias e a fundamentação epistemológica de sua ciência. A segunda etapa, de caráter bibliográfico, considera o plano espaço-temporal de desdobramento dos construtos roubakinianos, tecido na e para a Rússia entre as décadas de 1880 e 1920, com um olhar voltado para a teoria bibliopsicológica consolidada na obra *Introduction à la psychologie bibliologique*, de 1922, buscando

uma articulação entre as vivências do pensador russo e sua obra à luz dos contornos propostos.

Em nosso exercício biobibliográfico, ainda que Roubakine tenha uma vasta atuação intelectual e científica em diferentes atividades e ramos do saber que circulam por temáticas igualmente distintas — embora todas, de uma forma ou de outra, voltadas para as condições de conhecimento e suas potencialidades para a transformação social — acreditamos ser nessa obra de 1922 que podemos encontrar a argumentação teórico-metodológica roubakiniana em torno da Bibliopsicologia. Para nós, esse olhar nos possibilita não só contextualizar Roubakine no cenário histórico, político, científico e social de seu tempo, como também, no ponto que nos toca aqui mais diretamente, investigar e relacionar as noções que circundam a fundamentação de sua ciência com os aportes que orientam os estudos sobre a leitura em Biblioteconomia e Ciência da Informação e a própria construção científico-epistemológico-histórica do campo.

Essa escolha metodológica também está dada diante do amplo território demarcado pela produção intelectual de Nicolas Roubakine pelo menos desde os anos de 1870, quando começou a escrever, ainda adolescente, poemas satíricos. Nesse cenário, A. Rubakin (1979) estima que seu pai tenha publicado cerca de 350 artigos para jornais, 280 livros, em sua maioria, de popularização científica, direcionados às pessoas camponesas e trabalhadoras, além de diversos manuais e programas individuais de leitura e autoinstrução.⁴³ Lydia Turin (1929) compartilha dessa visão, apontando que, entre 1890 e 1926, Roubakine teria escrito não apenas 234 livros, como editado e traduzido mais de 300 trabalhos de pessoas escritoras russas e europeias sobre diferentes temáticas científicas. Interessante mencionar aqui também a edição de uma obra biobibliográfica roubakiniana publicada pela Biblioteca Estatal Russa em 2012, período que marca os 150 anos de nascimento do

⁴³ Neste trabalho, optamos por utilizar o termo “autoinstrução” ao invés de “autoeducação” para nos referir às atividades de Roubakine em torno do autodidatismo, sendo este conceito próximo às noções de “autodidata”, “autodidatismo” e “autodidaxia”, conforme definição do verbete no “Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa”: “Método de aprendizagem em que o aluno, utilizando material instrucional adequado, estuda sem participação direta de professor e em conformidade com seu próprio ritmo ou sua disponibilidade” (Autoinstrução, 2010, p. 246). Em fontes especializadas no campo da Educação, como o “Dicionário crítico de educação e tecnologias de educação a distância”, o termo “autoinstrução” é igualmente utilizado como conceito próximo à “autoformação”, significando um “processo de aprendizagem em que o aprendente controla o seu percurso formativo, sendo responsável pela sua aprendizagem pessoal” (Autoinstrução, 2018, p. 64). Ao longo deste percurso investigativo, não encontramos em fontes gerais ou especializadas de informação referências ao termo “autoeducação”, razão que sustenta a escolha aqui indicada pelo termo “autoinstrução”.

pensador e os 90 anos da publicação de sua obra seminal, *Introduction à la psychologie bibliologique*, nos apontando um horizonte biobibliográfico composto por cerca de 1275 indicações de textos, em russo, de e sobre o teórico (Российская государственная библиотека [Biblioteca Estatal Russa], 2012). Poderíamos acrescentar as obras de Roubakine que seriam censuradas na Rússia nos anos pré-revolucionários, como será visto mais à frente, e os manuscritos e arquivos pessoais existentes na Biblioteca Nacional da Rússia, muitos não publicados.

No entanto, diante da larga produção roubakiniana, da impossibilidade de mapear, analisar e discutir todo o seu trabalho científico e intelectual, das limitações dadas pelas restrições de acesso e ao fato de grande parte de sua produção estar em línguas russa e eslavas, o que dificultaria uma pesquisa mais ampla, nos afastamos um pouco da definição estrita da biobibliografia e adotamos as possibilidades de sua acepção mais ampla, conforme delineado por Mata (2020). Aqui, centramos o nosso olhar nos trabalhos de e sobre Nicolas Roubakine e, mais especificamente, como *corpus* de pesquisa, em sua obra seminal de 1922, que consolida o seu pensamento.

Para tanto, partindo das fontes da tradição da doxografia roubakiniana para mergulhar no percurso biobibliográfico que dá voz ao pensamento do teórico, constituídas centralmente pelas indicações de leitura apresentadas pelo orientador e pela pesquisadora, e pelos esforços empreendidos por bibliotecas e pessoas bibliotecárias em diferentes estados e países, utilizamos duas biografias como aporte: a de seu filho Aleksandr Rubakin, *Rubakin: lotsman knijnogo moria*, em sua segunda edição, de 1979, e a de Alfred Senn, *Nicholas Rubakin: a life for books*, de 1977. Ambas as obras foram selecionadas por aparecerem recorrentemente nas referências das fontes consultadas, e a de Senn (1977), em específico, por estar em língua inglesa.

A biografia escrita por seu filho, apesar de estar em russo, foi utilizada a partir do entendimento de que o texto traria dados fundamentais para nos ajudar a compreender a biobibliografia do teórico. Esta, apesar de apresentar, na própria estrutura dada pela natureza de seu gênero textual, memórias relatadas a partir de uma dada visão sobre o teórico — uma vez narrada por seu filho, com quem mantinha, ao que tudo indica, um vínculo afetivo —, essa obra é também uma fonte interessante de elementos que integram sua vida e descortinam, para nós, o seu percurso como ser social e político, bibliotecário e teórico da leitura. Ainda, ao

decorrer das leituras, verificamos que as informações dadas por A. Rubakin (1979) dialogam, de fato, com outras fontes de conhecimento utilizadas neste estudo.

Em razão das fontes biográficas consultadas, o texto está repleto de citações diretas, uma vez que não foi possível traduzir em nossas palavras os aspectos simbólicos, as lembranças e vivências que marcam e demarcam o percurso do teórico russo. Era melhor que Nicolas Roubakine falasse por si mesmo. Além disso, optamos por manter, nas citações diretas e indiretas, a transcrição original utilizada em cada obra, razão pela qual ora encontramos “Roubakine” ora “Rubakin” ao longo do texto; igualmente, para diferenciar pai e filho quando da transliteração “Rubakin”, adotamos “Rubakin, N.” para nos referirmos à Nicolas Roubakine e “Rubakin, A.” quando da menção à Aleksandr Rubakin.

Como complemento, trazemos as reflexões de um outro texto de Aleksandr Rubakin (1968), *The life of Nicholas Rubakin* (A vida de Nicholas Rubakin), incluído na obra editada por Simsova (1968a), bem como os trabalhos de Sylva Simsova (1966a, 1975) e Elena Savova (1990, 1998), que nos oferecem igualmente vislumbres das vivências roubakinianas em relação ao seu espaço-tempo. Ademais, considerando que são poucas as fontes, sobretudo na expressão brasileira e latino-americana do campo, que se debruçam sobre o pensamento de Roubakine, conforme já observado, estabelecemos diálogo com outras disciplinas e áreas do conhecimento para acrescentar aos dados levantados. Trazemos os aportes de Lydia Turin (1929), James Andrews (2003, 2013) e Romain Rolland (1952).

A segunda etapa, de delimitação mais bibliográfica, aborda as possíveis relações entre as vivências de Roubakine e as noções trabalhadas no bojo de sua teoria bibliopsicológica, partindo das discussões epistemológico-históricas e sociocríticas em BCI e complementadas pelos estudos sobre a leitura no campo. Para tanto, estabelecemos dois horizontes de análise: 1) construtos de uma Epistemologia Histórica em Biblioteconomia e Ciência da Informação, interessada em investigar sob quais condições a ciência roubakiniana se desenvolve e é demarcada por um dado contexto social, histórico, político e epistêmico que se relaciona com a própria fundamentação do campo; e 2) estudos sociocríticos da informação que, em diálogo com as perspectivas delineadas, sugerem uma interpretação do pensamento de Roubakine em consonância com uma proposta de teoria social da leitura e práxis transformadora.

De maneira geral, a articulação com os estudos epistemológico-históricos em BCI é dada, inicialmente, a partir de Gustavo Saldanha (2019b, 2020a) e sua concepção do campo, sob uma vertente crítica, como território dialético atravessado por disputas e contradições em torno das condições e dos processos de conhecimento, contexto em que sobressai, dentre os diversos horizontes interpretativos possíveis, uma noção de práxis transformadora voltada para a leitura — aqui, especificamente a partir dos contornos de Nicolas Roubakine — como um dos caminhos possíveis para a transformação dos modos de pensar, interpretar, interagir e construir o real. No que se refere à abordagem sociocrítica, trazemos para o plano social as reflexões de Paul Otlet (1934), Jesse Shera (1970), Pierce Butler (1971), Carlos Alberto Ávila Araújo (2003), Rafael Capurro (2003) e Shiyali Ramamrita Ranganathan (2009); na dimensão crítica, partimos de Solange Mostafa (1985), Ana Maria Pereira Cardoso (1994), Maria das Graças Targino (1997), Arthur Coelho Bezerra (2019) e Gustavo Saldanha (2019b, 2020a), direcionadas, de maneira específica, à compreensão dos construtos sociais e de fundo teórico-crítico presentes na constituição epistemológica da BCI.

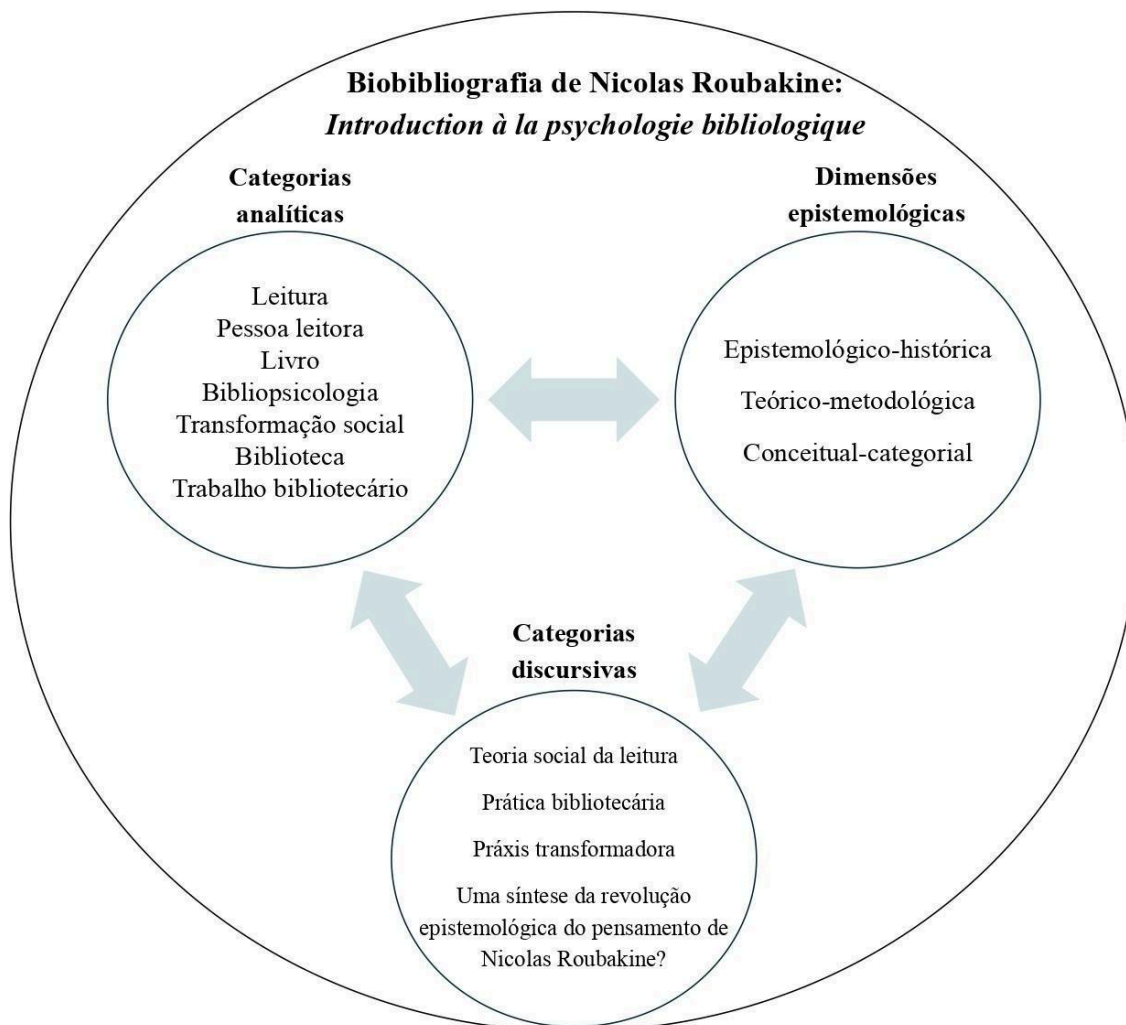
Esse marco teórico é complementado pelas perspectivas teóricas, sociais e epistemológicas sobre a leitura em BCI e em áreas fronteiriças, discutidas no nosso campo por Sylva Simsova (1983), Lúgia Dumont (1998, 2020) e Elsa Ramírez Leyva (2007a,b). Especialmente no que se refere à investigação e discussão sobre a leitura como instrumento potencial de leitura crítica de mundo e transformação social, trazemos, além de Nicolas Roubakine ([1922] 1998), as noções trabalhadas por Paulo Freire (2011), Amanda Salomão (2020), Gustavo Saldanha e Amanda Salomão (2021) e Amanda Salomão e Gustavo Saldanha (2021a).

À luz do objetivo geral proposto para esta pesquisa, ou seja, analisar e compreender a biobibliografia de Nicolas Roubakine para investigar a tessitura de seu pensamento sobre a leitura em BCI entre as décadas de 1880 e 1920 via os estudos epistemológicos e sociocríticos do campo, sobressaem do referencial sete categorias analíticas, concebidas como conceitos centrais dados pelo percurso biobibliográfico roubakiniano: leitura; pessoa leitora; livro; Bibliopsicologia; transformação social; biblioteca; e trabalho bibliotecário.

Essas categorias, retiradas das fontes doxográficas de e sobre o bibliotecário russo e que, para nós, sintetizam os conceitos centrais desenvolvidos no âmbito de suas teorias, constituindo parte integrante das experiências vividas por Roubakine

no plano social (o contexto de opressão czarista entre o final do século XIX e os anos iniciais do XX), bem como praxiológico e teórico-metodológico (a tessitura de sua Bibliopsicologia nesse mesmo período para a instrução popular e a transformação social). Essas categorias analíticas nos ajudam a contextualizar o pensamento roubakiniano em seu cenário sócio-histórico, político e científico, assim como nos permite refletir sobre a centralidade de sua Bibliopsicologia para a configuração de outras lentes para pensarmos o domínio epistemológico da leitura em Biblioteconomia e Ciência da Informação e, em sentido mais amplo, a própria constituição do campo biblioteconômico-informacional.

Ao final do desenvolvimento do referencial e da constituição das categorias analíticas e discursivas, temos como resultado o esquema teórico-metodológico abaixo (Figura 1), que estrutura a orientação teórica do estudo, bem como os processos de construção, análise e interpretação do *corpus*. Este esquema contempla, de um lado, os conceitos que decorrem da articulação das fontes biobibliográficas roubakinianas, as quais fundamentam as categorias de análise (leitura; pessoa leitora; livro; Bibliopsicologia; transformação social; biblioteca; e trabalho bibliotecário) e, do outro lado, as dimensões epistemológicas elencadas como lentes de observação da obra *Introduction à la psychologie bibliologique* (epistemológico-histórica; teórico-metodológica; e conceitual-categorial). Ainda, este diálogo nos conduz às categorias de discussão co-constituídas a partir da análise da obra roubakiniana de 1922, a saber: teoria social da leitura; prática bibliotecária; práxis transformadora; e uma síntese da revolução epistemológica do pensamento de Nicolas Roubakine?, as quais mobilizam e são mobilizadas, ao mesmo tempo, pela biobibliografia de Nicolas Roubakine:

Figura 1 - Esquema teórico-metodológico

Fonte: a pesquisadora (2025).

Para a orientação conceitual da primeira categoria analítica estabelecida, “leitura”, evocamos centralmente, para além da própria obra roubakiniana e suas considerações sobre o ato de ler (Roubakine, [1922] 1998), as concepções da bibliotecária tcheca Sylva Simsova (1983), da pesquisadora brasileira Lígia Dumont (1998, 2020) e da pesquisadora mexicana Elsa Margarita Ramírez Leyva (2007a,b), complementadas pelo enfoque de Amanda Salomão (2020) — esses aportes nos deslocam para a compreensão das experiências de leitura como fenômenos particulares que representam a interação do indivíduo com o real em um dado espaço-tempo. De modo específico, nos interessa a ênfase no olhar sociocrítico dos processos de leitura em sua concepção como leitura de mundo; como apoio a essa fundamentação teórica, trazemos as reflexões do filósofo e educador brasileiro Paulo Freire (2011), que se aproxima das discussões tecidas por Nicolas Roubakine ainda

entre as últimas décadas do século XIX e início do XX, e os apontamentos de Gustavo Saldanha e Amanda Salomão (2021) e Amanda Salomão e Gustavo Saldanha (2021a).

Na abordagem da “pessoa leitora”, nossa segunda categoria de análise, trazemos as ideias de Roubakine ([1922] 1998) sobre o leitor como um ser social que exerce um movimento ativo nos processos de leitura e apropriação de saberes, relacionando as interações com o artefato lido com a posição de sua consciência em um dado contexto. Aqui, partimos de Sylva Simsova (1983), Lúgia Dumont (1998, 2020) e Amanda Salomão (2020).

Sobre a terceira categoria de análise, “livro”, dialogamos com as noções trazidas por Nicolas Roubakine ([1922] 1998), complementadas, inicialmente, pelo estudo bibliológico de Paul Otlet (2018) em seu *Traité de Documentation*, de 1934. Os estudos roubakinianos pontuam a existência do livro, enquanto artefato material, em relação ao leitor ao invés de ser um fim em si mesmo, ou seja, um objeto imutável; seu conteúdo existe, pois, em relação a quem escreve e quem lê (Otlet, 2018). Trata-se de conceber o artefato enquanto um produto sócio-histórico que reflete as configurações psicológicas, subjetividades e contextos daquele que lê e daquele que escreve, ambos produtores de sentido e em constante interação durante as experiências de leitura em um dado espaço-tempo. Centralmente, nos interessa destacar o objeto livro em sua conotação ampla, “tudo aquilo que pode ser lido”, abarcando não somente a condição material do artefato, como também sua dimensão simbólica — o “livro” como uma espécie de mediação entre quem lê e a realidade social, ou seja, forma de contato do indivíduo com o mundo, como também em sua representação como instrumento de acesso ao conhecimento e, sobretudo, luta social e política pela transformação do real.

Especificamente sobre a “Bibliopsicologia”, nossa quarta categoria analítica e que, de certa forma, representa e conceitualiza as outras noções que envolvem a teoria roubakiniana, como livro, leitura e leitor, abordamos as articulações propostas pelo próprio Nicolas Roubakine ([1922] 1998), acrescidas pelas discussões trazidas, no âmbito e para além da BCI, por Adolphe Ferrière (1917, 1951), Lydia Turin (1929), Sylva Simsova (1966a, 1969, 1975, 1977), Elena Savova (1990, 1998), Elena Savova e Robert Estivals (1993), Robert Estivals (1998), Paul Otlet (2018) e Gustavo Saldanha (2019a,b).

No que se refere à categoria “transformação social”, nos debruçamos na trajetória roubakiniana como um movimento de práxis que sugere, dentre os caminhos possíveis de interpretação de suas teorias, uma união entre teoria (os estudos sobre a leitura e o leitor) e prática (as ações de incentivo às condições de acesso ao conhecimento) como forma de transformar uma realidade social atravessada por circunstâncias desiguais e autocráticas de existência — inclusive no plano dos modos de produção, circulação, acesso, apropriação e uso da informação em domínio de uma elite cultural minoritária. Em diálogo com os construtos sociais e críticos presentes na argumentação epistemológica em BCI, o pensamento de Roubakine sobressai como possibilidade de desvelamento, na própria constituição do campo, de um território dialético historicamente comprometido com um horizonte de transformação. Para tanto, a fim de investigar a articulação desta categoria à luz das aproximações entre as lentes roubakinianas e as dimensões sociocríticas no campo, nos apoiamos nas abordagens de Solange Mostafa (1985), Ana Maria Pereira Cardoso (1994), Maria das Graças Targino (1997) e Gustavo Silva Saldanha (2019b, 2020a).

Para abordar a categoria de análise “biblioteca”, nos debruçamos, de um lado, nas vivências roubakinianas nesse *locus*, desde a influência exercida por sua mãe na infância e juventude, quando entra em contato com a prática bibliotecária na biblioteca fundada por ela, Biblioteca L. T. Rubakina, até quando constrói sua biblioteca na Suíça, já no exílio. Por outro lado, em nosso exercício biobibliográfico, emerge uma dimensão social e, poderíamos dizer, praxiológica, que pode ser entrevista nas concepções de Roubakine sobre as bibliotecas, em relação com as condições históricas e sociais que demarcam seu espaço-tempo, ou seja, o contexto pré-revolucionário russo. Sob essa perspectiva, partimos do olhar de Mary Stuart (1998), do ensaio de N. Rubakin e Marie Bethmann (1968) e, no que se refere ao horizonte de práxis transformadora que parece circunscrever o pensamento roubakiniano, trazemos os aportes de Maria das Graças Targino (1997) e Felipe Meneses Tello (2021).

Em relação à categoria “trabalho bibliotecário”, desdobrada em diálogo direto com a categoria “biblioteca”, nos interessa a compreensão praxiológica da experiência social do campo biblioteconômico-informacional, das bibliotecas e do trabalho bibliotecário, exercido por Nicolas Roubakine em profunda conexão com a figura leitora como conceito e categoria central de sua abordagem, bem como com

um cenário que vislumbra na teoria do campo uma forma de encontrar sua aplicação no real. Para tanto, recorreremos, mais uma vez, às reflexões de N. Rubakin e Bethmann (1968), Targino (1997) e Meneses Tello (2021).

Para os processos de análise e discussão dos dados a serem coletados por meio da pesquisa histórica e biobibliográfica na doxografia roubakiniana, especificamente, na reedição da obra *Introduction à la psychologie bibliologique* de 1998, nos interessa extrair trechos que demonstram a centralidade desses conceitos para a constituição do *corpus* teórico e metodológico da ciência tecida por Nicolas Roubakine e como esse mesmo *corpus*, conforme demonstrado por esses trechos, oferecem diferentes lentes para pensarmos a fundamentação epistemológica da BCI, em especial, os estudos científicos sobre a leitura no campo. Dito de outro modo, nos interessa analisar, compreender e discutir conceitos abordados na teoria bibliopsicológica de Roubakine, em diálogo com as categorias analíticas aqui elencadas, que se relacionam ao plano sociocrítico da leitura e da pessoa leitora, junto aos estudos teóricos e epistemológico-históricos em BCI. Trata-se de percorrer um caminho que triangula o percurso biobibliográfico de Roubakine, as categorias propostas por sua Bibliopsicologia e as possíveis articulações com a constituição científica do domínio da leitura no campo.

Do exercício indutivo de leitura e análise da obra roubakiniana à luz das categorias analíticas do estudo, ou seja, a busca por registros que demonstrem como Roubakine mobiliza esses conceitos no centro de sua epistemologia (a qual se desdobra, por sua vez, de sua biobibliografia e atuação praxiológica), os trechos extraídos apontam para três dimensões epistemológicas que nos ajudam a sistematizar o pensamento de Roubakine sobre os atos de ler em relação com o domínio biblioteconômico-informacional, conforme descrito abaixo:

1. **Dimensão epistemológico-histórica:** desdobramento das correntes analisadas e discutidas por Roubakine que ancoram a epistemologia da Bibliopsicologia no diálogo com diferentes campos científicos, partindo de delineamentos epistemológicos dados por sua própria trajetória biobibliográfica (a influência de sua mãe, sua atuação como bibliotecário, o contexto czarista, a circulação por diferentes áreas do conhecimento no cenário de atuação na elaboração de obras de popularização científica, a dominância da corrente positivista no plano científico e a construção de sua

obra de 1922), as quais contextualizariam o teórico russo no âmbito científico de seu tempo. Sobressaem aqui, centralmente, aproximações com abordagens de cunho positivistas (fruto do cenário científico de seu tempo, embora imbricado em um horizonte pragmático) provenientes de áreas como Psicologia; estudos da linguagem; estudos literários; Física; Biologia; e Bibliologia e Bibliografia — entrevistas no que Nicolas Roubakine posiciona como as cinco leis fundamentais da Bibliopsicologia e que, para nós, desvelam-se a partir das possibilidades de aportes ensejados pelo olhar roubakiniano via a proximidade de suas teorias com um horizonte de transformação social, o qual apontaria, por sua vez, para as possibilidades de fundamentação epistemológica do campo biblioteconômico-informacional a partir da leitura;

2. **Dimensão teórico-metodológica:** teorias analisadas e discutidas por Roubakine que apontam para diálogos entre a compreensão de conceitos que integram a *episteme* do campo da BCI, como leitura, leitor, livro, biblioteca e prática bibliotecária, via diálogos com teorias e autorias fronteiriças à Bibliopsicologia; sobressaem aqui, como será discutido posteriormente, os estudos da linguagem de Wilhelm von Humboldt e Aleksandr Potebnia; as teorias de Émile Hennequin e Hippolyte Taine no campo dos estudos literários, a partir do qual desvela-se a própria noção de *mnéma*, advinda da teoria biológica de Richard Semon; igualmente, as teorias positivistas de Auguste Comte e Gabriel Tarde, que alicerçam teoria e método roubakiniano; e, ainda, as reflexões do físico Ernst Mach diante de uma utilização ordenada e econômica da experiência de leitura que, aplicada à Bibliopsicologia, conduziria a uma apropriação de saberes com o mínimo de esforço (a noção de economia de forças);
3. **Dimensão conceitual-categorial:** conceitos definidos por Roubakine que apontam para uma espécie de “vocabulário” singular construído por ele — em nossa proposta, constituído como parte de uma fundamentação epistêmica para a BCI enquanto campo científico; essa articulação se desloca para o diálogo direto com as categorias de análise estabelecidas para esse estudo, como “leitura”; “pessoa leitora”; “livro”; “Bibliopsicologia”; “transformação social”; “biblioteca”; e “trabalho bibliotecário”.

Das noções advindas da análise e apreciação dos dados, sobressaem diálogos com os construtos que formam a epistemologia da BCI em seu horizonte social e crítico, junto ao olhar praxiológico entrevisto nas investigações roubakinianas sobre a leitura e em sua atuação como bibliotecário. Sendo assim, nos meses de abril, maio e junho de 2025, realizamos a leitura da obra de Roubakine, *Introduction à la psychologie bibliologique*, em sua reedição de 1998, com foco na análise das categorias que, em nosso entendimento, representam o núcleo epistêmico da ciência roubakiniana, dados a partir das noções de Bibliopsicologia; leitura; pessoa leitora; livro; biblioteca; trabalho bibliotecário; e transformação social, analisadas e discutidas à luz das três dimensões epistemológicas acima descritas.

Na primeira dimensão, epistemológico-histórica, estruturamos a análise dos dados a partir das ciências apontadas por Roubakine que fazem fronteira com a Bibliopsicologia, de onde sobressaem diálogos com a própria *episteme* do campo biblioteconômico-informacional; na segunda dimensão, teórico-metodológica, nos debruçamos, de um lado, nas cinco leis da Bibliopsicologia: Humboldt-Potebnia; Hennequin; Taine; Tarde; e Mach e, do outro lado, no método que, junto a essa dimensão teórica, ancora o olhar positivista de Roubakine sobre os estudos da leitura a partir do contexto científico de seu tempo. Para a terceira dimensão, conceitual-categorial, organizamos esta seção pelos conceitos centrais identificados na obra roubakiniana que mais se relacionam à presente pesquisa e ao discurso epistemológico da BCI, quais sejam: livro; leitor; leitura; e *mnéma*.

Ao mesmo tempo, diante das vastas possibilidades de articulação que a obra seminal roubakiniana nos lança a partir de seu diálogo com diferentes áreas do conhecimento, em especial, com a Psicologia, é preciso ressaltar que, para nós, interessam mais os pontos que aproximam a Bibliopsicologia do campo biblioteconômico-informacional diante de um olhar social do que as dimensões psicológicas entrevistadas na teoria e no método desta ciência, nas quais sobressaem uma perspectiva mais específica sobre a ação do livro e o estudo do leitor em uma esfera psíquica e, até mesmo, psicanalítica, que foge ao escopo da presente pesquisa abordar e que poderia encontrar terreno fértil de articulação na Psicologia.

Além disso, os conceitos de subjetividade e intersubjetividade trabalhados nesta tese não são dialogados em profundidade com a abordagem psicológica, entendendo, mais uma vez, que trata-se de uma temática que poderia ser discutida

nas relações traçadas entre o pensamento de Roubakine e o campo dos estudos psicológicos. Para nós, interessa demarcar, à luz da Bibliopsicologia, o que concebemos por essas noções: o plano subjetivo, voltado para a relação do indivíduo com o “próprio eu” no qual, segundo Dumont (1998), a subjetividade emerge como elemento central para a diferenciação dos atores sociais — as formas singulares de perceber e interpretar o mundo, manifestadas na interação da pessoa leitora com o objeto lido; e a dimensão intersubjetiva, na relação do eu com o “outro”, ou seja, com uma realidade social e historicamente construída. Ao retomarmos a teoria roubakiniana, significa dizer que, ainda que os atos de leitura configurem uma interação subjetiva entre leitor e livro (o estudo do leitor em sua individualidade), essas mesmas experiências são, *a priori*, intersubjetivas, isto é, resultado das relações traçadas com o real e que são mediadas, por sua vez, por atores, espaços e objetos que propiciam modos distintos de apropriação da leitura (Salomão, 2020).

Em outras palavras, compreendemos aqui que os estudos da pessoa leitora e suas experiências de leitura propostos pelo pensamento de Roubakine ([1922] 1998) conjuga, de um lado, a “subjetividade”, a investigação do leitor nas profundezas da alma humana e, do outro lado, a “intersubjetividade”, expressa no estudo do leitor em seu meio social e histórico de construção de formas de entender a realidade ao redor. A percepção do indivíduo sobre o artefato de leitura e a apropriação e uso que faz dele no espaço-tempo estão inseridas, para os propósitos desta pesquisa, no interior de uma concepção do real como uma construção social perpassada, ao mesmo tempo, por relações subjetivas e intersubjetivas, ou seja, condicionada tanto pelas formas individuais quanto sociais de observação do mundo.

De igual maneira, não nos aprofundamos nas especificidades do método roubakiniano que orientam as formas de mensuração do comportamento leitor em suas bases matemáticas e estatísticas, tampouco no âmbito de aplicação deste mesmo método, temática que compreende o volume segundo da *Introduction à la psychologie bibliologique* de Roubakine, bem como integra o escopo de outros estudos empreendidos pela bibliotecária tcheca Sylva Simsova, como em *The Rubakin experiment: a preliminary report* (Simsova, 1966b) e *Librarians as readers: bibliopsychological studies: 1966-1984* (Simsova, 1987b).

Este percurso nos direciona, pois, para a constituição de outras lentes para pensar a leitura em BCI, dadas a partir de categorias que servem como orientação teórica e metodológica para a etapa de discussão dos resultados. Tratam-se, de

forma específica, de três categorias discursivas almejadas via conceitos co-constituídos a partir do pensamento de Roubakine, as quais sintetizam e possibilitam um olhar sobre o exercício biobibliográfico roubakiniano, ao mesmo tempo em que reúnem, para nós, as categorias analíticas e dimensões epistemológicas propostas para este trabalho. Em outras palavras, trata-se de uma espécie de consolidação conceitual dos construtos que o pensamento do bibliotecário russo nos traz para refletirmos e pensarmos a configuração científica do campo sob outras lentes.

Abaixo, descrevemos as categorias discursivas propostas:

1. **Teoria social da leitura:** aporte caro à Roubakine e que orienta a metodologia e os objetivos de sua pesquisa, ancorada não só na leitura de um objeto material, mas sim na noção de leitura de mundo diante de uma perspectiva crítica e reflexiva — dito de outro modo, a praxiologia da leitura roubakiniana;
2. **Prática bibliotecária:** um dos focos de atuação roubakiniana e, nesta tese, situada no plano de uma prática institucional biblioteconômica, ou seja, a biblioteca como uma instituição social que não somente reflete e é refletida pela realidade social, mas que também interfere nesse mesmo real, de modo a alcançar, conforme segue abaixo;
3. **Práxis transformadora:** conjunção dessas duas primeiras categorias, teoria social da leitura e prática bibliotecária; o trabalho bibliotecário roubakiniano através da leitura alinhado a um horizonte de teoria e prática voltado para a transformação social como elemento fundador da BCI como campo científico;
4. **Uma síntese da revolução epistemológica do pensamento de Nicolas Roubakine?:** como síntese da discussão traçada nas categorias discursivas anteriores, o olhar sobre uma proposta apresentada no pensamento roubakiniano que permite revolucionar a ciência que o teórico russo tem como objeto, criação e foco social; em outras palavras, como não antever uma revolução epistemológica na biobibliografia de Roubakine?

O diálogo mais próximo entre as quatro categorias acima e os aportes que nos permitem posicionar o pensamento roubakiniano à luz das dimensões sociocríticas em Biblioteconomia e Ciência da Informação se desdobra através de

uma seleção quase que arbitrária nas fontes epistemológicas e históricas do campo, manifestadas, centralmente, nos estudos de Paul Otlet (1934), Pierce Butler (1971) e Shiyali Ranganathan (2009) desenvolvidos nos anos de 1930; Jesse Shera (1970) e seu enfoque social no contexto da Escola de Chicago; Solange Mostafa (1985), Ana Maria Pereira Cardoso (1994) e Maria das Graças Targino (1997) sob as lentes teórico-críticas e sociais de observação da constituição epistemológica da BCI; das reflexões de Rafael Capurro (2003) e Carlos Alberto Ávila Araújo (2003) no horizonte histórico e epistêmico biblioteconômico-informacional.

Com isso, esperamos encontrar diferentes abordagens e correntes epistemológicas, dadas pelo olhar bibliopsicológico roubakiniano, que apontam para outras lentes, via uma trilha teórico-metodológica não muito discutida no plano ocidental da Biblioteconomia e Ciência da Informação — sobretudo em sua expressão brasileira e latino-americana — que nos oferecem outras possibilidades de reflexão para a constituição epistêmica do campo. Este, não vinculado aos propósitos de estabelecer e/ou situar cronologicamente um discurso de pioneirismo sobre a fundamentação da BCI em tal período, em tal país e em tal autoria, mas sim comprometido com o reconhecimento de uma certa originalidade na epistemologia roubakiniana, em seu espaço-tempo, e com os esforços de demonstração de construção de uma ciência fundada, dentre muitas de suas linhas de interpretação, em uma práxis transformadora que se manifesta a partir do próprio gesto leitor de transformação do mundo.

3 UMA BIOBIBLIOGRAFIA [БИБЛИОГРАФИЯ] ROUBAKINIANA EM CURSO: travessias teóricas e aplicadas de Nicolas Roubakine entre 1862 e 1946

Um homem que não só entendeu, mas também entusiasticamente pregou a estreita ligação entre teoria e prática, o livro e o real (Rubakin, A., 1979, p. 136, tradução nossa).⁴⁴

Neste trabalho, consideramos que, para compreender Roubakine à luz das teorias epistemológico-históricas-sociais em BCI, seria preciso tecer sua biobibliografia; ou seja, analisar e compreender, antes, aspectos de sua vida, os caminhos que orientam e demarcam o seu percurso como bibliotecário, teórico da leitura e, poderíamos também dizer, ser social. Um mergulho em suas vivências representa, para nós, um vislumbre dos caminhos que formam e integram o pensamento roubakiniano, os construtos que entrelaçam sua biobibliografia, sua trajetória como bibliotecário, editor, tradutor, popularizador da ciência, entre diversos outros caminhos tomados pelo teórico. A produção de Roubakine, conforme veremos, é não apenas orientada por suas vivências no real, como também por e para as experiências sociais nessa mesma realidade; a tessitura de sua Bibliopsicologia, conceito seminal trabalhado pelo teórico, é apenas um dos elementos que integram um pensamento voltado para os potenciais de transformação social via livro e leitura.

De maneira específica, nos interessam as aproximações entre o pensamento de Nicolas Roubakine e os contornos epistemológico-históricos e sociocríticos em BCI que circundam a construção de suas teorias, com foco para a centralidade dada às experiências de leitura. A partir de uma pesquisa histórica e biobibliográfica, utilizamos o levantamento discutido nas seções anteriores como instrumento de coleta de dados de fontes primárias e secundárias para abordar a demarcação teórica do estudo. Conforme já observado antes, partimos centralmente dos esforços empreendidos por bibliotecas e pessoas bibliotecárias, tendo por base as fontes mencionadas na literatura científica de e sobre Roubakine, as leituras indicadas pelo orientador e pela pesquisadora e os demais materiais recuperados via consultas em bases de dados nas fontes históricas e epistemológicas em BCI e nas ciências humanas e sociais. Nessas leituras, a ideia é compreender sob quais condições o

⁴⁴ No original: *Человек, не только понимавший, но и с энтузиазмом проповедовавший тесную связь теории и практики* (Rubakin, A., 1979, p. 136).

pensamento roubakiniano, especialmente em sua relação direta com a leitura, é contemplado e discutido no discurso biblioteconômico-informacional, de modo a orientar a constituição e operacionalização dos conceitos e categorias analíticas e discursivas que nos interessam abarcar.

Na seção “3.1 Nicolas Roubakine entre Oranienbaum e a leitura-educação para o povo na Rússia”, adentramos os meandros que dão voz à biobibliografia de Roubakine circunscrita na tessitura de um pensamento imbricado com as possibilidades de transformação social. Em “3.2 Os fios que costuram uma biobibliografia: mais de cem anos de Bibliopsicologia revolucionária roubakiniana”, avançamos para as discussões sobre a ciência inaugurada pelo bibliotecário russo, com foco para a análise e compreensão de seu percurso de construção, dos conceitos centrais desenvolvidos no bojo desta teoria e de suas articulações epistêmicas.

3.1 NICOLAS ROUBAKINE ENTRE ORANIENBAUM E A LEITURA-EDUCAÇÃO PARA O POVO NA RÚSSIA

[...] as aspirações da juventude são também as minhas aspirações; o estado de espírito da luta é meu também – isso e a minha crença na plena possibilidade de implementação de uma ordem social baseada em princípios trabalhistas verdadeiramente novos e justos - esta é também a minha fé até os dias de hoje. Até hoje e até o fim dos meus dias

(Carta de Nicolas Roubakine para Ivan Ivanovich Lebedev,⁴⁵ 1928 *apud* Rubakin, A., 1979, [p. 5], tradução nossa).⁴⁶

No obituário de Nicolas Roubakine escrito por Marie Bethmann, sua assistente, em 1947, ela nos diz que “Ele foi forçado a emigrar, porque o regime czarista olhava com muita má vontade para este revolucionário que, até a sua morte, lutou contra o que ele chamava de três injustiças: a distribuição injusta dos bens materiais, dos direitos civis e políticos e, finalmente, da instrução, ou seja, o

⁴⁵ Ivan Ivanovich Lebedev (1859-1949) foi um escritor e dramaturgo russo proveniente dos grupos sociais camponeses. Desenvolveu sua trajetória literária em torno da poesia e do teatro camponês. Disponível em: <https://map.lib48.ru/personalii/urozhentsy-lipetskogo-kraya/138-lebedev-i-i>. Acesso em: 03 fev. 2024.

⁴⁶ No original: *Нет, стремления молодости — это и мои стремления, настроение борьбы — это и мое настроение, вера в полную возможность осуществления социального строя на принципах действительно новых, справедливых, трудовых — это и моя вера до сих пор и до конца дней* (Н. А. Рубакин. Письмо к И. И. Лебедеву от 5/IV 1928 г. *apud* Rubakin, A., 1979, [p. 5]).

conhecimento, as ideias e a possibilidade de sua livre realização” (Bethmann, 1947, p. 28, tradução nossa).⁴⁷

Esse trecho, datado de um ano após a morte do bibliotecário russo, evidencia, para os propósitos deste trabalho, parte do que seria o centro da vida e do pensamento roubakiniano. Em outras palavras, significa dizer que a trajetória de Roubakine é demarcada, centralmente, pelo cenário de opressão na Rússia czarista, entre as últimas décadas do século XIX e os primeiros anos do XX, junto das agitações dos movimentos políticos e sociais de 1905 que desencadeariam, anos depois, na Revolução Russa de 1917. Além disso, Alfred Senn (1977) destaca o contexto atravessado pela Primeira (1914-1918) e a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), ambas vivenciadas pelo bibliotecário já em seu exílio na Suíça — igualmente, poderíamos incluir aqui outros contextos de desigualdades e autocracias que dialogam, direta e indiretamente, com as potencialidades de transformação postuladas pela teoria roubakiniana.

Nessa conjuntura, o teórico russo indagaria sobre as condições de aplicação de sua teoria, a Bibliopsicologia, para a criação e desenvolvimento de tomadas de consciência críticas em uma realidade perpassada por opressões, desigualdades e conflitos sociopolíticos, acreditando que o povo russo, especialmente as camadas menos favorecidas, tinham grande desejo de ler e aprender (Senn, 1977). É este horizonte, diríamos, que inspira e orienta o pensamento e a proposta roubakinianas, na qual o livro e a leitura são concebidos não somente como instrumentos de reflexão e interação com a realidade — permitindo reconhecê-la em sua condição autocrática e desigual —, mas, para além disso, artefatos potenciais de luta por uma “vida nova”; para o autor, a transformação social, a ressignificação dos modos de pensar, construir e se relacionar com o real, na busca por um mundo baseado nos princípios da justiça social (Roubakine, [1922] 1998; Saldanha, 2019a).

Em biografia dedicada ao bibliotecário, *Rubakin: lotsman knijnogo moria* (Rubakin: piloto do mar dos livros), escrita por seu filho, Aleksandr Rubakin, o autor nos introduz ao âmbito das vivências roubakinianas, navegando, como o próprio título da obra faz referência, pelas experiências, saberes e orientações que integram e formam o seu pensamento em torno do livro, da leitura, da biblioteca, da realidade

⁴⁷ No original: *Il fut contraint d'émigrer, car le régime tsariste voyait d'un fort mauvais oeil ce révolutionnaire qui jusqu'à sa mort, luttait contre ce qu'il appelait les trois injustices: la distribution injuste des biens matériels, des droits civils et politiques, et enfin de l'instruction, c'est-à-dire du savoir, des idées et de la possibilité de leur libre réalisation* (Bethmann, 1947, p. 28).

social e dos potenciais desses objetos para a transformação do mundo. Dito de outro modo, a proposta de A. Rubakin (1979, p. 11-12, tradução nossa) é narrar os esforços roubakinianos no que denomina como o “campo de serviço ao povo, à ciência e à revolução”.⁴⁸ Ele nos diz que Roubakine viveu 84 anos, sendo 40 deles passados na Suíça, longe de sua terra natal — mas, ao mesmo tempo, trabalhando apenas para a sua terra natal (Rubakin, A., 1979).

No decorrer de sua trajetória, continua A. Rubakin (1979), Roubakine viveu entre livros e bibliotecas; mais ainda, para livros e bibliotecas. As lembranças de infância e juventude de Aleksandr são marcadas pelo trabalho de seu pai:

Desde muito jovem, na casa de meu pai, vivi entre livros. Não foi sem razão que as palavras ‘entre livros’ se tornaram o título de seu trabalho mais capital, no qual ele descreveu os tesouros dos livros russos. Um livro, o amor de um livro, por recolhê-lo, por estudá-lo, essa foi a base e, eu diria, a única paixão de meu pai (Rubakin, A., 1979, p. 54, tradução nossa).⁴⁹

[...] quando falo de bibliotecas, penso em meu pai e, quando falo de meu pai, penso em bibliotecas. Vejo-o cercado por seus livros, vejo-o em seu escritório com um livro na mão. Vejo-o no quarto de sua casa em São Petersburgo, depois em Vyborg,⁵⁰ depois na Suíça. Sobre a cama, ao lado da cama, em todos os lugares onde um livro poderia ser colocado [...]. Meu pai trabalhava em casa o dia todo ou pesquisava sobre livros na biblioteca. Ele tinha um grande escritório repleto de estantes de livros. Nós, crianças, não tínhamos permissão para entrar ali quando meu pai estava trabalhando. Às vezes, quando a porta estava entreaberta, eu via meu pai sentado à sua mesa, coberto de livros e escrevendo (Rubakin, A., 1979, p. 54-55, tradução nossa).⁵¹

[Na Suíça], prateleiras simples de madeira com livros junto às paredes de seu apartamento. Eles preenchem a sala de jantar, o corredor, a cozinha, o quarto no qual ele dormia, cercavam sua cama

⁴⁸ No original: *в области служения народу, служения науке, служения революции* (Rubakin, A., 1979, p. 11-12).

⁴⁹ No original: *С ранних детских лет в доме моего отца я жил среди книг. Недаром эти слова «среди книг» стали названием его самого капитального труда, в котором он дал описание русских книжных богатств. Книга, любовь к книге, к ее собиранию, ее изучению — вот что было основой и, я сказал бы, единственной страстью моего отца* (Rubakin, A., 1979, p. 54).

⁵⁰ Finlândia, à época, parte do Império Russo. Vyborg é também um dos locais para onde Roubakine exilou entre as últimas décadas do século XIX e os primeiros anos do XX (Rubakin, A., 1979).

⁵¹ No original: *[...] говоря о библиотеках, я думаю об отце, а говоря об отце, думаю о библиотеках. Я вижу его, окруженного своими книгами, в рабочем кабинете с книгой в руке. Я вижу его в спальне его квартиры то в Петербурге, то в Выборге, то в Швейцарии, с грудami книг под кроватью, над кроватью, рядом с кроватью, на ночном столике, повсюду, куда только можно положить книгу. [...] Отец весь день работал дома или рылся в книгах в библиотеке. У него был большой кабинет, сплошь заставленный шкафами с книгами. В этот кабинет нам, детям, не полагалось входить, когда отец там работал. Иногда, когда приоткрывалась дверь в него, я видел отца, сидящего за столом, обложенного книгами и писавшего* (Rubakin, A., 1979, p. 54-55).

por cima e por baixo. Mesmo embaixo da cama havia pilhas de livros ainda não classificados, os quais ele geralmente olhava à noite, antes de ir dormir (Rubakin, A., 1979, p. 137, tradução nossa).⁵²

Evocamos as lembranças de Aleksandr Rubakin, pois, para nós, elas parecem centrais por representarem a devoção ao livro e à leitura que marcaria a trilha de Roubakine, demonstrando que a preocupação do teórico com as condições de leitura das massas populares russas ocupava não somente o âmbito profissional, mas, sobretudo, o núcleo de suas vivências e de seu pensamento, em um caminho biobibliográfico que tece vida e obra, obra e vida. Em outro lugar, o historiador Donald Senese (1978, p. 1303, tradução nossa) nos diz que “a força motivadora da carreira de Roubakine foi a sua crença no poder dos livros como instrumentos de esclarecimento e transformação social.”⁵³ Igualmente, para Sylva Simsova (1975), as vivências de Roubakine foram orientadas por seu trabalho — o bibliotecário russo não hesitava em sacrificar seu conforto e o de sua família em prol dos interesses da causa pela qual lutava, ou seja, pela instrução popular e acesso irrestrito ao livro.

O percurso biobibliográfico de Roubakine seria demarcado por sua atuação em diferentes campos científicos — entre eles, o que mais nos interessa, na Biblioteconomia. O teórico possuía conhecimentos sobre temáticas diversas, tendo começado a escrever na década de 1870, ainda muito jovem, e publicado, ao longo de sua vida, poemas satíricos, livros, artigos críticos e científicos para jornais e periódicos, materiais de popularização da ciência, bem como bibliografias, manuais de autoinstrução e programas individuais de leitura, distribuídos igualmente em áreas de saberes distintas, o que o levaria a ser reconhecido, por muitas figuras intelectuais russas da época, como um enciclopedista (Rubakin, A., 1968). Dentre esses campos, A. Rubakin (1979) menciona alguns exemplos no que se refere às obras de popularização científica publicadas por seu pai, como Matemática, Física, Estatística, Geologia, Biologia, Psicologia, Ciências Sociais, Sociologia, Economia, Política, Direito, História, Religião, Filosofia e Ética — escritos e discussões dos quais muitos seriam censurados, no cerne da Rússia czarista, por suas críticas ao regime vigente e por tratar de conhecimentos tidos à época como subversivos e

⁵² No original: *Простые деревянные полки с книгами тесно прилепали к стенам его квартиры. Они заполняли столовую, коридор, кухню, комнату, где он спал, они обступили его кровать сверху и снизу. Даже под кроватью лежали пачки книг, еще не разобранных, которые он обычно просматривал по вечерам в постели перед сном* (Rubakin, A., 1979, p. 137).

⁵³ No original: *The motivating force of Rubakin's career was his belief in the power of books as the efficacious instrument of enlightenment and social change* (Senese, 1978, p. 1303).

depois, no período soviético, criticados por não conhecer a fundo os temas sobre os quais escrevia e por não incluir uma perspectiva materialista-dialética (Andrews, 2003). Ainda, no que concerne aos estudos no âmbito bibliopsicológico, influenciados por sua atuação teórica e prática no campo da leitura, o diálogo com diferentes áreas do saber demonstraria a estrutura erudita, sistemática e investigativa da ciência roubakiniana.

A partir da década de 1880, Roubakine daria início às trocas de correspondências com indivíduos leitores de diferentes partes da Rússia e, depois, já na década de 1920, de África, Ásia, Europa e América, em uma prática que perduraria ao longo de toda sua vida. A. Rubakin (1968, 1979) estima que seu pai tenha se correspondido com mais de 20 mil pessoas, em sua maioria, trabalhadoras, camponesas, oficiais do exército, professoras e estudantes com pouco ou quase nenhum acesso às possibilidades de educação formal. Nessas cartas, a partir das perguntas e questionários elaborados por Roubakine e publicados em diferentes jornais e revistas, seus emissores contariam sobre suas necessidades informacionais, de leitura e, mais ainda, sobre suas vidas e percepções de mundo — conforme colocado por Simsova (1975, p. 11, tradução nossa), suas “autobiografias de leitura”⁵⁴, ou, como colocamos, as histórias de vida dessas pessoas entrelaçadas com a leitura, suas experiências sobre e com o ato de ler; o bibliotecário, por sua vez, a partir da análise e compreensão dos “modos de ler” de seus correspondentes, retornaria com orientações para as experiências de leitura: como apropriar saberes e quais os livros recomendados para tal, além de enviar programas individuais de leitura e autoinstrução (Senn, 1977).

Interessante observar que, durante a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, no exílio de Roubakine na Suíça, essa troca de correspondências se manteria constante, incluindo oficiais do exército russo que, na condição de prisioneiros de guerra em países como Áustria e Alemanha, recorriam a ele com pedidos de orientação de leitura, sobretudo aquela que seria fundamental para a autoinstrução. Especialmente a partir de 1942, com 80 anos e a saúde já debilitada, o bibliotecário continuaria a ajudar prisioneiros russos que fugiram da Alemanha e buscavam abrigo junto às autoridades suíças; ainda que, neste momento, não pudesse contribuir financeiramente, Roubakine enviaria cerca de dez mil volumes de sua

⁵⁴ No original: *reading autobiographies* (Simsova, 1975, p. 11).

biblioteca para essas pessoas, na tentativa de trazer conforto aos prisioneiros (Rubakin, A., 1968, 1979).

Esse conjunto de dados, fatos e materiais não só serviriam como fonte de inspiração para o trabalho do bibliotecário, uma esperança nas potencialidades de um futuro melhor, como nos aponta A. Rubakin (1979), como também lhe forneceria os construtos não só para a compreensão dos processos de leitura, mas igualmente para a compilação de livros de ciência popular, manuais e bibliografias voltadas tanto para grupos sociais distintos quanto para as particularidades de um leitor individual (Simsova, 1966a) — e, anos depois, para o desenvolvimento de sua teoria bibliopsicológica (Rubakin, A., 1968). Já ali, naquele momento, essas obras pareciam ter uma proposta definida, alinhada às condições sócio-históricas da população russa: o uso de uma linguagem simples e mais compreensível às pessoas afastadas das condições de instrução formal, em um objetivo de alcançar e impactar as massas em suas possibilidades de percepção crítica de mundo.

Nessa direção, A. Rubakin (1979) nos lembra, como também apontado por Senn (1977), que um dos propósitos que orientou a vida e o trabalho de Roubakine repousa nas relações mentais entre quem escreve (autor), o livro — tudo aquilo que pode ser lido — e quem lê (leitor). Mais ainda, diríamos, no potencial de instrução e reflexão crítica que esses artefatos poderiam trazer para a população russa, sobretudo os grupos sociais mais afetados pelas mazelas causadas, no espaço-tempo roubakiniano, pelas contradições do sistema capitalista e o regime de opressão do império do czar — no caso, as classes trabalhadoras —, em um caminho de busca pela transformação social. O teórico encorajava a educação em suas mais diferentes formas, seja através das universidades ou da autoinstrução, concentrando seus esforços em indivíduos que, embora afastados das condições de desenvolvimento intelectual formal, tenham demonstrado, ou poderiam vir a demonstrar, interesse na leitura (Senn, 1977; Salomão; Saldanha, 2023a).

Em outras palavras, poderíamos dizer que a orientação central do percurso roubakiniano está no alcance do esclarecimento do povo russo, ou seja, da percepção crítica da realidade como ferramenta para as tomadas de consciência e libertação das massas oprimidas (Senn, 1977). Para Marianna Choldin (1979), o autor acreditava que esses grupos não eram constituídos por pessoas tolas que demandavam um tratamento especial, mas sim por indivíduos pobres que

necessitavam de livros baratos e devidamente escritos (significa dizer, em uma linguagem científica mais simples e, portanto, mais acessível).

Esse caminho poderia ser percorrido, centralmente, a partir da luta contra o analfabetismo, da socialização do conhecimento científico via instrução popular e autoinstrução, do acesso aos livros que melhor correspondam aos interesses e habilidades cognitivas dos leitores e da construção e expansão de bibliotecas voltadas para as camadas populares, até então oprimidas em razão de condições desiguais de acesso ao conhecimento e as quais poderiam apropriar saberes que seriam aplicados não somente nos modos de perceber, refletir e compreender a realidade em sua totalidade, como também para a (re)construção de uma vida nova. No olhar de Gustavo Saldanha (2019b, p. 180), “[...] uma revolução no pensamento através das formas de ação do conhecimento em seus registros, em suas institucionalidades, em suas formas de construção do acesso.”

Na concepção do bibliotecário russo, o livro, a leitura e a biblioteca assumem uma perspectiva social, crítica e política, sendo concebidos não apenas como um reflexo da realidade e de todo o conhecimento humano já registrado (Rubakin, N.; Bethmann, 1968), mas, sobretudo, como instrumentos de busca da humanidade pela verdade e pela justiça — dito de outro modo, um chamado à luta por um futuro melhor. O teórico nos diria, em sua *Introduction à la psychologie bibliologique*: “Viva o livro, a ferramenta mais poderosa na luta pela verdade e pela justiça” (Roubakine, [1922] 1998, folha de rosto, tradução nossa).⁵⁵

Aleksandr atenta que, nessa frase, o pai aponta para o livro não como uma ferramenta da verdade e da justiça (uma vez em domínio quase que exclusivo de uma pequena, porém hegemônica, elite cultural que determinava o que e sob quais condições os saberes eram produzidos, circulados e apropriados, de acordo com interesses, em sua maioria, opressores e desiguais), mas sim de luta pela verdade e pela justiça, destacando aí as concepções simbólicas, psicológicas e, diríamos, revolucionárias, que integram e caracterizam a trajetória teórico-empírica roubakiniana. Mais ainda, Roubakine como um escritor e revolucionário que não apenas se posicionou contra o czarismo, o capitalismo e o fascismo, como também viveu, nesse contexto, pela e para a causa do livro (Rubakin, A., 1968, 1979).

⁵⁵ No original: *Vive le livre, l'instrument le plus puissant dans la lutte pour la vérité et la justice* (Roubakine, [1922] 1998, folha de rosto).

Esta é, nos diria seu filho, a força e a potência do trabalho roubakiniano. Na concepção do bibliotecário russo, tal como apontado por Senn (1977), pessoas e livros são inseparáveis, sendo o conteúdo desses objetos não somente uma ferramenta para o desenvolvimento da razão e do conhecimento humano, mas, para além disso, uma representação, um reflexo da mente de quem escreve e de quem lê em um dado meio social. Alinhado a uma perspectiva sociopolítica que demarca sua teoria, Roubakine ([1922] 1998) postula os saberes apropriados via os atos de leitura não só como um aprimoramento das capacidades cognitivas, mas sim como instrumentos necessários para a luta pela transformação social — a revolução seria, como A. Rubakin (1979) coloca, uma luta fundada no conhecimento e na educação.

Para nós, significa dizer que a luta de Roubakine pela transformação dos modos de vida forjados sob a opressão estaria, antes, na crença no livro, em sua influência e em seu potencial, ou seja, a compreensão do artefato bibliográfico não como um fim em si mesmo, mas para além da decodificação de códigos linguísticos, alcançando uma leitura de mundo. Conforme seria colocado, décadas depois, em outro lugar, pela filosofia crítica de Paulo Freire (2011), em uma proposta revolucionária de educação popular e acesso ao conhecimento a favor do pensamento crítico, ou, poderíamos também dizer, contra as assimetrias políticas e econômicas que, no plano roubakiniano, foram ocasionadas no e pelo regime absolutista russo (Saldanha; Salomão, 2021; Salomão; Saldanha, 2021a,b).

Eis aqui, pois, o nosso horizonte, tal como previamente delineado no objetivo geral deste trabalho: compreender a biobibliografia de Nicolas Roubakine para investigar a tessitura de seu pensamento e sua Bibliopsicologia a partir das lentes do nosso campo.

Nicolas Roubakine vinha de uma família de camponeses e comerciantes. Seu pai não se interessava por assuntos políticos e era contra o fato de seus filhos estudarem e irem para a universidade, acreditando que eles deveriam seguir seus passos no comércio. Por outro lado, a mãe de Roubakine, Lidija Ternet'evna Rubakina (Лидия Терентьевна Рубакина, 1842?-1905),⁵⁶ empreendeu esforços para que seus filhos pudessem estudar; na década de 1870, ela viajaria com Roubakine e seu irmão para a capital do império russo, São Petersburgo, a fim de garantir sua educação formal (Senn, 1977; Choldin, 1979; Rubakin, A., 1979). Nesse

⁵⁶ Seguimos aqui a transliteração dada por Sylva Simsova (1966a) para a grafia do nome da mãe de Roubakine.

contexto, Roubakine iria para a escola e, na década de 1880, entraria para a Universidade de São Petersburgo para cursar ciências psicológicas e matemáticas.

É interessante observar que as próprias vivências de sua mãe, bibliotecária devotada aos livros e incentivadora da educação das massas, além de influência central no pensamento roubakiniano, estão igualmente circunscritas em atividades voltadas para um horizonte sociopolítico — também, poderíamos indagar, de transformação. Na Rússia da primeira metade do século XIX, Lidija integrava uma família de camponeses que se tornaram comerciantes e, mesmo contra a vontade de seu pai, que se opunha à educação da filha, sempre foi uma grande leitora, encontrando na autoinstrução — um dos enfoques de Roubakine, como veremos — aproximações com os estudos da língua francesa e das ciências naturais, chegando a realizar traduções de algumas obras sobre as temáticas. Além disso, segundo Simsova (1975), Senn (1977) e A. Rubakin (1968, 1979), Lidija ainda viria a se aproximar, nos anos de 1860 e 1870, de círculos sociais e literários concebidos à época como revolucionários, também nos esforços de luta pela educação popular — seu neto nos lembra que ela estava quase sempre com um cigarro na boca, quando fumar, naquele momento, para uma mulher, poderia ser considerado uma forma de protesto contra as desigualdades perpetradas pelo czarismo (Rubakin, A., 1979).

Podemos sugerir, como indicado por Simsova (1966a, 1969, 1975) e Savova (1998), que Roubakine tem na figura de sua mãe uma das principais influências que demarcam seu percurso epistemológico. A. Rubakin (1979) aponta que sua avó não apenas se esforçou, na esfera familiar, para garantir os meios de desenvolvimento de uma educação formal para o futuro bibliotecário, como também sempre incentivou suas atividades literárias e sociais, sendo, pois, aquela que teria incutido nele, desde a infância, uma paixão pela ciência e pelos livros, despertado a vontade pela escrita e a motivação pelo estudo continuado via autoinstrução, em um trabalho que se tornaria a base das vivências roubakinianas. Ao longo de sua vida, Roubakine nunca deixou de expressar sua gratidão à mãe, tendo dedicado a obra bibliográfica *Sredi knig*⁵⁷ (Entre livros), de 1905, em sua memória, por ter “[...] trabalhado vinte anos entre os livros, me ensinando a amá-los e acreditar em sua

⁵⁷ Para as obras roubakinianas mencionadas ao decorrer desta pesquisa, utilizaremos a forma transliterada do russo para o alfabeto romano, seguindo a transliteração original das fontes às quais tivemos acesso. Na tradução em específico do título da obra *Sredi knig* para o português, acompanhamos aquela adotada por Edson Nery da Fonseca (1974, p. 37) em seu artigo “Ler ou não ler todos os livros”, qual seja, “Entre livros”, quando do uso de sua forma traduzida.

força insuperável” (Senn, 1977, p. 8-9, tradução nossa).⁵⁸ Ainda, para Simsova (1977), o teórico teria sido apresentado ao fazer bibliotecário pela própria Lidija, encontrando no trabalho desenvolvido desde a década de 1870 na biblioteca inaugurada por ela, Biblioteca L. T. Rubakina (Л. Т. Рубакиной), os primeiros contatos com os aspectos de individualidade da leitura e com os tipos de leitores, demonstrando interesse nas ações de autoinstrução de grupos trabalhadores e nas atividades bibliotecárias (Ferrière, 1951; Lindström, 1959; Savova, 1990).

A Biblioteca L. T. Rubakina foi inaugurada, primeiramente, como uma biblioteca particular, cujo acesso se dava via assinatura a um preço mais acessível às camadas desfavorecidas — embora sem fins lucrativos; mais tarde, seria expandida para o acesso ao público, sendo frequentada por estudantes, intelectuais, professores e professoras de escolas noturnas, classes trabalhadoras e por qualquer pessoa que precisasse utilizá-la (Simsova, 1975). Nessa biblioteca, ainda criança, Roubakine não só conhecia quase todos os livros e os conteúdos das obras que integravam a coleção, como também oferecia orientações de leitura às pessoas usuárias. Além disso, ao longo de seu trabalho na biblioteca de sua mãe, A. Rubakin (1979) afirma que seu pai teria atuado como bibliógrafo, tendo compilado, ainda jovem, dois catálogos sobre o acervo (Senn, 1977), em um caminho que daria início à sua trajetória nos estudos sobre a leitura e o leitor.

A obra biográfica de Roubakine, corroborada por Senn (1977), nos revela o que seriam, possivelmente, as lembranças do teórico sobre a construção da biblioteca que se tornaria não apenas a fonte teórico-metodológica-aplicada que inspiraria e da qual extrairia suas primeiras experiências no campo praxiológico da leitura, como também e, principalmente, a própria base epistêmico-afetivo-simbólica do trabalho de sua vida:

‘Enquanto ainda estava na escola, em 1875, convenci minha mãe a abrir uma biblioteca. Ela comprou livros por 60 rublos⁵⁹ e pegou o restante do dinheiro emprestado. No total, foram adquiridos cerca de 600 livros. Era 22 de outubro de 1875 — a Biblioteca L. T. Rubakina foi inaugurada na rua Mogilevskaya [em São Petersburgo]. Eu era um menino nesta biblioteca e vasculhava os livros... Mamãe e eu não entendíamos absolutamente nada de livros’. Vinte anos depois, a Biblioteca L. T. Rubakina, graças a Nicolas Roubakine, tornou-se a

⁵⁸ No original: [...] worked twenty years among books and taught me to love the book and to believe in its insuperable and clear strength (Senn, 1977, p. 8-9).

⁵⁹ Moeda da Rússia e, antes, do Império Russo.

maior biblioteca particular da Rússia⁶⁰ (Rubakin, A., 1979, p. 20, tradução nossa).⁶¹

Esse trecho, para nós, representa não apenas a influência da mãe no desenvolvimento de Roubakine como leitor e bibliotecário, mas também e, sobretudo, na formação de seu pensamento, de seu perfil como pesquisador e de seu comprometimento com a luta pela instrução popular através do livro, da leitura e das bibliotecas. Conforme já abordado, antes, no Blog Ecce Liber (L. T. Rubakina..., 2022), um artigo publicado na revista Sol Nascente, em Portugal, ainda em vida de Roubakine, e de autoria do jornalista português José António Correia de Sousa (1937), destacaria a contribuição de Lidija para o percurso do teórico:

Essa senhora, que soube ser mulher, em vez duma biblioteca popular em S. Petersburgo, poderia ter dirigido uma mercearia ou qualquer outro ramo de negócio, por certo de resultados materiais mais convidativos e de preocupações morais metalizadas e circunscritas à gaveta. A natureza da sua actividade, que tanto e tão decisivamente contribuiu para a formação do eminente educador [Nicolas Roubakine], tesouro que ela testou à Humanidade, torna-a bem credora da admiração de todos nós - pelo bem que fez, pelo exemplo dado ao seu sexo (Sousa, 1937, p. 11).

Em nosso entendimento, representa, ainda, o envolvimento dessa biblioteca com o que Sousa (1937, p. 11) coloca como “preocupações morais” — as quais, ao invés de serem relegadas à gaveta em nome de um negócio de “resultados materiais mais convidativos”, foi trazida à luz sem fins lucrativos e orientada para a luta pelo esclarecimento do povo russo, ou seja, pelo desenvolvimento de reflexões críticas sobretudo nos estratos oprimidos em uma ação de transformação do mundo mediada pela biblioteca, pelo livro e pela leitura.

Nesse contexto, A. Rubakin (1979) pontua que a Biblioteca L. T. Rubakina sempre esteve, desde sua inauguração, em 1875, no centro dos movimentos

⁶⁰ Sobre esse ponto, Marianna Choldin (1979) e Alfred Senn (1977) acompanham a percepção de A. Rubakin (1979), afirmando que Roubakine transformou o espaço em uma das maiores bibliotecas particulares da Rússia; na qual também, entre outras atividades, ele e outras pessoas bibliotecárias estabeleceram cooperações com outras instituições e compilaram uma série de guias bibliográficos, que serviram tanto como catálogo do acervo da biblioteca, bem como fontes e modelos para aquisição e catalogação utilizados por outras bibliotecas — o que o posiciona, nessa interpretação, como grande contribuição para o campo biblioteconômico russo.

⁶¹ No original: *‘Будучи еще в реальном училище, в 1875 г., я подбил мою мать открыть библиотеку. Она продала два выигрышных билета, купила на 60 рублей книг, остальное взяла в кредит. Всего было куплено около 600 книг. Это было 22 октября 1875 г. — открыта библиотека Л. Т. Рубакиной на Могилевской улице. Я был мальчиком в этой библиотеке и рылся в книгах... во время учения во 2-м реальном училище. Мать и я в книгах ровно ничего не понимали’. Через двадцать лет библиотека Л. Т. Рубакиной благодаря Николаю Рубакину стала крупнейшей частной библиотекой в России* (Rubakin, A., 1979, p. 20).

sociais, políticos e intelectuais transcorridos na Rússia em oposição ao governo do czar. Aqui, Senn (1977) chama atenção para sua contribuição como fornecedora de materiais para a instrução popular e *locus* de discussões que refletiriam e integrariam o caráter intelectual das agitações sociais que destituiriam o império russo e dariam forma, anos depois, à Revolução de 1917. Nos anos seguintes, já no exílio de Roubakine, as atividades empreendidas nas bibliotecas organizadas e administradas por ele manteriam esse mesmo enfoque, reafirmando seu compromisso para com os modos de percepção crítica do real e a luta da classe trabalhadora russa contra a opressão pela via do livro e da leitura — na última década pré-revolução socialista, ainda de acordo com Senn (1977), essa biblioteca, primeiro em Clarens, e depois em Lausanne, ambas na Suíça, serviria como um centro cultural para os intelectuais revolucionários russos, de onde extrairiam seus materiais de leitura, estudos e ações sociais e políticas.

Podemos observar que a trajetória teórico-empírica de Roubakine desenvolvida a partir das lentes do campo biblioteconômico-informacional — mas também intimamente entrelaçada às suas experiências como leitor, bibliotecário, popularizador da ciência, ser social crítico da realidade ao seu redor e revolucionário —, está dada por e para as condições de leitura e apropriação de saberes das massas contra as injustiças sociais, posicionada à luz de um real socialmente construído. Esse percurso nos desloca para o espaço-tempo de tessitura de seu pensamento e de sua prática.

Como antes observado, no final do século XIX aos primeiros anos do XX, Roubakine se encontrava em meio a um regime de opressão na Rússia czarista, demarcado por repressões e perseguições políticas, censuras e desigualdades socioeconômicas no que se refere, dentre um de seus impactos, à construção, circulação e acesso ao conhecimento. Além disso, esse cenário era também atravessado pela efervescência política e intelectual no centro das revoluções de 1905 e de suas repercussões, que tomariam conta do país em fevereiro e outubro de 1917 (Reis, 2017). Nesse período, A. Rubakin (1979) aponta que o governo do czar temia as potencialidades de revolução almeçadas pelos grupos políticos e sociais de oposição, de modo a censurar e restringir as manifestações de livre pensamento, sobretudo em relação ao acesso das classes estudantes e trabalhadoras ao livro e à leitura — na visão de James Andrews (2013), pelo menos desde a década de 1850,

no governo de Nicolau I (1796-1855),⁶² o regime imperial seria caracterizado por seu controle sobre o que era publicado e comunicado à população, o que se intensificaria no período pré-revolucionário.

Esse cenário de opressão serviria de inspiração e orientação para a proposta e *episteme* da ciência roubakiniana. Diante da autocracia russa, em meio às violências, desigualdades, restrições de acesso ao conhecimento e, no ponto que nos toca mais diretamente, precarização da educação, as camadas populares acompanhariam as agitações contra o império, encontrando-se no centro da busca pelo conhecimento não apenas científico (Andrews, 2013), mas sobretudo, segundo A. Rubakin (1979), político, na clara procura pela compreensão da realidade ao redor. Em seu *Introduction à la psychologie bibliologique*, o teórico russo nos diria: “Em 1904-1905 houve uma crise, uma ruptura na consciência dos camponeses e trabalhadores russos e, desde então, o povo russo não está mais do lado do absolutismo, eles próprios estão trabalhando para a sua própria educação, independentemente da vontade do poder supremo” (Roubakine, [1922] 1998, p. 22, tradução nossa).⁶³

Nesse contexto, Chubarian ([1981?]) aponta que, no período pré-revolucionário russo, empreenderam-se esforços a favor do estudo do povo, com o objetivo de levar saberes que poderiam ser aplicados para o reconhecimento de sua situação, necessidades e de sua própria concepção de mundo, tal como antes já colocado por A. Rubakin (1979) e Andrews (2013). Desse lugar, sobressairiam, centralmente, discussões relacionadas à circulação de livros, à leitura popular e às pessoas leitoras, ou seja, o interesse, por parte dos intelectuais russos, não somente Roubakine, sobre o que o povo lia, na seara de desenvolvimento de tomadas de consciência para a destituição do absolutismo russo. Ainda segundo o autor, esse interesse sobre se, o que e como as massas populares liam — pergunta epistemológica norteadora da ciência roubakiniana —, acompanhado do próprio interesse pela instrução de trabalhadores e trabalhadoras russas e seu acesso ao

⁶² Nicolau I (1796-1855) foi imperador da Rússia entre 1825 até a data de sua morte, em 1855. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Nicholas-I-tsar-of-Russia>. Acesso em: 18 set. 2025.

⁶³ No original: *En 1904-1905, il s'est produit une crise, une rupture dans la conscience des paysans et des ouvriers russes et, depuis lors, le peuple russe n'est plus du côté de l'absolutisme, il travaille lui-même à son instruction, sans tenir compte de la volonté du pouvoir suprême* (Roubakine, [1922] 1998, p. 22).

livro, decorreria da própria necessidade da vida social.⁶⁴ Em outras palavras, de um espaço-tempo demarcado por dinâmicas de opressão e assimetrias de classe perpetradas pelo regime político em voga, o qual ensejaria, no plano educativo, político e social, a luta pela transformação dos modos de vida tal como forjados pelo império do czar — via acesso ao livro, à leitura, às bibliotecas e ao conhecimento.

Além disso, Andrews (1989, 2013) aponta que, nos anos pré-revolucionários, pessoas e grupos envolvidos com atividades de popularização da ciência — entre elas, Roubakine — realizaram campanhas em fábricas, bibliotecas e escolas noturnas para adultos, com o intuito de difundir o conhecimento científico (sobretudo das ciências naturais) por entre as camadas sociais mais desfavorecidas, no sentido de contribuir para a realidade prática desses indivíduos. Não apenas Roubakine, como também sua biblioteca, atuariam majoritariamente no atendimento a esses grupos — não raro alguns assinantes emprestavam livros de forma gratuita e solicitavam orientações de leitura ao bibliotecário.

O trecho abaixo, retirado da obra biográfica escrita por Aleksandr Rubakin (1979), nos oferece um vislumbre do funcionamento desta biblioteca:

Ao lado da casa de meu pai ficava a biblioteca [...]. Era uma rua tranquila de São Petersburgo, pavimentada com paralelepípedos, com calçadas de lajes de granito, como em toda São Petersburgo. [...] Havia uma placa na casa dizendo 'Biblioteca L. T. Rubakina'. A porta da biblioteca nunca ficava trancada. Os visitantes entravam em uma grande sala, dividida em duas por uma grade de madeira, atrás da qual ficava uma escrivaninha e sentava-se um bibliotecário, ou melhor, uma bibliotecária. Assim foi Olga Konstantinovna Skorobogatova por muitos anos, uma mulher extraordinariamente dedicada, quieta e modesta. [...] A biblioteca estava aberta ao público à noite. Estudantes, intelectuais e trabalhadores podiam visitá-la nesse horário (Rubakin, A., 1979, p. 53-54, tradução nossa).⁶⁵

⁶⁴ Na visão de Chubarian ([1981?]), sob a perspectiva soviética que circunscreve seu pensamento, o período pré-revolucionário russo corresponderia à etapa democrático-burguesa da história da Rússia. Desse modo, o interesse pela leitura do povo seria destituído de relações com a “realidade social concreta”, ou seja, de acordo com a abordagem biblioteconômica soviética defendida pelo autor, com as condicionantes socioeconômicas e a divisão de classes dadas na sociedade russa do período pré-revolucionário pelo olhar marxista, assumindo, esses esforços, contornos liberais. De todo modo, o autor afirma que, para a época, essas atividades assumiram, pois, significados tidos como progressistas e, de certa forma, representaram uma etapa significativa no que se refere à história do estudo da leitura e das pessoas leitoras na Rússia.

⁶⁵ No original: *Рядом с нашей квартирой помещалась библиотека отца [...] Это была тихая петербургская улочка, вымощенная булыжником, с тротуарами из гранитных плит, как всюду в Петербурге. [...] На доме была вывеска 'Библиотека Л. Т. Рубакиной'. Дверь в библиотеку никогда не запиралась с площадки. Посетители входили в большую комнату, разгороженную надвое деревянными перилами, за которыми стояла конторка и сидел библиотекарь, вернее, библиотекарша. Таковой много лет была Ольга Константиновна Skorobogatova, необычайно преданная, тихая, скромная женщина. [...] А между тем*

Mais tarde, ao substituir sua mãe na posição de bibliotecário e assumir toda a responsabilidade pela biblioteca, ainda na década de 1880, essa característica seria ainda mais marcante. Especialmente no calor das movimentações para a destituição da autocracia czarista, o horizonte roubakiniano estaria voltado para a compreensão da condição sócio-histórica das classes oprimidas em relação aos materiais de leitura, cuja produção, acesso, circulação e apropriação durante muito tempo esteve em poder quase exclusivo de uma elite minoritária, porém dominante, buscando encontrar meios para transformar esses mesmos objetos bibliográficos em fontes para a apropriação de saberes e percepção crítica do real (Choldin, 1979; Savova, 1998; Saldanha, 2019a).

Na direção apontada por Roubakine ([1922] 1998), Saldanha (2019a,b) e Salomão e Saldanha (2021a) destacam que o ideal de socialização do conhecimento (científico e de mundo) almejado pelo teórico russo, somado aos potenciais de reflexão crítica entrevistados nos atos de leitura, ao alcançar grupos sociais afastados das condições de possibilidades de conhecimento, seriam capazes de conscientizar essas mesmas classes sobre as opressões e desigualdades existentes no mundo, sendo a apropriação de saberes e o potencial crítico daí desencadeados ferramentas centrais de condução das massas ao enfrentamento e resistência às desigualdades e injustiças sociais reinantes na Rússia czarista.

Ao mesmo tempo, as impressões de Roubakine sobre a realidade ao seu redor, bem como as experiências nas atividades bibliotecárias, também seriam influenciadas por sua formação acadêmica na Universidade de São Petersburgo, entre 1881 e 1887 (Choldin, 1979; Savova, 1998). Nesse contexto, o bibliotecário se aproxima da filosofia positivista do francês Auguste Comte (1798-1857),⁶⁶ cujas teorias voltadas para um modelo de classificação das ciências e para uma educação enciclopédica, segundo Senn (1977) e A. Rubakin (1979), influenciaram tanto na sua escolha em se matricular na faculdade de ciências psicológicas e matemáticas — especialmente porque esta última estudava as ciências exatas, “base de todas as

библиотека была открыта для посетителей также и вечером: именно вечером в нее могли ходить студенты и работающие интеллигенты. Ходили в нее и рабочие (Rubakin, A., 1979, p. 53-54).

⁶⁶ Auguste Comte (1798-1857) foi um filósofo francês reconhecido por suas contribuições científicas e teóricas às disciplinas que integram as ciências sociais, notadamente através de uma corrente de pensamento de fundo positivista (física social) orientada para uma aplicação na realidade social a partir dos contornos objetivos e do rigor metodológico das ciências exatas. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Auguste-Comte>. Acesso em: 21 mar. 2024.

ciências”, segundo a epistemologia comtiana —, como também frequentar aulas e palestras voltadas para os estudos nos campos jurídico, histórico e filológico.

Os aportes comtianos, junto à Gabriel Tarde (1843-1904),⁶⁷ outro filósofo francês também próximo das teorias de cunho positivista, demarcariam o esboço metodológico da teoria bibliopsicológica roubakiniana, sendo ambos mencionados como influências centrais em sua obra clássica de 1922 e orientando sua proposta de estudar os fenômenos psíquicos da leitura sob a ótica das ciências sociais e exatas, conforme veremos mais à frente (Roubakine, [1922] 1998; Saldanha, 2019a, Salomão; Bezerra, 2023).

De igual maneira, na epistemologia do campo biblioteconômico-informacional, o método positivista inaugurado por essas fontes francesas exerceria influência direta no pensamento de Paul Otlet em torno da busca pela cientificidade dos estudos sociais da informação a partir da bibliologia, em 1934, e antes, em 1922, conforme já apontado, no próprio Roubakine e sua Bibliopsicologia. Em Otlet, como discutido por Bezerra e Saldanha (2013), encontramos no conceito de “classificação” de Auguste Comte e seu projeto de classificação das ciências (com base em uma “filosofia positiva”) e, depois, da sociedade, um ideal de busca pelo acesso universal ao conhecimento como forma de alcançar um progresso científico permanente; este, fundado na racionalização para o desenvolvimento da sociedade.

A teoria roubakiniana, de grande impacto em Otlet e sua procura pela comprovação de “leis” que agem sob e sobre o livro, o documento e a informação (Bezerra; Saldanha, 2013), vislumbra igual direção, voltada metodologicamente para as condições em que a mensuração e compreensão da influência do artefato bibliográfico no leitor (a regularização das formas de apropriação de saberes com a maior economia de forças, segundo Roubakine, [1922] 1998) poderia conduzir a humanidade para uma realidade justa, livre e igualitária.

Nesse mesmo período, Roubakine também entra em contato com leituras e reflexões de cunho socialista, organizando, a partir de 1882, ainda no segundo ano de faculdade, círculos de leitura na Biblioteca L. T. Rubakina sobre a temática. Envolve-se também em organizações, movimentos estudantis e outros grupos de estudos considerados ilegais, âmbito em que chegou a participar ativamente na arrecadação de doações para exilados políticos e escrever panfletos e livros de teor

⁶⁷ Gabriel Tarde (1843-1904) foi um filósofo, sociólogo, psicólogo e criminologista francês. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Gabriel-Tarde>. Acesso em: 18 mar. 2024.

revolucionário, os quais seriam distribuídos na capital São Petersburgo e em outros territórios do império russo — o autor destaca, inclusive, os escritos do filósofo alemão Karl Marx (1818-1883) como fontes interessantes para integrar as leituras das províncias, conforme registrado em uma carta sua de setembro de 1893 censurada pela polícia czarista: “Em uma semana provavelmente será tarde demais, os livros estarão esgotados” (Rubakin, A., 1979, p. 48, tradução nossa).⁶⁸ Essas vivências marcariam o curso de desenvolvimento dos construtos aplicados em seu trabalho teórico-empírico.

Além disso, em diálogo com o que ocupa não somente o cerne das críticas de Roubakine ao regime autocrático, como também a centralidade de sua trajetória na luta a favor da leitura crítica — da palavra e do mundo —, o protagonismo das classes trabalhadoras integraria o enfoque epistêmico de sua praxiologia. Ainda na década de 1880, pouco depois de se formar, o pai de Roubakine, Aleksandr Yosifovich Rubakin (Александр Иосифович Рубакин, 1830-1896), alugou uma fábrica de papel em São Petersburgo, na qual o teórico assumiu, entre 1887 e 1892, a parte de relacionamento com as pessoas operárias.

É aqui que Roubakine aprofunda o contato com as classes trabalhadoras (em especial, o proletariado fabril), interessando-se por compreender suas vivências sociais e econômicas, necessidades de leitura e modos de percepção e interação com o mundo a partir de “realidades e sem palavras difíceis” (Rubakin, A., 1979, p. 25, tradução nossa;⁶⁹ Turin, 1929) — poderíamos dizer, recorrendo às aproximações entre a teoria roubakiniana e a filosofia freiriana, a partir de sua própria linguagem e leitura de mundo (Saldanha; Salomão, 2021; Salomão; Saldanha, 2021a). Seu filho aponta que Roubakine ainda teria ensinado esses trabalhadores a ler e escrever, emprestando livros e dando aulas sobre temáticas científicas, até o empreendimento de seu pai ir à falência (Rubakin, A., 1968).

Em 1887, junto aos círculos de leitura criados por Roubakine na biblioteca de sua mãe, conforme antes colocado, esses mesmos trabalhadores viriam a integrar esses grupos na posição de leitores, tendo no teórico russo uma figura mediadora no que se refere às orientações sobre o que ler e como ler. Seu intuito com essa aproximação estava em encontrar caminhos possíveis para atender a essas

⁶⁸ No original: *Через неделю, вероятно, будет уже поздно, книги будут проданы* (Rubakin, A., 1979, p. 48).

⁶⁹ No original: *реальностями и без всяких страшных слов* (Rubakin, A., 1979, p. 25).

necessidades e, mais ainda, difundir a instrução por entre a população russa, vislumbrado via publicação de obras de popularização da ciência, no incentivo à leitura, na organização de bibliotecas e, sobretudo, no desenvolvimento e disseminação de reflexões críticas não entre pessoas, segundo ele, cujas ideias revolucionárias já estariam incutidas, mas sim entre grupos sociais oprimidos ainda afastados do reconhecimento do real em sua totalidade opressora e desigual (Rubakin, A., 1979).

Aqui, Senn (1977) e Andrews (2013) apontam que o bibliotecário viajaria anualmente para fábricas e vilarejos, na capital e em outros territórios do império, a fim de se aproximar e entender a relação desses grupos com os materiais de leitura, bem como para dar palestras de popularização científica. Ainda, em 1891, como parte integrante do Comitê de Combate ao Analfabetismo, reconhecido como um grupo de pensadores liberais, Roubakine criaria nesse mesmo ano, junto com outras pessoas envolvidas nas atividades de educação popular, um Museu Móvel de Recursos Educacionais, centrado no empréstimo de artefatos para o estudo de História Natural, Mineralogia, Geologia, Física e Química — os quais seriam emprestados aos assinantes da mesma forma que os livros de sua biblioteca (Rubakin, A., 1968).⁷⁰

Essa perspectiva coloca, em nosso entendimento, a questão da educação e da leitura no coração da luta roubakiniana pela transformação dos modos de vida na Rússia czarista. O censo realizado no império russo em 1897 demonstrou que a quantidade de pessoas não alfabetizadas e/ou que não tinham possibilidades de desenvolvimento de educação formal nas camadas populares, em especial nos estratos camponeses, alcançava mais da metade da população russa — proporção que aumentaria no que diz respeito às mulheres trabalhadoras (Chubarian, [1981?]; Andrews, 2013). A partir de estudos estatísticos de Roubakine sobre os leitores na

⁷⁰ Para Andrews (2003), nos anos que antecederam a Revolução de 1917, museus e exposições itinerantes foram instrumentos importantes para a popularização da ciência e do avanço tecnológico na Rússia. Mais tarde, A. Rubakin (1968) menciona que a Condessa Sofia Vladimirovna Panina (1871-1956), patrona entusiasta das ideias de seu pai, doou ao Museu Móvel de Recursos Educacionais um novo edifício equipado com laboratórios, observatório astronômico e uma sala para conferências públicas - antes, instalado no prédio onde funcionava a biblioteca de Roubakine. Lá, o próprio Lenin, em maio de 1906, faria um discurso público durante uma reunião de trabalhadores, sob o pseudônimo de Karpov. Além disso, é interessante observar que, embora Roubakine não se refira a esse espaço como uma biblioteca propriamente dita, o *locus* formado pelo teórico, de certa forma, dadas suas atividades de empréstimo de objetos, nos remete a diferentes tipos de bibliotecas existentes na atualidade que não se limitam ao empréstimo exclusivo de artefatos bibliográficos, como bibliotecas de sementes, de roupas, entre outras tipologias.

Rússia, Senn (1977) indica, por exemplo, que o vocabulário das classes camponesas compreendia cerca de 10 mil palavras, ao passo que os estratos intelectuais podiam dominar, em média, 75 mil palavras: “Os intelectuais e o povo falavam, literalmente, duas línguas diferentes”, dissera Nicolas Roubakine (Senn, 1977, p. 11, tradução nossa).⁷¹

Além disso, as camadas populares russas (mesmo a minoria alfabetizada) careciam de materiais didáticos e de literatura científica, restritos, em sua maioria, aos círculos culturais privilegiados (Andrews, 2013). Para A. Rubakin (1979), os livros publicados nos anos de 1880 e 1890 (lembremos, nas décadas pré-revolucionárias, no centro da censura e dos interesses do governo pela manutenção do regime czarista), eram incompreensíveis para aqueles e aquelas sem o mínimo de instrução, sendo, pois, considerados quase ou totalmente inacessíveis ao povo por apresentarem em seu conteúdo uma linguagem complexa para quem não havia recebido educação formal. Em seu *Introduction à la psychologie bibliologique*, Roubakine ([1922] 1998) afirma que esses livros eram tão mal escritos (em relação, sobretudo, ao uso de uma linguagem complexa) que suas descrições só poderiam ser compreensíveis por quem já conhecia esses fatos. Dito de outro modo: “A grande maioria dos livros de ciências são apenas exemplos gritantes que demonstram como não se deve escrever; em outras palavras, esses livros com suas descrições e suas interpretações não são mais do que obstáculos para o estudo da realidade” (Roubakine, [1922] 1998, p. 88, tradução nossa).⁷²

⁷¹ No original: *The intellectuals and the people literally spoke two different languages* (Senn, 1977, p. 11).

⁷² No original: *L'immense majorité des livres de sciences ne sont que des exemples éclatants qui démontrent comment il ne faut pas écrire ; autrement dit, ces livres avec leurs descriptions et leurs interprétations ne sont que des obstacles pour l'étude de la réalité* (Roubakine, [1922] 1998, p. 88). Para o bibliotecário russo, seria necessário estabelecer um corpo de regras que deveriam ser seguidas na elaboração de livros sobretudo para os grupos camponeses, trabalhadores e soldados russos menos instruídos. Destacamos aqui alguns desses critérios: ao escrever livros científicos para as classes menos instruídas do povo russo, somente devem ser empregadas palavras que, na medida do possível, tenham para os leitores o mesmo sentido que para o autor, utilizando um número restrito de palavras correspondentes ao universo linguístico de cada classe social; nunca usar uma palavra que tenha dois ou mais significados; não empregar palavras estrangeiras, com raiz desconhecida, incompreensível, nem expressões obscuras ou inusitadas, nem termos convencionais aos quais ainda não se esteja habituado; não empregar palavras abstratas; ao explicar qualquer ideia, não o faça em duas ou três palavras, mas repita a mesma explicação de várias maneiras, para que o leitor tenha tempo de assimilar as novas noções (Roubakine, [1922] 1998, p. 52-53). Tais regras poderiam, no olhar roubakiniano, “salvaguardar a humanidade da influência de uma propaganda cujas ideias e tendências não correspondem aos interesses do meio social e individual no qual ela é exercida” (Roubakine, [1922] 1998, p. 59, tradução nossa).* Além disso, em proximidade direta com o pensamento freiriano no âmbito de uma pedagogia crítica, abordagem desenvolvida pelo filósofo e educador brasileiro em meados do século XX, Roubakine ([1922] 1998, p. 59, tradução nossa) nos dirá que “é preciso aprender com aqueles a quem esta ou aquela obra se destina”**, ou seja, se

No início do século XX, o bibliotecário já demonstra sua inquietação e insatisfação com o sistema de ensino russo, apontando, na ocasião de sua participação no Terceiro Congresso Pan-Russo de Trabalhadores de Educação Técnica e Profissional, transcorrido em São Petersburgo em 1904⁷³, para as condições precárias do que concebia como uma educação tendenciosa e voltada para os interesses de grupos detentores do poder econômico e político (as elites e o próprio czar). Para o teórico, o governo estava preocupado com a formação de cidadãos “úteis” que possivelmente reproduziriam, uma vez afastados das condições de desenvolvimento de reflexões críticas, os interesses desses mesmos estratos dominantes (Salomão; Bezerra, 2023). Ali, naquele momento, a educação russa seria “[...] nada mais do que uma arma nas mãos do governo para a realização de objetivos práticos e conhecidos, intimamente vinculados aos interesses dos grupos sociais, econômicos e políticos cujo estado, em um determinado momento, é a expressão” (Rubakin, N., 1912, p. 237⁷⁴ *apud* Senn, 1977, p. 21, tradução nossa).⁷⁵

Em outras palavras, os saberes produzidos e apropriados conforme as condições dadas pelo sistema czarista estariam não à serviço da reflexão e da tomada de consciência crítica coletiva, ou seja, das potencialidades reais de transformação — objetivo central da teoria roubakiniana —, mas sim dos interesses de grupos específicos, voltados para a manutenção das desigualdades e opressões então vigentes (Salomão; Bezerra, 2023). Na visão do teórico, diante de um sistema de ensino concebido como tendencioso e da escassez de materiais dedicados aos preceitos da igualdade e justiça social, os indivíduos deveriam buscar outras formas de instrução e reflexão crítica, a partir de suas próprias realidades e condições de

aproximar da “leitura de mundo” dos grupos sociais, de sua linguagem e sua psicologia, de modo a conhecer suas formas de produção e apropriação de saberes, para então encontrar os livros que mais correspondam aos seus contextos e intersubjetividades.

* No original: *préservé l'humanité de l'influence d'une propagande dont les idées et les tendances ne correspondent pas aux intérêts du milieu social et individuel dans lequel elle s'exerce* (Roubakine, [1922] 1998, p. 59).

** No original: *Il faut l'apprendre chez ceux auxquels telle ou telle œuvre est destinée* (Roubakine, [1922] 1998, p. 59).

⁷³ Na visão de Aleksandr Rubakin (1979), no contexto dos movimentos políticos e sociais contra o governo czarista, os congressos científicos possuíam um caráter político, nos quais palestrantes e participantes podiam expressar suas opiniões e desejos políticos. Esse congresso em específico, segundo o autor, contou com a participação de diferentes pessoas educadoras, escritoras e professoras de toda a Rússia.

⁷⁴ RUBAKIN, N. A. **Pered rassvetom** [Antes do amanhecer]. São Petersburgo, 1912. p. 237.

⁷⁵ No original: *nothing more than a weapon in the hands of the government for the realization of known, practical aims, closely connected with the interests of those social, economic, and political groups of which the state, at any given time, is the expression* (Rubakin, N., 1912, p. 237 *apud* Senn, 1977, p. 21).

vida, como tempo de estudo e capacidades cognitivas; ainda, para além dos espaços formais de construção e apropriação de saberes (Rubakin, A., 1979; Andrews, 2013).⁷⁶

É neste âmbito que emerge a noção e, arriscamos dizer, um dos mais caros enfoques epistêmicos roubakinianos: a autoinstrução pela via do livro e da leitura, o que não só demarcaria sua posição nos estudos sobre o leitor através da publicação de obras de popularização da ciência e, posteriormente, na Bibliopsicologia (“quem lê”, “o que ler” e “como ler”), bem como no campo bibliográfico, a partir da elaboração de bibliografias com indicações de leitura para a educação popular, o que desencadearia em uma série de críticas por parte das camadas conservadoras russas, segundo A. Rubakin (1979).

A mais notória, *Sredi knig* (Entre livros), foi publicada em 1905 — ano de movimentos revolucionários para a destituição do czarismo, no qual o bibliotecário se encontraria sob perseguições políticas e vigilância policial, mas também do falecimento de sua mãe, Lidija Rubakina. Sobre essa bibliografia, o líder da revolução socialista e figura próxima à Roubakine, Vladimir Lenin (1968), em

⁷⁶ É preciso contextualizar o espaço-tempo de tessitura do pensamento roubakiniano sobretudo no que se refere às suas críticas ao sistema de ensino russo no império czarista, no intuito de evitar possíveis interpretações anacrônicas sobre a posição favorável do teórico ao autodidatismo em detrimento às instituições de educação formal. Em outras palavras, as atividades de Roubakine estão circunscritas em um contexto mais amplo não apenas de analfabetismo, censura e opressão, durante o regime imperial russo, mas também de popularização científica voltada, nesse espaço-tempo, para as classes camponesas e trabalhadoras, no intuito de levar os saberes científicos tanto no sentido de instruí-las, como para contribuir em suas atividades laborais. Além disso, junto de outras pessoas educadoras de seu tempo, como Nadezhda Krupskaya, por exemplo - que dava aulas em escolas noturnas para pessoas adultas -, Roubakine ainda daria palestras em fábricas e vilarejos sobre temáticas científicas, atuando, bibliotecário e educador que era, como um mediador entre os livros, a leitura e o acesso ao conhecimento. É preciso destacar, portanto, o espaço-tempo de assimetrias e opressões no qual o teórico russo estava inserido — diante de uma distribuição desigual de renda e, especialmente, de acesso à educação, da censura czarista, de uma educação tomada como “tendenciosa” e dos esforços para que o conhecimento (tanto o científico, mas, sobretudo, o político) não alcançasse as massas trabalhadoras que poderiam, a partir das tomadas de consciência, lutar pelos modos de transformação do mundo. Dessa maneira, naquele momento, o ensino formal seria concebido, para o bibliotecário russo, como uma forma de afastar a população das possibilidades de reflexões críticas a partir de materiais de leitura escritos, sobretudo, em uma linguagem complexa e pouco acessível, na busca pela formação de “cidadãos úteis” que apenas corresponderiam aos interesses de um regime desigual e opressor. Nesse horizonte, conforme Chubarian ([1981?]), trata-se de dizer que Roubakine teria contribuído para a elaboração da teoria e prática do autodidatismo na Rússia, estando a fundamentação de suas teorias posicionada na importância social do autodidatismo, que substituiu “[...] o ensino escolar para muitos trabalhadores que, na Rússia czarista, se viam privados dele” (Chubarian, [1981?], p. 29, tradução nossa).* O autor ainda aponta para a centralidade do trabalho bibliográfico roubakiniano, *Sredi knig*, para a sistematização e orientação não apenas da leitura, mas também da autoinstrução no império russo.

* No original: “[...] la enseñanza escolar para muchos trabajadores que en la Rusia zarista se veían privados de ella” (Chubarian, [1981?], p. 29).

resenha publicada originalmente na revista *Prosveshchenie*⁷⁷ em abril de 1914, comenta tratar-se de uma obra com cerca de 930 páginas, com indicações de mais de 20 mil títulos do que Roubakine considerava como os livros mais importantes já escritos em russo, publicados entre os séculos XI e início do XX (Ferrière, 1951) e provenientes de diferentes áreas científicas que abarcam a história das ciências, das ideias filosóficas, literárias e sociais; à publicação somam-se observações gerais sobre cada temática abordada, seguida de exposições sobre cada corrente de pensamento e da literatura indicada para a compreensão do assunto — esta última, composta por classificações e críticas para cada fonte indicada (Rubakin, A., 1968; Senn, 1973, 1977). O pesquisador eslavo Karol Maichel (1958) aponta que a bibliografia roubakiniana seria composta, na verdade, por pouco mais de 16 mil itens, publicados, em sua maioria, no idioma russo e no final do século XIX.

Para Maichel (1958) e Choldin (1979), *Sredi knig* pode ser concebida como um guia de referência para um indivíduo nos mais diversos ramos do saber, contribuindo para que este possa estabelecer seu curso de autoinstrução segundo seus próprios métodos, tempo e habilidades cognitivas. Além disso, a obra se tornaria, pelo menos até a década de 1970, uma ferramenta para a teoria e prática biblioteconômicas na Rússia (Lindstrom, 1959; Simsova, 1977), uma vez que teria sido desenhada, conforme aponta Senese (1978), para atender às necessidades de bibliotecas, livreiros e pessoas leitoras, demonstrando não apenas em seu prefácio e notas, mas, sobretudo, na própria seleção de livros, “[...] os mesmos pressupostos progressistas e revolucionários que marcaram as obras de popularização de Roubakine” (Senese, 1978, p. 1303, tradução nossa).⁷⁸

Nos anos entre 1911 e 1915, ou seja, ainda no centro dos movimentos políticos a favor da deposição da autocracia na Rússia e da Primeira Guerra Mundial, uma segunda edição da bibliografia seria publicada, dessa vez, composta por três volumes (Savova, 1990): o primeiro, dividido em duas partes, consiste em uma espécie de “ensaio bibliológico científico”, como denominado por A. Rubakin

⁷⁷ *Prosveshchenie* (em tradução livre, associada aos significados de Iluminismo ou Educação), foi uma revista mensal de cunho literário e sociopolítico fundada pelo partido Bolchevique (sobretudo a partir dos esforços de Lenin) em São Petersburgo, na Rússia, em dezembro de 1911, e publicada legalmente até junho de 1914. Nesse período, pouco antes do início da Primeira Guerra Mundial, a publicação seria banida pelo regime czarista.

Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/lenin/works/1913/mar/x01.htm>. Acesso em: 21 mar. 2024.

⁷⁸ No original: “[...] the same progressive and revolutionary assumptions that had marked Rubakin's popular works” (Senese, 1978, p. 1303).

(1979), sobre a importância dos livros, de seu estudo e sua divulgação; a segunda traz a bibliografia propriamente dita, sendo esta, por sua vez, também dividida por áreas do conhecimento: I) Belas Artes (incluindo livros de ficção); Literatura; Jornalismo; e Ética (sua história, teoria e crítica); II) Ciências Sociais, contemplando História, Política, Educação, Filosofia e Economia; Ciências Naturais, incluindo Matemática, Lógica, Epistemologia; e obras bibliográficas e de referência, como índices alfabéticos onomásticos e de assunto; o terceiro volume, de 1915, contém seções sobre a questão nacional, Geografia, Etnografia, Antropologia, bem como um índice de autorias e resenhas (Senn, 1977).⁷⁹ Uma segunda parte deste último volume, direcionado com maior ênfase para as áreas de Ciências Naturais, Matemática, Filosofia, Psicologia e Bibliografia, não chegou a ser impressa, conforme nos aponta Maichel (1958).

Para cada subdivisão temática, os livros indicados são precedidos de informações bibliográficas, críticas e históricas a respeito das autorias e das obras: dados como autoria, título, data e lugar de publicação, editora, preço e, não raro, descrição sobre o conteúdo temático, estão presentes em *Sredi Knig* (Maichel, 1958). Além disso, em um horizonte alinhado ao contexto das discussões biobibliográficas e, arriscamos dizer, até mesmo no que se refere à materialidade bibliográfica das obras ali indicadas (no âmbito de uma bibliografia material), o trabalho roubakiniano ainda revelaria, em algumas entradas, notas sobre as datas de nascimento e morte das autorias, acompanhadas de uma listagem de materiais sobre essas mesmas autorias, incluindo informações extrínsecas relacionadas aos itens, como os critérios de raridade aplicados por Roubakine e as críticas recebidas, por exemplo (Maichel, 1958).

Para além de uma organização orientada pelo conteúdo temático, as bibliografias roubakinianas, incluindo o próprio *Sredi knig* e, ainda, a *Praktika samoobrazovaniia* (Prática de autoinstrução), de 1914, elucidariam diferentes formas de organização e classificação a partir do grau de dificuldade e nível de instrução, voltado, pois, para as particularidades de quem lê e seus modos de apropriação de

⁷⁹ Não é nosso intuito aqui discutir a obra roubakiniana *Sredi knig* (Entre livros). Ao mesmo tempo, a estrutura e organização de sua bibliografia demonstra, para nós, não somente a influência dos aportes comtianos em sua compreensão sobre a organização dos saberes, como também nos sugere outras lentes e caminhos de discussão sobre o seu pensamento no bojo dos estudos em Organização, Representação e Classificação do Conhecimento e no próprio âmbito da Bibliografia — perspectiva já destacada, antes, por Elena Savova (1998). Esse olhar ainda nos revela, por um lado, a complexidade das teorias de Nicolas Roubakine e, por outro, o vasto território a ser investigado sobre o seu trabalho no campo biblioteconômico-informacional.

saberes (Ferrière, 1951; Simsova, 1975; Savova, 1998); para que seja possível encontrar o livro mais adequado, ou seja, aquele que possibilite adquirir o máximo de conhecimento no menor tempo possível. Para A. Rubakin (1979), significa dizer que tais bibliografias, em especial, a segunda edição de *Sredi knig*, seriam não apenas uma representação da segunda biblioteca de seu pai, construída durante o exílio na Suíça, mas também e, principalmente, um reflexo das experiências de Roubakine no campo da autoinstrução e dos estudos sobre a pessoa leitora — colocado de outra forma, do trabalho praxiológico que, conforme veremos, conduziu a biobibliografia do teórico.

No que se refere à estrutura dessas obras, Roubakine ([1922] 1998) revela uma intencionalidade em seu arranjo, demonstrando as relações intrínsecas estabelecidas em seu trabalho no campo teórico (a construção de suas bibliografias) com os esforços de autoinstrução via aplicação no real (o impacto nos seres sociais). Para tanto, cada item, para além de um arranjo temático, está circunscrito em um arranjo bibliopsicológico, ou seja, a partir da classificação de pessoas leitoras e suas diferentes intersubjetividades (habilidades cognitivas, grau de dificuldade e nível de instrução, por exemplo), as quais são representadas por algarismos romanos que indicam, por sua vez, quais obras seriam direcionadas para cada categoria de leitor: I) leitores que tenham recebido o mínimo de instrução, ou seja, cujo nível de escolaridade não seja superior ao da escola primária (atual ensino fundamental); II) leitores cujo nível de instrução não exceda os anos iniciais de uma escola secundária (atual ensino médio); III) leitores com nível de formação de uma escola secundária, o que implica uma leitura mais complexa; IV) leitores antes de receberem educação superior; e V) leitores especialistas (Ferrière, 1951; Rubakin, A., 1979; Roubakine, [1922] 1998).

Na visão de Simsova (1966a), tal procura se adequaria às propostas de Roubakine em classificar leitores e o conhecimento como um todo não somente de acordo com o objeto material, mas também em relação ao seu conteúdo e sua aplicabilidade social a esses mesmos leitores. Em outras palavras, o enfoque roubakiniano está centrado na ideia de que: “assim como se pode compor uma lista de testes para as qualidades individuais do leitor, também se pode fazer para suas

concepções sociais, morais, religiosas e filosóficas”⁸⁰ (Roubakine, [1922] 1998, p. 203, tradução nossa), acrescentando que, para além das finalidades práticas, “classificamos os livros que podem servir como reagentes para visões sociais” (Roubakine, [1922] 1998, p. 203-204, tradução nossa).⁸¹

Portanto, no pensamento roubakiniano, as propostas de instrução popular e tomadas de consciência crítica perpassam, antes, não só o trabalho de autoinstrução, construção e disseminação de literatura científica, como também e, principalmente, as atividades bibliotecárias e bibliográficas, na forma de elaboração de índices, listas e catálogos de recomendações de leitura — muitos dos quais seriam distribuídos aos meios operários e camponeses, como também para escolas, bibliotecas (rurais, fabris e públicas), livrarias, para propaganda revolucionária e, em sentido amplo, para qualquer pessoa que tenha ou possa vir a manifestar interesse na leitura (Rubakin, A., 1979).

Não é o nosso foco aqui nos aprofundar e discutir as atividades de Roubakine no âmbito da autoinstrução e popularização científica, entendendo que se trata de uma temática que demanda e merece uma abordagem complexa e em diálogo mais direto com outros campos do conhecimento, como Educação, Comunicação e Divulgação Científica, junto de suas implicações diretas na interface de diferentes disciplinas fronteiriças em Biblioteconomia e Ciência da Informação, o que fugiria ao propósito dessa pesquisa. No entanto, é importante destacá-las, pois esse olhar demonstra, para nós, de que maneira as vivências do bibliotecário russo já estariam imbricadas, décadas antes da publicação de sua obra de 1922, nos modos e condições de leitura das massas populares, apontando para um horizonte social de transformação — o que seria desenvolvido, de outras formas, em sua teoria bibliopsicológica.

Para Senn (1977), o interesse de Roubakine para com as atividades de autoinstrução estaria não nas técnicas de aprendizado propriamente ditas, mas sim no desenvolvimento de uma percepção de mundo e de uma certa ação revolucionária (Rubakin, A., 1979) — a leitura como forma de luta pela apropriação de saberes críticos sobre o sistema czarista e a realidade como um todo, partindo do

⁸⁰ No original: *De même qu'on peut composer une liste de tests pour les qualités individuelles du lecteur, on peut la faire pour ses conceptions sociales, morales, religieuses et philosophiques* (Roubakine, [1922] 1998, p. 203).

⁸¹ No original: *Nous avons classé les livres qui peuvent servir de réactifs pour les conceptions sociales* (Roubakine, [1922] 1998, p. 203-204).

entendimento de que, ao possibilitar às classes oprimidas condições de acesso ao conhecimento, poderia despertá-las para o interesse pelos livros e pela leitura e, a partir daí, direcioná-las para a transformação de um real tal como dado pelo império russo. O teórico nos diria que tudo isso revoluciona, ou, podemos dizer de outra forma: “o trabalho cultural é um meio e a revolução é um fim” (Rubakin, A., 1979, p. 42, tradução nossa).⁸² Mais especificamente, uma oportunidade para que os estratos intelectuais — muitos dos quais provenientes das classes trabalhadoras — se aproximem e dediquem seus conhecimentos ao serviço do povo, propiciando uma revolução de suas concepções sobre o real para que possam, então, revolucionar esse mesmo real (Senn, 1977).

Essa proposta roubakiniana acompanharia outras ações de popularização da ciência transcorridas desde as primeiras décadas do século XIX em outros países da Europa Central e Ocidental nos quais os índices de alfabetização eram baixos. No império russo, desde os anos de 1830 e 1840, mesmo sob as restrições políticas e educacionais impostas pelo regime de Nicolau I,⁸³ o enfoque repousaria nas massas populares, em específico, as classes trabalhadoras, dadas fora dos ambientes tradicionais de educação formal (escolas e universidades) e a partir da publicação de livros e jornais com valores mais acessíveis e em formatos diversos, incluindo figuras e diagramas. Esses materiais possuíam uma linguagem mais compreensível, direcionados para quem não tinha condições de desenvolvimento de instrução formal, acesso ao livro e à leitura, mas que, ao mesmo tempo, manifestavam interesse em adquirir saberes sobretudo científicos (Andrews, 2003, 2013).

Trata-se aqui, retomando as experiências de Roubakine com as condições de leitura das pessoas operárias da fábrica de seu pai na década de 1880, de alcançar esses indivíduos a partir de suas realidades e sem palavras difíceis:

É preciso começar o trabalho de autoinstrução não com um livro, mas com a vida. A vida ensina muito mais do que o melhor dos livros. O livro é apenas uma ferramenta e um guia. Não é a vida que precisa ser testada por livros, ou seja, pelas teorias, mas justamente o contrário (Rubakin, A., 1979, p. 93, tradução nossa).⁸⁴

⁸² No original: *‘Культурная работа — средство. Революция — цель’* (Rubakin, A., 1979, p. 42).

⁸³ Para Andrews (2003), as sociedades científicas da época, bem como as pessoas envolvidas com a popularização da ciência, contribuíram para a construção e desenvolvimento de um discurso público para as camadas trabalhadoras nos anos pré-revolução de 1917.

⁸⁴ No original: *надо начинать самообразовательную работу не с книги, а с жизни. Жизнь учит гораздо большему, чем лучшая из лучших книг. Книга только орудие и пособие. Не жизнь нужно проверять книгами, т.е. теориями, а как раз обратно* (Rubakin, A., 1979, p. 93).

Dito de outra forma, “o livro é para a vida, não a vida para o livro” (Rubakin, A., 1979, p. 37, tradução nossa).⁸⁵ Em outro lugar, décadas depois do desenvolvimento da teoria bibliopsicológica, a reflexão da leitura desenvolvida por Paulo Freire (2011) no âmbito da Educação de Jovens Adultos postularia abordagem semelhante, em uma dentre várias de suas aproximações com o pensamento rubakiniano, como já discutido em Saldanha e Salomão (2021) e Salomão e Saldanha (2021a,b): a leitura do mundo que precede a leitura da palavra, a leitura da palavra que precede a leitura de mundo, em um movimento dialógico que, em nosso entendimento, une o repertório informacional e cognitivo às vivências e realidades de quem lê. Ao abordar a obra “Prática de autoinstrução”, de 1914, A. Rubakin (1979, p. 92-93, tradução nossa) destaca a concepção central das atividades educacionais de seu pai:

Os leitores por vezes reduzem o trabalho de autoinstrução à assimilação das ideias, opiniões e teorias de outras pessoas. Enquanto isso, a própria essência deste trabalho não está na assimilação do trabalho de outra pessoa, mas no processo de pensar, refletir. [...] É nesse repensar que o sujeito se fortalece. Este próprio repensar dos pensamentos dos outros é a força, a principal força potencial. Portanto, cada livro que você lê deve ser lido com atenção, encarado como fonte de pensamentos e como agente causador deles.⁸⁶

Para nós, significa uma proposta de instrução fundada em uma práxis, ou seja, a ação social transformadora, como nos diria Saldanha (2019b), concebida a partir da realidade e das particularidades de cada ser, ou seja, de acordo com suas habilidades cognitivas e posição no espaço e no tempo. O objetivo do bibliotecário russo repousa, pois, no desenvolvimento de práticas de autoinstrução que vão além dos construtos teóricos que as sustentam, alcançando, em sua dimensão prática, a interação com diferentes pessoas e a compreensão de suas vivências, experiências de leitura, modos de linguagem, saberes, conceitos e visões de mundo — A. Rubakin (1979) afirma que seu pai não somente orientava e ensinava seus leitores, como também aprendia com eles.

⁸⁵ No original: *Книга для жизни, а не жизнь для книги* (Rubakin, A., 1979, p. 37).

⁸⁶ No original: *Читатели сплошь и рядом сводят самообразовательную работу к усвоению чужих идей, чужих мнений, чужих теорий. Между тем самая суть этой работы вовсе не в усвоении чужого, а в процессе мышления, продумывания [...]. Вот в этом-то передумывании и крепнет человек. Это-то собственное передумывание чужих дум и есть сила, главная могущественная сила, с которой ничего не может поделать никто со стороны. Поэтому на каждую читаемую книгу необходимо смотреть не как на источник мыслей, а как на возбудительницу их* (Rubakin, A., 1979, p. 92-93).

As obras de popularização da ciência publicadas por Roubakine emergem, justamente, das relações e laços simbólicos construídos através de suas visitas às fábricas e vilarejos, bem como das correspondências trocadas com leitores de diversas partes do mundo ao longo de toda sua vida. Para A. Rubakin (1979), ainda que os esforços roubakinianos estejam aparentemente voltados para a aplicação do saber científico no trabalho em um movimento que se aproxima de uma perspectiva utilitarista (conhecimento, uso e manuseio de tecnologias para a agricultura e a indústria, por exemplo, o que de fato contribuiu para as atividades cotidianas desses grupos, segundo Andrews, 2003), sua proposta de autoinstrução encontra-se igualmente imbricada em um horizonte de práxis transformadora nessa mesma realidade: utilizar os saberes apropriados via experiências de leitura para desenvolver uma tomada de consciência crítica sobre as opressões e desigualdades reinantes no império russo.

Para tanto, Aleksandr nos diz que o teórico propõe um método de escrita baseado em uma linguagem simples e clara, utilizando técnicas de repetições e perguntas — também aplicado em sua obra de 1922 e na própria estruturação do método bibliopsicológico —, a fim de facilitar o entendimento, por parte do povo, de conceitos científicos complexos. Nesse lugar, A. Rubakin (1979) aponta que Roubakine teria sido uma figura inovadora no que se refere à questão de “como” e “o que” escrever para as massas populares — em uma época, destaca, de disputas políticas pela manutenção ou destituição da autocracia russa, em sentido amplo, e pelo o que era lido e apropriado pelas classes trabalhadoras, em específico.

Desse modo, ali, na virada do século XIX aos primeiros anos do XX, no cerne da opressão czarista, Roubakine intentaria despertar a população, através do livro e da leitura, para as reflexões críticas e potencialidades de transformação social advindas da interação leitor-livro-realidade. Em suas obras, mesmo nas impressas legalmente (lembramos: muitos de seus escritos seriam censurados), o teórico se utilizava de uma linguagem acessível ao povo para tecer críticas ao regime vigente e estimular a luta pela liberdade — manifestada via analogias e exemplos, ou seja, em uma “linguagem das insinuações, compreensível apenas para quem sofre desse sistema” (Rubakin, A., 1979, p. 45, tradução nossa).⁸⁷

⁸⁷ No original: *Языку намеков, понятному только тем, кто от этого строя страдает* (Rubakin, A., 1979, p. 45).

Isto se dá, pois o governo censurava quaisquer tipos de textos e conteúdos que consideravam capazes de minar os fundamentos da autocracia russa, razão pela qual o bibliotecário não poderia, em suas obras, criticar abertamente o despotismo, a violência, a arbitrariedade, as desigualdades e opressões presentes no império do czar, se atendo, pois, à publicação de materiais dentro da ordem de pensamento estabelecida, ou seja, sem referência direta aos acontecimentos então transcorridos na Rússia. De todo modo, o teórico buscara uma forma de transmitir saberes e reflexões críticas em diálogo com os potenciais de revolução, a partir do uso de fatos e descrições que faziam referência à luta pela liberdade em diferentes partes do mundo — dito de outra forma, “os livros não apenas lhes davam conhecimento, como também os chamavam para lutar contra o regime czarista, contra a religião,⁸⁸ contra todos os tipos de opressão” (Rubakin, A., 1979, p. 43, tradução nossa).⁸⁹ Segundo A. Rubakin (1979, p. 50, tradução nossa):

Ao abordar uma área do conhecimento, Roubakine não apenas a apresentava, como também discorria sobre o seu desenvolvimento tanto na Rússia quanto em outros países, apontando para o mais democrático ou o mais reacionário. [...] Descrevendo e elogiando a liberdade nos países democráticos ou a luta por ela nesses territórios, ele não escreveu uma palavra sobre o que estaria sendo feito a esse respeito na Rússia. No entanto, os leitores não poderiam deixar de comparar o que foi feito no sentido de liberdade política nos países democráticos da Europa e da América com o que estava acontecendo na Rússia. [...] Enquanto isso, seus livros eram amplamente lidos pelas grandes massas trabalhadoras russas.⁹⁰

Essa perspectiva reafirma as concepções trazidas por Andrews (2013), para quem os trabalhos roubakinianos voltados para a autoinstrução se tornaram fontes essenciais para a educação popular nos anos pré-revolucionários, em especial para pessoas pertencentes às classes trabalhadoras que encontravam-se na busca por

⁸⁸ Contra a religião, aqui, no sentido de combate às crenças na superstição no lugar de um conhecimento científico, respaldado em bases científicas, ou seja, tudo o que não poderia ser comprovado cientificamente - o que demonstra para nós, mais uma vez, a influência do positivismo comteano no bojo do pensamento roubakiniano (Andrews, 2003).

⁸⁹ No original: *Книги не только давали им знания, но звали на борьбу с царским режимом, с религией, со всеми видами угнетения* (Rubakin, A., 1979, p. 43).

⁹⁰ No original: *Взяв какую-нибудь область знания, он не просто знакомил с ней, рассказывая о развитии ее в России, он писал о развитии ее в других странах, выбирая при этом самые демократические или же самые реакционные. [...] Описывая и восхваляя свободы в демократических странах или же борьбу за них в этих странах, он ни слова не писал о том, что делается в этой области в России. Но любой читатель не мог не сравнивать то, что делалось в смысле политических свобод в демократических странах Европы или Америки, с тем, что происходило в России. [...] А его книги тем временем широко читались огромными массами русских трудящихся* (Rubakin, A., 1979, p. 50).

conhecimentos científicos para conseguir melhores empregos e condições de mobilidade social. O comprometimento de Roubakine com essas atividades, sobretudo suas obras de popularização da ciência, o levou ao estudo e contato com distintos ramos do saber, chegando a publicar, entre os anos de 1887 e 1920, cerca de 280 livros e panfletos voltados para as temáticas científicas, os quais alcançariam uma grande circulação por entre as massas populares russas (Rubakin, A., 1968).

Nessa atuação, o teórico não somente seria concebido como um enciclopedista, ao circular por entre diversos campos científicos, como também seria igualmente criticado por diferentes espectros intelectuais da época.⁹¹ Por exemplo, o biólogo e popularizador da ciência russo Boris Mikhailovich Zavadovskii (1895-1951)⁹² contestaria a leitura e uso das obras científicas roubakinianas após a Revolução de 1917, já na era soviética, argumentando que o bibliotecário não era um especialista e tampouco tinha conhecimento dos assuntos sobre os quais escrevia (Andrews, 2003).

Ainda assim, sem nos deter, de maneira específica, na abordagem de Roubakine sobre temáticas científicas de áreas do conhecimento com as quais não trabalhava e/ou dominava diretamente, a qual não é o objeto de nossa pesquisa, chamamos atenção para o propósito social-político-revolucionário claramente dado em sua práxis transformadora: alcançar as massas populares afastadas das condições de instrução formal, diante de suas realidades, de suas habilidades cognitivas, de suas linguagens, ou seja, de suas leituras do real, conforme apontam as discussões de Saldanha e Salomão (2021) e Salomão e Saldanha (2021a,b).

⁹¹ Ao longo da década de 1920, no centro do governo soviético e das movimentações para a consolidação política, social e cultural da Revolução de 1917, Andrews (2003) pontua que indivíduos, grupos e instituições envolvidas com a educação científica de pessoas adultas receberam críticas por parte de muitos cientistas de orientação marxista, que postulavam que o ensino e a popularização da ciência deveriam estar imbuídos de uma perspectiva materialista-dialética. Apesar disso, pessoas bibliotecárias da época colocavam que as obras roubakinianas se mantiveram populares por entre jovens, trabalhadores e trabalhadoras russas, sobretudo aqueles e aquelas que ainda estavam no início de seu desenvolvimento como leitores, sendo esses materiais instrumentos interessantes para introduzir esses indivíduos a conceitos científicos básicos (Senn, 1977; Andrews, 2003). Para uma compreensão mais detalhada sobre as críticas recebidas por Roubakine e outros popularizadores da ciência pré-revolucionários na Rússia soviética, ler: ANDREWS, James. Technology solves everything: science popularization and the Stalinist great break, 1928–32. In: ANDREWS, James. **Science for the masses: the bolshevik state, public science, and the popular imagination in Soviet Russia, 1917–1934**. Texas: Texas A&M University Press, 2003. p. 121-134.

⁹² Boris Mikhailovich Zavadovskii (1895-1951) foi um fisiologista russo que desenvolveu uma abordagem marxista para o campo da Museologia. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Boris_Zavadovsky. Acesso em: 03 out. 2025.

Em sua visão:

As pessoas do campo sempre pensaram, mas agora estão pensando mais e mais criticamente. O pensamento crítico começa a acompanhar com ação persistente. E no campo, como em uma fábrica, em um momento difícil e com problemas econômicos de todo tipo, a instrução e os livros lhes dão uma arma que eles nunca tiveram (Rubakin, A., 1979, p. 62, tradução nossa).⁹³

Para nós, é precisamente esta concepção que une teoria e prática (lembramos, o pensamento crítico começa a acompanhar com ação persistente), que norteia e demarca o objetivo roubakiniano: o bibliotecário compreendia que o trabalho cultural, este, voltado para a socialização do conhecimento — até então em poder das elites culturais —, poderia oferecer uma oportunidade, a partir de uma práxis transformadora, de exercício de uma mentalidade revolucionária das massas populares, ou seja, uma tomada de consciência crítica, na qual grupos oprimidos poderiam se organizar e criar uma intelectualidade própria, uma *intelligentsia* de, para e através de seu próprio povo (Senn, 1977; Rubakin, A., 1979).

Segundo o autor, não apenas a voz desses estratos se tornaria cada vez mais “decisiva para conduzir os rumos da humanidade”⁹⁴ (Roubakine, [1922] 1998, p. II, tradução nossa), como também seria desses grupos que surgiria uma nova força, um potencial de destruição das noções que integram o que entendia como um regime decrépito, desastroso para todas as pessoas trabalhadoras, para alcançar, então, a (re)construção de um futuro melhor (Rubakin, N., 1912⁹⁵ *apud* Senn, 1977). No bojo de seu pensamento, assim seria possível direcionar a população russa para uma sociedade mais justa, livre e democrática: “Em seu caráter revolucionário, social, científico e literário, eu acreditei e continuo a acreditar no principal fator de transformação do sistema existente: o proletariado consciente, a classe trabalhadora com uma intelectualidade própria” (Rubakin, A., 1979, p. 63, tradução nossa).⁹⁶

⁹³ No original: *Деревенские лучшие люди мыслили всегда, а теперь они мыслят все более и более критически. Критическая мысль начинает сопровождаться упорным действием. И в деревне, как на фабрике, в трудную минуту экономические и всякие другие неурядицы выдвигают именно таких людей, а грамотность и книга дают им такое оружие, какого они никогда не имели* (Rubakin, A., 1979, p. 62).

⁹⁴ No original: *dont la voix devient de plus en plus décisive dans les destinées du monde* (Roubakine, [1922] 1998, p. II, tradução nossa).

⁹⁵ RUBAKIN, Nikolai. **Pered rassvetom** [Antes do amanhecer]. São Petersburgo, 1912. p. 237.

⁹⁶ No original: *‘В своей революционной, общественной, научно-литературной и просветительной деятельности я считал и считаю главным фактором основного преобразования существующего строя сознательный пролетариат, рабочий класс, выдвигающий свою собственную интеллигенцию* (Rubakin, A., 1979, p. 63).

Mais uma vez, isso demonstra, para nós, que os esforços a favor de uma educação transformadora, nos limites dados pela teoria roubakiniana, se dariam centralmente pela via do acesso ao livro e à leitura e, não menos importante, do trabalho bibliotecário — tanto aquele exercido por Roubakine nas bibliotecas que construiu ao longo de sua vida quanto em outras bibliotecas, sobretudo as públicas (Rubakin, N.; Bethmann, 1968).

É interessante destacar que as próprias bibliotecas formadas pelo teórico russo, conforme nos diz A. Rubakin (1979), eram diretamente relacionadas ao seu trabalho e à sua vida, sendo não uma coleção simples e aleatória de livros, mas antes, um sistema construído de forma lógica, no qual a seleção e organização dos títulos refletiam seus interesses, métodos de trabalho e conteúdo e, para além disso, o mundo ao redor. Em vida, Roubakine colecionou duas bibliotecas: a primeira, ainda na Rússia, fruto de suas experiências na L. T. Rubakina e totalizando mais de 100 mil volumes, o bibliotecário doou, em 1907, à Liga Pan-Russa para a Educação Popular em razão de seu exílio, mantendo cerca de sete a oito mil volumes que, segundo ele, seriam necessários para o seu trabalho.⁹⁷

Na ocasião da doação dessa primeira biblioteca, o teórico colocaria, em seu discurso,⁹⁸ parte da perspectiva sociocrítica e política que permeia sua práxis bibliotecária e educacional:

Estamos a testemunhar mais do que um renascimento político de nossa pátria... Estamos diante de uma questão social em toda a sua formidável grandeza. Ao nosso redor, vemos a luta das classes trabalhadoras em busca da reconstrução de todo o edifício social com base em princípios novos e justos, isto é, em nome do princípio de que todos os benefícios criados pela natureza ou pela sociedade,

⁹⁷ Na biografia roubakiniana, A. Rubakin (1979) aponta que seu pai, quando assumiu toda a responsabilidade pela Biblioteca L. T. Rubakina, em 1892, expandiu consideravelmente seu acervo, que contava, então, com sete mil títulos. Em 1900, na comemoração dos 25 anos da biblioteca, o acervo contava com 40 mil títulos e 57 mil exemplares; até 1907, ano em que Roubakine exilaria definitivamente para a Suíça, a coleção de livros alcançaria 115 mil exemplares. O acervo teria crescido, em parte, como resultado de doações recebidas, da compra de livros diretamente com autorias, editoras e pessoas conhecidas, bem como a partir da aquisição de coleções de bibliotecas particulares; ainda, o bibliotecário entraria em contato com diferentes bibliotecas particulares e públicas na Rússia, a fim de oferecer duplicatas de sua coleção em troca de livros novos — entre 1894 e 1902, mais de dez mil livros teriam sido adquiridos dessa forma. Além disso, Senn (1977) aponta que o bibliotecário ampliou também as atividades e serviços da L. T. Rubakina, chegando a desenvolver relações de cooperação com outras bibliotecas e instituições na Rússia.

⁹⁸ Esse trecho integra uma palestra dada por Roubakine na ocasião desta doação, intitulada *Osnovnye zadachi bibliotechnogo dela* (As principais tarefas no trabalho bibliotecário). O texto encontra-se em: RUBAKIN, N. A. *Osnovnye zadachi bibliotechnogo dela* [As principais tarefas no trabalho bibliotecário], **Russkaia Shkola** [Escola Russa], n. 7-8, p. 174-203, 1907. Não conseguimos acesso a esse material.

toda a riqueza criada pelo coletivo, representam, em sua própria essência, a propriedade pública que, somente no sistema social moderno se transforma em propriedade privada; portanto, para restaurar a justiça, mais cedo ou mais tarde devem passar para propriedade pública. Cada vez mais, as grandes massas tomam consciência de que todo o povo é e deve ser o verdadeiro proprietário, gestor e consumidor dos bens culturais, materiais e espirituais. Guiado por esses princípios e pela concepção de mundo que formulei nos meus tempos de estudante e vendo pela frente a maior época da história, eu, modesto trabalhador na área de educação pública, considero uma questão de honra e consciência servir ao triunfo dessa visão de mundo com apenas uma caneta e, portanto, transiro minha propriedade privada para a propriedade pública indivisível da Liga Pan-Russa de Educação e, através dela, a toda população de São Petersburgo, mais especialmente, ao proletariado e aos intelectuais operários dessa cidade (Rubakin, A., 1979, p. 68-69, tradução nossa).⁹⁹

A segunda biblioteca, por sua vez, construída já na Suíça, em 1908, se desenvolveu a partir do acervo que trouxe consigo da Rússia, alcançando, na década de 1920, a partir das relações traçadas com editores e autorias, entre 80 e 100 mil volumes — esta, ele legou à Biblioteca Estatal de Lenin, em Moscou, atual Biblioteca Estatal Russa, após sua morte, em 1946; a qual, segundo A. Rubakin (1968), foi armazenada em um setor voltado para as coleções especiais, *Rubakin Collection* (Rb). De igual modo, o arquivo de Roubakine,¹⁰⁰ contendo suas

⁹⁹ No original: *Мы присутствуем не только при политическом возрождении нашей родины. Перед нами стоит во всем его грозном величии вопрос социальный. Вокруг нас кипит борьба труда и трудящихся во имя перестройки всего общественного здания на новых, справедливых началах, т. е. во имя того принципа, что все блага, созданные природой или обществом, все богатства, сделанные коллективным трудом всех, по самому существу своему представляют общественное достояние, которое лишь нир современном социальном строе превращается в частную собственность и, следовательно, для восстановления справедливости рано ли, поздно ли должно перейти в общественное владение. в умы широких масс все больше и больше входит сознание, что весь народ есть и должен быть истинным собственником, распорядителем и потребителем всего культурного, материального и духовного богатства. И вот, исходя из этих соображений и стоя перед лицом величайшего исторического периода и делая неизбежный логический вывод из основных посылок того мирозерцания, которое я имею честь разделять со студенческой скамьи, я, скромный работник в области народного просвещения, считаю делом своей чести и совести служить победе этого мирозерцания не только одним пером, а потому передаю мою частную собственность в нераздельное общественное владение Московской части Петербургского отдела Всероссийской лиги образования, а в ее лице петербургскому населению и прежде всего петербургскому пролетариату и трудовой интеллигенции (Rubakin, A., 1979, p. 68-69).*

¹⁰⁰ Sobre o arquivo de Roubakine, Sylva Simsova (1968c) comenta que o seu conteúdo foi descrito em alguns artigos de autoria de L. M. Ivanova, como, por exemplo: IVANOVA, L. M. Arkhiv N. A. Rubakina, *Sovetskaia bibliografia*, v. 3, p. 98-109, 1962, o qual não tivemos acesso. A autora ainda acrescenta que o arquivo contém materiais não publicados, incluindo uma obra escrita pelo teórico russo pouco antes de sua morte, em 1946, intitulada *Kniga kak orudie borbi za istinu i spravedlivost* (O livro como arma na luta pela verdade e pela justiça), rascunhos de uma nova edição de sua *Introduction à la psychologie bibliologique*, um artigo sobre a relação entre Bibliopsicologia e medicina, uma autobiografia não publicada, além de uma vasta correspondência e respostas aos questionários de leitura formulados por Roubakine ao longo de sua vida (Simsova, 1968c).

correspondências e manuscritos, também adquirido pelo governo soviético, encontra-se no Setor de Manuscritos desta biblioteca (Senn, 1973; Rubakin, A., 1979; Savova, 1998).

O acervo das bibliotecas de Roubakine era composto, em sua maioria, por literatura russa e estrangeira, como Fiódor Dostoiévski (1821-1881),¹⁰¹ Ivan Turguêniev (1818-1883),¹⁰² Liev Tolstói (1828-1910),¹⁰³ Goethe (1749-1832),¹⁰⁴ Mark Twain (1835-1910)¹⁰⁵ e Lord Byron (1788-1824),¹⁰⁶ por exemplo, bem como por materiais de não-ficção, provenientes das áreas de ciências humanas e sociais e contemplando diferentes pontos de vista — como escritos de Karl Marx e Friedrich Engels (1820-1895), e textos críticos ao governo. Aqui, Senn (1973) afirma que os registros de empréstimo da biblioteca de Roubakine na Suíça não apenas fornecem um panorama sobre as práticas de leitura de imigrantes russos durante esse período, como também sua coleção serviu como ferramenta central para a compreensão crítica e enfrentamento ao momento histórico, social e político vigente.

Nessa direção, no espaço-tempo roubakiniano, essa proposta crítica estaria posicionada, ainda, na transformação do espaço de sua própria biblioteca em um *locus* de encontros entre autores, leitores, editores, pessoas bibliotecárias, estudantes e trabalhadoras. Dito de outra forma, um centro de educação e cultura voltado para o desenvolvimento de discussões e investigações científicas sobre o livro, a leitura, o leitor e seus atos de ler, acreditando que as reflexões teóricas ali construídas poderiam encontrar sua aplicação na realidade social a partir da luta a favor da apropriação de saberes críticos por parte das massas populares (Simsova, 1977; Savova, 1998; Saldanha, 2019a).

¹⁰¹ Fiódor Dostoiévski (1821-1881) foi um escritor russo de romances, contos, memórias e escritos críticos de grande densidade psicológica e filosófica. Em 1849, o autor seria preso e condenado à morte pelo regime czarista, tendo sua pena convertida para quatro anos de trabalhos forçados na Sibéria. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Fyodor-Dostoyevsky>. Acesso em: 18 mar. 2024.

¹⁰² Ivan Turguêniev (1818-1883) foi um tradutor, dramaturgo e escritor russo de romances, poesia, contos e novelas. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Ivan-Sergeyevich-Turgenev>. Acesso em: 18 mar. 2024.

¹⁰³ Liev Tolstói (1828-1910) foi um escritor e romancista russo. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Leo-Tolstoy>. Acesso em: 18 mar. 2024.

¹⁰⁴ Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) foi um escritor e poeta alemão. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Johann-Wolfgang-von-Goethe>. Acesso em: 18 mar. 2024.

¹⁰⁵ Samuel Langhorne Clemens (1835-1910), mais conhecido pelo pseudônimo Mark Twain, foi um escritor estadunidense. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Mark-Twain>. Acesso em: 18 mar. 2024.

¹⁰⁶ Lord Byron (1788-1824) foi um poeta britânico. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Lord-Byron-poet>. Acesso em: 18 mar. 2024.

Poderíamos ir além, destacando que as bibliotecas sob a administração de Roubakine — seja em São Petersburgo, na Rússia, ou em Clarens e Lausanne, na Suíça — seriam palco de diferentes atividades culturais e, especialmente, de debates políticos e reflexões críticas sobre as contradições e opressões reinantes na realidade na qual viviam. Em seu “Diário dos anos de guerra”, o intelectual francês Romain Rolland¹⁰⁷ não somente descreve Roubakine como “um homem de cerca de 60 anos, com barba grisalha, cabelos espessos, sorridente e vibrante de pensamento [...] um pensador original, um grande trabalhador, sempre absorto em suas pesquisas sobre psicologia” (Rolland, 1952, p. 699, tradução nossa),¹⁰⁸ como também narra seus encontros e discussões com o teórico no período da Primeira Guerra Mundial. Uma dessas reminiscências está registrada em uma entrada em seu diário de 7 de maio de 1916, sobre o contexto de guerra então vivenciado:

‘Minha irmã e eu estamos almoçando na casa do Dr. [Adolphe] Ferrière com Nicolas Roubakine e Paul Otlet. Nas conversas, um curioso contraste me impressiona. Uma série de fatos revelados mostra a nossa Europa entregue a um punhado de bandidos. E, ao mesmo tempo, as conversas revelam um grau tão elevado de civilização, um refinamento intelectual tão grande, que não se compreende como se trata da mesma humanidade. Essa é a tragédia desses tempos (Rolland, 1952, p. 762, tradução nossa).¹⁰⁹

Ainda nessa mesma entrada do diário, Rolland (1952) evoca uma outra lembrança que envolve os relatos de Roubakine sobre os acontecimentos transcorridos no império czarista:

No almoço, Roubakine contou sobre as abominações do governo czarista [...] Falando sobre a perseguição à liberdade de pensamento, ele disse que, desde a Revolução de 1905, 49 milhões

¹⁰⁷ Na biografia roubakiniana, Aleksandr Rubakin (1979) menciona a centralidade do “Diários de anos de guerra” de Rolland no que se refere ao registro de vestígios sobre a relação entre o intelectual francês e Nicolas Roubakine. O autor também atenta para a presença de uma certa quantidade de correspondência entre os teóricos — mesmo que ambos se encontrassem frequentemente e morassem próximos; parte dessas cartas estaria nos arquivos de Roubakine na atual Biblioteca Nacional da Rússia. Apesar dessa proximidade, o próprio Romain Rolland teceria críticas às teorias de Roubakine sobre o livro, conforme será discutido na seção de resultados.

¹⁰⁸ No original: *Un homme d'une soixantaine d'années, barbe grise, chevelure en crinière, sanguin, souriant et vibrant de pensée. [...] Savant original, grand travailleur, surtout absorbé par les études de psychologie [...]* (Rolland, 1952, p. 699).

¹⁰⁹ No original: *Nous déjeunons, ma soeur et moi, chez le Dr. Ferrière, avec Nicolas Roubakine et Paul Otlet. Dans les entretiens, un curieux contraste me frappe. Une série de faits révélés montrent notre Europe livrée à une poignée de brigands. Et en même temps les conversations font voir un si haut degré de civilisation, un tel raffinement intellectuel, qu'on ne comprend pas qu'il s'agisse, dans les deux cas, de la même humanité. C'est la tragique de ces temps* (Rolland, 1952, p. 762).

de livros foram queimados [...] Roubakine acredita na Revolução Russa (Rolland, 1952, p. 764, tradução nossa).¹¹⁰

Esse registro revela, para nós, não apenas o contexto sociopolítico que circunscreve a tessitura do pensamento roubakiniano, mas também a representação de sua biblioteca como um *locus* de e para o trabalho revolucionário, como A. Rubakin (1979) e Saldanha (2019a,b) nos apontam; no pós-Revolução de 1917, ainda atuaria como um espaço de expressão da cultura soviética na Europa Ocidental, ou, conforme Senn (1973, 1977), um dos principais fundos de obras russas em território europeu por quase 40 anos, o que contribuiu, em sua visão, para os estudos sobre o Leste Europeu no Ocidente. No ponto que nos toca aqui mais diretamente, os registros de Romain Rolland nos oferecem, ainda, um vislumbre sobre a proximidade entre Nicolas Roubakine e Paul Otlet, para quem o bibliotecário russo dedicaria sua obra bibliopsicológica de 1922 e a qual exerceria sua influência teórico-metodológica na bibliologia otletiana, conforme será visto em seu *Traité de Documentation*, de 1934.

Nesses espaços, ainda de acordo com Senn (1977) e A. Rubakin (1979), pessoas amigas e conhecidas do teórico — trabalhadoras, intelectuais e/ou integrantes de partidos políticos que, em seu caráter ideológico, eram contrastantes, como era o caso dos Socialistas-Revolucionários e Sociais-Democratas — formariam uma espécie de centro de distribuição, debates e leituras de literatura considerada subversiva à época. Na Rússia, a primeira esposa de Roubakine, Nadezhda Ignatieva (Надежда Ивановна, 1870-s.d), também próxima dos círculos e das atividades revolucionárias, costumava ir acompanhada de seu filho Aleksandr, ainda criança, para adquirir materiais ilegais, que seriam trazidos para a biblioteca e, depois, distribuídos para propaganda revolucionária em diferentes partes do império; Aleksandr lembra de já ter encontrado na biblioteca de seu pai, na infância, jornais e revistas deixados ao final dessas reuniões — em sua maioria, contendo títulos censurados pelo regime czarista, de teor socialista e marxista (Rubakin, A., 1979).

Além disso, Senn (1977) e Andrews (2013) nos dizem que Roubakine já era conhecido na capital São Petersburgo por sua participação em atividades e movimentos voltados para a educação popular, especialmente no que concerne à publicação de livros de popularização científica. No entanto, seria como bibliotecário

¹¹⁰ No original: *Au déjeuner, Roubakine a dévoilé les ignominies du gouvernement russe. [...] Parlant de la proscription de toute pensée libre, il dit que depuis la Révolution de 1905, on a brûlé 49 millions de volumes [...] Roubakine croit à la Révolution russe* (Rolland, 1952, p. 764).

e bibliógrafo que o pensador se aproximaria, tanto na Rússia como na Suíça, de figuras reconhecidas da luta contra o czarismo e das ações que levariam à Revolução de 1917, sobretudo aqueles e aquelas pertencentes ao cenário sociopolítico russo do final do século XIX e início do XX.

Dentre as personalidades que seriam visitas frequentes em sua biblioteca, sobretudo na Suíça, podemos destacar Vladimir Lenin, Nadezhda Krupskaya (1869-1939) e Vera Figner (1852-1942),¹¹¹ que por vezes exilariam para o país durante a opressão czarista, tal como Roubakine, e se tornariam amigos próximos do bibliotecário (Senn, 1973; Fayet, 2015). Embora não seja o foco desta pesquisa discutir a relação entre Roubakine e as figuras revolucionárias de seu tempo, compreendendo que tal aprofundamento demandaria uma investigação mais complexa que não seria possível desenvolver no espaço-tempo desta reflexão, alguns aspectos são dignos de nota, uma vez que, para nós, essa noção corrobora o posicionamento de Senn (1977) e Fayet (2015) sobre a contribuição dessa biblioteca para integrar e formar o caráter intelectual das revoluções de 1905 e 1917, bem como a influência de personalidades culturais e políticas da época, sobretudo de posicionamento progressista e revolucionário, sobre o pensamento roubakiniano (Savova, 1990).¹¹²

Aqui, Vladimir Lenin, líder da revolução socialista, de quem se aproximaria em 1911 e cujo irmão, Alexander Uliánov (1866-1887),¹¹³ Roubakine teria contato antes,

¹¹¹ Vera Nikolayevna Figner (1852-1942) foi uma das lideranças políticas nos movimentos revolucionários a favor da destituição do regime czarista na Rússia, atuando sobretudo nos esforços de educação de grupos camponeses em zonas rurais russas. A revolucionária foi presa pela polícia imperial em 1883, sendo sentenciada à morte um ano depois, em 1884; no entanto, sua pena foi transmutada para prisão perpétua e, durante os vinte anos seguintes, Figner permaneceu em prisão solitária na Fortaleza de Shlisselburg, nos arredores de São Petersburgo. Em 1904, foi exilada para Arkhangelsk, cidade na Rússia, e, em 1906, obteve permissão para sair do país, período em que integrou o Partido Socialista-Revolucionário e, arriscamos dizer, frequentou a biblioteca de Roubakine. Ao retornar para a Rússia, em 1915, Vera Figner dedicou-se ao trabalho literário e social. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Vera-Nikolayevna-Figner>. Acesso em: 03 fev. 2024.

¹¹² É interessante observar, conforme Aleksandr Rubakin (1979) coloca, que os arquivos roubakinianos apontam para a presença de cerca de 500 a 1.600 pessoas - pesquisadoras, trabalhadoras, estudantes, exiladas políticas e imigrantes russas - frequentando a biblioteca de seu pai na Suíça entre os anos de 1925 e 1939, embora nem Roubakine nem sua secretária, Marie Bethmann, os tenham contabilizado formalmente. Ainda assim, é possível refletir sobre a centralidade desse *locus* não somente no que diz respeito ao vínculo simbólico, afetivo e intelectual para com a Rússia, mas também como forma de acesso desses indivíduos leitores aos acontecimentos transcorridos na então União Soviética, uma vez que a L. T. Rubakina recebia, regularmente, obras de editoras e autorias que viviam ali e as obras do próprio Roubakine continuariam a ser publicadas em seu país de origem, conforme pontuado por Senn (1977). Em 1928, o *Introduction à la psychologie bibliologique*, por exemplo, seria publicado na Rússia, segundo Sylva Simsova (1975).

¹¹³ Alexandre Uliánov (1866-1887), integrante de organizações e movimentos políticos para a destituição do império russo, seria preso e executado pela polícia czarista, em 1887, por ser cúmplice

em 1880, ainda como estudante universitário, acompanharia de perto os esforços roubakinianos para levar o conhecimento às camadas populares oprimidas, bem como o trabalho desenvolvido por ele no campo da bibliografia (Rubakin, A., 1979) — mais especificamente, na já mencionada *Sredi knig*, na qual contribuiu para a seção sobre bolchevismo (Simsova, 1966a) e expôs seus pontos de vista em resenhas sobre sua construção e seleção (Lenin, 1968).¹¹⁴ Além disso, nos exílios de Lenin na Suíça, o intelectual também utilizava o acervo da biblioteca de Roubakine para o trabalho revolucionário — aprender e/ou buscar materiais de apoio para elaborar livros, discursos e palestras. Aqui, A. Rubakin (1968) e Senn (1977) destacam que muitos dos números e fatos apresentados nos textos roubakinianos seriam utilizados posteriormente pelo político em suas próprias obras.

Por outro lado, Nadezhda Krupskaya, revolucionária, educadora, atuante no centro da luta pela destituição do regime czarista e nos movimentos de outubro, além de parceira de Lenin, teria se aproximado de Roubakine ainda na década de 1890, quando do envolvimento do teórico com o Comitê de Combate ao

nas tentativas de assassinato contra o czar Alexander III (1845-1894), o qual governou entre 1881 e 1894. A execução de Uliánov teve um impacto negativo em Roubakine que, a partir daí, se tornaria cada vez mais um opositor ao czarismo (Rubakin, A., 1968).

¹¹⁴ No contexto da resenha de Lenin (1968) sobre a obra bibliográfica roubakiniana *Sredi knig*, sobretudo no que se refere a temáticas como economia política e, de maneira mais específica, sobre a seção de bolchevismo, o líder revolucionário, apesar de amigo de Roubakine, teceria críticas ao que reconhece como um certo ecletismo e neutralidade na abordagem dada pelo bibliotecário russo. O político menciona que Roubakine prefere não se envolver em discussões ditas polêmicas, ou seja, que ensinam ideias e opiniões controversas — para Lenin (1968), tal postura seria contraditória, uma vez que, abordar esses campos do saber e suas correntes de pensamento envolve, necessariamente, discutir ideias conflituosas e que se modificam ao longo do tempo. Interessante observar que, no capítulo cinco de seu *Introduction à la psychologie bibliologique*, Roubakine ([1922] 1998, p. 260, tradução nossa) revela uma certa dificuldade em conversar com marxistas, dado seu foco central no fator econômico: "Sabe-se que entre os leitores marxistas do tipo muito tacanho esta 'moda' é representada pelo fator econômico, pelo 'papel na produção econômica'. Para essas leituras, todo o resto, a ciência, a religião, as artes, o direito, são apenas apêndices." No original: *On sait que chez les lecteurs-marxistes du type très étroit d'esprit cette 'marotte' est représentée par le facteur économique, par 'le rôle [sic] dans la production [sic] économique'. Pour ces lectures, tout le rest, la science, la religion, les arts, le droit, ne sont que des appendices* (Roubakine, [1922] 1998, p. 260). Em sua tese, Sylva Simsova (1975) aponta que a resenha de Lenin foi um dos motivos pelos quais Roubakine, junto de sua teoria bibliopsicológica, seria criticado pelas autoridades soviéticas; a autora nos diz: "Shifman chamou Rubakin de antimarxista, antileninista, criticou-o pela falta de originalidade e pela confiança na autoridade, e chamou-o de principal inimigo do marxismo-leninismo" (Simsova, 1975, p. 288, tradução nossa). No original: *Shifman called Rubakin antimarxist, antileninist, criticised him for lack of originality and for reliance on authority, and called him the main enemy of Marx-Leninism* (Simsova, 1975, p. 288). Em: SHIFMAN, L. Chto takoe rubakishchina?, *Krasnyi Bibliotekar'*, v. 1, p. 14-23, 1932.

Para mais informações sobre a recepção das teorias roubakinianas na Rússia e União Soviética, ver: SIMSOVA, Sylva. Discussion of bibliopsychology in Russian. In: SIMSOVA, Sylva. **An evaluation of Nicholas Rubakin's concept of bibliopsychology in the light of current psychological research.** 480 p. Thesis (M. Phil) - School of Library, Archive and Information Studies, University of London, 1975. p. 286-290.

Analfabetismo e as atividades de educação de pessoas trabalhadoras — aqui, Krupskaia lecionara junto com a primeira esposa do bibliotecário em escolas noturnas (Senn, 1977; Rubakin, A., 1979). A educadora se tornaria não somente amiga de Roubakine, como também, junto de outras pessoas trabalhadoras e estudantes, leitora em sua biblioteca, emprestando livros e chegando a solicitar, no início de 1917, livros sobre pedagogia, em uma clara conexão com suas atividades educacionais, sociais e políticas (Senn, 1973; Simsova, 1975). Mais tarde, em uma de suas cartas ao bibliotecário, Krupskaia colocaria que a L. T. Rubakina teria sido uma das primeiras bibliotecas particulares e pagas (via assinatura) na capital São Petersburgo a fornecer gratuitamente livros de e sobre educação aos círculos marxistas (Rubakin, A., 1979).

Em nosso entendimento, estaria dado aí, mais uma vez, a atuação crítica e o comprometimento das bibliotecas de Roubakine diante da realidade ao redor e dos movimentos sociais e políticos para a destituição do império russo, conforme apontado por Senn (1977), ainda que o teórico não tenha se envolvido formalmente em um partido político (Rubakin, A., 1979). É possível observar aqui, em sentido mais amplo, o caráter sociocrítico presente nas atividades desenvolvidas nas bibliotecas roubakinianas — o que se reflete tanto no desenvolvimento de seu acervo quanto na assistência aos leitores, alinhado a um propósito de luta contra a desigualdade e de busca pela transformação social.

Nessa direção, no curso dessas vivências, o teórico sofreu perseguições políticas que não só atravessariam sua formação acadêmica e suas atividades bibliotecárias e educacionais na Rússia durante os anos de 1880 e 1890, como também perdurariam até e durante seu exílio para a Suíça nas primeiras décadas do século XX. Ainda entre 1884 e 1886,¹¹⁵ no centro da luta contra o regime czarista, Roubakine foi acusado de publicar, armazenar e distribuir textos tidos como subversivos pelo governo vigente, tendo sua biblioteca, bem como sua atuação como escritor de obras de popularização do conhecimento científico, investigações sobre a leitura e o leitor, escritos políticos críticos ao czarismo, à nobreza e ao clero, perpassadas pela censura (Senn, 1977; Saldanha; Salomão, 2021) — A. Rubakin (1968) comenta que, sobretudo durante a revolução de 1905, seu pai assinaria a autoria de mais de 20 panfletos críticos às classes dominantes sob diferentes

¹¹⁵ A biografia roubakiniana escrita por A. Rubakin (1979) aponta para o ano de 1886, ao passo que o capítulo de A. Rubakin (1968), publicado em obra editada por Simsova (1968a), aponta para 1884.

pseudônimos, dos quais muitos seriam citados pelo próprio Lenin em seus trabalhos revolucionários; Simsova (1975) acrescenta que Roubakine também escreveria sob o pseudônimo de Sergei Nekrasov.

Em sua obra seminal de 1922, o teórico já deixaria clara sua insatisfação e oposição ao império russo, criticando as opressões e censuras do regime czarista, sobretudo no que se refere às condições de educação e acesso ao livro, à leitura e ao conhecimento. No capítulo primeiro, escrito originalmente em 1916, Roubakine ([1922] 1998, p. 21, tradução nossa) diz:

Não esqueçamos que a Rússia, minha pátria, é o país onde os mais esclarecidos detentores do poder supremo, como, por exemplo, Catherine II,¹¹⁶ escreveram de próprio punho: ‘não se deve instruir os plebeus, porque se eles vierem a saber tanto quanto você e eu, eles não nos obedecerão tanto quanto agora’; e foi esta a política que seguiram, embora menos abertamente, todos os czares até a revolução, e todos os ministros de instrução pública nomeados por eles. Não esqueçamos que a Rússia foi, até 1917, o país de numerosas censuras, onde o livro, antes de chegar ao leitor, deveria passar por três, e às vezes seis censuras; onde, a cada ano, por ordem dos tribunais ou sem sua ordem, a polícia queimava centenas de milhares de exemplares de livros. E que livros!¹¹⁷

O pensador russo continua:

De 1904 até nossos dias, foram queimados ao menos 25 milhões de livros. De toda a literatura mundial, não havia mais do que 2.000 a 3.000 obras que a censura especializada da instrução pública permitia passar para o uso dos estudantes e dos camponeses (Roubakine, [1922] 1998, p. 21, tradução nossa).¹¹⁸

¹¹⁶ Catherine II (1729-1796), conhecida como Catherine, a Grande, foi Imperatriz da Rússia entre 1762 até sua morte. A czarina chegou ao poder após um golpe de estado, organizado por ela mesma, para depor o seu marido, o czar Pedro III, do trono. Durante seu regime, Catherine II não considerou importante melhorar as condições de vida das camadas sociais mais necessitadas, como os grupos camponeses e trabalhadores.

Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Catherine-the-Great>. Acesso em: 18 mar. 2024.

¹¹⁷ No original: *N'oublions pas, que la Russie, ma patrie, est ce pays où les détenteurs les plus éclairés du pouvoir suprême, telle, par exemple, Catherine II, écrivaient de leur propre main : 'Il ne faut pas donner d'instruction à la plèbe, parce que si elle vient à savoir autant que vous et moi, elle ne nous obéira plus autant que maintenant'; et cette politique est celle que suivaient, quoique moins ouvertement, tous les tsars jusqu'à la révolution et tous les ministres de l'instruction publique nommés par eux. N'oublions pas, que la Russie a été jusqu'en 1917, le pays de nombreuses censures, où tel livre, avant d'arriver au lecteur, devait passer par trois et quelquefois 6 censures ; où, chaque année, par ordre des tribunaux ou sans leur ordre, la police brûlait des centaines de milliers d'exemplaires des livres. Et de quels livres!* (Roubakine, [1922] 1998, p. 21).

¹¹⁸ No original: *De 1904 à nos jours, on n'y a pas brûlé moins de 25 millions de livres. De toute la littérature du monde, il n'y avait pas plus de 2.000 à 3.000 ouvrages que la censure spéciale de l'instruction publique laissait passer à l'usage des écoliers et des paysans* (Roubakine, [1922] 1998, p. 21).

Ainda nesse mesmo contexto imperial, o teórico seria impedido de exercer qualquer atividade vinculada à carreira acadêmica e veria a circulação de muitos de seus livros, nesse e nos anos seguintes, embargada pela censura czarista — A. Rubakin (1979) nos aponta que cerca de 47 obras escritas por seu pai foram não somente proibidas, como também banidas pelo império russo, muitas das quais seriam reeditadas pelo governo soviético pós-Revolução de 1917, entre os anos de 1919 e 1929. Mesmo assim, a crença do bibliotecário na transformação social pela via dos livros se manteria, independentemente da quantidade de suas publicações em circulação: “Ao responder minha pergunta sobre se seus livros podem circular na Rússia, ele respondeu: ‘Quarenta e sete de meus livros foram proibidos e queimados na Rússia, mas cento e cinquenta e três estão em circulação e isso é suficiente’”,¹¹⁹ nos apontaria os “Diários dos anos de guerra” de Romain Rolland (1952, p. 699, tradução nossa) sobre as restrições impostas à circulação das obras de Roubakine no plano da censura czarista durante o regime absolutista russo.

Ainda no tocante à censura, a biografia escrita por seu filho nos revela um exemplo, dentre os vários existentes, que oferece um vislumbre do contexto vivenciado pelo teórico:

‘Da escuridão do tempo para um futuro melhor’, a coleção diz: este livro tem uma conotação revolucionária brilhante. Sem qualquer hesitação, ele tenta destruir todos os conceitos de religião e estado e o tempo todo incita o ódio às classes dominantes e ricas... Este livro corrompe as mentes e as almas dos jovens... E conclui o autor desta denúncia impressa: o livro foi escrito de forma inteligente, habilidosa e deve ter um efeito aterrorizante direto nas mentes jovens e inexperientes. Lutar contra a corrupção da juventude russa através de tais ‘benefícios’ é dever direto das nossas autoridades estatais. A distribuição e circulação irrestrita dos livros do Sr. Roubakine entre os estudantes é um crime direto e grave do Ministério da Educação Pública¹²⁰ (Rubakin, A., 1979, p. 43, tradução nossa).¹²¹

¹¹⁹ No original: ‘*Quarante-sept de mes livres sont interdits, brûlés en Russie. Mais cent cinquante-trois y circulent. C’est assez*’ (Rolland, 1952, p. 699).

¹²⁰ O Ministério da Educação Pública era a entidade responsável pelas atividades de censura durante grande parte do período czarista russo. A partir de 1834, seria responsável pela supervisão das bibliotecas públicas na Rússia — anteriormente, de responsabilidade do Ministério do Interior (órgão governamental voltado para a administração interna do império, incluindo a manutenção da ordem pública, a segurança do estado e a aplicação das leis). Na visão de Susan Smith-Peter (2005), tal transferência se deu menos como uma vitória da autocracia russa do que uma tentativa de centralizar a administração das bibliotecas públicas, escolares e universitárias no império.

¹²¹ No original: ‘*Из тьмы времен к лучшему будущему*’ в сборнике говорится: *Эта книга имеет яркую революционную окраску. Совершенно не стесняясь, она старается разрушить все понятия о религии и государственности и все время возбуждает ненависть к правящим и состоятельным классам... Эта книга растлевает умы и души юношей... И автор этого печатного доноса заключает: Книга написана умно, умело и должна оказывать прямо ужасающее влияние на молодые неопытные умы. Бороться против развращения подобными*

Esse ato de censura seria apenas um dos muitos enfrentados por Roubakine em razão de sua posição contrária ao regime czarista, sobretudo no que se refere ao campo da educação e da leitura — observado, antes, nas críticas proferidas ao sistema de ensino russo na ocasião de sua palestra de 1904 (Rubakin, N., 1912 *apud* Senn, 1977); o teórico encerraria seu discurso afirmando que “[...] era necessário dar à população russa, sedenta por conhecimento, uma ampla oportunidade de educação, liberdade de expressão e liberdade de imprensa” (Rubakin, A., 1979, p. 65, tradução nossa).¹²² O salão irromperia em aplausos. Contudo, por esse e por seu envolvimento com movimentos estudantis e atividades políticas — suas publicações, os encontros em sua biblioteca e a proximidade com os Socialistas Revolucionários — o bibliotecário russo sofreria diversas tentativas de prisão e exílio.

Para Senn (1977) e A. Rubakin (1979), sobretudo na virada do século XIX para o XX, as vivências de Roubakine na Rússia seriam marcadas pela vigilância policial e pelo exílio da capital de São Petersburgo para diversas partes do império, como Ryazan,¹²³ nos anos de 1890, Crimeia e Vyborg, no início da década de 1900. O bibliotecário organizaria, em 1900, uma espécie de comitê para a luta contra o czarismo e a própria palestra de 1904 não passaria despercebida pela censura do regime, sendo uma das razões que daria início ao seu exílio definitivo: após esse fato, a casa de Roubakine foi revistada pela polícia czarista e, uma vez doente, sua segunda esposa, Lyudmila Alexandrovna (Людмила Александровна, 1879-1947?), foi levada sob custódia pelas autoridades. Na ocasião, o teórico poderia escolher entre permanecer por cinco anos na Sibéria (para onde o império russo enviava presos e exilados políticos) ou ir para o exterior sem direito de retorno, alternativa escolhida em decorrência de seus problemas de saúde envolvendo doenças como bronquite e asma.

O bibliotecário ainda retornaria mais uma vez à sua terra natal, em 1904, após a revogação de sua sentença, determinada pelo próprio governo russo¹²⁴ — nesse

‘пособиями’ русского юношества — прямой долг нашей государственной власти. Невозбранное распространение и обращение среди учащихся книг г-на Рубакина — прямое и тяжелое преступление министерства народного просвещения.

¹²² No original: *необходимости дать наконец русскому народу, жаждущему знаний, широкую возможность образования, свободу слова и печати* (Rubakin, A., 1979, p. 65).

¹²³ Atualmente, cidade na Rússia localizada à sudoeste da capital Moscou.

¹²⁴ A. Rubakin (1968) indica que Vyacheslav von Plehve (1846-1904), Ministro do Interior que teria expulsado Roubakine de São Petersburgo anos antes, seria morto pelos revolucionários russos em 1904 e, com isso, Roubakine teria permissão para retornar à Rússia.

cenário, Roubakine se envolveria novamente nos movimentos políticos que desencadeariam na revolução de 1905 (Senn, 1977). Nos dois anos seguintes, até a saída de Roubakine da Rússia, A. Rubakin (1979) aponta que a repressão do regime czarista se intensificaria, fruto das repercussões de 1905, as quais, segundo Daniel Aarão Reis (2017), nasceram, entre muitos fatores, das contradições sociais, políticas e econômicas reinantes no império, na busca por melhores condições de vida e trabalho e pela derrubada da autocracia russa — inspirando e orientando algumas das ações, decisões e organização de luta das massas populares no que se consolidaria, em 1917, como a Revolução Russa; a manifestação grevista protagonizada pelas classes trabalhadoras em janeiro daquele ano, diante do Palácio de Inverno em São Petersburgo, sede e centro do poder imperial, seria combatida de forma violenta, deixando milhares de pessoas mortas e feridas. Ainda, nesse contexto, A. Rubakin (1979) e Reis (2017) acrescentam que as perseguições políticas se intensificaram, junto às violências, julgamentos arbitrários pelos tribunais militares, prisões, execuções e exílios — o filho de Roubakine, Aleksandr, seria exilado para a Sibéria, o que deixaria o teórico ainda mais doente.

Além disso, a proximidade de Roubakine com o Partido Socialista Revolucionário em 1901, para o qual contribuiu financeiramente e escreveu panfletos críticos ao czarismo,¹²⁵ também representava, ali, uma prisão quase inevitável. Nesse período, A. Rubakin (1979) menciona que uma prisão ou exílio na Sibéria seriam desastrosos para a saúde de seu pai, razão pela qual ele saiu, definitivamente, de São Petersburgo e, depois, do império russo; primeiro, passaria um tempo em Vyborg¹²⁶ — o qual, embora sob o domínio da autocracia russa, não era alvo de uma repressão policial tão intensa quanto na capital — e, em seguida, partiria para a Suíça, país do qual se aproximou em uma de suas viagens nos

¹²⁵ Ao mesmo tempo, Senn (1977) aponta que a figura de Roubakine também foi associada aos círculos liberais da *intelligentsia* russa, o que o deixaria um tanto desconfortável, ainda que ele mantivesse aproximações com esses grupos e outros marxistas, e não se considerasse um marxista ele próprio. Na biografia roubakiniana, seu filho reconhece que seu pai nunca se tornou um “revolucionário profissional”, no sentido de envolver-se em ações empreendidas por partidos políticos. No campo das atividades bibliotecárias e educacionais, por outro lado, sua dedicação aos livros e à instrução do povo russo pode ser considerada como revolucionária, mesmo que o bibliotecário atuasse de acordo com os instrumentos dados pelo sistema czarista (Rubakin, A., 1979). Em 1909, no âmbito de suas relações com os socialistas-revolucionários, Senn (1977) aponta que Roubakine anunciaria sua renúncia do Partido Socialista Revolucionário, após conflitos de relacionamento dentro do próprio partido com Yevno Azef (1869-1918), revolucionário russo que atuou como membro do Partido Socialista Revolucionário e, ao mesmo tempo, espião para a polícia secreta do Império Russo.

¹²⁶ A. Rubakin (1979) menciona que, por esse motivo, muitos intelectuais perseguidos pela polícia secreta czarista e/ou em situação ilegal, ou seja, com passaportes falsos, exilavam para Vyborg.

primeiros anos da década de 1900, para se estabelecer em Clarens e, depois, em 1922, em Lausanne.

Nesse contexto, Senn (1977) aponta que um conjunto de fatores contribuiu para que Roubakine exilasse para a Suíça em 1907, dentre eles o clima mais ameno, a presença de um grande número de imigrantes políticos e intelectuais russos — dentre eles, o próprio Lenin e Krupskaja — e um custo de vida mais barato, se comparado à Rússia. Aqui, é preciso destacar que, proibido de seguir a carreira acadêmica desde os anos de 1880, o teórico passou a viver de sua atuação como escritor, recebendo os direitos provenientes de suas publicações; somado à censura de parte de suas obras e aos custos com a administração de sua biblioteca, é possível inferir que Roubakine atravessou complicações financeiras, chegando a cogitar vender sua biblioteca. Contudo, dado seus esforços na instrução popular e no uso da Biblioteca L. T. Rubakina como espaço de ações e debates que contribuiriam para a Revolução de 1917, o bibliotecário receberia, na década de 1930, uma pensão do então governo soviético e, em troca, legaria sua coleção à biblioteca nacional do país após sua morte (Senn, 1973).

Embora vivendo na Suíça até 1946, ano de seu falecimento, o trabalho roubakiniano permaneceria orientado por e para a população russa e suas condições de leitura — poderíamos dizer, do artefato e do mundo. Ali, nos anos pré-revolucionários e entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, Roubakine não somente deu continuidade às suas investigações sobre o leitor — o que refletiria no desenvolvimento de sua teoria bibliopsicológica — e à publicação em jornais de artigos críticos ao czarismo e à guerra, como também construiu e estreitou relações com figuras reconhecidas do nosso campo, como o já mencionado documentalista e bibliólogo belga Paul Otlet e, em outras áreas, o educador suíço Adolphe Ferrière (1879-1960) e o intelectual francês Romain Rolland (Simsova, 1975; Rubakin, A., 1979) — os dois primeiros, especificamente, com quem o bibliotecário estabeleceu laços de amizade mais profundos, teriam a obra *Introduction à la psychologie bibliologique* oferecida em sua homenagem, em uma dedicatória que, para nós, vai além do vínculo simbólico, abarcando os diálogos, as contribuições teóricas, metodológicas e, ainda, o incentivo para a construção de sua ciência.

Durante esse período, A. Rubakin (1979) afirma que, além de Otlet e Ferrière, seu pai estabeleceu aproximações com outras pessoas escritoras e pesquisadoras no âmbito dos estudos educacionais e psicológicos na Europa Ocidental, como o

psicólogo suíço Édouard Claparède (1873-1940),¹²⁷ diretor do Instituto Jean-Jacques Rousseau,¹²⁸ escola de ciências fundada no ano de 1912 em Genebra, Suíça, voltada para a investigação e o ensino de Psicologia e Pedagogia e incorporada, atualmente, à Universidade de Genebra.

Nessa direção, entre 1916 e 1918 (menos de dez anos antes da publicação de seu *Introduction à la psychologie bibliologique*, mas, ao mesmo tempo, resultado de suas vivências e atuação no campo de estudos da autoinstrução e da Biblioteconomia), Roubakine daria uma palestra sobre a teoria bibliopsicológica no Instituto Jean-Jacques Rousseau e no Instituto Internacional de Bibliografia (IIB),¹²⁹ fundado por Paul Otlet (Simsova, 1968c), acontecimento que, incentivado por este último e por Ferrière, levaria à fundação de uma *Section de Psychologie Bibliologique* (Seção de Psicologia Bibliológica) no âmbito dessa instituição, na qual atuou como diretor, incluiu sua própria biblioteca — que seria administrada através de seus recursos financeiros — e, conforme Savova (1990), desenvolveu atividades nos estudos da leitura e na aplicação de suas ideias em diferentes áreas da Biblioteconomia. Esta palestra constituiria o capítulo primeiro de sua obra de 1922.

Em 1929, sete anos depois da publicação de sua obra seminal, Simsova (1968c) aponta que Roubakine renomeou essa Seção, passando de Seção de Psicologia Bibliológica para *Institut de Psychologie Bibliologique* (Instituto de Psicologia Bibliológica) ou *Institut International de Psychologie Bibliologique* (Instituto Internacional de Psicologia Bibliológica), embora essa modificação não implicasse qualquer efeito prático em sua estrutura — dito de outro modo, Roubakine e sua assistente, Marie Bethmann, constituiriam a única equipe e o teórico continuaria a

¹²⁷ Édouard Claparède foi um psicólogo e educador suíço que conduziu investigações no campo da psicologia infantil e da psicopedagogia, que integraria a fundação do Instituto Jean-Jacques Rousseau nos anos de 1910.

Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Edouard-Claparede>. Acesso em: 03 fev. 2024.

¹²⁸ De maneira geral, a proposta central do Instituto era contribuir para a formação de pessoas educadoras e para a realização de pesquisas nas áreas psicológicas e pedagógicas a partir da ótica do movimento da Escola Nova entre o final do século XIX e o início do XX, incluindo nesse percurso figuras como o próprio Adolphe Ferrière e Jean Piaget (1896-1980). Além disso, Roubakine se tornaria próximo de pesquisadores vinculados ao Instituto Jean-Jacques Rousseau, chegando a destacar, em seu *Introduction à la psychologie bibliologique*, a contribuição de autorias como Édouard Claparède, o psicólogo suíço Pierre Bovet (1878-1965) e o já mencionado Adolphe Ferrière para a constituição de sua Bibliopsicologia, desvelando, aqui, as relações que conectam o bibliotecário russo e sua ciência ao campo da educação.

Disponível em: <https://www.unige.ch/archives/aiijr/dossiers-thématiques/institutrousseau>. Acesso em: 03 fev. 2024.

¹²⁹ Essa informação está colocada na introdução da obra seminal roubakiniana e, conforme Simsova (1968c), o conteúdo dessa palestra seria registrado em um texto de Adolphe Ferrière no ano seguinte, em 1917.

receber pessoas do mundo todo interessadas em estudar com ele.¹³⁰ Antes disso, no entanto, ao se mudar de Clarens para Lausanne, em 1922, Roubakine transferiu sua biblioteca para a cidade, onde permaneceria até sua morte.

Em nosso exercício biobibliográfico, essas conexões demonstram não somente os elos afetivos e intelectuais que permeiam a vivência de Roubakine no exílio e em sua relação com a Rússia e os modos de leitura da população russa, como também representam, no plano científico, a maneira como as bases que integram o seu trabalho bibliopsicológico no nosso campo a partir do leitor e, igualmente, da autoinstrução, dialogam e aplicam os métodos e teorias provenientes de diferentes áreas do conhecimento, como a Psicologia e a Bibliologia, âmbitos em que o teórico aprofundou as relações de sua Bibliopsicologia.

Ainda na paisagem biblioteconômico-informacional que nos interessa aqui abordar, podemos observar a presença de Nicolas Roubakine no contexto dos esforços iniciais de formação da IFLA, no ano de 1926. O bibliotecário tcheco Rudolf Málek (1970) nos diz, em seu *On the origin of the International Organisation of Librarians (IFLA): the Congress of Librarians in Prague 1926* (Sobre a origem da Organização Internacional de Bibliotecários (IFLA): o Congresso de Bibliotecários em Praga 1926), como seria depois também colocado por Simsova (1975), que este Congresso transcorrido em Praga entre 28 de junho e 03 de julho de 1926 seria palco de proposições iniciais concretas para o estabelecimento de uma instituição que cuidaria das relações internacionais e do desenvolvimento de ações de cooperação internacional entre a classe bibliotecária — a IFLA, fundada no ano seguinte, em 1927. Aqui, Málek (1970) aponta que este evento foi marcado pela participação internacional de representantes de 28 países, 48 cidades e 88 organizações, sendo a Suíça representada pelo “Mr. N. Rubakin” (Málek, 1970, p. 223), ocasião em que, segundo Simsova (1975), o teórico russo falou sobre Bibliopsicologia. Os anais decorrentes desse Congresso trazem, conforme Simsova (1975), um texto escrito por Roubakine em russo acerca de sua palestra, intitulado *Bibliologicheskaja psikhologija kak teoriia i praktika kizhnogo dela* (Psicologia

¹³⁰ Até o momento, não encontramos registros mais aprofundados sobre a atuação desse Instituto que, segundo Simsova (1966a), funcionou até o ano de sua morte, em 1946. Apesar disso, a partir do prefácio de Elena Savova (1998), destacamos o artigo de Marie Bethmann (1949) sobre a temática, já mencionado anteriormente.

bibliológica como teoria e prática do trabalho),¹³¹ junto de um resumo em francês, ao qual não tivemos acesso ao longo do percurso investigativo da tese.

No decurso dessa atuação, Roubakine ainda manteria sua troca de correspondências com leitores, aprofundando cada vez mais as investigações sobre os modos de leitura sobretudo das camadas trabalhadoras não apenas no Leste Europeu, como também na Europa Ocidental. Entre os anos de 1928 e 1930, o bibliotecário elaborou um questionário internacional em língua francesa, intitulado *Lecteur, connais toi toi-même!* (Leitor, conheça a si mesmo), o qual lhe trouxe cerca de 500 respostas de leitores em diferentes lugares do mundo (Simsova, 1968c; Rubakin, A., 1979) e que, anos depois, em 1934, seria traduzido para a língua inglesa e publicado no periódico *Library Journal* sob o título *Reader, know thyself*.¹³²

A partir daí, segundo A. Rubakin (1979), o bibliotecário alcançaria maior repercussão nos países ocidentais, tanto em razão da composição do acervo desenvolvido em suas bibliotecas — o qual ganhou notoriedade por representar a expressão do pensamento e a cultura russa fora da Rússia¹³³ (Senn, 1973, 1977) —, como também através da publicação de sua bibliografia *Sredi knig*; essa repercussão também se manifesta, segundo Senn (1977), A. Rubakin (1979) e Choldin (1979), nas ofertas de compra de sua coleção recebidas por Roubakine de bibliotecas da Europa, Ásia e América do Norte, como, por exemplo a Biblioteca Pública de Nova York, a *Library of Congress* e outras universidades nos Estados

¹³¹ Trata-se do texto: RUBAKIN, N. Bibliologicheskaja psikhologija kak teoriia i praktika kizhnogo dela. **Congrès International des Bibliothécaires et des Amis du Livre**, Prague, v. 2, p. 537-580, 1926.

¹³² Trata-se do artigo RUBAKIN, N. Reader, know thyself. **Library Journal**, New York, v. 59, n. 8, p. 344-346, apr. 1934. Simsova (1968c) destaca que esse artigo é uma das, senão a única, produção roubakiniana traduzida para a língua inglesa ainda em vida. Sobre este questionário, Hatt (1976) destaca que trata-se de um instrumento a ser aplicado para a análise e descrição do leitor, cujas respostas poderiam oferecer dados para a classificação de seus tipos psicológicos. O pesquisador britânico atenta, no entanto, para uma certa inconsistência metodológica do questionário roubakiniano para o estudo do comportamento de leitura, ao pontuar que este depende dos métodos de introspecção do leitor — algo já abordado por Roubakine ([1922] 1998) — ao anotar suas próprias respostas após a leitura de um texto, ou seja, os estímulos e sensações despertadas por cada palavra lida, incluindo artigos, pronomes e conjunções, o que poderia dificultar a própria classificação de um dado leitor. Ao mesmo tempo, Hatt (1976) reconhece a contribuição do método roubakiniano para o contexto biblioteconômico no que se refere ao entendimento do livro, conforme postulado pelo teórico russo, não como um objeto estático, mas sim como um artefato constituído em sua relação funcional com quem lê. Por sua vez, o termo *thyself*, de acordo com o *Cambridge English Dictionary*, refere-se ao uso antigo do pronome *yourself*, equivalendo a “tu/ti mesmo”. O prefixo *thy*, por sua vez, seria equivalente ao uso antigo do *your* e ao pronome “tu”, em língua portuguesa. Fonte: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english-portuguese/thyself>. Acesso em: 24 jun. 2025.

¹³³ Apesar da repercussão expressa por A. Rubakin (1979), mais de cinco décadas depois da publicação da biografia de seu pai, ainda é difícil encontrar materiais de e sobre o bibliotecário russo nos países ocidentais, conforme já demonstrado pelos levantamentos aqui realizados no recorte da BCI e de outras áreas das Ciências Humanas e Sociais.

Unidos, a Biblioteca Nacional da Suíça em Berna, na figura do diretor Marcel Godet (1877-1949), a biblioteca da Universidade de Basileia, também na Suíça, e a Biblioteca Nacional da Palestina. Segundo seu filho, o pai teria recusado essas ofertas, uma vez que desejava que seu acervo fosse legado à União Soviética.

Ao mesmo tempo, as condições de e para uma leitura crítica do objeto bibliográfico e da realidade social, tão características na trajetória biobibliográfica de Roubakine, nunca abandonaram suas atividades científicas em prol da justiça social, em um claro objetivo de alcançar e transformar os modos de vida na Rússia czarista pela via da leitura e da autoinstrução. Aqui, Senn (1977) destaca que o teórico continuou a publicar, da Suíça, escritos críticos em revistas e jornais franceses exaltando a revolução, como o texto *Qu'est ce que la Révolution Russe?* (O que é a Revolução Russa?), de 1917, no qual explica as causas da revolução de outubro, sua essência e intencionalidades — para A. Rubakin (1979), uma resposta às reações conservadoras que tomavam conta da imprensa estrangeira. Na biografia roubakiniana, a partir das recordações da crítica literária russa Yelena Usievich (1893-1968),¹³⁴ filha do revolucionário polonês Feliks Kon (1864-1941)¹³⁵ que, à época, trabalhava com Roubakine na sua biblioteca em Clarens, Aleksandr evoca o que teriam sido, possivelmente, as reações do bibliotecário ao saber da Revolução, na primavera de 1917. De seu escritório, ele diria:

Todos venham até mim! [...] Sentado em uma cadeira, com a voz embargada de excitação, ele contou que lhe telefonaram de Lausanne para falar sobre a Revolução na Rússia, sobre a destituição de Nicolau Romanov, sobre o fato de o povo ter ido às ruas e sobre a criação do Governo Provisório (Rubakin, A., 1979, p. 133, tradução nossa).¹³⁶

No ano seguinte, em carta ao romancista e ativista político russo Máximo Gorki (pseudônimo para Alexei Maximovitch Peshkov, 1868-1936)¹³⁷ por ocasião da

¹³⁴ Yelena Feliksovna Usievich (1893-1968), filha de Feliks Kon (1864-1941), foi uma editora e crítica literária russa que, durante a Primeira Guerra Mundial, exilou para a Suíça, período em que, possivelmente, conheceu e se aproximou de Nicolas Roubakine.

Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Yelena_Usievich. Acesso em: 18 mar. 2024.

¹³⁵ Feliks Yakovlevich Kon (1864-1941) foi um político, etnógrafo, jornalista, publicitário e ativista comunista polonês. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Feliks_Kon. Acesso em: 18 mar. 2024.

¹³⁶ No original: *Все ко мне! [...] Лежа в кресле, прерывающимся от волнения голосом он сообщил нам, что из Лозанны ему позвонили по телефону о революции в России, об отречении Николая Романова, о том, что народ вышел на улицы, создано Временное правительство* (Rubakin, A., 1979, p. 133).

¹³⁷ Máximo Gorki (1868-1936) foi um escritor, romancista, dramaturgo, contista e ativista político russo. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Maxim-Gorky>. Acesso em: 18 mar. 2024.

celebração do primeiro aniversário da Revolução de Outubro, em 1918, Roubakine escreveria:

Saúdo a nossa querida, querida, próxima e distante Rússia republicana socialista, realizando o sonho da minha vida: saudações à classe trabalhadora russa. Meu coração está sempre com vocês, embora eu trabalhe a milhares de quilômetros — estou sempre e, acima de tudo, trabalhando pela Rússia. Ouça meu grito distante: viva a primeira grande federação de repúblicas socialistas até então nunca vista! (Rubakin, A., 1979, p. 133, tradução nossa).¹³⁸

Diante desse cenário, o comportamento e a posição política de Roubakine a favor da revolução socialista na Rússia e, ainda, contra o que concebia como uma “guerra imperialista” (a Primeira Guerra Mundial), voltada para atender aos interesses de determinadas potências econômicas, como a Inglaterra e, em certo sentido, a própria Rússia (ainda no regime do czar), despertariam a atenção das autoridades suíças que, naquele espaço-tempo, temiam que o espírito revolucionário russo alcançasse a Europa Ocidental (Rubakin, A., 1968). Em 1919, por exemplo, ao viajar para Praga, na atual República Tcheca, a convite da Sociedade Bibliográfica da Tchecoslováquia, para participar de um congresso, o teórico teria seu retorno à Suíça negado pelo próprio governo (Simsova, 1966a); levariam mais quatro meses de negociações com as autoridades suíças até que obtivesse um visto de retorno e pudesse voltar.

De maneira geral, o pesquisador francês Jean-François Fayet (2015) aponta para um aumento considerável no fluxo migratório para diferentes países da Europa, sobretudo a Suíça, após as declarações de guerra de 1914 — o autor cita como exemplo os casos de Romain Rolland, Vladimir Lenin, do próprio Nicolas Roubakine e outras pessoas que integravam o espectro político da Rússia imperial; notadamente, aqueles e aquelas que se opunham ao regime do czar e outros entusiastas dos princípios socialistas. Para Fayet (2015), conforme já observado antes por Senn (1977), o território suíço era escolhido como destino tanto em razão de sua posição “neutra” durante a Primeira Guerra Mundial, bem como por demandar um custo de vida razoavelmente barato — se comparado a países como

¹³⁸ No original: *Я приветствую нашу милую, дорогую, близкую и далекую социалистическую республиканскую Россию, осуществляющую мечту моей жизни: Привет русскому трудящемуся классу. Сердцем я всегда У вас, с вами, хотя работаю за тысячу верст от вас — не по моей вине, но всегда и прежде всего для России... Услышьте же мой далекий крик: да здравствует первая на земном шаре, до сих пор еще невиданная великая федерация социалистических республик!* (Rubakin, A., 1979, p. 133).

Estados Unidos, por exemplo; antes disso, especialmente no calor das movimentações a favor da destituição do czarismo, ainda nos primeiros anos do século XX, a Suíça já era considerada como asilo político por quem exilava de seu país de origem, como foi o caso de Roubakine em 1907. Esse contexto sugere, pois, os motivos pelos quais o bibliotecário teria ido para lá.

Contudo, não raro os imigrantes russos, inclusive Roubakine, seriam colocados sob vigilância policial, de maneira semelhante ao que acontecera com o teórico na Rússia czarista. O bibliotecário, ao acreditar na revolução socialista e dar continuidade às suas publicações — consideradas subversivas por se posicionarem a favor da transformação social e clamarem pela luta do povo —, seria concebido, junto aos leitores com os quais se correspondia, como um membro do partido bolchevique, então à frente da Revolução Russa de 1917. É interessante mencionar, segundo Senn (1977) e A. Rubakin (1979), que o bibliotecário não se envolveu formalmente em algum partido político; na verdade, o teórico se comunicava com pessoas pertencentes a diferentes espectros políticos.

Outro aspecto que vale nossa atenção está na incorporação da biblioteca particular de Roubakine ao Instituto Jean-Jacques Rousseau. No olhar de A. Rubakin (1979), tratava-se de uma espécie de estratégia para “legalizar” o espaço aos olhos do governo suíço, ou seja, para que o acervo roubakiniano e os próprios textos do autor não sofressem qualquer tipo de perseguição política, tal como já acontecera na Rússia czarista. Para Senn (1977), uma vez que a biblioteca de Roubakine atuava como um centro de encontros para muitos revolucionários políticos russos, esta também acabou por atrair agentes policiais.

Além disso, A. Rubakin (1979) ainda considera o aparente interesse das autoridades suíças pelo acervo de Roubakine — lembremos do convite do diretor Marcel Godet, da Biblioteca Nacional da Suíça — e que poderiam tomar a biblioteca para si quando de sua morte, contrariando o desejo do bibliotecário em legar a L. T. Rubakina para a União Soviética e para o povo russo. Ainda em vida, nos anos de 1930, seu filho aponta que o pai lideraria negociações com Nadezhda Krupskaya no que se refere à transferência imediata de seu acervo para o governo soviético após sua morte.

No entanto, o bibliotecário parecia não expressar desejo em se tornar um cidadão suíço — como antes observado, ainda que longe, o trabalho de sua vida permaneceria orientado para e pela Rússia. Aleksandr Rubakin (1979) nos conta

que seu pai não se esforçou para obter a cidadania suíça, mesmo tendo morado lá por quarenta anos - quase a metade de sua vida —, argumentando ser um cidadão russo e soviético. Além disso, a ideia de retornar à sua terra natal não lhe abandonou desde a Revolução de 1917; ainda que esse desejo não tenha se concretizado, muito possivelmente em razão das duas grandes guerras e dos acontecimentos desencadeados pela revolução na União Soviética, o teórico sonhava em passar um tempo ali, para ver o que o país havia se tornado depois da Revolução de 1917, ou seja, se e de que maneira os ideais sociais dos quais comungou durante sua vida foram alcançados.

Ao mesmo tempo, seguindo os relatos de Alfred Senn (1977) e A. Rubakin (1979), conforme a Revolução Russa se desenrolava, transformavam-se também algumas visões do bibliotecário sobre a própria Revolução e, ainda, no que se refere ao incentivo à saída da Rússia da Primeira Guerra Mundial. O pensador, então adepto aos movimentos pacifistas, argumentava que o país não tinha condições militares nem físicas para dar continuidade à guerra: “uma tentativa em continuar na guerra é um ‘perigo para a própria causa democrática e socialista da revolução [...] ou a revolução irá subjugar a guerra ou a guerra irá subjugar a revolução’” (Senn, 1977, p. 48, tradução nossa).¹³⁹

Nessa direção, seu filho aponta que, apesar de ser um entusiasta e ter se envolvido intimamente com a luta revolucionária socialista na Rússia imperial, Roubakine teria misturado uma série de abordagens e tradições teórico-metodológicas contrastantes na tessitura de suas reflexões, o que poderia sugerir uma perspectiva aparentemente contraditória de seu trabalho político e social. De toda forma, continua A. Rubakin (1979), o pai teria sido, acima de tudo, um revolucionário na luta pela socialização por entre o povo russo dos artefatos de leitura e, em sentido mais amplo, do conhecimento:

Eu vivi, vivo e sempre viverei e me alimentarei, em primeiro lugar, do espírito da construção socialista. Muito antes da queda do czarismo eu era um entusiasta e fanático do movimento operário e camponês. Permaneço nesta plataforma até hoje. Na verdade, não houve mudanças nas minhas opiniões sociopolíticas. Se eu me mudei, foi

¹³⁹ No original: *To attempt to continue the war was ‘dangerous for the very cause of democratic and socialist revolution. [...] Either the revolution will conquer the war or the war will conquer the revolution’* (Senn, 1977, p. 48).

apenas para a esquerda (Rubakin, A., 1979, p. 147, tradução nossa).¹⁴⁰

O bibliotecário ainda vivenciaria a derrota do nazismo no curso da Segunda Guerra Mundial, tendo falecido em novembro de 1946, um ano após o fim da guerra. Antes disso, demonstrando que o horizonte de luta pela transformação social se estenderia, de fato, ao longo de sua biobibliografia, Roubakine estaria trabalhando, na década de 1940, em um novo livro sobre a Bibliopsicologia; sua última publicação, datada de 1937, aborda um ensaio escrito em coautoria com sua assistente Marie Bethmann sobre a aplicação das teorias bibliopsicológicas nas atividades bibliotecárias desenvolvidas em bibliotecas públicas (Rubakin, A., 1968, 1979). Trata-se do ensaio *La psychologie de la bibliothèque populaire in Institut International de Coopération Intellectuelle* (A psicologia da biblioteca popular no Instituto Internacional de Cooperação Intelectual), publicado originalmente em 1937 como parte integrante do livro *Mission sociale et intellectuelle des bibliothèques populaires* (Missão social e intelectual das bibliotecas populares), depois incluído na obra editada por Sylva Simsova em 1968, *Nicholas Rubakin and Bibliopsychology*.

Ainda, Sylva Simsova (1966a) destaca que o falecimento de Roubakine, em novembro de 1946, seria comunicado através da publicação de um breve obituário no periódico *Library Journal*, em janeiro de 1947, o qual reconhece a contribuição das atividades bibliotecárias e dos trabalhos publicados pelo teórico na Rússia:

Nicolai Aleksandrovich RUBAKIN, conhecido especialmente pelo seu trabalho em dois volumes *Introduction à la psychologie bibliologique* (Paris, 1922), morreu em Lausanne, Suíça, em 23 de novembro de 1946. Ele nasceu em 1862 e foi autor de vários outros trabalhos sobre temas bibliográficos e biblioteconômicos publicados na Rússia (Nicolai..., 1947, p. 94, tradução nossa, grifo do autor).¹⁴¹

Diante da trajetória de Roubakine, poderíamos sugerir que o seu percurso biobibliográfico, orientado por e para a transformação social, se daria a partir da luta pela socialização do conhecimento via instrução popular, através de esforços

¹⁴⁰ No original: *жил, живу и всегда буду жить и питаться прежде всего духом ее социалистического строительства. Вы знаете, что еще задолго до падения царизма я был энтузиастом и фанатиком рабоче-крестьянского трудового строя. На такой платформе остаюсь я и по сей день, По существу, никаких перемен в моих социально-политических взглядах не произошло. Если я и передвинулся, то только влево* (Rubakin, A., 1979, p. 147).

¹⁴¹ No original: *Nicolai Aleksandrovich RUBAKIN, known especially for this two-volume work Introduction à la psychologie bibliologique (Paris, 1922), died at Lausanne, Switzerland, Nov. 23, 1946. He was born in 1862, and was the author of several other works on bibliographical and library topics published in Russia* (Nicolai..., 1947, p. 94, grifo do autor).

empreendidos a favor do acesso ao livro e à leitura; ações que possibilitariam, no horizonte roubakiniano, o desenvolvimento das capacidades de percepção, reflexão e compreensão da realidade de forma crítica. É, fundamentalmente, esse caminho que orienta suas aproximações com as investigações bibliopsicológicas, conforme veremos na seção secundária abaixo.

3.2 OS FIOS QUE COSTURAM UMA BIOBIBLIOGRAFIA: mais de cem anos de Bibliopsicologia revolucionária roubakiniana

Mas a prática da Bibliopsicologia mostrou ao mundo inteiro que esta ciência era mais forte que qualquer opressão e repressão, e que qualquer ideia, mesmo a mais proibida, poderia alcançar seu objetivo, apesar de todas as dificuldades, internas ou psicológicas, externas ou sociais
(Roubakine, [1922] 1998, p. 21-22, tradução nossa).¹⁴²

“Meu trabalho é um trabalho de revolta, de luta enérgica contra as condições do mundo atual”, assim nos dissera Nicolas Roubakine, conforme registrado no texto de Adolphe Ferrière (1917, p. 132, tradução nossa)¹⁴³ sobre a discussão da teoria desenvolvida pelo pensador russo. Mais tarde, Paul Otlet (2018), em seção dedicada à Bibliopsicologia no seu *Traité de Documentation* de 1934, apontaria que, dentre as várias possibilidades de aplicações da ciência tecida por Roubakine, está uma que seria talvez a mais importante, a que representaria, de fato, sua essência, sua *raison d’être* (razão de ser):

[...] fazer com que todos que, no regime social atual, são oprimidos, humilhados, ofendidos e empobrecidos, que não têm nem os conhecimentos nem as possibilidades de trabalhar para criar melhores condições, possam, também eles, lutar e trabalhar com sucesso, sem verter lágrimas nem sangue; todos podem aprender a criar uma vida nova, e a criar, sempre e em todos os lugares, com perseverança e entusiasmo, e isso sem que sejam advertidos por aqueles que, hoje em dia, constroem sua felicidade e seu bem-estar sobre a desgraça alheia (Otlet, 2018, p. 48).

Os trechos que inauguram esta seção são apenas alguns dos muitos que, para nós, sintetizam os fundamentos centrais que integram e formam a teoria

¹⁴² No original: *Mais la pratique de la biblio-psychologie a montré au monde entier que cette science était plus forte que toute oppression et répression, et que toute idée, même la plus défendue, pouvait être amenée à son but, malgré toutes les difficultés, internes ou psychologiques, externes ou sociales* (Roubakine, [1922] 1998, p. 21-22).

¹⁴³ No original: *Mon œuvre est une œuvre de révolte, de lutte énérgique contre les conditions du monde actuel* (Ferrière, 1917, p. 132).

roubakiniana — esta, como veremos, focalizada no livro, na leitura, no leitor e, principalmente, nas possibilidades de transformação social desveladas por e a partir dessas interações — como também nos ajudam a costurar sua biobibliografia, entrelaçando as formas pelas quais as vivências de Roubakine refletem e são refletidas em sua produção. Ao longo de mais de trinta anos de pesquisa teórico-empírica-social no escopo da Bibliopsicologia, o curso de desenvolvimento do pensamento do bibliotecário russo é orientado por e para o leitor pertencente às classes populares e trabalhadoras russas (ali, os estratos sociais oprimidos pelo regime imperial vigente), reconhecendo seus direitos de acesso equitativo aos bens culturais — notadamente, o livro, a leitura, a biblioteca e o conhecimento.

De maneira central, o horizonte de esforços de Roubakine entrevisto, conforme já vimos, no bojo da Rússia czarista, em meio às perseguições políticas, deportações, censuras e outras desigualdades presentes à época (Saldanha, 2019a,b), está na concepção do livro e da leitura como instrumentos poderosos na luta pelas tomadas de consciência e justiça social; ou seja, em seu potencial para a apropriação crítica de saberes, os quais permitiriam reconhecer a realidade em sua condição desigual, para então chegar aos modos de resistência e enfrentamento aos contextos de opressão aí vivenciados.

Sua biografia já nos atentaria, antes, para a centralidade do livro, entendido como tudo aquilo que pode ser lido, como instrumento de luta pela verdade e pela justiça (Rubakin, A., 1979) — em outras palavras, a Bibliopsicologia no centro da luta contra uma dada realidade (atravessada pelos interesses de grupos sociais hegemônicos — no caso, o império do czar) que poderia ser vislumbrada e pensada de outra forma. Alinhada a uma perspectiva sociocrítica que será discutida com mais ênfase na próxima seção, o pensamento roubakiniano postula a teoria bibliopsicológica como caminho de condução das classes oprimidas e, em sentido amplo, da própria humanidade, às potencialidades emancipatórias imanentes na vida social (ou seja, na busca por uma sociedade justa, livre e democrática), cujos obstáculos impostos por estruturas dominantes que se manifestam, dentre uma de suas formas, pela restrição ou ausência de condições de conhecimento, impedem o seu alcance (Salomão; Saldanha, 2021a; Salomão; Bezerra, 2023).

Esses e outros questionamentos, que avançam para mais de cem anos da teoria social de Roubakine, integram algumas de suas publicações científicas sobretudo nas duas primeiras décadas do século XX. No que se refere à

Bibliopsicologia, especificamente, Savova (1990) contextualiza uma das produções roubakinianas iniciais sobre a temática ainda em 1910, via o artigo *Psihologija kniznevo vlijanija* (Psicologia da influência do livro), seguido de outros trabalhos resultantes de suas investigações desde a década de 1880, como o estudo de 1924, *Cto takoe bibliograficeskaja psihologija* (O que é a psicologia bibliográfica), e o de 1928, *Bibliograficeskaja psihologija kak teorija i praktika kniznovo delo* (A psicologia bibliográfica como teoria e prática na circulação do livro).¹⁴⁴

Nesse contexto, é interessante destacar que, ainda nas últimas décadas do século XIX — ou seja, antes da publicação de sua obra seminal — embora a produção roubakiniana estivesse voltada, em sua maioria, para a elaboração de textos críticos ao czarismo e obras de autoinstrução e popularização da ciência para as camadas sociais com menos possibilidades de acesso ao conhecimento — o que o levou a escrever sobre diversas áreas do saber, sobretudo as ciências naturais —, Roubakine já escreveria sobre e para os leitores na Rússia, como podemos verificar em seu *Programme sur l'étude de la littérature pour le peuple* (Programa sobre o estudo da literatura para o povo), de 1889, seus *Études pour le public russe de lecteurs* (Estudos para o público leitor russo), de 1895,¹⁴⁵ as edições de sua bibliografia *Sredi knig*, publicada entre os anos de 1905-1915, e as demais investigações estatísticas sobre as condições de leitura no império czarista (Savova, 1990) — ainda que sem uma sistematização propriamente dita à luz dos métodos e teorias que integrariam sua abordagem bibliopsicológica. De uma forma ou de outra, a produção roubakiniana nos sugere que o caminho de argumentação tomado pelo teórico ao longo de sua trajetória — o qual refletiria e influenciaria diretamente sua biobibliografia e a tessitura de sua ciência — estaria orientado por e para o leitor.

No entanto, a consolidação da teoria bibliopsicológica trabalhada pelo pensador russo está registrada nos dois volumes do que viria a ser sua obra central: *Introduction à la psychologie bibliologique: la psychologie de la création des livres, de leur distribution et circulation, de leur utilisation par les lecteurs, les écoles, les*

¹⁴⁴ Neste trabalho, seguimos a transliteração das obras roubakinianas segundo apontado por Elena Savova (1998) na reedição francesa da obra *Introduction à la psychologie bibliologique*, fonte aqui consultada.

¹⁴⁵ Especificamente sobre essa obra, Chubarian ([1981?]) aponta que Roubakine foi um dos primeiros pesquisadores russos a abordar, de forma detalhada, o estudo da circulação de livros na Rússia no contexto pré Revolução de 1917. Aqui, o teórico russo realiza uma síntese sobre a difusão da leitura em diferentes camadas da sociedade russa, alcançando, na visão chubariana, conclusões fundamentais para a Biblioteconomia e apontando para as contradições existentes entre a necessidade de livros por parte do povo russo e a autocracia czarista.

bibliothèques, les librairies, etc: théorie et pratique. T. I. et II (Introdução à psicologia bibliológica: a psicologia da criação dos livros, de sua distribuição e circulação, de sua utilização por leitores, escolas, bibliotecas, livrarias, etc: teoria e prática. T. I. e II.), publicada em francês em 1922 e, em russo, no ano de 1928. Este livro seria dedicado aos amigos Paul Otlet e Adolphe Ferrière.

Ainda, os estudos de Otlet (1934), Senn (1977), A. Rubakin (1979), Savova (1990) e Fonseca (2007) apontam que o manuscrito fora escrito em russo por Roubakine e traduzido para o francês por seu filho Aleksandr, tendo sido publicado, pois, nesse idioma. Em 1998, a *Association Internationale de Bibliologie*, via esforços da própria pesquisadora búlgara Elena Savova, reeditaria a obra do bibliotecário russo, sendo esta a versão utilizada aqui.

Antes disso, segundo Simsova (1968c), um dos trabalhos iniciais do teórico russo dedicado especificamente à Bibliopsicologia seria publicado ainda em 1921 na forma de uma breve introdução intitulada *Bibliotechnaia psikhologia kak teoria i praktika knizhnogo dela* (A psicologia bibliotecária como teoria e prática de publicação de livros), embora seja em seu *Introduction à la psychologie bibliologique*, de 1922, que a teoria bibliopsicológica seria consolidada. No plano desta publicação, François Richaudeau (1998) comenta que a obra está dividida em duas partes centrais: a primeira, de caráter teórico, é voltada para os fundamentos teóricos, epistemológicos e metodológicos que sustentam o desenvolvimento da ciência roubakiniana em direção ao que o bibliotecário russo estabeleceria como as cinco leis fundamentais da Bibliopsicologia; o segundo volume, de natureza mais prática, repousa no relato das experiências de Roubakine com mais de cinco mil leitores a partir da análise das relações entre fatores subjetivos e sociais que se associam às palavras de um dado texto e que, a partir desse olhar, possibilita o desenvolvimento de fórmulas matemáticas para mensurar o comportamento do leitor. O foco dessa pesquisa está no primeiro volume.

Apesar do vasto território de publicação roubakiniana, conforme já discutido nas seções anteriores, consideramos esta a obra seminal que consolida a ciência inaugurada por Roubakine ([1922] 1998) e que, por isso, é concebida como orientação central da presente pesquisa. A Bibliopsicologia, embora relacionada a campos como Bibliografia, Bibliologia e Psicologia (Simsova, 1969; Estivals, 1998; Savova, 1998) — demarcando sua influência na construção da teoria bibliológica de Paul Otlet na década de 1930, por exemplo —, é tomada em seu caráter

independente, com métodos, objetos, objetivos e arcabouço teórico próprios, tomando emprestado materiais, fatos e teorias de ciências correlatas. Aqui, especificamente, o autor vislumbra um amplo horizonte de perspectivas e abordagens desveladas pela teoria e prática bibliopsicológica para outros ramos do conhecimento, como as ciências naturais, exatas, psicológicas, sociais e os estudos da linguagem (Roubakine, [1922] 1998).

No entanto, para nós, apesar da contribuição dessas abordagens para a compreensão do pensamento roubakiniano e para o próprio campo biblioteconômico-informacional como um todo, nos interessa aqui, centralmente, as perspectivas sociocríticas entrevistadas na teoria social tecida por Roubakine em seu diálogo com a BCI e os estudos sociais sobre a leitura. Dito de outra forma, nosso horizonte epistemológico está nos caminhos pelos quais a biobibliografia roubakiniana se manifesta à luz de um contexto sócio-histórico-político demarcado por opressões e desigualdades sociais, no qual a leitura, o livro e a socialização do conhecimento emergem como instrumentos potenciais de transformação do mundo. Aqui, entendemos que os construtos que formam o método bibliopsicológico propriamente dito e suas articulações teórico-metodológicas que adentram os aspectos psicológicos e linguísticos dos efeitos do livro no leitor merecem um olhar mais atento que foge aos propósitos desta pesquisa.

No artigo de Simsova (1966a) sobre a teoria roubakiniana, *Nicholas Rubakin and Bibliopsychology* — poderíamos dizer, um dos primeiros trabalhos em língua inglesa no campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação dedicado à investigação da ciência inaugurada por Roubakine —, a bibliotecária tcheca aponta para a incipiência de traduções e discussões sobre a temática no contexto biblioteconômico-informacional anglófono (aqui, notadamente, as correntes britânicas e estadunidenses que dominariam a consolidação dos construtos ditos fundacionais da BCI, conforme abordado por Saldanha, 2020a) e na própria Suíça, para onde Roubakine exilou e deu continuidade às suas produções sobre a leitura.

Com exceção do já indicado artigo de Lydia Turin (1929), publicado no âmbito dos estudos psicológicos, Simsova (1966a) relata que a obra seminal roubakiniana não foi traduzida para o inglês e tampouco o Instituto de Psicologia Bibliológica fundado por Roubakine na década de 1910 foi reconhecido nas produções

anglófonas do nosso campo.¹⁴⁶ A própria autora se aproximaria das reflexões sobre a temática a partir dos estudos poloneses sobre a leitura,¹⁴⁷ centralmente nos artigos de 1947 e 1960 publicados no periódico polonês *Bibliotekarz* (Bibliotecário),¹⁴⁸ editado pela Associação Bibliotecária Polonesa e a Biblioteca Pública de Varsóvia (Simsova, 1966a; Salomão; Saldanha, 2023b).

O espaço-tempo da argumentação simsoviaiana está situado no contexto científico ocidental dos anos de 1960 (como radicada na Inglaterra e docente do curso de Biblioteconomia na *Polytechnic of North London*); no entanto, as inflexões colocadas pela autora se estendem até o período atual. Na paisagem brasileira em BCI, tal como já discutido antes, vislumbramos igualmente uma certa ausência de reflexões no campo de e sobre Roubakine e sua Bibliopsicologia — excetuando-se os trabalhos já mapeados e indicados.

Diante desse cenário, a autora tcheca atenta para a centralidade da obra bibliopsicológica roubakiniana, a qual ganharia repercussão no campo ocidental da BCI (para além da tradição francófona evidenciada pelos estudos esquematológicos de Robert Estivals), sobretudo, a partir dos esforços empreendidos por ela mesma para trabalhar a teoria e o método expostos pela ciência tecida por Roubakine (notadamente, os trabalhos sobre a Bibliopsicologia publicados na década de 1960 — Simsova, 1968a,b —, os quais chamariam a atenção de Aleksandr Rubakin na segunda edição da biografia de seu pai, de 1979).

A partir daí, a Bibliopsicologia, ou psicologia bibliológica, teoria desenvolvida pelo bibliotecário russo centralmente entre as décadas de 1880 e 1920, pode ser compreendida como uma “ciência da leitura” voltada para a investigação das

¹⁴⁶ O pedagogo suíço Adolphe Ferrière (1951) aponta que inúmeras bibliotecas nos Estados Unidos adotaram o método roubakiniano, embora não tenhamos encontrado, no percurso investigativo da tese, registros sobre a aplicação do método bibliopsicológico e/ou a tradução de sua obra seminal, *Introduction à la psychologie bibliologique*, para o inglês, como será colocado por Sylva Simsova mais à frente.

¹⁴⁷ Na reflexão epistemológico-histórica de Joseph Z. Nitecki (1997), o pesquisador aponta que as teorias roubakinianas, disseminadas na Europa Central, influenciaram a pesquisa sobre a leitura em países como a Polônia, por exemplo, caminho que poderia circunscrever, dentre outras condicionantes, o percurso simsoviaiano de acesso ao pensamento do bibliotecário russo.

¹⁴⁸ Tratam-se dos artigos: KOSTENICZOVNA, K. Nikolaj Rubakin, *Bibliotekarz*, [S. l.], n. 9-10, p. 130-131, 1947, texto no qual, baseado em um obituário francês sobre Roubakine, traz alguns contrastes entre o pensamento do teórico russo e do bibliotecário alemão Walter Hofmann (1879-1952), o qual é reconhecido por seus estudos no campo da Biblioteconomia e Educação, apesar das contradições nas quais seu trabalho bibliotecário está envolvido. O outro artigo, ANKUDOWICZ, J. N. A. Rubakin, *Bibliotekarz*, [S. l.], n. 11-12, p. 345-351, 1960, traz um artigo biográfico sobre Roubakine, tendo por base os relatos de seu filho Aleksandr Rubakin. Apesar dos esforços empreendidos pela pesquisadora, não foi possível, até o momento, encontrar esses dois trabalhos.

relações mentais entre autor e leitor através do objeto livro ou, conforme nos diz o próprio Roubakine ([1922] 1998, p. 10-11, tradução nossa), “[...] o estudo da dependência funcional de três séries de fenômenos psíquicos, de três fatores que, como tais, dão origem a uma pesquisa exata, científica e até matemática: o leitor, o livro e o autor”.¹⁴⁹

Repercussões terminológicas acerca da ciência roubakiniana estão dadas em algumas fontes de referência especializadas do campo. No plano biblioteconômico nacional, temos no “Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia”, de Murilo Bastos da Cunha e Cordélia Robalinho de Oliveira Cavalcanti, a Bibliopsicologia como a área que “[...] estuda os livros, leitores e autores e suas relações mútuas” (Bibliopsicologia, 2008a, p. 48). Um outro exemplo está no “Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico”, de Maria Isabel Faria e Maria da Graça Pericão, que aponta para a Bibliopsicologia como “ramo da psicologia que estuda as relações entre o autor e o leitor e a psicologia do leitor para guiá-lo na escolha criteriosa de leituras que lhe possam ser úteis”. Para as autorias, este processo colocaria o leitor no centro dos estudos científicos sobre as experiências de leitura e das análises matemáticas sobre os dados obtidos (Bibliopsicologia, 2008b, p. 99).

Igualmente, no contexto latino-americano, em especial, no âmbito argentino, podemos observar no *Diccionario de bibliotecología: términos relativos a la bibliología, bibliografía, bibliofilia, biblioteconomía, archivología, documentología, tipografía y materias afines* (Dicionário de biblioteconomia: termos relativos à bibliologia, bibliografia, bibliofilia, biblioteconomia, arquivologia, documentação, tipografia e materiais afins), de Domingo Buonocore, a compreensão da Bibliopsicologia como:

[...] ramo da psicologia geral que estuda a relação dos fenômenos psíquicos existentes entre o leitor, o livro e o autor. Considera o livro como um reagente ou instrumento de ação psíquica sobre o leitor, e trata de formular uma classificação destes em novos tipos para saber quais livros são mais adequados para cada um deles, segundo seus

¹⁴⁹ No original: [...] *l'étude de la dépendance fonctionnelle de trois séries de phénomènes psychiques, de trois facteurs, qui, comme tels, donnent lieu à une recherche exacte, scientifique et même mathématique: le lecteur, le livre et l'auteur* (Roubakine, [1922] 1998, p. 10-11).

Sobre a relação “funcional” apontada pelo teórico russo, reconhecemos que há uma possibilidade de articulação teórica entre a Bibliopsicologia de Nicolas Roubakine e o funcionalismo de Émile Durkheim, sobretudo se considerarmos que a ciência roubakiniana está posicionada no centro de constituição das ciências sociais inauguradas pela abordagem sociológica positivista durkheimiana. Em razão do espaço-tempo desta tese, essas relações não foram aprofundadas, mas sugerem e demarcam outros horizontes de articulação abertos pelas lentes roubakinianas.

temperamentos, cultura, preferências intelectuais, etc (Bibliopsicologia, 1976, p. 72-73, tradução nossa).¹⁵⁰

Em José Martínez de Sousa, a partir do *Diccionario de bibliologia y ciencias afines* (Dicionário de bibliologia e ciências afins), o autor entende a Bibliopsicologia como “campo de estudos da psicologia que analisa as relações entre autor e leitor através da leitura” (Bibliopsicologia, 1993, p. 88, tradução nossa).¹⁵¹ Nessa orientação, esta ciência se basearia no fato de que “o livro não pode se dissociar de quem o escreveu e de quem o leu, e como ambos estão imersos em um meio social, se converte em um instrumento de interação à distância entre dois indivíduos, autor e leitor” (Bibliopsicologia, 1993, p. 88, tradução nossa),¹⁵² constituindo o estudo da leitura um meio de investigação sobre quais livros são psicologicamente recomendados para cada pessoa leitora, considerando seu temperamento, cultura, habilidades intelectuais e intersubjetividades.

Em sentido amplo, segundo Otlet (2018), trata-se do estudo dos fenômenos psíquicos relativos ao livro, ou seja, sua produção, circulação e apropriação, bem como sua influência no leitor e na sociedade como um todo; noção corroborada por Ferrière (1951), que acrescenta o estudo do processo de criação literária (a produção do livro e todos os processos e atores envolvidos), dos diferentes tipos de leitores e da própria humanidade que integra o escopo da Bibliopsicologia. Ainda, para Sylva Simsova (1966a, 1969), Robert Estivals (1998) e Elena Savova (1990, 1998), a análise e compreensão das experiências psíquicas de um indivíduo com um artefato bibliográfico não apenas em sua concepção material, ou seja, o livro como objeto, mas também e, sobretudo, à luz de uma realidade sócio-histórica atravessada por diferentes contextos, intersubjetividades, formações políticas, econômicas e culturais.

Essa perspectiva coloca a teoria roubakiniana, conforme apontam as reflexões propostas pelo teórico russo e discutidas no campo por Javier Lasso de La Vega (1947) e Robert Estivals (1998), diante de uma ciência dedicada à investigação

¹⁵⁰ No original: [...] la rama de la psicología general que estudia la relación de los fenómenos psíquicos existentes entre el lector, el libro y el autor. Considera al libro como reactivo o instrumento de acción psíquica sobre el lector, y trata de formular una clasificación de éstos en nuevos tipos para conocer qué libros son los más convenientes a cada uno de ellos, según sus temperamentos, cultura, preferencias intelectuales, etc (Bibliopsicologia, 1976, p. 72-73).

¹⁵¹ No original: campo de estudio de la psicología que analiza las relaciones entre el autor y el lector a través de la lectura (Bibliopsicologia, 1993, p. 89).

¹⁵² No original: el libro no se puede disociar de quien lo ha escrito y de quien lo lee, y como ambos se hallan imersos en un medio social, se convierte en un instrumento de interacción a distancia entre dos individuos, auctor y lector (Bibliopsicologia, 1993, p. 88).

da influência do livro — tomado como tudo aquilo que é lido em um sentido amplo, seja o próprio livro, o manuscrito, a fala, o discurso, a música, a pintura, aqui, todas as diferentes expressões de sua forma “cristalizada”, significa dizer, representada por meio de diversas manifestações de linguagem; dito de outro modo, a ação da palavra verbal na mentalidade dos indivíduos, a mensuração dos efeitos do livro,¹⁵³ via linguagem, em quem o apropria (Roubakine, [1922] 1998). Mais ainda, na abordagem dada por Saldanha (2018, 2019a) no âmbito de um exercício teórico-crítico para a compreensão dos fundamentos epistemológicos em BCI, uma ciência do comportamento verbal que atravessa as relações entre objeto, indivíduo e seu meio social — apontando para os potenciais dessa mesma linguagem para o alcance de um horizonte igualitário e democrático.

Nos limites traçados pela Bibliopsicologia, sua *episteme* estaria dada *por e para* a centralidade do leitor no processo de leitura e, mais ainda, na tessitura da ciência bibliopsicológica — tudo para o leitor, ou, nos dirá o teórico, “o leitor é tudo” (Roubakine, [1922] 1998, p. 13, tradução nossa).¹⁵⁴ Para essa ciência interessa, objetivamente, a concepção do livro em função de quem o lê, ou seja, diante de um leitor individual, de um coletivo, de uma classe, de uma nação e, em sentido amplo, da humanidade posicionada em uma dada realidade social — aqui, o indivíduo torna-se uma espécie de “variável independente” e o livro, por sua vez, uma “variável dependente” que existe em função de quem o lê e de suas apropriações em diferentes configurações sociais, históricas, políticas e psicológicas.

O livro nada mais seria do que um instrumento propulsor de pensamentos, experiências, sensações e impressões vivenciadas pelo leitor no decorrer da leitura (Lasso de La Vega, 1947; Simsova, 1977; Roubakine, [1922] 1998; Otlet, 2018), as quais se modificam constantemente a partir das próprias modificações da mentalidade do indivíduo, ou seja, de sua vivência no real. Colocado de outra maneira, a concepção do objeto de leitura não de forma isolada, como um fim em si mesmo, ou seja, como um artefato meramente material e imutável, mas, sim, como um produto do “espírito humano” capaz de agir sobre um leitor em suas dimensões físicas, psíquicas e emocionais — um reflexo das ideias, sentimentos e vontades de

¹⁵³ O autor denomina sua ciência como “bibliológica”, porque acredita ser centralmente no objeto livro em que a palavra se manifesta em sua forma “cristalizada”, referindo-se, pois, ao “livro”, conforme já exposto, como tudo aquilo que é lido, qualquer palavra contida nos livros ou não (Roubakine, [1922] 1998).

¹⁵⁴ No original: *le lecteur, c'est tout* (Roubakine, [1922] 1998, p. 13).

quem escreve, os quais dialogam e impactam nas faculdades de quem lê. O livro e os efeitos despertados por e sobre ele não seriam, portanto, os mesmos para todas as pessoas, mas sim variáveis posicionadas de forma distinta diante de seus modos de produção, circulação, distribuição, apropriação e utilização fundados no cerne de uma realidade social (Simsova, 1966a; Roubakine, [1922] 1998; Salomão, 2020).

Nessa interpretação, os atores que integram os processos de leitura — o autor e o leitor — são definidos por sentidos, particularidades e contextos particulares; relações que impactam, segundo os construtos da teoria roubakiniana, não somente nas interações com o objeto lido, como também na apropriação que fazem deste e sua aplicação em um dado cenário de acordo com variáveis internas e externas, que se modificam continuamente. De maneira mais ampla, a partir da noção de que a consciência é, em sua natureza, particular e subjetiva (Roubakine, [1922] 1998), trata-se de conceber o artefato enquanto um produto simbólico e sócio-histórico que reflete as configurações psicológicas, intersubjetividades e contextos de quem lê e de quem escreve, ambos produtores de sentidos e em constante interação durante as experiências de leitura, em um dado espaço-tempo.

Tal abordagem aponta, segundo Saldanha (2019a,b), para a procura pelo indivíduo em sua intersubjetividade, ou seja, o leitor por trás do artefato de leitura, dada pela investigação e compreensão da condição sócio-histórica das massas populares e seus modos de percepção e relação com o real via os atos de ler — poderíamos dizer, dada por, no e para o leitor, seus contextos e particularidades, os quais influenciam nas experiências de leitura e em suas interações com o mundo. Nessa concepção, o indivíduo é parte da construção social do real (análise contextual da produção dos registros de conhecimento e processos informacionais em consonância com a realidade social na qual são tecidos) que concebe formas de percepção e apreensão do mundo via o gesto leitor — posição epistemológica que, como veremos mais à frente, aponta para as potencialidades de apropriação crítica da leitura a qualquer pessoa que deseje, sobretudo aquelas que integram as camadas menos favorecidas economicamente, possibilitando que o mundo seja transformado pela práxis da leitura e pela “experiência-mundo” de quem lê (Saldanha, 2019a,b; Saldanha; Salomão, 2021).

Nesse mesmo contexto, Simsova (1966a) ainda chama atenção, conforme discutido na subseção anterior, para o forte desejo de Roubakine em levar a educação para as massas populares e trabalhadoras — no bojo da Rússia imperial,

significa dizer as camadas sociais com menos condições de acesso ao conhecimento e ao desenvolvimento político, científico e intelectual formal —, para que esses mesmos grupos pudessem desenvolver tomadas de consciência crítica coletiva e, a partir daí, empreender modos de enfrentamento e resistência às opressões impostas no real, rumo à “vida nova” almejada pelo bibliotecário russo.

Em nosso entendimento, como antes abordado em Saldanha e Salomão (2021), a pergunta crítica roubakiniana estaria em reconhecer como, via gesto leitor, podemos transformar a situação precária e oprimida das massas populares na Rússia czarista. “Como, por meio de qual livro, agir sobre tal leitor, em tais condições, com vistas à luta pelos direitos dos homens e, em particular, seu direito de se instruir?”, questionaria Roubakine ([1922] 1998, p. 23, tradução nossa).¹⁵⁵

Uma das respostas possíveis para esse questionamento está fundada na investigação e compreensão dos modos de produção e uso dos artefatos informacionais diante, antes, da própria compreensão da condição sócio-histórica dos grupos sociais oprimidos (sobretudo as camadas trabalhadoras) tradicionalmente afastados das possibilidades de produção, acesso e apropriação de saberes — anteriormente postulados e em domínio quase que exclusivo de uma elite intelectual minoritária, porém hegemônica (Saldanha, 2019b; Salomão; Saldanha, 2021a). No horizonte traçado por Nicolas Roubakine ([1922] 1998), a transformação em nível social só poderia emergir diante da socialização do conhecimento e das possibilidades de instrução, cujo acesso sempre foi restringido às classes dominantes.

Para tanto, a teoria bibliopsicológica demarca sua epistemologia no plano de busca de Roubakine ([1922] 1998) por uma cientificidade para a sua ciência, caminho desvelado via estudo das ações do objeto livro sobre o comportamento mental do leitor durante os processos de leitura a partir de sua posição no tempo e no espaço. Em outras palavras, a estrutura epistemológica da Bibliopsicologia voltada para o entendimento dos efeitos do livro através do mapeamento de todos os “passos” do leitor ao longo das experiências de leitura, aqui, de todas as reações e sensações, de natureza física, psíquica e emocional, despertadas durante a interação sujeito-objeto; entendendo aí, mais uma vez, que cada indivíduo responde

¹⁵⁵ No original: *Comment, au moyen de quel livre, agir sur tel lecteur, dans telles conditions, en vue de la lutte pour les droits de l'homme et en particulier pour son droit de s'instruire?* (Roubakine, [1922] 1998, p. 23).

de maneira particular a um dado livro, de acordo com seus contextos e intersubjetividades — ou seja, segundo sua relação com o mundo (Saldanha, 2019a,b, 2020b).

Na ótica roubakiniana, tal busca estaria colocada no terreno não apenas teórico, mas sobretudo empírico dos estudos sobre o livro, a leitura e o leitor, dada a partir de um método objetivo complexo voltado indutivamente para a elaboração de leis, fórmulas e escalas de padrões que regem e generalizam os tipos psíquicos de cada leitor de forma qualitativa e quantitativa; a regularização dos efeitos do livro, das relações entre indivíduo-realidade, isto é, a maneira como o livro impacta nos processos de apropriação de saberes e, depois, nos potenciais de transformação da humanidade.

Essas, pautadas objetivamente na estrutura metodológica das ciências exatas e direcionada à identificação e compreensão das formas possíveis de encontrar o livro “mais adequado” para cada indivíduo, ou seja, aquele que mais corresponda aos seus interesses e habilidades cognitivas, que desperte, no plano mental, psíquico e emocional, a capacidade de apropriação e reflexão crítica não apenas do objeto lido, como também da realidade social; segundo Simsova (1966a) e Savova (1998), um estudo sistemático no qual qualquer pessoa, ao ler livros “adequados” às suas circunstâncias sócio-históricas e psicológicas, poderia apropriar o máximo de conhecimento com o mínimo de esforço, com foco para sua contribuição para os processos de autoinstrução — para Savova (1990), significa dizer, precisamente, a economia de tempo, meios e esforços para que as camadas trabalhadoras possam se dedicar ao livro, à leitura e ao trabalho intelectual como um todo. Em um sentido mais amplo, poderíamos dizer ainda, um método integral de apropriação de saberes a partir de contornos exatos que, na visão do bibliotecário russo, poderia conduzir mais rapidamente às finalidades propostas por sua ciência: despertar as massas populares para o reconhecimento e luta pelos interesses sociais e para a transformação do mundo (Roubakine, [1922] 1998).

Nessa direção, poderíamos sugerir que a argumentação central roubakiniana está em interrogar se é possível afirmar que todo objeto de leitura possui um conteúdo próprio, independentemente da subjetividade de quem lê, de sua interação com os processos de leitura, das condições internas e externas de apropriação e do espaço-tempo em que esse processo se efetua. Dito de outra forma, uma problemática dedicada a analisar se o livro e a leitura são fenômenos puramente

objetivos, neutros, dissociados de seus atores e das condições sociais nas quais se manifestam, ou se, na verdade, são experiências intersubjetivas, imbuídas em uma dada formação sócio-histórica, política, psicológica, cultural e econômica.

O método objetivo, exato e preciso da ciência roubakiniana, denominado pelo teórico russo como um “método especializado da Bibliopsicologia” (Roubakine, [1922] 1998) é dado, centralmente, a partir do uso de questionários para a mensuração dos fenômenos psíquicos despertados na mentalidade de quem lê ao longo das experiências de leitura — estados, reações, sensações e emoções relacionadas à subjetividade e ao contexto do leitor. Em outras palavras, em diálogo com seu *mnéma*, conceito nuclear para a Bibliopsicologia de Roubakine e que sintetiza a memória orgânica do indivíduo, ou seja, todos os traços grafados no organismo do leitor via suas experiências no real, sendo composta de conhecimentos, ideias, emoções, sentimentos, desejos e reservas de consciência e subconsciência (Otlet, 2018).

Trata-se, para Simsova (1996a), de uma metodologia ancorada na introspecção, seja na forma de auto-observação ou experimentos realizados pelo próprio leitor em si mesmo, sendo os resultados obtidos via aplicação dos questionários coletados com o máximo de objetividade por parte da pessoa pesquisadora. Ainda segundo a bibliotecária tcheca, significa, de modo geral, uma espécie de síntese metodológica de mensuração qualitativa e quantitativa, sendo a primeira a classificação dos fenômenos psicológicos registrados durante a leitura e, a segunda, o resumo estatístico das classificações registradas (Simsova, 1996a).

Os dados a serem fornecidos são, conforme nos aponta Lydia Turin (1929): o grupo de leitores selecionado; seus tipos psicológicos e sociais; o *mnéma* individual e social das pessoas que responderam ao questionário. A partir da identificação das tipologias (bem como da predominância desses tipos em um dado grupo de leitores), seria possível conhecer esses leitores: quem são, o que e como conhecem, o que e como pensam, ou seja, adentrar a alma desses leitores a fim de extrair daí, a partir de suas reações a dadas palavras, frases e trechos, os construtos que tornariam possível oferecer o livro ideal — aquele que possibilitaria a apropriação do máximo de saberes com o mínimo de esforço e energia mental.

Esse método introspectivo roubakiniano consiste, estruturalmente, em selecionar um texto que servirá como reagente, ou seja, despertará estados psíquicos em quem lê (o mesmo texto não pode gerar fenômenos psíquicos

idênticos para diferentes leitores, uma vez que cada um está posicionado de forma específica no espaço e no tempo, além de poder variar também para um mesmo indivíduo em diferentes momentos de sua vida). Aqui, Turin (1929) fornece mais detalhes acerca deste método de mensuração do gesto leitor: ao leitor, é dado uma lista de fenômenos psíquicos numerados, que devem responder aos estados psíquicos previamente estabelecidos pelo pesquisador de acordo com as reações que espera alcançar; ao receber o texto, o leitor é questionado se cada palavra desperta nele determinado fenômeno psíquico; a cada palavra reagida, é preciso atribuir um número da lista, podendo ser atribuído mais de um.

Nas palavras de Simsova (1975, p. 144, tradução nossa), significa dizer que “o método consiste em classificar as reações a palavras individuais em várias categorias de fenômenos psicológicos. Os cabeçalhos são escolhidos de modo a ajudar o leitor a reconhecer seu estado de consciência”,¹⁵⁶ via categorias como “ideias”, “imagens”, “emoções”, “volições”, “sensações”, “instintos” e ações”. O método roubakiniano seria, pois, uma combinação entre um método objetivo (mensuração estatística das experiências do leitor) e subjetivo (a análise introspectiva de como o artefato de leitura impacta em quem lê).

Abaixo, podemos observar um exemplo de aplicação deste método, a partir de um trecho selecionado de um texto do intelectual francês Romain Rolland. Junto ao texto, há uma classificação de fenômenos bibliopsicológicos, cada qual representativo de um número:

¹⁵⁶ No original: *The method consists in classifying reactions to individual words under various categories of psychological phenomena. The headings are chosen so as to help the reader to recognise his state of consciousness* (Simsova, 1975, p. 144).

Figura 2 - Lista de fenômenos bibliopsicológicos despertados nos atos de ler

IV. SENTIMENTS, EMOTIONS, PASSIONS.	
43.	Sentiments of beauty (esthetic) of harmony, of the sublime, of the dramatic.
44.	anti-esthetic.
45.	intellectual (search for truth, curiosity, certainty, astonishment).
46.	of lying (hypocrisy, falseness).
47.	of the universe, of nature.
48.	religious.
49.	anti-religious.
50.	moral.
51.	immoral.
52.	social (altruistic).
53.	anti-social (egoistic, egocentric).
54.	analogous.
55.	attraction between individuals (sympathy, kindness, gratitude).
56.	repulsion between individuals (antipathy, hatred, vengeance).
57.	resignation, renunciation, giving.
58.	positive, agreeable (joy, gaiety, pleasure).
59.	negative, disagreeable (sorrow, sadness, pain).
60.	of will (of strife, fanaticism, intolerance, liberty, etc.).
61.	inferior organic (hunger, thirst, tiredness, sleepiness, illness).
62.	other kinds, not classified by the reader.

Fonte: Turin (1929, p. 86).

A partir dessa leitura, o leitor deverá atribuir um número a cada palavra lida conforme a classificação psicológica descrita, considerando o que sentiu ao longo da leitura.

Figura 3 - Reações psíquicas dos leitores a cada palavra lida

<i>war</i>	32, 33, 35, 37, 38, 39, 41, 42, 44, 51, 71, 67, 68, 61, 56, 59, 60, 63, 64, 66, 53, 28, 49, 46.
<i>continues</i>	26, 7, 52, 56, 61, 63, 64, 74, 11
<i>to make</i>	6, 70, 16, 18, 31, 51, 53, 56, 59, 60, 66, 69
<i>havoc</i>	16, 18, 22, 26, 39, 44, 45, 49, 52, 53, 56, 61, 59, 60, 74, 64, 66, 68, 70
<i>uprooting</i>	16, 18, 21, 22, 23, 26, 32, 33, 40, 41, 49, 53, 74, 71, 72, 51, 57, 59, 60, 64, 66, 68, 69, 70, 11
<i>the most</i>	6, 9, 13, 14
<i>strong</i>	16, 25, 26, 28, 50, 55, 60, 64, 70, 71, 11, 21, 41, 43, 52
<i>souls</i>	6, 9, 13, 21, 26, 32, 35, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 48, 50, 52, 55, 59, 60, 64, 66, 74, 69

Fonte: Turin (1929, p. 87).

Para Turin (1929), a quantidade de números atribuídos oferece a quantidade de reações despertadas, o que possibilitaria à pessoa pesquisadora inferir de que maneira um livro afeta um leitor, uma vez que cada palavra é um estímulo e o ato de atribuir um número é a reação a esse estímulo. As particularidades de cada leitor são mensuradas a partir de coeficientes que demarcam sua projeção sobre um livro

em um dado momento (ou seja, quantas vezes um mesmo fenômeno foi indicado), o que permite identificar, estatisticamente, suas reações ao que foi lido e, a partir daí, seu tipo psicológico. Aqui, a metodologia roubakiniana é indicada de maneira ilustrativa, não configurando, pois, nosso foco de análise; os trabalhos de Turin (1929) e Simsova (1966b, 1987b) aprofundam essa dimensão metodológica.

Para nós, interessa como essa metodologia revela a relação da Bibliopsicologia com a corrente positivista que dominou o contexto científico do fim do século XIX e início do XX - dentre uma de suas áreas de influência, a Psicologia, campo de teorização e aplicação da ciência roubakiniana. No decorrer das mais de três décadas de pesquisa que integram a construção epistemológica da teoria de Roubakine, demarcadas por suas vivências com bibliotecas e leitura e, no curso de sua trajetória acadêmica nos anos de 1880, por uma influência do pensamento positivista de Auguste Comte e Gabriel Tarde (Senn, 1977), as discussões tecidas por Otlet (2018), corroboradas depois por Saldanha (2019a,b), nos apontam uma abordagem metodológica para os estudos dos fenômenos psíquicos relacionados ao objeto lido a partir do ponto de vista complexo das ciências sociais e exatas.

Poderíamos dizer que a ciência desenvolvida pelo teórico russo é fundada e influenciada, metodologicamente, nos principais elementos da corrente positivista, na busca de Roubakine ([1922] 1998) para constituir para sua teoria um ponto de vista objetivamente científico, alcançando o nível de rigor metodológico das ciências exatas — o que nos coloca diante da elaboração de leis que regularizam os fenômenos de leitura e posicionam esta ciência, epistemologicamente, à luz de sua construção em diálogo com outras disciplinas e áreas do conhecimento (como as já mencionadas Bibliologia, Linguística — notadamente, semântica e psicologia da Linguagem —, Educação, História e Teoria da Literatura, como também Biologia, Física, Matemática e outros campos que integram as ciências sociais e naturais), reafirmando, contudo, suas bases psicológicas e sociais.

As problemáticas trabalhadas em seu escopo não só estariam ligadas a esses campos, como também utilizariam como base os métodos reconhecidos pelo autor como a “glória” da ciência, como as observações, induções, experimentos, hipóteses, experiências, verificações, questionários e análises matemáticas. Em nosso entendimento, tal intenção pode ser claramente evidenciada, por exemplo, nas primeiras linhas de seu *Introduction à la psychologie bibliologique* pelo uso de termos como “métodos científicos exatos”, “exemplos precisos”, “toda a precisão

possível", "pesquisa exata, científica e até matemática" (Roubakine, [1922] 1998, p. 9, 11, tradução nossa)¹⁵⁷ propostos para o estudo do leitor. No olhar de Simsova (1966a), trata-se da concepção de que a autoria, o livro e o leitor são fenômenos naturais — ainda que frutos de uma realidade sócio-histórica — e que, por isso, podem se submeter ao estudo preciso e objetivo, ou seja, de acordo com os moldes das ciências exatas e sustentado, pois, pelos principais elementos do positivismo.

Em claro diálogo com a compreensão das relações psíquicas entre quem escreve e quem lê diante de uma realidade socialmente construída, tal compreensão objetiva e mensurável dos processos de leitura e de seus impactos no leitor também estaria colocada no que Roubakine ([1922] 1998) denomina como os princípios fundamentais da Bibliopsicologia, abordados na forma do que descreve como as cinco divisões para a sua ciência que correspondem, por sua vez, a cinco leis, assim descritas por Roubakine ([1922] 1998, p. 43): 1) lei de Humboldt-Potebnia, voltada para a compreensão dos efeitos da palavra sobre o leitor; 2) lei de Hennequin, interessada nas ações do livro e do autor sobre quem lê; 3) lei de H. Taine; e 4) lei de Tarde, ambas direcionadas para a centralidade do meio social nas experiências com o objeto livro; e, por fim, a 5) lei de Mach, orientada para as reformas a serem realizadas no mundo do livro segundo os construtos bibliopsicológicos.

De acordo com os estudos de Simsova (1975), Roubakine formulou diferentes versões dessas leis no decorrer da construção de seu pensamento, acompanhando as mudanças em suas formas de conceber teoricamente a Bibliopsicologia. Por esse motivo, as edições em francês, de 1922, e em russo, de 1928, apresentam diferenças na indicação dessas leis. Na edição russa, por exemplo, além de constar a lei de Richard Semon, baseada na noção de *mnéma* e dialogada no centro da lei de Taine na edição francesa, não há menção às leis de Ernst Mach e Gabriel Tarde. Por outro lado, há a inclusão de outras duas leis: a primeira, consonância e dissonância de emoções, assim traduzida por Lydia Turin (1929, p. 81-82, tradução nossa) a partir da versão russa:

Emoções e outros elementos irracionais desempenham um papel importante no processo de assimilação de uma palavra; emoções evocam, selecionam, combinam e cimentam os elementos inerentes a um determinado tipo intelectual (ideias, emoções, conceitos, propósito consciente). A consonância de emoções em dois indivíduos

¹⁵⁷ No original: *méthodes scientifiques exactes; exemples précis; toute la précision possible; recherche exacte, scientifique et même mathématique* (Roubakine, [1922] 1998, p. 9, 11).

pode capacitá-los a aceitar as ideias um do outro, mesmo quando estas se opõem às suas convicções mais profundas; a dissonância de emoções pode levar um indivíduo a negar sua própria ideia simplesmente porque ela é expressa por alguém emocionalmente antagônico. A consonância de emoções leva a uma maior compreensão mútua. E, como a Bibliopsicologia é o estudo das relações entre escritor e leitor, entre falante e ouvinte, a enorme importância dessa lei torna-se autoevidente.¹⁵⁸

A segunda, lei de Baudouin, concebida, para Simsova (1975), como uma junção de quatro leis retiradas da obra do psicanalista francês Charles Baudouin (1893-1963),¹⁵⁹ “Psicanálise e estética”: 1) a lei da percepção concentrada; 2) a lei da emoção auxiliar; 3) a lei do esforço inverso; e 4) a lei da conveniência subconsciente. Neste trabalho, seguimos as leis apresentadas na versão aqui utilizada como *corpus* de análise, qual seja a reedição de 1998 baseada na edição francesa de 1922, cujas leis seguem elencadas abaixo.

- **Primeiro princípio fundamental: a lei de Humboldt-Potebnia**

Esse primeiro princípio, considerado por Roubakine ([1922] 1998) como o ponto de nascimento da ciência bibliopsicológica, encontra suas bases teóricas no diálogo com os estudos sobre a linguagem desenvolvidos pelo filósofo e linguista prussiano Wilhelm von Humboldt (1767-1835)¹⁶⁰ e pelo filólogo russo Aleksandr Potebnia (1835-1891).¹⁶¹ De modo geral, trata-se da concepção do livro e de todas as palavras que formam o seu conteúdo como instrumentos simbólicos de excitação de experiências psíquicas e não de transmissão desses fenômenos (o artefato informacional desperta sensações e reações já presentes em quem lê) — para o

¹⁵⁸ No original: *Emotions and other irrational elements play an important part in the process of assimilation of a word; emotions evoke, select, combine and cement the elements inherent in a given intellectual type (ideas, emotions, concepts, conscious purpose). The consonance of emotions in two individuals may enable them to accept each others' ideas even when these are opposed to their innermost convictions; the dissonance of emotions may cause an individual to deny his own idea merely because it happens to be voiced by someone who is emotionally antagonistic. The consonance of emotions leads to increased mutual comprehension. And, as biblio-psychology is the study of the relations of writer and reader, of speaker and listener, the enormous significance of this law becomes self-evident* (Turin, 1929, p. 81-82).

¹⁵⁹ Charles Baudouin (1893-1963) foi um psicanalista e escritor francês, cujas teorias dialogam com os estudos de Sigmund Freud e Carl Gustav Jung.

Disponível em: https://fr.wikipedia.org/wiki/Charles_Baudouin. Acesso em: 30 set. 2025.

¹⁶⁰ Wilhelm von Humboldt (1767-1835) foi um filósofo e estudioso da língua alemã, cuja contribuição para o desenvolvimento de investigações científicas sobre a linguagem foi reconhecida no século XX, inclusive, por Nicolas Roubakine.

Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Wilhelm-von-Humboldt>. Acesso em: 16 mar. 2024.

¹⁶¹ Aleksandr Potebnia (1835-1891) foi um filólogo e filósofo russo. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Aleksandr_Potebnia. Acesso em: 16 mar. 2024.

teórico russo, o significado de uma mesma palavra e a apropriação de um mesmo livro podem ser diferentes conforme as particularidades dos atores envolvidos e das condições sociais que circunscrevem os atos de ler (Simsova, 1966a, 1969; Roubakine, [1922] 1998).

O livro e a palavra nada transmitem de uma psique à outra (do autor ao leitor e vice-versa); são, antes, artefatos que despertam durante as experiências de leitura, de forma consciente ou inconsciente, todas as vivências (psíquicas, sociais e emocionais) experimentadas ao longo da vida por quem lê, que permanecem em sua estrutura psíquica e orgânica e são evocadas durante os atos de ler a partir dos sentidos e significados distintos atribuídos à cada palavra e à cada objeto lido em momentos igualmente diferentes de sua existência — em outras palavras, segundo Roubakine ([1922] 1998), a capacidade do artefato de leitura de despertar no leitor as ideias mais diversas possíveis, já presentes na psique desse indivíduo sob uma forma não organizada e não cristalizada, ou seja, não registrada em uma dada manifestação de linguagem. Essas ideias podem ser correspondentes ou não às ideias e intencionalidades projetadas por quem escreve.

Um livro a favor do governo, por exemplo, poderia despertar, em um determinado indivíduo, as ideias mais antigovernamentais possíveis. Mais uma vez, significa dizer, segundo Simsova (1966a), que o livro, enquanto conteúdo, não é o mesmo para todas os leitores; os signos linguísticos presentes em um artefato não são um fim em si mesmos (essas palavras, sozinhas, não produzem sentido e significado), sendo os sentidos apropriados e atribuídos de acordo com as sensações psíquicas experimentadas por um indivíduo não estático e não isolado de um contexto sócio-histórico durante o ato de ler.

- **Segundo princípio fundamental: a lei de Hennequin**

O segundo princípio fundamental da Bibliopsicologia, articulado, segundo Roubakine ([1922] 1998), a partir das reflexões do crítico francês Émile Hennequin (1859-1888)¹⁶² no campo dos estudos literários, decorre de sua primeira lei: o livro — a obra literária particularmente, na visão de Hennequin — exerce a ação mais forte sobre o leitor cuja organização psíquica é idêntica ou similar àquela de quem escreve (Simsova, 1969). Significa dizer, conforme apontado pela teoria

¹⁶² Émile Hennequin (1859-1888) foi um escritor, crítico literário e filósofo francês. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Emile_Hennequin. Acesso em: 16 mar. 2024.

roubakiniana, que as palavras e o conteúdo criados pelo autor e cristalizados no objeto lido despertam na alma de um determinado leitor a maior quantidade de estados psíquicos (ou seja, de sensações físicas, emocionais e psicológicas) semelhantes aos que esse mesmo autor sentiu ao escrever sua obra.

A exatidão com que esses estados psíquicos ocorrem na “alma” do autor e, por sua vez, impactam em quem lê, pode ser inferida, nos limites da ciência de Roubakine ([1922] 1998), a partir do estudo preciso e objetivo dos autores, ou seja, de seu espírito criativo, de suas obras e de sua posição como leitor em uma dada configuração social; todo autor é, ao mesmo tempo, um leitor, nos dirá o teórico russo — poderíamos sugerir, em seu sentido amplo, leitor do objeto material e da realidade social.

Este princípio fundamental se volta para o estudo das relações entre autor, livro e indivíduo ancorado em suas bases psicológicas e sociológicas, com foco não para o livro propriamente dito, isto é, o artefato, mas sim para a análise e compreensão da influência das obras de um determinado autor em todas as categorias de fenômenos psíquicos de um dado leitor (a dimensão consciente e inconsciente, emocional, volitiva) — a analogia psíquica entre autor e leitor poderia conduzir mais rapidamente a uma maior apropriação de saberes com o mínimo de esforços, ao proceder com uma seleção de livros correspondente; no entanto, é interessante mencionar, em mentes cujas organizações psíquicas são distintas, nos dirá Roubakine ([1922] 1998), as sensações despertadas pelo espírito autocrático de quem escreve poderia evocar as paixões do espírito democrata de quem lê (o que poderia ser ensejado, sugerimos, através das possibilidades de desenvolvimento de reflexões críticas).

- **Terceiro princípio fundamental: a lei de Taine**

Este terceiro princípio está ancorado, fundamentalmente, no centro das bases sociais que integram e formam a Bibliopsicologia roubakiniana, dadas a partir das concepções tecidas pelo crítico, historiador e positivista francês Hippolyte Taine (1828-1893).¹⁶³ No bojo dessa teoria, o indivíduo pode ser compreendido, de forma geral, à luz de três categorias que determinam sua posição no tempo e no espaço: o

¹⁶³ Hippolyte Taine (1828-1893) foi um crítico e historiador francês de influência positivista na França do século XIX. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Hippolyte-Taine>. Acesso em: 16 mar. 2024.

meio social e físico, a raça e o momento histórico; em suas investigações no âmbito da Literatura, influenciadas pelo seu positivismo, Taine concebe a obra literária como um fenômeno da natureza — conforme já colocado antes por Roubakine ([1922] 1998) — apoiada em estruturas sociais e psicológicas nas quais a individualidade de quem escreve (e, por sua vez, de sua obra) está circunscrita nas condições que possibilitam a criação dessa mesma consciência e dessa mesma obra. Dito de outro modo, trata-se da influência do meio sobre a particularidade da autoria e de quem lê.

Na visão de Roubakine ([1922] 1998), essas noções colocam essa lei bibliopsicológica diante das analogias existentes entre as particularidades de um dado leitor e seu meio, raça e momento histórico como forma de compreensão do próprio livro e, diríamos, do próprio real; ou seja, o impacto do livro e da leitura no indivíduo como parte integrante das relações com seu meio. As experiências adquiridas ao longo da vida por quem lê (as quais projetam e são projetadas no objeto lido e, depois, na realidade) são manifestações não somente de uma vida individual, sem qualquer interação com seu entorno, mas sim das relações dessas mesmas vivências com o mundo ao redor, atravessado por diferentes formações psicológicas, sociais, históricas, políticas e econômicas — significa dizer que as diferenças e semelhanças existentes entre diferentes tipos de leitores dependem, antes, das discrepâncias e analogias de seu meio social. Desse modo, sendo o autor, o artefato de leitura e o leitor expressões da vida social, ou seja, reflexos de suas experiências no real, estes devem ser estudados pela Bibliopsicologia, segundo Roubakine ([1922] 1998), em relação ao seu meio social — o que demarca, para nós, o posicionamento sócio-histórico da ciência roubakiniana.

É nesse contexto que emerge a noção de *mnéma*, retirada das ideias formuladas pelo biólogo alemão Richard Wolfgang Semon (1859-1918),¹⁶⁴ e abordada por Roubakine ([1922] 1998) como um dos conceitos nucleares de sua teoria, apontando para o leitor como um depósito de “fatos bibliopsicológicos” (Simsova, 1966a). Em sentido amplo, o *mnéma* pode ser entendido como uma representação da memória orgânica hereditária da espécie e de sua memória individual, capaz de adquirir e conservar as mudanças na matéria orgânica (os

¹⁶⁴ Richard Semon (1859-1918) foi um zoologista e biólogo alemão que propôs a partir da noção de *mneme*, conceito desenvolvido no início do século XX no campo dos estudos psicofisiológicos, que os estímulos vivenciados por um sujeito em diferentes momentos de sua vida produzem uma espécie de inscrição no material celular, ou seja, na matéria orgânica do ser.

Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Richard_Semon. Acesso em: 16 mar. 2024.

engramas) — para Simsova (1966a, 1969), Otlet (2018) e Saldanha (2019a), um conjunto dos traços psíquicos individuais vivenciados por cada indivíduo ao longo de sua existência na realidade, e armazenadas em seu organismo, representadas não apenas na forma de ideias e conhecimentos, como também através das emoções conscientes e inconscientes.

Nos atos de leitura, ponto que nos interessa aqui especialmente, conforme apontado por Salomão (2020), trata-se de compreender o objeto lido como um conjunto das percepções e estímulos psíquicos que integram o *mnéma*, constituídas a partir da relação e interação do indivíduo (autor e leitor) com o seu entorno (contexto, particularidades, vivências intersubjetivas, cenário político, econômico e social, por exemplo) e evocadas durante a experiência desse mesmo indivíduo com um determinado livro que remeta, de alguma forma, a essas memórias armazenadas em sua estrutura orgânica — o que reflete, portanto, em sua apropriação, ou seja, o contato com a realidade criada pela autoria e materializada na palavra escrita que, no encontro com a realidade construída pelo leitor, possibilita a significação ou ressignificação de saberes. Para Simsova (1966a), na relação estabelecida com a lei de Taine, significa posicionar o *mnéma* do leitor em uma dada estrutura social: sua memória orgânica — modificada ao longo de suas vivências e projetada, portanto, nas experiências de leitura —, é fruto de uma paisagem sócio-histórica.

Em sua dimensão psíquica e simbólica, Salomão (2020) observa que o leitor, ao interagir com o objeto lido ao longo das experiências de leitura, estaria se relacionando não com o artefato propriamente dito, mas sim, na verdade, com a “alma” da autoria e com a sua própria. Para nós, com toda a intersubjetividade e os elementos que integram e formam o *mnéma* — representados através de uma palavra e/ou uma expressão, uma frase, que constituem e relacionam as mentalidades que formam e integram esses processos. Tornar-se-ia possível, a partir dos contornos delineados por Roubakine ([1922] 1998), que os efeitos dos materiais de leitura em diferentes pessoas sejam próximos, ou até mesmo semelhantes, de acordo com o compartilhamento de uma experiência de vida em comum.

- **Quarto princípio fundamental: a lei de Tarde**

Essa lei, formulada a partir das teorias do filósofo francês Gabriel Tarde (1843-1904) — o qual demarcaria, junto de Auguste Comte, a influência positivista

no pensamento roubakiniano a partir da aproximação do bibliotecário com suas reflexões ainda no contexto acadêmico —, decorre da mesma estrutura social e psicológica articulada nos três princípios anteriores, sobretudo a lei de Taine. De maneira geral, na abordagem de Roubakine ([1922] 1998), as discussões de Gabriel Tarde desenvolvidas em torno das noções de sugestão e imitação, bem como da centralidade atribuída às emoções nos processos de compreensão, seriam de particular interesse para a ciência bibliopsicológica ao posicionar um dado leitor como parte de um dado contexto intersubjetivo.

Em nosso entendimento, trata-se de colocar o indivíduo como um ser social que forma e integra uma comunidade intersubjetiva em uma dada construção sócio-histórica — permeada, poderíamos dizer, por dadas formações hegemônicas que determinam igualmente dadas concepções do real, normalmente em diálogo com os interesses de classes dominantes (no espaço-tempo roubakiniano, o império russo); e que, por isso, está submetido, assim como as outras pessoas, às possibilidades de ações de sugestão e imitação direcionadas por e para essa mesma coletividade. Centralmente, a receptividade de um dado leitor às opiniões, sugestões e intencionalidades propostas por um dado autor e que podem, por sua vez, ser ou não compartilhadas pela coletividade da qual esse leitor faz parte.

Esse seria um fator central no campo dos fenômenos da influência do livro, nos diz Roubakine ([1922] 1998), ao atentar para as possibilidades de estabelecimento de influências recíprocas por entre mentes igualmente próximas, conforme colocado antes pela lei de Hennequin. Para Simsova (1966a, 1969), a partir dos elementos propostos no horizonte roubakiniano, significa compreender que, quanto maior a ação intermental entre dois indivíduos (aqui, o autor e o leitor), ou seja, quanto maior a troca mental (contato com o estado de consciência e não com o artefato material propriamente dito) entre indivíduos que compartilham pensamentos, sentimentos, emoções, processos de ação e comportamentos semelhantes (para nós, via experiências de leitura), mais fácil será para esses mesmos indivíduos transmitirem uns aos outros o estado de sua alma, de sua consciência.

Colocado de outra forma, a influência de uma mente sobre a outra possibilitaria, por um lado, que uma determinada autoria chamasse a atenção de seus leitores para aspectos que, de outro modo, lhes passariam despercebidos e, por outro lado, considerando as dimensões políticas e econômicas, que essa mesma

autoria, exercendo de sua influência sobre uma dada coletividade, direcionasse as mentes desses leitores para suas próprias intencionalidades, para a observação e influências desses fenômenos de acordo com seus interesses, que podem ser atravessados por contornos opressores e excludentes, por exemplo. No regime absolutista russo, estariam dadas aí, mais uma vez, as potencialidades ensejadas pela leitura crítica do artefato e da realidade, perspectiva claramente evidenciada na abordagem roubakiniana.

- **Quinto princípio fundamental: a lei de Mach**

O quinto e último princípio abordado por Roubakine ([1922] 1998) se dá a partir das proposições do filósofo e físico austríaco Ernst Mach (1838-1916).¹⁶⁵ Em diálogo com as observações destacadas antes por Simsova (1966a) e Savova (1998) no contexto dos esforços roubakinianos para a apropriação de saberes com o mínimo de esforços possíveis, esta lei está orientada para o que o teórico coloca como uma espécie de “economia de forças”, direcionada para as condições naturais de aprimoramento do processo de cristalização do discurso. O autor indaga sobre as possibilidades de intensificar o poder de ação do livro, ou seja, como melhorar as manifestações dos estados psíquicos dos indivíduos nos materiais de leitura, para que esses possam, durante as experiências de leitura, propiciar o alcance do máximo de resultados com o mínimo de esforços por parte do autor, do leitor, do livreiro, bem como de todos os indivíduos envolvidos nos processos bibliográficos.

Nessa configuração, o teórico russo chama atenção, mais uma vez, para a centralidade do estudo de todos os fenômenos relacionados aos artefatos de leitura, desde sua criação até o momento de sua utilização — para Roubakine ([1922] 1998), até o momento em que é lido e exerce, portanto, uma ação sobre a mentalidade de quem lê. Para os fins da Bibliopsicologia, a investigação de cada etapa dos processos que envolvem o livro, sempre que melhorada e reformulada, poderia conduzir a uma maior aproximação psíquica entre a mentalidade do autor e

¹⁶⁵ Ernst Waldfried Josef Wenzel Mach (1838-1916) foi um físico e filósofo austríaco cujas ideias trabalhadas em torno dos princípios da ótica, mecânica e dinâmica das ondas, de contornos positivistas, exerceram certa influência no pensamento científico do século XX. O teórico defendia a concepção de que nenhuma proposição das ciências naturais seria válida se não fosse possível, antes, verificá-la empiricamente, ou seja, o conhecimento seria uma organização conceitual proveniente de dados obtidos a partir das experiências sensoriais ou por observação. Podemos notar aqui, novamente, a influência dos elementos do positivismo na tessitura bibliopsicológica de Nicolas Roubakine. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Ernst-Mach>. Acesso em: 18 mar. 2024.

do leitor a partir do uso de palavras selecionadas justamente para obter o máximo de utilidade das ideias, emoções e intencionalidades que aquele que escreve deseja transmitir. Para nós, diante da realidade desigual imposta à classe trabalhadora russa, restringida de suas possibilidades de conhecimento, tempo e acesso à instrução, esta lei da Bibliopsicologia emergiria no plano do desenvolvimento de reflexões críticas com o menor esforço possível.

No entanto, Savova e Estivals (1993) nos dizem que, apesar da estrutura positivista do método bibliopsicológico, a ciência roubakiniana traz em sua delimitação epistemológica um caráter sistemático, respaldado em um longo percurso de pesquisa teórica e empírica e na elaboração de leis e padrões que orientam as dinâmicas de comunicação, mas que se encontram, dialeticamente, vinculados não a uma estrutura dita “neutra”, mas antes, a uma posição pragmática no espaço-tempo de sua aplicação. Isto significa dizer, para Saldanha (2019a,b), que a procura de Roubakine pela compreensão exata dos impactos do livro no mundo, ainda que a partir de um enfoque indutivo possivelmente mais orientado para a regularização e previsão de fenômenos, nos direciona não para uma condição neutra do ato de ler, tampouco para a construção de uma ciência bibliopsicológica sem qualquer relação com a realidade na qual é tecida, mas sim para a formulação de leis que integram e resultam, sobretudo, de uma análise sócio-histórica de quem lê. Mais uma vez, a compreensão das condições que circunscrevem a produção, circulação, acesso e apropriação dos artefatos de leitura, projetadas à luz de categorias complexas constituídas no bojo de uma sociedade atravessada por configurações sociais, políticas, psicológicas, culturais e econômicas determinadas, no escopo roubakiniano, de forma desigual e opressora. O objetivo roubakiniano estaria, de modo geral, na aplicação de teorias e métodos para a compreensão das condições de reforma e melhoria dos processos de leitura.

Nessa configuração, as atividades que envolvem o livro, a leitura e o leitor em Roubakine ([1922] 1998) nada têm de independentes do contexto e dos indivíduos que com elas interagem, apesar de seu método estruturalmente positivista; ao contrário, estão diretamente relacionadas à atuação de um indivíduo cognoscente que produz, transmite, apropria e utiliza a informação em um espaço-tempo socialmente construído. De maneira mais específica, trata-se de dialogar o pensamento teórico-metodológico bibliopsicológico de Roubakine ([1922] 1998) a uma posição pragmática de tessitura e articulação: não só a concepção da luta

contra o analfabetismo, a favor da socialização e acesso amplo e irrestrito à instrução e ao conhecimento, como também a mensuração dos efeitos do livro, a compreensão psicológica do leitor e, não menos importante, os atos de leitura propriamente ditos, como ferramentas potenciais para as tomadas de consciência coletiva das camadas sociais oprimidas — o entendimento de que, sob o regime político em vigência no início do século XX, a opressão e desigualdade prevaleciam, distanciando as pessoas da justiça e da verdade.

No pensamento de Roubakine ([1922] 1998), trata-se de posicionar a Bibliopsicologia, antes de sua consolidação teórica, no centro das investigações empíricas, ou seja, de sua vertente praxiológica e de suas experiências no mundo social — esta ciência surge, nos diz o autor, sob a opressão do regime absolutista russo, diante dos sofrimentos, das violências, deportações e execuções. Em meio, sobretudo, ao enfrentamento às desigualdades através de “seres de ação” e não cientistas que tão somente buscam “verdades objetivas” em seus gabinetes, longe do real e do barulho da vida; surge, pois, de indivíduos (em especial, a *intelligentsia* russa e seus membros socialistas) devotados à luta pelos direitos a uma vida melhor a partir de ações de instrução direcionadas aos grupos camponeses e operários desde a década de 1870 em escolas, bibliotecas, todos os “*lieu de conspiration*” (“locais de conspiração revolucionária”).

Aqui estaria demonstrada a força e a significação social e moral dessa nova ciência:

Os russos que lutaram pela instrução do povo foram os primeiros a compreender, por experiência própria, a grande importância da Bibliopsicologia. Eles compreenderam que o segredo da enorme influência do livro **residia não no livro em si, mas sim no leitor**, nas suas particularidades psicológicas e sociais, em sua situação econômica e política (Roubakine, [1922] 1998, p. 18, tradução nossa, grifo do autor).¹⁶⁶

Significa dizer, a Bibliopsicologia seria capaz, portanto, de direcionar a sociedade para uma realidade transformada (Saldanha, 2019b; Salomão, 2020). Nos construtos da teoria roubakiniana, significa dizer a busca por meios para transformar os objetos de leitura em fontes para a compreensão dos impactos do livro na

¹⁶⁶ No original: *Les Russes qui ont lutté pour l'instruction du peuple ont compris les premiers, par expérience, la haute importance de la biblio-psychologie. Ils ont compris que le secret de l'énorme influence du livre résidait pas dans le livre même, mais dans le lecteur, dans ses particularités psychiques et sociales, dans sa situation économique et politique* (Roubakine, [1922] 1998, p. 18, grifo do autor).

sociedade, os quais, notadamente os estudos acerca das experiências de leitura das massas populares, poderiam oferecer um conjunto poderoso de materiais, fatos e teorias que seriam capazes de desvelar um campo de possibilidades de apropriação de saberes e desenvolvimento de reflexões direcionadas à percepção e compreensão críticas do mundo (Salomão; Saldanha, 2021b).

Para nós, as condições sob as quais, via Bibliopsicologia, as desigualdades e opressões instituídas por estruturas sociais e políticas hegemônicas poderiam encontrar terreno fértil de luta e resistência não somente na prática leitora de um artefato bibliográfico, mas, sobretudo, na prática leitora do mundo — em um diálogo próximo com as teorias desenvolvidas no nosso campo, décadas depois, a partir dos construtos do filósofo brasileiro Paulo Freire (2011). Uma perspectiva crítica, social e política que, conforme será visto, transcende a concepção da leitura como uma experiência que propicia tão somente a decodificação de signos linguísticos para alcançar uma reflexão crítica da realidade social - o real não seria tal como nos é dado, mas antes, fruto de condicionantes sócio-históricas que agem de acordo com interesses e valores dominantes que refletem as condições de vida desiguais no âmbito material e que devem ser enfrentados em todo seu potencial de leitura crítica de mundo (Saldanha; Salomão, 2021; Salomão; Saldanha, 2021a,b; Salomão; Bezerra, 2023).

Essa proposta, que demarca a epistemologia da ciência tecida por Roubakine ([1922] 1998), é sustentada por uma teoria social e crítica direcionada à compreensão das condições sócio-históricas e políticas de formação de leitores e acesso irrestrito ao conhecimento, ao mesmo tempo na busca e diante do potencial da Bibliopsicologia para resolver questões epistêmicas e sociais, como será discutido na seção seguinte.

4 INTERPRETANDO AS ABORDAGENS SOCIOCRTICAS DO PENSAMENTO DE NICOLAS ROUBAKINE NA CONSTRUÇÃO EPISTEMOLÓGICO-HISTÓRICA EM BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

‘A força do livro e a da palavra não são ainda empregadas plenamente’, afirma N. Rubakin. ‘Ainda não encontramos os melhores meios de nos servirmos delas. Não sabemos ainda como colocá-las em prática. Nos tempos atuais, o livro ainda não é um instrumento da luta pela verdade e pela justiça. Podemos e devemos, porém, transformá-lo nisso’
(Otlet, 2018, p. 48).

Nesta seção, nos interessa, fundamentalmente, discutir as abordagens sociocríticas presentes no pensamento roubakiniano, as quais se aproximam, por sua vez, de diferentes enfoques e linhas de investigação epistemológicas no campo biblioteconômico-informacional, sobretudo as abordagens que dialogam com um horizonte de transformação social — ou, como veremos mais à frente, de uma práxis transformadora. Para tanto, é interessante, antes, abordar o percurso de constituição de um pensamento biblioteconômico russo (o qual seria consolidado entre o final do século XIX e as décadas iniciais do XX, segundo Chubarian, ([1981?]) que parece dialogar e circunscrever teoria e método roubakinianos, conforme as perspectivas sociocríticas desdobradas em sua ciência.

Ao mesmo tempo, não é o nosso foco discutir o processo histórico e epistemológico de configuração da Biblioteconomia como campo científico na Rússia, servindo esse aporte como pano de fundo para posicionar o pensamento de Roubakine em seu contexto científico, social e histórico. Tampouco nos interessa abordar em detalhes o panorama político pré-revolucionário russo que circunda não apenas as noções roubakinianas sobre os elementos que formam a *episteme* do campo, como também as lentes de observação críticas direcionadas à sua posição política nesse contexto — diante da complexidade do próprio cenário da época, ou seja, diante de um regime que só viria a existir após a Revolução Russa de 1917.

Nessa direção, no decurso de constituição teórica e histórico-epistemológica de um pensamento biblioteconômico sistematizado na Rússia (caminho que direcionaria para o desenvolvimento do que seria concebido, décadas depois, como uma Biblioteconomia Soviética, de base marxista-leninista), Meneses Tello (2023) ancora-se nas perspectivas apontadas por Oleg Chubarian ([1981?]) para estabelecer três etapas históricas que, na abordagem do pesquisador soviético,

demarcariam as vias de configuração científica e epistêmica deste campo do conhecimento: 1) contexto russo feudal; 2) contexto russo imperial; e 3) contexto russo pré-revolucionário.

A primeira delas, o contexto russo feudal, estaria situada ainda no período medieval e seria demarcada centralmente pela predominância de bibliotecas privadas pertencentes às classes nobres, reais e religiosas, sendo o seu acesso restrito às camadas privilegiadas da sociedade e, portanto, afastado dos grupos populares. Além disso, seu enfoque estaria voltado para a disseminação de uma cultura clerical, dada a influência da igreja católica no período, o que refletiria em seu acervo, acesso e práticas bibliotecárias, como aconteceria em outros territórios da Europa, sobretudo Ocidental, nessa mesma época, igualmente demarcada pela predominância de bibliotecas religiosas e privadas (monásticas e reais) (Barbier, 2018).

A segunda etapa seria marcada pelo contexto russo imperial, posicionado ainda em princípios do século XVIII, no império czarista de Pedro I (Pedro, o Grande, 1672-1725)¹⁶⁷ e no cenário de desenvolvimento de um projeto voltado para a criação de uma biblioteca nacional pública, a Biblioteca da Academia de Ciências, fundada em 1714 e sendo uma das (senão a primeira) biblioteca considerada como pública na Rússia, cujo objetivo central estaria não apenas no armazenamento de livros, como também em sua utilização gratuita e a prestação de serviços em nível nacional no que se refere sobretudo à difusão de conhecimentos científicos (Chubarian, [1981?]; Meneses Tello, 2023); seu acervo foi construído a partir da própria biblioteca privada do imperador Pedro I.

Interessante mencionar, conforme nos aponta Susan Smith-Peter (2005), que, nesse contexto, a noção de público, em seu sentido amplo, e de biblioteca pública, em particular, refere-se ao governo e sociedade em contraposição à esfera privada e familiar. De modo mais específico, o sentido, provavelmente, em contraponto ao caráter privativo das bibliotecas (tal como as bibliotecas reais e particulares), e também depositário desses espaços (noção predominante na antiguidade e

¹⁶⁷ Pedro I (1672-1725) foi o czar da Rússia de 1682 até à formação do Império Russo, em 1721, continuando a reinar como imperador até sua morte. Assumiu importância histórica na ocidentalização da Rússia a partir da introdução de uma cultura europeia nas primeiras décadas do século XVIII.

Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Peter-the-Great>. Acesso em: 16 set. 2025.

medieval) e não em seu sentido de acesso irrestrito ao conhecimento, tal como as bibliotecas públicas da segunda metade do século XIX ensejariam.

Sobressai igualmente, nas últimas décadas deste século, a obra do bibliotecário da Academia de Ciências Iván Grigorievich Backmeister (1732-1788), *Essai sur la Bibliothèque et le Cabinet de curiosités et d'histoire naturelle de l'Académie des sciences de Saint Petersburg* (Experiência sobre a Biblioteca e o Gabinete de curiosidades e história natural da Academia de Ciências de São Petersburgo), editada em francês em 1776 e, em russo, nos anos de 1779 e 1780, como materialização de cinquenta anos de experiência desta instituição científica, sendo concebida como um dos primeiros trabalhos relacionados às práticas biblioteconômicas na Rússia (Meneses Tello, 2023).

É também nesse período que podemos vislumbrar, menos de vinte anos depois, a criação da Biblioteca Imperial em São Petersburgo, aprovada em 1795 pela czarina Catherine II e constituída a partir do saqueamento das coleções da Biblioteca Pública Zaluski¹⁶⁸, na Polônia, entre dezembro de 1794 e janeiro de 1795, no contexto da Revolta de Kościuszko.¹⁶⁹ Em 1810, esta biblioteca seria renomeada como Biblioteca Pública Imperial (*Imperatorskaia publicznaia biblioteka*), passando não apenas a ser mantida pelo governo czarista, como também a receber duas cópias de cada obra publicada em todo o império russo; quatro anos depois, em 1814, é aberta ao público — mais uma vez, a noção de público, aqui, conforme Smith-Peter (2005), acompanha a mesma noção de “público” vivenciada por outras bibliotecas denominadas como tal no período oitocentista, inclusive no Brasil (nos anos de 1810, temos como exemplos a *Real Bibliotheca* e a Biblioteca Pública da Bahia). Em seus regulamentos, não apresentavam restrições quanto ao uso do espaço, indicando ser aberto a toda sociedade, às pessoas comuns, como comerciantes, cidadãos e estudantes (embora, na Rússia, não aos servos); no entanto, seu acesso era permitido a todas as pessoas em “trajes decentes” (ou seja, não em trajes camponeses), o que excluía, simbólica e materialmente, grupos em condições de vulnerabilidade social e econômica (Smith-Peter, 2005).

¹⁶⁸ A biblioteca, fundada pelos irmãos Józef Andrzej Załuski (1702-1774) e Andrzej Stanisław Załuski (1695-1758) foi aberta ao público em 1747 e atua, desde 1780, como biblioteca nacional polonesa. As coleções da Biblioteca Pública Zaluski tornaram-se o núcleo da Biblioteca Imperial, atual Biblioteca Nacional da Rússia.

¹⁶⁹ Em linhas gerais, a Revolta de Kościuszko, foi uma revolta polonesa contra a dominação russa e prussiana na Polônia após a Primeira e a Segunda Partilha da Polônia entre Rússia, Prússia e Áustria, sendo uma tentativa, sem sucesso, de libertar o país da influência externa. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Polish-Rebellion>. Acesso em: 05 out. 2025.

Na seara de desdobramento de um pensamento iluminista na Europa Ocidental desde o século XVIII, que via na educação, na ciência e nas artes — aqui, acessadas via bibliotecas — um dos caminhos para o desenvolvimento social e econômico, a ideia para a fundação de bibliotecas públicas (sobretudo ali no final do período imperial) não estava, necessariamente, em sua função social e política de esclarecimento das massas e acesso irrestrito ao conhecimento, tal como o movimento das bibliotecas públicas em países como Inglaterra e Estados Unidos na segunda metade do século XIX defenderia, mas sim voltada para um propósito dito instrumental de uso desse conhecimento para benefício social e econômico de uma nação, no caso, do império russo, no contexto de esforços a favor da industrialização neste território, ainda predominantemente rural (Stuart, 1998; Smith-Peter, 2005).

Além disso, considerando o cenário político imperial, a construção de bibliotecas públicas cumpria mais uma tentativa de controle sobre uma possível criação de bibliotecas fora da vigilância czarista do que uma preocupação com os modos de conhecimento do povo russo propriamente ditos (Smith-Peter, 2005). Ainda nas décadas iniciais do século XIX, mais uma vez, a conotação dessas bibliotecas não seguia um propósito democrático de acesso ao conhecimento, mas sim de uso por parte das camadas letradas e intelectuais da população (a então nascente burguesia), as quais estariam no centro da vida pública e dos esforços a favor do progresso econômico. As bibliotecas públicas serviriam, portanto, como um espaço de encontros para a discussão do progresso da indústria e do comércio, ou seja, voltado para os processos de transição de uma Rússia rural para uma Rússia industrial (Smith-Peter, 2005).

De todo modo, trata-se, para Chubarian ([1981?]) e Meneses Tello (2023), de um período marcado não apenas por reflexões mais sistematizadas de noções como biblioteca, pessoa bibliotecária e atividades bibliotecárias, como também de esforços iniciais no caminho de construção de um pensamento bibliotecário russo que compreende a Biblioteconomia — e, por sua vez, a prática bibliotecária — como um fenômeno social e, as bibliotecas, como instituições destinadas ao uso social (ainda que não, nesse momento, às classes populares como um todo em uma proposta de acesso irrestrito ao conhecimento, mas sim voltada para uma “utilização gratuita” em contraponto às bibliotecas reais e privadas de períodos anteriores). Tal concepção ganharia contornos sociais e críticos mais expressivos no século seguinte, no contexto pré-Revolução Russa de 1917 e, na compreensão aqui proposta, através

do pensamento roubakiniano e o sentido e significado social atribuído à leitura e aos *loci* das bibliotecas, em especial, as públicas, como será visto nas seções seguintes.

É esta terceira etapa, o contexto bibliotecário russo pré-revolucionário, que mais se aproxima desta pesquisa, uma vez que está situada no que nos parece o cenário de maior expressão de atuação de Roubakine e no próprio percurso que demarcaria os contornos sociocríticos de seu pensamento. De igual maneira, este seria um período caracterizado, para Meneses Tello (2023), pela escassez de acesso às bibliotecas por parte das camadas populares. Tal incipiência estaria dada, de um lado, pelo próprio contexto de vigilância e censura czarista nos anos que antecederam a Revolução Russa de 1917, marcado pelos obstáculos impostos pelo império russo no que se refere ao acesso ao conhecimento, e, por outro lado, pelo significativo índice de analfabetismo na Rússia imperial.

Apesar da existência de bibliotecas no período pré-revolucionário russo, como as públicas e universitárias, Dmitry Krassovsky (1934) nos diz que esses espaços acabavam por ser frequentados, em sua maioria, pelas classes letradas, cenário que seria modificado, para o autor, no âmbito da União Soviética e seus esforços a favor do acesso ao livro, à leitura e às bibliotecas como forma de consolidação do novo regime. Além disso, as bibliotecas públicas, segundo Chubarian ([1981?]), encontravam-se em constante vigilância do estado e da polícia czarista no que se refere, especialmente, ao desenvolvimento do acervo de bibliotecas e às dinâmicas de censura envolvidas nessas atividades (Meneses Tello, 2023). Tal postura seria denunciada e criticada pelo próprio Roubakine, como exposto em sua já mencionada palestra de 1904, a qual se seguiram perseguições políticas e policiais ao teórico.

Ao mesmo tempo, seria também neste século, o XIX, que a Biblioteconomia tomaria forma como disciplina na Rússia, a partir do estudo de questões relacionadas à organização de bibliotecas, elaboração de catálogos, catalogação e classificação de coleções bibliográficas (Meneses Tello, 2023), dada a necessidade envolvida com a criação de bibliotecas públicas e universitárias no país e, por sua vez, a formação e desenvolvimento de acervos, na primeira metade deste século, o que incluiria a prestação de serviço às pessoas leitoras. Sobressaem, ainda, enfoques orientados para o uso dos livros como tarefa fundamental das bibliotecas, a importância do catálogo como meio de sistematização e representação do acervo existente, e o atendimento às demandas de quem utiliza esses espaços.

Nessa mesma direção, a partir da periodização sugerida por Chubarian ([1981?]), o pensamento bibliotecário russo ganharia contornos mais expressivos entre a segunda metade do século XIX aos primeiros anos do XX, na seara de desdobramento dos acontecimentos históricos e políticos que destituiriam o regime czarista — e acompanhando a própria atuação roubakiniana nos esforços a favor da instrução popular e do pensamento crítico —, servindo como pano de fundo para as demarcações iniciais do que se constituiria, anos depois, já no período soviético, como Biblioteconomia Soviética e seu papel crítico-ideológico de consolidação deste regime político. Em outros termos, um horizonte voltado para o sentido e significado social dos *loci* das bibliotecas.

Aqui, Chubarian ([1981?]) e Meneses Tello (2023) destacam a centralidade de Roubakine para o contexto biblioteconômico russo pré-revolucionário, centralmente no que se refere ao estudo dos leitores, cuja contribuição reverberaria na própria constituição de uma Biblioteconomia Soviética anos depois — dando continuidade aos delineamentos enunciados pelas teorias roubakinianas nas décadas anteriores, ainda que sob abordagens epistemológicas distintas — ou seja, conforme Meneses Tello (2023), do ponto de vista marxista-leninista. Algumas dessas contribuições estariam, notadamente: 1) na análise e organização da leitura autodidata; 2) no enfoque da Biblioteconomia sob uma perspectiva democrática; 3) na biblioteca como centro de instrução e propaganda para fomentar a melhor literatura (para Roubakine, aquela capaz de ensejar reflexões críticas); e 4) no estudo sobre os interesses das pessoas leitoras como método para a orientação de leituras.

Dito de outro modo, é centralmente no período pré-revolucionário russo que podemos vislumbrar esforços a favor da sistematização da prática bibliotecária e dos objetos, teorias e métodos que integram sua *episteme* (em termos gerais, a biblioteca, o livro, a leitura, a pessoa leitora), desvelando sua relação profunda com os acontecimentos sócio-históricos e políticos de sua época (Chubarian, [1981?]). Estaria, portanto, na razão de ser da Biblioteconomia russa — e, depois, na centralidade de consolidação do regime soviético¹⁷⁰ —, o comprometimento com a

¹⁷⁰ No olhar de Chubarian ([1981?]), especificamente no que se refere ao marco de periodização ampla de uma Biblioteconomia em diferentes contextos epistemológicos, o autor identifica o século XX como um período demarcado por uma certa bifurcação que compreende, de um lado, o que coloca como uma Biblioteconomia Burguesa Russa entre o final do século XIX e início do XX — vale notar que se trata, centralmente, do período de atuação roubakiniana —, de caráter capitalista e, do outro lado, uma Biblioteconomia Socialista, desenvolvida a partir da década de 1920, ou seja, pós Revolução de 1917, e cujos fundamentos são ancorados em uma perspectiva marxista-leninista (Meneses Tello, 2023). Sobre as diferentes visões acerca das bibliotecas e atividades bibliotecárias

natureza e o significado social de sua prática e os modos de transformação do mundo; para Chubarian ([1981?], p. 26, tradução nossa), “um enfoque da Biblioteconomia como fenômeno relacionado com o movimento social no país”¹⁷¹, ou seja, a luta pela democratização das bibliotecas, entendidas como um ramo central e educativo para a formação extraescolar, considerando o ensino tendencioso russo, como colocara Roubakine.

É igualmente nesse contexto, nos primeiros anos do século XX, ainda no período pré-revolucionário russo e acompanhando a trajetória roubakiniana, que podemos observar esforços iniciais em prol da sistematização e organização profissional da Biblioteconomia, dadas a partir da fundação da Sociedade de Biblioteconomia, em 1908, e da edição, em 1910, da revista *Bibliotekar'* (O bibliotecário), primeiro periódico russo em Biblioteconomia, voltado para discussões acadêmicas no campo e as necessidades de bibliotecas municipais e rurais. Ainda, no ano seguinte, temos a realização do Primeiro Congresso de Biblioteconomia de toda a Rússia, transcorrido em São Petersburgo em junho de 1911, com debates sobre uma série de problemáticas envolvendo o papel social das bibliotecas, sobretudo as populares, bem como a atuação bibliotecária de forma geral (Chubarian, [1981]; Ramírez Leyva, 2007b).¹⁷²

no contexto soviético, autorias como o bibliotecário russo Boris Volodin (2000), por exemplo, ressaltaria em seu papel ideológico uma ausência de liberdade de expressão e pensamento crítico, entendendo o regime soviético como autocrático, ao passo em que Chubarian ([1981?]) destacaria a função deste mesmo regime para a socialização do conhecimento na União Soviética, demonstrando as visões dissonantes sobre o tema. Neste trabalho, não abordamos o regime soviético, uma vez que, neste período, Roubakine já estaria na Suíça — para onde exilou em 1907 — e, como colocado antes, não voltaria para ver os desdobramentos da Revolução Russa. Desse modo, no percurso investigativo da tese, não encontramos registros documentais e bibliográficos que revelem o posicionamento roubakiniano diante do regime soviético, embora Simsova (1975) mencione que o teórico tenha se desiludido com a Revolução de 1917, mas sem oferecer razões mais específicas. A crítica central roubakiniana, conforme nossos registros apontam, sobretudo Senn (1977), está na participação da Rússia na Primeira Guerra Mundial como forma de comprometer a própria luta revolucionária a favor dos interesses de determinadas potências econômicas. Ao mesmo tempo, Roubakine era um defensor da revolução socialista, acreditando que a destituição do regime czarista possibilitaria a transformação social. De toda forma, é fundamental ressaltar a centralidade não apenas da atuação de Roubakine, no período pré-revolucionário, como também de Lenin e Krupskaja, já no pós-Revolução, para a constituição de uma Biblioteconomia Soviética voltada para a socialização do conhecimento via acesso ao livro, à leitura e às bibliotecas, apesar das contradições que circunscrevem o caráter social e ideológico deste regime político. Para mais informações sobre a construção de uma Biblioteconomia Soviética, ver: Chubarian, ([1981?]) e Meneses Tello (2006, 2023).

¹⁷¹ No original: *un enfoque de la biblioteconomía como fenómeno relacionado con el movimiento social en el país* (Chubarian, [1981?], p. 26).

¹⁷² Ao longo do percurso investigativo da tese, não identificamos registros de ou sobre a participação de Roubakine nesses eventos e nos esforços de organização profissional da Biblioteconomia como um todo no contexto pré-revolucionário russo. De todo modo, Ramírez Leyva (2007b) destaca que o estudo da leitura e da pessoa leitora nesse período trouxe novas concepções para a comunidade bibliotecária no que se refere ao papel da biblioteca, do livro e da ação leitora, sobretudo se

Como desdobramento das atividades realizadas por esta Sociedade, observamos a organização de cursos de Biblioteconomia na Biblioteca Pública Imperial — atual Biblioteca Nacional da Rússia (Krassovsky, 1934). Além disso, no cenário de sistematização profissional do campo, destacam-se os nomes de P. M. Bogdanov (1871-1919), um dos fundadores da Sociedade de Biblioteconomia e do periódico *Bibliotekar'*, além de organizador do Congresso de 1911, e da bibliotecária Lyubov Borisovna Khavkina (1871-1949), que trabalhou na biblioteca pública de Carcóvia, na Ucrânia, entre 1890 e 1912, defendeu a causa da educação profissional bibliotecária e, em 1913, atuou nos primeiros cursos de Biblioteconomia na Rússia, na Universidade de Shanyavsky, em Moscou (Stuart, 1998).

Diante dessa paisagem epistêmica para a constituição de um pensamento bibliotecário russo (e, depois, soviético), em diálogo direto com o contexto social, histórico e político que circunscreve o cenário de sua configuração científica, é possível vislumbrar um caminho que não somente inspiraria, no plano de um exercício biobibliográfico roubakiniano, a luta pela socialização do conhecimento que atravessaria suas vivências, como também daria forma às teorias e à própria constituição epistemológica de sua ciência, alcançando, o pensamento de Roubakine, um horizonte sociocrítico que se desvela entre teoria e prática — ou, para nós, no âmbito de uma práxis bibliotecária, conforme será discutido mais a frente — a favor dos modos de transformação vislumbrado por e no campo biblioteconômico-informacional. Tal proposta nos direciona, pois, para as relações entre os construtos tecidos por Roubakine e o próprio discurso sociocrítico da BCI, que desvela em sua natureza, ou seja, em sua razão de ser, um compromisso praxiológico com as condições de transformação do real.

Em *Nicholas Rubakin and Bibliopsychology*, obra editada em 1968 por Sylva Simsova e concebida, junto de seu artigo inaugural de 1966 e sua tese de 1975, como um dos trabalhos que mais se aprofunda na tessitura e complexidade do pensamento epistemológico roubakiniano em língua inglesa, a bibliotecária tcheca nos traz um compilado de textos que abordam a ciência bibliopsicológica — desde a introdução conduzida pelo pensador inglês D. J. Foskett (1968), a qual aponta para

comparado a concepções tomadas como tradicionais no campo, mais próximas ao estudo do livro em sua materialidade (o livro pelo livro), à centralidade de sua preservação e não acesso, conforme pensamento em voga durante a antiguidade e o medievo. A (re)orientação desses estudos possibilitou certas mudanças nas metodologias traçadas para o estudo dos leitores, além de propor outras lentes sobre a própria função social das pessoas bibliotecárias.

a centralidade do trabalho de Nicolas Roubakine nos estudos em Biblioteconomia a partir de seu enfoque nos livros e nas bibliotecas como ferramentas essenciais para a luta pelo direito de acesso ao conhecimento como condição para o exercício da cidadania e o alcance de uma sociedade orientada pelos preceitos da justiça social, até textos sobre as teorias e métodos da Bibliopsicologia, de autoria do próprio Roubakine, e outros críticos e biográficos sobre sua vida e obra, dados por seu filho, Aleksandr Rubakin (1968), e Vyacheslav Alekseevich Karpinsky (1880-1965).¹⁷³ A obra simsovia, finalizada com uma lista de fontes biobibliográficas para os estudos sobre a Bibliopsicologia, integra uma coleção intitulada *World Classics of Librarianship* (Clássicos Mundiais da Biblioteconomia), também organizada por Simsova e voltada para a publicação de estudos e discussões internacionais sobre a Biblioteconomia Comparada, um dos focos de atuação da pesquisadora, para além das reflexões roubakinianas.

Nesse mesmo ano, Simsova editaria uma outra obra, *Lenin, Krupskaya, and Libraries*, na qual traz uma série de textos escritos por Lenin e Krupskaya sobre as bibliotecas e o trabalho bibliotecário conduzido por ambos no território soviético durante as primeiras décadas do século XX — novamente, traduzidos para a língua inglesa como parte integrante da coleção *World Classics of Librarianship* e dos estudos simsovianos no âmbito da Biblioteconomia Comparada. Ainda que o livro não seja dedicado, particularmente, à Roubakine e/ou sua Bibliopsicologia, este nos revela vislumbres de algumas de suas conexões e articulações sociais e políticas, aí representadas nas figuras de Lenin e Krupskaya, bem como as impressões dessas duas lideranças no que se refere ao trabalho bibliográfico roubakiniano, apontadas em uma resenha, de autoria de Lenin (1968), sobre a obra *Sredi knig*, e nos dois textos escritos pelo próprio N. Rubakin (1968a,b) sobre Lenin e sua esposa: *Nadezhda Lenin and the labour movement* (Nadezhda Lenin e o movimento trabalhista) e *Lenin-Ul'ianov: the man and the revolutionary* (Lenin-Ul'ianov: o homem e o revolucionário) (Simsova, 1968b; Salomão; Saldanha, 2022, 2023b).

Em ambas as produções, podemos observar a predominância de contornos sociais, históricos e políticos para a abordagem de conceitos e categorias que

¹⁷³ Vyacheslav Karpinsky foi um economista e publicitário russo, integrante dos movimentos revolucionários na Rússia czarista. Nos primeiros anos do século XX, em razão de seu envolvimento em atividades concebidas pelo governo como subversivas, foi expulso da Universidade de Carcônia e, em 1904, exilou para Genebra, na Suíça. Lá, aproximou-se de figuras como Lenin e Roubakine e atuou no ramo da edição e da propaganda científica, política e literária. Disponível em: https://ru.wikipedia.org/wiki/Карпинский,_Вячеслав_Алексеевич. Acesso em: 03 fev. 2024.

formam e integram a *episteme* do campo biblioteconômico-informacional, como informação, leitor, livro, leitura e biblioteca — esses, concebidos como parte dos processos de produção, apropriação e uso dos saberes na realidade social, elementos fundamentais não apenas para o exercício da cidadania, como também e, sobretudo, para o alcance de uma sociedade orientada pelos preceitos da liberdade de pensamento, igualdade e justiça social (Salomão; Saldanha, 2022, 2023a,b).

Além disso, podemos observar ainda que o espaço-tempo de publicação dessas duas obras está posicionado nos anos de 1960, contexto inicial dos esforços de Sylva Simsova, então radicada na Inglaterra, em investigar a teoria roubakiniana na literatura especializada em Biblioteconomia via atuação como pesquisadora e docente na Escola de Biblioteconomia na *Polytechnic of North London* (Salomão; Saldanha, 2022, 2023b).

Essa mesma década, segundo Saldanha (2020a), é igualmente demarcada por discussões, no contexto científico, sobre a definição do que chamamos hoje de Ciência da Informação — essa fase, que perduraria até os anos de 1980, acompanha o marco temporal do desenrolar da produção simsovia sobre o pensamento de Roubakine (centralmente entre 1966 e 1987) a partir do olhar do Leste Europeu, correspondendo, pois, à mais de 20 anos de pesquisas em BCI com foco na leitura e seus fundamentos sociopsicológicos (Salomão; Saldanha, 2022, 2023b). É, ainda, na seara epistemológica da tradição francófona do pensamento biblioteconômico-informacional, o período de demarcação inicial dos estudos de Robert Estivals na França por uma via teórico-crítica que encontra na Esquematologia o posicionamento de Roubakine como grande influência na tessitura da bibliologia otletiana (Salomão; Saldanha, 2023a).¹⁷⁴

Por outro lado, também em 1968, o cientista da computação estadunidense Harold Borko publicaria o artigo *Information Science: what is it?* (Ciência da Informação: o que é isso?), cunhando uma definição de CI que se tornaria clássica e repousaria como uma das mais legitimadas nos estudos informacionais, com foco para os contornos objetivos e materiais da informação e influenciando as discussões que dariam forma a um dos modelos de fundamentação epistemológica que,

¹⁷⁴ Em sua tese, Sylva Simsova (1975) já apontaria para a centralidade do bibliófilo no que se refere aos estudos roubakinianos na Europa Ocidental na década de 1970, via sua atuação na Universidade de Bordeaux, na França.

segundo diversas linhas de investigação, é considerado como teoria fundadora do campo (Borko, 1968; Saldanha, 2019b, 2020a).

No ano seguinte, os trabalhos do também cientista da computação Augustin Merta (1914-2006) e do engenheiro Alexander Ivanovich Mikhailov (1905-1988), este último em co-autoria com Rudzhzero Gilyarevsky (1929-) e Arkadii Ivanovich Chernyi (1929-2013) - sob o olhar da Rússia, tal como o fez Roubakine, via diferente perspectiva — enunciariam uma visão da Ciência da Informação mais próxima de uma abordagem psicológica e social (Merta, 1969; Mikhailov; Chernyi; Gilyarevsky, 1969). Para Lena Vania Pinheiro (2022), as análises conduzidas sob a vertente russa, dadas para além das atividades de coleta, processamento e disseminação e com foco para as intenções de quem comunica e seus impactos no receptor, são as que mais acentuam os aspectos sociais da informação naquele período; ainda que em um contexto não pragmático, mas sim científico-tecnológico de seu uso, como demonstra, podemos sugerir, a formação acadêmica dos teóricos russos (na área das ciências exatas) e o cenário histórico-político de disputas hegemônicas e tecnológicas entre União Soviética e Estados Unidos ao longo da segunda metade do século XX, ou seja, no bojo da Guerra Fria, na qual a informação se torna elemento estratégico nos conflitos econômicos e políticos.

As perspectivas traçadas por esses e outros pesquisadores concebidos como clássicos para a compreensão dos esboços teórico-metodológicos que formariam o nosso campo estão posicionadas no que Pinheiro (1998) e Carlos Alberto Ávila Araújo (2003, 2009) apontam como uma das linhas centrais de interpretação da fundamentação epistemológica da BCI. No horizonte indicado por essas autorias, especialmente no curso da década de 1960 — demarcado, conforme vimos, pelas produções de Sylva Simsova (1968a,b) sob o olhar bibliopsicológico —, o enfoque do campo estaria voltado para a busca por uma conceituação teórica própria do que seria a informação propriamente dita, bem como para sua constituição e cientificidade a partir dos modos de produção, armazenamento, disseminação e uso da informação, ampliando aí seus laços interdisciplinares com os estudos sobre tecnologia e recuperação da informação sobretudo a partir de áreas como Matemática, Ciência da Computação, Física, Cibernética e Engenharia.

Essas noções estariam ancoradas, em suas bases teóricas e metodológicas, na Teoria Matemática da Comunicação cunhada pelos engenheiros estadunidenses

Claude Shannon (1916-2001)¹⁷⁵ e Warren Weaver (1894-1978)¹⁷⁶ no final da década de 1940, sendo a teoria da informação postulada por eles - de contornos objetivos e positivistas, voltada para construtos quantificáveis e exatos para investigar as ações informacionais, ou seja, o enfoque na transmissão linear de uma mensagem através de um canal e não em seus aspectos semânticos e dos atores que integram esse processo — interpretada como parte das concepções ditas fundacionais para a delimitação do campo (Capurro, 2003; Pinheiro, 1998; Araújo, 2009).

Nesse momento e durante o curso das décadas de 1950 e 1960, segundo Pinheiro (1998), a preocupação da BCI repousaria no processo informacional em si, ou seja, a natureza, origem, características e possíveis aplicações da informação, e não nos impactos desse fenômeno nos indivíduos e na sociedade — o que Rafael Capurro (2003) entenderia como uma dimensão semântica e pragmática, ou, ainda, social (foco central de tessitura da abordagem roubakiniana). Esse recorte epistemológico, fundado no contexto que marca o pós Segunda Guerra, seria orientado, de acordo com Pinheiro e Loureiro (1995), Pinheiro (1998) e Araújo (2009), por e para o avanço científico e tecnológico, acompanhado das demandas surgidas no plano militar e pelo o que essas autorias denominam como “explosão informacional”, crescimento exponencial da informação e de seus registros, e as necessidades de registro, controle e transmissão dos conhecimentos daí resultantes.

A informação é concebida não apenas como um recurso estratégico para a produtividade e, junto das inovações tecnológicas, imprescindíveis para o crescimento econômico, mas também um elemento central para os conflitos políticos que seguem a Segunda Guerra e perduram ao longo da Guerra Fria, especialmente nas disputas hegemônicas entre potências como Estados Unidos e União Soviética (Bezerra, 2019). É nesse contexto, para Bezerra (2019), que emerge uma

¹⁷⁵ Claude Elwood Shannon (1916-2001) foi um matemático, engenheiro eletrônico e criptógrafo estadunidense, conhecido como um dos fundadores da teoria da informação, baseado no modelo emissor-canál-receptor. Em 1948, publicou um artigo intitulado *A mathematical theory of communication* (Uma teoria matemática da comunicação), que daria nome à sua teoria da informação e se debruçaria sobre as problemáticas acerca da melhor forma de fazer uma mensagem sair de um emissor e chegar a um receptor com o menor ruído possível ao canal. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Claude-Shannon>. Acesso em: 02 out. 2025.

¹⁷⁶ Warren Weaver (1894-1978) foi um matemático estadunidense. Em, 1949, publicou, junto de Claude Shannon, a obra *The Mathematical Theory of Communication* (A teoria matemática da comunicação), a qual serviria de base para a compreensão da teoria da informação shannoniana e, depois, para a própria delimitação dita inicial do campo informacional. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Warren-Weaver>. Acesso em: 02 out. 2025.

abordagem quantitativa, matemática e estatística para a informação, fundada nas teorias de Shannon e Weaver.

Especificamente, a teoria shannoniana, dado seus contornos matemáticos e a influência de uma lógica-formal em sua delimitação epistemológica, busca mensurar o fenômeno da comunicação a partir da reprodução exata de uma mensagem (conjunto de signos selecionados de um determinado alfabeto e organizados de acordo com um dado código) de um emissor (o que/quem envia a mensagem) para um receptor (o que/quem recebe a mensagem) por meio de um canal (veículo que realiza a transmissão da mensagem de um ponto ao outro) (Shannon; Weaver, 1975). Nos limites dessa teoria, trata-se de um enfoque voltado para o nível técnico da mensagem e a linearidade do esquema de transmissão — o conteúdo da informação, a significação dos símbolos e sinais que integram o processo comunicacional são aqui desconsiderados, importando a codificação da informação para que esta possa ser transmitida de um emissor para um receptor com o menor ruído ao canal. Alguns conceitos nucleares para essa teoria estão, por exemplo, nas noções de ruído, probabilidade e redundância — conceitos que destacam sua relevância tanto para a formação da teoria matemática da comunicação, como para denotar o caráter exato, objetivo e positivista que caracterizaria os construtos ditos fundacionais para o desenvolvimento de um “novo campo”, o informacional (Capurro, 2003; Bezerra, 2019; Saldanha, 2019a).

Do ponto de vista da epistemologia histórica informacional, esta abordagem seria colocada por Capurro (2003) no centro de uma epistemologia fisicista que marcaria a influência na BCI do que denomina como paradigma físico¹⁷⁷ — figurado como uma dentre as várias abordagens teórico-metodológicas de observação da construção do campo. No bojo desse paradigma, há a presença de um objeto físico, uma materialidade, transmitida de um emissor para um receptor ao longo do processo de comunicação. Um aspecto interessante a ser observado está no reconhecimento da univocidade dessa dinâmica — para Bezerra (2019), pela via teórico-crítica, uma intencionalidade unidimensional — através da elaboração de fórmulas matemáticas, por meio das quais o receptor receberia uma mensagem sob

¹⁷⁷ Para Rafael Capurro (2003), a noção de paradigma, aqui, repousa na concepção de um modelo que nos permite enxergar algo em analogia a alguma outra coisa. O autor coloca que, apesar dessa demarcação para a observação de constituição do campo informacional, os três paradigmas propostos (físico, cognitivo e social) coexistem e interagem entre si, sendo sua discussão complexa.

certas condições ideais, ou seja, exatamente como foi transmitida pelo emissor, sem qualquer interferência de ruído.

Sob o ponto de vista filosófico de Lucien Sfez (2007), o modelo proposto pela Teoria Matemática da Comunicação implica uma certa “exterioridade” do processo de comunicação: a representação de “algo”, aqui, a informação, está diante do indivíduo como uma paisagem, na qual esse mesmo indivíduo a considera como “[...] um objeto situado no espaço, no qual ela ocupa um lugar” (Sfez, 2007, p. 48). Em outras palavras, o impacto de uma mensagem sobre o receptor pode ser previsível e mensurável; o indivíduo se vê diante de uma realidade objetiva e universal, externa às suas particularidades e ao seu contexto — a mensagem lhe é apresentada exatamente tal qual dada por quem emite, ou seja, nos moldes do sujeito-emissor, sem interferências, no momento de interpretação e apropriação por parte de quem recebe, de variáveis externas de ordem social, histórica, política e psicológica.

Diante dessa paisagem, trata-se, podemos dizer, de uma certa dualidade objetivista, ou seja, de um modelo cunhado sob uma perspectiva não dialética, que não considera a informação como uma mediação, um movimento entre seres vivos e seu ambiente social e natural, tampouco concebe o processo de comunicação no todo, em uma concepção dialética de totalidade e contradição inerente ao real, mas sim de conservar a dualidade cartesiana entre sujeito e objeto, a exterioridade do mundo objetivado e a causalidade linear, sem interação sujeito-sujeito (Sfez, 2007). A informação como objeto seria passível, pois, de medição, contabilizada e, portanto, matematizável — já nos diria antes, ainda na década de 1930, o positivismo lógico-formal de Paul Otlet (1934), a partir da estequiometria utilizada pelos gregos para contar as linhas dos textos até os estudos mais recentes sobre metrias da informação; essas, para Saldanha (2019b), dissociadas de suas perspectivas qualitativas e pragmáticas. Uma noção sintática, necessária e reconhecida da teoria de Shannon e Weaver (1975) em diferentes ramos do conhecimento, inclusive o informacional, porém, insuficiente para dar conta da realidade social em sua totalidade.

Dada a contextualização espaço-temporal deste paradigma no bojo do pós Segunda Guerra, esse modelo, de inspiração matemática e quantitativa, predominaria sobretudo entre as décadas de 1940 e 1960, delineando, pela via das discussões sobre a teoria de Shannon e Weaver, a primazia do caráter objetivo e mecanicista nos processos de informação. Esse movimento reforçaria a ideia de que

o campo informacional, sob um dado pressuposto positivista concebido como sua racionalidade “pioneira”, ou seja, aquela que demarcaria a cientificidade do que se diz informacional (influência e apropriação da “positivação” das ciências no século XIX que se estenderia até a procura e compreensão do “social” na CI, segundo Silva, 2020), se fundaria à luz de configurações neutras, dissociadas de um contexto e de seus atores (Bezerra; Saldanha, 2013; Saldanha, 2019b, 2020a).

Tal como entrevisto na influência exercida por Auguste Comte no pensamento roubakiniano, também a CI, em uma de suas vias epistemológico-históricas mais consolidadas, estaria fundada em uma lógica positivista próxima da abordagem da física social comteana (Silva, 2020). Nessa direção, a partir das discussões propostas por Araújo (2003, 2009), poderíamos refletir que os estudos informacionais se constituiriam a partir de uma forma “científica”, ou seja, de um modelo dado pelas ciências exatas, na busca pela formulação de leis “universais” para o fenômeno da informação, abrangendo em seu escopo, portanto, interesses de ordem objetiva e operacional: em outras palavras, a matematização e mensuração dos processos de informação independentemente de seus significados, contextos, intersubjetividades e intencionalidades, na qual a dimensão dialógica e dialética que considera as condicionantes sócio-históricas e políticas que influem na produção, mediação, apropriação e uso da informação são descartadas — aqui, a realidade, em sentido amplo, e o próprio campo informacional, em específico, seriam concebidos na e para a linguagem matemática e matematizável, isto é, em sua racionalidade dita neutra (Saldanha, 2019b).

Embora nesse mesmo espaço-tempo, ou seja, na década de 1960 e no contexto da Guerra Fria, possamos observar nos estudos conduzidos por Simsova (1968a,b) em seu exílio na Inglaterra sob o olhar do Leste Europeu um horizonte social dos processos que envolvem a informação pela via da Bibliopsicologia roubakiniana e, igualmente, na obra *Bibliotecología general*, de Chubarian ([1981?]), com a primeira edição publicada em 1960, a segunda em 1968 e a terceira em 1976, a tessitura social, crítica e política que circunscreve as práticas bibliotecárias e informacionais no plano biblioteconômico soviético.

Desse modo, o que este paradigma físico exclui, segundo Capurro (2003, [p. 8]), é “[...] nada menos que o papel ativo do sujeito cognoscente ou, de forma mais concreta, do usuário, no processo de recuperação da informação científica, em particular, bem como em todo processo informativo e comunicativo, em geral”. Para

o teórico uruguaio, uma lente aparentemente neutra e objetiva para a configuração epistêmica do campo informacional e, por sua vez, do predomínio de um dado paradigma para a sua legitimação, seria resultado, antes de tudo, das estruturas sociais nas quais essa mesma ciência está inserida, junto de sua posição no tempo e no espaço. No caso específico da CI, o contexto histórico, social, político e econômico atravessado pelo pós-guerra e pelas disputas hegemônicas que acompanharam os confrontos entre potências mundiais no século XX — as dialéticas e tensionalidades presentes nas relações de lutas de poder no campo social, científico e epistêmico, segundo Ana Maria Pereira Cardoso (1994). Estes esbarrariam, de um lado, nas teorias científicas sobre a informação (a legitimidade do que se diz “científico” e “informacional” a partir de determinadas intencionalidades políticas, conforme Saldanha, 2019b, 2020a) — o que demarcaria as questões epistemológicas que norteiam a produção científica e a escolha de seus objetos, teorias e métodos —, como também, por outro lado, reforçaria a vantagem das economias de mercado desenvolvidas sobre as demais (Bezerra, 2019).

Essa perspectiva ganharia uma contextualização epistemológica mais ampla anos depois. Ainda segundo Capurro (2003), o paradigma físico seria questionado por um enfoque cognitivo nos anos de 1970, voltado para as estruturas mentais dos indivíduos e as formas como necessitam, percebem, buscam, apropriam e usam a informação — momento em que, segundo Araújo (2003, 2009), a BCI procuraria de forma efetiva uma inscrição nos fundamentos das ciências sociais a partir da centralidade dada ao “usuário” (antes já demonstrado na biblioteconomia soviética de Chubarian, [1981?]) e pela centenária crítica roubakiniana); seguido, depois, de um paradigma social e pragmático, a partir dos anos 1990, que conceberia o indivíduo como um ser social que não somente recebe as informações produzidas, como também integra os processos informacionais e a construção da realidade em que essas mesmas informações estão circunscritas — dadas a partir de um movimento dialético perpassado por interesses hegemônicos, sobretudo de ordem econômica e política.

Mais uma vez, no plano do Leste Europeu, em específico, na União Soviética, Oleg Chubarian ([1981?]) já posicionaria, nos anos de 1960, e depois, ao longo de da década de 1970, a Biblioteconomia como ciência social, ou seja, como disciplina científico-social cujo enfoque repousa no papel social das bibliotecas diante de um

contexto político e socialmente tecido (no caso, no pós Revolução Russa de 1917) — ideia intrinsecamente relacionada, para o autor, com a função social da leitura.

A tríade leitura, leitor e biblioteca, em diálogo direto com áreas como Sociologia, Psicologia e Pedagogia, reafirmaria, de um lado, o propósito crítico-ideológico e social de ação e instrução popular como forma de desenvolvimento de tomadas de consciência crítica e consolidação do novo regime político, o soviético, e, por outro lado, posicionaria a *episteme* biblioteconômica (noção já enunciada por Roubakine ainda no século XIX), no âmbito da relação entre livro e sociedade, livro e indivíduo, biblioteca e sociedade, leitura e sociedade (Chubarian, [1981?]; Meneses Tello, 2023).

A revisão crítico-epistemológico-histórica de Solange Mostafa (1985) na paisagem biblioteconômica nos indica cenário semelhante, embora ausentem-se nos estudos da autora discussões sobre o pensamento roubakiniano e seus construtos sociais. Para a pensadora, a Biblioteconomia pode ser concebida como uma prática social dada por e para um horizonte social comprometido com uma prática educativa capaz de transformar a sociedade e as formas de concepção do real, manifestando-se no interior de práticas sociais, ou seja, no bojo de uma sociedade construída por e para indivíduos sociais, em contraponto ao positivismo comteano que dominaria a demarcação dita inicial da BCI como ciência social a partir da concepção de um ser cognoscente. É no centro das práticas sociais — assim como postulado por Roubakine ([1922] 1998) — que o campo da BCI se faria praxiológico e, portanto, social.

Em sua abordagem, Mostafa (1985) traz um ponto de vista ancorado no referencial marxiano que concebe a base de uma sociedade capitalista (aquela sobre a qual o discurso biblioteconômico-informacional se fundamentaria em suas principais linhas epistemológicas e teóricas de investigação), nas relações de produção. Nesse contexto, a produção, em sua razão de ser, seria uma produção social, ou seja, produto do conjunto da sociedade; contudo, para a autora, “[...] no modo capitalista de produção, a apropriação dos meios de produção por uma classe minoritária interfere de forma determinante na distribuição do trabalho que, por ser distribuído de forma desigual em relação aos produtores, torna-se anti-social” (Mostafa, 1985, p. 40), refletindo diretamente em quem possui ou não condições de conhecimento.

Seria sobre esse solo epistêmico que a BCI constituiria sua cientificidade. A autora reforça essa visão ao colocar, via o enfoque de Pierce Butler no âmbito da Escola de Chicago no final dos anos de 1920, a construção de um discurso biblioteconômico-informacional não voltado, em sua episteme, para o seu propósito social e educativo, dado em sua própria razão de ser, de acesso irrestrito ao conhecimento como prática transformadora do mundo. Ainda que seja possível vislumbrar na “nova abordagem para a biblioteconomia” proposta por Butler (1971) uma tentativa de demarcação epistemológica para o campo à luz de seu deslocamento do individual para o social, este se dá a partir de um olhar positivista, no qual a biblioteca emerge por e para uma necessidade social, ou seja, o acúmulo e preservação do conhecimento produzido pela humanidade, cenário em que a biblioteca e a Biblioteconomia assumem uma função na vida e na organização social, ainda que o autor não alcance a historização dessa própria prática, segundo Mostafa (1985) — a categoria “trabalho” como base da estrutura social conforme abordagem marxiana, e os interesses de caráter econômico e político que influem nessas dinâmicas informacionais. Sob essa perspectiva e fundada em uma lógica formal na tentativa de se estabelecer como ciência social, ou seja, em uma racionalidade positivista do que se diz científico e do que se diz social, sem compromisso aparente com a distribuição igualitária dos meios de produção, apropriação e uso da informação, bem como com a justiça social, a Biblioteconomia seria não apenas a-histórica como antissocial.

Para além das propostas dos estudos ditos fundacionais no discurso do campo, como os de Borko (1968), Merta (1969), Mikhailov, Chernyi e Gilyarevsky (1969) — esses dois últimos voltados para os contornos sociais da CI (Pinheiro, 2022), porém sem explorar uma visão pragmática das relações entre indivíduo, real e informação —, e dos próprios discursos propostos por um paradigma cognitivo e, depois, pragmático/social (Capurro, 2003), esse breve mergulho epistemológico na historicidade da BCI se justifica pela proximidade temporal das produções dessas autorias. Esse percurso também nos desloca para as possibilidades de reconhecimento de indagações no campo — também nas décadas de 1960 e 1970 e, antes, nos séculos XIX e início do XX — acerca dos predicados sociais da informação. Estas, conforme aqui delineado, por uma via não tradicionalmente discutida no escopo brasileiro e latino-americano, mas que encontra-se sustentada por investigações, como demonstrado pelos esforços de Roubakine, sobre o leitor, o

mundo e os modos de apropriação e utilização da informação como ferramentas de luta pela transformação social.

Desse lugar epistêmico, conforme Saldanha (2019b), sobressaem contornos e teorias que nada têm de inéditos — pelo contrário, remontam a dilemas que se encontram nas atividades mais tradicionais do nosso campo —, mas estão ancorados em cenários e abordagens que reposicionam nossas reflexões. Lembremos, por exemplo, da Epistemologia Social de Jesse Shera e Margaret Egan, na década de 1950, voltada para os processos de informação à luz de seu tecido social (Egan; Shera, 1952), das *Sociological foundations of Librarianship* (Fundamentos sociológicos da Biblioteconomia), também de Shera (1970), publicadas no contexto da Escola de Chicago, na década de 1970, na qual, apesar de posicionar o trabalho bibliotecário na relação com a sociedade e indagar sobre os impactos dos registros gráficos tanto no indivíduo como na sociedade (já enunciado por Roubakine, [1922] 1998, na virada do século XIX para o XX sob as lentes da leitura e ausente na obra sheriana), não há, ao menos não em um primeiro momento, como também entrevisto por Mostafa (1985) no olhar social de Pierce Butler, um comprometimento do campo biblioteconômico-informacional com um horizonte sociocrítico e político acerca da função social das bibliotecas. Inclusive, o pensador coloca que, ali, nos anos de 1970, ausentam-se conhecimento científico preciso acerca de como os leitores utilizam os livros e como esses livros influenciam esses leitores (Shera, 1970), parecendo não reconhecer a reflexão centenária roubakiniana.

Antes disso, contudo, no plano que mais nos toca aqui, temos a própria produção roubakiniana, enfatizada neste estudo entre os anos de 1880 e 1920 e a qual não apenas antecede a teorização e publicação de textos tomados como fundacionais da CI, como também se coloca como praticamente contemporânea à Paul Otlet e seu *Traité de Documentation*, de 1934 (mas fruto de reflexões iniciadas nos anos 1870, segundo Bezerra e Saldanha, 2013); a bibliossociometria no âmbito da busca de uma cientificidade para a bibliologia otletiana a partir de um olhar social e “positivado”, da construção de leis que agem sob e sobre o artefato e da compreensão exata da medida do livro — para Bezerra e Saldanha (2013) e Estivals (1998), a compreensão dos efeitos sociais do livro, seus impactos e potencialidades, sendo, pois, uma influência direta da abordagem de Roubakine ([1922] 1998).

Ainda, das cinco leis da Biblioteconomia de Shiyali Ramamrita Ranganathan (1892-1972). Poderíamos arriscar afirmar que a ciência roubakiniana desvela, ainda no século XIX, aproximações teóricas e metodológicas com as ideias postuladas pelo bibliotecário indiano nos anos de 1930 (Saldanha, 2019a,b), especialmente no que se refere, por exemplo, às noções propostas na primeira lei, “os livros são para usar”, associada à ideia roubakiniana de que o livro não faz o seu trabalho parado na estante (Rubakin, N.; Bethmann, 1968; Salomão; Saldanha, 2023a); na segunda, “a cada leitor seu livro”, aqui, a busca bibliopsicológica pelo livro que mais corresponda às aptidões e características cognitivas, psíquicas e emocionais do leitor à luz da socialização do conhecimento (Roubakine, [1922] 1998); e na quinta lei, “a biblioteca é um organismo em crescimento” (Ranganathan, 2009), cuja analogia pode ser encontrada no entendimento roubakiniano de que “devemos fazer da biblioteca um organismo vivo” (Rubakin, A., 1979, p. 87);¹⁷⁸ essas articuladas em um espaço-tempo distinto (ainda que próximo), mas igualmente próximas no que se refere ao seu território de aplicação: as possibilidades de transformação social através do livro, da leitura e das bibliotecas; poderíamos dizer, pela via de uma práxis transformadora.

Nessa direção, entendemos que um desvio teórico-metodológico em direção às perspectivas sociocríticas tratadas no âmbito de uma teoria crítica da informação se faz necessário para que possamos compreender o pensamento roubakiniano em consonância com a trajetória epistemológico-histórica da CI; um diálogo, diríamos, menos preocupado em se aprofundar nos conceitos da teoria crítica tecida pelos pesquisadores marxistas da Escola de Frankfurt nas primeiras décadas do século XX (que serve de base para uma das propostas teórico-metodológicas dos estudos críticos em informação, segundo Bezerra, 2019), mas igualmente próximo dessa abordagem ao sugerir os construtos de Roubakine no centro de uma proposta de teoria social da leitura voltada para as potencialidades de transformação do mundo. Em outras palavras, a partir das potencialidades reveladas no e pelo próprio campo enquanto território comprometido com uma ação informacional capaz de intervir na realidade social e transformá-la — para Saldanha (2019b), a necessidade de um olhar sociocrítico, via lentes do campo, para quem sofre com as mazelas causadas pelo capitalismo.

¹⁷⁸ No original: *Мы должны сделать библиотеку живым организмом* (Rubakin, A., 1979, p. 87).

Para a pesquisadora Ana Maria Pereira Cardoso (1994), a partir de suas considerações em BCI sobre o que denomina como Informação Social (campo de estudo ancorado no diálogo com disciplinas e áreas provenientes das ciências humanas e sociais, como Sociologia, Antropologia, Psicologia e Epistemologia, por exemplo), os processos que envolvem o fenômeno informacional — produção, circulação, apropriação e uso da informação — ocorrem em um contexto histórico e socialmente construído e, de maneira mais precisa, no cenário das relações sociais, culturais, políticas e econômicas que formam e são formadas por essa mesma estrutura; a própria realidade, nos dirá a autora, é demarcada por um movimento constante e dialético ancorado em dimensões de historicidade, totalidade e tensionalidade que caracterizam tanto os fenômenos sociais como a relação e interação entre indivíduos e entre indivíduos e artefatos/ações. Do ponto de vista epistemológico, todo processo de conhecimento seria apenas uma possibilidade, dentre as diversas existentes, de aproximação da verdade.

O horizonte teórico-crítico desvelado por Cardoso (1994), fruto da incorporação das ideias trabalhadas no bojo da teoria crítica aos estudos informacionais, está respaldado em três noções centrais: a historicidade dos indivíduos cognoscentes e dos objetos cognoscíveis, que os coloca em uma relação de produção de sentidos não dada *a priori*, mas sim socialmente tecida em um dado espaço-tempo e que pode, portanto, ser modificada constantemente; a totalidade dos fenômenos sociais, na qual a sociedade é concebida no todo, ou seja, como uma estrutura orgânica não isolada de seus contextos de ocorrência e das intencionalidades de seus atores — nesse caso, as ações informacionais, incluindo o acesso ao conhecimento e a distribuição desigual das condições de possibilidades e instrumentos de seu acesso que não apenas interferem na realidade social, como também integram e resultam desse mesmo real; e a tensionalidade presente na paisagem social, a qual determina as relações sociais e as disputas pela hegemonia — dadas, em uma de suas manifestações, pelo domínio da informação e de seus processos de produção, circulação, mediação, apropriação e uso.

Estariam aí, para Araújo (2003), os elementos que constituem, de modo geral, um dos enfoques teórico-críticos para a informação: a historicidade como condição para a explicação da realidade social, bem como o conflito e a inclusão dos fenômenos no contexto das relações de lutas por poder; complementadas por Bezerra (2019) pela perspectiva materialista-dialética de Marx, apoiada na

concepção da realidade enquanto historicamente construída e repleta de contradições, e pela compreensão desse mesmo real em sua totalidade (categoria herdada de Hegel e articulada no pensamento marxiano), da qual emergem as potencialidades de transformação imanentes na vida social — o mundo não seria tal como nos é dado, mas, antes, fruto de construtos opressores e interesses de estruturas dominantes que detêm as condições de poder e impedem o seu alcance; ou, conforme questionará Roubakine ([1922] 1998, p. III, tradução nossa, grifo do autor), “como a realidade dada é? Como ela deveria ser?”.¹⁷⁹

Tal configuração dialoga com as discussões historiográficas conduzidas por Saldanha (2019b) no terreno epistemológico do nosso campo, também de fundo sociocrítico. Nesse contexto, o autor indaga sobre as possibilidades de (re)pensarmos a Biblioteconomia e Ciência da Informação não como uma ciência, poderíamos dizer, “inventada”, “originada” aqui ou ali, mas sim como um território dialético atravessado, em seu percurso de constituição, por contradições e disputas de poder em torno da legitimação de seu objeto (as múltiplas formas de aproximação da verdade, para retomarmos Cardoso, 1994): a informação e seus modos de produção, circulação, apropriação e impactos no real; mais ainda, seus conceitos, sentidos, científicidades e *epistemes* — isto é, as condições e intencionalidades que delimitam o campo, conforme já mencionado por Rafael Capurro (2003) no âmbito de sua abordagem sobre os paradigmas da CI, no qual os conceitos provenientes de diferentes áreas do conhecimento (sendo a BCI uma delas) são enunciados a partir de um dado processo de construção social do saber.

Ao mesmo tempo, para Saldanha (2019b), o território biblioteconômico-informacional seria, em sua tessitura epistemológica, um campo fortemente comprometido com o que podemos conceber aqui como uma práxis transformadora, noção conjugada via articulações com a teoria crítica e, de maneira específica, com uma das teorias crítica da informação, dadas a partir de sua interlocução com a BCI. Em outro lugar, Maria das Graças Targino (1997) e Meneses Tello (2021) nos apresentariam abordagem semelhante, igualmente próxima dos pressupostos teórico-críticos. Para as autorias, em diálogo com os conceitos formulados no bojo de uma perspectiva marxista, não somente os fenômenos informacionais estariam circunscritos em um dado tempo histórico e, junto dos

¹⁷⁹ No original: *Comment la réalité donnée est-elle? Comment devrait-elle être?* (Roubakine, [1922] 1998, p. III, grifo do autor).

construtos que formam a epistemologia do campo biblioteconômico-informacional, integrariam e resultariam de uma teleologia que tece o real em um movimento dialético; significa dizer, o mundo fundado em uma intencionalidade construída de maneira consciente pelo indivíduo e que tem como horizonte a finalidade (a teleologia) que se quer alcançar — no âmbito do pensamento roubakiniano, poderíamos sugerir, a transformação das condições desiguais e opressoras forjadas pelo regime czarista russo (Salomão; Bezerra, 2023).

Aqui emerge a concepção de práxis marxiana (conceito nuclear da teoria crítica) interpretada por Targino (1997) e Meneses Tello (2021) no âmbito da BCI e que constitui uma das ideias centrais desenvolvidas nesta reflexão. Em seu sentido amplo, Targino (1997, p. 26) compreende a práxis como o “[...] conjunto das ações humanas que visam a criar as condições essenciais à existência da sociedade e, particularmente, à atividade material e/ou à produção”; dito de outro modo, atitude humana transformadora da natureza e da sociedade a partir da interação dialética entre teoria (consciência) e prática (ação mediada pela razão). De modo específico, tal como proposto por Saldanha (2019b), a autora articula essa noção ao âmbito da Biblioteconomia e Ciência da Informação, no qual a prática profissional que fundamenta a razão de ser do campo (entendido, em sua visão, como uma práxis bibliotecária, mas também, poderíamos acrescentar, pela construção epistemológica da BCI), é direcionada por e para uma ação revolucionária e para a análise das e sobre as contradições que regem o mundo social (Saldanha, 2019b; Salomão; Bezerra, 2023). Nas palavras de Targino (1997, p. 28), a “[...] compreensão da Biblioteconomia enquanto prática social, isto é, enquanto profissão que objetiva a transformação da realidade em prol da sociedade”, demarcada por seu caráter revolucionário social, no qual as pessoas bibliotecárias — e, no caso desta pesquisa, Roubakine —, lutam pela emancipação da sociedade como um todo. Tal visão seria igualmente evocada, conforme antes mencionado, por Chubarian ([1981?]), ao colocar a Biblioteconomia russa fundada em um contexto social, diante dos movimentos sócio-históricos de seu tempo.

Na relação estabelecida com o pensamento roubakiniano, poderíamos sugerir que a práxis transformadora entrevista na ciência bibliopsicológica estaria centrada no e para o indivíduo e sua participação ativa nos processos de produção, circulação, apropriação e uso dos saberes. Dito de outro modo, a partir dos esforços engendrados pelo teórico russo no que se refere ao acesso amplo e irrestrito ao

conhecimento — historicamente em poder das classes dominantes — como forma de luta para as tomadas de consciência, sobretudo das massas populares, sobre como a realidade é dada e como ela poderia ser vislumbrada e pensada de outra forma (Salomão; Saldanha, 2023a; Salomão; Bezerra, 2023).

Nesse sentido, o curso do trabalho bibliotecário roubakiniano seria direcionado por e para um horizonte de práxis transformadora que vislumbra na teoria (os estudos científicos sobre o livro, leitura, leitor e a compreensão dos impactos do objeto lido em quem lê) um caminho a ser percorrido para alcançar a prática (a ação no real para a luta contra o analfabetismo, a favor da socialização do conhecimento via instrução popular, a construção e expansão de bibliotecas e a transformação do mundo via reflexões críticas). Novamente, poderíamos evocar: “não é a vida que precisa ser testada por livros, ou seja, pelas teorias, mas justamente o contrário” (Rubakin, A., 1979, p. 93, tradução nossa).¹⁸⁰ Mais ainda, o domínio epistemológico da ciência de Roubakine já estaria dado na, para e por uma práxis transformadora: “a teoria é um meio e a prática o objetivo da Bibliopsicologia” (Roubakine, [1922] 1998, p. 4, tradução nossa).¹⁸¹

Assim, seguindo um exercício teórico-crítico de observação da constituição epistemológico-histórica do campo proposto por Saldanha (2019b) — uma dentre as várias lentes existentes —, seria possível não apenas (re)pensar a Biblioteconomia e Ciência da Informação através da compreensão das dinâmicas de impacto, poder e opressão do conhecimento registrado, como também a partir das potencialidades revolucionárias entrevistadas em categorias sociais fundadas sob uma inflexão dialética (trabalho, classe, gênero e conhecimento, por exemplo), cujas reflexões sociocríticas, ao mesmo tempo em que desvelam obstáculos originados e demarcados pela divisão de classes e relações socioeconômicas desiguais (entendidas por Roubakine, [1922] 1998, como uma contradição ao próprio princípio de integralidade da humanidade e, portanto, uma barreira a uma “vida nova”) propõem modos distintos de resistência e enfrentamento via ação na realidade social. O autor complementa, apontando para essas categorias da historicidade e as suas dialéticas como “forças de luta revolucionária” (Saldanha, 2019b, p. 173)

¹⁸⁰ No original: *Не жизнь нужно проверять книгами, т.е. теориями, а как раз наоборот* (Rubakin, A., 1979, p. 93).

¹⁸¹ No original: *La théorie n'est pour nous qu'un moyen, tandis que la pratique constitue le but* (Roubakine, [1922] 1998, p. 4).

capazes de revelar, pelas lentes da BCI, uma teoria social — para nós, via leitura — da, na e para o campo, imbricada em um horizonte emancipatório.

Além disso, na historiografia epistemológica em BCI, o estudo roubakiniano sobre o gesto leitor e suas formas de transformação da realidade nos coloca diante de aplicações e conceitos que antecipam algumas teorias tratadas no campo sobretudo a partir dos enfoques cognitivos dos anos de 1970, mas que destacam, já ali, nas duas primeiras décadas do século XX, uma preocupação com o indivíduo e suas ações informacionais na paisagem social. Podemos ir além, sugerindo que a ciência roubakiniana desvela o próprio comprometimento do campo com uma práxis transformadora capaz de intervir na realidade social e demonstrar que as desigualdades e opressões provocadas por estruturas dominantes poderiam encontrar terreno fértil de luta e resistência não somente na prática leitora de um artefato bibliográfico, mas, sobretudo, na prática leitora do mundo — conforme concepção freiriana, a leitura da palavra que descortina a leitura do mundo, a leitura do mundo que descortina a leitura da palavra para humanizar a humanidade (Roubakine, [1922] 1998; Freire, 2011). Em outros termos, segundo Saldanha (2019a, p. 18), a Bibliopsicologia diante da "[...] construção não só de uma ciência social dedicada aos futuros estudos tratados como informacionais, mas também uma ciência social crítica da realidade e de seus modos de transformação".

Nesse sentido, partimos da interpretação de uma perspectiva expressa por Bezerra, Schneider e Saldanha (2019) acerca das pesquisas sobre a leitura, ainda no século XIX, como um dos caminhos possíveis para os processos de luta por uma sociedade democrática, justa, livre e igualitária dentro da paisagem biblioteconômica-informacional. Na luta pelas possibilidades de emancipação social sob as lentes do campo, poderíamos refletir que a investigação roubakiniana sobre a socialização do livro, da leitura e do saber integra um conjunto poderoso de materiais, fatos e teorias que, para Saldanha (2019b), fornece respostas científicas às questões propostas, bem como demonstra um modo de (re)pensar o campo em sua estrutura epistemológica “cientificamente dada” e de disputas pela “narrativa” de acordo com construtos hegemônicos. O percurso argumentativo conduz-nos à direção, via uma perspectiva dialética, da democratização do acesso às condições de conhecimento para as classes historicamente oprimidas e seus modos de produção, registro, apropriação e uso do conhecimento em suas realidades — tal como evocado pela práxis bibliotecária reconhecida por Targino (1997) e Meneses

Tello (2021) e por outras ações no bojo das ciências humanas e sociais, como aquelas no século XX fundamentadas em uma filosofia da práxis marxiana, bem como na pedagogia crítica freiriana (Bezerra, 2019; Bezerra; Schneider; Saldanha, 2019) e sua concepção de “leitura de mundo” (Freire, 2011) — o modo como as mentalidades interagem e transformam socialmente o contexto no qual se constituem. Essas perspectivas serão discutidas mais a fundo na próxima seção.

Nesse momento, poderíamos dizer que trata-se de estabelecer diálogos que podem nos ajudar a compreender uma outra direção pela qual uma visão sociocrítica, voltada para a leitura roubakiniana e o acesso irrestrito ao conhecimento como forma de transformação social, já se desvela no final do século XIX por uma via não tradicionalmente discutida no espectro da BCI brasileira e latino-americana. Ainda, essa ótica nos coloca diante das possibilidades de abordagens para a fundamentação epistemológica do campo a partir do entendimento da informação não como uma entidade neutra e objetiva, mas sim como artefato produzido por, na e para uma realidade política e socialmente tecida, conforme apontado antes por Saldanha (2019b) e pelo pensamento biblioteconômico soviético de Chubarian ([1981?]). Dito de outro modo, uma *episteme*, dada no pensamento de Nicolas Roubakine, diretamente comprometida com as potencialidades de transformação no e do real pela via da leitura e de sua apropriação por parte de um leitor-receptor, para nós, de um ser histórico.

Tais perspectivas serão trabalhadas com mais ênfase na seção seguinte sobre o domínio científico da leitura no plano epistemológico da BCI.

5 ENTRE O CONCEITO DE LEITURA EM BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E A LEITURA CRÍTICO-COLETIVA DE MUNDO A PARTIR DE NICOLAS ROUBAKINE

A leitura não é outra coisa senão um antropomorfismo do leitor, uma antropomorfização ‘daquilo que ele lê’, uma lenta criação ‘daquilo que ele lê’ à sua maneira e à sua imagem (Roubakine, [1922] 1998, p. 12, tradução nossa).¹⁸²

Das perspectivas sociocríticas desveladas no e a partir do pensamento roubakiniano, emergem aqui horizontes de articulação entre os construtos teórico-metodológicos tecidos pelo pensador russo e as discussões sobre a leitura desenvolvidas no discurso epistemológico biblioteconômico-informacional, o que configura o foco desta seção. Para nós, interessa, centralmente, compreender e discutir os caminhos de constituição de estudos voltados para a ação leitora no campo à luz de seus impactos no mundo, ou seja, a partir de contornos sociais que apontam para a leitura em sua interação indivíduo-realidade, contexto em que se aproxima das reflexões tecidas por Nicolas Roubakine sobre o gesto leitor ainda no século XIX, em profunda relação com um espaço-tempo socialmente construído.

Nos contornos delineados pela pesquisadora brasileira Lígia Dumont (2020), uma das fontes mais robustas de constituição dos fundamentos teórico-epistemológicos para a pesquisa científica nacional sobre o domínio da leitura em Biblioteconomia e Ciência da Informação, a centralidade dos estudos sobre a temática no campo repousa, de modo geral, na compreensão das condições de introjeção de conhecimento por parte de uma pessoa leitora — para além da decodificação dos códigos linguísticos, da seleção dos materiais lidos e das razões que circundam essas escolhas, alcançando um entendimento sobre os fatores internos e externos que circunscrevem os atos de ler em um dado espaço-tempo.

Na direção enfatizada pela autora no âmbito da Biblioteconomia e Ciência da Informação ocidental (esta, ancorada centralmente nos países anglófonos que dominariam os horizontes de construção epistemológica da CI), as aproximações do campo com pesquisas científicas dedicadas à leitura seriam vislumbradas, dentre uma de suas possibilidades de interpretação, na década de 1970, via proposta de um enfoque cognitivo centrado no indivíduo e sua introjeção de conhecimento; ou

¹⁸² No original: *La lecture n'est autre chose qu'un anthropomorphisme du lecteur, une anthropomorphisation de 'ce qu'il a lu', une lente création de 'ce qu'il a lu' à sa manière et à son image* (Roubakine, [1922] 1998, p. 12).

seja, no contexto do que Capurro (2003) colocaria como um paradigma cognitivo, voltado para as formas como o indivíduo percebe, apreende e interpreta os processos e fenômenos informacionais que ocorrem à sua volta (Dumont, 1998; Salomão, 2020) — ainda que sem uma preocupação específica com os recortes sócio-históricos e políticos de seu uso e apropriação em um dado espaço-tempo. Embora nesse mesmo período, pelas lentes do Leste Europeu, importante lembrar, estudos sociais sobre a leitura tenham sido conduzidos por Sylva Simsova e Oleg Chubarian no campo.

A autora ainda aponta que as discussões sobre a leitura desenvolveram-se, em sua maioria e durante muito tempo, no âmbito dos sistemas de informação, centradas nas relações entre os processos cognitivos e o comportamento de busca e recuperação da informação por parte de um indivíduo. Essas investigações propõem modelos nos quais o indivíduo, através de sua interação com os sistemas de busca, apreende a informação que lhe é apresentada, interpreta aquilo que apreendeu e compara esse saber “novo” com aqueles acumulados de modo consciente ou inconsciente em sua mente ao longo de sua existência (Dumont, 1998) — nas palavras de Roubakine ([1922] 1998), armazenado em sua memória orgânica, em seu *mnéma* —, de modo a significar e/ou ressignificar saberes (Salomão, 2020).

Nesse contexto, conforme colocado por Simsova (1983), os estudos sobre a leitura estavam concentrados, pois, no livro e não no leitor propriamente dito. Ainda no cenário biblioteconômico, sob o olhar anglófono, Frank Hatt (1976) e Stephen Karetzky (1982) teriam formulado igualmente pesquisas no campo sobre o leitor e seus atos de leitura — sem deixar de reconhecer, ainda que de forma breve, a contribuição de Roubakine. Especialmente no que se refere às pesquisas sobre a temática em áreas como Psicologia, Sociologia e Linguística, desenvolvidas centralmente no Reino Unido e nos Estados Unidos, Hatt (1976) destaca a ênfase nos estudos sobre as atividades mentais de percepção, reconhecimento e decodificação dos signos linguísticos sem compromisso com os aspectos contextuais (ou seja, a posição do ato de ler no tempo e no espaço) que levam à escolha de uma dada obra tampouco com seus efeitos emocionais em quem lê.

De modo geral, retoma a pesquisadora tcheca, o ato de ler seria então concebido como um método de comunicação no qual uma mensagem seria codificada em um suporte e decodificada por um indivíduo. Aí, o foco estaria na

mensagem e na crença na precisão de sua transmissão, desconsiderando as particularidades envolvidas nos processos de apropriação (Simsova, 1983) — próximo, diríamos, aos pressupostos positivistas da teoria matemática da comunicação de Shannon e Weaver (1975) (emissor-mensagem-receptor) e da compreensão desse “receptor” como uma unidade passiva, ou seja, o objeto e não sujeito de uma ação (Hatt, 1976). Ramirez Leyva (2007b) comentaria, tal como também já observado por Saldanha (2019a,b) em outro lugar, sobre a influência dos contornos positivistas nas ciências como um todo e, em específico, nos estudos da leitura em áreas como Psicologia e Sociologia, com foco nas análises quantitativas dos processos de ler.

A partir desse enfoque, conforme já discutido na seção anterior, a centralidade desses estudos e da própria experiência de leitura estaria não no indivíduo em uma dimensão social e política, mas sim na decifração dos signos linguísticos presentes nesses objetos, de modo a atuar como um receptor passivo de informação, sem qualquer relação com o artefato lido e sua apropriação, ou seja, sem qualquer influência externa que poderia vir a impactar na apropriação do texto lido (Salomão, 2020). Aqui, se tomarmos o olhar de Sfez (2007) sobre o processo de comunicação à luz das experiências de leitura, trata-se de pensar que a figura do “emissor” (autoria) seria aquela que dominaria toda a dinâmica de transmissão de informação, descartando, portanto, uma participação ativa de um “receptor” (leitor) na apropriação da mensagem, ou seja, parte integrante de um modelo de comunicação linear, no qual o receptor, passivo, somente interiorizaria a mensagem diante de uma realidade objetiva, sem qualquer possibilidade de transformação de seu conteúdo.

Na contemporaneidade, por outro lado, o horizonte informacional dos estudos sobre a leitura parte de um enfoque voltado para o leitor e suas formas de apropriação e uso do artefato livro — aqui, no sentido amplo trazido por Roubakine ([1922] 1998), tudo aquilo que é lido — diante de conceitos considerados intrínsecos a esse indivíduo, como subjetividade, produção de sentidos e influência de fatores sociais, políticos e históricos (contexto), sempre em diálogo com o espaço-tempo em que essas experiências são tecidas. Em um olhar semelhante ao proposto pela teoria roubakiniana, conforme veremos, Dumont (2020, p. 29) nos dirá que “compreende-se um texto através da experiência a que se submete o leitor”, entendendo, pois, o indivíduo como um ser social ativo nos processos de interação com os materiais de leitura e com os saberes apropriados e construídos a partir daí.

Nessa direção, Roubakine ([1922] 1998) nos dirá que os elementos que compõem uma ação informacional — a experiência de leitura (emissor-canal-receptor ou, no léxico roubakiniano, autoria-livro-leitor) —, estão intrinsecamente relacionados, tanto entre si como para com a mensagem propriamente dita. Nessa interpretação, o artefato não seria meramente um canal que transmite uma mensagem, mas sim um instrumento produto do "espírito humano", ou seja, um reflexo da posição da consciência do indivíduo no espaço e no tempo, sendo não uma variável imutável e independente, mas sim um artefato posicionado diante de condições sócio-históricas fundadas no cerne de uma realidade repleta de contradições.

Mais ainda, os atores que estão nas extremidades de um processo de transmissão de informação (emissor-receptor/autoria-leitor) seriam igualmente frutos dessa dialética, atuando não mais como entidades separadas, isoladas de um contexto comunicacional, conforme a teoria de Shannon e Weaver (1975) propõe, mas, antes, como seres sociais que influenciam e são influenciados durante os atos de ler. Significa dizer que os três, autoria, livro e leitor, se posicionam nos processos de leitura a partir de uma dada configuração social e psicológica, na qual as relações aí traçadas se modificam continuamente, refletindo nas apropriações do que foi lido e em suas aplicações no real. Sob uma perspectiva dialética, trata-se da primazia da identidade do sujeito e objeto diante do posicionamento lógico-formal de uma dualidade objetivista — o pensamento, a informação, tal qual nos propõe Roubakine ([1922] 1998), não estão diante de uma realidade dada *a priori*, mas sim à realidade como *devir*, como movimento que se modifica continuamente e pode transformar e ser transformado.

Isso significa dizer que o “receptor” (leitor) não seria uma entidade “passiva”, desprovida de configurações próprias, tampouco a informação, dialogando com a posição filosófica de Sfez (2007), seria um objeto transmitido unidirecionalmente de um ponto ao outro, destituído de sentidos e significações. Seria, antes, parte formadora e integrante das ações informacionais no real, sendo o livro uma ferramenta potencial para a apropriação de saberes sob uma perspectiva crítica e reflexiva — desvelam-se aqui, pois, as possibilidades de uma conscientização crítica coletiva de que, sob o czarismo russo, a opressão social imperava, afastando os indivíduos da justiça e da verdade. A Bibliopsicologia, via estudos da leitura, seria capaz de direcionar a sociedade para um real transformado (Saldanha, 2019b).

Em outro lugar, no contexto de surgimento da Cibernética, uma das vias científicas que serviria de base positivista para a construção epistemológica da BCI entre os anos de 1940 e 1960, Álvaro Vieira Pinto (2005) traz abordagem semelhante, na qual a dominância de um modelo matemático para as dinâmicas de informação evocaria a própria prevalência de um controle exercido por um emissor sobre os processos comunicacionais, desvinculada, pois, de um contexto social de construção discursiva. Em outras palavras, se traçarmos uma relação com os atos de leitura estudados no pensamento roubakiniano, trata-se de pensar que o emissor (autoria) seria aquele que escolheria o que vai ser emitido, como será emitido e sob quais condições será transmitido ao receptor (pessoa leitora), descartando um papel ativo do destinatário na interpretação da mensagem e os contextos sócio-históricos que possam influenciar nos processos cognitivos decorrentes da interação sujeito-objeto.

Nos limites sociais e críticos entrevistados na abordagem de Vieira Pinto (2005) e, de certa forma, no curso do pensamento roubakiniano sobre a leitura, tal posição desvela uma preocupação, como já apontado por Saldanha (2018), para com as intencionalidades que atravessam os modos de conhecimento em uma realidade social e politicamente tecida, no caso, o plano czarista russo no final do século XIX ao início do XX.

Essa perspectiva não poderia estar dissociada, como também colocado por Chubarian [(1981?)] no contexto soviético, do bojo social de ocorrência dos fenômenos informacionais e suas condicionantes políticas e de classe (na distribuição desigual dos meios de produção, circulação e acesso ao conhecimento), inclusive as experiências de leitura e a maneira como um indivíduo, ser social, se apropria do que é emitido por uma figura autora — no caso, o livro. Todos são frutos do real, para recorrermos à Vieira Pinto (2005, p. 31): “[...] resultam da presença do homem e das influências dos condicionamentos recebidos da estrutura da sociedade dividida à qual pertence”, ou seja, o contexto de distribuição desigual das condições que possibilitariam o reconhecimento crítico de um mundo forjado por noções assimétricas de construção social da realidade. Uma divisão de classes que, como colocado por Roubakine ([1922] 1998), entraria em contradição com o próprio sentido da vida social.

Nesse âmbito, Roubakine ([1922] 1998) nos dá um exemplo à luz do cenário de opressão na Rússia do czar, partindo da primazia do receptor em sua liberdade

interpretativa: a leitura de materiais de cunho político, ainda que seu conteúdo comungue de uma dada ideologia opressora, poderia despertar no indivíduo leitor as ideias mais contrárias possíveis, ou seja, poderia subverter as informações transmitidas no início do processo de comunicação ao ser apropriada não de acordo com o gesto intencional do autor-emissor, mas sim conforme as próprias configurações do leitor-receptor; o que coloca, novamente, o ser social no centro da teoria roubakiniana. Trata-se de pensar a Bibliopsicologia diante de um processo de transmissão de informação fundado em uma interação dialética, cuja noção de comunicação é construída a partir de uma perspectiva não linear, unilateral, mas sim interativa, dialógica, que contempla a totalidade do mundo em organismo — algo que se desdobra sobre si, que está no mundo e não diante do mundo.

No horizonte epistemológico informacional, tal abordagem representa, para Saldanha (2019b), um movimento revolucionário de compreensão dos modos de produção e uso dos objetos informacionais, que se fundamenta na investigação da condição histórica dos indivíduos cognoscentes diante do potencial de transformação dos artefatos bibliográficos via socialização do saber. Isto é, investigar as condições contextuais e intersubjetivas que circunscrevem as ações informacionais (aqui, a leitura), dissociando esses mesmos processos de um plano neutro e objetivo, sem qualquer influência dos atores e contextos que compõem essa interação, conforme a teoria matemática nos sugere.

Perspectiva semelhante é encontrada na revisão teórico-histórico-epistemológica da pesquisadora mexicana Elsa Margarita Ramírez Leyva (2007a) sobre a fundamentação dos estudos científicos sobre a leitura na expressão latino-americana do campo, centralmente a partir de sua atuação no IIBI-UNAM, anterior *Centro Universitario de Investigaciones Bibliotecológicas* (CUIB). Em reflexões que abordam os atos de ler sob diferentes espectros, sobressaem as discussões que se voltam para a constituição epistemológico-histórica da leitura como construção social no discurso biblioteconômico-informacional, sua teoria e sua práxis, caminho que nos direciona para a centralidade não apenas das investigações sobre a pessoa leitora, mas também e, principalmente, sobre as experiências de leitura, ainda nas primeiras três décadas do século XX e, antes, nas últimas décadas do XIX (anterior, poderíamos ressaltar, aos próprios estudos cognitivos dos anos de 1970), para integrar os aportes iniciais do que entende como uma filosofia e ciência

biblioteconômicas, bem como para a definição das funções sociais das bibliotecas e das pessoas bibliotecárias.

Na argumentação proposta pela autora, existem pelo menos cinco fatores históricos centrais para a trajetória de construção epistemológica (seus conceitos, métodos e finalidades) dos estudos sobre a leitura em BCI, mais vinculados ao contexto europeu e ocidental do campo, porém com um horizonte que se estende para o Leste Europeu, contexto temporal em que se aproxima do pensamento roubakiniano: 1) século XIX; 2) anos de 1920; 3) anos de 1960; 4) anos de 1980; e 5) anos 2000. Para os objetivos desta investigação, interessa-nos, centralmente, os três primeiros momentos, marco temporal que, além de acompanhar as reflexões no campo sobre a teorização e socialização da leitura, do livro e das bibliotecas, situam nossa revisão histórica e epistemológica sobre o domínio científico da leitura em BCI dentro de uma linha do tempo que se inicia nas últimas décadas do século XIX, com os esforços roubakinianos na Rússia imperial, e vai até os anos de 1960, contexto de início dos estudos simsovianos sobre a leitura e Roubakine e da própria obra chubariana que aborda a contribuição roubakiniana para a tessitura de uma Biblioteconomia Soviética; ambas demarcações teórico-epistemológicas antecedem, pois, as discussões sobre a leitura conduzidas na dimensão cognitiva dos estudos informacionais a partir da década de 1970.

No século XIX, sobretudo a partir dos desdobramentos ocasionados pela Revolução Industrial e seu desenvolvimento tecnológico, a leitura adota um propósito dito utilitarista, centrado em uma ideologia burguesa que dominaria grande parte da Europa ocidental na busca pelo “progresso” social e econômico, ou seja, centralmente via instrução das classes trabalhadoras para o conhecimento, uso e manuseio dos instrumentos de trabalho, sem qualquer preocupação e/ou interesse com uma perspectiva crítica e/ou com a construção social e emancipadora desses indivíduos (Ramírez Leyva, 2007a,b) — sobressaem aqui a leitura de “bons livros” a fim de elevar a moral e a cultura.

Antes, como já observado, Roubakine vivenciaria cenário semelhante na Rússia, apontando para a importância desse saber instrumental, só que atrelado a um horizonte de reflexão crítica (Rubakin, A., 1979). Além disso, nesse mesmo período, emergiriam estudos voltados para a leitura em sua dimensão quantitativa, dada a partir da predominância de uma interpretação estatística de dados relativos ao número de leitores e uso das coleções de bibliotecas.

Mais tarde, nos anos de 1920, década em que Roubakine ([1922] 1998) publicaria sua obra seminal e alguns anos antes da publicação das “Cinco leis da Biblioteconomia” de Shiyali Ranganathan (2009), de 1931, das teorias do estadunidense Pierce Butler (1884-1953)¹⁸³ em seu *An introduction to Library Science* (Introdução à Ciência da Biblioteconomia), de 1933, a partir de suas experiências como professor na *Graduate Library School* da *University of Chicago*, e da “Missão do bibliotecário”, discurso inaugural de José Ortega y Gasset no Congresso Internacional de Bibliotecários em maio de 1935, na Espanha (Ortega y Gasset, 2006) no plano da função do livro e seu acesso, Ramírez Leyva (2007a,b) destaca o entendimento do livro e da leitura nesse contexto como ferramentas que integrariam os direitos universais de acesso à educação.

Notadamente, no período pré-Revolução Russa de 1917 no qual as atividades de Roubakine estão circunscritas, marcado por opressões e assimetrias de classe decorrentes do regime czarista, Ramírez Leyva (2007b) lembra que as atividades que envolvem o conhecimento, inclusive as práticas bibliotecárias e as experiências de leitura em sua relação com um horizonte de transformação, assumem contornos sociopolíticos. Tais movimentos estão voltados para a socialização do livro e da leitura, o estímulo à autoinstrução e a orientação e capacitação de pessoas leitoras em oposição ao controle imposto pelas autoridades czaristas no que se refere à produção e circulação de saberes — cenário em que teoria e prática roubakiniana, ou seja, sua práxis transformadora, se desenvolveria.

Nesse âmbito, emergem pesquisas e estudos voltados para a compreensão das práticas leitoras e de seus efeitos em quem lê a partir da relação com campos científicos como Sociologia, Bibliologia, Biblioteconomia e Psicologia; ainda assim, apesar de um enfoque mais direcionado para um plano qualitativo, essas pesquisas eram dotadas de contornos positivistas, dados pelo próprio método científico baseado na aplicação de questionários para a quantificação e a análise métrica de variáveis tangíveis para, por exemplo, a compreensão dos impactos da leitura (Ramírez Leyva, 2007b). Tal recurso seria vastamente utilizado por Roubakine ([1922] 1998) ao longo da tessitura de sua Bibliopsicologia.

¹⁸³ Pierce Butler (1884-1953) foi um professor estadunidense que atuou na *University of Chicago Graduate Library School*, fundada em 1928 e voltada para a formação de pessoas bibliotecárias. Foi um dos primeiros pesquisadores, junto à Ranganathan, a investigar os contornos científicos da Biblioteconomia a partir do termo “*Library Science*” nas décadas de 1930 e 1940. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Lee_Pierce_Butler. Acesso em: 10 abr. 2024.

Seria nesse marco temporal, segundo a autora, ou seja, no final dos anos de 1920 e, em uma de suas interpretações, no centro da teoria roubakiniana, que sobressairiam os esforços iniciais para a constituição de um rigor metodológico nos estudos da leitura. Essas investigações representam, na revisão teórico-histórica de Ramírez Leyva (2007b), uma das primeiras tentativas de fundamentação epistemológica desse objeto de estudo na Biblioteconomia a partir das relações entre livros e leitores estabelecidas em um dado contexto, ou seja, diante de fatores externos que impactam nos processos de leitura.

Ainda nos anos de 1930, Pierce Butler (1971), em uma paisagem científica também atravessada pelos contornos positivistas, tal como vivenciara Roubakine entre Rússia e Suíça nas décadas anteriores, propõe o estudo da leitura e de seus efeitos a partir de sua concepção como fenômeno social capaz de intervir na realidade, destacando que o ato de ler deveria ser investigado de acordo com os métodos científicos que se mostraram válidos em outras áreas do conhecimento — como a observação, experimentação e análises quantitativas —, diante de sua significação e uso na vida social. O teórico nos diz: “o conhecimento que deriva da leitura não tem significado social se não é adquirido pelas pessoas que o podem inserir na corrente vital da vida comunitária (Butler, 1971, p. 35), ou, dito de outra forma, “é exclusivamente das influências sociais que o indivíduo deriva sua habilidade de realizar tal atividade. A cadeia da leitura — símbolos gráficos, palavras, combinação gramatical, ideias — não faz sentido fora das convenções comunitárias” (Butler, 1971, p. 40).

Além disso, Butler (1971) insere o ato de ler como parte integrante de um sistema de motivações e volições particulares que se dão a partir da realidade vivenciada por um leitor em um dado espaço-tempo, que poderá ser diferente dependendo das particularidades desse mesmo indivíduo; em um cenário que se assemelha aos construtos dos processos de leitura delineados por Dumont (1998) e Roubakine ([1922] 1998), o teórico nos deixa entrever a existência das intersubjetividades de quem lê, que diferem de acordo com suas configurações psicológicas, sociais e históricas. O autor entende que as percepções transmitidas via leitura provocam reações igualmente distintas e não puramente objetivas e totalizadoras para todas as pessoas, ainda que isso fuja ao propósito de sua análise sobre a Biblioteconomia, dedicada somente às “questões de ciência” (Butler, 1971, p. 47) que formam sua *episteme*.

O pesquisador nos dirá: “O texto gráfico pode registrar uma observação fatural, uma opinião sobre o seu significado ou uma descrição da emoção que criou no escritor. O livro não é o fato, a opinião ou o próprio sentimento, é apenas o registro do conhecimento do autor que foi assim percebido, pensado e sentido” (Butler 1971, p. 32). Poderíamos interpretar, tal como pontuado antes por Dumont (1998) e pelo próprio Roubakine ([1922] 1998) em sua obra seminal de 1922, o livro como uma representação das ideias de um autor, produtor de sentidos, diante da posição de sua consciência no tempo e no espaço. Portanto, o livro não seria esse fato ou essa opinião propriamente dita, mas sim uma representação gráfica (e simbólica) de quem o escreve e, poderíamos acrescentar, de quem o lê em diferentes momentos da vida social. O livro, como registro da memória social, e seu acesso, constituiriam, ao mesmo tempo, “em efeitos de causas sociais e em causa eficaz de novos fenômenos sociais” (Butler, 1971, p. 32).

Aqui, o teórico não traz, exatamente, uma perspectiva social e política, tal como o fazem Roubakine e Ranganathan em período semelhante, e o próprio Chubarian no plano soviético. Contudo, Butler (1971) expõe a influência de contornos exatos e objetivos nos estudos científicos, ao mesmo tempo em que aponta para as dimensões sociais dos atos de ler na medida em que estes afetam as mentalidades dos indivíduos em um dado espaço-tempo, ou seja, os saberes daí apropriados aplicados na vida social em prol de seu bem estar, sua cidadania, quase que em uma proposta igualmente instrumental de uso do conhecimento. Lembremos que Pierce Butler, professor da Escola de Chicago, nos Estados Unidos, propõe, na década de 1930, um dos primeiros contornos declaradamente científicos para o campo biblioteconômico a partir do que entenderia como *Library Science* — por isso, sua tentativa de delimitar a Biblioteconomia como ciência perpassa o cenário científico de sua época, também atravessado pelos mesmos contornos positivistas que influenciaram Roubakine entre 1880 e 1920 e, por sua vez, os estudos sobre a leitura no campo.

Ainda no contexto biblioteconômico estadunidense, Jesse Shera (1970) indaga, em seu *Sociological foundations of librarianship*, como a palavra impressa (o livro) pode influenciar as condutas individuais e coletivas na realidade. O autor, assim como apontado depois por Karetzky (1982), recorre aos esforços de bibliotecários e pesquisadores da Escola de Chicago na década de 1930, a exemplo

de Douglas Waples (1893-1978),¹⁸⁴ como um dos teóricos que desenvolveram pesquisas científicas sobre a leitura a partir de uma perspectiva sociológica, preocupado com o estudo dos efeitos da leitura no comportamento humano, âmbito em que destaca suas contribuições para a educação e os modos de investigação biblioteconômicas, a elaboração de políticas de bibliotecas e para a filosofia profissional do campo como um todo. Este olhar também é destacado nos estudos de Lígia Dumont (1998), nos quais a autora posiciona, no centro da crise econômica estadunidense dos anos de 1930,¹⁸⁵ as pesquisas sobre a difusão da leitura e seus efeitos no leitor sob a denominação de uma “sociologia da leitura”.

Aqui, Karetzky (1982) ainda ressalta a participação do Reino Unido e, de maneira mais expressiva, da Alemanha, para os estudos sobre a temática no campo, dado o avanço, no plano social e político dos anos de 1930, do nazismo e do fascismo no Ocidente, o que chamaria a atenção para o significado social do livro, da leitura, da biblioteca pública e de seus impactos na realidade — algo extensamente trabalhado por Roubakine ([1922] 1998) na paisagem russa czarista poucas décadas antes, ainda no final do século XIX.

Na Alemanha, em específico, encontramos nos estudos da leitura desenvolvidos pelo bibliotecário alemão Walter Hofmann (1879-1952)¹⁸⁶ entre 1909 e 1913 e registrados em sua obra *Psychologie des proletariats* (Psicologia do proletariado), um horizonte psicológico e social que se aproxima do pensamento roubakiniano. Segundo Karetzky (1982), Hofmann acreditava que a biblioteca, sobretudo a pública, deveria atender às necessidades educacionais, o que só poderia ser feito se livros de “alta qualidade” fossem selecionados e distribuídos às pessoas certas, sem incorrer em julgamentos pessoais dos bibliotecários; para tanto, os campos da Psicologia e Sociologia deveriam ser a base teórica e metodológica para os estudos sobre os interesses, necessidades e capacidades de leitura de

¹⁸⁴ Douglas Waples (1893-1978) foi um bibliotecário estadunidense, considerado como um dos nomes mais reconhecidos no campo das pesquisas sobre os processos de leitura na *University of Chicago Graduate Library School*. Sobre os impactos da leitura no comportamento humano, Douglas Waples publicaria, em 1940, junto com Bernard Berelson e Franklyn Bradshaw, a obra *What reading does to people: a summary of evidence on the social effects of reading and a statement of problems for research* (O que a leitura faz às pessoas: um resumo das evidências sobre os efeitos sociais da leitura e uma declaração de problemas para a pesquisa).

¹⁸⁵ Trata-se, de modo geral, de um contexto de crise econômica no sistema capitalista estadunidense conhecido como a Grande Depressão ou Crise de 1929, iniciada em 1929 com a quebra da bolsa de valores de Nova York e perdurada ao longo da década de 1930.

¹⁸⁶ Walter Hofmann (1879-1952) foi um bibliotecário, gravador e poeta alemão, com atuação no contexto das bibliotecas públicas na Alemanha nas primeiras décadas do século XX.

Disponível em: [https://de.wikipedia.org/wiki/Walter_Hofmann_\(Bibliothekar\)](https://de.wikipedia.org/wiki/Walter_Hofmann_(Bibliothekar)). Acesso em: 02 out. 2025.

indivíduos e grupos sociais. Em mais um movimento que o aproxima da Bibliopsicologia de Roubakine, o bibliotecário alemão desenvolveu um método no qual uma pessoa leitora, ao chegar em uma biblioteca pública, apresentaria uma demanda por um dado tipo de livro e, após sua leitura, escreveria uma avaliação sobre sua utilidade — os dados coletados poderiam fornecer informações sobre o comportamento de leitura individual e social (Karetzky, 1982).

Além disso, no ano de 1928, um instituto para os estudos da leitura e da alfabetização, o *Institute für Leser und Schriftumskunde*, foi criado na Alemanha sob a direção de Walter Hofmann. Sua função estava, centralmente, na investigação sobre os interesses e práticas de leitura, além da seleção dos materiais que seriam apropriados para diferentes grupos sociais de leitores; tais pesquisas levariam, por exemplo, à elaboração de outros tipos de catálogos para bibliotecas públicas, alguns organizados de acordo com os interesses temáticos dessas coletividades e outros construídos para segmentos sociais específicos, como as camadas trabalhadoras e as mulheres, contendo dados informativos sobre o acervo e escritos em uma linguagem próxima da realidade do grupo selecionado (Karetzky, 1982). Dadas as devidas particularidades de cada abordagem, é interessante observar os detalhes de escopo, método, objetivo e, até mesmo, objeto, entre o bibliotecário alemão e as pesquisas realizadas por Nicolas Roubakine na Rússia ainda no final do século XIX; Karetzky (1982) ainda afirma que Walter Hofmann alcançaria o contexto de desenvolvimento de pesquisas científicas sobre a leitura sob a via estadunidense da Escola de Chicago nos anos de 1930, centralmente a partir de Douglas Waples, ao passo em que Roubakine, nessa mesma época, conforme colocado por Simsova (1975), não teria ressonância no plano biblioteconômico anglófono, exceto pela publicação de seu questionário *Reader, know thyself*, no *Library Journal* em 1934.

Por outro lado, na Rússia, também nos anos de 1920 e 1930, décadas após o exílio do bibliotecário russo e no decurso das investigações de N. Rubakin e Bethmann (1968) e Roubakine ([1922] 1998), a centralidade da leitura, do leitor e das bibliotecas já estaria dada para além do contexto de opressão do czar; agora, no cenário de desenvolvimento da Rússia pós-Revolução de 1917 — demarcado, ali, pelos esforços de Vladimir Lenin e Nadezhda Krupskaja na construção dos fundamentos de uma sociedade socialista baseada na ciência e tecnologia, na qual sobressaem a popularização científica, mediada pela ação sobretudo nos *loci* das bibliotecas públicas, como um dos modos de consolidação desse novo sistema

(Andrews 1989). Os estudos chubarianos, conforme antes colocado, seguem essa mesma direção, apontando para a função social e educativa da leitura, das bibliotecas e da prática bibliotecária para a formação de uma consciência cívica e política, ou seja, para a relação com a vida social no plano do exercício da cidadania (Chubarian, [1981?]).

Algumas décadas depois, nos anos de 1960, acompanhando a emergência de estudos sobre Roubakine a partir dos esforços de Sylva Simsova e, especificamente na BCI, da constituição epistemológica de seu objeto de estudo com base em teorias e diálogos com as áreas provenientes das ciências exatas (Salomão; Saldanha, 2023a), a leitura é tomada em sua relação direta com o leitor, sendo pesquisada no âmbito dos Estudos Culturais e da Estética da Recepção (Ramírez Leyva (2007b). Especialmente sobre este último tópico, Robert Estivals (1998) chegaria a destacar a centralidade de Nicolas Roubakine para as teorias formuladas por uma estética da recepção ainda na virada do século XIX para o XX, ao posicionar o leitor, em sua ciência bibliopsicológica, no centro das experiências de leitura, em contraponto ao enfoque anterior dado aos estudos sobre a leitura, orientados, em maior nível, para a produção de uma autoria e para abordagem do livro como artefato material, sem compromisso direto com os aspectos concernentes à recepção desse objeto por parte de quem lê e suas inúmeras possibilidades de apropriação. Tal enfoque seria igualmente abordado, ainda que não conceitualmente, pelo bibliotecário argentino José Edmundo Clemente em seu *Estetica del lector*, de 1950, especialmente ao contextualizar os estudos roubakinianos na seara de desdobramentos da Revolução Russa:

A Bibliopsicologia, auxiliada pelo progresso das ciências humanas, estudou metodicamente as causas que se opõem à livre compreensão de uma ideia tal como concebida por seu autor. Desse ponto de vista, sua existência poderia ser aceita desde o alvorecer da Revolução Russa (Clemente, 1950, p. 16, tradução nossa).¹⁸⁷

Ainda conforme a interpretação de Ramírez Leyva (2007a), o movimento de fundamentação teórica do campo informacional acabaria por sobrepujar os estudos sobre as pessoas e práticas leitoras diante da busca de um estatuto científico para a CI ancorado no alicerce das ciências exatas, de caráter objetivo e exato, no qual a

¹⁸⁷ No original: *La Bibliopsicologia, auxiliada por el progreso de las ciencias humanísticas, trató de estudiar metódicamente las causas que se oponen a la libre comprensión de una idea tal cual la concibió su autor. Desde este punto de vista podría aceptarse su existencia a partir de los albores de la revolución rusa* (Clemente, 1950, p. 16).

figura do leitor é substituída por um sujeito “usuário da informação” como uma entidade totalizadora de todos os públicos, tipos e atividades de leitura. Mais uma vez, desconsideram-se aqui as particularidades e o papel ativo que caracterizam os atos de ler e quem lê, aspectos que, para Capurro (2003), seriam retomados a partir da virada cognitiva dos anos de 1970 e, com mais ênfase, do paradigma social nos anos de 1990, com foco para os contextos que circunscrevem esses atos.

No recorte temporal que interessa a este trabalho, Ramírez Leyva (2007a,b) menciona que, dentre os nomes que emergiriam como figuras para o percurso epistemológico de constituição dos estudos sobre a leitura e a pessoa leitora no campo, notadamente a partir de investigações desenvolvidas nas três primeiras décadas do século XX tanto no contexto ocidental, em países como França, Alemanha e Estados Unidos, através do bibliotecário alemão Walter Hofmann e do estadunidense Douglas Waples, como na paisagem do Leste Europeu, via Rússia, com Roubakine e, no campo da educação popular soviética, Krupskaja.

A autora ressalta o pensamento roubakiniano como singular para o campo em razão de seus construtos teórico-metodológicos sobre as experiências de leitura e a função social das bibliotecas, aportes considerados avançados em sua época ao propor investigações dos leitores não somente a partir dos dados estatísticos de circulação do acervo, mas também de suas configurações psicológicas — as quais guiarium as demais atividades biblioteconômicas. Junto de Simsova (1977), Ramírez Leyva (2007a) coloca os esforços de Roubakine como uma das primeiras tentativas de formulação teórica em Biblioteconomia sobre as experiências de leitura sob um olhar sociopsicológico. Igualmente, Chubarian ([1981?]) e Edson Nery da Fonseca (2007) apontariam para a Bibliopsicologia como caminho de desenvolvimento da leitura e das bibliotecas na Rússia e na União Soviética, demonstrando, para nós, a vanguarda de seus aportes para os estudos da leitura em BCI.

Em nosso olhar, tal incursão epistemológico-histórica encontra em Roubakine não apenas uma das aproximações iniciais com as reflexões que dialogam com as experiências de leitura e sua constituição como domínio científico no campo biblioteconômico-informacional ainda no final do século XIX e início do XX (Ramírez Leyva, 2007a; Saldanha, 2019a; Salomão, 2020), como também e, sobretudo, demonstra sua relação com as condicionantes históricas, políticas e sociais de seu tempo que postulariam o ato de ler e o acesso ao conhecimento como ferramentas de luta pela transformação social.

Diante da paisagem aqui investigada, é possível dizer que a trajetória teórico-metodológica roubakiniana, dada a partir de um movimento biobibliográfico, está colocada, direta ou indiretamente, no centro das discussões sobre os atos de leitura, em clara relação com as reflexões tecidas pelo bibliotecário na e para a Rússia entre as décadas de 1880 e 1920 sobre sua ciência bibliopsicológica. No olhar de Roubakine ([1922] 1998), a leitura é concebida como uma experiência, um fenômeno da mente que reflete e é refletido pela relação do indivíduo com o mundo — em outras palavras, um reflexo da “alma” de quem lê, configurando-se como um sistema complexo de projeções que reflete a posição da consciência do leitor em uma dada realidade social e influencia, por sua vez, na forma em que se relaciona com o objeto lido, na realidade criada a partir de sua interação e, sobretudo, em seu uso e apropriação no real.

Trata-se de pensar o leitor como um depósito de fatos bibliopsicológicos, representados através das sensações físicas, cognitivas, emocionais e dos estados psíquicos transcorridos ao longo das experiências de leitura — influenciadas pelos traços de memória, ou seja, o *mnéma*, grafados em seu organismo durante as vivências no mundo e evocados, de maneira consciente ou inconsciente, quando da interação com um objeto informacional (Roubakine, [1922] 1998; Salomão, 2020). Ainda, Simsova (1966a, 1969) acrescenta que os leitores refletem no objeto lido suas projeções, isto é, configurações psíquicas e contextos construídos durante sua interação com a realidade (formas de perceber, compreender e refletir sobre o real), que são transferidos para os processos de leitura e, sobretudo, na apropriação de um material à luz de suas próprias intersubjetividades e formas de ver o mundo. “Cada leitor conhece apenas sua própria projeção e não o livro propriamente dito” (Simsova, 1966a, p. 121, tradução nossa),¹⁸⁸ nos dirá a pesquisadora tcheca. Mais uma vez, seguindo Roubakine ([1922] 1998), o livro pode ser diferente para o indivíduo em diferentes momentos de sua existência, sendo a apropriação da obra realizada através de uma espessura simbólica que dialoga as próprias concepções do real formuladas pelo leitor ao longo de sua vida com a realidade apresentada por quem escreve.

Nesse contexto, Lígia Dumont (1998, 2020) traz um olhar semelhante, como já observado antes. Para a autora, a leitura pode ser compreendida como uma ação

¹⁸⁸ No original: *Every reader knows only his own projection and not the book itself* (Simsova, 1966a, p. 121).

de interação entre um artefato informacional e um leitor, configurando-se como uma experiência, um ato social circunscrito em uma rede intrincada de relações intersubjetivas que envolvem, de um lado, na mesma direção apontada por Roubakine ([1922] 1998), um leitor, pertencente a um dado contexto e parte de uma dada particularidade e, do outro lado, um indivíduo autor, igualmente produtor de sentidos e posicionado de maneira específica no espaço e no tempo; como instrumento de mediação material e simbólica, está o livro.

Os elementos que integram essas experiências — leitor, objeto de leitura e autoria — se articulam, conforme Salomão (2020), à luz de influências exercidas pelas configurações cognitivas, sociais, históricas e políticas que fundamentam esses processos em uma dada realidade e que, por sua vez, orientam, de forma consciente ou não, os modos de apropriação e uso desses artefatos nesse mesmo real. Colocado de outra maneira, o ato de ler como parte integrante de um processo social que não se efetiva em ações isoladas, mas sim na relação do leitor com o real — as formas em que um indivíduo, ser social, percebe, interpreta, apropria, interage e constrói o mundo, integrando um movimento dialógico em permanente interação (Dumont, 1998; Salomão, 2020).

A partir das vivências na realidade social, bem como dos processos mentais e cognitivos transcorridos durante as experiências de leitura — procura claramente evidenciada nas teorias de Nicolas Roubakine ([1922] 1998), por exemplo —, o indivíduo cria diferentes formas de percepção e apreensão dos símbolos, sentidos e significados presentes no objeto lido (com base em seus conhecimentos prévios de mundo e experiências de vida, conforme Dumont, 1998), de forma a apropriar saberes que podem vir a ser aplicados nos modos de compreensão e interação com o real diante de um posicionamento reflexivo e crítico em relação a esse artefato e ao próprio mundo ao redor (Salomão, 2020). Trata-se de dizer, de outra maneira, que as sensações despertadas no leitor durante os atos de ler são influenciadas diretamente por seu contexto, intersubjetividade e condições de possibilidades de leitura (ou seja, os meios de acesso aos livros, à educação e ao conhecimento), os quais são apresentados à sua consciência e depois empregados para a decodificação e apropriação do texto lido de maneira igualmente particular.

Para Saldanha (2018), seguindo a teoria roubakiniana no contexto das macroestruturas sociais e políticas, significa conceber as experiências de leitura como fenômenos da consciência — esta, subjetiva e particular em sua natureza —,

que partem de gestos de intencionalidade não somente das atividades mentais e cognitivas transcorridas ao longo da interação com um objeto informacional (capacidade de compreensão do real e dos fenômenos), como também de uma intencionalidade política, demarcada por determinadas vivências e visões de mundo registradas na “realidade” apresentada pelo texto (seja em uma temática, um trecho, uma frase, uma palavra), por parte de uma autoria, e que é apropriada por um leitor, também de acordo com os símbolos, sentidos e significados que atribui ao mundo. Aqui, poderíamos refletir, as visões de mundo, já pré-concebidas pelo contexto e pelas experiências particulares de quem lê, moldam sua construção de realidade social e, por sua vez, sua apreensão dos fenômenos apresentados no texto lido (Salomão, 2020).

Mais uma vez, retomando Dumont (1998, 2020) e Salomão (2020), a leitura não seria uma recepção passiva, mas sim uma experiência ativa, decorrente dos processos cognitivos, sociais e simbólicos resultantes da interação entre texto e leitor, cuja apropriação reflete a posição do ser no mundo — as circunstâncias que envolvem seus processos de conhecimento (os sentidos, significações e ressignificações) e a maneira como o indivíduo percebe, interage e transforma esse mesmo mundo. O leitor, ser social, torna-se parte da construção de uma realidade que encontra nos atos de leitura e nos saberes daí apropriados construtos para perceber, apreender e interpretar criticamente o mundo, de modo a constituir potenciais para transformar seus atores e a realidade na qual estão inseridos.

No contexto russo de tessitura do pensamento roubakiniano, atravessado por diferentes modos de opressão e desigualdade (o que pode se estender a outros cenários da atualidade demarcados por dinâmicas de opressão), o bibliotecário russo conceberia a leitura em uma perspectiva social, crítica e política, ancorada em um sentido amplo que transcende sua compreensão como artefato material que propicia tão somente a decodificação de signos linguísticos para alcançar uma leitura crítica do mundo. Em outras palavras, seguindo o curso teórico-metodológico da ciência roubakiniana, a leitura como uma experiência que une teoria e prática em um horizonte, conforme aqui postulado, de práxis transformadora, na qual a apropriação e socialização do conhecimento, sobretudo por parte de grupos sociais historicamente oprimidos, poderia conduzir a diferentes formas de resistir e enfrentar as opressões causadas tanto pelo império czarista, mas também por outras mazelas desencadeadas pelo capitalismo. Mais ainda, poderia direcionar esses estratos ao

desenvolvimento de tomadas de consciência crítica coletiva, na qual esses indivíduos se conscientizariam sobre as opressões existentes em suas realidades sociais — a partir da leitura e do acesso ao conhecimento — e poderiam, então, lutar por uma sociedade transformada, justa, livre e igualitária (Salomão, 2020; Saldanha; Salomão, 2021; Salomão; Saldanha, 2021a) — em um horizonte próximo com as teorias desenvolvidas no campo, décadas depois, a partir dos construtos de Paulo Freire (2011).

Em novembro de 1981, na ocasião de sua palestra na abertura do Congresso Brasileiro de Leitura (COLE), transcorrido em Campinas, São Paulo, Paulo Freire (2011) colocaria a leitura, de maneira semelhante ao que fez Nicolas Roubakine — ainda que em espaços-tempo distintos — diante de uma posição crítica, social e política, reconhecendo este ato como forma de transformação das condições de vida desiguais impostas a determinados grupos sociais (em sua maioria, as classes populares): “Esta ‘leitura’ mais crítica da ‘leitura’ anterior menos crítica do mundo possibilitava aos grupos populares, às vezes em posição fatalista em face das injustiças, uma compreensão diferente da sua indigência” (Freire, 2011, p. 31).

Ainda, tal como demonstrado no curso das vivências de Roubakine com a leitura, também Freire (2011, p. 20) remonta às suas experiências como leitor para tecer sua compreensão sobre o ato de ler: “Primeiro, a ‘leitura’ do mundo, do pequeno mundo em que me movia”, inserindo suas concepções sobre a leitura, inicialmente, em uma leitura do mundo, ou seja, de suas percepções do real, do mundo à sua volta; as atividades perceptivas do lugar onde morava, das pessoas e objetos com os quais interagira. Na visão do pensador, essa “leitura de mundo”, isto é, a percepção e compreensão do contexto, da realidade na qual estava inserido, seria anterior à própria leitura da palavra; mais ainda, a decodificação da palavra não em uma recepção passiva de signos linguísticos, mas sim em uma relação dialógica entre linguagem e real, na qual a leitura da palavra, da frase, da sentença, fluiria “[...] naturalmente da ‘leitura’ do mundo particular” (Freire, 2011, p. 24). O historiador da leitura francês Roger Chartier (2020) compartilha da perspectiva freiriana, apontando que “‘ler’ é, também, antes ou depois da leitura dos escritos, decifrar e compreender a natureza e a sociedade, os comportamentos e os sentimentos, a memória do passado e as situações do presente” (Chartier, 2020, p. 11), alcançando o que Paulo Freire (2011) denominaria como “palavramundo” — a leitura da palavra e do mundo em sua totalidade.

Dito de outro modo, trata-se de um movimento não linear, mas sim dialético, ou seja, atravessado ao mesmo tempo pelas contradições que regem o mundo social — para retomarmos Roubakine ([1922] 1998), a divisão da sociedade em classes, por exemplo, ou seja, aqui, os grupos que detêm ou não os meios e as condições de acesso aos processos de conhecimento — e a circularidade do movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo (o contexto que influi no ato de ler) (Saldanha; Salomão, 2021; Salomão; Saldanha, 2021a,b). Um caminho de práxis transformadora, igualmente vislumbrado na teoria roubakiniana, poderíamos dizer, que revelaria não apenas as possibilidades de escrever e reescrever as leituras de mundo — e vice-versa, a leitura da palavra que reflete e é refletida pela leitura de mundo —, como também de transformar essa mesma realidade a partir de uma prática consciente (Freire, 2011). Aqui, significar e ressignificar o mundo: lê-se a palavra, lê-se o mundo, pensa-se o mundo e transforma-se o mundo.

No ponto de convergência entre as teorias roubakinianas e freirianas, poderíamos refletir que as ações de leitura partem, em um sentido amplo, da compreensão de que os leitores, seres sociais, formam e integram práticas construídas historicamente no interior de relações específicas de poder, com desdobramentos simbólicos e materiais em suas realidades. Para Roubakine ([1922] 1998), significa dizer situado no contexto czarista russo e das demais desigualdades decorrentes de um sistema opressor e capitalista, o que implicaria investigações sobre as condições sócio-históricas dos leitores, sobretudo aqueles pertencentes às camadas menos privilegiadas, ante os moldes (anteriores, mas também atuais) de produção e apropriação de saberes em domínio quase exclusivo de uma elite cultural — influenciando não apenas nas experiências individuais do ser, bem como em suas relações intersubjetivas com o real (Saldanha; Salomão, 2021; Salomão; Saldanha, 2021a).

A reflexão proposta na teoria de Nicolas Roubakine ([1922] 1998) nos sugere que a realidade social só poderia ser efetivamente transformada — ou seja, justa, livre e igualitária — quando as camadas menos desfavorecidas, em especial as classes trabalhadoras russas, estivessem em posse das condições de produção, mediação, circulação, apropriação e uso de diferentes modos de saberes e conhecimentos historicamente não compartilhados pelos grupos elitizados e dominantes; traduzidos, para nós, dentre as várias potencialidades existentes, a partir do acesso à leitura e, por sua vez, do desenvolvimento de tomadas de

consciência crítica coletiva sobre a realidade e seus processos históricos, sociais e políticos, na busca por uma participação ativa das massas populares nos rumos da sociedade, no combate e resistência aos mecanismos de dominação. Mais uma vez, retomando Freire (2011), possibilidades para uma leitura crítica do mundo, ao mesmo tempo precedida e continuada pela possibilidade de leitura crítica da palavra, em uma constante interação dialética que dá sentido às experiências vivenciadas no real (Saldanha; Salomão, 2021; Salomão; Saldanha, 2021a).

No diálogo entre o pensamento de Nicolas Roubakine ([1922] 1998) e Paulo Freire (2011) no âmbito dos estudos biblioteconômico-informacionais da leitura, as ações de percepção, apreensão e interpretação da realidade de forma crítica seriam, antes de tudo, condições fundamentais na luta pela própria voz e por uma “reescrita” do mundo — em outras palavras, um movimento de questionamento e reflexão sobre os construtos que moldam a realidade social. Aqui, a crítica sobre o mundo que nos é dado (por que não dado de outra forma?) como instrumento potencial para a construção de uma sociedade transformada, no caminho de luta e enfrentamento por uma compreensão do ato de ler em sua concepção praxiológica, dada no, para e através dos esforços de condução dos rumos da humanidade em direção a uma “vida nova” (Saldanha, 2019a; Salomão, 2020; Saldanha; Salomão, 2021; Salomão; Saldanha, 2021a). Em termos roubakinianos, trata-se da busca por uma re-humanização da própria humanidade (Roubakine, [1922] 1998), dados os fracassos da Modernidade no plano da justiça social até aquele contexto, ou seja, as primeiras décadas do século XX e a Primeira Guerra Mundial (Salomão; Saldanha, 2021b).

O pensamento roubakiniano em torno do gesto leitor diante de uma realidade social e politicamente construída — e, poderíamos dizer, atravessada por diferentes modos de opressão decorrentes das assimetrias de desigualdade entre as classes no império russo —, desvelaria, a partir da base teórica, histórica e epistemológica de sua Bibliopsicologia (o estudo, formação de leitores e o acesso ao conhecimento para a leitura e a crítica do mundo), o papel revolucionário social possibilitado pela experiência leitora no real e, mais ainda, o comprometimento do campo biblioteconômico-informacional com a transformação social.

Além disso, Ramírez Leyva (2007b) destaca ainda que, no recorte espaço-temporal roubakiniano, os estudos da leitura e da pessoa leitora trouxeram diferentes lentes para o pensamento bibliotecário sobre o papel da biblioteca, do

livro e da ação leitora, tanto no contexto russo pré-revolucionário como, anos depois, na própria constituição epistemológica da BCI que alcançaria a paisagem latino-americana em sua dimensão social e política. Tal enfoque se desenrola, especialmente, se comparado a concepções tomadas como tradicionais no nosso campo, mais próximas ao estudo do livro em sua materialidade (o livro pelo livro) e à centralidade de sua preservação em detrimento do acesso, conforme pensamento dominante (ainda que não em sua totalidade) na Antiguidade e no Medievo. A (re)orientação desses estudos possibilitaria outros olhares para as metodologias traçadas para a investigação de pessoas leitoras (mais interessadas no indivíduo propriamente dito, ou seja, quem é, como pensa e apropria saberes e o mundo, suas necessidades e interesses no plano qualitativo), além de propor outras noções sobre a função social das bibliotecas e das pessoas bibliotecárias.

Essas lentes, para Ramírez Leyva (2007b, p. 67, tradução nossa), seriam articuladas às noções trabalhadas no horizonte roubakiniano no contexto da autoinstrução — “ideia de Roubakine que a UNESCO [Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura] promove desde 1949, em termos de educação permanente, educação para toda a vida e aprender a aprender”.¹⁸⁹ Tais conceitos, em um plano epistemológico-histórico, seriam tratados na BCI em outras escolas e contextos, como a tradição de Chicago com os estudos de uso e de usuário nos Estados Unidos da América e, a partir dos anos de 1970 (tal como se daria com os estudos do leitor ou “usuário”), como parte integrante das discussões sobre competência em informação e, depois, competência crítica em informação — ainda que, na configuração epistemológica desses campos de estudo, ausentem-se reflexões sobre o pensamento e a ciência investigada pelo teórico russo (Bezerra; Schneider; Saldanha, 2019).

Na travessia da atuação roubakiniana, ainda na virada do século XIX para o XX e sob a opressão do czar, vislumbramos, pois, a leitura como condição fundamental na luta pela transformação a partir das possibilidades de horizontes críticos sobre a realidade social, o que implica, podemos sugerir, na constituição de outras lentes históricas e epistemológicas para pensarmos o domínio científico da leitura em BCI. Estas, a partir de abordagens que buscam na própria epistemologia-histórica biblioteconômico-informacional aportes que destacam o

¹⁸⁹ No original: *idea de Roubakine que la UNESCO promueve desde 1949, en términos de educación permanente, educación para toda la vida y aprender a aprender* (Ramírez Leyva, 2007b, p. 67).

pensamento social de Roubakine e, ao mesmo tempo tocam a ação leitora sob uma via não tradicionalmente discutida pelas lentes latino-americanas ou ocidentais do campo, como a de Elza Ramírez Leyva no plano mexicano de seu percurso investigativo no CUIB/IIBI-UNAM, a de Sylva Simsova no Leste Europeu, no contexto dos estudos sobre a leitura e o leitor pela via bibliopsicológica, e a de Oleg Chubarian na paisagem soviética, na qual a teoria roubakiniana assume posição central no horizonte bibliotecário pré-Revolução Russa de 1917.

Na próxima seção, aprofundaremos o horizonte roubakiniano em torno do estudo da pessoa leitora e do gesto leitor a partir de seu diálogo com a prática bibliotecária, que posiciona quem lê no centro das atividades biblioteconômicas diante de um contexto sócio-histórico de ocorrência, caminho que conduz a estrutura do pensamento revolucionário social de Roubakine e, mais ainda, de sua ciência bibliopsicológica.

6 PRÁTICA BIBLIOTECÁRIA COMO UMA PRÁXIS BIBLIOPSICOLÓGICA?: por uma crítica na, da e para a realidade social em Nicolas Roubakine através da leitura

Toda biblioteca russa, por menor que seja, certamente contém algum volume escrito ou editado pelo Dr. Roubakine (Turin, 1929, p. 74, tradução nossa).¹⁹⁰

Nenhuma boa biblioteca deveria ficar sem o trabalho do Sr. Rubakin (Lenin, 1968, p. 17, tradução nossa).¹⁹¹

"Uma biblioteca deve ser uma arma da sociedade na luta por um futuro melhor e servir não somente para a disseminação de conhecimento científico, como também para ajudar a desenvolver uma atitude crítica face à realidade ao redor" (Lindstrom, 1959, p. 133, tradução nossa).¹⁹² A citação de Lindstrom (1959), retirada de um discurso de Nicolas Roubakine de 1907 em São Petersburgo sobre as atividades bibliotecárias e a razão de ser das bibliotecas — mesmo ano em que o teórico russo exilaria definitivamente para a Suíça —, chama atenção para uma das noções mais caras ao pensamento roubakiniano: a luta pela transformação social pela via do livro, da leitura e das bibliotecas, isto é, sua fundamentação praxiológica, como lembrado por Targino (1997) e Meneses Tello (2021), no diálogo entre a teoria crítica marxiana e a atuação da experiência bibliotecária na realidade social.

A orientação central da construção do pensamento de Roubakine está, para Ferrière (1951) e Senn (1977), no potencial da instrução popular — aqui, mediada pela leitura e ação bibliotecária — como ferramenta para as tomadas de consciência e libertação das massas trabalhadoras oprimidas no contexto russo czarista. Dentre uma das possibilidades desveladas pelo horizonte roubakiniano, o caminho em busca de uma “vida nova” poderia ser percorrido a partir da criação e organização de bibliotecas, estas, consideradas como “[...] o reflexo impresso de todo conhecimento humano já registrado” (Rubakin, 1909, p. 20¹⁹³ *apud* Lindstrom, 1959, p. 131, tradução nossa).¹⁹⁴

¹⁹⁰ No original: *Every Russian library, be it ever so small, is certain to contain some volume either written or edited by Dr. Roubakine* (Turin, 1929, p. 74).

¹⁹¹ No original: *No good library should be without Mr. Rubakin's work* (Lenin, 1968, p. 17).

¹⁹² No original: *A library must be a weapon in the struggle for a better future and serve for the dissemination not only of scientific knowledge but also help develop a critical attitude toward the surrounding reality* (Lindstrom, 1959, p. 133).

¹⁹³ RUBAKIN, Nikolai. **Krug znaniy** [Círculo de conhecimento]. São Petersburgo, 1909.

¹⁹⁴ No original: *[...] the reflection in print of all human endeavor that has been recorded by man* (Lindstrom, 1959, p. 131).

Diante dessa paisagem epistêmica, nos interessa, nesta seção, abordar e discutir os construtos que formam e integram o pensamento de Roubakine em torno de uma prática bibliotecária — ou, no bojo do que compreendemos aqui como um horizonte praxiológico que circunscreve a teoria e prática de sua ciência —, ou seja, de uma práxis bibliopsicológica que enxerga em seu papel revolucionário social os potenciais de transformação da realidade.

Na própria biografia dedicada ao bibliotecário, seu filho nos diz que “todo o trabalho dele [de Roubakine] no campo da popularização da ciência e da teoria da leitura estava centrado nas bibliotecas. É difícil imaginá-lo sem uma biblioteca” (Rubakin, A., 1968, p. 62, tradução nossa).¹⁹⁵ Poderíamos ir mais além, destrinchando a profunda relação entre as vivências roubakinianas e o horizonte praxiológico entrevisto em sua Bibliopsicologia:

Na véspera de sua emigração para a Suíça, Roubakine pediu a democratização das bibliotecas, desde a aquisição e desenvolvimento de coleções até a classificação e assistência aos leitores, a fim de facilitar integralmente o objetivo de autoinstrução das massas (Stuart, 1998, p. 432, tradução nossa).¹⁹⁶

Do lugar de onde Nicolas Roubakine nos fala, ou seja, no centro da autocracia czarista, às vésperas de seu exílio para a Suíça, Smith-Peter (2005) aponta para a hostilidade deste regime político no que se refere aos interesses e atividades sociais que tocam as condições de acesso ao conhecimento. Embora seja possível verificar a existência de bibliotecas públicas na Rússia desde as primeiras décadas do século XIX, como antes colocado, o império de Nicolau I, por exemplo, seria caracterizado, já ali, entre os anos de 1830 e 1850, não apenas pelo controle exercido sobre o que era produzido e alcançava as camadas populares (Andrews, 2013), como também pelos obstáculos impostos à disseminação da leitura e das atividades de bibliotecas, partindo do receio de que, nos cenários de agitação política que precederiam os esforços a favor da destituição do czar, as bibliotecas poderiam se transformar em centros de produção e circulação de ideias concebidas como subversivas, as quais seriam utilizadas pelos círculos revolucionários para o combate ao absolutismo (Smith-Peter, 2005). Lembremos das duas bibliotecas construídas por Roubakine ao

¹⁹⁵ No original: *His whole work in the field of popular science and theory of reading was centred in libraries. It is hard to imagine him without a library [...]* (Rubakin, A., 1968, p. 62).

¹⁹⁶ No original: *On the eve of his emigration to Switzerland Rubakin called for the total democratization of libraries, from acquisitions and collection development to classification and readers services, in order to facilitate fully the goal of self-education for the masses* (Stuart, 1998, p. 432).

longo de sua vida, centrais, como pontuado por Senn (1973), para a produção, circulação e discussão de textos críticos à ordem sociopolítica vigente, o que integraria a luta pelo fim do império russo, já nas últimas décadas do século XIX, bem como o cenário de formação intelectual da Revolução Russa de 1917.

Notadamente neste período pré-revolucionário no qual as atividades bibliotecárias de Roubakine encontram-se circunscritas, Ramírez Leyva (2007b) nos lembra que, em meio às instabilidades políticas que, mais tarde, colocariam a instrução popular e as bibliotecas públicas no centro da luta por uma vida melhor na Rússia, os debates em torno da prática bibliotecária assumem contornos sociais, políticos e culturais, voltados para a socialização do livro e da leitura, o estímulo à autoinstrução e a orientação e capacitação de pessoas leitoras em oposição ao controle imposto pelas autoridades czaristas no que se refere à produção e circulação de saberes. Em específico, no contexto de discussões sobre a função social das bibliotecas, a pesquisadora mexicana aponta para o predomínio de estudos científicos cujas finalidades repousam não apenas nas análises quantitativas do uso das coleções — até então, utilizado como método base para definir os interesses das pessoas leitoras —, mas sim na investigação sobre suas demandas à luz de dimensões sociais e psicológicas, bem como dos efeitos suscitados pelo livro — abordagem identificada no percurso roubakiniano.

Igualmente, para Mary Stuart (1998), no contexto de luta pela democratização das bibliotecas públicas na Rússia nos anos de 1880 e 1890 — período de intensas perseguições políticas, vigilância e censura perpetradas pelo regime czarista —, estaria dado o objetivo-fim do trabalho bibliotecário: possibilitar às camadas populares condições de desenvolvimento crítico pela via do acesso ao livro e à leitura. Em outras palavras, tratar-se-ia de prover meios para o esclarecimento dos grupos sociais mais atingidos pelas desigualdades impostas, naquele espaço-tempo, pelo império russo, de modo que pudessem, ali, reconhecer seus interesses e perceber a realidade em sua totalidade: “[...] ensinados a ler e providos de uma quantidade suficiente de livros adequados, camponeses e trabalhadores poderiam tomar seu lugar como cidadãos” (Stuart, 1998, p. 425, tradução nossa)¹⁹⁷ — esse caminho poderia também ser vislumbrado, do ponto de vista roubakiniano, a partir das condições de acesso às bibliotecas públicas e, acima de tudo, às atividades

¹⁹⁷ No original: *Taught to read and supplied with a sufficient quantity of the right books, peasants and workers would take their place as citizens and productive members of society* (Stuart, 1998, p. 425).

bibliotecárias em sua função social, ou seja, em sua função praxiológica de transformação do mundo (Salomão; Saldanha, 2023a).

Tal enfoque dialoga, conforme antes apontado por Chubarian ([1981?]), com o próprio avanço dos movimentos sociais e políticos na Rússia a favor da destituição do czarismo, contexto em que podemos vislumbrar esforços para as tomadas de conscientização crítica coletiva a partir do acesso à leitura e ao conhecimento por parte dos estratos sociais mais desfavorecidos, alinhados ao desenvolvimento de bibliotecas públicas e populares, sobretudo em zonas rurais, como reflexo desses mesmos movimentos. Isto implicaria, ainda segundo o autor, na necessidade de configuração de outras lentes para pensar conceitos, teorias, métodos e objetos do campo biblioteconômico, voltados para o papel social e cultural das bibliotecas, a leitura “autodidata” e suas formas de orientação, a formação de práticas de leitura e pessoas leitoras, os meios para atender essas pessoas usuárias (Chubarian, [1981?]) — questões, como evidenciado ao longo desta pesquisa, que ocupariam o núcleo da luta roubakiniana para a transformação da realidade social e que, no olhar chubariano, contribuiriam para demarcar a Biblioteconomia como campo científico do conhecimento e, poderíamos arriscar afirmar, a própria leitura como disciplina formadora e integrante desta área do saber.

Na visão do teórico, seria Roubakine a introduzir pela primeira vez no campo biblioteconômico russo métodos científicos de análise das atividades bibliotecárias, em específico, no que se refere ao estudo das pessoas leitoras, como antes observado por Ramírez Leyva (2007b). A atuação e os trabalhos de Roubakine no plano bibliopsicológico seriam fundamentais, ainda conforme Chubarian ([1981?]), para o avanço dos estudos sobre o autodidatismo e a posição das bibliotecas como centros de instrução popular, considerando as assimetrias no que se refere ao acesso à educação às classes populares. No bojo da opressão czarista, nos diz o autor russo, a luta roubakiniana pela democratização das bibliotecas, pela compreensão de seus *loci* como foco de disseminação da melhor literatura (para apropriar saberes que poderiam ser aplicados no real para pensar criticamente sobre esse mesmo real), para os esforços a favor do autodidatismo e, não menos importante, para o estudo das pessoas leitoras e suas experiências de leitura, teriam, em seu tempo, um significado revolucionário. Se retomarmos, por exemplo, o olhar de Ramírez Leyva (2007b) sobre o pensamento roubakiniano, significa

posicionar a centralidade dos estudos sobre a leitura e a pessoa leitora no cenário de demarcação inicial da epistemologia biblioteconômica russa.

No pensamento de Roubakine, em diálogo direto com a perspectiva colocada pela pesquisadora mexicana a respeito do enfoque das bibliotecas, significa dizer que “o centro da biblioteca [...] não é o livro, mas uma pessoa viva e um grupo social” (Rubakin, A., 1979, p. 86, tradução nossa).¹⁹⁸ Dito de outro modo, a centralidade das bibliotecas, em especial as públicas, estaria, portanto, na promoção de seu uso por parte das pessoas leitoras em uma posição de acesso igualitário ao livro, à leitura e às bibliotecas, e não mais somente nas atividades de acumulação e preservação de livros, concepção predominante durante a Antiguidade e o Medievo (Ramírez Leyva, 2007b).

Diante desse horizonte, o objetivo de cada biblioteca estaria em:

[...] munir o leitor com conhecimento, compreensão e um estado de espírito ativo no trabalho de autoinstrução [...]. Uma biblioteca não é um lugar para o empréstimo passivo de livros ao leitor, como as mercadorias são vendidas em uma loja; esta é uma arma, e uma arma afiada; estas são faíscas que despertam uma pessoa com interesse na ciência, no conhecimento e na luta (Rubakin, A., 1979, p. 86, tradução nossa).¹⁹⁹

A biblioteca é tomada, pois, não como um *locus* passivo, à espera das demandas das pessoas leitoras, mas sim um centro cultural e educacional, um espaço ativo que vai até o leitor, que o encontra no “meio do caminho” e revela-lhe todas as suas riquezas (seu acervo, seus produtos e serviços), permitindo, assim, que ele escolha o que lhe interessa. Dito de outra forma, que não espera que o leitor vá até a biblioteca, mas sim pense em estratégias que o atraiam para seu uso (Rubakin, A., 1968), em posição semelhante às reflexões tecidas por Ranganathan (2009) e suas cinco leis da Biblioteconomia na década de 1930, atuando, a biblioteca, como um verdadeiro centro não apenas para o acesso ao livro e à leitura, mas também, fundamentalmente, um espaço de sociabilidade, de produção, circulação e troca de saberes voltados para o desenvolvimento de reflexões críticas

¹⁹⁸ No original: *Центром библиотеки [...] является не книга, а живой человек и социальный коллектив* (Rubakin, A., 1979, p. 86).

¹⁹⁹ No original: *[...] это вооружение читателя знанием, пониманием, активным настроением в работе над самообразованием [...]. Библиотека это не место для пассивной выдачи книг читателю, как отпускают товар в лавке; это оружие, и оружие острое, это искры, которые зажигают человека интересом к науке, знанию, борьбе* (Rubakin, A., 1979, p. 86).

sobre a realidade ao redor, tal como intentara Roubakine com as duas bibliotecas que construiu ao longo de sua vida.

Mais uma vez em proximidade com o pensamento rangathaniano, Roubakine ([1922] 1998) nos diz que a organização e formação de uma biblioteca deve ser realizada de forma a facilitar e estimular a circulação dos livros para intensificar ao máximo sua influência, ou, poderíamos dizer, “os livros são para usar”, tal como enunciado pela primeira lei da Biblioteconomia de Ranganathan (2009). Além disso, a ação da biblioteca deve ser potente e rápida, ela “não deve esperar que os leitores venham até ela, porque é ela que deve apropriar-se deles” (Roubakine, [1922] 1998, p. 70, tradução nossa),²⁰⁰ ou, poderíamos dizer, uma postura ativa deste *locus* para com esses indivíduos, o que se dá, dentre outros aspectos, via investigação sobre seus interesses de leitura e, a partir daí, disponibilização de livros que “[...] correspondam a todos os principais tipos psíquicos de leitores que se encontram em uma determinada localidade” (Roubakine, [1922] 1998, p. 70, tradução nossa),²⁰¹ significa dizer que “a biblioteca deve indicar e fornecer ao leitor não apenas bons livros, mas também livros que correspondam ao caráter pessoal de cada um” (Roubakine, [1922] 1998, p. 70, tradução nossa),²⁰² no que Ranganathan (2009) posicionaria nas atividades de atendimento ao leitor, representadas nas segunda e terceira leis, “a cada leitor seu livro” e “a cada livro seu leitor”.

O pensador coloca ainda que as bibliotecas devem mostrar que é possível economizar a força e o tempo dos leitores sem prejudicar a qualidade dos serviços prestados, o que poderia ser alcançado a partir de sua organização (seu arranjo nas estantes e no catálogo, bem como as atividades de catalogação e classificação, por exemplo). Para Roubakine ([1922] 1998), repousa aqui a noção de economia de forças, articulada em sua quinta lei da Bibliopsicologia, no sentido de fazer a biblioteca funcionar com o máximo de resultados e o mínimo de esforço e, para Ranganathan (2009), poderíamos dizer, as ideias trabalhadas em sua quarta lei, “poupe o tempo do leitor”. Nicolas Roubakine nos diz que “devemos fazer da

²⁰⁰ No original: *[...] ne doit pas attendre que les lecteurs viennent à elle, car c'est elle qui doit s'emparer d'eux* (Roubakine, [1922] 1998, p. 70).

²⁰¹ No original: *[...] répondant à tous les principaux types psychiques de lecteurs qui se rencontrent dans une localité déterminée* (Roubakine, [1922] 1998, p. 70).

²⁰² No original: *La bibliothèque doit indiquer et donner au lecteur, non seulement de bons livres, mais encore des livres qui répondent au caractère personnel de chacun* (Roubakine, [1922] 1998, p. 70).

biblioteca um organismo vivo [...]” (Rubakin, A., 1979, p. 87, tradução nossa),²⁰³ dialogando, nesse ponto, com as fundamentações biológicas que marcam sua ciência a partir de Richard Semon, representadas, possivelmente, pela expressão “organismo vivo”, bem como as relações com o pensamento rangathaniano em sua quinta lei, “a biblioteca é um organismo em crescimento” (Ranganathan, 2009).

No ponto que aproxima as teorias rangathanianas e rubakinianas, a prática bibliotecária, ou seja, a elaboração de métodos e instrumentos biblioteconômicos, como os catálogos, o estudo do leitor e a recomendação de leituras, encontra-se no interior dos esforços a favor de sua aplicação em um horizonte social, aqui, das tomadas de consciência crítica. A biblioteca deveria, portanto, ser um verdadeiro centro de educação extraescolar.

A partir das discussões explicitadas, estão posicionadas as formas pelas quais a noção de práxis bibliotecária, delineada por Targino (1997) e Meneses Tello (2021), se encontra fortemente comprometida com as condicionantes históricas, sociais e políticas de seu tempo, visão corroborada em outro lugar por Sonia Gomes (1982), a partir da compreensão de que as bibliotecas estão circunscritas em uma dada estrutura social que segue determinados padrões e valores culturais, não sendo possível pensá-las sem pensar em seus construtos sociais. A filosofia de Paulo Freire (2011), ancorada em uma perspectiva crítico-democrática das bibliotecas populares e das atividades coletivas de leitura, partilha dessa concepção, apontando para esses espaços como ambientes privilegiados para uma compreensão crítica do artefato lido segundo suas relações com o contexto no qual se insere, ou seja, a significação da leitura diante de uma experiência simbólica fundada nas realidades intersubjetivas de seus atores, dos objetos e, em sentido amplo, do próprio mundo ao redor.

Igualmente, Meneses Tello (2013), na relação estabelecida entre biblioteca e sociedade a partir de uma dimensão sociológica, destaca sua função como instituição/agente social e posiciona a biblioteca pública como parte integrante de uma práxis bibliotecária orientada por e para uma ação no real, ou seja, orientada por uma certa “consciência social” por parte das pessoas bibliotecárias que, a partir de suas atividades, possibilitam o funcionamento dessas bibliotecas e expandem o alcance de seus impactos na realidade. Na visão do autor, diante da necessidade de

²⁰³ No original: *Мы должны сделать библиотеку живым организмом [...]* (Rubakin, A., 1979, p. 87).

construção de uma sociedade justa, livre, igualitária e democrática, dada, dentre uma de suas potencialidades, pelo acesso à leitura para todos os indivíduos.

Aí estaria, fundamentalmente, a significação social e o princípio ético-teleológico desta instituição: um *locus* voltado para a prestação de serviços públicos que encontra em seu *ethos* a luta pela liberdade e igualdade de acesso ao conhecimento, no caminho de busca por uma “vida nova”, tal como evocado pelo pensamento roubakiniano (Roubakine, [1922] 1998). Dito de outro modo, uma sociedade verdadeiramente democrática, demonstrando, no plano da justiça social e da própria práxis bibliotecária, um horizonte político de transformação do mundo (Saldanha, 2019a). Para Meneses Tello (2021, p. 74, tradução nossa):

A práxis bibliotecária a favor da libertação deve contribuir para despertar, nas comunidades leitoras e usuárias de bibliotecas, a responsabilidade social para transformar o mundo em algo que supere as mazelas sociais geradas pela grave exploração capitalista [...].²⁰⁴

Essa perspectiva colocaria as bibliotecas públicas como parte de uma estrutura social voltada para o atendimento e serviço às camadas sociais mais necessitadas. Tais reflexões, objeto de análise e discussão no ensaio *The psychology of the public library* (A psicologia da biblioteca pública), escrito por Roubakine em coautoria com sua assistente Marie Bethmann em 1937 e incluído na obra editada por Simsova (1968a), posiciona esta tipologia de biblioteca como *locus* de exercício de cidadania e compreensão do mundo via acesso ao livro e à leitura, possibilitado e mediado pelas atividades biblioteconômicas. As ideias sobre sua democratização se dariam não só a partir do direito de todas as pessoas em utilizar esses espaços, mas também das oportunidades e meios para que esses indivíduos possam utilizar as bibliotecas em todo seu potencial de transformação (Rubakin, N.; Bethmann, 1968).

No bojo das opressões czaristas que demarcariam a trajetória de construção do pensamento roubakiniano, o teórico russo clamaria pela necessidade de desenvolvimento de bibliotecas e acervos ancorados nos propósitos de instrução e popularização científica, acreditando que isso contribuiria não apenas para o

²⁰⁴ No original: *La praxis bibliotecaria en favor de la liberación debe ayudar a despertar, en las comunidades de lectores y usuarios de bibliotecas, la responsabilidad social por transformar el mundo en algo que supere las lacras sociales que genera la grave explotación capitalista [...]* (Meneses Tello, 2021, p. 74).

entendimento, mas, sobretudo, conforme horizonte epistêmico de sua ciência, para a percepção crítica do mundo ao redor:

‘Esses livros devem oferecer ao leitor uma compreensão da realidade, de seu entorno e de tudo o que existe; e, com isso, o valor do trabalho e da solidariedade — os quais devem estar na base da democracia contemporânea, do socialismo e do comunismo (Rubakin, 1927, p. 62²⁰⁵ *apud* Andrews, 1989, p. 12).²⁰⁶

Ainda, para Senn (1977, p. 14, tradução nossa):

O trabalho bibliotecário, afirmou Rubakin [...], implica sérias responsabilidades sociais. A biblioteca deve ter uma estrutura democrática, fornecendo livros às pessoas que realmente precisam deles, que são as mais desprovidas de riqueza sob o sistema capitalista. A biblioteca deve ser sensível à psicologia social e ao momento histórico vigente. A biblioteca representa ‘uma arma da sociedade na luta por um futuro melhor’.²⁰⁷

Essa concepção coloca o indivíduo como objetivo-fim de toda ação informacional. Para N. Rubakin e Bethmann (1968), o trabalho bibliotecário deve ser orientado por e para o usuário — no léxico roubakiniano, para o leitor: “As funções sociais de uma biblioteca pública são determinadas, em primeiro lugar, pelas atividades subjetivas do leitor e seus objetivos particulares” (Rubakin, N.; Bethmann, 1968, p. 9, tradução nossa).²⁰⁸ Foco de toda tessitura bibliopsicológica: tudo para o leitor, pelo leitor, no leitor, ou, o leitor é tudo.

A partir dessa compreensão central para a Bibliopsicologia, as noções desenvolvidas por N. Rubakin e Bethmann (1968) sobre as atividades biblioteconômicas evocam, para nós, processos concebidos como tradicionais no nosso campo, colocados à luz da própria estrutura positivista do método bibliopsicológico e orientados por análises quanti-qualitativas que definem leis e

²⁰⁵ RUBAKIN, Nikolai. Kak pisat' nauchnye knizhki dlia chitatelia: bibliopsikhologicheskii printsipy popularizatsii [Como escrever livros científicos para o leitor: princípios bibliopsicológicos de popularização], *Kniga i profitoiuzy*, [S. l.], n. 2, 1927.

²⁰⁶ No original: ‘These books should bring the reader into an understanding of reality, his surroundings, and all that exists; and with this the worth of work and solidarity - which must be on the basis of contemporary democracy, socialism, and communism’ (Rubakin, 1927, p. 62 *apud* Andrews, 1989, p. 12).

²⁰⁷ No original: *Library work, Rubakin asserted [...] entailed serious social responsibilities. The library must have a democratic structure, providing books to those people who really needed them, who were the most deprived of wealth under the capitalist system. The library must be responsive to social psychology and to the given historical moment. The library represents ‘a weapon of society in the struggle for a better future’* (Senn, 1977, p. 14).

²⁰⁸ No original: *The social functions of a public library are therefore determined first of all by the reader’s individual activity and particular aims* (Rubakin, N.; Bethmann, 1968, p. 9).

critérios para mapear o comportamento do indivíduo durante as experiências de leitura e seus modos de apropriação de saberes, embora articulados em um contexto pragmático de aplicação. No trabalho de 1937, sobressaem centralmente considerações relacionadas ao catálogo, à classificação de livros e leitores, à seleção e circulação de acervo, ao estudo de usuários e serviço de referência (a assistência aos leitores como ponto focal da teoria roubakiniana) e, não menos importante, à própria figura bibliotecária; ou seja, todos os processos que envolvem a procura pelo livro exato para os objetivos, interesses e características psicológicas de quem lê (Rubakin, N.; Bethmann, 1968). Para as autorias:

Ele [o bibliotecário] deve ajudar os leitores a se tornarem conscientes de seu papel social, das raízes mais profundas de sua existência. Ele deve fornecer bases sólidas para suas vivências, um conjunto definido de critérios para seus julgamentos. [...] Para isso, ele tem em suas mãos a ferramenta mais poderosa, a maior alavanca que a civilização humana já produziu: o livro (Rubakin, N.; Bethmann, 1968, p. 24-25, tradução nossa).²⁰⁹

“As raízes mais profundas de sua existência” significam, para a Bibliopsicologia, adentrar a alma humana, alcançar princípios sociais, éticos e morais que, segundo Roubakine ([1922] 1998), encontram-se latentes no íntimo de cada pessoa e constituem instrumentos para as tomadas de consciência coletiva; em outras palavras, “as bases sólidas para as suas vivências”, ou seja, a aplicação no real. Isso nos coloca diante do que N. Rubakin e Bethmann (1968) compreendem como um dos princípios fundamentais para a investigação do comportamento psicológico do leitor: a primazia da realidade subjetiva no meio social. Dito de outra forma, os indivíduos vivenciam o real de formas distintas, razão pela qual não só os efeitos, a apreensão e interpretação dos signos linguísticos que integram essa realidade — materialmente, do objeto lido e, simbolicamente, do mundo —, como também a busca por conhecimento, a maneira em que as demandas são apresentadas e atendidas pela pessoa bibliotecária (esta, igualmente posicionada de maneira específica no real), são dadas a partir de significações também particulares (Salomão; Saldanha, 2023a).

²⁰⁹ No original: *He must help them to become aware of their social role, of the deep roots of their existence. He must give them a solid basis for their lives, a definite set of criteria for their judgment. [...] To do this he holds in his hands the most powerful tool, the most gigantic lever that civilisation has ever produced: the book* (Rubakin, N.; Bethmann, p. 24-25).

Conforme já mencionado, o conteúdo de uma obra e a realidade que se constrói a partir dela são resultados das experiências das pessoas no mundo social, armazenadas em seu *mnéma* e revividas, consciente ou inconscientemente, durante os atos de ler, propiciando diversos sentidos e significações do que foi lido; ação que se altera continuamente, dependendo das influências internas e externas que circundam os atos de leitura — ou seja, o livro nunca é o mesmo e as sensações (psíquicas, físicas, emocionais) despertadas e a apropriação que se faz dele por diferentes leitores podem se modificar à medida em que esses leitores se modificam (Roubakine, [1922] 1998). Isso nos leva à compreensão, a partir do exposto pelas autorias, de que é preciso investigar os diferentes tipos de usuários (leitores) de maneira específica, seus modos de ler e apropriar saberes diante de um contexto demarcado por condicionantes sociais, históricas, culturais, políticas e psicológicas.

Desse modo, seguindo Ferrière (1951), no âmbito das atividades bibliotecárias, as ações que envolvem os estudos de leitores e serviços de referência devem ser orientadas para a análise e compreensão dos contextos e intersubjetividades desses indivíduos, obtidos a partir da aplicação de questionários (orientado pela própria estrutura positivista do método roubakiniano) que contemplem diferentes aspectos de suas vivências, ou, conforme Saldanha (2019a), categorias sociais complexas, como: meio social em que vive, nível de instrução, ocupação, livros lidos e as reações a eles, autorias, temáticas e áreas do conhecimento de interesse e/ou maior facilidade/dificuldade, se e como se dá a busca por materiais de leitura.

Para nós, uma questão particularmente interessante colocada pelo autor: o que o leitor procura e espera de um livro — que esclareça sua mentalidade, ou seja, que forneça saberes voltados para as possibilidades de percepção e reflexão sobre o mundo ao redor, e/ou se busca respostas para questões concernentes à vivência prática — a aplicação de saberes no real em uma proposta que se aproxima de um saber instrumental (Ferrière, 1951). Tal procura está ancorada, para N. Rubakin e Bethmann (1968), em bases biológicas, antropológicas, sociais e psicológicas, estas duas últimas, interesse nuclear da Bibliopsicologia.

Nesse caminho, poderíamos dizer que a busca da teoria roubakiniana pelo livro mais adequado para o leitor vai além, repousando na elaboração de critérios de classificação dos usuários de acordo com as formas como pensam e conhecem o mundo e apropriam saberes (Estivals, 1998). Os critérios metodológicos são

estabelecidos a partir do estímulo de estados mentais que possibilitem a compreensão dos impactos de um texto em quem lê, ou seja, condições sob as quais o indivíduo pode perceber como o processo de leitura age sobre sua estrutura psíquica (Saldanha, 2019a) — a introspecção já pontuada por Simsova (1966a).

Conforme Ferrière (1951), tendo como base questionários aplicados por Roubakine via correspondência com pessoas leitoras em diferentes partes do mundo, sobressaem algumas dessas tipologias psíquicas: dedutivos e indutivos; analíticos e sintéticos; teóricos e práticos; abstratos e concretos; idealistas e realistas; emotivos e não emotivos; subjetivos e objetivos. Thaïs Lindstrom (1959) recupera outros quatro grupos: semiletrados; alfabetizados; cultos; e especialistas — critérios que poderiam servir, por exemplo, para as atividades de classificação de livros, seguindo uma orientação voltada para os graus de dificuldade das obras que compõem o acervo e seus respectivos leitores potenciais, conforme indicado ao abordarmos a bibliografia roubakiniana, *Sredi knig*, e seus arranjos.

Esses critérios nos apontam que as pessoas bibliotecárias, ao investigarem as pessoas usuárias à luz de suas bases psicológicas e sociais, teriam mais subsídios para compreender suas demandas da forma mais exata possível, para que possam, a partir daí, recuperar obras que correspondam às suas necessidades, contextos e características mentais (qual linguagem, autoria, abordagem, suporte, formato?). Poderíamos ir além, sugerindo que esse método de classificação de leitores contribuiria, igualmente, para a descoberta de aptidões, interesses e tendências — em muitas vezes, inconscientes —, como os posicionamentos éticos, morais, sociais e políticos que, uma vez identificados pelas pessoas bibliotecárias, poderiam ser utilizados como construtos para a orientação e recomendação de materiais de leitura capazes de aflorar um espírito crítico na vivência do real (Ferrière, 1951; Roubakine, [1922] 1998).

Nessa direção, Adolphe Ferrière (1951, p. 52) nos diria que a contribuição do método bibliopsicológico estaria não apenas nos estudos sobre a leitura e o leitor, como também, em um sentido mais amplo, na transformação da sociedade como um todo: “[...] a leitura é um ato de criação e de libertação de nossas forças positivas, uma tomada de consciência” — próxima da concepção freiriana de uma leitura crítica da palavra e do mundo (Freire, 2011). As atividades bibliotecárias e, em especial, a compreensão do comportamento psicológico de quem lê, poderiam ser direcionadas, portanto, para ações e materiais que incentivem uma postura crítica da

leitura diante de uma realidade constantemente atravessada por embates políticos nas formas de produção e circulação de conhecimento.

Tratar-se-ia, por um lado, de um estudo dos leitores voltado para conhecer quem é esse indivíduo, o que, como sabe e o que e como deseja saber e, por outro, de tentativas de combate, via leitura e ação bibliotecária, às formas de concepção do mundo que criam e reafirmam injustiças sociais — caminho pelo qual N. Rubakin e Bethmann (1968) nos dirão que livros devem ser selecionados e recomendados pelas pessoas bibliotecárias como forma de refutar essas mesmas noções através de argumentos científicos. Tal posição colocaria, pois, a Bibliopsicologia no centro dos estudos dos leitores a partir não de uma abordagem e classificação generalistas de um leitor — para as autorias, a noção de um "leitor geral", com características iguais para toda ação informacional ou, conforme Ramírez Leyva (2007b), uma entidade totalizadora de todos os públicos —, mas sim de atividades centradas na busca pelas particularidades dessa pessoa leitora e seus modos de conscientização crítica a partir da leitura mediada pelo trabalho bibliotecário.

Nessa abordagem, significa dizer que o acervo de uma biblioteca deve representar, com precisão, a realidade social de seu espaço-tempo, enfoque que nos direciona para a centralidade do uso e circulação de livros na teoria roubakiniana, o que influenciaria, segundo Simsova (1977), na proposta do bibliotecário russo acerca da formação e desenvolvimento de coleções. Para N. Rubakin e Bethmann (1968, p. 15, tradução nossa), "O livro não faz o seu trabalho parado na estante".²¹⁰ Mais uma vez, como já comentado, tal noção, também amplamente discutida em outro lugar, na Índia da década de 1930, por Shiyali Ranganathan (2009) e suas cinco leis da Biblioteconomia, em especial a primeira: "os livros são para usar", postularia, seguindo a interpretação de Sebastião de Souza (1986), a universalidade da informação, ou seja, uma atividade bibliotecária orientada para o acesso irrestrito ao conhecimento a todas as camadas sociais e às diferentes realidades que integram o conjunto de usuários reais e potenciais, transformando a biblioteca em um *locus* de liberdade e cultura, como antes já pontuado por Roubakine ([1922] 1998).

Por esse motivo, o foco central desta práxis está na seleção e aquisição de obras que dialogam com o momento histórico vigente e, ao mesmo tempo, sob a influência dos objetivos de educação popular e divulgação científica, sirvam como

²¹⁰ No original: *The book does not do its job standing on the shelf* (Rubakin, N.; Bethmann, 1968, p. 15).

uma enciclopédia do conhecimento sobre e para todas as ciências — a biblioteca como um reflexo de toda produção de conhecimento humano registrado, como antes observado. Em outros termos, trata-se de compor uma coleção voltada para a diversidade de temáticas, níveis de instrução, autorias e materiais de leitura; um acervo que contemple todos os pontos de vista, alcance diferentes pessoas usuárias a partir de uma linguagem simples e facilite sua apropriação pelos indivíduos mais afastados das condições de desenvolvimento intelectual (Andrews, 1989).

Mais uma vez, tal posicionamento está dado sob as influências positivistas que regem o método bibliopsicológico não somente no que se refere à formação de uma coleção capaz de abarcar “o universo como um todo” (Rubakin, N.; Bethmann, 1968, p. 22, tradução nossa),²¹¹ deadobramento da influência comteana no pensamento roubakiniano, como também, no espectro político pré-Revolução Russa de 1917, no que poderia ser entendido como uma atuação aparentemente neutra do profissional bibliotecário. Este deveria, segundo N. Rubakin e Bethmann (1968), adotar uma postura dita imparcial nos processos de seleção, respeitando as necessidades das pessoas usuárias e não incorrendo em atos de censura e negligência sobre temáticas e/ou autorias em razão de opiniões pessoais — postura que repercutiria negativamente na comunidade bibliotecária do período pré-revolucionário russo por acreditar que Roubakine estaria incentivando, no campo biblioteconômico, posições apolíticas e acríticas (Chubarian, [1981?]; Stuart, 1998; Ramírez Leyva, 2007b).

Especificamente sobre esse ponto, Chubarian ([1981?]) coloca que foi o próprio Roubakine quem introduziu na prática bibliotecária russa o que o pesquisador soviético concebe como um certo “apolitismo” das bibliotecas ao se manifestar contra a ideia de um partidarismo unilateral e a favor de uma atitude considerada tolerante em relação às opiniões exteriores. Na seara de construção de um pensamento ideológico soviético que se respaldaria em uma perspectiva marxista-leninista para a consolidação de um discurso e de uma prática bibliotecária, o autor acredita que “Roubakine negava, em essência, o caráter de classe da biblioteconomia, e suas intervenções teóricas entravam em contradição com a prática do trabalho bibliotecário” (Chubarian, [1981?], p. 24, tradução nossa),²¹²

²¹¹ No original: *the universe as a whole* (Rubakin, N.; Bethmann, 1968, p. 22).

²¹² No original: *negaba, en esencia, el carácter clasista de la biblioteconomía, y sus intervenciones teóricas entraban en contradicción con la práctica del trabajo bibliotecario* (Chubarian, [1981?], p. 24).

evocando, para tanto, a resenha de Lenin sobre a obra bibliográfica roubakiniana *Sredi knig*, na qual o líder político criticou a análise de Roubakine sobre a circulação de livros, considerada fora de uma análise classista (aqui, notadamente, a marxista). Desse modo, Chubarian ([1981?]) demarca as tendências liberais que atravessam, em sua visão, as teorias roubakinianas, não relacionado, pois, às condições sociais concretas da realidade, ou seja, às condições materiais do real em sua totalidade — perspectiva que se desdobra do próprio posicionamento ideológico chubariano e de outras pessoas intelectuais do século XX que, já no período soviético, criticariam Roubakine por suas abordagens para além de um horizonte dialético-materialista.

Em nossa interpretação, apesar de uma pretensa imparcialidade postulada pela estrutura metodológica da Bibliopsicologia fundada no positivismo — e da compreensão de que o profissional bibliotecário é um ser social e, por isso, a impossibilidade de uma postura isenta nos processos biblioteconômicos — a proposta roubakiniana nos parece longe de ser desprovida de elementos críticos, sociais e políticos. Seus aportes nos sugerem as potencialidades de reflexões e tomadas de consciência orientadas por uma práxis bibliopsicológica, sobretudo ao uso dos livros como forma de refutar naturalizações do real (Rubakin, N.; Bethmann, 1968), ou seja, uma reflexão crítica capaz de conduzir a uma (re)construção e, talvez, destruição, dos sentidos que moldam uma realidade social forjada por valores dominantes e opressores; cumpre um questionamento acerca do mundo tal como nos é dado: por que nos é dado desse modo e não de outro?

Uma postura crítica frente ao acervo das bibliotecas e, em sentido amplo, ao mundo, poderia ser igualmente dada a partir das atividades de representação, metarrepresentação — aqui, os catálogos, bibliografias, esquemas de classificação de livros e organização do conhecimento. Na abordagem bibliopsicológica, os princípios que regem esses processos estão voltados, antes de tudo, para a disponibilização irrestrita desses materiais: “uma verdadeira democratização implica o acesso ilimitado e a oportunidade de obter livros de todos os tipos (Rubakin, N.; Bethmann, 1968, p. 10, tradução nossa)²¹³ — foco do que as autoras colocam como ferramentas para a democratização das bibliotecas: a catalogação e classificação. Estas, a partir da construção de técnicas e instrumentos que deem conta de representar as construções e interpretações do real, a diversidade das pessoas

²¹³ No original: *A true democratization implies the limitless right and opportunity to obtain books of all kinds* (Rubakin, N.; Bethmann, 1968, p. 10).

usuárias do conhecimento, seus contextos, níveis de instrução e tipos psicológicos, as variedades de assuntos e pontos de vista possíveis para representar tematicamente um documento.

O catálogo deveria refletir, com precisão, o conhecimento e a realidade representados pelas coleções. Considerado como “uma chave para a riqueza da biblioteca” (Rubakin, N.; Bethmann, 1968, p. 14, tradução nossa),²¹⁴ este deve se voltar para todas as pessoas leitoras, inclusive aquelas menos familiarizadas com os instrumentos biblioteconômicos, de modo que possam aprender a utilizá-lo com autonomia. Além disso, as autorias entendem que os catálogos devem contemplar não somente os elementos descritivos e temáticos das obras, como também sua relação com o momento sócio-histórico vigente.

Um exemplo estaria, para N. Rubakin e Bethmann (1968), na construção de catálogos para autorias e suas obras, acrescido de notas que indiquem seus contextos literários e sociais de produção (personagens, lugares geográficos), ou seja, elementos que contextualizem essas mesmas obras e permitam às pessoas leitoras se apropriar de determinado livro à luz do tempo-espaço no qual este foi concebido. Igualmente, segundo Ferrière (1951), os tipos de categorização de leitores poderiam ser refletidos nos catálogos, a partir dos níveis de instrução indicados para cada livro (conforme empregado na bibliografia roubakiniana *Sredi knig*), bem como sua classificação psicológica e do próprio leitor, assim exemplificados pelo pedagogo suíço, extraídos de questionários aplicados por Roubakine em trocas de correspondências com leitores: qual nível de observação, memorização, associação e concentração é exigido do leitor?; qual tipo de memória: lógico, formal, de fatos materiais?; o livro possui uma forma analítica/sintética, concreta/abstrata, dedutiva/indutiva?; o livro se volta mais para a realidade ou ficção?; é preciso que o leitor tenha conhecimento sobre a temática, ou seja, que já apresente um interesse pelo assunto, opiniões já mais ou menos formadas sobre seu conteúdo?; quais sentimentos envolvem esse livro (sociais, físicos, morais, emocionais)?; se a obra é objetiva, neutra, imparcial. Ferrière (1951, p. 51) se pergunta, portanto: “Não seria mais útil que as bibliotecárias encarregadas de auxiliar os leitores que as consultam, conhecessem esta classificação e que os catálogos indicassem sumariamente a que regra e a que nível de cultura se aplica esta ou aquela obra?

²¹⁴ No original: *a key to the library's wealth* (Rubakin, N.; Bethmann, 1968, p. 14).

Na visão de Roubakine ([1922] 1998), tal construção de instrumentos biblioteconômicos, como o catálogo e a própria classificação psicológica de livros e leitores, seria a base necessária para uma organização racional da leitura não apenas no âmbito escolar e extraescolar (se considerarmos, especialmente, suas críticas ao sistema de ensino russo, tanto no que se refere ao uso de livros cuja linguagem era complexa para determinados níveis de instrução quanto à ausência de conteúdos capazes de ensejar o pensamento crítico), mas também para a organização de bibliotecas e comissões para distribuição de leituras a domicílio — este último, considerando, possivelmente, a distância geográfica de dados grupos sociais das bibliotecas. Tal objetivo estaria colocado, podemos observar, no centro dos esforços roubakinianos a favor do acesso ao livro, à leitura, às bibliotecas e à instrução como forma de luta e resistência contra as condições de vida dadas pelo império czarista, desvelando o profundo compromisso e significado social de sua ciência e, de maneira mais ampla, do próprio campo biblioteconômico-informacional.

A partir do exposto, podemos dizer que, ao longo da atuação de Roubakine como bibliotecário e de seus estudos teórico-empíricos sobre a leitura e o leitor, as bibliotecas são tomadas como centros de educação e cultura, e o trabalho bibliotecário, por sua vez, fundado em uma práxis transformadora, tal como colocado por Targino (1997) e Meneses Tello (2021), comprometida com os acontecimentos históricos e sociais de seu tempo: as bibliotecas deveriam possuir uma estrutura democrática capaz de atender quem mais precisa dela — em seu enfoque, as pessoas que mais sofrem diante das contradições impostas pelo sistema capitalista (Rubakin, N.; Bethmann, 1968; Volotão; Salomão; Meirelles, 2024).

Em outras palavras, a práxis bibliopsicológica investigada pela via roubakiniana está centrada no e para o indivíduo e sua apropriação crítica da leitura diante de um real socialmente construído (Salomão; Saldanha, 2023a). No bojo das opressões que influenciaram a trajetória do teórico russo, N. Rubakin e Bethmann (1968) clamariam, mais uma vez, pela necessidade de não somente equipar as bibliotecas com um acervo, técnicas e práticas orientadas para a reflexão crítica de mundo, mas também pela luta, em diferentes instâncias, por condições de desenvolvimento crítico das pessoas leitoras que frequentam — ou poderiam frequentar — esses espaços. Isto é, pela democratização dos processos de conhecimento diante de uma realidade atravessada por embates políticos em suas construções de acesso — novamente, o objetivo da Bibliopsicologia estaria nas

potencialidades de tomadas de consciência crítica, ou seja, a ação bibliopsicológica orientada por uma praxiologia em BCI fruto da já centenária reflexão roubakiniana (Saldanha, 2019b).

Nesse horizonte, a ciência roubakiniana, aqui voltada para as bibliotecas e sua função social e crítico-democrática (vislumbrada décadas depois em Paulo Freire, 2011), desvela o próprio comprometimento do campo biblioteconômico-informacional com uma ação bibliotecária capaz de intervir na realidade social — a necessidade de um olhar sociocrítico, via lentes da BCI, para quem sofre com as mazelas causadas pelo capitalismo, o que nos revela, segundo Saldanha (2019a, p. 18), a Bibliopsicologia diante da "[...] construção não só de uma ciência social dedicada aos futuros estudos tratados como informacionais, mas também uma ciência social crítica da realidade e de seus modos de transformação".

Na historiografia epistemológica em BCI, o estudo roubakiniano sobre o gesto leitor e suas formas de transformação da realidade está colocado, para nós, no centro das discussões sobre uma possível epistemologia histórica dos atos de leitura em nosso campo. Tal perspectiva perpassa o horizonte Rússia-Suíça a partir de Roubakine ([1922] 1998), entre 1880 e 1920, o decurso de investigação com Marie Bethmann na década de 1930, o qual desvela uma preocupação da prática bibliotecária com o ser e suas ações informacionais na paisagem social (Rubakin, N.; Bethmann, 1968), a produção simsoviana sobre leitura e bibliotecas sob o olhar do Leste Europeu nos anos de 1960 a 1980 (Salomão; Saldanha, 2022, 2023b) — em concomitância com os estudos informacionais, a partir de 1970, que envolvem o indivíduo e sua introjeção de conhecimento por uma via cognitiva (Saldanha, 2019a, 2019b) — até alcançar as pesquisas sobre o gesto leitor no século XXI.

A procura epistemológica de Roubakine estaria dada, pois, a partir de atividades bibliopsicológicas posicionadas no centro de uma fundamentação social, política, histórica e psicológica, significa dizer, diante de um movimento de práxis transformadora orientado por um papel revolucionário social, como nos lembram Targino (1997) e Meneses Tello (2021), e entrevisto no próprio fazer epistemológico-histórico do campo, ou seja, uma fundamentação praxiológica orientada por e para a experiência bibliotecária como potencial de transformação do mundo (Salomão; Saldanha, 2023a).

A partir dos construtos abordados no referencial teórico, a próxima seção se desdobra sob e sobre a análise e apreciação da obra seminal roubakiniana

Introduction à la psychologie bibliologique, selecionada como *corpus* de análise de conceitos e categorias metodológicas, teóricas e epistemológicas que circunscrevem seu pensamento e sua praxiologia.

7 RESULTADOS: análise e apreciação dos dados coletados a partir da obra roubakiniana *Introduction à la psychologie bibliologique*

Os resultados alcançados pela via do exercício biobibliográfico sob e sobre a doxografia roubakiniana e das categorias analíticas e discursivas retiradas deste mesmo exercício doxográfico desvelam a estreita relação entre a biobibliografia de Nicolas Roubakine e o desenvolvimento de sua ciência bibliopsicológica. Em outras palavras, sua atuação como bibliotecário e teórico da leitura está intrinsecamente relacionada às suas vivências no contexto imperial russo no final do século XIX e início do XX.

Essas inflexões, por sua vez, nos direcionam para um território ainda com repercussão inexpressiva de abordagem e discussão no plano científico brasileiro e latino-americano em Biblioteconomia e Ciência da Informação: a centralidade do pensamento roubakiniano para os estudos teóricos, históricos e epistemológicos sobre a leitura no campo, via o que propomos como uma teoria social da leitura descortinada pelo movimento praxiológico de Roubakine na e para a Rússia através da Bibliopsicologia, o que nos aponta outras lentes epistemológicas para os estudos sobre a temática em BCI e para a própria fundamentação do campo.

Diante desse panorama, nossa proposta repousa, aqui, na busca pela articulação da trajetória de Roubakine, a partir de sua biobibliografia, com as questões epistemológicas, teóricas, conceituais e metodológicas referentes à sua contribuição para a epistemologia do discurso biblioteconômico-informacional. Em nosso entendimento, as fontes biobibliográficas sobre o pensamento de Roubakine e sua produção, centralmente a obra *Introduction à la psychologie bibliologique*, constituem um movimento circular que desvela os entrelaçamentos entre a atuação profissional, política e social do pesquisador russo e os conceitos presentes em sua teoria bibliopsicológica — os quais, por sua vez, integram os elementos que formam a *episteme* do campo científico da BCI.

Desse modo, nas subseções seguintes, a partir da obra roubakiniana de 1922, a qual consolida sua teoria bibliopsicológica, nos interessa investigar como o pensador russo compreende conceitos que, de um lado, são centrais para o seu pensamento e, do outro lado, mobilizam e são mobilizados por suas vivências e seu contexto científico, histórico, social e político de atuação. Neste exercício biobibliográfico, nossas lentes de observação se desdobram, estruturalmente, sobre

as categorias analíticas propostas para este estudo: pessoa leitora; livro; Bibliopsicologia; transformação social; biblioteca; e trabalho bibliotecário, as quais, são discutidas, por sua vez, à luz de três dimensões epistemológicas centrais: dimensão epistemológico-histórica; dimensão teórico-metodológica; e dimensão conceitual-categorial.

No “Apêndice D - Dimensões epistemológicas de análise”, indicamos os dados brutos retirados da análise do nosso *corpus* de pesquisa, qual seja a obra roubakiniana *Introduction à la psychologie bibliologique*, durante a fase de coleta de dados, a partir da qual elencamos as variáveis via uma abordagem quanti-qualitativa do pensamento de Nicolas Roubakine tendo como base os horizontes epistemológicos que interessam a esta pesquisa. Aqui, nesta seção, constam a análise e apreciação dos dados que foram coletados, sistematizados e categorizados segundo as dimensões epistemológicas previamente estabelecidas.

7.1 DIMENSÃO EPISTEMOLÓGICO-HISTÓRICA

No que se refere à primeira dimensão aqui abordada, epistemológico-histórica, nos interessa, centralmente, os desdobramentos em torno das correntes analisadas e discutidas por Roubakine que apontam para a fundamentação da BCI como campo científico, partindo de delineamentos epistemológicos dados por sua própria trajetória biobibliográfica, evidenciadas pela influência de sua mãe, Lidija Rubakina, e as experiências na biblioteca inaugurada por ela, suas vivências como bibliotecário na Rússia e na Suíça, o contexto de opressão czarista, a circulação por diferentes áreas do conhecimento, a elaboração de obras de popularização científica, a dominância da corrente positivista no plano científico e a construção de sua obra de 1922, que contextualizariam o pensador russo no âmbito social e científico de seu tempo.

Tais lentes demarcam, por sua vez, o diálogo bibliopsicológico com abordagens provenientes de diferentes áreas do conhecimento, sobretudo de cunho positivistas, com foco para o que o teórico posiciona como as cinco leis fundamentais da Bibliopsicologia. Apesar das diferentes ciências abordadas por Roubakine na constituição da epistemologia de sua teoria, destacamos as áreas científicas que mais dialogam com esta pesquisa e que sobressaem da leitura de sua obra, na qual podemos tecer interlocuções com os estudos da linguagem,

Psicologia, estudos literários, Física e Biologia; outros ramos científicos, como Bibliologia e Bibliografia, não são indicados especificamente como parte das cinco leis roubakinianas, mas são aqui discutidos por mobilizarem teorias e conceitos próximos à epistemologia do discurso biblioteconômico-informacional, donde sobressai relações afetivas e epistêmicas entrevistadas na trajetória do pensador russo. Tais aportes apontam para possíveis lentes para pensarmos o livro em e a partir de Roubakine — as quais, para nós, desvelam-se aqui como horizontes de possibilidades dados pelo olhar roubakiniano para a fundamentação epistemológica da BCI, em especial, no que toca à constituição de um campo de estudos sociais para a leitura.

No bojo da dimensão epistemológico-histórica que nos interessa abordar, podemos evocar, de início, a própria compreensão roubakiniana do que seria a Bibliopsicologia, uma de nossas categorias de análise e conceito nuclear do pensamento de Roubakine. Para tanto, desdobramos essa perspectiva a partir de trechos que indicam, em um primeiro momento, sua delimitação epistemológica e, depois, as relações que esta ciência estabelece com outros campos do conhecimento, de acordo com a paisagem histórica, científica e social que circundam suas vivências entre o final do século XIX e as primeiras décadas do XX.

Tais relações, como veremos, não apenas dialogam com as categorias de análise propostas para esta pesquisa, como também com os próprios conceitos que formam e integram o horizonte epistêmico em Biblioteconomia e Ciência da Informação. Para tanto, dividimos esta seção em sete seções terciárias, quais sejam: “7.1.1 Bibliopsicologia”; “7.1.2 Psicologia”; “7.1.3 Estudos da linguagem”; “7.1.4 Estudos literários”; “7.1.5 Bibliologia e Bibliografia”; “7.1.6 Física”; e “7.1.7 Biologia”.

7.1.1 Bibliopsicologia

De maneira geral, no que se refere à Bibliopsicologia, ou Psicologia Bibliológica, Nicolas Roubakine nos oferece duas definições centrais para a sua ciência:

Entendemos por esse nome uma ciência que estuda os fenômenos psicológicos ligados à existência do livro e das riquezas livrescas da humanidade (Roubakine, [1922] 1998, p. V, tradução nossa).²¹⁵

[...] é o estudo da dependência funcional de três séries de fenômenos psíquicos, de três fatores que, como tais, dão origem a uma pesquisa exata, científica e até matemática: o leitor, o livro e o autor (Roubakine, [1922] 1998, p. 10-11, tradução nossa).²¹⁶

Em um primeiro momento, além da centralidade conferida aos diálogos entre a ciência roubakiniana e os estudos no âmbito da Psicologia, os quais retomaremos mais à frente, nos chama atenção aqui o enfoque na relação autor-livro-leitor, que parece estar no bojo da conceituação epistemológica da Bibliopsicologia. No próprio contexto epistemológico dos estudos da leitura em BCI a partir dos anos de 1970, Dumont (1998, 2020) posiciona esta relação, igualmente, no centro de discussões acerca das dimensões cognitivas que envolvem o leitor e seus processos de introjeção de conhecimento à luz de seu contexto e particularidade, reconhecendo os dois extremos dessa relação, ou seja, a autoria e a pessoa leitora, como frutos de realidades sociais que refletem na criação e apropriação de uma obra — para a autora, na relação entre sentido, motivação e contexto, os quais acabariam por revelar as condicionantes que determinam os impactos dessa interação no real, ainda que não vinculado, em sua abordagem, a um horizonte praxiológico e/ou sociocrítico de atuação.

Outro ponto de atenção está no trecho que destaca que o foco de interesse da ciência inaugurada por Roubakine está, fundamentalmente:

[...] na dependência funcional dos dois primeiros fatores, isto é: em primeiro lugar, ‘aquilo que é lido’ e, em segundo lugar, o ‘leitor’ (Roubakine, [1922] 1998, p. 11, tradução nossa).²¹⁷

Tal horizonte demarca, para nós, duas delimitações epistemológicas que nos parecem centrais para circunscrever a ciência bibliopsicológica, complementadas pelo trecho abaixo:

²¹⁵ No original: *Nous entendons par ce nom une science qui étudie les phénomènes psychologiques liés à l'existence du livre et des richesses livresques de l'humanité* (Roubakine, [1922] 1998, p. V, grifo do autor).

²¹⁶ No original: [...] *est l'étude de la dépendance fonctionnelle de trois séries de phénomènes psychiques, de trois facteurs, qui, comme tels, donnent lieu à une recherche exacte, scientifique et même mathématique : le lecteur, le livre et l'auteur* (Roubakine, [1922] 1998, p. 10-11).

²¹⁷ No original: [...] *dépendance fonctionnelle des deux premiers facteurs, c'est-à-dire : premièrement, de 'ce qui est lu', deuxièmement, du 'lecteur'* (Roubakine, [1922] 1998, p. 11).

Ela estuda o objeto da leitura em relação ao sujeito que lê e busca explicar o nascimento, a composição, o caráter e os limites dos conhecimentos do leitor (Roubakine, [1922] 1998, p. 14-15, tradução nossa).²¹⁸

O foco de Roubakine ([1922] 1998), conforme apontado, está, fundamentalmente, na relação entre o livro e o leitor. Apesar de reconhecer a importância da autoria nos fenômenos psíquicos da leitura, o olhar roubakiniano repousa na relação livro-leitor em uma análise que, como nos diz o próprio teórico, vai além do campo literário (ou seja, a análise do livro pelo livro e/ou de uma obra específica em relação ao seu leitor), dedicando-se, pois, à compreensão do nascimento, composição, caráter e limites dos conhecimentos de quem lê em suas mais diferentes intersubjetividades — dito de outra forma, quem é esse leitor: como pensa, como se torna leitor, como conhece a si e ao mundo. Em outro lugar, o próprio Roubakine ([1922] 1998) já nos diria: tudo para o leitor, pelo leitor e no leitor.

Do outro lado, no que se refere ao estudo do “objeto de leitura” na busca exata pelo conhecimento do leitor e para o leitor, o teórico russo aponta não apenas para o artefato bibliográfico em sua condição material (o registro escrito de conhecimento), mas sim para tudo aquilo que pode ser lido em seu sentido amplo, ou seja:

O campo de estudo da Bibliopsicologia é mais amplo do que o das outras duas ciências [teoria e história da literatura] em questão. Inclui todas as palavras que podem ter um efeito sobre os homens: fala ou escrita, obra de arte ou manual escolar, ou mesmo simples conversa. Todas as outras formas de arte são também objeto do seu estudo: a arte da fala, teatro, música, pintura, escultura, etc. (Roubakine, [1922] 1998, p. 129, tradução nossa).²¹⁹

O bibliotecário ainda complementa:

Se nós a chamamos preferencialmente de ‘bibliológica’, em detrimento de outra denominação, é porque é especialmente nos

²¹⁸ No original: *Elle étudie l'objet de la lecture par rapport au sujet qui lit et cherche à expliquer la naissance, la composition, le caractère et les limites des connaissances du lecteur* (Roubakine, [1922] 1998, p. 14-15).

²¹⁹ No original: *Le champ d'études de la biblio-psychologie est plus vaste que celui des deux autres sciences en question. Il comprend toute parole susceptible d'agir sur les hommes: discours ou écrit, œuvre d'art ou manuel d'école, ou même simple conversation. Toutes les autres formes d'art sont également l'objet de son étude : art de parler, art dramatique, musique, peinture, sculpture, etc.* (Roubakine, [1922] 1998, p. 129).

livros que ela aparece sob essa forma cristalizada (Roubakine, [1922] 1998, p. 11, tradução nossa).²²⁰

Por “objeto de leitura” significa dizer, na Bibliopsicologia roubakiniana:

[...] qualquer palavra que conserve sua forma fora do psíquico humano, que se separou dela, por assim dizer, e possui uma existência própria em si mesma (Roubakine, [1922] 1998, p. 11, tradução nossa).²²¹

Podemos dizer, qualquer palavra, frase, trecho que assume uma “forma cristalizada” ao ser colocada no mundo, influenciada por esse mesmo mundo (a posição do autor e do leitor no espaço e no tempo) e que adota, pois, uma “existência própria” ao sair da mente de quem escreve para ser apropriada por quem lê, ou seja, na realidade construída pela pessoa leitora durante as experiências de leitura, de acordo com suas próprias particularidades e contextos. Tem-se, portanto, no estudo da Bibliopsicologia:

[...] as relações funcionais dos autores e dos leitores (Roubakine, [1922] 1998, p. 17, tradução nossa).²²²

Ainda que não seja o nosso foco nos deter na análise da relação entre autoria e pessoa leitora propriamente dita, a compreensão de “autoria” aqui segue a noção de que este autor é, antes, um indivíduo social definido através de seus contextos e de suas intersubjetividades e, além disso, é também um leitor — leitor da palavra e do mundo —, que reflete em seus escritos suas visões e concepções do real; as intencionalidades que cruzam seus modos de pensar, produzir e apropriar saberes, ou seja, que refletem sua mentalidade e sua posição no tempo e no espaço, refletindo, por sua vez, em sua produção, seja esta escrita, visual, artística, e que, de certa forma, poderia conduzir na apropriação que é feita de sua obra.

Ao mesmo tempo, é este leitor que se apropria desta obra — de acordo com seus contextos e intersubjetividades — e que lhe dá sentido e significado; um sentido que pode subverter as intencionalidades propostas por uma autoria. Desse modo, a Bibliopsicologia roubakiniana posiciona o estudo do objeto de leitura “em

²²⁰ No original: *Si nous l'appellons “bibliologique” de préférence à une autre dénomination, c'est que c'est surtout dans les livres qu'elle apparaît sous cette forme cristallisée* (Roubakine, [1922] 1998, p. 11).

²²¹ No original: [...] *toute parole qui conserve sa forme hors de la psychique humaine, qui s'en est pour ainsi dire arraché et a une existence propre en elle-même* (Roubakine, [1922] 1998, p. 11).

²²² No original: [...] *les relations fonctionnelles des auteurs et des lecteurs* (Roubakine, [1922] 1998, p. 17).

relação a quem lê”, o que evoca, para nós, a centralidade da pessoa leitora e a ação do livro em sua mentalidade na epistemologia da ciência roubakiniana, demonstrando não apenas que o estudo do “objeto de leitura”, ou seja, de tudo o que é lido, está dado em sua “dependência funcional do leitor”, como também antecipando debates que ganhariam forma nas dimensões cognitivas dos estudos informacionais a partir da década de 1970.

Em outras palavras, significa dizer:

A Bibliopsicologia deve estudar todos os fenômenos da vida do livro, tomando-o desde o seu nascimento e acompanhando-o até o momento de sua utilização, de seu consumo, poderíamos dizer, até o momento em que é lido e exerce uma ação sobre a mentalidade do leitor (Roubakine, [1922] 1998, p. 41, tradução nossa).²²³

O estudo de “todos os fenômenos da vida do livro” compreende, poderíamos dizer, todos os processos que envolvem o deslocamento do livro — desde o surgimento de uma ideia na mente de uma autoria, como um indivíduo posicionado de forma específica no real, com suas intencionalidades e visões de mundo que refletem, por sua vez, essa mesma posição naquilo que escreve — até exercer uma ação sobre a mentalidade da pessoa leitora (definida de igual maneira, por suas intersubjetividades e contextos próprios). Envolveria, ainda, todos os atores e atividades que formam e integram esse circuito do livro, ou seja, seus processos editoriais (a escolha da editora, a materialidade da obra, que possui uma intencionalidade própria, o preço do livro e seus locais de venda — que orienta quem poderia ter acesso ou não), a publicação e circulação dessas obras (para qual público é destinada, onde circula: bibliotecas, livrarias, universidades); Roubakine ([1922] 1998) comentaria sobre a própria psicologia das editoras e suas intencionalidades na produção de um livro: em seu conteúdo, sua materialidade, seleção de autorias e linguagem utilizada. Esses fatores, para o bibliotecário russo, poderiam impactar na centralidade dada por sua Bibliopsicologia ao estudo das condições de conhecimento da pessoa leitora (ou que poderia vir a se tornar leitora, quando dadas as condições materiais e psíquicas) diante do objetivo que se quer alcançar: a transformação das condições de vida forjadas pelo império czarista.

²²³ No original: *La biblio-psychologie doit étudier tous les phénomènes de la vie du livre, le prenant à sa naissance et le suivant jusqu’au moment de son utilisation, de sa consommation pourrait-on dire, c’est-à-dire jusqu’au moment où il est lu et exerce une action sur la mentalité du lecteur* (Roubakine, [1922] 1998, p. 41).

Diante dessa paisagem, a Bibliopsicologia se volta, portanto, para estudar quem é esse leitor, se e o que lê, como lê e como conhece, ou seja, “o nascimento, a composição, o caráter e os limites dos conhecimentos do leitor” (Roubakine, [1922] 1998, p. 14-15, tradução nossa).²²⁴ Tal pergunta epistemológica se volta, conforme veremos, não apenas para o conhecimento do artefato de leitura e a decodificação de seus códigos linguísticos propriamente ditos, mas para o próprio conhecimento do mundo ao redor (com o reconhecimento crítico de suas assimetrias e opressões) e as possibilidades de sua transformação pela via dessas mesmas experiências.

É nesse contexto que podemos estabelecer uma relação mais próxima entre a pergunta epistemológica central roubakiniana e os propósitos desta reflexão. Esta pergunta estaria, acima de tudo, orientada pelas suas possibilidades de aplicação no espaço e no tempo, diretamente vinculado a um horizonte de transformação social, dado pelo seguinte trecho:

Que devem fazer os eleitos da humanidade, essa elite intelectual à qual a sorte atribuiu a responsabilidade de conduzir as massas populares, de instruí-las e guiá-las espiritualmente? De que forma essa elite deverá trabalhar a fim de espalhar a educação o mais rapidamente possível por entre essas massas populares cuja voz se torna cada vez mais decisiva nos destinos do mundo? (Roubakine, [1922] 1998, p. II, tradução nossa, grifo do autor).²²⁵

Ainda podemos observar:

A Bibliopsicologia começou pela seguinte questão prática que se colocava aos trabalhadores russos: ‘Como, por meio de qual livro, agir sobre tal leitor, em tais condições, com vistas à luta pelos direitos do homem e em particular pelo seu direito de se educar?’ (Roubakine, [1922] 1998, p. 23, tradução nossa).²²⁶

Esses trechos evocam, para nós, a relação almejada pelo exercício biobibliográfico roubakiniano costurado nesta pesquisa. A tessitura de sua ciência, conforme nos aponta sua obra seminal, parece circunscrita no estudo de “tudo aquilo

²²⁴ No original: *la naissance, la composition, le caractère et les limites des connaissances du lecteur* (Roubakine, [1922] 1998, p. 14-15).

²²⁵ No original: ***Que doivent faire les élus de l'humanité, cette élite intellectuelle à laquelle le sort a attribué la responsabilité de conduire les masses populaires, de les instruire et de les guider spirituellement? De quelle façon cette élite doit-elle travailler afin de répandre le plus rapidement possible l'instruction dans ces masses populaires dont la voix devient de plus en plus décisive dans les destinées du monde?*** (Roubakine, [1922] 1998, p. II, grifo do autor).

²²⁶ No original: *La biblio-psychologie a commencé par cette question pratique qui se posait aux travailleurs russes: 'Comment, au moyen de quel livre, agir sur tel lecteur, dans telles conditions, en vue de la lutte pour les droits de l'homme et en particulier pour son droit de s'instruire?'* (Roubakine, [1922] 1998, p. 23).

que pode ser lido” em sua relação com a pessoa leitora diante de um espaço-tempo social e politicamente construído — e perpassado, por sua vez, por assimetrias de classe, perseguições políticas, desigualdade distributiva de renda e de condições de acesso ao conhecimento. Tal perspectiva demarcaria a luta da ciência de Roubakine e, ao mesmo tempo, desvelaria as ações de enfrentamento e resistência ensejadas por seu pensamento e sua atuação bibliotecária no contexto imperial de opressão, centralizado, conforme observado, na educação das massas populares, cuja voz seria, em seu entendimento, a mais decisiva para as decisões sobre os rumos da humanidade.

A “questão prática” que se coloca para os trabalhadores russos, e o “como” agir sobre uma dada pessoa leitora diante de “tais condições” com vistas à “luta” pelo direito à educação nos fornecem diferentes dados para reflexão. De um lado, a própria pergunta epistemológica roubakiniana, a qual influencia teoria e método de sua ciência, ou seja, nascida de uma “questão prática” colocada diante de um real construído e atrelado a um horizonte positivista — como estudar a ação do livro —, embora imbricado em um contexto pragmático, dito de outra forma, com vistas a “luta pelos direitos do homem”. Do outro lado, temos a biobibliografia roubakiniana, a qual teceria o curso de pensamento do bibliotecário russo.

O trecho abaixo nos dá mais um vislumbre de como as percepções e interpretações de Roubakine sobre a realidade vivenciada refletem nos objetivos propostos por sua ciência:

O autor desta obra trabalhou toda sua vida pelas classes de trabalhadores do povo russo (Roubakine, [1922] 1998, p. VI, tradução nossa).²²⁷

No protagonismo dado às classes trabalhadoras russas em sua ciência, o teórico posiciona o objetivo da Bibliopsicologia diante de seu próprio contexto de ocorrência:

A própria vida russa fez com que a nova ciência tivesse como lema: fé na força motriz do livro, o instrumento mais potente na luta pela verdade e pela justiça (Roubakine, [1922] 1998, p. 23, tradução nossa).²²⁸

²²⁷ No original: *L’auteur de cet ouvrage a travaillé toute sa vie pour les classes de travailleurs du peuple russe* (Roubakine, [1922] 1998, p. VI).

²²⁸ No original: *La vie russe, elle-même, a fait que la science nouvelle a eu pour devise: foi en la force agissante du livre, instrument le plus puissant dans la lutte pour la vérité et la justice* (Roubakine, [1922] 1998, p. 23).

Essa “vida russa”, por sua vez, somada à “questão prática que se colocava para os trabalhadores russos” e dialogada na concepção do livro como instrumento de luta, de busca pela verdade e pela justiça no plano da Rússia czarista, evoca o contexto de opressão vivenciado por Roubakine, o qual inspiraria a tessitura de sua ciência e a crença no livro como esse instrumento potencial de transformação da realidade. O desvelamento sociocrítico e político demonstrado por sua ciência se mostra central para a constituição epistemológica da Bibliopsicologia roubakiniana, reconhecida em:

É proposital que me detenha sobre este aspecto da evolução histórica da Bibliopsicologia, para mostrar a força, o significado social e moral e também a beleza desta nova ciência (Roubakine, [1922] 1998, p. 20-21, tradução nossa).²²⁹

Ao dizer que é “proposital que me detenha sobre este aspecto da evolução histórica da Bibliopsicologia” para mostrar seu “significado social e moral”, o teórico russo demonstra sua intencionalidade ao posicionar sua ciência diante do contexto sócio-histórico vivenciado no plano social, profissional e político, se considerarmos que a atuação roubakiniana na luta pela instrução popular e acesso ao conhecimento estaria circunscrita nas perseguições vivenciadas no regime imperial, nas últimas décadas do século XIX, até e durante seu exílio para a Suíça em 1907. Mais ainda, desvela o receio, por parte das classes detentoras do poder — as elites e o próprio império russo — de que o conhecimento pudesse contribuir para as tomadas de consciência crítica coletiva por parte dos grupos sociais oprimidos.

O trecho abaixo é novamente trazido para reafirmar as condições de conhecimento dadas pelo governo czarista, bem como a crítica roubakiniana às condições de vida forjadas pelo império russo, o que integraria os objetivos e a *episteme* de sua ciência:

Não esqueçamos que a Rússia, minha pátria, é o país onde os mais esclarecidos detentores do poder supremo, como, por exemplo, Catherine II, escreviam de próprio punho: ‘Não se deve instruir a plebe, porque se ela vier a saber tanto quanto vocês e eu, ela não nos obedecerá mais como agora’; e essa política é a que seguiam, embora menos abertamente, todos os czares até a revolução e todos os ministros de instrução pública nomeados por eles. Não esqueçamos que a Rússia foi, até 1917, o país de numerosas

²²⁹ No original: *C’est à dessein que je m’arrête à cet aspect de l’évolution historique de la bibliopsychologie, pour montrer la force, la signification sociale et morale et aussi la beauté de cette science nouvelle* (Roubakine, [1922] 1998, p. 20-21).

censuras, onde certo livro, antes de chegar ao leitor, devia passar por três e às vezes seis censuras; onde, a cada ano, por ordem dos tribunais ou sem sua ordem, a polícia queimava centenas de milhares de exemplares de livros. E que livros! (Roubakine, [1922] 1998, p. 21, tradução nossa).²³⁰

Por esse motivo, diante do objetivo da ciência bibliopsicológica:

Insistimos particularmente na importância cada vez maior das classes trabalhadoras de todos os países estarem armadas e, conseqüentemente, de armarem-se: 1º de conhecimentos exatos que melhor correspondam à realidade ao redor; 2º de uma cultura intelectual, ou seja, um hábito de pensar corretamente; 3º finalmente, demonstramos a eles a necessidade de aprender a apreciar, de um ponto de vista humanitário, tudo o que existe, quando se trata do processo de aplicação de conhecimentos e ideias à criação de uma vida nova (Roubakine, [1922] 1998, p. II-III, tradução nossa).²³¹

Aqui, Roubakine ([1922] 1998) reconhece o compromisso social de sua ciência para com as contradições no e do império russo, apontando que o próprio regime assumia, em sua intencionalidade política, as condições precárias de acesso à educação formal e, não só, as práticas de censura aplicadas para que o conhecimento não chegasse às classes populares, para que elas continuassem a seguir um “ensino tendencioso”. Desvelam-se, mais uma vez, a biobibliografia roubakiniana como constituição central da ciência bibliopsicológica, que demonstra em sua epistemologia, a partir dos trechos evidenciados e que ganham espaço em sua obra seminal, o comprometimento com as formas de transformação do mundo.

Para a criação de uma vida nova, sobressai a necessidade de estudar as condições de conhecimento das classes trabalhadoras russas à luz de “tudo o que existe”, ou seja, diante da experiência na totalidade do mundo social, conforme interpretação entrevista em Targino (1997), e do próprio reconhecimento crítico

²³⁰ No original: *N'oublions pas, que la Russie, ma patrie, est ce pays où les détenteurs les plus éclairés du pouvoir suprême, telle, par exemple, Catherine II, écrivaient de leur propre main : 'Il ne faut pas donner d'instruction à la plèbe, parce que si elle vient à savoir autant que vous et moi, elle ne nous obéira plus autant que maintenant'; et cette politique est celle que suivaient, quoique moins ouvertement, tous les tsars jusqu'à la révolution et tous les ministres de l'instruction publique nommés par eux. N'oublions pas, que la Russie a été jusqu'en 1917, le pays de nombreuses censures, où tel livre, avant d'arriver au lecteur, devait passer par trois et quelquefois 6 censures ; où, chaque année, par ordre des tribunaux ou sans leur ordre, la police brûlait des centaines de milliers d'exemplaires des livres. Et de quels livres!* (Roubakine, [1922] 1998, p. 21).

²³¹ No original: *Nous y insistons tout particulièrement sur l'importance de plus en plus grande pour les classes de travailleurs de tous les pays d'être armés et, par conséquent, de s'armer d'elles-mêmes: 1º de connaissances exactes qui correspondent le mieux à la réalité ambiante; 2º d'une culture intellectuelle, c'est-à-dire d'une habitude de penser correctement; 3º enfin nous leur démontrons la nécessité d'apprendre à apprécier, d'un point de vue humanitaire tout ce qui existe, lorsqu'il s'agit du processus d'application des connaissances et des idées à la création d'une vie nouvelle* (Roubakine, [1922] 1998, p. II-III).

desse mesmo mundo social diante das assimetrias de classe que representam uma contradição ao alcance dessa vida nova.

A totalidade da personalidade nos conduz naturalmente a falar da totalidade da humanidade. A divisão da humanidade em nações, classes e mesmo em profissões está em completa contradição com o princípio de totalidade e representa um obstáculo importante a uma vida mais extensiva e intensiva (Roubakine, [1922] 1998, p. III, tradução nossa).²³²

Um olhar, dizemos, voltado para a compreensão do leitor em sua intersubjetividade, ou seja, em sua relação com todos os aspectos internos e externos que impactam na maneira como acessa, compreende e se apropria de uma obra em uma realidade que é dada, mas que poderia ser dada de outra forma. Aqui, Roubakine ([1922] 1998, p. III, tradução nossa, grifo do autor) se pergunta: “Como a realidade dada é? Como ela **deveria** ser?”.²³³ Nesse horizonte, a Bibliopsicologia surge como uma ciência que nasce da necessidade de justiça social, da “vida russa”, ou seja, de uma “questão prática” diante da necessidade de transformação das condições de vida tal como forjadas pelo império czarista. Dito de outra forma, a psicologia bibliológica nasce de sua ação e de seus impactos no real:

A Bibliopsicologia nasceu na escola, na biblioteca, na sala de leitura, dentro do auditório dos cursos populares, na redação da revista e do jornal, no escritório da editora, na livraria, no ‘lugar de conspiração’ do propagandista revolucionário ou do sectário fanático. Aqueles que a criaram não são teóricos, mas homens de ação, não eruditos que buscavam a verdade objetiva em seus gabinetes, longe do ruído da vida, mas homens devotados, que lutaram pelos direitos do homem e do cidadão, pelos princípios da declaração de 1789 e do Manifesto Comunista de 1847 (Roubakine, [1922] 1998, p. 20, tradução nossa).²³⁴

É a atividade de “pessoas de ação” que não se dedicam apenas à teoria, mas, antes, a esta própria vida russa, à sua atuação em um cenário de prática que

²³² No original: *L'intégralité de la personnalité nous conduit tout naturellement à parler de l'intégralité de l'humanité. La division de cette dernière en nations, en classes et même en professions est en contradiction complète avec le principe de l'intégralité et représente un obstacle important à une vie plus extensive et plus intensive* (Roubakine, [1922] 1998, p. III).

²³³ No original: *Comment la réalité donnée est-elle? Comment **devrait-elle** être?* ([1922] 1998, p. III, grifo do autor).

²³⁴ No original: *La biblio-psychologie est née à l'école, à la bibliothèque, à la salle de lecture, dans l'auditoire des cours populaires, à la rédaction de la revue et du journal, au bureau de la maison d'édition, à la librairie, au "lieu de conspiration" du propagandiste révolutionnaire ou du sectaire fanatique. Ceux qui l'ont créée, ce ne sont pas des théoriciens, mais des hommes d'action, non des savants qui cherchaient la vérité objective dans leur cabinet, loin du bruit de la vie, mais des hommes dévoués qui ont lutté pour les droits de l'homme et du citoyen, pour les principes de la déclaration de 1789 et du manifeste communiste de 1847* (Roubakine, [1922] 1998, p. 20).

envolve desde o aprendizado a ler e a escrever nas escolas (seja para crianças, jovens ou adultos, conforme ilustram as atividades de Roubakine no âmbito da instrução popular em fábricas, aldeias e escolas noturnas) até as atividades de propaganda revolucionária que buscaram acabar com a opressão czarista, como também vislumbrado nas ações do teórico na Universidade de São Petersburgo e em suas duas bibliotecas — ao envolver-se em movimentos estudantis, círculos de leitura e circulação ilegal de escritos de cunho socialista e ao transformar sua biblioteca em um verdadeiro “*locus* de conspiração” contra as perseguições, as deportações, as violências e as desigualdades do regime imperial. Esta é a vida russa que ancora a ciência roubakiniana.

Em seu movimento praxiológico:

A Bibliopsicologia aplicada nasceu, antes da teoria, sob a opressão do regime absolutista russo; nasceu à custa de sofrimentos inconcebíveis, deportações, execuções, de que nem os propagandistas mais pacíficos escaparam (Roubakine, [1922] 1998, p. 20, tradução nossa).²³⁵

Ao afirmar que a Bibliopsicologia teria nascido “antes da teoria” e “sob a opressão do regime absolutista russo” por pessoas que lutaram não apenas contra regimes absolutistas, mas também a favor da igualdade e da justiça social, seja nos movimentos iluministas que culminaram na Revolução Francesa, em 1789, e na declaração dos direitos dos homens, ou no próprio Manifesto Comunista de Marx e Engels ([1848] 2010), citado por Roubakine ([1922] 1998) e mencionado como parte dos círculos de leitura realizadas na biblioteca de sua mãe, nos textos subversivos que passaram por sua biblioteca e como parte do círculo de interesse de pessoas leitoras no âmbito pré-revolucionário russo, o bibliotecário está a demarcar a profunda relação entre teoria e prática — ou seja, a praxiologia que circunscreve sua ciência. No domínio epistemológico da Bibliopsicologia, “[...] partiremos da teoria para chegar à prática. A teoria não é para nós senão um meio, enquanto a prática constitui o fim”, nos dirá Roubakine ([1922] 1998, p. 4, tradução nossa).²³⁶ Ela não deve estar longe do “ruído da vida”, tampouco na busca por uma “verdade objetiva”

²³⁵ No original: *La biblio-psychologie appliquée est née, avant la théorie, sous l’oppression du régime absolutiste russe; elle est née au prix de souffrances inouïes, déportations, exécutions, auxquelles les propagandistes les plus pacifiques n’ont pas échappé* (Roubakine, [1922] 1998, p. 20).

²³⁶ No original: *nous partirons de la théorie pour arriver à la pratique. La théorie n’est pour nous qu’un moyen, tandis que la pratique consiste le but* (Roubakine, [1922] 1998, p. 4).

em gabinetes e laboratórios de pesquisa. Ela deve buscar sua “confirmação na prática”, ou seja, na vida social.

O trecho acima evoca, pois, o comprometimento da ciência roubakiniana com um horizonte não apenas de teoria, mas também de prática, de ação, ou seja, conforme veremos, de uma práxis capaz de transformar estruturas sociais desiguais. Abaixo, o bibliotecário russo complementa a relação destacada anteriormente:

Mas minha busca não é somente teórica, ela é acima de tudo prática (Roubakine, [1922] 1998, p. 10, tradução nossa).²³⁷

[falo aqui] da teoria, buscando confirmação na prática. A teoria é apenas um instrumento do qual devemos nos servir da melhor maneira possível para alcançar os objetivos que perseguimos (Roubakine, [1922] 1998, p. 22, tradução nossa).²³⁸

No olhar roubakiniano, das camadas trabalhadoras, diante de uma "vida russa" que tece, portanto, os propósitos da ciência bibliopsicológica e, ao mesmo tempo, oferece:

[...] a quem o queira, mesmo às pessoas das classes trabalhadoras e aos mais amplos círculos do proletariado e da democracia, aos menos favorecidos no que concerne à fortuna, procedimentos fáceis e relativamente rápidos para munir a si mesmos de saber e para se desenvolver, intelectual e moralmente, com a maior economia possível de tempo, de força e de dinheiro (Roubakine, [1922] 1998, p. 4, tradução nossa).²³⁹

Está dado, pois, o cenário social, histórico e político que circunscreve a noção de que a epistemologia bibliopsicológica teria nascido de seu contexto praxiológico de luta pelos modos de transformação social. Esse potencial já estaria demonstrado no próprio contexto pré-revolucionário russo, mais precisamente, no âmbito da Revolução Russa de 1905 e a repressão sistemática ensejada pelo regime imperial a partir daí. Esse momento, para o pensador, serviria para despertar criticamente a população para o reconhecimento das opressões então vivenciadas:

²³⁷ No original: *Mais ma recherche n'est pas seulement théorique, elle est avant tout pratique* (Roubakine, [1922] 1998, p. 10).

²³⁸ No original: [...] *de la théorie, cherchant confirmation dans la pratique. La théorie, ce n'est qu'un instrument dont il faut se servir au mieux du but que l'on poursuit* (Roubakine, [1922] 1998, p. 22).

²³⁹ No original: [...] *à quiconque en a envie, même aux gens des classes laborieuses et aux cercles les plus larges du prolétariat et de la démocratie, aux moins favorisés sous le rapport de la fortune, des procédés faciles et relativement rapides pour se munir eux-mêmes de savoir et pour se développer, intellectuellement et moralement, avec la plus grande économie possible de temps, de force et d'argent* (Roubakine, [1922] 1998, p. 4).

Em 1904-1905, produziu-se uma crise, uma ruptura na consciência dos camponeses e dos trabalhadores russos e, desde então, o povo russo não está mais do lado do absolutismo, ele mesmo trabalha para sua educação, sem se importar com a vontade do poder supremo (Roubakine, [1922] 1998, p. 22, tradução nossa).²⁴⁰

O espaço-tempo aqui, Rússia de 1904, em meio às agitações políticas que culminariam na Revolução de 1905 e, a partir de sua repressão, na intensa perseguição política por parte do império czarista aos grupos revolucionários, evidencia a posição da Bibliopsicologia enquanto ciência profundamente comprometida com o contexto no qual é tecida (diante de seu objetivo de esclarecimento das massas e transformação social) e do cenário de perseguição vivenciado pelo próprio Roubakine nesse mesmo período. Lembremos que neste ano, 1904, o teórico russo daria uma palestra no Terceiro Congresso Pan-Russo de Trabalhadores de Educação Técnica e Profissional, no qual teceria críticas ao modelo de ensino czarista, além de expor suas contradições e intencionalidades no tocante à censura de obras e concepção de uma educação voltada para os interesses de grupos detentores do poder econômico e político (Salomão; Bezerra, 2023). É neste mesmo ano que vemos intensificadas as perseguições ao bibliotecário por ocasião dessa palestra, na forma de tentativas de prisão e exílio (o que daria início ao seu exílio definitivo), bem como as práticas de censura czarista, como já pontuado anteriormente por Roubakine ([1922] 1998, p. 21, tradução nossa): “De 1904 até nossos dias, foram queimados ao menos 25 milhões de livros”.²⁴¹ Tais acontecimentos demonstram como este ano, 1904, foi central para a trajetória biobibliográfica roubakiniana, ou seja, para a influência de sua vida em sua obra e para a influência de sua obra em sua vida.

Ainda no que se refere ao trecho acima destacado, especificamente, “ele mesmo [o povo russo] trabalha para sua educação, sem se importar com a vontade do poder supremo” (Roubakine, [1922] 1998, p. 22, tradução nossa),²⁴² podemos observar nas críticas roubakinianas ao ensino russo que, apesar de um sistema educacional tendencioso, que dificultava o acesso irrestrito ao conhecimento e

²⁴⁰ No original: *En 1904-1905, il s'est produit une crise, une rupture dans la conscience des paysans et des ouvriers russes et, depuis lors, le peuple russe n'est plus du côté de l'absolutisme, il travaille lui-même à son instruction, sans tenir compte de la volonté du pouvoir suprême* (Roubakine, [1922] 1998, p. 22).

²⁴¹ No original: *De 1904 à nos jours, on n'y a pas brûlé moins de 25 millions de livres* (Roubakine, [1922] 1998, p. 21).

²⁴² No original: *il travaille lui-même à son instruction, sans tenir compte de la volonté du pouvoir suprême* (Roubakine, [1922] 1998, p. 22).

buscava a formação de “cidadãos úteis”, sem compromisso com os modos de reflexão crítica sobre o real, as ações de instrução popular empreendidas tanto por Roubakine, mas também por outras figuras envolvidas com essas atividades na Rússia pré-revolucionária, como a própria Nadezhda Krupskaja, seria uma forma de luta a favor do pensamento crítico e de outros modos de interpretar o mundo social para além dos construtos hegemônicos que moldam as condições de produção, circulação, acesso e apropriação de conhecimento. Isto é, apesar dos obstáculos impostos pelo regime czarista, uma parte do povo russo estava comprometido com a resistência e o enfrentamento às contradições sociais.

Nesse âmbito, Roubakine ([1922] 1998) destaca, mais uma vez, a centralidade da instrução popular e, aí, da leitura, para a transformação social e luta pelo “direito a uma vida melhor”, partindo da crença na educação crítica das classes trabalhadoras:

São os intelectuais russos, ou, como são chamados, a ‘intelliguentzia’ russa e, especialmente, seus integrantes socialistas que, sendo justo, devem ser considerados como os verdadeiros fundadores da Bibliopsicologia; foi essa ‘intelliguentzia’ que, desde o início do século XIX e particularmente desde 1870, trabalhava intensamente, sob as condições mais penosas, e até mesmo mais intoleráveis, para instruir os camponeses e os operários russos, lutando assim por seu direito a uma vida melhor. Os russos que lutaram pela instrução do povo foram os primeiros a compreender, por experiência própria, a grande importância da Bibliopsicologia (Roubakine, [1922] 1998, p. 18, tradução nossa).²⁴³

No espaço-tempo de tessitura do pensamento roubakiniano, posicionado na paisagem pré-revolucionária russa, nos chama atenção, no plano de sua biobibliografia, a crença do bibliotecário na revolução socialista. Essa perspectiva sugere o ponto de nascimento de sua ciência na prática e na ação, ou seja, em um horizonte de práxis transformadora diante da opressão czarista desde, ao menos, os anos de 1870, no qual as atividades de instrução popular e socialização do conhecimento às classes trabalhadoras se desenvolveram sob as condições mais penosas — diante das censuras, das deportações, das perseguições e da violência

²⁴³ No original: *Ce sont les intellectuels russes ou, comme on les appelle, l’ ‘intelliguentzia’ russe et surtout ses éléments socialistes qu’il faut considérer, en toute justice, comme les véritables fondateurs de la biblio-psychologie; c’est cette ‘intelliguentzia’ qui, depuis le début du xix^e siècle et particulièrement depuis 1870, travaillait intensivement, dans les conditions les plus pénibles et même les plus intolérables, à instruire les paysans et les ouvriers russes, tout en luttant pour leur droit à une vie meilleure. Les Russes qui ont lutté pour l’instruction du peuple ont compris les premiers, par expérience, la haute importance de la biblio-psychologie* (Roubakine, [1922] 1998, p. 18).

imperial. Revelam-se, aqui, como já mencionado antes, o protagonismo do proletariado russo para a construção de uma mentalidade revolucionária capaz de direcionar a humanidade para uma sociedade livre, justa e igualitária; seria desses estratos que surgiria, portanto, uma “vida nova”, ou seja, uma nova força, um potencial de destruição das contradições que reinam no mundo social.

Essa dimensão praxiológica é mais uma vez desvelada no trecho abaixo:

[...] a prática da Bibliopsicologia mostrou ao mundo inteiro que essa ciência era mais forte que toda opressão e repressão e que qualquer ideia, mesmo a mais proibida, poderia alcançar seu objetivo, apesar de todas as dificuldades, internas ou psicológicas, externas ou sociais (Roubakine, [1922] 1998, p. 21-22, tradução nossa).²⁴⁴

Aqui, especificamente no trecho “a ciência mais forte que toda opressão e repressão”, poderíamos interpretar à luz das condições de vida dadas pelo regime czarista, junto aos obstáculos impostos para o acesso ao conhecimento. Ao mesmo tempo, apesar desses obstáculos, esse mesmo trecho sugere que as experiências de leitura — alcançadas a partir dos esforços a favor da instrução popular, do acesso ao livro e às bibliotecas — poderia fazer com que qualquer ideia, mesmo a mais proibida, pudesse alcançar o seu objetivo (o esclarecimento das massas), apesar de todas as dificuldades — de fundo interno, psicológico (a dificuldade de acesso à educação formal, o limite do vocabulário das massas populares em relação às classes letradas), bem como de caráter externo ou social (a distribuição desigual dos bens materiais, a censura czarista, os materiais tendenciosos).

Nessa mesma direção, o bibliotecário ainda traz em sua obra a centralidade da leitura para a transformação do mundo — dito de outra forma, para alcançar essa vida nova. O estudo sobre as condições de conhecimento sobretudo da classe trabalhadora russa seria central para indicar o livro que mais corresponda às suas particularidades e, mais ainda, que seja capaz de suscitar reflexões críticas sobre as assimetrias vivenciadas na Rússia imperial. Dessas lentes, emerge a indagação que orienta a construção da ciência bibliopsicológica:

‘Temos o direito de afirmar — e se sim, até qual ponto — que todo livro possui um conteúdo que lhe é próprio, independentemente da personalidade do leitor, do processo da leitura, das condições do

²⁴⁴ No original: [...] *la pratique de la biblio-psychologie a montré au monde entier que cette science était plus forte que toute oppression et répression, et que toute idée, même la plus défendue, pouvait être amenée à son but, malgré toutes les difficultés, internes ou psychologiques, externes ou sociales* (Roubakine, [1922] 1998, p. 21-22).

lugar e do momento onde esse processo se efetua?’ (Roubakine, [1922] 1998, p. II, tradução nossa).²⁴⁵

Uma das respostas a esta pergunta estaria no próprio horizonte sócio-histórico que tece a construção dessa ciência e, aí, a investigação sobre os impactos do livro no leitor:

[...] o segredo da enorme influência do livro não residia **no livro em si, mas no leitor**, nas suas especificidades psicológicas e sociais, em sua situação econômica e política. Eles aprenderam, com a ajuda de vários livros, a tentar provocar uma ação determinada sobre a psiquê do leitor. A experiência lhes mostrou que não é raro que mesmo o livro mais governamental desperte neste ou naquele leitor as ideias mais antigovernamentais, de acordo com o leitor que o lê, a maneira que ele o lê, de acordo com o modo e as circunstâncias em que o livro lhe foi dado, de acordo também com o prefácio que o livro recebeu e as condições políticas e econômicas do momento (Roubakine, [1922] 1998, p. 18, tradução nossa, grifo do autor).²⁴⁶

No trecho acima, Roubakine ([1922] 1998) sugere que os impactos do livro na mentalidade de quem lê são orientados, antes, pelo leitor, suas subjetividades (na dimensão psicológica) e seu contexto (a dimensão política, social e econômica), e não pelo livro em sua condição material e estática, ou seja, com sentidos e significados únicos para todas as pessoas. Para a construção epistemológica de sua Bibliopsicologia, o teórico, que seria criticado por negar a objetividade do livro ao afirmar que seu conteúdo existe em função do leitor, conforme veremos nas seções seguintes, posiciona a compreensão do livro — e sua ação em quem lê — diante da maneira como esse indivíduo se apropria de um objeto de leitura (o livro é o que uma pessoa leitora faz dele, mudando constantemente conforme a pessoa leitora se transforma ao longo da vida, diante de um contexto econômico, social, político e psicológico).

A partir daí seria possível não apenas conhecer o comportamento do leitor — o que lê, como lê, sob quais circunstâncias o livro alcançou esse leitor e sob quais

²⁴⁵ No original: ‘Avons-nous le droit d’affirmer - et si oui, jusqu’à quel point - que tout livre possède un contenu qui lui est propre, indépendamment de la personnalité du lecteur, du processus de la lecture, des conditions du lieu et du moment où ce processus s’effectue?’ (Roubakine, [1922] 1998, p. II).

²⁴⁶ No original: *Ils ont compris que le secret de l’énorme influence du livre résidait pas **dans le livre même, mais dans le lecteur**, dans ses particularités psychiques et sociales, dans sa situation économique et politique. Ils ont appris, avec l’aide de divers livres, à rechercher une action déterminée sur la psychique du lecteur. L’expérience leur a montré qu’il n’est pas rare qu’un livre même le plus gouvernemental, éveille chez tel ou tel lecteur les idées les plus antigouvernementales, selon le lecteur qui le lit, la manière dont il le lit, selon la façon et les circonstances dont le livre lui a été remis, selon aussi la préface dont le livre a été muni et les conditions économiques et politiques du moment* (Roubakine, [1922] 1998, p. 18, grifo do autor).

condições políticas, sociais, históricas e econômicas essa experiência de leitura transcorre —, como também mensurar as ações de um objeto de leitura na mente de quem lê, caminho que poderia direcionar para o despertar de sensações, pensamentos e posicionamentos a favor da luta pela justiça social. É, precisamente, este olhar que propõe a Bibliopsicologia como uma ciência que estuda o livro “[...] de acordo com a sua **ação sobre o leitor**” (Roubakine, [1922] 1998, p. 129, tradução nossa, grifo do autor).²⁴⁷

Dessa perspectiva e, especialmente, dos esforços a favor dos estudos dos impactos do livro na pessoa leitora e de suas condições de conhecimento na luta pela socialização do saber, sobressaem os horizontes de possibilidades de transformação social que podem ser entrevistados na teoria e na prática da ciência roubakiniana, conforme o trecho abaixo nos sugere:

São precisamente essas pessoas que elaboraram todos os procedimentos práticos essenciais para propagar os conhecimentos, as concepções, os estados de espírito, a ação; são elas que provaram que a influência de um livro bom e honesto sobre a multidão de leitores pode ser incomensuravelmente mais forte e mais fecunda do que é; que essa influência pode ser conscientemente intensificada com o objetivo de transformar a vida mais ordinária e mais rasa [...] (Roubakine, [1922] 1998, p. 20, tradução nossa).²⁴⁸

Nos limites das atividades de instrução popular, um "livro bom e honesto" poderia ser aquele não tendencioso e a favor dos interesses das classes hegemônicas (os quais, segundo Roubakine, [1922] 1998, eram distribuídos pelo regime czarista para a educação formal), mas sim aquele cuja ação seria "mais forte e mais fecunda", ou seja, capaz de despertar o povo russo para a reflexão. Ainda, esses impactos poderiam ser conscientemente intensificados com o objetivo de transformar a vida — aqui, no sentido de que, ao buscar o melhor livro para a pessoa leitora, aquele que mais se adequa às suas configurações psíquicas, cognitivas e emocionais, seria possível despertar nesse mesmo indivíduo, dentro de sua realidade e de suas intersubjetividades, valores éticos, morais, a verdade e a justiça, os quais, no pensamento roubakiniano, já estariam imanentes nesse mesmo

²⁴⁷ No original: “[...] d’après leur **action sur le lecteur**” (Roubakine, [1922] 1998, p. 129, grifo do autor).

²⁴⁸ No original: *Ce sont précisément ces gens qui ont élaboré tous les procédés pratiques essentiels pour propager les connaissances, les conceptions, les états d’esprit, l’action ; ce sont eux qui ont prouvé que l’influence sur la foule des lecteurs d’un livre bon et honnête, peut être incommensurablement plus forte et plus féconde qu’elle ne l’est; que cette influence peut être consciemment intensifiée dans le but de transformer la vie la plus ordinaire et la plus plate* (Roubakine, [1922] 1998, p. 20).

ser; ideias, pois, de justiça social ou, dito de outro modo, o uso do livro na luta pela verdade e pela justiça.

O estudo do livro e do leitor está voltado, fundamentalmente, para o impacto dessas obras na mentalidade de quem lê e em seus potenciais de apropriação de acordo com posicionamentos críticos, para obter o máximo possível de resultado (a aplicação desses saberes críticos para a transformação social) com o mínimo de esforços (considerando as dificuldades de acesso às condições de conhecimento na Rússia czarista), o que desvela, para nós, o horizonte teórico-empírico da ciência roubakiniana:

[...] parte aplicada da Bibliopsicologia, isto é, na questão do melhoramento do livro e dos canais de circulação do livro, bem como dos processos da leitura, com o objetivo de obter o máximo de resultado com o mínimo de esforço (Roubakine, [1922] 1998, p. 35, tradução nossa).²⁴⁹

Diante da paisagem vislumbrada por Roubakine ([1922] 1998), seria possível, através da ciência bibliopsicológica e de suas ações no que se refere ao livro e à leitura, alcançar uma “vida melhor”. Seria, fundamentalmente, a partir do estudo do livro em relação a quem lê, isto é, ao leitor, que seria possível depreender as condições de conhecimento dos grupos mais afetados pelas assimetrias no plano czarista e, a partir daí, oferecer obras que despertem esses mesmos leitores, esta é nossa interpretação, para os ideais de transformação social, de uma sociedade mais justa, livre e democrática. Isto significa dizer, portanto:

A Bibliopsicologia é um dos meios de **humanizar a humanidade**, se ousarmos nos expressar assim (Roubakine, [1922] 1998, p. III, tradução nossa, grifo do autor).²⁵⁰

Tal perspectiva demonstra o profundo compromisso da Bibliopsicologia, na constituição de seu *corpus* teórico e metodológico, com um horizonte praxiológico de transformação, caminho que conduz a epistemologia da ciência roubakiniana ao diálogo com outros campos científicos, dos quais toma emprestado métodos, materiais, objetos e teorias que contribuiriam para o alcance desses propósitos.²⁵¹

²⁴⁹ No original: [...] *partie appliquée de la biblio-psychologie, c'est-à-dire à la question de l'amélioration du livre et des voies de circulation du livre, ainsi que des processus de la lecture, dans le but d'obtenir le maximum de résultats avec le minimum d'efforts* (Roubakine, [1922] 1998, p. 35).

²⁵⁰ No original: *La biblio-psychologie est un des moyens d'humaniser l'humanité, si nous osons nous exprimer ainsi* (Roubakine, [1922] 1998, p. III, grifo do autor).

²⁵¹ Em seu *Introduction à la psychologie bibliologique*, Roubakine ([1922] 1998) menciona outros campos científicos que fazem fronteira com a Bibliopsicologia (ou que poderiam utilizar e se beneficiar

Nos trechos abaixo, o teórico russo destaca a circularidade epistêmica que demarca a configuração de sua Bibliopsicologia:

A história da Bibliopsicologia se confunde com a história das ciências das quais ela extrai seus materiais (Roubakine, [1922] 1998, p. 25, tradução nossa).²⁵²

[...] traçar, com toda a precisão possível, o limite que a separa [a Bibliopsicologia] das outras ciências contíguas, das quais ela toma emprestado materiais, sobretudo fatos, mas também teorias (Roubakine, [1922] 1998, p. 9, tradução nossa).²⁵³

No entanto, a Bibliopsicologia roubakiniana, apesar de intrinsecamente vinculada a outras ciências, constitui um campo científico próprio, com seus objetivos, métodos, teorias e objetos, conforme destacado no trecho abaixo:

Embora extraia seus materiais das mais variadas ciências, senão de **todas** as ciências, como fazem, a propósito, todas as novas ciências em seu nascimento, a Bibliopsicologia não é, de forma alguma, uma simples mistura de fatos fornecidos por numerosas disciplinas científicas. Ela possui objetivos próprios, seus métodos, seu objeto próprio, seu campo de estudo [...] ela pode ser considerada como uma ciência especializada e independente (Roubakine, [1922] 1998, p. 16, tradução nossa, grifo do autor).²⁵⁴

Ainda que dialogue com outros campos do saber e se utilize desses mesmos campos para construir seus métodos e teorias (chegando a apontar, de modo inverso, como esta ciência poderia contribuir para outras áreas científicas), a Bibliopsicologia é um campo de estudo estruturado epistemologicamente, ou seja, ela não é uma “simples mistura” de dados provenientes de diferentes disciplinas sem uma ordenação, mas sim um campo de estudo próprio, uma ciência especializada e

de suas teorias e métodos), demonstrando a circularidade epistêmica de sua ciência: Antropologia, Astronomia, Estatística, Ética, Filosofia, Gnosiologia, História, Linguística, Lógica, Pedagogia, Psicanálise e Sociologia. Em razão do espaço-tempo da pesquisa, essas relações não são aqui exploradas, estando nosso enfoque nos ramos científicos que, para nós, dialogam mais diretamente com as propostas estabelecidas para esta reflexão.

²⁵² No original: *Son histoire se confond avec l'histoire des sciences dans lesquelles la biblio-psychologie puise ses matériaux* (Roubakine, [1922] 1998, p. 25).

²⁵³ No original: [...] *tracer, avec toute la précision possible, la limite qui la sépare des autres sciences contigües, auxquelles elle emprunte des matériaux, des faits principalement, mais aussi des théories* (Roubakine, [1922] 1998, p. 9).

²⁵⁴ No original: *Cependant, tout en puisant ses matériaux dans les sciences les plus variées, sinon dans **toutes** les sciences, comme le font d'ailleurs, à leur naissance, toutes les sciences nouvelles, la biblio-psychologie n'est nullement un simple mélange de faits fournis par de nombreuses disciplines scientifiques. Elle possède ses buts à elle, ses méthodes, son objet propre, son domaine d'étude [...] elle peut être considérée comme une science spéciale et indépendante* (Roubakine, [1922] 1998, p. 16, grifo do autor).

independente que, a partir dessas relações epistêmicas, busca um objetivo particular que está dado por e para o significado moral e social de sua ciência.

Dito de outra forma:

A Bibliopsicologia é uma síntese de todas essas ciências, mas uma síntese que persegue seu objetivo particular, que é o estudo da força motriz do discurso cristalizado (Roubakine, [1922] 1998, p. 16, tradução nossa).²⁵⁵

Para nós aqui, como mencionado antes, essa “força motriz do discurso cristalizado” estaria nas possibilidades de ação do livro — tudo aquilo que é lido — na mentalidade do leitor, em uma proposta de desenvolvimento de tomadas de reflexões críticas capazes de contribuir para um reconhecimento crítico do real e, a partir daí, para sua transformação. Para tanto, a Bibliopsicologia dialoga com outros campos do conhecimento, de onde retira seus objetivos, métodos e teorias — embora seja uma ciência independente — para tecer o núcleo central de sua epistemologia. Aqui nos interessa, fundamentalmente, as relações estabelecidas com campos do conhecimento que se aproximam, de um lado, do horizonte praxiológico desvelado pela ciência roubakiniana e, por outro lado, de construtos que formam e integram a episteme do campo biblioteconômico-informacional.

Nas páginas iniciais de sua obra seminal, Roubakine ([1922] 1998) estabelece a relação entre a Bibliopsicologia com diferentes disciplinas científicas que tocam as ciências sociais, humanas, naturais e, até mesmo, as ciências exatas, demonstrando, de um lado, a própria erudição que demarca a tessitura de sua ciência, marcada pela influência da filosofia positivista de Auguste Comte em voga ali no século XIX — a qual influenciaria o contorno epistemológico de sua ciência e, de certa forma, da própria BCI — e, por outro lado, sua relação intrínseca com uma trajetória que perpassa a atuação nessas mesmas áreas do conhecimento, seja como educador, a partir de sua atuação no âmbito da instrução popular, seja como escritor de obras de popularização científica, como evidenciado por sua biografia, e como bibliotecário, a partir do contato com obras de diferentes campos.

A Bibliopsicologia, em sua visão:

[...] abre — essa é minha convicção profunda - novas e vastas perspectivas às ciências filosóficas, filológicas, psicológicas e sociais,

²⁵⁵ No original: *La biblio-psychologie est une synthèse de toutes ces sciences, mais une synthèse poursuivant son but particulier qui est l'étude de la force agissante du discours cristallisé* (Roubakine, [1922] 1998, p. 16).

para não citar a bibliologia (Roubakine, [1922] 1998, p. 9, tradução nossa).²⁵⁶

Nesse trecho, Roubakine ([1922] 1998) aponta para algumas das áreas que estariam, décadas depois, no centro de uma fundamentação epistemológica para a Biblioteconomia e Ciência da Informação, sobretudo se pensarmos no campo dos estudos da linguagem, na abordagem psicológica desenvolvida centralmente a partir dos anos de 1970 e nos contornos sociais que ganhariam mais expressão a partir dos anos de 1990, no que Capurro (2003) concebe como paradigmas cognitivo e pragmático, respectivamente. Ainda, é possível vislumbrar na própria indicação da Bibliologia um ponto de contato com a ciência tecida por Otlet, amigo próximo de Roubakine e um dos incentivadores de sua obra seminal, a qual sofreria influência do pensamento bibliopsicológico e, ao mesmo tempo, beberia desses aportes para demarcar o entendimento, dentre outras noções, sobre o objeto livro.

Nesta seara de desdobramento, os próprios domínios científicos, teorias e métodos mencionados por Roubakine ([1922] 1998), provenientes de diferentes áreas do saber, demonstram a circularidade epistêmica de sua Bibliopsicologia, podendo esta ser entrevista de maneira mais específica na relação traçada com os campos de conhecimento abaixo:

As ciências mais intimamente relacionadas com a Bibliopsicologia e que formam o terreno onde ela finca suas raízes são as seguintes: a linguística, e particularmente duas de suas subdivisões: a semântica e a psicologia da linguagem; a história e a teoria da literatura, a crítica, a estética e a pedagogia, a lógica, a teoria do conhecimento e particularmente a psicologia – sobretudo a psicologia experimental, sem falar, naturalmente, dos outros ramos da bibliologia (Roubakine, [1922] 1998, p. 15, tradução nossa).²⁵⁷

O pensador ainda complementa:

Eis exatamente onde se pode encontrar indicações valiosas para a Bibliopsicologia: em títulos da teoria da literatura, bibliologia, bibliografia teórica, história da literatura, crítica (científica, estética, social), psicologia (experimental, teórica, psicológica, pedagógica,

²⁵⁶ No original: [...] ouvre – c'est ma conviction profonde – de nouvelles et de larges perspectives aux sciences philosophiques, philologiques, psychologiques et sociales, sans parler de la bibliologie (Roubakine, [1922] 1998, p. 9).

²⁵⁷ No original: Les sciences qui touchent de plus près à la biblio-psychologie et qui forment le terrain où elle a ses racines, sont les suivantes: la linguistique, et particulièrement deux de ses subdivisions: la sémantique et la psychologie de la langue; l'histoire et la théorie de la littérature, la critique, l'esthétique et la pédagogie, la logique, la théorie de la connaissance et particulièrement la psychologie – surtout la psychologie expérimentale, sans parler naturellement des autres branches de la bibliologie (Roubakine, [1922] 1998, p. 15).

individual, social, etc.), teoria do conhecimento (gnosilogia), lógica, ética e estética, filosofia, filologia, linguística e todas suas subdivisões, em particular a semântica e a psicologia da linguagem (Roubakine, [1922] 1998, p. 15, tradução nossa).²⁵⁸

De início, nos deparamos com campos que dialogam com os estudos da linguagem (centralmente, a partir da semântica e da psicologia da linguagem); estudos literários, com foco na história, teoria, crítica e estética da Literatura; Pedagogia, via relação entre a Bibliopsicologia e a instrução popular; Lógica e Teoria do Conhecimento (como a pessoa leitora apropria saberes e conhece o mundo) e, mais uma vez, os já mencionados campos da Psicologia, em especial, a psicologia experimental, e a Bibliologia.

Aqui, não nos cumpre abordar, de forma detalhada, as relações com as diferentes ciências indicadas por Roubakine, mas sim estabelecer aproximações com as áreas que mais dialogam com os construtos abordados nesta pesquisa e que dialogam, em nossa perspectiva, com a epistemologia do campo biblioteconômico-informacional, dadas, centralmente, via aproximações com os seguintes campos do conhecimento: Psicologia; estudos da linguagem; estudos literários; Bibliologia e Bibliografia; Física; e Biologia. Diante desse cenário, elencamos abaixo as ciências com as quais a Bibliopsicologia dialoga mais intimamente, conforme horizonte epistêmico dado pelo pensamento roubakiniano.

7.1.2 Psicologia

No que se refere à Psicologia, concebida como um dos campos científicos centrais que ancoram a ciência roubakiniana, representada em sua própria terminologia, “Bibliopsicologia” ou “Psicologia Bibliológica”, o bibliotecário russo assim posiciona sua ciência:

A Bibliopsicologia nada mais é do que uma seção das ciências psicológicas (Roubakine, [1922] 1998, p. 16, tradução nossa).²⁵⁹

²⁵⁸ No original: *Voici exactement ou l'on peut trouver des indications précieuses pour la biblio-psychologie : sous les rubriques de la théorie de la littérature, bibliologie, bibliographie théorique, histoire de la littérature, critique (scientifique, esthétique, sociale), psychologie (expérimentale, théorique, physiologique, pédagogique, individuelle, sociale, etc.), théorie de la connaissance (gnoséologie), logique, éthique et esthétique, philosophie, philologie, linguistique avec toutes ses subdivisions, en particulier celles de la sémantique et de la psychologie de la langue* (Roubakine, [1922] 1998, p. 15).

²⁵⁹ No original: *La biblio-psychologie n'est qu'une section des sciences psychologiques* (Roubakine, [1922] 1998, p. 16).

O trecho acima nos oferece alguns dados interessantes para reflexão. A relação entre a ciência roubakiniana e o campo da Psicologia nos parece estar dada, de início, na própria trajetória acadêmica do teórico russo: o curso em ciências psicológicas e matemáticas na Universidade de São Petersburgo na década de 1880. Este marco, que influenciou tanto sua atuação como bibliotecário como a construção epistêmica de seus métodos e teorias, também se coloca diante do contexto científico de sua época.

Do lugar epistêmico de onde Roubakine tece seu pensamento, ou seja, entre os anos de 1880 e 1920, podemos vislumbrar, igualmente, o percurso de desenvolvimento da Psicologia e Psicanálise como áreas científicas — conforme demonstrado pelas próprias autorias indicadas por Roubakine ([1922] 1998) ao longo de sua obra de 1922, como Wilhelm Wundt (1832-1920),²⁶⁰ Sigmund Freud (1856-1939),²⁶¹ Hugo Munsterberg (1863-1916)²⁶² e Carl Jung (1875-1961),²⁶³ para citar alguns exemplos.

Além disso, outro ponto que nos chama atenção na fronteira entre a Bibliopsicologia e os estudos psicológicos está, antes, na conceituação de Roubakine ([1922] 1998) de sua ciência, a partir da centralidade epistemológica dada à dependência funcional entre autor-livro-leitor, tal como abordado na dimensão epistemológico-histórica. Aqui, o bibliotecário russo se refere a esta dependência, bem como a cada uma de suas partes, como fenômenos psíquicos, através dos quais seria possível desenvolver uma pesquisa exata, científica e, até mesmo, matemática. Nos contornos do que concebe como Bibliopsicologia, podemos observar, mais uma vez, que o teórico aponta para possíveis fundamentações para a sua ciência provenientes de áreas como a Psicologia (a partir, centralmente, do que chama de "fenômenos psíquicos"), de modo a indicar o centro epistêmico de sua abordagem sobre o leitor e a ação leitora e refletindo, de

²⁶⁰ Wilhelm Maximilian Wundt (1832-1920) foi um médico, filósofo e psicólogo alemão. É considerado um dos fundadores da psicologia experimental.

Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Wilhelm-Wundt>. Acesso em: 02 out. 2025.

²⁶¹ Sigmund Freud (1856-1939) foi um médico neurologista e importante psicanalista austríaco. Reconhecido como o fundador da psicanálise.

Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Sigmund-Freud>. Acesso em: 02 out. 2025.

²⁶² Hugo Münsterberg (1863-1916) foi um psicólogo e filósofo germano-americano interessado nas aplicações da psicologia ao direito, negócios, indústria, medicina, ensino e sociologia. Obteve um doutorado em Psicologia, sob supervisão de Wilhelm Wundt na Universidade de Leipzig. É considerado um dos pioneiros da Psicologia Aplicada na Indústria, Direito, Medicina e Educação.

Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Hugo-Munsterberg>. Acesso em: 02 out. 2025.

²⁶³ Carl Gustav Jung (1875- 1961) foi um psiquiatra e psicoterapeuta suíço, fundador da psicologia analítica. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Carl-Jung>. Acesso em: 02 out. 2025.

igual modo, a própria influência deste campo de conhecimento em seus estudos sobre o tema.

Em outro plano, tal lente de observação metodológica do e para a investigação dos fenômenos psíquicos que compreendem a relação autor-livro-leitor demonstra os contornos positivistas que mobilizariam as ciências sociais como um todo e, em específico, as pesquisas no âmbito da Psicologia e Psicanálise, campos de conhecimento ainda em vias de constituição na segunda metade do século XIX. A influência dessa corrente, como discutiremos nas próximas subseções, demarcaria a metodologia proposta para a Bibliopsicologia, embora sua construção epistemológica esteja intrinsecamente relacionada a um cenário pragmático de ocorrência. Ainda, sobressaem na e da abordagem roubakiniana, especialmente, uma tentativa de delimitação para os estudos do leitor a partir dos métodos e teorias entrevistados nos estudos em desenvolvimento da psicologia experimental e na corrente psicanalítica freudiana, na busca pelo conhecimento da alma do autor e, sobretudo, do leitor, ou seja, adentrar o íntimo dessas duas categorias na procura não apenas por suas formas de conhecer e construir saberes, mas também sobre suas formas de pensar sobre si e o mundo.

Em específico, Roubakine ([1922] 1998) aponta para a proximidade de sua ciência com a psicologia experimental, demonstrando a profunda relação com o cenário científico de sua época: a insurgência de teorias e métodos de e para o estudo da mente e do comportamento do indivíduo, como seria feito por outras ciências também em desenvolvimento nesse mesmo período, a exemplo da Sociologia de Émile Durkheim (1858-1917),²⁶⁴ igualmente próxima de uma abordagem positivista para a compreensão da sociedade. Para Simsova (1975), o período de desenvolvimento da Bibliopsicologia roubakiniana coincide com o mesmo marco temporal de formação de uma ciência psicológica, o que, alinhado ao percurso de formação acadêmica do teórico russo, poderia lançar, segundo a pesquisadora tcheca, algumas lentes sobre as razões que circundam a relação estabelecida com esse campo do conhecimento:

[...] a história da Bibliopsicologia foi absorvida cada vez mais pela

²⁶⁴ David Émile Durkheim (1858-1917) foi um sociólogo francês cujo legado liga-se tanto à consolidação da sociologia como disciplina científica quanto à formação de uma escola de pensamento fundada nos conceitos de fato social, de representações coletivas, de função, integração, regulação e anomia. Disponível em: <https://ea.flch.usp.br/autor/emile-durkheim>. Acesso em: 02 out. 2025.

psicologia experimental (Roubakine, [1922] 1998, p. 25-26, tradução nossa).²⁶⁵

Tal fundamentação não significa, contudo, que a Bibliopsicologia seja tão somente um ramo das ciências psicológicas, como algumas de suas definições em fontes de informação gerais do campo dão a entender, como o “Dicionário do livro”, de Faria e Pericão (Bibliopsicologia, 2008b), o *Diccionario de bibliotecología*, de Buonocore (Bibliopsicologia, 1976) e, por fim, o *Diccionario de bibliologia y ciencias afines*, de Martínez de Sousa (Bibliopsicologia, 1993), os quais sugerem a ciência roubakiniana como um ramo da Psicologia, sem abordar ou, até mesmo, mencionar, suas relações com a Biblioteconomia e Ciência da Informação. Nas lentes propostas para esta tese, refletimos que, apesar de Roubakine ([1922] 1998) demarcar a relação entre essas duas ciências, o autor já nos aponta, ainda nas páginas iniciais da obra aqui analisada, tratar-se, a Bibliopsicologia, de um domínio científico independente, com objetivos, teorias e métodos próprios e que toma emprestado de outras áreas científicas (a Psicologia sendo uma delas), fatos, materiais e teorias. Turin (1929, p. 75, tradução nossa) ainda afirmaria que “[...] confinar a Bibliopsicologia à psicologia da leitura e da autoria é minimizar sua significância tirando uma parte do todo e reduzindo o escopo de uma ciência inteira a um de seus capítulos”,²⁶⁶ evidenciando, desse modo, a circularidade epistêmica que atravessa a Bibliopsicologia e a posiciona em outros ramos do conhecimento para além da Psicologia.

Como será abordado depois, Roubakine ([1922] 1998) destaca a profunda relação da Bibliopsicologia com o campo da Bibliologia, entendendo esta como vinculada a uma “ciência do livro” — tal como seria colocado, anos depois, por Paul Otlet em seu *Traité de Documentation* de 1934 em sua abordagem psicológica do livro, resultado, entre outros desdobramentos, da influência roubakiniana no pensamento do advogado belga; reflexos, por sua vez, das relações de Nicolas Roubakine com Otlet na Suíça, as quais são entrevistas na construção das teorias que formam sua ciência. Significa dizer que a lente epistêmica psicológica, dialogada a uma ciência do livro, a Bibliologia, implicaria uma investigação do livro não apenas a partir de uma perspectiva histórica, literária e bibliográfica, mas também do ponto

²⁶⁵ No original: [...] *l’histoire de la biblio-psychologie est absorbée de plus en plus par celle de la psychologie expérimentale* (Roubakine, [1922] 1998, p. 25-26).

²⁶⁶ No original: [...] *to confine biblio-psychology to the psychology of reading and of authorship is to minimize its significance by taking a part for the whole and reducing the scope of an entire science to that one of its chapters* (Turin, 1929, p. 75).

de vista psicológico:

Eles [os livros] devem ser estudados em detalhes e não apenas do ponto de vista histórico, literário ou bibliográfico, mas – e insisto nesse ponto – do ponto de vista psicológico (Roubakine, [1922] 1998, p. 63, tradução nossa).²⁶⁷

No centro da abordagem roubakiniana, esse olhar envolve, sugerimos, a centralidade da pessoa leitora nos processos de leitura, incluindo a maneira como os livros e sua circulação (desde sua ideia na mente da autoria, sua produção editorial, caminhos de difusão até chegar ao leitor), impactam nas intencionalidades que circundam esses processos e na ação do que foi lido nesses mesmos leitores. Essa busca epistemológica está orientada para os propósitos que a ciência de Roubakine deseja alcançar: a ação do livro no leitor para a ação do livro na humanidade para, então, chegar a uma vida nova. Para atingir tal objetivo, seria preciso, pois, estudar o livro em sua abordagem psicológica ou, nas palavras de Roubakine:

Uma das tarefas da Bibliopsicologia é estudar cuidadosamente a psicologia da circulação do livro [...]. Deve-se, ao mesmo tempo, estudar em detalhes a psicologia de cada uma de suas etapas, bem como a psicologia de todos os processos de difusão do livro [...] em uma palavra, estudar a psicologia da escolha dos livros e de todos os fenômenos que levam tal livro às mãos de um dado leitor (Roubakine, [1922] 1998, p. 69, tradução nossa).²⁶⁸

Poderíamos dizer, estudar, pois, a psicologia da circulação do livro, desde da escolha dos livros (o que leva um leitor a escolher um dado livro em detrimento de outro?) e de todos os fenômenos que levam o livro até uma pessoa leitora (seus contextos e intersubjetividades). Na visão de Turin (1929), trata-se de pensar que as partes que integram os processos de leitura (a autoria, o livro e o indivíduo leitor) são indissociáveis do contexto macro em que essa mesma obra é produzida, ou seja, de um mercado livreiro que é determinado por suas condicionantes sociais; a autora nos diz que cada cópia de um livro colocada diante do leitor traz consigo a “marca” do trabalho daqueles que ajudaram em sua produção, ou seja, as configurações

²⁶⁷ No original: *Ils doivent être étudiés en détail et non pas seulement au point de vue historique, littéraire ou bibliographique, mais - et j'insiste sur ce point - au point de vue psychologique* (Roubakine, [1922] 1998, p. 63).

²⁶⁸ No original: *L'une des tâches de la biblio-psychologie est d'étudier soigneusement la psychologie de la circulation du livre [...] On doit en même temps étudier en détail la psychologie de chacune de ses étapes, ainsi que la psychologie de tous les procédés de diffusion du livre [...] en un mot étudier la psychologie du choix des livres et de tous les phénomènes qui amènent tel livre entre les mains de tel lecteur* (Roubakine, [1922] 1998, p. 69).

psicológicas, intersubjetividades e intencionalidades de todos os atores envolvidos neste processo. Em outros termos, significa investigar como o livro impacta o leitor e em suas formas de apropriar saberes à luz de sua relação com o meio social e com os fenômenos psíquicos que circundam o processo de produção do livro.

Como veremos mais à frente no horizonte epistemológico em Biblioteconomia e Ciência da Informação via uma dimensão cognitiva que toma forma a partir dos anos de 1970, é neste panorama que encontramos os estudos acerca dos processos de introjeção de conhecimento, caminho que encontra uma abordagem psicológica para a informação dada a partir de um indivíduo cognoscente (para além de uma perspectiva fisicalista centrada na teoria da informação shannoniana, na qual a informação é concebida como uma propriedade física que se desloca de um ponto ao outro — emissor-mensagem-receptor —, sem uma preocupação com seus aspectos semânticos e sociais).

Em uma abordagem psicológica, no que Capurro (2003) coloca como um paradigma cognitivo, também apontado em Pinheiro (1998), os estudos da Psicologia no discurso do campo seriam ancorados na maneira como um indivíduo introjeta conhecimento com vistas ao aprimoramento dos sistemas de busca e recuperação da informação, cenário em que sobressai um "usuário" como foco dos processos informacionais. Este percurso, segundo Dumont (1998), nos conduz aos estudos sobre a leitura no campo — o que, conforme vimos, já seria abordado por Roubakine no contexto social da Revolução Russa, ainda no final do século XIX. Aqui, no entanto, diferentemente da perspectiva roubakiniana, não há um enfoque nas condicionantes sócio-históricas e políticas que demarcam as formas de concepção e interação com a informação à luz de uma realidade construída socialmente.

7.1.3 Estudos da linguagem

Na aproximação traçada com os estudos da linguagem, a relação está dada não apenas no estudo da autoria, mas também da própria linguagem em sua concepção de compreensão de mundo, ou seja, a interpretação dos signos linguísticos diante de um contexto socialmente tecido que influencia e é influenciado, ao mesmo tempo, por esse mesmo cenário. As palavras utilizadas seriam resultado,

pois, da interpretação do mundo a partir das lentes de sua autoria — as quais são registradas, por sua vez, nos materiais de leitura.

Desse modo, na visão do teórico russo:

A Bibliopsicologia ajudará o linguista não somente a interpretar os materiais que estuda, mas também a conhecer a própria personalidade do autor e a compreender sua época e sua maneira de interpretar os fatos e as ideias (Roubakine, [1922] 1998, p. 14, tradução nossa).²⁶⁹

Ao compreender a personalidade da autoria, seria possível compreender seu contexto, suas ideias, formas de pensar (o mundo, sobretudo), bem como a própria intencionalidade de sua obra, ou seja, de onde essa autoria nos fala - o que impacta naquilo que escreve, em como escreve, na apropriação que deseja suscitar e o que pretende alcançar. A linguagem utilizada por uma autoria, segundo Roubakine ([1922] 1998), despertaria diferentes reações, pensamentos, emoções, sensações e ações em quem lê (quanto maior a proximidade de suas mentalidades, maior a compreensão e o impacto dessa linguagem na pessoa leitora).

Nessa mesma direção, no que se refere às investigações no âmbito da leitura, Dumont (1998) aponta que o ato de ler é, também, um ato de linguagem, à medida em que é necessário encontrar sentidos para o que está sendo lido e, a partir daí, nomear esses sentidos despertados pela relação com um artefato (as sensações de caráter físico, emocional, social, psíquico). No princípio de Humboldt-Potebnia no qual a abordagem sobre a linguagem pode ser encontrada em maior expressão, trata-se de pensar o livro como um artefato que representa a posição de uma autoria no mundo (representada, por sua vez, pela linguagem escolhida, igualmente atravessada por intenções) que desperta no indivíduo leitor (também parte de um tempo e um espaço) aquilo que já possui em seu íntimo: suas vivências, repertório informacional, pensamentos e bagagem cultural, as quais vão ao encontro do livro e da linguagem utilizada nesse mesmo livro (Roubakine, [1922] 1998).

Além disso, a aproximação epistêmica com os estudos da linguagem também encontra terreno fértil de articulação no âmbito da instrução popular que ocupou o centro da luta social roubakiniana. O teórico compreende a linguagem complexa dos materiais didáticos atribuídos para a educação formal russa como um empecilho

²⁶⁹ No original: *La biblio-psychologie aidera le linguiste, non seulement à interpréter les matériaux qu'il étudie, mais aussi à connaître la propre personnalité de l'auteur et à comprendre son époque et sa façon d'interpréter les faits et les idées* (Roubakine, [1922] 1998, p. 14).

para o estudo e compreensão da realidade, uma vez que a linguagem utilizada não se aproximava do vocabulário das classes populares, tampouco de seu universo social — no plano russo czarista, significa pensar a linguagem como um instrumento para o exercício de assimetrias sociais e para a disseminação de concepções excludentes do real. Ao mesmo tempo, esse mesmo uso da linguagem poderia se voltar para a construção de reflexões críticas e para o vislumbre de um mundo ancorado na justiça social. Tais indagações seriam trabalhadas, podemos lembrar, décadas depois por Paulo Freire (2011) no escopo da pedagogia crítica (e, depois, em suas ideias interpretadas e desdobradas em diferentes estudos sociais e críticos em BCI, em especial em seu diálogo com o gesto leitor) e da concepção de que a leitura da palavra só se efetiva na leitura do mundo, ou seja, do contato com a linguagem de outras mentalidades e realidades além de sua própria.

Os estudos da linguagem em Roubakine ([1922] 1998) assumem posição central não apenas para a investigação da autoria e suas formas de pensar e representar o mundo via linguagem, como também, em uma dimensão social e simbólica mais ampla, para o acesso ao conhecimento centralmente a partir de ações de instrução popular via materiais didáticos em uma linguagem menos complexa e mais próxima da realidade de grupos populares — o que seria feito pelo bibliotecário na elaboração de materiais para a popularização científica e para diferentes modos de (re)significação de uma linguagem no e para seu tecido social.

7.1.4 Estudos literários

Em relação próxima com os estudos da linguagem, os estudos literários englobam, no pensamento bibliopsicológico, a teoria, história e crítica da literatura, sendo, no entanto, mais extenso do que esses campos (Roubakine, [1922] 1998). Dito de outro modo, o foco desta ciência vai além daquele postulado pela literatura, alcançando não apenas o livro como artefato material (o livro pelo livro) e como conteúdo produzido por uma autoria, mas também, poderíamos sugerir, a perspectiva da pessoa leitora sobre este artefato lido; o objeto da Bibliopsicologia seria, assim, “qualquer palavra” e não apenas o texto escrito, que possui uma “existência própria” para além da autoria, adquirindo significado quando apropriado por um leitor e a interpretação que faz dessa palavra, como antes colocado. Nas palavras de Simsova (1975, p. 333, tradução nossa), significa dizer: “A literatura

estuda os livros de acordo com sua forma e conteúdo, a Bibliopsicologia, segundo sua ação no leitor”.²⁷⁰

Na relação epistêmica traçada com os estudos literários, Roubakine ([1922] 1998) indica a contribuição da Bibliopsicologia para este campo de conhecimento, demonstrando que não somente sua ciência empresta teorias e métodos de outros domínios, como também poderia contribuir para o desenvolvimento dessas áreas, conforme o trecho abaixo aponta:

A teoria da literatura [...] encontrará uma base sólida na Bibliopsicologia, que lhe explicará o efeito psicológico de dada forma literária em dado tipo individual ou social (Roubakine, [1922] 1998, p. 14, tradução nossa).²⁷¹

Cada forma literária possui um modo de impacto na mentalidade de quem lê, ou seja, desperta sensações psicológicas, físicas e emocionais marcadas pela intencionalidade de quem escreve e daquilo que é cristalizado pela linguagem e materializado em um objeto de leitura capaz de exercer uma ação sobre a humanidade. Na seara de uma perspectiva social para a análise da literatura, Dumont (1998) encontra nas categorias propostas por Hippolyte Taine no âmbito literário (raça, meio social e momento) fatores que determinam esses fenômenos. Na visão taineana, como colocado pela autora, não é possível ignorar as circunstâncias exteriores, de fundo social, que exercem influência sobre a atividade literária — abordagem igualmente articulada por Roubakine ([1922] 1998) no terceiro princípio fundamental de sua Bibliopsicologia, a lei de Taine, intimamente vinculado ao tecido social em que uma ação leitora ocorre no plano da leitura de qualquer artefato, seja uma obra literária, uma pintura, um discurso, ou o próprio mundo. Desse modo, para o pensador russo:

Veremos então que todo o campo da literatura, no sentido mais amplo da palavra, e de sua história se resume a isto: o estudo da linguagem cristalizada, do manuscrito, do livro como um tipo particular de aparelho ou engenho capaz de exercer, em determinadas condições subjetivas e objetivas, uma certa ação silenciosa sobre a mentalidade humana, tanto individual como coletiva. Essa ação depende das particularidades do leitor, do meio,

²⁷⁰ No original: *Literature studies books according to their form and content, bibliopsychology according to their action on the reader* (Simsova, 1975, p. 333).

²⁷¹ No original: *La théorie de la littérature [...] trouvera une base solide dans la biblio-psychologie, qui lui expliquera l'effet psychologique de telle forme littéraire sur tel type individuel ou social* (Roubakine, [1922] 1998, p. 14).

da obra, do escritor (Roubakine, [1922] 1998, p. 44, tradução nossa).²⁷²

O campo da literatura estaria voltado, pois, para o estudo da linguagem e do material de leitura, partindo de sua concepção como um instrumento capaz de despertar diferentes impactos em quem lê. Essa ação dependeria, por sua vez, “das particularidades do leitor, do meio, da obra, do escritor”, desvelando que o livro e o ato de ler não são ações isoladas de um contexto socialmente construído, mas sim frutos de condicionantes internas e externas do indivíduo e de sua relação com quem escreve — ambos posicionados de maneira particular no real. Lígia Dumont (1998, p. 54), no âmbito das discussões sobre a leitura no plano social em BCI, nos diria: “um sujeito, ao ler um texto, já é uma pluralidade de outros textos”.

Tal perspectiva nos conduz, mais uma vez, à centralidade da pessoa leitora não apenas para a Bibliopsicologia roubakiniana, como também, de forma mais ampla, para o campo dos estudos literários como um todo, cujos desdobramentos teóricos e metodológicos em torno de uma figura leitora podem ser observados com mais ênfase no escopo dos estudos da estética da recepção desenvolvidos no contexto ocidental europeu a partir da década de 1960. Para Dumont (1998), esta linha teórica, delineada fundamentalmente por Wolfgang Iser e Hans Robert Jauss, traz o leitor para o centro das atividades literárias para além da autoria e do conteúdo da obra. Em outras palavras, significa dizer: “a entrada do leitor como peça primordial no processo da comunicação autoria/texto/leitor permitiu que se vislumbresse com mais clareza a complexidade do fenômeno [literário]” (Dumont, 1998, p. 62).

Tal como colocado pelas lentes roubakinianas na tessitura da epistemologia de sua ciência, a abordagem da estética da recepção postularia a obra literária como um objeto que não existe por *si* mesmo, mas que passa a existir quando o indivíduo leitor dá sentido ao livro e “[...] faz suas interpretações, através de um diálogo, onde se funde o ‘horizonte de expectativas’ do leitor com um passado, mediatizados pelo repertório cultural de cada leitor” (Dumont, 1998, p. 68) — no vocabulário roubakiniano, quando esta obra vai ao encontro do *mnéma* de um leitor. Trata-se, o

²⁷² No original: *Nous verrons alors que tout le domaine de la littérature, au sens le plus large du mot, et de son histoire se réduit à ceci : l'étude du langage cristallisé, du manuscrit, du livre, en tant qu'appareil ou engin d'espèce particulière, capable d'exercer, dans des conditions subjectives et objectives déterminées, une certaine action silencieuse sur la mentalité humaine, individuelle et collective. Cette action dépend des particularités du lecteur, du milieu, de l'œuvre, de l'écrivain* (Roubakine, [1922] 1998, p. 44).

livro, segundo concepção de Roubakine ([1922] 1998), como aquilo que o leitor faz dele, ou seja, a projeção de sua mentalidade em um dado tempo e em um dado espaço. Essas lentes colocam Roubakine, para Dobrenko (1997), Estivals (1998) e Bobutaka (2010), no cenário dos esforços iniciais de abordagem do que seria constituído, a partir dos anos de 1960, como estudos da recepção, com foco para a centralidade do leitor para o processo literário — ainda que ausentem-se ou sejam incipientes, segundo as fontes de pesquisa aqui consultadas, relações desta linha teórica com o pensamento roubakiniano.

7.1.5 Bibliologia e Bibliografia

Para além de uma fundamentação epistemológica ancorada nos estudos psicológicos, Roubakine ([1922] 1998), em seu *Introduction à la psychologie bibliologique*, posiciona sua ciência como uma das subdivisões da Bibliologia, dada em sua própria etimologia — psicologia bibliológica ou Bibliopsicologia —, ocupando-se, no entanto, dos aspectos psicológicos do que concebe como uma ciência do livro, como veremos mais à frente. No trecho abaixo, o pensador russo evidencia seu olhar sobre a ciência bibliológica:

Sob o nome de **bibliologia** é designado o conjunto de todas as ciências que lidam com o livro, incluindo a bibliografia e a Bibliopsicologia (Roubakine, [1922] 1998, p. 120, tradução nossa, grifo do autor).²⁷³

Dentro das ciências que lidam com o livro mencionadas por Roubakine ([1922] 1998), temos, de um lado, a bibliografia e, do outro lado, a própria Bibliopsicologia. Apesar de integrarem o campo macro da bibliologia, ambas teriam horizontes epistêmicos diferentes: a bibliografia, na visão roubakiniana, se ocuparia das dimensões descritivas dos objetos de leitura para além das particularidades e dos modos de impacto do livro na mentalidade de quem lê, conforme podemos observar abaixo:

A bibliografia, como o nome sugere, é uma ciência que trata da descrição dos livros, independentemente da forma como são lidos e da ação sobre os diferentes leitores (Roubakine, [1922] 1998, p. 120,

²⁷³ No original: *Sous le nom de **bibliologie** on désigne l'ensemble de toutes les sciences traitant le livre, y compris la bibliographie et la biblio-psychologie* (Roubakine, [1922] 1998, p. 120, grifo do autor).

tradução nossa).²⁷⁴

Em sua construção etimológica (*biblion* = livro e *graphé* = descrição), a bibliografia seria compreendida, segundo Lara (2018) e Araújo, Araújo e Crippa (2024), à luz da produção sistemática de listas descritivas de registros do conhecimento sobre uma determinada autoria, assunto ou que compartilhem uma ou mais características em comum (idioma, forma, período, local de publicação), voltadas centralmente para a compilação de repertórios que sirvam como instrumentos de mapeamento, organização, controle, divulgação, recuperação e acesso aos saberes construídos pela humanidade.

Tal perspectiva posiciona este domínio científico, de acordo com a pesquisadora francesa Louise Malclès (1967), à luz das circunstâncias que condicionam a produção desses repertórios, ou seja, os contextos históricos, sociais, culturais, econômicos, políticos e tecnológicos que influenciam na atividade bibliográfica em um dado espaço-tempo; significa dizer, aqui, que a bibliografia e suas atividades seriam não apenas um registro das manifestações intelectuais humanas, mas também, ao mesmo tempo, resultado dessas mesmas expressões, sendo, pois, atravessadas por interesses e intencionalidades (fazer circular ou restringir o uso de livros, por exemplo), que exercem impacto na realidade social — esse aspecto seria especialmente interessante se retomarmos, de um lado, a paisagem czarista russa de controle e censura de livros e vigilância do trabalho bibliotecário e, do outro lado, as listas bibliográficas elaboradas por Nicolas Roubakine para o percurso de autoinstrução das massas populares nesse mesmo período, para que elas pudessem, a partir daí, se desenvolver intelectualmente e, com isso, lutar pelos seus direitos a uma vida melhor.

Um outro ponto interessante no escopo da ciência bibliográfica está em uma de suas linhas de investigação epistemológica, que relaciona este campo ao estudo do livro como um artefato material, ou seja, às técnicas de produção do livro em seus aspectos históricos, descritivos, analíticos e críticos. Para Araújo, Araújo e Crippa (2024), trata-se do estudo do livro no bojo da bibliografia material, disciplina que se interessa pela materialidade do objeto de leitura (suas características físicas e externas, como o suporte, formato, escrita, letra, tinta, técnicas de fabricação e

²⁷⁴ No original: *La bibliographie, comme son nom l'indique, est une science qui s'occupe de la description des livres, indépendamment de la façon dont ils sont lus et de leur action sur les différents lecteurs* (Roubakine, [1922] 1998, p. 120).

edição); esses aspectos, junto ao conteúdo textual dos documentos, seriam tomados como elementos fundamentais para o entendimento da trajetória desses materiais em diferentes contextos e, ainda, como fontes para a compreensão do sentido que um indivíduo leitor dá ao texto em função de sua materialidade.²⁷⁵

Esse último aspecto, em específico, nos aproxima da abordagem roubakiniana. O teórico nos diz o seguinte a respeito dos impactos da forma do livro em quem lê:

O estudo do aspecto do livro cabe à bibliologia e à bibliografia. Mas a Bibliopsicologia também se apropria dele ao considerar a influência das variações da forma do livro sobre o leitor (Roubakine, [1922] 1998, p. 61, tradução nossa).²⁷⁶

À medida em que a Bibliopsicologia se interessa, em última instância, pelos impactos dos registros do conhecimento na pessoa leitora, os aspectos externos desse livro também seriam de interesse a esta ciência. Aqui, Roubakine ([1922] 1998) afirma que a influência de um livro é exercida não apenas por seu conteúdo, mas também por seus aspectos externos (o título, a capa, o formato, os caracteres, o papel, as ilustrações e, até mesmo, a encadernação), os quais não apenas possuem uma psicologia própria, como antes colocado por Turin (1929), como também intencionalidades específicas, devendo esses elementos, portanto, ser compreendidos para a investigação do processo de leitura e aproximando a ciência bibliopsicológica, em nosso entendimento, dos aportes da bibliografia material.

No entanto, apesar de compartilharem métodos e teorias e de o estudo do livro em sua condição material ser um aspecto relevante para a investigação de seus

²⁷⁵ No campo da história do livro, especificamente na historiografia francesa, por exemplo, o livro seria estudado como um artefato material que se encerra em si mesmo — os elementos físicos do livro, circunscritos no âmbito do que podemos entender como uma bibliografia material. A partir das décadas de 1950 e 1960, o livro passa a ser compreendido para além de seu suporte material, adotando uma perspectiva voltada para seus contornos e influências culturais e sociais. Igualmente, no campo da leitura, o interesse inicial versava sobre o que liam as pessoas — normalmente das classes mais nobres e reais — em seus aspectos quantitativos (quais livros uma determinada biblioteca particular tinha e o que isso diz sobre o seu possuidor) — algo já mencionado na revisão histórica de Ramírez Leyva (2007b) e que seria insuficiente, na visão de Robert Darnton (2008), para representar a circulação e apropriação do livro e da leitura (no caso do autor, na França do século XVIII, no Antigo Regime) — estendendo o seu olhar para as classes menos abastadas, para a circulação de livros clandestina, o que teria impactado nas bases ideológicas e políticas que levariam à Revolução Francesa. A preocupação com o leitor e sua apropriação em contornos subjetivos se daria a partir dos estudos de Wolfgang Iser e Hans Robert Jauss no campo de uma Estética da Recepção, na década de 1960. Aqui, o livro e a leitura são tomados como uma manifestação social e não apenas individual, algo que Roubakine ([1922] 1998) já falava ainda no século XIX.

²⁷⁶ No original: *L'étude de l'aspect du livre appartient à la bibliologie et à la bibliographie. Mais la biblio-psychologie s'en empare aussi, en considérant les variations de la forme du livre dans leur influence sur le lecteur* (Roubakine, [1922] 1998, p. 61).

impactos no real, Nicolas Roubakine ([1922] 1998) expõe algumas limitações no que diz respeito a contribuição do campo bibliográfico para sua Bibliopsicologia. Para o bibliotecário russo:

A bibliografia moderna não estuda as individualidades psíquicas dos livros. [...] Ela não dá nenhuma indicação das particularidades que se encontram em cada livro e que o transformam num meio **vivo** de ação sobre a alma do homem vivo e da sociedade humana (Roubakine, [1922] 1998, p. 122-123, tradução nossa, grifo do autor).²⁷⁷

A bibliografia, para Roubakine ([1922] 1998), estaria interessada mais na descrição do livro pelo livro (sua forma e seu conteúdo, na medida em que este se encerra como um artefato material e não em um sentido amplo de sua existência social), do que em sua descrição à luz das particularidades de quem lê (a representação descritiva de um livro que, a partir dessa mesma descrição, poderia exercer diferentes impactos em grupos distintos de leitores).

Em outras palavras, a construção de bibliografias, cujos critérios de seleção, organização e classificação repousam nos tipos psicológicos de cada pessoa leitora, em seus níveis de instrução e capacidades cognitivas, em diálogo direto, portanto, com os contextos de vida de cada grupo social de leitores, algo que Nicolas Roubakine faria nas bibliografias que elaborou ao longo de sua vida, como a *Sredi knig*, exemplo mais notório desta atividade.

A descrição de livros de acordo com as particularidades dos indivíduos leitores poderia transformar esses objetos em meios de ação sobre a sociedade — a possibilidade de encontrar o livro ideal para cada realidade leitora e o uso dos artefatos bibliográficos não apenas como meios de compreensão do real, mas também de transformação desta mesma realidade. Isso colocaria, na visão de Roubakine ([1922] 1998), a Bibliopsicologia no centro de uma vida ativa, ou seja, não apenas dada pela teoria, mas, sobretudo, pela e para seu horizonte prático:

A bibliografia trabalha no silêncio das bibliotecas. A Bibliopsicologia trabalha no meio de uma vida ativa, no seu centro. Ela estuda o livro especificamente na sua relação com os leitores, com dezenas, milhares, milhões de leitores. A bibliografia afirma que um livro pode e deve ser conhecido em si mesmo, porque cada livro tem o seu

²⁷⁷ No original: *La bibliographie moderne n'étudie pas les individualités psychiques des livres. [...] Elle ne fait pas mention des particularités qu'on trouve dans chaque livre et qui le transforment en moyen vivant d'action sur l'âme de l'homme qui vit et de la société humaine* (Roubakine, [1922] 1998, p. 122-123, grifo do autor).

conteúdo próprio. A Bibliopsicologia prova que um livro nada mais é do que a projeção da alma do leitor, que o conteúdo do livro é essencialmente variável, que varia consoante o leitor e que apenas as imagens gráficas das letras e das palavras não variam. Ora, essas imagens não constituem o conteúdo do livro. Este conteúdo nada mais é do que o que estas imagens excitam na alma do leitor. Os resultados desta excitação são sempre diferentes: os fatos, as suas interpretações, as ideias suscitadas por estas imagens são variáveis de acordo com o leitor. Os métodos da bibliografia são apenas processos verbais de livros, ou seja, a sua descrição (Roubakine, [1922] 1998, p. 121, tradução nossa).²⁷⁸

Esta perspectiva evoca a seguinte compreensão:

A bibliografia é a **estática** do livro. Por sua vez, a bibliopsicologia, sendo uma ciência que lida com as funções psíquicas dos livros lidos, é a sua **dinâmica** (Roubakine, [1922] 1998, p. 121, tradução nossa, grifo do autor).²⁷⁹

É preciso, pois, aproximar a bibliografia do leitor, ou seja:

Significa estudar qualquer livro (artigo, discurso e, em geral, qualquer palavra viva ou cristalizada), não em si mesmo ou de acordo com o seu conteúdo aparente, mas de acordo com a sua ação sobre a alma humana (Roubakine, [1922] 1998, p. 122, tradução nossa).²⁸⁰

Na interpretação de Elena Savova (1998), Roubakine teria introduzido na bibliografia os seus princípios bibliopsicológicos de descrição e classificação: por interesse, por tipo de leitores, por tipo de livros conforme seus leitores, posicionando este campo para além de uma descrição dos materiais que considera apenas seus aspectos exteriores (formato, título, autor), orientando-se, igualmente, pelo conteúdo

²⁷⁸ No original: *La bibliographie travaille dans le silence des bibliothèques. La biblio-psychologie travaille au milieu d'une vie active, dans son centre. Elle n'étudie le livre que dans ses rapports avec les lecteurs, avec des dizaines, des milliers, des millions de lecteurs. La bibliographie affirme qu'un livre peut et doit être connu en lui-même, car tout livre possède un contenu qui lui est propre. La biblio-psychologie prouve qu'un livre n'est autre chose que la projection de l'âme du lecteur, que le contenu du livre est essentiellement variable, qu'il varie selon le lecteur et que seules les images graphiques des lettres et des mots ne varient pas. Or, ces images ne constituent point le contenu du livre. Ce contenu n'est autre chose que ce que ces images excitent dans l'âme du lecteur. Les résultats de cette excitation sont toujours différents: les faits, leurs interprétations, les idées excitées par ces images sont variables suivant le lecteur. Les méthodes de la bibliographie ne sont que des procès-verbaux des livres, autrement dit, leur description* (Roubakine, [1922] 1998, p. 121).

²⁷⁹ No original: *La bibliographie est la **statique** du livre. Or, la biblio-psychologie, étant une science qui traite des fonctions psychiques des livres lus, est sa **dynamique*** (Roubakine, [1922] 1998, p. 121, grifo do autor).

²⁸⁰ No original: *Voilà pourquoi la biblio-psychologie affirme que les faits enregistrés par la bibliographie ne sont point identiques à ceux de la biblio-psychologie. Il faut auparavant, transformer tous les registres, les listes et les descriptions des livres en 'faits' propres à servir de base à des généralisations biblio-psychologiques. [...] Mais que signifie l'expression 'transformer les fiches bibliographiques en phénomènes biblio-psychologiques?' Cela veut dire, étudier n'importe quel livre (article, discours et en général toute parole vivante ou cristallisée), non pas en lui-même ou d'après son contenu apparent, mais d'après son action sur l'âme humaine* (Roubakine, [1922] 1998, p. 122).

psicológico do livro. Trata-se, no olhar de Savova (1998), de vislumbrar Nicolas Roubakine como o fundador da Bibliopsicologia da leitura e do desenvolvimento, portanto, de outras lentes para a bibliografia — estas, que transcendem seu sentido físico e material para alcançar a pessoa leitora.

A Bibliopsicologia, por outro lado, se dedicaria a todos os fenômenos que envolvem o livro à medida que este se relaciona ao leitor, destacando a centralidade dada por sua ciência à figura leitora, contexto em que sobressai o diálogo direto com a Bibliologia. Nos dois trechos abaixo, é possível observar essa relação epistêmica:

A bibliologia é a ciência geral do livro, a bibliopsicologia é apenas uma divisão sua e se concentra no lado psicológico dos fenômenos que a bibliologia geral também estuda sob outros aspectos (Roubakine, [1922] 1998, p. 63, tradução nossa).²⁸¹

Colocado de outra forma, segundo Savova (1998), a ideia de um estudo do livro (a bibliologia) centrado não apenas nos aspectos físicos dos artefatos bibliográficos, como também nos fenômenos psíquicos presentes nas atividades que envolvem o livro — notadamente, o ato de ler e seu impacto psicológico em quem lê. Trata-se de se perguntar, como também já pontuado por Saldanha (2018), pelo indivíduo por trás do objeto:

A Bibliopsicologia, por sua vez, estuda os fenômenos psíquicos ligados à existência do livro, começando pela sua gênese na alma do autor e terminando com a sua ação sobre o leitor. A Bibliopsicologia, no sentido restrito da palavra, é apenas uma subdivisão da bibliologia. Estuda, mas apenas do ponto de vista psicológico, todas as propriedades dos livros assim como todos os fenômenos bibliográficos e bibliológicos (Roubakine, [1922] 1998, p. 120, tradução nossa).²⁸²

Para Lydia Turin (1929), todos os fenômenos bibliográficos e bibliológicos significam, em sentido mais amplo, todos os processos e atores envolvidos na produção do livro, só que, diferentemente dos bibliólogos, esse estudo se daria a partir de uma perspectiva psicológica, ou, de forma mais específica, em suas

²⁸¹ No original: *La bibliologie, étant la science générale du livre, la biblio-psychologie n'en est qu'une division et se concentre sur le côté psychologique des phénomènes que la bibliologie générale étudie aussi sous d'autres aspects* (Roubakine, [1922] 1998, p. 63).

²⁸² No original: *La biblio-psychologie, elle, étudie les phénomènes psychiques liés à l'existence du livre, en commençant par la genèse de celui-ci dans l'âme de l'auteur et en terminant par son action sur le lecteur. La biblio-psychologie, dans le sens étroit du mot, n'est qu'une subdivision de la bibliologie. Elle étudie mais uniquement au point de vue psychologique, toutes les propriétés de livres ainsi que tous les phénomènes bibliographiques et bibliologiques* (Roubakine, [1922] 1998, p. 120).

relações psicológicas e sociais, com foco na influência de todos esses fenômenos psíquicos na mentalidade do leitor.

Para estabelecer a relação social e psicológica com a bibliologia, Roubakine ([1922] 1998) recorre ao amigo e bibliólogo Paul Otlet:

Sobre esse assunto, é impossível não partilhar da opinião do bibliólogo notável e universalmente conhecido como especialista do livro e de tudo o que lhe diz respeito: P. Otlet, diretor do Instituto Internacional de Bibliografia de Bruxelas (Roubakine, [1922] 1998, p. 63, tradução nossa).²⁸³

Aqui, Roubakine ([1922] 1998) aponta para a centralidade do pensamento otletiano para a configuração de uma ciência do livro, a bibliologia, e todos os aspectos que envolvem sua existência no espaço e no tempo (para além de sua condição material de existência), como seria vislumbrado nos diferentes aspectos abordados pelo advogado belga em seu *Traité de Documentation*, fruto, entre outras condicionantes, da influência da teoria roubakiniana:

Ao falar de bibliologia, Otlet há muito insistia no seu elemento psicológico e sociológico, trazendo assim a esta ciência dos 'ratos de bibliotecas' amplas e novas concepções e aquela nova vida de que tanto ela necessitava (Roubakine, [1922] 1998, p. 124, tradução nossa).²⁸⁴

O bibliotecário russo ainda destaca a dimensão psicológica e sociológica entrevista na bibliologia otletiana, o que traria novas concepções não somente para a ciência do livro de modo geral, mas também para o próprio entendimento do livro em seu sentido mais amplo (o livro como tudo aquilo que pode ser lido para além de sua forma cristalizada, ou seja, a leitura de qualquer registro de conhecimento produzido pela humanidade, seja o livro, uma pintura, um filme e, até mesmo, a realidade). O teórico continua:

Em 1911, Otlet procurou chamar a atenção dos bibliógrafos para a individualidade psicológica do livro. Podemos assim considerar P. Otlet como um dos precursores da Bibliopsicologia. Embora a ideia fundamental da Bibliopsicologia não tenha sido formulada por ele, foi Otlet, com os professores A. Ferrière, P. Bovet e E. Claparède, de

²⁸³ No original: *A ce sujet il est impossible de ne pas partager l'opinion du bibliologue remarquable et universellement connu comme spécialiste du livre et de tout ce qui le concerne : P. Otlet, directeur de l'Institut bibliographique international de Bruxelles* (Roubakine, [1922] 1998, p. 63).

²⁸⁴ No original: *En parlant de la bibliologie, Otlet, depuis longtemps, insistait sur son élément psychologique et sociologique, apportant ainsi à cette science des 'Rats de bibliothèques' des conceptions larges et nouvelles et cette vie nouvelle dont elle avait si grand besoin* (Roubakine, [1922] 1998, p. 124).

quem falaremos mais tarde, um dos primeiros, já em 1916, a compreender a importância desta ideia. Foi também ele – e este é um dos seus grandes méritos – que em 1919 colocou a Bibliopsicologia na base de toda a bibliologia. [...] Otlet coloca na base da ‘bibliologia teórica’ as quatro subdivisões da Bibliopsicologia expostas na conferência dada no Instituto J.-J. Rousseau (em Genebra) em 22 de outubro de 1916, e que formaram o capítulo I deste trabalho (Roubakine, [1922] 1998, p. 124-125, tradução nossa).²⁸⁵

Para Simsova (1975), ao “colocar a Bibliopsicologia na base de toda a bibliologia” tal perspectiva demonstra que Otlet identificava aproximações entre a dimensão teórica de sua ciência do livro com os construtos da ciência roubakiniana. Em seu *Traité de Documentation*, o advogado belga dedica uma seção à psicologia bibliológica, além de apontar para o estudo social do livro; este, em um horizonte positivista que busca na totalidade do mapeamento e organização do conhecimento registrado pela humanidade, alcançar o entendimento mútuo entre os povos e, assim, a paz mundial.

As subdivisões propostas por Otlet para a Bibliopsicologia seriam:

Aqui estão estas subdivisões tal como foram formuladas por Otlet (devemos acrescentar que esta fórmula não difere em nada da nossa): 1º Bibliologia científica: aperfeiçoamento de que é passível o livro considerado como expressão e cristalização cada vez mais adequada do pensamento e da ciência. Papel social do livro de ciências. 2º Bibliologia psicológica: processos de criação, circulação, utilização e influência do livro e da imprensa. Pesquisa das relações entre os autores e leitores pelo meio impresso. Pesquisa sobre a correspondência entre o tipo mental do escritor e do leitor; condições ótimas para a leitura individual; o papel do texto e da imagem. 3º Bibliologia sociológica: difusão do livro nos vários estratos da sociedade; o seu papel na formação da ideologia popular; como os dados fundamentais da vida e conduta das sociedades deveriam ser constantemente difundidos em todo o corpo social, com vistas ao progresso; a função atribuída a este respeito às publicações dos organismos oficiais, associações e jornais. 4º Bibliologia pedagógica: preparação dos espíritos para a leitura e a crítica; ensino, desde os jovens e continuando nos adultos, dos melhores métodos de leitura fecunda, iniciação no ensino superior às fontes escritas de conhecimento. Teoria geral da popularização da ciência, da

²⁸⁵ No original: *En 1911, Otlet a cherché à attirer l'attention des bibliographes sur l'individualité psychologique du livre. Nous pouvons ainsi considérer P. Otlet, comme un des précurseurs de la biblio-psychologie. Bien que l'idée fondamentale de la biblio-psychologie n'ait pas été formulée par lui, c'est Otlet qui, avec les professeurs A. Ferrière, P. Bovet et E. Claparède dont nous parlerons dans la suite, a, l'un des premiers, dès 1916, compris l'importance de cette idée. C'est lui aussi – et c'est un de ses grands mérites – qui en 1919 a mis la biblio-psychologie à la base de toute la bibliologie. Otlet met à la base de la "bibliologie théorique" les quatre subdivisions de la biblio-psychologie exposées dans la conférence faite à l'Institut J.-J. Rousseau (à Genève), le 22 octobre 1916, et qui a formé le chapitre I de cet ouvrage* (Roubakine, [1922] 1998, p. 124-125).

propaganda de ideias, e da formação da opinião pública através do meio impresso. [...] Com essas palavras, Otlet não apenas reconhece a Bibliopsicologia como uma ciência autônoma, mas lhe dá um lugar central entre todas as outras ciências bibliológicas estudadas pelo Institut International de Bibliographie (Roubakine, [1922] 1998, p. 125-126, tradução nossa).²⁸⁶

A partir do enfoque central da Bibliopsicologia na ação do livro sobre a pessoa leitora, Roubakine ([1922] 1998) destaca que sua ciência não pretende desconsiderar ou tornar inúteis os avanços alcançados não só pela Bibliologia, como também pela Bibliografia, no âmbito dos estudos do livro, tampouco fazer dessas duas ciências seus complementos, mas sim aproximar seus objetivos, teorias e métodos. Ao mesmo tempo, afirma que cada um desses domínios científicos é independente, ou seja, cada um possui sua própria *episteme*:

[...] os métodos e objetivos da bibliologia e da bibliografia são considerados como sendo aqueles da Bibliopsicologia. [...] Cada uma dessas ciências se ocupa do estudo do livro, mas cada uma tem o seu próprio objeto, os seus objetivos particulares, os seus próprios meios e, conseqüentemente, a sua própria razão de ser (Roubakine, [1922] 1998, p. 120, tradução nossa).²⁸⁷

Como uma ciência independente, mas vinculada intimamente ao escopo das ciências que se ocupam do livro (como a bibliologia e a bibliografia), assim Paul Otlet sintetiza a contribuição da Bibliopsicologia roubakiniana:

²⁸⁶ No original: *Voici ces subdivisions telles que les a formulées Otlet (nous devons ajouter que cette formule ne diffère en rien de la nôtre): 1°. Bibliologie scientifique: Amélioration dont est susceptible le livre considéré comme expression et cristallisation de plus en plus adéquate de la pensée et de la science Conditions du livre de science. 2o. Bibliologie psychologique: processus de création, circulation, utilisation et influence du Livre et de la presse. Recherches des relations entre les auteurs et les lecteurs par le moyen des imprimés. Recherches sur la correspondance entre le type mental de celui qui écrit et de celui qui lit conditions optima de la lecture individuelle; rôle propre au texte et à l'image. 3°. Bibliologie sociologique: Diffusion du livre dans les diverses couches de la société; son rôle dans la formation de l'idéologie populaire; comment les données fondamentales de la vie et de la conduite des sociétés devraient constamment être répandues dans le corps social, en vue du progrès; la fonction dévolue à ce point de vue aux publications de corps officiels, à celles des associations et des journaux. 4°. Bibliologie pédagogique: préparation des esprits à la lecture et à la critique; enseignement, dès la jeunesse et continué chez les adultes, des meilleures méthodes pour lire avec fruit, initiation dans l'enseignement supérieur aux sources écrites du savoir. Théorie générale de la vulgarisation des sciences, de la propagande en faveur des idées et de la formation des courants d'opinion publique par l'intermédiaire des imprimés. [...] Par ces paroles, Otlet non seulement reconnaît la biblio-psychologie en tant que science autonome, mais il lui attribue la place centrale parmi toutes les autres sciences biblio-logiques qu'étudie l'Institut International de Bibliographie (Roubakine, [1922] 1998, p. 125-126, grifo do autor).*

²⁸⁷ No original: *[...] les méthodes et les buts de la bibliologie et de la bibliographie sont considérés comme étant ceux de la biblio-psychologie. [...] Chacune de ces sciences s'occupe de l'étude du livre, mais chacune a son objet propre, ses buts particuliers, ses moyens et, par conséquent, sa raison d'être (Roubakine, [1922] 1998, p. 120).*

Ninguém que se interesse pelas ciências do livro ou pelas ciências da mente poderá a partir de agora ignorar os novos problemas suscitados e as primeiras soluções propostas para eles. Pois se trata de uma ciência mista: ela participa tanto da psicologia quanto da bibliologia: ela é uma resultante de uma e de outra, um aporte de uma à outra (Otlet, 2018, p. 45).

Esse horizonte demonstra, poderíamos refletir, a profunda relação da ciência tecida por Roubakine com as ciências do livro, bem como e, sobretudo, a influência do teórico russo para o pensamento e a fundamentação teórico-epistemológica da bibliologia otletiana, dada em seu *Traité de Documentation* de 1934.

7.1.6 Física

Em sentido amplo, antes de adentrar a relação da Bibliopsicologia com os estudos no campo da Física, Roubakine ([1922] 1998) destaca suas aproximações com as ciências naturais e exatas, as quais também estariam, segundo algumas linhas de investigação epistemológica, no centro da fundamentação do discurso biblioteconômico-informacional:

As ciências naturais – antropologia, fisiologia, biologia em geral, nos fornecem um material abundante (Roubakine, [1922] 1998, p. 16, tradução nossa).²⁸⁸

De maneira mais específica, o teórico chama atenção para a Matemática e a Física:

A Bibliopsicologia retira dados do campo da matemática e da teoria das probabilidades, bem como da física e outras ciências correlatas (Roubakine, [1922] 1998, p. 16, tradução nossa).²⁸⁹

Roubakine ainda vai além, posicionando, conforme horizonte positivista proposto por sua ciência (fruto de seu cenário científico e da influência desta corrente nas ciências sociais), a Bibliopsicologia como um ramo das ciências exatas, que parte de um conhecimento preciso dos fatos e da compreensão do real com o máximo de precisão, como observado abaixo:

A psicologia bibliológica é um ramo das ciências exatas. Ela parte do

²⁸⁸ No original: [...] *les sciences naturelles – anthropologie, physiologie, biologie en général nous fournissent un matériel abondant* (Roubakine, [1922] 1998, p. 16).

²⁸⁹ No original: *Aussi la biblio-psychologie puise-t-elle ses données dans le domaine des mathématiques et de la théorie des probabilités ainsi que dans la physique et autres sciences contigües* (Roubakine, [1922] 1998, p. 16).

conhecimento preciso dos fatos, da correta avaliação das relações entre eles e da comparação do valor deles [...]. Como qualquer outra ciência, ela busca conhecer a realidade com o máximo de precisão. Em outras palavras, ela quer saber **o que existe** (Roubakine, [1922] 1998, p. 80, tradução nossa, grifo do autor).²⁹⁰

Essa mesma abordagem positivista estaria dada no método e teoria bibliopsicológica, como será discutido mais à frente, a partir da concepção de que o estudo do livro e da ação do livro nas mentalidades intersubjetivas dos leitores, ao partir de um estudo preciso e exato (embora diante de uma realidade socialmente tecida), posicionaria a Bibliopsicologia como uma ciência exata, com métodos que se assemelham a esta, às ciências naturais e à própria ciência social, dada via Psicologia. O teórico nos diz:

Resta-nos agora discutir os métodos próprios da Bibliopsicologia e, sobretudo, os que lhe são comuns com as outras ciências, a saber: 1º as ciências exatas em geral; 2º as ciências naturais; 3º a psicologia como parte desta última (Roubakine, [1922] 1998, p. 141, tradução nossa).²⁹¹

Os métodos da Bibliopsicologia são os de todas as ciências exatas: das ciências naturais, da psicologia teórica comparada e **experimental, pois a Bibliopsicologia pertence a estas ciências**. Descreve e estuda os seus fenômenos apenas na medida em que a física e a biologia descrevem e estudam os deles (Roubakine, [1922] 1998, p. 121, tradução nossa, grifo do autor).²⁹²

Para o pensador russo:

É com isso que começa a Bibliopsicologia como uma ciência exata (Roubakine, [1922] 1998, p. 71, tradução nossa).²⁹³

No ponto que se relaciona com esta reflexão, nos interessa, centralmente, as relações que sobressaem do diálogo com as áreas de Física, Matemática e, como

²⁹⁰ No original: *La psychologie bibliologique est une branche de la science exacte [Índice epistêmico - Nomenclatura de ciências]. Elle procède de la connaissance précise des faits, de l'appréciation juste de leurs rapports et de leur valeur comparée [...]. Comme toute autre science, elle cherche à connaître la réalité avec le maximum de précision. En d'autres termes, elle veut savoir ce **qui existe*** (Roubakine, [1922] 1998, p. 80, grifo do autor).

²⁹¹ No original: *Il nous reste maintenant à parler des méthodes propres à la biblio-psychologie, et avant tout des méthodes qui lui sont communes avec les autres sciences, à savoir: 1º. les sciences exactes en général; 2º les sciences naturelles; 3º. la psychologie en tant qu'elle fait partie de ces dernières* (Roubakine, [1922] 1998, p. 141).

²⁹² No original: *Les méthodes de la biblio-psychologie sont celles de toutes les sciences exactes: des sciences naturelles, de la psychologie théorique comparée et **expérimentale, car la biblio-psychologie fait partie de ces sciences**. Elle ne décrit et n'étudie ses phénomènes que dans la mesure où la physique et la biologie décrivent et étudient les leurs* (Roubakine, [1922] 1998, p. 121, grifo do autor).

²⁹³ No original: *C'est là que commence la biblio-psychologie en tant que science exacte* (Roubakine, [1922] 1998, p. 71).

veremos a seguir, Biologia, as quais não apenas ancoram parte do que o teórico russo posiciona como as cinco leis fundamentais da Bibliopsicologia, mas que também evidenciam o horizonte positivista que dialoga seus métodos e suas teorias. Tais aportes, em especial da Física, assumiriam, mais uma vez podemos observar, posição central para respaldar a constituição epistemológica dita inicial da BCI ali entre os anos de 1940 e 1960, cujas linhas de investigação epistemológica do campo posicionam seu surgimento em uma racionalidade pioneira marcada pelo olhar positivista (Bezerra; Saldanha, 2013) a partir do diálogo com as áreas da Física, Matemática, Cibernética e Engenharia voltadas, notadamente, para a Teoria Matemática da Comunicação fundada pelos matemáticos estadunidenses Claude Shannon e Warren Weaver.

Ao mesmo tempo, a aproximação entre a Bibliopsicologia com as ciências exatas, de forma mais ampla, e com a Física, em específico, o que evidencia as influências do caráter positivista na ciência roubakiniana (a economia de forças na apropriação do máximo possível de saberes com o mínimo de esforço) está posicionada não diante de um olhar dito neutro, desprovido das condicionantes internas e externas que demarcam o objeto, a teoria e o método da Bibliopsicologia; muito pelo contrário, o horizonte de Roubakine está dado, justamente, à luz da apropriação do máximo de saberes para que esses possam ser aplicados nas tomadas de consciência crítica coletiva e, mais ainda, nas ações de transformação do mundo.

7.1.7 Biologia

A relação epistêmica estabelecida entre a Bibliopsicologia e o horizonte biológico está dada, centralmente, a partir dos construtos desenvolvidos pelo biólogo alemão Richard Semon nas duas décadas iniciais do século XX acerca do conceito de *mnéma*. Nos trechos abaixo, podemos observar as contribuições do pensador para a ciência bibliopsicológica:

O professor R. Semon conseguiu obter aplicações notáveis na biologia, e todas foram utilizadas pela psicologia bibliológica (Roubakine, [1922] 1998, p. 16, tradução nossa).²⁹⁴

O professor R. Semon, em suas notáveis obras 'Die Mneme', e 'Die

²⁹⁴ No original: *Le professeur R. Semon a réussi à tirer de la biologie des applications remarquables qui toutes ont été utilisées par la psychologie bibliologique* (Roubakine, [1922] 1998, p. 16).

mnemische Empfindungen’, confirma, do ponto de vista biológico, essa ideia fundamental da Bibliopsicologia que acabamos de expor (Roubakine, [1922] 1998, p. 27, tradução nossa).²⁹⁵

Como exposto por Simsova (1975), a teoria da Bibliopsicologia teria sido formulada antes de Nicolas Roubakine entrar em contato com as obras de Semon, cujas ideias ele foi introduzido a partir dos trabalhos do psiquiatra suíço Auguste-Henri Forel (1848-1931).²⁹⁶ No primeiro capítulo de sua *Introduction à la psychologie bibliologique*, fruto da palestra ministrada no Instituto Jean-Jacques Rousseau em 1916, o teórico russo afirma seu desconhecimento de Richard Semon; já do capítulo segundo em diante, resultado das pesquisas desenvolvidas na Bibliopsicologia a partir de então, Roubakine ([1922] 1998) discute as ideias do biólogo alemão sobretudo a partir de sua teoria do *mnéma*, concebido como conceito nuclear para a ciência roubakiniana — embora na edição da obra seminal de 1922, os aportes de Semon sejam abordados dentro da lei de Humboldt-Potebnia e Taine e não em uma lei própria, como aconteceria com a edição em russo de 1928 mencionada por Sylva Simsova (1975).

Na busca pela cientificidade de sua ciência a partir de relações epistêmicas traçadas com as ciências exatas e naturais, Roubakine ([1922] 1998) reconhece na abordagem de Semon uma interlocução com o horizonte biológico que propõe para sua Bibliopsicologia:

As obras desse estudioso são de particular interesse para a Bibliopsicologia, pois erguem, por assim dizer, uma ponte sólida e cientificamente construída entre a Bibliopsicologia e a biologia e demonstram as fontes biológicas dessa nova ciência (Roubakine, [1922] 1998, p. 101, tradução nossa).²⁹⁷

De início, Simsova (1975) posiciona esse diálogo nas próprias experiências de vida do teórico russo, centralmente ao longo de suas vivências na Universidade de São Petersburgo nos anos de 1880, onde desenvolveu um trabalho à luz de uma abordagem biológica, intitulado “O desenvolvimento do coração e do sangue em

²⁹⁵ No original: *Le professeur R. Semon, dans ses ouvrages remarquables ‘Die Mneme’, et ‘Die mnemische, Empfindungen’, confirme, au point de vue biologique, cette idée fondamentale de la biblio-psychologie que nous venons d’exposer* (Roubakine, [1922] 1998, p. 27).

²⁹⁶ Auguste-Henri Forel (1848-1931) foi um neuroanatomista, psiquiatra e entomologista suíço conhecido por suas investigações sobre a estrutura do cérebro.

Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Auguste-Henri-Forel>. Acesso em: 30 set. 2025.

²⁹⁷ No original: *Les ouvrages de ce savant offrent un intérêt particulier pour la biblio-psychologie, car ils jettent, pour ainsi dire, un pont solide et scientifiquement construit entre la biblio-psychologie et la biologie et démontrent les sources biologiques de cette nouvelle science* (Roubakine, [1922] 1998, p. 101).

galinhas”. Ao mesmo tempo, continua a bibliotecária tcheca, tal aproximação pode ser igualmente evidenciada a partir dos esforços de Roubakine em procurar um respaldo científico para suas teorias via utilização de métodos, fatos e materiais emprestados de campos ainda em vias de constituição nas primeiras décadas do século XX, como seria o caso da Psicologia e da própria Biologia.

A autora nos diz:

Ao expressar a teoria da Bibliopsicologia em termos biológicos, como *mnéma*, Roubakine a justificava como ciência tanto para si mesmo quanto para a comunidade científica em geral. Isso era comum na época, pois a maioria dos psicólogos tentava tornar a ciência relativamente nova da psicologia mais respeitável por meio do reducionismo (Simsova, 1975, p. 63, tradução nossa).²⁹⁸

No entanto, Simsova (1975) destaca algumas inconsistências entrevistas na teoria bibliopsicológica a partir de sua relação com os construtos biológicos de Richard Semon. O próprio Semon não teria sido muito reconhecido no campo científico de sua época, embora a originalidade de suas teorias tenha sido pontuada por Auguste-Henri Forel e pelo psicólogo francês Théodule-Armand Ribot (1839-1916)²⁹⁹ — ambos mencionados por Roubakine em sua obra de 1922. As críticas à Semon seriam direcionadas à ambiguidade identificada em suas teorias, à incipiência de explicações acerca do conceito e da ação do *mnéma* e, ainda, ao seu método científico, dado via o uso simultâneo de métodos de observação subjetivos e objetivos, o qual acreditava-se não poder ser verificado experimentalmente.

Ao mesmo tempo, ainda nas aproximações com a Biologia, Simsova (1975) aponta para uma influência crescente das teorias do fisiologista russo Ivan Petrovich Pavlov (1849-1936)³⁰⁰ no pensamento roubakiniano. A pensadora tcheca indica que, na edição francesa de 1922 da *Introduction à la psychologie bibliologique*, há cerca

²⁹⁸ No original: *By expressing the theory of bibliopsychology in biological terms, such as mnéma, Rubakin was justifying it as a science both to himself and the scientific community at large. This was common at the time as most psychologists were trying to make the relatively new science of psychology more respectable through reductionism* (Simsova, 1975, p. 63).

²⁹⁹ Théodule-Armand Ribot (1839-1916) foi um psicólogo francês que atuou no campo da psicologia experimental. O pesquisador lecionou na Universidade de Sorbonne entre 1885 e 1888 e, de 1889 a 1896, ocupou a cátedra de psicologia experimental e comparativa no Collège de France. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Theodule-Armand-Ribot>. Acesso em: 30 set. 2025.

³⁰⁰ Ivan Petrovich Pavlov (1849-1936) foi um fisiologista russo com atuação no campo do condicionamento da psicologia do comportamento (reflexo condicionado). Foi premiado com o Nobel de Fisiologia ou Medicina de 1904, por suas descobertas sobre os processos digestivos de animais, evidenciando a interdependência funcional do sistema nervoso e órgãos digestivos. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Ivan-Pavlov>. Acesso em: 30 set. 2025.

de três referências à Pavlov no capítulo dois, “Ponto de vista fundamental e noções fundamentais: a percepção e o *mnéma*”, ao passo em que na edição russa de 1928, há um capítulo inteiro dedicado ao fisiologista. Três anos após a publicação de sua obra seminal, em 1925, Roubakine escreveu a Pavlov: “Estou lhe enviando parte do meu trabalho que lhe mostrará o papel que os reflexos condicionados desempenham na Bibliopsicologia. Sua teoria, juntamente às de Semon, representam a base biológica da Bibliopsicologia” (Simsova, 1975, p. 61).³⁰¹

Tal movimento pode indicar, de um lado, o avanço de Nicolas Roubakine nos estudos bibliopsicológicos, dos quais sobressaem tentativas de estreitar laços epistêmicos com o campo biológico para além de Richard Semon e sua teoria do *mnéma*, desdobrados na incorporação mais expressiva das ideias de Pavlov na versão russa de 1928 e, do outro lado, segundo Simsova (1975), a crescente influência de Pavlov no contexto científico soviético, cujos desdobramentos no pensamento roubakiniano fogem ao escopo deste trabalho abarcar.

Na próxima seção, nos interessa abordar as teorias e métodos que, em diálogo com as relações epistêmicas traçadas por Roubakine com outras áreas do conhecimento, desvelam a base teórica, epistemológica e metodológica que sustenta sua ciência.

7.2 DIMENSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Na dimensão teórico-metodológica aqui abordada, nos interessa, centralmente, analisar as teorias e métodos discutidos por Roubakine que apontam para diálogos entre conceitos que integram a *episteme* do campo da BCI, como leitura, leitor e livro, via interlocuções com teorias e autorias fronteiriças à Bibliopsicologia. Para tanto, dividimos esta seção secundária em duas seções terciárias, uma para abordar a teoria, “7.2.1 Teoria roubakiniana: as leis fundamentais da Bibliopsicologia na travessia praxiológica de Nicolas Roubakine”, e, a outra, o método, “7.2.2 Método roubakiniano: a busca exata pelo leitor em sua intersubjetividade”.

Dentro do contexto da teoria, nos interessa as correntes de pensamento que impactam na construção da Bibliopsicologia, a partir do diálogo prévio já

³⁰¹ No original: *I am sending you some of my work which will show you what role conditioned reflexes play in bibliopsychology. Your theory together with Semon's represents the biological basis of bibliopsychology* (Simsova, 1975, p. 61).

estabelecido com outros campos científicos. Aqui, nos deparamos com autorias que, na visão de Roubakine, podem contribuir para a delimitação epistemológica de sua ciência, ou seja, o objeto, método e teorias da Bibliopsicologia. Para tanto, a seção terciária 7.2.1 está dividida nas seguintes seções quartenárias: “7.2.1.1 Wilhelm von Humboldt e Aleksandr Potebnia”; “7.2.1.2 Émile Hennequin”; “7.2.1.3 Hippolyte Taine”; “7.2.1.4 Gabriel Tarde”; e “7.2.1.5 Ernst Mach”. O método, por outro lado, nos demonstra a influência das teorias e do contexto científico que demarca a constituição ciência de Roubakine para o estudo do leitor, ou seja, a dominância do positivismo em diferentes áreas do conhecimento, inclusive nas ciências sociais e, de maneira mais específica, na Psicologia, que sustenta e embasa o pensamento roubakiniano.

7.2.1 Teoria roubakiniana: as leis fundamentais da Bibliopsicologia na travessia praxiológica de Nicolas Roubakine

Nas páginas iniciais de sua *Introduction à la psychologie bibliologique*, Roubakine ([1922] 1998) dedica sua obra “aos meus amigos, Paul Otlet e Adolphe Ferrière” (Roubakine, [1922] 1998, dedicatória, não paginado, tradução nossa).³⁰² Em seguida, no prefácio escrito pelo teórico russo, observamos, mais uma vez, o destaque a essas duas figuras:

Não é senão graças aos encorajamentos de seus amigos, de MM. Ad. Ferrière, professor no Instituto J.-J. Rousseau, diretor do Bureau International des Écoles Nouvelles no campo, e de P. Otlet, diretor do Instituto Internacional de Bibliografia em Bruxelas, que o autor desta obra acreditou poder sair de sua biblioteca e ceder às instâncias de seus amigos que lhe afirmam o interesse da Bibliopsicologia para a Europa ocidental. É por isso que o autor se faz um dever e um prazer dedicar esse livro a MM. Ad. Ferrière e P. Otlet (Roubakine, [1922] 1998, p. VII, tradução nossa).³⁰³

Ambos os gestos se somam, conforme indicado abaixo, ao capítulo primeiro dessa mesma obra, no qual o bibliotecário russo também faz referência a esses dois amigos, desvelando a contribuição de ambos para a trajetória de seu pensamento:

³⁰² No original: *A mes Amis, Paul Otlet et Adolphe Ferrière* (Roubakine, [1922] 1998, dedicatória, não paginado).

³⁰³ No original: *Ce n'est que grâce aux encouragements de ses amis, de MM. Ad. Ferrière, professeur à l'Institut J.-J. Rousseau, directeur du Bureau International des Écoles Nouvelles à la campagne, et du professeur P. Otlet, directeur de l'Institut International de Bibliographie à Bruxelles, que l'auteur de cet ouvrage a cru pouvoir sortir de sa bibliothèque et céder aux instances de ses amis qui lui affirment l'intérêt de la biblio-psychologie pour l'Europe occidentale. C'est pourquoi l'auteur se fait un devoir et un plaisir de dédier ce livre à MM. Ad. Ferrière et. P. Otlet* (Roubakine, [1922] 1998, p. VII).

[...] cedendo aos apelos de meus amigos, M. Paul Otlet e o professor A. Ferrière, eu decidi apresentar-me perante o público francês (Roubakine, [1922] 1998, p. 10, tradução nossa).³⁰⁴

Trata-se, este capítulo primeiro, de uma palestra ministrada por Roubakine em uma conferência do Instituto Jean-Jacques Rousseau e do Instituto Internacional de Bibliografia, transcorrida em Genebra, Suíça, em outubro de 1916. Este evento seria o ponto de partida para a criação inicial, no âmbito dessas duas instituições, da Seção de Psicologia Bibliológica. Por outro lado, a dedicatória a duas figuras que se tornariam centrais para os campos da BCI e da Educação, respectivamente, evoca, para nós, dentre outros desdobramentos, parte das influências teóricas e metodológicas que circunscrevem a constituição da ciência bibliopsicológica — dadas no interior de conexões profissionais que formam o pensamento de Roubakine diante da busca biobibliográfica percorrida nesta tese. Para nós, essa dedicatória reflete não apenas os laços afetivos e simbólicos de Roubakine, como também a interlocução com diferentes campos científicos, seus métodos e suas teorias — manifestadas nas e para além das figuras de Otlet e Ferrière — que seriam abordadas na constituição da Bibliopsicologia roubakiniana e do que concebemos, no plano epistemológico, como BCI.

Essas e outras influências teórico-metodológicas seriam desveladas, de um lado, pela circularidade epistêmica que toca o desenvolvimento da ciência roubakiniana, como abordado na dimensão epistemológico-histórica a partir dos campos científicos que fazem fronteira com a Bibliopsicologia (e, ao mesmo tempo, que poderiam se utilizar de seus construtos) e, por outro lado, das teorias que circundam o desenvolvimento de sua ciência, dadas pelo próprio diálogo com outros campos do saber e suas teorias fundantes, como também das cinco leis da Bibliopsicologia traçadas por Roubakine, concebidas como fundamentais para a compreensão de sua ciência. É este percurso que nos interessa aqui seguir: analisar, a partir das ciências fronteiriças à Bibliopsicologia, as teorias roubakinianas à luz do diálogo com teorias e autorias que poderiam apontar para relações entre a compreensão de conceitos que integram a *episteme* do campo da BCI (e as categorias analíticas aqui elencadas), como leitura, leitor, livro, Bibliopsicologia, biblioteca, trabalho bibliotecário e transformação social, e as próprias teorias que circundam o pensamento roubakiniano.

³⁰⁴ No original: [...] *cédant aux instances de mes amis, M. Paul Otlet et le professeur A. Ferrière, je me résolu à me présenter devant le public français* (Roubakine, [1922] 1998, p. 10).

Um ponto central identificado em Roubakine ([1922] 1998) está na subdivisão proposta para sua Bibliopsicologia, dada a partir de “fórmulas” que constituem o que concebe como “leis fundamentais”, orientadas para a constituição de um *corpus* teórico e metodológico que sistematiza a ciência roubakiniana, já demonstrando, em sua estrutura epistemológica, a influência de contornos positivistas no estudo objetivo de fenômenos subjetivos, como a leitura e o comportamento do leitor. Assim nos diz o bibliotecário russo:

Cada divisão da Bibliopsicologia pode, a nosso ver, ser resumida, desde já, pela fórmula de sua lei fundamental. Vimos que às cinco divisões da Bibliopsicologia correspondem cinco leis: 1ª a de Humboldt-Potebnia; 2ª a de Hennequin; 3ª a de H. Taine; 4ª a de Tarde; 5ª a de Mach. A primeira dessas leis formula a própria causa da ação de uma palavra; a segunda, seu papel como instrumento de ação do livro e do autor sobre o leitor; a terceira e a quarta definem o papel do meio social, fator principal dessa ação; a quinta nos traça o caminho natural das reformas a serem realizadas no mundo do livro, de acordo com os princípios indicados pela Bibliopsicologia (Roubakine, [1922] 1998, p. 42, tradução nossa).³⁰⁵

A abordagem de Nicolas Roubakine sobre essas cinco leis, conforme veremos, está centrada em categorias que discutem, de um lado, a centralidade de noções como leitor, livro, leitura e meio social e revelam, de outro lado, aportes que “antecipam” e poderiam integrar outras lentes para pensarmos o campo biblioteconômico-informacional, dadas da seguinte forma: na ação de uma palavra, em seu sentido amplo (primeira lei), na ação do livro e do autor sobre o leitor (segunda), o impacto do meio social como fator central de ação do livro (terceira e quarta leis) e o caminho a ser seguido, na prática, para tornar possível a apropriação do livro com a maior economia de forças (quinta lei).

É a partir dessa compreensão que estruturamos a dimensão teórica aqui discutida.

³⁰⁵ No original: *Chaque division de la biblio-psychologie peut, à notre avis, être résumée, dès maintenant, par la formule de sa loi fondamentale. Nous avons vu qu'aux cinq divisions de la biblio-psychologie correspondent cinq lois: 1° celle de Humboldt-Potebnia; 2° celle de Hennequin; 3° celle d'H. Taine; 4° celle de Tarde; 5° celle de Mach. La première de ces lois formule la cause même de l'action d'un mot; la seconde, son rôle en tant qu'instrument d'action du livre et de l'auteur sur le lecteur; la troisième et la quatrième, définissent le rôle du milieu social, facteur principal de cette action; la cinquième nous trace la voie naturelle des réformes à accomplir dans le monde du livre, d'après les principes indiqués par la biblio-psychologie* (Roubakine, [1922] 1998, p. 42).

7.2.1.1 Wilhelm von Humboldt e Aleksandr Potebnia

No que se refere ao primeiro princípio, a lei de Humboldt-Potebnia, Roubakine ([1922] 1998) ancora sua fundamentação teórica na relação traçada com os estudos da linguagem trazidos pelo linguista prussiano Wilhelm von Humboldt e o filólogo russo Aleksandr Potebnia, diante da compreensão do poder de ação da palavra em seu sentido amplo, ou seja, em seus impactos na humanidade e no real, o que demarcaria esta lei como um dos aportes de nascimento de sua ciência bibliopsicológica. O teórico afirma:

É a Guillaume de Humboldt³⁰⁶ que cabe a honra de ter sido o primeiro a formular, em termos científicos, a questão essencial da Bibliopsicologia (Roubakine, [1922] 1998, p. 26, tradução nossa).³⁰⁷

Humboldt teria sido o primeiro, conforme destacado por Roubakine ([1922] 1998), a formular, em termos científicos, a questão essencial da Bibliopsicologia, ou seja, o poder de ação da palavra na humanidade. O linguista prussiano acreditava que as mesmas palavras evocam diferentes ideias em diferentes pessoas (Simsova, 1975). Nos limites da ciência roubakiniana, a palavra, aqui, não é somente a escrita, do texto escrito e cristalizado em um livro, mas sim em seu sentido amplo de discurso e linguagem. Trata-se de como essa mesma linguagem poderia vir a representar visões de mundo e construções distintas do real, ou seja, como essas palavras, a partir de particularidades igualmente distintas, afetam os indivíduos sociais (e, poderíamos dizer, sua própria percepção e relação com o mundo).

Na perspectiva desta lei, isso significa, se partirmos do campo de atuação de Humboldt, posicionar a Bibliopsicologia, em uma de suas fundamentações epistemológicas, no centro dos estudos da linguagem. Dessa afirmação, sobressaem algumas concepções de Roubakine ([1922] 1998) sobre a própria linguagem:

[...] a mesma palavra significa coisas diferentes para homens diferentes e, para o mesmo indivíduo, as mesmas palavras significam

³⁰⁶ Nas citações diretas extraídas de Roubakine ([1922] 1998), a grafia do nome de Wilhelm von Humboldt segue a transcrição da obra original consultada em francês, qual seja Guillaume de Humboldt.

³⁰⁷ No original: *C'est à Guillaume de Humboldt que revient l'honneur d'avoir formulé le premier, en termes scientifiques, la question essentielle de la biblio-psychologie* (Roubakine, [1922] 1998, p. 26).

coisas diferentes, em momentos diferentes (Roubakine, [1922] 1998, p. 29-30, tradução nossa).³⁰⁸

[...] o mesmo texto, falado ou escrito, as mesmas frases e as mesmas palavras, agem de uma **forma diferente** sobre os diferentes ouvintes e os leitores. Despertam, nas diversas almas, fenômenos psíquicos que são não só diferentes como muitas vezes até contraditórios (Roubakine, [1922] 1998, p. 81, tradução nossa, grifo do autor).³⁰⁹

As afirmações de Roubakine ([1922] 1998) nos chamam atenção por apontarem que as mesmas palavras poderiam despertar sensações, reações e ideias diferentes não apenas em leitores diferentes, como também em diferentes momentos da vida para um mesmo leitor. Sob a interpretação do pensamento bibliopsicológico, palavras como “patriotismo”, “consciência moral”, “resistência”, “revolução” e “verdade” (Ferrière, 1951, p. 56), por exemplo, poderiam assumir conotações distintas para indivíduos distintos em momentos distintos, de acordo com seu contexto psicológico, social, histórico, político e cultural em um dado espaço-tempo.

A partir desses trechos, podemos observar a primazia da subjetividade do leitor sobre a linguagem em sua materialização objetiva (ou seja, a linguagem pela linguagem, a palavra pela palavra como expressão de uma mente igualmente subjetiva, a da autoria), uma vez que tratam-se de indivíduos posicionados de modo particular no real, com particularidades, contextos, configurações psíquicas distintas e que, por sua vez, se apropriam de uma mesma linguagem de formas múltiplas. Para uma mesma pessoa, cuja posição no tempo e no espaço se modifica a todo momento, um livro lido na infância pode ser um livro completamente diferente se lido na idade adulta (Roubakine, [1922] 1998).

Mais uma vez, emerge aqui a noção de que é a pessoa leitora quem atribui sentidos e significados ao que é lido de acordo com o cenário interno e externo de ocorrência de uma experiência de leitura; a linguagem, materializada na palavra, no discurso, no livro (tudo aquilo que é lido), existe em função desse leitor.

³⁰⁸ No original: [...] *le même mot signifie des choses différentes pour des hommes différents et, pour le même individu, les mêmes mots signifient des choses différentes à des moments différents* (Roubakine, [1922] 1998, p. 29-30).

³⁰⁹ No original: [...] *le même texte, parlé ou écrit, les mêmes phrases et les mêmes mots, agissent d'une façon différente sur les différents auditeurs et les lecteurs. Ils éveillent, dans les diverses âmes des phénomènes psychiques qui sont non seulement différents mais souvent même contradictoires* (Roubakine, [1922] 1998, p. 81, grifo do autor).

O teórico nos diz:

[...] todo ouvinte ou todo leitor, ouvindo ou lendo o mesmo texto, relaciona seus estados psíquicos não só às qualidades desse texto (ou seja, desse discurso ou desse livro), mas também às qualidades do objeto, ou seja, da realidade da qual o texto trata. Dito de outro modo, um sujeito julga um objeto a partir de si mesmo, a partir de suas próprias qualidades e não a partir daquelas do objeto (Roubakine, [1922] 1998, p. 81, tradução nossa).³¹⁰

Em outras palavras, significa dizer:

É por isso que todo objeto no mundo exterior não é nada mais do que uma projeção do mundo interior do sujeito; o mesmo se aplica àquilo que se refere ao livro. Se o sujeito mudar, seu objeto também mudará, e se for dado esse mesmo livro a um outro leitor, ele o verá de uma maneira diferente [...]. Não existem e não podem existir dois leitores que, tendo lido o mesmo texto, dele tenham tido o mesmo complexo de impressões exatamente iguais e em quem o texto tenha despertado os mesmos pensamentos [...]. Por isso as projeções de um livro são sempre e inevitavelmente diferentes em leitores diferentes. Também o são para o mesmo leitor em períodos diferentes e sob circunstâncias diferentes (Roubakine, [1922] 1998, p. 85, tradução nossa).³¹¹

Ao mesmo tempo, essas palavras, isoladas, não representam coisa alguma, ou seja, nada transmitem de uma mente a outra fora de um contexto — assumem sentido e significado quando apropriadas por um leitor, que só as significam e atribuem sentidos porque relacionam tais palavras aos materiais já acumulados em seu ser, sua memória orgânica, ou, podemos dizer, em seu *mnéma*. Na teoria bibliopsicológica roubakiniana significa dizer, como apontado por Simsova (1975), que a comunicação entre a autoria e a pessoa leitora não pode transmitir uma experiência propriamente dita, mas tão somente evocar traços de experiências anteriores vivenciadas por esses indivíduos no real e registradas em seu ser de maneira consciente ou inconsciente: “na comunicação, a realidade é sempre

³¹⁰ No original: [...] tout auditeur ou tout lecteur, écoutant ou lisant le même texte, rapporte ses états psychiques non seulement aux qualités de ce texte (c'est-à-dire, de ce discours ou de ce livre), mais également aux qualités de l'objet, c'est-à-dire de la réalité dont il s'agit dans ce texte. Autrement dit, un sujet juge un objet d'après soi-même, d'après ses propres qualités et non pas d'après celles de l'objet (Roubakine, [1922] 1998, p. 81).

³¹¹ No original: Il en résulte que tout objet du monde extérieur n'est autre chose qu'une projection du monde intérieur du sujet; il en est de même en ce qui concerne le livre. Que le sujet soit changé, son objet le sera également et si l'on donne ce même livre à un autre lecteur, il le verra d'une façon différente. [...] Il n'y a pas et il ne peut pas y avoir deux lecteurs qui, ayant lu le même texte, en aient eu le même complexe d'impressions exactement pareilles et chez lesquels ce texte ait éveillé les mêmes pensées. [...] Il en résulte que les projections d'un livre sont toujours et inévitablement différentes chez les différents lecteurs. Elles le sont aussi chez le même lecteur aux périodes différentes et dans des circonstances différentes (Roubakine, [1922] 1998, p. 85).

substituída por letras, sons, palavras e outros símbolos chamados signos linguísticos e cabe ao ouvinte ou leitor adivinhar a qual realidade eles estão se referindo” (Roubakine; Bethmann, 1937³¹² *apud* Simsova, 1975, p. 36, tradução nossa).³¹³ Esta realidade, possivelmente, de acordo com o contexto e a intersubjetividade de cada pessoa leitora, conforme destacado nos dois trechos abaixo:

O discurso nada transmite de uma psiquê à outra; ele só faz acender nesta última os materiais **que já estão ali acumulados**, sob a forma de experiências psíquicas do sujeito (Roubakine, [1922] 1998, p. 26-27, tradução nossa, grifo do autor).³¹⁴

Se uma palavra, um som despertam em você uma ideia, é porque essa ideia já estava em você, **sob uma outra forma**, não organizada, não cristalizada; mas essa ideia, **ninguém lhe deu** (Roubakine, [1922] 1998, p. 28, tradução nossa, grifo do autor).³¹⁵

Por outro lado, a ausência de experiência prévia sobre os temas e a linguagem utilizada pela autoria dificultaria a compreensão da comunicação (Simsova, 1975), como destacado por Roubakine ([1922] 1998) no trecho abaixo:

[...] se em tal pessoa não há, por uma razão ou outra, elementos que possam ser excitados, nenhum livro, nenhuma palavra produziria excitação até o momento em que os elementos indispensáveis fossem acumulados pela experiência de vida, que dá a cada palavra sua significação (Roubakine, [1922] 1998, p. 31, tradução nossa).³¹⁶

Para Roubakine ([1922] 1998), o significado das palavras e a compreensão de uma obra, podem ser considerados como fenômenos psicológicos relacionados não ao objeto de leitura propriamente dito, mas sim a um organismo vivo — do leitor (Simsova, 1975). Essas palavras revivem, pois, lembranças, sensações, sentimentos e reações já vivenciadas pelo leitor, de maneira consciente ou inconsciente, em

³¹² ROUBAKINE, Nicolas; BETHMANN, Marie. La psychologie de la bibliothèque populaire: recherches théoriques et pratiques sur la lecture publique au point de vue psychologique et sociale. In: MISSION sociale et intellectuelle des bibliothèques populaires: son organisation, ses moyens d'action. Paris: Institut International de coopération intellectuelle, 1937. p. 137-176.

³¹³ No original: *'in communication reality is always replaced by letters, sounds, words and other symbols called linguistic signs and it is up to the listener or reader to guess which reality they are referring to'* (Roubakine; Bethmann, 1937 *apud* Simsova, 1975, p. 36).

³¹⁴ No original: *Le discours ne transmet rien d'une psychique à une autre ; il ne fait qu'allumer dans cette dernière les matériaux **qui y sont déjà accumulés**, sous forme d'expériences psychiques du sujet* (Roubakine, [1922] 1998, p. 26-27, grifo do autor).

³¹⁵ No original: *Si un mot, un son, éveillent en toi une idée, c'est que cette idée était déjà en toi, **sous une autre forme**, non-organisée, non-cristallisée; mais cette idée, **personne ne te l'a donnée*** (Roubakine, [1922] 1998, p. 28, grifo do autor).

³¹⁶ No original: *[...] si, chez telle personne, il n'y a pas, pour une raison ou une autre, d'éléments qui puissent être excités, aucun livre, aucun mot ne produirait d'excitation jusqu'au moment où les éléments indispensables auront été amassés par l'expérience de la vie, qui donne à chaque mot sa signification* (Roubakine, [1922] 1998, p. 31).

diferentes momentos de sua vida (sob outra forma, não organizada, não cristalizada, ou seja, ainda não tomou forma na mente de quem lê, mas é evocada quando da leitura de um livro que desperta uma ideia já presente em sua memória orgânica, como será abordado depois em mais detalhes) — tais sensações se modificam à medida em que esse mesmo leitor se modifica ao longo do tempo. Roubakine ([1922] 1998) reafirma essa visão ao acrescentar a noção de Potebnia, professor na Universidade de Carcóvia e que teria sido influenciado pelas teorias de Humboldt:

Para Potebnia, a palavra isolada, assim como o estilo e qualquer obra literária, são meios de excitação, e não de transmissão de experiências psíquicas do escritor ao leitor. A palavra não transmite o pensamento, diz ele. Se nos parece que ela é um meio de comunicar o pensamento, é unicamente porque ela provoca naquele que a escuta um processo de criação de pensamento análogo àquele que ocorreu no homem que fala (Roubakine, [1922] 1998, p. 27-28, tradução nossa).³¹⁷

A linguagem não transmitiria o pensamento, a realidade, ou seja, não transmitiria a realidade psíquica projetada pelo livro no momento da leitura, mas sim as possibilidades (nas sensações e lembranças despertadas) para a construção de uma realidade experienciada via leitura (a apropriação do livro) que se manifesta a partir das experiências vivenciadas pelo leitor ao longo de sua vida (e que são projetadas, portanto, na leitura e na apropriação que se faz do livro), tal como indicado por Simsova (1975). A palavra excitaria, evocaria no leitor aquilo que ele já tem imanente em seu íntimo, de forma consciente ou não.

A linguagem, em si, só teria significado, só ganharia forma, quando apropriada por um leitor; significa dizer que a linguagem não estaria, portanto, dada como uma representação imutável e estática de um objeto de leitura ou, em sentido mais amplo, de uma realidade, mas sim construída cultural, social e politicamente por seres sociais — inclusive para finalidades opressoras — que formam esse mesmo real. Igualmente, essas mesmas palavras poderiam ter seu sentido, sua intencionalidade, subvertidas e, ainda, modificadas, a fim de ressignificar e transformar as assimetrias sociais a partir da apropriação de saberes por parte de um leitor crítico da palavra e do mundo (o qual, segundo o método roubakiniano,

³¹⁷ No original: *Pour Potebnia, le mot isolé, de même que le style et toute œuvre littéraire, sont des moyens d'excitation, et non de transmission d'expériences psychiques de l'écrivain au lecteur. 'a parole ne transmet pas la pensée, dit-il. S'il nous semble qu'elle est un moyen de communiquer la pensée, c'est uniquement parce qu'elle provoque chez celui qui l'entend un processus de création de pensée analogue à celui qui s'est produit chez l'homme qui parle* (Roubakine, [1922] 1998, p. 27-28).

saberia exatamente o que ler e como ler para alcançar essas reflexões críticas, via acesso à educação e escolha do livro que mais se adequa aos seus interesses, configurações psíquicas, sociais e políticas).

Para Jesse Shera (1970), sob abordagem epistemológica distinta no discurso do campo, a linguagem estaria no centro da organização de estruturas sociais que se conectam a partir de um sistema de comunicação social mais amplo formado por indivíduos que integram esse mesmo sistema e que atingem uma compreensão mútua via linguagem, assim como seria fundamental para a organização do sistema neurofisiológico de um indivíduo que opera através da própria linguagem. Em proximidade com o pensamento roubakiniano, a linguagem seria, no olhar de Shera (1970), uma representação simbólica em qualquer forma aceitável e compreensível por membros de uma comunidade, manifestada no gesto, na fala ou na escrita e que se coloca em exercício na realidade social a partir de ações individuais e coletivas — para nós aqui, a linguagem em movimento, em seu *devenir*, à luz da inclusão ou da exclusão.

Essa lente nos conduz à relação entre pessoa leitora e pessoa autora diante da ação da palavra na humanidade, ou seja, as formas de impacto do livro na e para a realidade social e seus modos de transformação. Se, conforme nos aponta a teoria roubakiniana, o interesse da Bibliopsicologia está no estudo do poder de ação do livro em quem lê (mensurar o impacto objetivo, via categorias matemáticas e exatas, de um fenômeno subjetivo, ou seja, como se pode exercer o maior impacto no leitor com o mínimo de esforço? Por meio de qual livro, de qual palavra? Para saber o livro ideal capaz de obter tal ação, a mentalidade desse leitor precisa ser semelhante à mentalidade do autor?), é preciso estudar a linguagem do autor:

Essa semelhança, no autor e no leitor, é explicada pela semelhança das mentalidades particulares e das condições sociais nas quais os fenômenos ocorrem (Roubakine, [1922] 1998, p. 30, tradução nossa).³¹⁸

Trata-se de buscar, via linguagem, a alma da autoria, a forma como pensa (não apenas sobre si e o tema da obra, mas também o real, que se manifestam naquilo que escreve) e, a partir daí, como seria possível encontrar um indivíduo leitor semelhante psicologicamente, ou seja, cujas categorias psíquicas dadas pelo estudo

³¹⁸ No original: *Cette similitude, chez l'auteur et chez le lecteur, s'explique par la similitude des mentalités particulières et des conditions sociales dans lesquelles ces phénomènes se produisent* (Roubakine, [1922] 1998, p. 30).

da pessoa autora (“analítico” ou “sintético”, “teórico” ou “prático”, “abstrato” ou “concreto”, “emotivo” ou “não emotivo”, para citar alguns exemplos de Ferrière, 1951) sejam próximas àquelas de quem lê, de modo a aumentar as possibilidades de impacto do livro diante das condições sociais em que os fenômenos de leitura ocorrem. Desse modo, o estudo do leitor e do autor de forma exata, precisa, objetiva e matemática tornaria possível encontrar o livro “ideal”, ou seja, aquele que provoca a criação de um pensamento análogo ao que ocorreu em quem fala:

Isso significa que as palavras de tal obra, de tal autor, despertam na alma de um determinado leitor maior quantidade de estados psíquicos idênticos ou semelhantes aos que o próprio autor sentiu escrevendo sua obra (Roubakine, [1922] 1998, p. 32, tradução nossa).³¹⁹

Ao mesmo tempo, dada a intersubjetividade das experiências de leitura (a partir, sobretudo, dos diferentes contextos e possibilidades de interpretação), as ideias despertadas por um livro podem ou não ser correspondentes àquelas projetadas pela autoria, de modo que a pessoa leitora pode vir a subverter a intencionalidade dada pelo texto. O teórico afirma:

[...] pode ser interessante que o autor e o leitor sejam completamente diferentes. Assim, a obra de um espírito autocrático pode exaltar a paixão de um democrata (Roubakine, [1922] 1998, p. 32, nota de rodapé 1, tradução nossa).³²⁰

Mais uma vez, aqui, o livro mais governamental, no plano da Rússia czarista, por exemplo, poderia despertar as ideias mais antigovernamentais possíveis (Roubakine, [1922] 1998). No olhar de Simsova (1966a), como já abordado antes, significa dizer que a linguagem que compõe um artefato de leitura não se encerra em si mesma — retomando a lei de Humboldt-Potebnia, as palavras, por si só, não geram sentido e significado, sendo estes atribuídos conforme as condições sociais e psíquicas que circunscrevem os atos de leitura diante de seu tempo e seu espaço. Nos limites da ciência roubakiniana, a lei de Humboldt-Potebnia exprime, portanto:

[...] o espírito da Bibliopsicologia, elas nos indicam ainda em qual direção devemos trabalhar para desenvolver essa ciência, ao estudar

³¹⁹ No original: *Ce qui signifie que les mots de telle œuvre, de tel auteur éveillent dans l'âme d'un lecteur donné la plus grande quantité d'états psychiques identiques ou semblables à ceux que l'auteur a lui-même éprouvés en écrivant son œuvre* (Roubakine, [1922] 1998, p. 32).

³²⁰ No original: *[...] il peut y avoir intérêt que l'auteur et le lecteur différent, du tout au tout. Ainsi l'œuvre d'un esprit autocratique peut exalter la passion d'un démocrate* (Roubakine, [1922] 1998, p. 32, nota de rodapé 1).

o poder de ação de cada livro, de todas as obras de arte de modo geral, como excitadores de experiências psíquicas, em diferentes tipos psicológicos e sociais de leitores (Roubakine, [1922] 1998, p. 29, tradução nossa).³²¹

Por fim, sintetiza o bibliotecário russo:

[...] essa lei de Humboldt e Potebnia provoca toda uma revolução no domínio das opiniões comumente difundidas sobre o livro, e o estabelecimento dessa lei pode ser considerado como o ponto de nascimento da teoria bibliopsicológica (Roubakine, [1922] 1998, p. 30, tradução nossa).³²²

A primazia da subjetividade do leitor em detrimento da objetividade do livro e da autoria (a dependência funcional do livro a esse leitor) provocaria uma revolução no que se entende como livro, na visão roubakiniana. Essa revolução estaria na concepção do livro e de seu conteúdo como instrumentos de excitação de experiências psíquicas, ou seja, das sensações vivenciadas durante os atos de leitura, de acordo com as reações já presentes em quem lê, frutos de sua realidade intersubjetiva. Essa relação será retomada em mais detalhes na discussão da dimensão conceitual-categorial.

Para os propósitos sociais e políticos roubakinianos, compreender a personalidade, as configurações psíquicas, habilidades cognitivas de quem escreve e quem lê via os estudos da linguagem, ou seja, captar a alma desses indivíduos, significa possibilitar a busca pelo livro capaz de exercer o maior impacto no leitor e, a partir daí, na realidade social. Estão dadas, aqui, a contribuição para o caminho de autoinstrução do povo russo, para as diferentes formas de (re)conhecimento e (re)significação sobre si mesmo e o mundo e, com isso, para as possibilidades de reflexão crítica e transformação das contradições do império do czar.

7.2.1.2 Émile Hennequin

Na seara de desdobramentos da primeira lei — o poder de ação da linguagem no mundo, aqui materializada pela cristalização dessa linguagem por parte de uma

³²¹ No original: [...] *l'esprit même de la biblio-psychologie, elles nous indiquent encore dans quelle direction nous devons travailler pour développer cette science, en étudiant la puissance d'action de chaque livre, et de toute oeuvre d'art en général, en tant qu'excitateurs d'expériences psychiques, sur les différents types psychologiques et sociaux de lecteurs* (Roubakine, [1922] 1998, p. 29).

³²² No original: [...] *cette loi de Humboldt et de Potebnia entraîne toute une révolutions dans le domaine des opinions communément répandues sur le livre, et l'établissement de cette loi peut être considéré comme le point de naissance de la théorie biblio-psychologique* (Roubakine, [1922] 1998, p. 30).

autoria em um livro — desvelam-se as teorias do escritor, crítico e filósofo francês Émile Hennequin no campo dos Estudos Literários, mais precisamente, a relação entre autoria e pessoa leitora durante o ato de ler, na qual a ação mais potente do livro sobre quem lê decorre de uma analogia entre sua organização psíquica e a de quem escreve. Roubakine ([1922] 1998) assim sintetiza sua segunda lei:

Toda obra literária exerce ação mais forte sobre o leitor cuja organização psíquica oferece mais analogia, isto é, semelhança, com a do autor (Roubakine, [1922] 1998, p. 32, tradução nossa).³²³

Nas palavras de Lydia Turin (1929, p. 81, tradução nossa): “Uma palavra é mais eficaz quando as características psicológicas do escritor ou orador se aproximam mais das do leitor ou ouvinte. Em outras palavras, a força de ação de uma palavra depende da similaridade do *mnéma* das pessoas envolvidas”.³²⁴ Antes, com Humboldt e Potebnia, Roubakine ([1922] 1998) já apontara para a importância dessa analogia para o aumento do impacto de ação do livro em quem lê (a analogia entre a organização psíquica de quem escreve e quem lê possibilitaria a apropriação de saberes com o mínimo de esforço, temática que seria discutida em sua quinta lei, de Ernst Mach, como veremos).

Já com Hennequin, no escopo da teoria literária francesa, o teórico russo se pergunta:

Como podemos saber exata e autenticamente que tais estados psíquicos ocorreram precisamente na alma do autor? A resposta para esta questão só pode ser fornecida pelo estudo exato dos autores, de seu espírito criador e das obras criadas, bem como pelo estudo do autor como leitor, porque todo autor é, necessariamente, ao mesmo tempo um leitor (Roubakine, [1922] 1998, p. 32-33, tradução nossa).³²⁵

Esta pergunta está colocada, centralmente, diante da necessidade de saber, de maneira exata, precisa e objetiva, os estados psíquicos transcorridos na autoria

³²³ No original: *Toute œuvre littéraire exerce l'action la plus forte sur le lecteur dont l'organisation psychique offre le plus d'analogie, c'est-à-dire de ressemblance avec celle de l'auteur* (Roubakine, [1922] 1998, p. 32, grifo do autor).

³²⁴ No original: *A word is most effective when the psychological characteristics of the writer or speaker most nearly approach those of the reader or listener. In other words, the force of action of a word depends upon the similarity of the mneme of the persons concerned* (Turin, 1929, p. 81).

³²⁵ No original: *Comment savoir exactement et authentiquement que tels états psychiques se sont précisément produits dans l'âme de l'auteur? La réponse à cette question ne peut être fournie que par l'étude exacte des auteurs, de leur esprit créateur et des œuvres créées ainsi que par l'étude de l'auteur en tant que lecteur, car tout auteur est forcément en même temps lecteur* (Roubakine, [1922] 1998, p. 32-33).

ao longo do processo de escrita de uma obra que alcançará uma dada pessoa leitora; o que seria estudado a partir da linguagem de uma autoria. Na interação autor-leitor, a investigação proposta pela metodologia positivista roubakiniana, no sentido de mensurar matematicamente quem é essa autoria, como pensa, como escreve e como representa aquilo que pensa por meio da linguagem, seria dado também a partir do estudo desse mesmo autor como leitor, uma vez que esse autor é também um leitor (da palavra e do mundo, se recorrermos à Freire, 2011).

Isso porque, para Roubakine ([1922] 1998), a influência do livro é determinada não só pelo livro propriamente dito, mas por todo o processo criativo que circunda a elaboração de uma obra — o que envolve a mentalidade do autor e seu espaço-tempo de construção:

[...] a influência de um livro é determinada por suas qualidades, que dependem, elas mesmas, do processo de criação e do tipo psicológico do autor (Roubakine, [1922] 1998, p. 33, tradução nossa).³²⁶

Como colocado por Dumont (1998, 2020), o autor é parte integrante do processo de leitura. Tal como o leitor, é igualmente definido por contextos e intersubjetividades distintas, que são refletidas naquilo que escreve. Na relação estabelecida entre os estudos sobre a leitura e as teorias de Roubakine, a figura da autoria não seria dada como uma entidade autônoma, mas sim como um ser que integra uma realidade intersubjetiva e é formado por suas relações e interações nesse mesmo tecido social. Para Dumont (2020, p. 24), “a função autor é, assim, característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade”. A relação autor-obra-leitor seria, portanto, indissolúvel.

Desse modo, para Roubakine ([1922] 1998), é com Hennequin que alcançamos o estudo da relação entre autoria, obra e indivíduo leitor, alcançando, assim, a relação desses três objetos de estudo, indissolúveis em sua visão, com a sociedade. O crítico literário francês, cujas teorias foram desenvolvidas no escopo da Estopsicologia, ciência que concebe a obra de arte — aqui, notadamente, as *belle lettres* -, como sinais que se voltam para a definição científica e precisa (também à luz do positivismo oitocentista) das características de organização mental

³²⁶ No original: [...] *l'influence d'un livre est déterminée par ses qualités, qui dépendent elles-mêmes du processus de création et du type psychologique de l'auteur* (Roubakine, [1922] 1998, p. 33).

do autor a partir da análise de seus trabalhos (Simsova, 1975), propõe o estudo de uma obra literária (ou seja, a análise do texto pelo texto) à luz do estudo de sua relação com a autoria e a pessoa leitora em um dado âmbito social.

Para Roubakine ([1922] 1998):

O campo de seus estudos abrange o indivíduo e a sociedade, a psicologia e a sociologia, **o escritor e o leitor**. Hennequin se esforça em indicar os métodos que nos permitem remontar do estudo de uma obra ao estudo do autor e dos leitores, através das análises estética, psicológica e sociológica. Ele reúne, por meio de laços indissolúveis, esses três objetos de estudo: o autor, a obra, o leitor (Roubakine, [1922] 1998, p. 34, tradução nossa, grifo do autor).³²⁷

Embora seu enfoque esteja mais direcionado para a figura autoral do que a experiência leitora propriamente dita, as teorias de Hennequin nos chamam atenção para as abordagens psicológica, sociológica e, até mesmo, estética, que sobressaem do pensamento roubakiniano para o estudo da leitura. De maneira específica, Roubakine ([1922] 1998) aponta para uma questão interessante, qual seja a categoria “leitor” como fator central na literatura, algo que teria sido até então ignorado no contexto científico de investigação dos estudos literários, e que seria colocado em primeiro plano, portanto, a partir do próprio Hennequin:

Ele colocou claramente em primeiro plano a questão do leitor como fator particular e muito importante da literatura, fator completamente ignorado até agora pela imensa maioria dos historiadores da literatura (Roubakine, [1922] 1998, p. 34, tradução nossa).³²⁸

Em sua teoria bibliopsicológica, a partir dos estudos de Émile Hennequin no campo literário, Roubakine ([1922] 1998) está a evidenciar a centralidade da pessoa leitora nos processos de leitura para além da análise da obra propriamente dita, ou seja, a necessidade de investigar não somente o livro pelo livro, a linguagem, como também a recepção dessa linguagem por parte de um indivíduo que vivencia o mundo de maneira particular, em diferentes momentos de sua vida e que, por sua vez, atribui sentidos e significados ao artefato lido. Desvelam-se aqui, mais uma vez,

³²⁷ No original: *Le champ de ses études englobe l'individu et la société, la psychologie et la sociologie, l'écrivain et le lecteur. Hennequin s'efforce d'indiquer les méthodes permettant de remonter de l'étude d'une œuvre à l'étude de l'auteur et des lecteurs, au moyen de l'analyse esthétique, psychologique et sociologique. Il réunit, par des liens indissolubles, ces trois objets d'étude: l'auteur, l'œuvre, le lecteur* (Roubakine, [1922] 1998, p. 34, grifo do autor).

³²⁸ No original: *Il a mis nettement au premier plan la question du lecteur, comme facteur particulier et très important de la littérature, facteur complètement ignoré jusqu'ici par l'immense majorité des historiens de la littérature* (Roubakine, [1922] 1998, p. 34).

a existência do livro em sua função dependente de quem o lê — o que levaria, como Roubakine ([1922] 1998) aponta, à abertura de outras lentes epistêmicas para pensar a própria categoria livro e leitor, como será abordado posteriormente.

Junto ao crítico francês, Roubakine ([1922] 1998) posiciona o leitor no centro da ação leitora, aproximando-o do escritor (ambos definidos por suas intersubjetividades e contextos e os quais deveriam, tal como o livro, ser estudados de forma científica e indissolúvel). Sobre a contribuição de Hennequin para o estudo bibliopsicológico do leitor, o teórico russo afirma:

Hennequin é o primeiro de quem tenho conhecimento a aproximar essa questão do leitor à do escritor e a procurar elucidar as relações naturais desses dois fatores, as suas relações reais e objetivas. Para ele, os três objetos da Bibliopsicologia – o escritor, a obra e o leitor – devem ser igualmente submetidos a um estudo científico (Roubakine, [1922] 1998, p. 34, tradução nossa).³²⁹

Trata-se, em outros termos, de uma “lei da analogia psíquica do leitor com seu autor favorito” (Roubakine, [1922] 1998, p. 35, tradução nossa)³³⁰ — as aproximações entre as mentalidades da autoria e da pessoa leitora diante das possibilidades de alcançar o máximo de resultados práticos dos impactos do livro no mundo social. Poderíamos dizer, caso leitor e autor tenham uma configuração psíquica semelhante (a qual poderia ser mensurada a partir do estudo da autoria, de sua obra e sua linguagem, de seus processos criativos, dos estados psíquicos transcorridos durante a construção desse artefato e do autor como leitor do mundo, conforme a lei de Hennequin), somado ao compartilhamento de um contexto (parte integrante de um mesmo território, cenário político e social) seria possível, no olhar de Roubakine ([1922] 1998), exercer um impacto maior na mentalidade do leitor.

A apropriação de uma obra próxima dos construtos enunciados por uma autoria colocaria a lei de Hennequin no caminho para:

[...] obter o máximo de resultados práticos na propagação do conhecimento através de uma escolha determinada de livros. É, igualmente, essa lei que deve reger todas as formas de propaganda:

³²⁹ No original: *Hennequin, le premier à ma connaissance, a rapproché cette question du lecteur de celle de l'écrivain et a cherché à élucider les rapports naturels de ces deux facteurs, leurs relations réelles et objectives. Pour lui, les trois objets de la biblio-psychologie - l'écrivain, l'œuvre et le lecteur - doivent être également soumis à une étude scientifique* (Roubakine, [1922] 1998, p. 34).

³³⁰ No original: [...] *la loi de l'analogie psychique du lecteur avec son auteur préféré* (Roubakine, [1922] 1998, p. 35).

científica, pedagógica, política, social, etc. (Roubakine, [1922] 1998, p. 35, tradução nossa).³³¹

Na dimensão praxiológica do pensamento roubakiniano, a analogia autor-leitor poderia contribuir para o percurso de autoinstrução do leitor (em suas finalidades pedagógicas), para a construção de saberes (inclusive, o científico) e, nos propósitos sociopolíticos do teórico russo, na seara de uma propaganda revolucionária, para despertar quem lê para as formas de questionamento e crítica do real, para reflexões que poderiam ensejar tomadas de consciência crítica coletiva. Nas formas de “propaganda” apontadas por Roubakine ([1922] 1998), encontramos aqui, mais uma vez, a profunda relação de sua teoria com o espaço-tempo vivenciado pelo bibliotecário na Rússia czarista entre o final do século XIX e início do XX.

Diante dessa paisagem, repousa aqui a centralidade do meio social para a constituição epistemológica da Bibliopsicologia, como indicado por Roubakine nos dois trechos abaixo:

A teoria do meio **social**, um dos fatores essenciais dos fenômenos estudados pela Bibliopsicologia, é um ponto muito importante na história dessa ciência (Roubakine, [1922] 1998, p. 35, tradução nossa, grifo do autor).³³²

A teoria do meio social complementa a teoria da individualidade do leitor (Roubakine, [1922] 1998, p. 35, tradução nossa).³³³

A teoria do meio social contribuiria para a construção epistêmica da ciência tecida por Roubakine ([1922] 1998) ao demonstrar que o indivíduo leitor não é um ser isolado de um contexto que influencia e ao mesmo tempo é influenciado por essa individualidade, mas sim fruto desse meio social. Tanto o processo criativo da autoria, como as atividades de circulação do livro até chegar às mãos do leitor, seriam resultado e influenciariam este meio social:

A experiência adquirida por este depende de seu meio social; as diferenças e as analogias existentes entre os diferentes leitores dependem, acima de tudo, das diferenças e das analogias do meio

³³¹ No original: [...] obtenir le maximum de résultats pratiques, dans la propagations de connaissances, au moyen d'un choix de livres déterminé. C'est également cette loi qui doit régir toutes les formes de propagande: scientifique, pédagogique, politique, sociale, etc. (Roubakine, [1922] 1998, p. 35).

³³² No original: La théorie du milieu **social**, l'un des facteurs essentiels des phénomènes qu'étudie la biblio-psychologie, est un point très important dans l'histoire de cette science (Roubakine, [1922] 1998, p. 35, grifo do autor).

³³³ No original: La théorie du milieu **social**, complète la théorie de l'individualité du lecteur (Roubakine, [1922] 1998, p. 35, grifo do autor).

social de cada um deles (Roubakine, [1922] 1998, p. 35, tradução nossa).³³⁴

Trata-se de pensar que não apenas as experiências de vida, como também as interações de uma pessoa leitora com o objeto de leitura, estão intimamente vinculadas ao seu meio social, razão pela qual Roubakine ([1922] 1998) entende que existem diferenças e analogias nos atos de leitura (inclusive, de um mesmo livro), as quais são dadas, por sua vez, pelas diferenças e analogias do meio social de quem lê. São essas influências que determinam, portanto, a forma de compreensão de um livro. Conforme o meio social desses indivíduos se modifica, e conforme esse próprio leitor se transforma ao longo da vida, suas apropriações do que foi lido também se alteram continuamente. Por isso, o teórico russo afirma:

Um autor, uma obra literária, um leitor não são manifestações apenas da vida individual, mas também da vida social. É o meio social que os cria, eles vivem nele, agem nele e, por sua vez, o modificam. Esses três fatores devem ser estudados em relação ao seu meio social (Roubakine, [1922] 1998, p. 36, tradução nossa).³³⁵

Em outras palavras, um autor, uma obra e um leitor (as três partes envolvidas em um processo de leitura) não são manifestações apenas da vida individual, mas sobretudo e, principalmente, da vida social. A investigação da leitura, para Roubakine ([1922] 1998), está no estudo da vida social — muito em razão, podemos refletir, de a Bibliopsicologia nascer justamente de uma necessidade social: modificar as estruturas de poder em desequilíbrio no regime russo czarista.

Em outras palavras, a autoria, a obra e a pessoa leitora não podem ser estudadas de maneira isolada às condições sociais que perpassam os atos de leitura e que, de certa forma, as cria, pois é este mesmo meio social, conforme antes apontado, que determina os processos de criação do livro e, a partir daí, seus canais de difusão e circulação, orientado pelo espaço-tempo de uma autoria (como pensa o mundo de acordo com sua posição nesse mundo), pela propagação dessa obra (segundo as intencionalidades de uma série de atores envolvidos para que o livro chegue em um leitor) e, ainda, pela apropriação dessa obra (quem é esse leitor,

³³⁴ No original: *L'expérience acquise de celui-ci dépend de son milieu social les différences et les analogies qui existent entre les différents lecteurs dépendent, avant tout, des différences et des analogies du milieu social de chacun d'eux* (Roubakine, [1922] 1998, p. 35).

³³⁵ No original: *Un auteur, une œuvre littéraire, un lecteur sont non seulement des manifestations de vie individuelle, mais encore celles de vie sociale. C'est le milieu social qui les engendre, ils y vivent, ils y agissent et, à leur tour, ils le modifient. Ces trois facteurs doivent être étudiés par rapport à leur milieu social* (Roubakine, [1922] 1998, p. 36).

quais suas particularidades e contextos). Em específico, o trecho colocado por Roubakine ([1922] 1998, p. 36), "é o meio social que os cria, eles vivem nele, agem nele e, por sua vez, o modificam" desvela ainda, para nós, as possibilidades de transformação desse meio social a partir do livro: de sua produção, circulação, acesso; pessoas com acesso a livros ideais, ou seja, mais próximos de suas realidades e características psíquicas, teriam mais chances de despertar para o reconhecimento crítico do mundo.

Ainda no contexto da lei de Hennequin, significaria a influência das obras de uma dada autoria em sua analogia com quem lê (a proximidade de suas mentalidades) no intuito de apropriar mais saberes com o mínimo de esforço, como seria postulado nos princípios de Ernst Mach, como veremos depois. Trata-se, aqui, do estudo da intencionalidade em suas bases psicológicas e sociológicas, o que demonstraria, para autorias como Robert Estivals (1998), a abertura de novas lentes de articulação epistêmica para o pensamento roubakiniano a partir de seu diálogo com as teorias formuladas no campo da Estética da Recepção, desenvolvida nos anos de 1960 na Alemanha por Wolfgang Iser (1926-2007)³³⁶ e Hans Robert Jauss (1921-1997)³³⁷ e de certa forma abordada, ainda que não conceitualmente, pelo bibliotecário argentino José Edmundo Clemente (1950) em seu *Estetica del lector*.

Nas finalidades abrangidas por esta tese, não nos interessa, especificamente, adentrar os caminhos que articulam os estudos de Roubakine sobre o leitor com os construtos de uma teoria da recepção que seria desenvolvida pouco mais de uma década após sua morte. Ao mesmo tempo, é interessante observar que Roubakine ([1922] 1998) está a posicionar, não só a partir da lei de Hennequin, mas com o seu trabalho, a centralidade do leitor nos atos de leitura, ou seja, a importância de quem lê para a análise da obra literária — o que, no campo mais amplo dos estudos da leitura, seria desenvolvido por essa teoria da recepção nos anos de 1960, orientando as investigações posteriores à luz de quem lê (Dumont, 1998).

Sem buscar, aqui, um discurso de pioneirismo ou inauguração de correntes teóricas e epistemológicas de pensamento — mas, ao mesmo tempo, refletindo

³³⁶ Wolfgang Iser (1926-2007) foi professor de Inglês e Literatura Comparada na Universidade de Constance, na Alemanha. É um dos expoentes da Teoria da recepção, que fundamenta suas bases na própria crítica literária alemã. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Wolfgang_Iser. Acesso em: 02 out. 2025.

³³⁷ Hans Robert Jauss (1921-1997) foi um escritor e crítico literário alemão. Junto de Wolfgang Iser, é um dos nomes mais reconhecidos do campo da estética da recepção. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Hans_Robert_Jauss. Acesso em: 02 out. 2025.

sobre suas possíveis raízes sob o olhar roubakiniano ainda no final do século XIX —, Robert Estivals (1998), junto de Evgeny Dobrenko (1997), Edson Nery da Fonseca (2007) e Bob Bobutaka (2010), abordariam as aproximações entre a Bibliopsicologia e a teoria da recepção, reconhecendo em Nicolas Roubakine uma das figuras precursoras dos estudos sobre a temática no âmbito da leitura. Nessa paisagem, Fonseca (2007, p. 79) aponta para a existência de “um russo genial que talvez seja o verdadeiro precursor da estética da recepção”, ao passo em que Dobrenko (1997, p. 10, tradução nossa) destaca, igualmente, que o bibliotecário russo teria sido um dos primeiros a “formular as ideias básicas da ‘estética da recepção’ na Rússia... que alcançaria seu grande desenvolvimento nas décadas de 1960 e 1970 na Alemanha”.³³⁸

Com a lei de Hennequin, Roubakine demonstra, pois, a centralidade da pessoa leitora para a constituição epistemológica de sua ciência.

7.2.1.3 Hippolyte Taine

No contexto dos estudos entre autoria, livro e leitor, conforme enunciado pela lei de Hennequin, Roubakine ([1922] 1998) traz em seu terceiro princípio os aportes do crítico e historiador francês Hippolyte Taine no âmbito dos Estudos Literários, configurando, mais uma vez, a relação epistemológica estabelecida com este campo do conhecimento. Essas lentes, também direcionadas à figura autora, se colocam, desta vez, com um olhar voltado para a concepção da obra literária (e, aqui, podemos entender, não só a literária, mas sim qualquer obra) como produto da individualidade de quem escreve à luz de categorias que demarcam a posição de autoria, livro e leitor em um dado espaço-tempo — algo que seria observado em Hennequin, mas abordado de modo mais profundo por Roubakine ([1922] 1998) a partir de Taine. A investigação da leitura, via os estudos das autorias e de suas obras, seria constituída:

[...] pelo conjunto determinado das condições físicas e sociais do autor; essas condições podem ser divididas em três categorias principais: 1º a raça, 2º o meio, físico e social, 3º o momento (Roubakine, [1922] 1998, p. 36, tradução nossa).³³⁹

³³⁸ No original: *to formulate the basic ideas of the ‘aesthetics of reception’ in Russia ... that would achieve its great development in the 1960s and 1970s in Germany* (Dobrenko, 1997, p. 10).

³³⁹ No original: *[...] par l’ensemble déterminé des conditions physiques et sociales de l’auteur ; ces conditions peuvent être divisées en trois catégories principales : 1º la race, 2º le milieu, physique et social, 3º l’époque* (Roubakine, [1922] 1998, p. 36).

Na visão de Turin (1929), trata-se de pensar que a composição da memória orgânica de um indivíduo (o *mnéma*, como veremos mais à frente), a qual, por sua vez, influenciaria os modos de compreensão e apropriação de uma obra por parte de uma pessoa leitora (as formas como uma obra age sobre quem lê, as sensações, emoções, saberes e reações evocadas a partir de sua leitura), seria determinada pela confluência de *engrammas* (os registros que formam a memória orgânica) que se originam a partir da hereditariedade, meio social e experiência pessoal — para Taine, condicionadas pelas categorias “raça”, “meio social” e “momento”.

Em um sentido amplo, Hippolyte Taine está interessado em estabelecer, na segunda metade do século XIX, uma delimitação científica para os estudos literários, via investigações sobre as condições de criação da figura autora. Este interesse se insere no contexto de uma dominância positivista nos modos de fazer ciência e da insurgência de teorias que buscavam em campos então em vias de constituição — como a Biologia e a Psicologia —, abordagens científicas para a explicação dos traços físico-sociais da humanidade, como as características hereditárias, utilizadas desde o século XIX até as incursões imperialistas no século XX para a construção de teorias eugenistas, racistas e deterministas.³⁴⁰ Apesar das contradições e margens de interpretação opressoras que podem ser entrevistas nas teorias de Taine, nos interessa aqui, centralmente, os fundamentos que Roubakine ([1922] 1998) daí retira para a construção de sua Bibliopsicologia, que nada se aproximam, esta é nossa interpretação de acordo com os registros encontrados ao longo do percurso investigativo desta tese, de uma concepção eugenista ou racista dessas categorias construídas socialmente.

Pelas lentes de observação deste terceiro princípio e do pensamento roubakiniano de modo geral, nos interessa a primazia, que sobressai em seus estudos da leitura a partir de Taine, de duas categorias que demarcam a teoria e o método da Bibliopsicologia: meio social e o momento, ou seja, a influência do meio na autoria, na obra e em quem lê, o que sugere, em nosso entendimento, uma abordagem social para a ciência de Roubakine em diálogo direto com o seu contexto

³⁴⁰ Sobre esse ponto, no contexto de desenvolvimento das ciências sociais a partir da física social comteana e sua busca por leis universais para o comportamento social, Araújo (2003) comenta que as bases positivistas que integram a constituição inicial deste campo seria influenciado pelo trabalho de Charles Darwin (1809-1882) sobre a evolução das espécies; o qual, por sua vez, encontra na Biologia Social de Herbert Spencer (1820-1903) um modelo biológico de compreensão da vida social (analogia entre a sociedade e um organismo vivo com partes que desempenham funções específicas para o funcionamento do todo). Tal modelo justificaria, igualmente, a ação colonizadora europeia no século XIX em África e Ásia.

de florescimento, ou seja, a Rússia czarista e as opressões e desigualdades perpetradas por esse regime. Como parte integrante das relações entre os estudos da leitura e sua paisagem sócio-histórica, podemos dizer que “essa lei coloca o estudo dos fenômenos da leitura em uma base social” (Rubakin, N.; Bethmann, 1968, p. 14, tradução nossa).³⁴¹

Em articulação com o pensamento bibliopsicológico em torno da ação leitora, ou seja, as condições internas e externas que impactam a tríade autoria-livro-leitor, o meio social seria um desdobramento da compreensão de influências internas e externas do indivíduo, refletidas naquilo que escreve e naquilo que lê. O momento, por sua vez, pode ser entendido, aqui para nós à luz dos propósitos sociopolíticos roubakinianos, como o tempo histórico no qual o indivíduo está inserido e como esse mesmo contexto poderia influenciar na criação literária de uma autoria (temática abordada, linguagem utilizada, público que pretende alcançar, meios de produção e circulação da obra). Todos os processos de escrita que formam a personalidade poética de uma autoria são atravessados por um conjunto de condições sociais deste autor, as quais, por sua vez, decorrem e são evocadas igualmente de modo particular quando da leitura dessa obra por diferentes pessoas leitoras.

Isso significa dizer, no plano da construção teórico-metodológica da Bibliopsicologia conduzida por Roubakine ([1922] 1998), que a investigação dos autores e de suas obras proposta por Taine no campo da crítica literária francesa está dada à luz do estudo da obra literária em si. Seria este estudo, assim, um meio de compreensão das formas de pensar de uma autoria, bem como do contexto que envolve a construção de seu pensamento. A partir daí, seria possível estabelecer o tipo psíquico de quem escreve (de acordo com categorias formadas por variáveis psicológicas e sociais) e, com isso, encontrar leitores semelhantes a esse mesmo tipo psíquico, os quais teriam mais chances (a partir de uma metodologia dada em suas bases quantitativas), no plano sociopolítico roubakiniano, de compreender as ideias de uma autoria e extrair daí saberes que poderiam ser aplicados para o reconhecimento crítico das assimetrias que regem o império russo e para a transformação dessas contradições.

Apesar da influência de teorias de cunho positivistas vislumbradas na Bibliopsicologia roubakiniana e das tentativas de construção metodológica para a

³⁴¹ No original: *This law puts the study of reading phenomena on a social basis* (Rubakin, N.; Bethmann, 1968, p. 14).

mensuração objetiva de fenômenos subjetivos (a escrita e a leitura), não se trata do estudo do livro pelo livro, da autoria pela autoria e do leitor pelo leitor, ou seja, como categorias e objetos isolados de seu contexto de produção, circulação e apropriação, mas sim da investigação do livro como um artefato que reflete a mentalidade de uma autoria em sua construção, ou seja, que leva à individualidade psíquica de seu autor — a qual, por sua vez, resulta de causas e condições sociais que criaram sua personalidade poética — até chegar ao livro ideal para uma pessoa leitora, estudando igualmente seu tipo psíquico e formas de percepção do mundo.

Dito de outra forma, o movimento indutivo presente na abordagem de Roubakine ([1922] 1998) demarca todos os processos e atores envolvidos nos atos de leitura e, sobretudo, suas formas de impacto no leitor e, a partir daí, no real. É o meio social, junto do “momento” (em nossa interpretação, tempo histórico) que determina as formas de compreensão do livro:

A raça, o meio e o momento agem sobre a sua forma de compreender um livro. Esses três fatores determinam o que chamamos a experiência da vida do leitor (Roubakine, [1922] 1998, p. 37, tradução nossa).³⁴²

Essa “experiência da vida do leitor” é demarcada, por sua vez, pelo deslocamento do livro na realidade social, ou seja, sua produção, distribuição, circulação, apropriação até chegar à pessoa leitora e o máximo de impacto com o mínimo de esforço, bem como através das interações desse mesmo indivíduo com o meio e o momento ao redor, o que impacta nas sensações e percepções registradas em sua memória orgânica:

A atmosfera social lança entre a alma do autor e a do leitor uma ponte mais sólida do que o próprio livro. O livro contém apenas os materiais que já estão na mentalidade do leitor; o meio, por sua vez, torna esses materiais mais ou menos idênticos entre os diversos leitores que têm experiências de vida similares (Roubakine, [1922] 1998, p. 37, tradução nossa).³⁴³

Está dada aqui, mais uma vez, a centralidade do meio na relação autor-livro-leitor. Tal como abordado no primeiro princípio de Humboldt-Potebnia, o

³⁴² No original: *La race, le milieu, le moment agissent sur sa façon de comprendre un livre. Ces trois facteurs déterminent ce qu'on appelle l'expérience de la vie du lecteur* (Roubakine, [1922] 1998, p. 37).

³⁴³ No original: *L'atmosphère sociale jette entre l'âme de l'auteur et celle du lecteur un pont plus solide que ne le fait le livre lui-même. Le livre ne contient que les matériaux qui se trouvent déjà dans la mentalité du lecteur ; le milieu, lui, rend ces matériaux plus ou moins identiques chez les divers lecteurs qui ont une expérience commune de la vie* (Roubakine, [1922] 1998, p. 37).

livro seria esse instrumento de excitação que evocaria algo já latente no íntimo de um leitor, ou seja, algo já presente em seu *mnéma*, cujo ação se desdobraria caso o leitor já tivesse em si materiais que dialogam com sua estrutura psíquica. Seria o meio compartilhado por um grupo de leitores (como o mesmo momento histórico, por exemplo) que aumentaria a extensão desse impacto de forma mais ou menos semelhante. Não significa dizer que a apropriação de uma obra seria a mesma, dada a particularidade dos atos de leitura e de cada pessoa leitora, mas sim que as possibilidades de reflexões semelhantes via gesto leitor (no horizonte roubakiniano, o reconhecimento crítico do mundo), poderiam direcionar para diferentes ações de tomadas de consciência no real.

Isto se dá, pois, para Roubakine:

É precisamente esse meio que determina a forma e o conteúdo da mentalidade individual, o *mnéma* (entendemos por esse termo a notação das sensações cotidianas e da experiência pessoal) (Roubakine, [1922] 1998, p. 36, tradução nossa).³⁴⁴

Nesse trecho, sobressai, especificamente, a noção de *mnéma*, conceito nuclear da teoria bibliopsicológica que aparece quando da relação epistemológica traçada com o campo da Biologia, a partir dos estudos de Richard Semon, conforme abordado na dimensão epistemológico-histórica. O ponto de vista biológico trazido por Semon considera todas as experiências vivenciadas pela pessoa leitora em uma dimensão subjetiva (as configurações psíquicas, físicas e emocionais, ou seja, a individualidade de um leitor) e intersubjetiva (a influência do meio social para a formação da subjetividade leitora), as quais são grafadas em sua memória orgânica ao longo de sua existência nesse mesmo meio social.

Significa dizer, a influência do meio na construção da mentalidade individual do autor e do leitor (o *mnéma*), o que posiciona o leitor, para Roubakine ([1922] 1998), como um ser social, ou seja, um indivíduo que influencia e é influenciado, ao mesmo tempo, pelo contexto no qual está inserido, o que é refletido em suas experiências com o artefato e o mundo. Ali, o teórico propõe a subjetividade da apropriação do leitor e a primazia do meio e momento social para entender os impactos do livro na humanidade e na compreensão desse impacto para a transformação social.

³⁴⁴ No original: *C'est précisément ce milieu qui détermine la forme et le contenu de la mentalité individuelle, le mnéma (par ce terme nous entendons la notation des sensations quotidiennes et de l'expérience personnelle)* (Roubakine, [1922] 1998, p. 36).

7.2.1.4 Gabriel Tarde

A influência da corrente positivista no pensamento roubakiniano nos leva ao filósofo e sociólogo francês Gabriel Tarde, o qual, junto à Auguste Comte, integraria o círculo de teorias com as quais Roubakine entrou em contato ainda no contexto universitário, na década de 1880, e que influenciaria na tessitura de seu pensamento e da epistemologia de sua ciência. A abordagem da lei de Tarde decorre da mesma articulação social encontrada nos princípios anteriores, em especial na lei de Taine, a qual posiciona o leitor e o processo de leitura como partes integrantes de um contexto intersubjetivo mais amplo, o que decorre, centralmente, das noções de sugestão e imitação. O bibliotecário russo destaca que:

As obras de Gabriel de Tarde sobre a sugestão e a imitação são de particular interesse para a Bibliopsicologia (Roubakine, [1922] 1998, p. 37, tradução nossa).³⁴⁵

No bojo da abordagem bibliopsicológica, as discussões de Gabriel Tarde lançam lentes para posicionarmos, mais uma vez, os fenômenos do impacto do livro na pessoa leitora à luz de seu tecido sócio-histórico. De modo geral, a compreensão tardeana da vida social, sob uma perspectiva sociológica, está centrada na ideia de que a sociedade se comporta a partir de processos de imitação (de crenças, comportamentos, modos de pensar), os quais resultam e são reproduzidos continuamente a partir de interações entre os indivíduos e de seus processos psicológicos (como colocado por Roubakine, [1922] 1998, no centro da Interpsicologia de Tarde, como as mentes interagem e se influenciam no real). Tal perspectiva, na visão tardeana, poderia ser estudada tanto do ponto de vista da formação da opinião pública e o comportamento das multidões, com foco central para o papel da imprensa, quanto na investigação, no âmbito da criminologia, do comportamento criminal dos indivíduos. A imitação seria, igualmente, parte importante do processo de aprendizagem, no qual os indivíduos aprendem a partir da observação e imitação de outras pessoas.

No diálogo estabelecido com as teorias de Roubakine ([1922] 1998), trata-se de posicionar a pessoa leitora no centro de uma vida social que influencia e é influenciada, ao mesmo tempo, por um ser social que forma e integra uma

³⁴⁵ No original: *Les ouvrages de Gabriel de Tarde sur la suggestion et l'imitation présentent un intérêt particulier pour la biblio-psychologie* (Roubakine, [1922] 1998, p. 37).

coletividade, a qual, por sua vez, está posicionada em um dado espaço-tempo (no plano roubakiniano, no império russo czarista e, de forma mais ampla, em outros contextos de opressão e desigualdades atravessados por construções hegemônicas que determinam certas concepções do real).

Para a Bibliopsicologia, o estudo tardeano sobre a sociedade, ancorado nas noções de sugestão e imitação:

[...] transforma, de certa forma, o leitor individual em um microcosmo da coletividade da qual ele faz parte: multidão, público, nação etc (Roubakine, [1922] 1998, p. 37, tradução nossa).³⁴⁶

A relação autoria-livro-leitor nas experiências de leitura, junto de seus impactos no real, já nos diria Roubakine ([1922] 1998), são manifestações da vida social e, por isso, estão submetidas, assim como as outras pessoas, às possibilidades de ações de sugestão e imitação direcionadas por e para essa mesma coletividade (de reproduzir e imitar, por exemplo, crenças, valores, desejos opressores ou não). Ou seja, o leitor é resultado de seu meio e de seu momento, para recorrermos às concepções abordadas na lei de Taine, e a maneira como se apropria de um objeto de leitura e do próprio mundo decorre dessa vida social (na visão de Tarde, a reprodução mimética das crenças, comportamentos e modos de pensar de seus antepassados); para nós aqui, em articulação com o pensamento roubakiniano, de grupos sociais construídos dialeticamente em seus contornos sociais, políticos, históricos e culturais.

A partir de Tarde, Roubakine sintetiza seu quarto princípio:

‘Quanto maior a ação intermental entre os antepassados de dois determinados indivíduos e quanto mais ela tiver criado neles pensamentos, desencadeamento de ações, sentimentos comuns, mais fácil também será para esses dois indivíduos, quando eles se encontrarem, de comunicarem um ao outro o estado de sua alma’ (Roubakine, [1922] 1998, p. 39-40, tradução nossa).³⁴⁷

Neste princípio, Roubakine ([1922] 1998) parece apontar, centralmente, para as categorias sociais articuladas por Taine (sobretudo meio e momento) como fatores essenciais de ação do livro na pessoa leitora em diálogo com as

³⁴⁶ No original: *Il transforme en quelque sorte le lecteur individuel en un microcosme de la collectivité dont il fait partie : foule, public, nation, etc.* (Roubakine, [1922] 1998, p. 37).

³⁴⁷ No original: *‘Plus l’action inter-mentale a été grande entre les ancêtres de deux individus donnés et plus elle a créé chez eux de pensées, de procédés d’action, de sentiments communs, plus aussi il sera aisé à ces deux individus, quand ils se rencontreront, de se communiquer l’un à l’autre leur état d’âme’* (Roubakine, [1922] 1998, p. 39-40).

características de sua autoria (na teoria tardeana, fontes de sugestão e imitação). Do meio e do momento, o indivíduo poderia retirar seus modos de pensar, de se comportar, de desejar, de sentir, perceber e interpretar o mundo.

No âmbito das experiências de leitura, o teórico russo aponta:

Todo leitor é o objeto de sugestão e o sujeito de imitação (Roubakine, [1922] 1998, p. 36-37, tradução nossa).³⁴⁸

Dito de outro modo, é influenciado pelo mundo ao redor e, ao mesmo tempo, imita esse mesmo mundo. Todo leitor pode ser sugestionado e reproduzir fenômenos psíquicos, culturais, sociais e políticos, conforme o teórico nos aponta abaixo:

[...] não só um livro, mas mesmo uma palavra exerce, em maior ou menor grau, uma sugestão real (Roubakine, [1922] 1998, p. 174, tradução nossa).³⁴⁹

Esta, por sua vez, poderia se manifestar:

[...] na medida em que certas palavras, aforismos ou expressões ficam profundamente enraizadas na alma do leitor, e este se vê durante muito tempo sujeito à sua ação (Roubakine, [1922] 1998, p. 174, tradução nossa).³⁵⁰

A receptividade de um dado leitor às opiniões, sugestões e intencionalidades propostas por uma dada autoria e que podem, por sua vez, ser ou não compartilhadas pela coletividade da qual esse mesmo leitor faz parte. O meio social, bem como todos os fenômenos e atores que o formam (notadamente, a relação autor-livro-leitor), seriam fontes de sugestão e imitação, ou seja, seriam reagentes para a sugestionabilidade de quem lê, a partir, sobretudo, da intencionalidade de uma autoria. Nessa perspectiva, Roubakine ([1922] 1998) aponta:

O estudo da aptidão do leitor à imitação e de sua receptividade às opiniões, às sugestões e à hipnose tem uma importância capital para a Bibliopsicologia (Roubakine, [1922] 1998, p. 37, tradução nossa).³⁵¹

³⁴⁸ No original: *Tout lecteur est l'objet de suggestion et le sujet d'imitation* (Roubakine, [1922] 1998, p. 37).

³⁴⁹ No original: *[...] non seulement un livre, mais même un mot exerce à un degré plus ou moins fort une véritable suggestion* (Roubakine, [1922] 1998, p. 174).

³⁵⁰ No original: *[...] en ceci que certains mots, aphorismes, ou certaines expressions s'incrument profondément dans l'âme du lecteur, et il se trouve pendant longtemps soumis à leur action* (Roubakine, [1922] 1998, p. 174).

³⁵¹ No original: *L'étude de l'aptitude du lecteur à l'imitation et de sa réceptivité aux opinions, aux suggestions, à l'hypnose, a une importance capitale pour la biblio-psychologie* (Roubakine, [1922] 1998, p. 37).

Diante do horizonte sociopolítico roubakiniano que nos interessa refletir, o mesmo se daria, podemos pensar, de acordo com os objetivos de sua ciência, alcançados centralmente a partir dos movimentos coletivos das massas populares trabalhadoras e das possibilidades de impacto do livro para a transformação de suas condições de vida desiguais:

Quando um homem que tem influência sobre seus alunos, seus leitores e seus seguidores age sobre a sensibilidade deles, ele dirige seus olhares para algo a que eles não teriam prestado atenção por conta própria. No entanto, nesse caso, eles veem exatamente da mesma forma que teriam visto se seus olhares tivessem se dirigido espontaneamente para aquela coisa (Roubakine, [1922] 1998, p. 39, tradução nossa).³⁵²

Este trecho evidencia um dos fatores centrais no plano dos fenômenos psíquicos despertados pelo livro, segundo Roubakine ([1922] 1998). Para o autor, a partir da ação intermental entre autoria e pessoa leitora (a influência recíproca entre mentalidades próximas que compartilham configurações psicológicas e sociais semelhantes, como os tipos psíquicos, emoções, pensamentos e meio social), seria possível transmitir o estado de sua consciência, ou seja, as formas de pensar, com maior impacto e menos esforço. Em outra perspectiva, esta ação intermental, a influência de uma mente sobre a outra, poderia, através das experiências de leitura, chamar a atenção das pessoas leitoras para sensações, pensamentos e ações que, de outra maneira, poderiam lhes passar despercebidas. Além disso, na paisagem sócio-histórica e política que o pensamento roubakiniano está inserido, significa que uma autoria, exercendo através de suas obras impactos em uma dada coletividade, poderia direcionar a mentalidade dessa mesma coletividade para a observação de diferentes aspectos da vida social — tanto a partir de um olhar sociocrítico como a partir de contornos opressores e excludentes.

Essa influência poderia despertar pensamentos, reflexões, críticas e ações. A organização coletiva ensejada pelos movimentos políticos pré-Revolução, por exemplo, também por meio da leitura e do livro (lembramos dos círculos de leitura de Roubakine, da instrução popular, dos programas de leitura elaborados pelo teórico, de sua atuação bibliotecária, da circulação de livros e panfletos proibidos) poderia

³⁵² No original: *Quant un homme qui a de l'influence sur ses élèves, ses lecteurs, ses adeptes, agit sur leur sensibilité, il dirige leur regard sur une chose à laquelle ils n'auraient pas fait attention d'eux-mêmes. Cependant dans ce cas ils voient exactement de la même façon qu'ils auraient vu si leur regard s'était dirigé spontanément sur cette chose* (Roubakine, [1922] 1998, p. 39).

contribuir para a propaganda revolucionária, ou seja, o pensamento crítico e a reprodução desses princípios.

Esta imitação pode ser voluntária ou involuntária, externa (por voz, gestos, escrita) ou interna (psicológica). O leitor imita as palavras, o estilo de um livro, assim como o seu plano, o seu tema, as suas imagens, os seus heróis, as suas palavras, os seus trajes (Roubakine, [1922] 1998, p. 175, tradução nossa).³⁵³

Não se trata de uma reprodução acrítica ou sem reflexão, mas sim de uma obra de uma autoria (e sua posição no real), de seus espaços de circulação e mediação (escolas, círculos de leitura, bibliotecas, universidades, os *loci* de conspiração), cuja linguagem desperta neste leitor sentimentos, emoções, sensações, reflexões externas ou internas que se aproximam daqueles de quem enuncia, o que pode ser aplicado em ações empreendidas na realidade social. A partir da comunicação do estado de sua alma (dada via linguagem, seja pelo livro, pela prática bibliotecária na indicação de uma obra ou na circulação de obras proibidas), mais fácil seria, portanto, as ações de tomada de consciência crítica coletiva e, a partir daí, as mobilizações de organização coletiva que poderiam lutar pelas formas de transformação. Como Roubakine acreditaria, a força dessa revolução, ou seja, da transformação do sistema existente, estaria em um proletariado fabril consciente (Rubakin, A., 1979).

Se pensarmos, por exemplo, de acordo com os construtos tecidos por uma das linhas de teoria crítica da informação, conforme enunciado por Bezerra (2019) e Salomão e Bezerra (2023) no contexto da Escola de Frankfurt, trata-se de pensar na excitação de sensações, internas e externas, já imanentes no indivíduo (e na sociedade como um todo, porém reprimida pelo capitalismo), e que são despertadas quando dessas aproximações psíquicas. Em relação com a lei de Humboldt-Potebnia e o poder de ação da linguagem, trata-se de pensar em seu papel simbólico, ou seja, de despertar, a partir das condições de acesso ao conhecimento, o que já existe na alma do leitor.

³⁵³ No original: *Cette imitation peut être volontaire ou involontaire, extérieure (par la voix, les gestes, l'écriture) ou intérieure (psychologique). Le lecteur imite les mots, le style d'un livre, ainsi que son plan, son sujet, ses images, ses héros, leurs paroles, leurs costumes* (Roubakine, [1922] 1998, p. 175).

7.2.1.5 Ernst Mach

Diante dos contornos positivistas entrevistados na metodologia roubakiniana, conforme abordaremos na seção seguinte, o quinto princípio fundamental está posicionado no âmbito das reflexões tecidas pelo físico austríaco Ernst Mach entre a segunda metade do século XIX e os anos iniciais do XX. A partir de um rigor metodológico aplicado à comprovação empírica de proposições científicas, as teorias de Mach são dialogadas com a Bibliopsicologia no que se refere a uma utilização ordenada e econômica da experiência de leitura, a qual conduziria a uma apropriação máxima de saberes com o mínimo de esforço.

Esta lei é concebida por Roubakine ([1922] 1998) da seguinte forma:

É o princípio da **utilização ordenada e econômica da experiência** ou, mais simplesmente, da economia das forças (Roubakine, [1922] 1998, p. 41, tradução nossa, grifo do autor).³⁵⁴

A busca pela medida exata da pessoa leitora e pelo livro ideal para esse mesmo leitor, aquele capaz de despertar para o reconhecimento crítico sobre si e o mundo, é orientada pela e para uma economia de tempo e forças psíquicas e cognitivas na compreensão de um artefato de leitura ou, nas palavras do bibliotecário russo:

[...] para que se faça economizar o tempo e as forças do leitor na ocasião da utilização do livro (Roubakine, [1922] 1998, p. I, tradução nossa).³⁵⁵

Essa noção decorre e dialoga, ao mesmo tempo, com os quatro princípios anteriores: a relação autor-livro-leitor diante da necessidade de “[...] elucidar as condições **naturais** de reforma e de melhoria do processo de cristalização do discurso” (Roubakine, [1922] 1998, p. 41, tradução nossa, grifo do autor),³⁵⁶ ou seja, diante de todos os processos que envolvem o livro desde o seu surgimento na mente de uma autoria até sua apropriação em quem lê) à luz de seu tecido sócio-histórico (Simsova, 1966a; Savova, 1998).

³⁵⁴ No original: *C'est le principe de l'utilisation ordonnée et économique de l'expérience ou, plus simplement, de l'économie des forces* (Roubakine, [1922] 1998, p. 41, grifo do autor).

³⁵⁵ No original: *[...] à faire économiser le temps et les forces au lecteur lors de l'utilisation du livre* (Roubakine, [1922] 1998, p. I).

³⁵⁶ No original: *[...] d'élucider les conditions **naturelles** de réforme et d'amélioration du processus de cristallisation de la parole* (Roubakine, [1922] 1998, p. 41, grifo do autor).

Nos limites dados pela paisagem praxiológica da Bibliopsicologia, significa indagar:

[...] até que ponto se pode reformar e melhorar a expressão dos estados psíquicos do homem, de modo que a palavra cristalizada, o livro, dê à leitura o máximo de resultado com o mínimo de esforço por parte do autor, do leitor, do livreiro, bem como de todas as outras pessoas que participam do processo bibliopsicológico? Como intensificar o poder de ação do livro? (Roubakine, [1922] 1998, p. 41, tradução nossa).³⁵⁷

A pergunta roubakiniana se volta, fundamentalmente, para os modos de intensificação do poder de ação do livro no leitor e, em sentido amplo, na humanidade. Se partirmos, por exemplo, do próprio objetivo teórico-prático que circunda a ciência bibliopsicológica, estaria dado aí o estudo científico do livro e dos potenciais de seu impacto não só para finalidades individuais (como o próprio percurso de autoinstrução para a aplicação de saberes em uma dimensão instrumental, por exemplo), mas, sobretudo e, principalmente, para fins sociais e históricos, com vistas ao desenvolvimento da vida social — a vida nova a ser alcançada, conforme observado pelo próprio teórico no que toca o horizonte aplicado de sua ciência:

A aplicação dos princípios fundamentais ou deduções do estudo científico de obras impressas, seu surgimento e produção, seu efetivo, sua difusão, seu rendimento máximo com o mínimo de esforço para fins individuais, sociais e históricos, com vistas ao desenvolvimento da vida individual e social (Roubakine, [1922] 1998, p. 45, tradução nossa).³⁵⁸

Em sentido mais amplo, interessa à Bibliopsicologia compreender sob quais condições seria possível potencializar a ação do livro no indivíduo leitor para intensificar, portanto, seus impactos na realidade social. Sob outra perspectiva, como aprimorar os estados psíquicos despertados ao longo das experiências de leitura a partir do melhoramento dos canais de produção e circulação do livro, de modo a

³⁵⁷ No original: [...] jusqu'à quel point peut-on réformer et améliorer l'expression des états psychiques de l'homme, pour que la parole cristallisée, le livre, donne à la lecture le maximum de résultats avec le minimum d'effort de la part de l'auteur, du lecteur, du libraire ainsi que de toutes les autres personnes qui participent au processus biblio-psychologique? Comment intensifier le pouvoir d'action du livre? (Roubakine, [1922] 1998, p. 41).

³⁵⁸ No original: L'application des principes fondamentaux ou déductions de l'étude scientifique des œuvres imprimées, leur apparition et production, leur effectif, leur diffusion, leur rendement maximum avec le minimum d'efforts dans des buts individuels, sociaux et historiques, en vue de l'épanouissement de la vie individuelle et sociale (Roubakine, [1922] 1998, p. 45).

alcançar o máximo de resultados práticos com o mínimo de esforços por parte desses atores. Significa dizer, pois:

Cada etapa desse processo deve ser estudada e reformada com o objetivo de economizar as forças (Roubakine, [1922] 1998, p. 41, tradução nossa).³⁵⁹

Para as finalidades vislumbradas pela Bibliopsicologia em seu movimento de práxis transformadora, o estudo de cada etapa que envolve a criação do livro poderia conduzir a uma relação psíquica mais próxima entre a mentalidade de quem escreve e quem lê, o que exerceria, por sua vez, um impacto maior nos rumos da humanidade. O autor coloca:

O princípio de economia das forças, aplicado ao campo da Bibliopsicologia, deve operar, ao longo do tempo, uma aproximação entre a mentalidade do leitor e a do autor, aproximação com a qual nenhum autor ou leitor pode sequer sonhar hoje. A Bibliopsicologia saberá encontrar os meios para excitar, na alma de outrem, por meio das palavras escolhidas ou criadas para obter o máximo de utilidade, os estados psíquicos (ideias, emoções, tendências, reflexões) que o autor especificamente quis criar? (Roubakine, [1922] 1998, p. 41-42, tradução nossa).³⁶⁰

O melhoramento dos processos de escrita (no sentido de a autoria utilizar as palavras exatas para despertar no leitor reações igualmente específicas), alinhado ao próprio estudo desse leitor em sua totalidade — ou seja, o que lê, como lê, quando lê e para que lê em sua relação com o mundo social — e, ainda, às próprias funções desempenhadas por editoras, livreiros, bibliotecas e outros ramos do universo do livro, poderiam fazer com que o livro exato alcançasse seu leitor ideal e, assim, obter o máximo de utilidade das ideias, emoções e intenções que a autoria deseja transmitir.

Nos desvelamentos sociais que emergem da teoria roubakiniana, significa dizer que as ideias construídas a partir dos princípios de Mach no âmbito da Bibliopsicologia estão voltadas, estruturalmente, para o seu contexto sócio-histórico de aplicação. Diante das condições de vida assimétricas forjadas na Rússia

³⁵⁹ No original: *Chaque étape de ce processus doit être étudiée et réformée dans le but d'économiser les forces* (Roubakine, [1922] 1998, p. 41).

³⁶⁰ No original: *Le principe de l'économie des forces, appliqué au domaine de la biblio-psychologie, doit opérer, avec le temps, un rapprochement entre la mentalité du lecteur et celle de l'auteur, rapprochement dont aucun auteur ni lecteur ne peuvent même rêver aujourd'hui. La biblio-psychologie saura-t-elle trouver les moyens d'exciter dans l'âme d'autrui, par des mots choisis ou créés pour obtenir le maximum d'utilité, les états psychiques (idées, émotions, tendances, réflexions) que l'auteur a précisément voulu créer?* (Roubakine, [1922] 1998, p. 41-42).

pré-revolucionária (a dificuldade de acesso à instrução formal, a educação tendenciosa, os índices de analfabetismo, a linguagem complexa dos livros, as censuras impostas ao livro e às bibliotecas e, não raro, a escassez de tempo e meios da classe trabalhadora para as atividades de leitura), podemos dizer que a extensão da aplicação das leis formuladas por Roubakine ([1922] 1998), em especial esta última, se volta para exercer o máximo possível de impacto no leitor a partir de seu estudo prévio, para compreender, então, qual seria a palavra ideal a utilizar (estudo quantitativo) para despertar o máximo de estados psíquicos, a quantidade de palavras que deveriam ser utilizadas; tudo isso para alcançar o máximo de ação em quem lê no sentido de apropriar mais saberes para o caminho de autoinstrução e, a partir daí, para a transformação do mundo.

7.2.2 Método roubakiniano: a busca exata pelo leitor em sua intersubjetividade

Na relação costurada na biobibliografia roubakiniana, podemos dizer que a construção dos métodos que orientam a sua ciência remonta às próprias experiências do teórico russo na Universidade de São Petersburgo nos anos de 1880. É neste contexto, como antes observado, que Roubakine não apenas desperta para o interesse nas experiências de leitura individuais a partir de sua atuação como bibliotecário na biblioteca de sua mãe, como também entra em contato com o pensamento de duas figuras que se tornariam centrais para a dominância científica do positivismo no plano ocidental: Auguste Comte e Gabriel Tarde. Dada a própria prevalência deste olhar sobre a medida exata do mundo, ou seja, sobre a produção de conhecimento científico e seus impactos na construção do real e, aí, sobre o desenvolvimento de campos científicos decorrentes dessa filosofia — em especial as ciências sociais e áreas como Psicologia e Sociologia (esta primeira, dialogada diretamente com a Bibliopsicologia), Roubakine retira daí os construtos que orientariam teoria e método de sua ciência. Estes, por sua vez, atravessados por contornos exatos, objetivos e precisos, bem como pelas ciências exatas que formam esta metodologia — embora, como veremos, esse olhar objetivo sobre o mundo não esteja dissociado de um contexto pragmático de observação desse mesmo mundo.

Na obra roubakiniana, podemos observar, logo em seus capítulos iniciais, trechos que evidenciam o caráter exato, preciso e objetivo da Bibliopsicologia, em diálogo, centralmente, com os contornos positivistas que marcam esta ciência:

[...] amparado por métodos científicos exatos (Roubakine, [1922] 1998, p. 9, tradução nossa).³⁶¹

Suas diversas partes devem ainda ser submetidas a uma elaboração exata e rigorosa (Roubakine, [1922] 1998, p. 10, tradução nossa).³⁶²

Abaixo, temos outro trecho que aponta para sua investigação sobre as experiências de leitura em relação direta com as ciências exatas com as quais faz fronteira:

[...] uma pesquisa exata, científica e até matemática (Roubakine, [1922] 1998, p. 11, tradução nossa).³⁶³

No decurso do pensamento roubakiniano, sobressai a preocupação do bibliotecário russo com a busca de um rigor metodológico para sua ciência, uma vez que concebe a Bibliopsicologia como um dos ramos das ciências exatas, com foco no conhecimento preciso dos fatos, como afirma Simsova (1975). Para demonstrar a exatidão e a cientificidade de sua ciência, diante do contexto científico de seu tempo, ou seja, da especialização de campos científicos, de teorias científicas validadas por suas comprovações empíricas, elas mesmas, resultado de uma abordagem positivista, Roubakine ([1922] 1998) sugere que a pessoa leitora e a experiência de leitura devem ser estudadas cientificamente e com precisão. O teórico recorre ao estatístico inglês Karl Pearson (1857-1936)³⁶⁴ para indicar o que entende como um método rigorosamente científico:

Em que consiste então um método rigorosamente científico? Segundo a feliz definição de Pearson, caracteriza-se por três sintomas fundamentais: a) por uma classificação meticulosa e exata dos fatos devidamente apurados e cuidadosamente estudados, bem

³⁶¹ No original: [...] *aidée de méthodes scientifiques exactes* (Roubakine, [1922] 1998, p. 9).

³⁶² No original: *Ses diverses parties doivent encore être soumises à une élaboration exacte et sévère* (Roubakine, [1922] 1998, p. 10).

³⁶³ No original: [...] *une recherche exacte, scientifique et même mathématique* (Roubakine, [1922] 1998, p. 11).

³⁶⁴ Karl Pearson (1857-1936) foi um estatístico inglês, com foco de atuação na aplicação da Estatística em campos como Biologia, Matemática, Medicina e Ciências Sociais. Além disso, foi um defensor do darwinismo e da eugenia, teorias que, segundo Araújo (2003), justificariam a ação colonizadora europeia no século XIX na Ásia e na África, ancorada, em uma de suas vias, na Psicologia. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Karl-Pearson>. Acesso em: 03 out. 2025.

como por um estudo das suas relações recíprocas e da sua periodicidade; b) pela elaboração, através da imaginação criativa, de **leis** científicas, entendendo-se sob este termo ou sob o termo 'a lei da natureza' não uma regra estabelecida por não se sabe quem ou o quê e que rege os fenômenos que observamos, mas uma certa **fórmula** concebida por um ser humano normal que tem uma determinada organização cerebral e estado de espírito, baseados na observação de fenômenos (ou fatos), classificados, estudados e generalizados. De acordo com esta definição, uma lei da natureza não é a **causa** da existência destes fenômenos, mas a sua expressão exata e resumida, mesmo, se possível, matemática (Roubakine, [1922] 1998, p. 143-144, tradução nossa, grifo do autor).³⁶⁵

Sobressai do trecho acima a ideia de formulação de leis científicas que buscam explicar as causas e as relações dos fenômenos, o que pode ser observado, igualmente, nas cinco leis fundamentais construídas por Roubakine, as quais bebem, por sua vez, de fontes, autorias e teorias que demonstram a circularidade epistêmica de sua ciência, no centro das discussões para o desenvolvimento de áreas científicas (a Psicologia como exemplo) sob uma abordagem positivista que procura para seus métodos a mesma precisão e objetividade das ciências exatas. Assim, sintetiza Simsova (1975), o método científico seria fundamental para a construção epistemológica da ciência roubakiniana — os resultados dependenderiam, portanto, desses métodos. Para o estudo das relações psíquicas entre autoria-livro-leitor, o bibliotecário russo aponta para os métodos que considera célebres da ciência contemporânea:

A Bibliopsicologia aconselha a estudar de novo e de novo o leitor e o processo da leitura, e de estudá-los cientificamente, com precisão, com a ajuda de todos os métodos que tornam célebre a ciência contemporânea: observações, experiências, induções, hipóteses, deduções, verificações, experimentais e outras, levantamentos, estatísticas e, por fim, análises matemáticas dos dados (Roubakine, [1922] 1998, p. 13, tradução nossa).³⁶⁶

³⁶⁵ No original: *En quoi consiste donc une méthode rigoureusement scientifique? Suivant l'heureuse définition de Pearson, elle se caractérise par trois symptômes fondamentaux: a) par une classification minutieuse et exacte des faits dûment constatés et soigneusement étudiés, ainsi que par une étude de leurs rapports réciproques et de leurs périodicité: b) par l'élaboration, au moyen de l'imagination créatrice, des **lois** scientifiques, en entendant sous ce terme ou sous celui de 'la loi de la nature' non pas une règle établie par on ne sait qui ou on ne sait quoi et régissant les phénomènes que nous observons, mais une certaine **formule** conçue par un être humain normal qui a une organisation cérébrale et un état d'âme déterminés, et basés sur l'observation des phénomènes (ou faits), classés, étudiés et généralisés. D'après cette définition, une loi de la nature n'est pas la **cause** d'existence de ces phénomènes, mais leur expression exacte et résumée, même, si c'est possible, mathématique (Roubakine, [1922] 1998, p. 143-144, grifo do autor).*

³⁶⁶ No original: *La biblio-psychologie recommande d'étudier et encore d'étudier le lecteur, et le processus de la lecture, et de les étudier scientifiquement, exactement, à l'aide de toutes les*

[...] entre os métodos bibliopsicológicos, a observação e a experiência devem ser considerados os métodos fundamentais desta ciência (Roubakine, [1922] 1998, p. 146, tradução nossa).³⁶⁷

No contexto das aproximações entrevistadas entre a Bibliopsicologia e campos como as já mencionadas Psicologia, Física e Biologia, constituídas a partir da incorporação de métodos próprios a essas mesmas ciências, como a observação, os levantamentos estatísticos e as análises matemáticas, por exemplo, a aplicação desses métodos poderia fornecer a mensuração exata das ações do livro na pessoa leitora — quem lê, o que lê e como lê.

Em outras palavras:

A aplicação de métodos bibliopsicológicos nada mais é do que a aplicação de toda a gama de métodos psicológicos ao estudo dos fenômenos bibliopsicológicos. Uma vez que a psicologia moderna deriva os seus métodos das ciências naturais e das ciências exatas em geral, os métodos da Bibliopsicologia fundem-se sem exceção com os destas ciências (Roubakine, [1922] 1998, p. 142, tradução nossa).³⁶⁸

Podemos posicionar o método roubakiniano no centro das pesquisas em desenvolvimento nas ciências sociais a partir de seu próprio contexto de tessitura: a busca por um rigor metodológico para a constituição científica e epistemológica desses mesmos campos no final do século XIX e as primeiras décadas do XX, no qual se constrói um olhar objetivo sobre o indivíduo e a sociedade via os contornos positivistas propostos pelas ciências naturais e exatas. Nos anos de 1920 e, especialmente, na década de 1930, é possível observar em países como Estados Unidos e Alemanha esforços biblioteconômicos para a sistematização científica de estudos sobre a leitura, com foco no leitor em sua dimensão psicológica, na compreensão da biblioteca pública em seu propósito educacional e na busca pelos impactos da ação leitora. Para Karetzky (1982), tais pesquisas se desenvolveriam, fundamentalmente, a partir do diálogo com a Psicologia e a Sociologia, os quais avançavam então no debate objetivo e exato sobre a realidade social — fruto da

méthodes qui font la gloire de la science contemporaine: observations, expériences, inductions, hypothèses, déductions, vérifications, expérimentales et autres, enquêtes statistiques, et enfin, analyses mathématiques des données (Roubakine, [1922] 1998, p. 13).

³⁶⁷ No original: [...] *parmi les méthodes biblio-psychologiques, l'observation et l'expérience doivent être considérées comme les méthodes fondamentales de cette science* (Roubakine, [1922] 1998, p. 146).

³⁶⁸ No original: *L'application des méthodes biblio-psychologiques n'est autre chose que l'application de l'ensemble de méthodes psychologiques à l'étude des phénomènes biblio-psychologiques. Or, étant donné que la psychologie moderne tire ses méthodes de celles des sciences naturelles et de celles des sciences exactes en général, les méthodes de la biblio-psychologie se confondent sans exception avec celles de ces sciences* (Roubakine, [1922] 1998, p. 142).

própria delimitação de fundo positivista para as ciências sociais no século anterior. Temos aqui figuras como Douglas Waples e Pierce Butler, por exemplo, no plano da Escola de Chicago nos Estados Unidos nessa mesma época, com investigações que se voltam para uma dimensão social — ainda que não praxiológica — do campo, seja nos impactos da leitura, seja na busca por uma cientificidade que encontra seu horizonte social nas bibliotecas como *loci* de preservação da memória da humanidade.

Do outro lado, os métodos de contornos objetivos, exatos e analíticos propostos para a investigação roubakiniana, destacados em trechos de sua *Introduction à la psychologie bibliologique*, podem ser igualmente entrevistados na constituição metodológica e epistemológica da BCI, principalmente se pensarmos em suas delimitações ditas iniciais de configuração, entre as décadas de 1940 e 1960 pela via, notadamente, das ciências exatas, em áreas como Matemática, Física, Cibernética e Engenharia e dadas, por sua vez, no bojo de uma Teoria Matemática da Comunicação, como antes apontado.

Ao mesmo tempo, a própria obra roubakiniana reforça que, apesar de um horizonte positivista, a Bibliopsicologia está, antes de tudo, condicionada por e para suas ações na realidade social, demonstrando, nos trechos abaixo, que esta ciência não tem nada de neutra ou dissociada de seu contexto sócio-histórico — aqui, notadamente, o regime czarista que serve como pano de fundo para o desenvolvimento do pensamento de Roubakine entre 1880 e 1920, ou seja, no centro da vida social do teórico que, por sua vez, orienta e é orientada por sua obra.

No protagonismo dado pela Bibliopsicologia às massas populares e, em especial, às classes trabalhadoras russas, sobressai o cenário que serviria para propiciar dados para o estudo científico do leitor à luz do próprio contexto sócio-histórico no qual está situado. Em outras palavras, seria de uma “vida russa”, no plano da opressão czarista e das condições de vida do proletariado, de onde emergiriam fatos, materiais e teorias que tornariam possível, no objetivo da ciência roubakiniana, caminhar rumo à transformação que se deseja alcançar:

A experiência dos trabalhadores russos reuniu uma quantidade enorme de materiais, fatos e teorias, cujo estudo contribui substancialmente para fornecer uma resposta científica à questão

apresentada (Roubakine, [1922] 1998, p. 23, tradução nossa).³⁶⁹

É, precisamente, desta experiência na totalidade do mundo social — as assimetrias de classe, as dificuldades de acesso à instrução formal e ao desenvolvimento intelectual e as opressões enfrentadas, por exemplo — de onde o teórico russo retiraria fatos, materiais e teorias que tornariam possível, de maneira cientificamente comprovada, potencializar o impacto das ações do livro na humanidade. Para o autor, somente um método integral de apropriação de conhecimento tornaria possível a busca exata pelo livro ideal para o leitor. Este método de aquisição de saberes, se aplicado às classes trabalhadoras de todo o mundo, não apenas transformaria as formas de produção e circulação do livro, como também conduziria mais segura e rapidamente à vida nova almejada por Nicolas Roubakine. Aqui está, fundamentalmente, o horizonte praxiológico que demarca a ciência roubakiniana:

As pesquisas sobre os tipos psíquicos mais frequentes, sobretudo entre as classes trabalhadoras de todos os países, provam que é precisamente esse método integral de aquisição de conhecimentos que pode conduzir as pesquisas mais segura e rapidamente aos objetivos que se deseja alcançar (Roubakine, [1922] 1998, p. III, tradução nossa).³⁷⁰

Significa dizer que a busca exata por esse leitor compreende seu estudo em relação ao seu meio social, ou seja, às condições de leitura determinadas por seu tecido sócio-histórico — como a obra é produzida e chega em quem lê:

O pesquisador deverá estudar cada leitor individualmente, o processo da leitura de cada um deles e o conjunto de leitores. Ele deverá, igualmente, estudar a propagação dos livros por entre a multidão, a influência (sobre o leitor e a leitura) da maneira como se adquiriu a obra em um determinado meio social, do local onde se pôde obtê-la, etc. Ele estudará o trabalho do autor, tanto o seu trabalho exterior (em outros termos, o processo da escrita) quanto seu trabalho interior, psíquico (Roubakine, [1922] 1998, p. 43, tradução nossa).³⁷¹

³⁶⁹ No original: *L'expérience des travailleurs russes a amassé une quantité énorme de matériaux, faits et théories, dont l'étude aide puissamment à fournir une réponse scientifique à la question posée* (Roubakine, [1922] 1998, p. 23).

³⁷⁰ No original: *Les recherches sur les types psychiques les plus fréquents surtout parmi les classes travailleurs de tous les pays prouvent que c'est précisément cette méthode intégrale d'acquisition des connaissances qui peut conduire le plus sûrement et le plus rapidement les recherches aux buts que l'on désire atteindre* (Roubakine, [1922] 1998, p. III).

³⁷¹ No original: *L'explorateur devra étudier chaque lecteur individuellement, le processus de la lecture de chacun d'eux et l'ensemble de lecteurs. Il devra également étudier la propagation des livres dans la foule, l'influence (sur le lecteur et la lecture) de la manière dont on s'est procuré l'ouvrage dans un*

Isso significa dizer que, no âmbito teórico-prático que sustenta a ciência roubakiniana, apesar da predominância de métodos precisos e exatos, esta ciência está diretamente vinculada a um horizonte prático de aplicação de onde retira os seus dados — a experiência dos trabalhadores na vida russa:

Gostaria igualmente de expor de uma maneira concreta, através de exemplos precisos, o método próprio a esta nova Ciência, cujo aperfeiçoamento, apoiado pela prática [...] (Roubakine, [1922] 1998, p. 9, tradução nossa).³⁷²

Nesse plano, Ferrière (1951, p. 49) aponta que a Bibliopsicologia seria um “método objetivo de investigação do leitor, do livro e da ação do livro sobre o indivíduo e sobre a sociedade”. O objetivo do bibliotecário russo não seria, como antes já apontado, puramente teórico, baseado nos métodos de observação, hipótese, verificação e elaboração de leis, mas, acima de tudo, comprometido com um horizonte prático, ou seja: “ajudar os homens ou os adolescentes a adquirir cultura, a esclarecer os seus espíritos” (Ferrière, 1951, p. 50). Isso demonstra, apesar de uma delimitação positivista, a relação com um contexto pragmático de atuação: possibilitar não apenas um percurso de autoinstrução, o que poderia ser aplicado na vida cotidiana, mas também permitir às classes de leitores — ou que poderiam vir a se tornar leitores — o desenvolvimento de reflexões críticas, de reconhecimento e enfrentamento às desigualdades e opressões que circundam a realidade social.

Ao considerar sua ciência como indutiva e, ao mesmo tempo, orientada para o estudo objetivo de fenômenos subjetivos (um dos princípios da Bibliopsicologia, para Turin, 1929, seria reconhecer a superioridade de uma investigação objetiva; no caso dos atos de leitura, mensurar reações como prazer, sofrimento, alegria, tristeza, interesse e tédio, por exemplo), Roubakine ([1922] 1998) destaca a primazia do estudo do leitor pelo leitor, ou seja, de uma análise introspectiva sobre como o livro impacta sua mente:

[...] a primeira fase das pesquisas bibliopsicológicas é o estudo do leitor feito por **ele próprio** (Roubakine, [1922] 1998, p. 185, tradução

milieu social donné, l'endroit où on a pu se le procurer, etc. Il étudiera le travail de l'auteur, aussi bien son travail extérieur (en d'autres termes, le processus d'écrire) que son travail intérieur, psychique (Roubakine, [1922] 1998, p. 43).

³⁷² No original: *Je voudrais également exposer d'une manière concrète, par des exemples précis, la méthode propre à cette Science nouvelle, dont le perfectionnement, appuyé sur la pratique* (Roubakine, [1922] 1998, p. 9).

nossa, grifo do autor).³⁷³

Ainda sobre o método introspectivo voltado para a investigação do comportamento do leitor durante os atos de leitura, o teórico continua:

A introspecção desempenha um papel crucial no estudo do pensamento do leitor. Um leitor pensa no livro começando a leitura, durante a sua leitura e depois de o ter terminado. Finalmente pensa por ocasião deste livro, experimentando novamente os fenômenos psíquicos que este livro despertou nele. Além disso, um leitor segue os seus próprios pensamentos, pensamentos estranhos ao livro lido e que são despertados no seu cérebro pela própria vida (Roubakine, [1922] 1998, p. 169, tradução nossa).³⁷⁴

Ao pensar por "ocasião deste livro", a pessoa leitora está, de maneira consciente ou inconsciente, a relacionar suas vivências, contextos e intersubjetividades com o que está sendo lido, ou seja, está a experimentar os estados psíquicos decorrentes de um conteúdo que vai ao encontro de seu *mnéma*, que excita lembranças de sua vida registradas em sua memória orgânica e que são evocadas durante a ação de leitura.

Esta auto-observação permite ao leitor ver claramente como o processo de leitura afeta o lado qualitativo e quantitativo da projeção do livro na alma (Roubakine, [1922] 1998, p. 157, tradução nossa).³⁷⁵

O livro, como projeção de uma dada mentalidade, se coloca diante das características de cada pessoa leitora e, por sua vez, das particularidades de suas experiências de leitura, contexto em que o método introspectivo tornaria possível o estudo específico do leitor pelo leitor e, depois, do leitor pelo bibliopsicólogo, conforme demonstrado abaixo:

[...] podemos simultaneamente estudar o leitor com as suas diferentes qualidades, o livro considerado como uma projeção da sua mentalidade e, finalmente, as particularidades desta mentalidade trazidas pelo livro no decurso da leitura (Roubakine, [1922] 1998, p.

³⁷³ No original: [...] *la première étape des recherches biblio-psychologiques est l'étude du lecteur faite par ce lecteur lui-même* (Roubakine, [1922] 1998, p. 185, grifo do autor).

³⁷⁴ No original: *L'introspection joue un rôle capital dans l'étude de la pensée du lecteur. Un lecteur pense au livre en commençant sa lecture, au cours de cette lecture et après l'avoir terminée. Il pense enfin à l'occasion de ce livre, éprouvant à nouveau les phénomènes psychiques que ce livre a suscités en lui. De plus, un lecteur suit des pensées à lui, pensées étrangères au livre lu et qui sont éveillées dans son cerveau par la vie même* (Roubakine, [1922] 1998, p. 169, grifo do autor).

³⁷⁵ No original: *Cette observation de soi-même permet au lecteur de voir nettement la façon dont le processus de la lecture agit sur le côté qualitatif et le côté quantitatif de la projection du livre dans l'âme du lecteur* (Roubakine, [1922] 1998, p. 157).

147, tradução nossa).³⁷⁶

Trata-se, a partir da introspecção, de analisar e compreender os impactos do livro na mentalidade de quem lê. Em específico, no horizonte praxiológico de aplicação da teoria bibliopsicológica, entender as formas como um indivíduo leitor pensa sobre si e o mundo, na busca exata pelo livro que irá aflorar pensamentos e ações ou ressignificar sentidos. O teórico russo nos diz a esse respeito:

É apenas através deste último que um leitor pode analisar o processo do seu pensamento, a psicologia dos seus julgamentos, todas as suas nuances e tons, as suas formas, as suas cores, etc. Para cada julgamento o leitor apresenta não só uma simples declaração de fatos, mas também a sua apreciação (intelectual, estética, ética, errônea ou verdadeira, etc.) (Roubakine, [1922] 1998, p. 169, tradução nossa).³⁷⁷

É possível, portanto, observar se o livro desperta no leitor fenômenos psíquicos de ordem física, como mudança na pulsação e respiração, o tremor de certos músculos, de ordem intelectual, como representações e julgamentos, de ordem emocional, como sentimentos, afetos e paixões, ou de ordem volitiva, como as ações. Ainda, a compreensão ou não de um texto, o interesse que desperta, se e como sua atenção é absorvida por certas palavras, frases e ideias (Roubakine, [1922] 1998, nos diz que, a depender do momento, a atenção do leitor pode ser fixada por uma dada palavra ou passagem de um mesmo livro, sendo variável de acordo com seu estado psíquico no espaço e no tempo), além de quais desses estados são mais fortes ou mais fracos, melhores ou piores, agradáveis ou desagradáveis — com a ajuda da metodologia introspectiva, seria possível, pois, mensurar esses impactos de maneira objetiva (quantitativa) e subjetiva (qualitativa). O teórico russo destaca, mais uma vez, a contribuição do método introspectivo para a configuração de sua ciência:

Tudo o que até agora foi elucidado nestes fenômenos pelos métodos habituais de investigação objetiva e experimental é insignificante em comparação com o que foi estudado com a ajuda da introspecção.

³⁷⁶ No original: [...] *on peut étudier simultanément le lecteur avec ses différentes qualités, le livre considéré comme une projection de sa mentalité et enfin les particularités de cette mentalité mises en relief par le livre au cours de la lecture* (Roubakine, [1922] 1998, p. 147).

³⁷⁷ No original: *Ce n'est qu'à l'aide de cette dernière qu'un lecteur peut analyser le processus de sa pensée, la psychologie de ses jugements, toutes leurs nuances et toutes leurs tonalités, leurs formes, leurs couleurs, etc. Car, tout jugement du lecteur présente non seulement une simple constatation des faits, mais aussi leur appréciation (intellectuelle, esthétique, éthique, erronée ou véridique, etc.)* (Roubakine, [1922] 1998, p. 169).

Esta última permitiu-nos determinar não só a intensidade da ação dos livros, mas também a sua duração e as causas dos atos cometidos sob a influência dos livros lidos (estas causas nem sempre coincidem com os argumentos apresentados pelo próprio livro). Um livro pode determinar ações voluntárias de dois tipos: primeiro, ações que são visíveis aos outros, ou seja, de natureza física, por exemplo, gestos, movimentos, e segundo, ações que são invisíveis aos outros, ou seja, de ordem interior e psíquica (desejos, tendências, intenções) (Roubakine, [1922] 1998, p. 173, tradução nossa).³⁷⁸

No que se refere, ainda, às ações de instrução popular e autoinstrução projetadas pelo pensador russo, trata-se de pensar que, a partir da introspecção, a pessoa leitora conseguiria mensurar, com precisão, o nível de seu conhecimento (não aqueles medidos pelos diplomas acadêmicos), mas sim o grau de conhecimento de acordo com suas intersubjetividades e realidades, como, por exemplo: nível de instrução, capacidade cognitiva, acesso à educação formal e tempo para dedicar aos estudos:

Ao utilizar um livro como reagente de si próprio, qualquer leitor pode determinar, por meio de uma leitura com suficiente precisão, o real grau ou nível (e não acadêmico ou oficial, medido pelos diplomas) de seu conhecimento, em qualquer ciência (Roubakine, [1922] 1998, p. 192, tradução nossa).³⁷⁹

Nesse contexto, as obras didáticas utilizadas para as ações de popularização científica empreendidas por Roubakine e outros educadores de sua época, acompanhadas, por exemplo, de obras bibliográficas que classificam esses livros de acordo com o perfil de cada grupo de leitores, seriam fundamentais para este exercício. O autor nos diz:

Para isso, basta que ele tenha em mãos uma pequena lista de livros, por exemplo, livros didáticos de ciências, classificados de acordo com a dificuldade de compreensão, ou seja, de acordo com o grau de preparação deste leitor ou, em termos da Bibliopsicologia, de acordo

³⁷⁸ No original: *Tout ce qu'on a pu jusqu'à présent élucider dans ce genre de phénomènes à l'aide des méthodes habituelles de recherches objectives et expérimentales est insignifiant à côté de ce qu'on a pu étudier à l'aide de l'introspection. Cette dernière nous a permis non seulement de déterminer l'intensité de l'action des livres, mais aussi sa durée ainsi que les causes des actes commis sous l'influence des livres lus (ces causes ne coïncident pas toujours avec les arguments donnés par le livre même). Un livre peut déterminer les actions volontaires de deux genres : d'abord les actions visibles pour les autres, c'est-à-dire, ayant un caractère physique, par exemple, des gestes, des mouvements, ensuite des actions invisibles pour les autres, c'est-à-dire, d'ordre intérieur et psychique (désirs, tendances, intentions)* (Roubakine, [1922] 1998, p. 173).

³⁷⁹ No original: *En utilisant un livre comme réactif de soi-même, un lecteur quelconque peut déterminer, au moyen de la lecture, avec une assez grande précision, le degré ou le niveau réel (et non pas scolaire ou officiel, mesuré par les diplômes) de ses connaissances dans n'importe quelle science* (Roubakine, [1922] 1998, p. 192).

com o volume e conteúdo do suposto *mnéma* do leitor (Roubakine, [1922] 1998, p. 192, tradução nossa).³⁸⁰

No entendimento roubakiniano:

[...] quem busca se educar pode transformá-lo em um verdadeiro método científico (Roubakine, [1922] 1998, p. 192, tradução nossa).³⁸¹

Ao mesmo tempo, o teórico aponta para algumas limitações deste método.

[...] mesmo para a introspecção, os sentimentos e emoções são um objeto de estudo excessivamente ingrato, devido ao seu caráter muito subjetivo e aos laços estreitos que os unem ao lado mais íntimo do 'eu' do leitor: é muito difícil para um leitor ver claramente os seus próprios sentimentos, dado que são vagos, mal definidos, extremamente variados e, finalmente, muito transitórios (Roubakine, [1922] 1998, p. 171, tradução nossa).³⁸²

Para Turin (1929), significa dizer que a percepção introspectiva de uma experiência subjetiva como a leitura, conforme o método roubakiniano nos sugere, é de posse somente de quem vivenciou essa experiência, ou seja, as reações e sensações advindas de uma leitura são particulares em sua essência e, por isso, podem ser interpretadas e mensuradas de maneira equivocada, sobretudo se considerarmos que esses estados psíquicos podem se manifestar, como Roubakine ([1922] 1998) nos diz, de forma vaga, variada e imprecisa. A autora continua, apontando para as dificuldades de mensuração do gesto leitor via introspecção:

É impossível atingir esse fim por meio de palavras, pela simples razão de que as palavras de outras pessoas só nos são inteligíveis na medida em que despertam em nós certas experiências subjetivas. Se um leitor me disser que sente 'alegria', isso não significa que essa palavra implique uma alegria idêntica no que me diz respeito; é possível que a alegria que conheço seja bem diferente da dele (Turin, 1929, p. 76-77, tradução nossa).³⁸³

³⁸⁰ No original: *Pour y arriver, il suffit qu'il ait entre les mains une petite liste des livres, par exemple, des manuels de sciences, classés d'après la difficulté de leur compréhension, autrement dit, d'après le degré de préparation de ce lecteur ou, en termes de biblio-psychologie, d'après le volume et le contenu du mnéma supposé du lecteur* (Roubakine, [1922] 1998, p. 192).

³⁸¹ No original: [...] *celui qui cherche à s'instruire peut le transformer en une véritable méthode scientifique* (Roubakine, [1922] 1998, p. 192).

³⁸² No original: [...] *même pour l'introspection, les sentiments aussi bien que les émotions constituent un objet d'études excessivement ingrate, à cause de leur caractère très subjectif et des liens étroits qui les unissent au côté le plus intime du 'moi' du lecteur: il est très difficile pour un lecteur de voir clair dans ses propres sentiments, étant donné qu'ils sont vagues, mal définis, extrêmement variés et enfin très passagers* (Roubakine, [1922] 1998, p. 171).

³⁸³ No original: *It is impossible to achieve this end by means of words for the simple reason that other people's words are only intelligible to us in so far as they arouse certain subjective experiences within us. Should a reader inform me that he experiences 'joy', it does not follow that this word implies and*

Além disso, para Simsova (1975), o método bibliopsicológico, formulado na segunda década do século XX, traz em si as influências das abordagens conceituais e metodológicas da Psicologia então em voga. Ao mesmo tempo, a bibliotecária tcheca aponta que muitos dos métodos utilizados por Roubakine, como a estatística aplicada à análise do trabalho literário, tornariam-se, assim como a introspecção, predominantes em outros campos do conhecimento, como a Linguística, a Literatura e a própria Psicologia (Simsova, 1975).

Ainda, continua a pensadora, algumas das noções articuladas na ciência roubakiniana seriam posteriormente aplicadas, por exemplo — mesmo que sem referência ao teórico russo —, dentro de uma teoria da informação, a partir da concepção de redundância e de um olhar objetivo para a comunicação emissor-receptor e, até mesmo, na própria Lei de Zipf formulada pelo linguista estadunidense George Kingsley Zipf (1902-1950), com ênfase na descrição dos padrões de frequência de palavras. Tal enfoque, para Simsova (1975), poderia contribuir tanto para as pesquisas de Roubakine sobre a leitura, como também para outras disciplinas, como a psicolinguística, a psicologia analítica e a teoria geral dos sistemas. Às críticas recebidas à metodologia empregada pelo teórico, a bibliotecária tcheca nos diria: “Roubakine formulou suas ideias muito cedo” (Simsova, 1975, p. 339, tradução nossa).³⁸⁴

Na seção seguinte, analisamos o que concebemos aqui como os conceitos centrais que formam não apenas a Bibliopsicologia roubakiniana, como também a produção científica e biobibliografia de Nicolas Roubakine em seu espaço-tempo.

7.3 DIMENSÃO CONCEITUAL-CATEGORIAL

Nesta categoria, nos interessa, fundamentalmente, os conceitos definidos por Nicolas Roubakine que, de um lado, mobilizam os próprios construtos que refletem e são refletidos por sua biobibliografia e, do outro lado, apontam para uma espécie de “vocabulário” singular construído por ele a partir dos métodos e das teorias de sua Bibliopsicologia. Em nosso olhar, a articulação roubakiniana centrada na figura leitora e em suas experiências de leitura, desenvolvida via o diálogo com áreas que tocam as ciências sociais, exatas e naturais, nos oferece diferentes lentes de

identical joy in so far as I am concerned; it is possible that the joy I know is quite unlike his (Turin, 1929, p. 76-77).

³⁸⁴ No original: *Rubakin formulated his ideas too early* (Simsova, 1975, p. 339).

reflexão sobre os fundamentos epistêmicos da Biblioteconomia e Ciência da Informação. Dito de outra forma, sugerimos que este vocabulário, orientado pelo e para o leitor, a leitura e o livro, poderia integrar os horizontes de configuração epistemológica de um discurso científico para o campo biblioteconômico-informacional — a BCI fundada no e para o leitor. Ao mesmo tempo, este léxico se constrói diretamente à luz de uma paisagem sócio-histórica e científica que circunscreve os sentidos e os limites dados a cada conceito roubakiniano, em proximidade com as vivências do bibliotecário na Rússia czarista.

Nas seções terciárias a seguir, discutimos cinco conceitos retirados da obra seminal roubakiniana e que, nos interesses que orientam a presente reflexão, sintetizam o olhar social e crítico de Roubakine nos estudos bibliopsicológicos, na via de construção de uma espécie de vocabulário singular que se aproxima de algumas correntes de pensamento epistemológico que seriam centrais para delimitar o que é a BCI. Tratam-se das seguintes seções: “7.3.1 Livro”; “7.3.2 Leitor”; “7.3.3 Leitura”; e “7.3.4 *Mnéma*”.

7.3.1 Livro

No capítulo primeiro de sua obra, Nicolas Roubakine ([1922] 1998) nos diz que, por questões de brevidade, chamará de livro toda palavra cristalizada:

Por questões de brevidade, chamarei de ‘livro’ toda palavra cristalizada, mas rogo aos meus leitores que não se esqueçam do que exatamente quero dizer com esse termo (Roubakine, [1922] 1998, p. 11, tradução nossa).³⁸⁵

Neste trecho, e conforme o exposto ao longo desta reflexão, podemos observar a concepção ampla atribuída ao conceito de livro como tudo aquilo que é lido; não apenas um registro escrito de conhecimento, mas sim toda e qualquer unidade de pensamento que encontra-se registrada ou, poderíamos dizer, cristalizada, em uma dada manifestação de linguagem. A extensão deste conceito pode ser observada abaixo:

[...] toda a palavra cristalizada, encapsulada em formas fixas, constantes, estáveis, seja um provérbio, uma elocução, um enigma, uma canção e, de maneira geral, um produto falado do folclore, ou mesmo que seja um manuscrito, uma produção impressa, literária,

³⁸⁵ No original: *Pour la brièveté, j'appellerai toute parole cristallisée un 'livre', mais, je prie mes lecteurs de ne pas oublier ce que j'entends précisément par ce mot* (Roubakine, [1922] 1998, p. 11).

científica ou outra: livro, jornal, revista, relatório, anúncio, etc; em suma, todas as coisas caracterizadas pela cristalização da forma e, por assim dizer, pelo seu caráter estático (Roubakine, [1922] 1998, p. 11, tradução nossa).³⁸⁶

Em um primeiro momento, na amplitude abarcada pelo teórico, essa “cristalização da forma” adota uma condição fixa e estável à medida que um livro — ou tudo aquilo que é lido — está dado sob uma expressão que assume, ao longo do tempo, diferentes construções de linguagem (visual, artística, falada, literária, científica). O pensamento, por sua vez, quando manifestado no mundo, está dado e cristalizado por uma forma (a manifestação de linguagem adotada). Este olhar amplo sob e sobre o livro estaria em diálogo, por exemplo, com as concepções sobre o livro trabalhadas por Paul Otlet (2018) — amigo próximo de Roubakine, incentivador de sua obra e que sofreria influência do pensador russo não apenas na concepção do livro, mas também e, sobretudo, na construção epistêmica de sua ciência bibliológica.

Em seu *Traité de Documentation*, Paul Otlet (2018, p. 45) acompanha o sentido amplo conferido ao livro pela Bibliopsicologia. Sob uma abordagem social e psicológica adotada para sua ciência bibliológica, o livro seria “[...] uma cristalização das ideias, dos sentimentos, das vontades de quem o produz, uma cristalização que, por sua vez, influenciará essa outra cristalização, mais frágil e suscetível de modificação, que é o usuário do livro”. Este artefato poderia se expressar em diferentes manifestações de linguagem, seja o livro, seja o jornal, a revista, o discurso, a conferência, isto é, tudo aquilo que pode ser lido — perspectiva que se aproximaria da própria noção de documento articulada na bibliologia otletiana.

Ao mesmo tempo, é interessante refletir que a concepção estática do livro (diálogo proveniente, poderíamos pensar, da Bibliopsicologia com a Física) não está dada como um fim em si mesma, ou seja, no livro pelo livro como um artefato que se encerra nos limites de sua forma cristalizada. Para a ciência roubakiniana, “aquilo que é lido” se constrói à luz de sua influência na mentalidade dos indivíduos que formam e integram uma realidade social:

Pode-se alargar o campo de pesquisa da psicologia bibliológica

³⁸⁶ No original: [...] toute parole cristallisée, coulée dans des formes fixes, constantes, stables, que ce soit un proverbe, un diction, une énigme, une chanson et, d’une manière générale, un produit parlé du folklore, ou bien que ce soit encore un manuscrit, une production imprimée, littéraire, scientifique ou autre : livre, journal, revue, rapport, réclame, etc., bref, toute chose caractérisée par la cristallisation de la forme et, pour ainsi dire, par son caractère statique (Roubakine, [1922] 1998, p. 11).

incluindo o estudo da influência da palavra verbal, da música, da pintura e das belas-artes sobre a mentalidade de seus consumidores (Roubakine, [1922] 1998, p. 11, tradução nossa).³⁸⁷

Interessa, portanto, para a Bibliopsicologia, a ação deste livro, de tudo aquilo que é lido, em quem o apropria, ou seja, na pessoa leitora. A compreensão do livro está dada, assim, a partir de sua leitura, ou seja, em sua relação funcional com quem o lê:

A psicologia bibliológica ousa afirmar que um livro, na medida em que é lido, é função daquele que o lê (Roubakine, [1922] 1998, p. 12, tradução nossa).³⁸⁸

O pensador russo continua:

Um livro é aquilo que alguém pensa dele, seja 'alguém' um leitor isolado, uma unidade, ou uma coletividade, um grupo social, uma condição social, uma classe, um círculo, uma nação, etc (Roubakine, [1922] 1998, p. 12, tradução nossa).³⁸⁹

Em outras perspectivas, isso significa dizer que o livro, em sua condição de existência, é uma variável independente, pois está cristalizado no tempo e no espaço. É, desse modo, uma constante, ou seja, um artefato que permanece o mesmo a despeito de sua leitura (em uma dimensão material, sua forma e sua linguagem estão cristalizadas). Ao mesmo tempo, este livro não é nem poderia ser o mesmo para todas as pessoas tampouco para um mesmo ser; é, antes, fruto de diferentes processos psicológicos transcorridos em um dado espaço-tempo desde sua produção, quando uma ideia surge na mente de uma autoria, passando por todos os atores e canais de sua circulação e difusão, até alcançar a mentalidade de um outro indivíduo, o leitor — este, também posicionado de forma específica no real. O significado estaria, portanto, na apropriação que o leitor faz do livro.

Nessa direção, o bibliotecário russo nos diz:

Todo livro tem, com efeito, sua própria psicologia, que é a do leitor e a do autor. Ela é determinada pelo meio, que é constituído pelo conjunto de mnêmas de vários milhares de indivíduos (Roubakine,

³⁸⁷ No original: *On peut élargir le champ des recherches de la psychologie bibliologique en y introduisant l'étude de l'influence de la parole verbale, de la musique, de la peinture et des beaux-arts, sur la mentalité de leurs consommateurs* (Roubakine, [1922] 1998, p. 11).

³⁸⁸ No original: *La psychologie bibliologique ose affirmer qu'un livre, en tant qu'il est lu, est fonction de celui qui le lit* (Roubakine, [1922] 1998, p. 12).

³⁸⁹ No original: *Un livre, c'est ce qu'on pense de lui, qu'on soit un lecteur isolé, une unité, ou une collectivité, un groupe social, une condition sociale, une classe, un cercle, une nation, etc* (Roubakine, [1922] 1998, p. 12).

[1922] 1998, p. 63, tradução nossa).³⁹⁰

O autor ainda complementa:

Ao estudar a ação de um livro, é preciso levar em consideração o momento em que essa ação se exerce: o mesmo livro tem em cada um de nós uma ação diferente em um momento diferente (Roubakine, [1922] 1998, p. 72, tradução nossa).³⁹¹

A prevalência do meio social, central na epistemologia roubakiniana, determinaria as formas de ação e estudo dos impactos do livro. Para Roubakine ([1922] 1998), isso quer dizer que o leitor é um depósito de fatos bibliopsicológicos, ou seja, um ser social fruto de seu tempo e seu espaço, de vivências individuais e coletivas que afloram a partir da leitura de um dado livro, ao passo em que este livro, por sua vez, seria o que o leitor faz dele — uma variável, portanto, dependente. Dessa perspectiva, poderíamos dizer que o livro muda a todo instante, acompanhando as intersubjetividades, impressões e sensações de quem o lê:

Todo leitor é uma variável independente; todo livro lido por ele, isto é, a ideia que ele forma de seu conteúdo, bem como de todas as suas qualidades, depende desse leitor funcionalmente (Roubakine, [1922] 1998, p. 12, tradução nossa).³⁹²

Desse modo, afirma Roubakine:

[...] um livro não é mais do que uma **projeção exterior da mentalidade do leitor**. Seria mais correto dizer que é uma projeção de seus estados psíquicos, os quais variam de acordo com o momento e as circunstâncias (Roubakine, [1922] 1998, p. 82, tradução nossa, grifo do autor).³⁹³

Aqui, trata-se de compreender o estudo do livro a partir do estudo prévio do leitor, o que significa dizer, no enfoque otletiano, que “[...] o conteúdo do livro, fora do leitor, não existe, pois, para cada leitor tomado separadamente, ele se encontra na projeção dos estímulos produzidos pelo livro na alma do leitor” (Otlet, 2018, p. 46).

³⁹⁰ No original: *Tout livre a, en effet, sa propre psychologie, qui est celle du lecteur et de l'auteur. Elle est déterminée par le milieu qui est constitué par l'ensemble de mnémas de plusieurs milliers d'individus* (Roubakine, [1922] 1998, p. 63).

³⁹¹ No original: *En étudiant l'action d'un livre, il faut tenir compte du moment où cette action s'exerce: le même livre a sur chacun de nous une action différente à un moment différent* (Roubakine, [1922] 1998, p. 72).

³⁹² No original: *Tout lecteur est une variable indépendante ; tout livre lu par lui, c'est-à-dire l'idée qu'il se fait de son contenu ainsi que de toutes ses qualités, dépend de ce lecteur fonctionnellement* (Roubakine, [1922] 1998, p. 12).

³⁹³ No original: *[...] un livre n'est autre chose qu'une **projection extérieure de la mentalité du lecteur**. Il serait plus exact de dire qu'il est une projection de ses états psychiques, ces derniers étant variables suivant le moment et les circonstances* (Roubakine, [1922] 1998, p. 82, grifo do autor).

Em outras palavras, “[...] tudo que não tiver sido percebido pelo leitor não existe para ele” (Otlet, 2018, p. 46). A partir daí, é possível refletir que, ao interagir com o livro, a pessoa leitora está a se relacionar não com o artefato material propriamente dito, mas sim, em uma dimensão simbólica e psíquica, com todos os elementos imbuídos na produção de um livro e que vão ao encontro de seu *mnéma*, representado em uma palavra ou trecho presente nessa mesma materialidade (Salomão, 2020).

Nessa mesma direção, o que tomamos como livro seria, na verdade:

[...] o **fenômeno leitura**, são nossas **opiniões** sobre os livros ou as opiniões de outrem objetivadas de uma maneira ou de outra no momento em que o livro é lido, na realidade, no momento em que sua função é exercida (Roubakine, [1922] 1998, p. 12, tradução nossa, grifo do autor).³⁹⁴

Aqui, ao retomarmos a aproximação com o primeiro princípio bibliopsicológico, o de Humboldt-Potebnia, trata-se de pensar que o livro, em sua dependência funcional de quem o lê, é um instrumento de excitação de estados psíquicos capaz de despertar no leitor sensações, reações, pensamentos e lembranças já vivenciadas em diferentes momentos de sua vida e que são evocadas na leitura de uma obra que, por algum motivo, vai ao encontro da mentalidade deste indivíduo. Para a Bibliopsicologia, trata-se de compreender o livro do seguinte modo:

O livro, não mais que a palavra, nada transmite: é também, à sua maneira, uma centelha que acende na alma do leitor os mais diversos focos de experiências psíquicas, oriundas do passado do indivíduo (Roubakine, [1922] 1998, p. 27, tradução nossa).³⁹⁵

O trecho abaixo acompanha esse mesmo olhar:

[...] o livro é um engenho de uma espécie particular, cujo objetivo — consciente ou inconscientemente — é excitar as experiências psíquicas. Essas experiências são de natureza diversa, segundo as condições interiores e exteriores nas quais ocorrem (Roubakine, [1922] 1998, p. 30, tradução nossa).³⁹⁶

³⁹⁴ No original: [...] **phénomène lecture**, ce sont nos **opinions** sur les livres ou les opinions d'autrui objectivées d'une manière ou d'une autre au moment où le livre est lu, en réalité, au moment où s'exerce sa fonction (Roubakine, [1922] 1998, p. 12, grifo do autor).

³⁹⁵ No original: *Le livre, pas plus que le mot, ne transmet rien : c'est aussi, en son genre, une étincelle qui allume dans l'âme du lecteur les foyers les plus divers d'expériences psychiques provenant du passé de l'individu* (Roubakine, [1922] 1998, p. 27).

³⁹⁶ No original: [...] *le livre est un engin d'une espèce particulière dont le but - consciemment ou inconsciemment - est d'exciter les expériences psychiques. Ces expériences sont de nature diverse, selon les conditions intérieures et extérieures dans lesquelles elles se produisent* (Roubakine, [1922] 1998, p. 30).

O livro seria concebido, portanto, como um instrumento de ação que se constrói a partir dos fenômenos psíquicos despertados por sua leitura e pelas características de uma dada pessoa leitora — por isso, o livro não é e nem poderia ser o mesmo. Na aproximação, novamente, com a lei de Humboldt-Potebnia, significa dizer:

O livro, assim como todos os seus elementos, incluindo cada uma de suas palavras, são instrumentos de excitação de experiências psíquicas correspondentes a todas as particularidades da mentalidade em que essas experiências ocorrem, e não instrumentos de transmissão dessas experiências (Roubakine, [1922] 1998, p. 30, tradução nossa).³⁹⁷

Se esses estados psíquicos não forem despertados, significa, para Roubakine ([1922] 1998), que o livro não exerceu impacto algum sobre o leitor:

A pessoa em quem os estados psíquicos são despertados por um livro relaciona esses estados não ao sujeito, mas ao objeto da leitura, no entanto eles não estão nem podem estar aí. E, inversamente, se em tal pessoa não há, por uma razão ou outra, elementos que possam ser excitados, nenhum livro, nenhuma palavra produziria excitação até o momento em que os elementos indispensáveis fossem acumulados pela experiência de vida, que dá a cada palavra sua significação (Roubakine, [1922] 1998, p. 31, tradução nossa).³⁹⁸

Tais perspectivas seriam criticadas por diferentes intelectuais no espaço-tempo roubakiniano — incluindo o próprio Romain Rolland, de quem o teórico russo era próximo — ao parecer atribuir uma certa negligência à objetividade do livro, ou seja, negar ao livro qualquer valor objetivo próprio (Rubakin, A., 1979); uma vez que, nos contornos dados pela Bibliopsicologia, o livro não transmite conhecimento, apenas estimula fenômenos psíquicos já existentes no *mnéma* do leitor, sendo um reagente que possibilita a apropriação de saberes (a partir de uma experiência intersubjetiva de leitura que vá ao encontro dessas vivências) e não um transmissor desses saberes e dessas experiências — sua ação dependeria, assim,

³⁹⁷ No original: *Le livre, ainsi que tous ses éléments, y compris chacun de ses mots, sont des instruments d'excitation d'expériences psychiques correspondant à toutes les particularités de la mentalité dans laquelle ces expériences se produisent, et non pas des instruments de translation de ces expériences* (Roubakine, [1922] 1998, p. 30, grifo do autor).

³⁹⁸ No original: *La personne chez laquelle des états psychiques sont éveillés par un livre, rapporte ces états, non pas au sujet, mais à l'objet de la lecture, or, ils n'y sont pas et ne peuvent pas y être. Et, réciproquement, si, chez telle personne, il n'y a pas, pour une raison ou une autre, d'éléments qui puissent être excités, aucun livre, aucun mot ne produirait d'excitation jusqu'au moment où les éléments indispensables auront été amassés par l'expérience de la vie, qui donne à chaque mot sa signification* (Roubakine, [1922] 1998, p. 31).

da pessoa leitora e não do conteúdo do livro propriamente dito.

De igual maneira, no contexto de popularização científica já no plano soviético, tal abordagem também seria contestada. Especificamente na década de 1920, Andrews (2003) aponta para críticas, por parte dos popularizadores da ciência e demais intelectuais na União Soviética, direcionadas não apenas aos materiais científicos escritos por Roubakine para a instrução popular — os quais acreditavam não trazer uma perspectiva materialista-dialética de caráter marxista, que conversaria com os objetivos do uso do livro, da leitura e das bibliotecas para a consolidação política e ideológica deste regime —, como também e, sobretudo, das concepções do bibliotecário russo no que se refere ao livro e à proposta de um método de investigação da leitura que acreditavam dar mais ênfase ao leitor individual e sua capacidade de decodificação do que ao papel da autoria e o próprio conteúdo dos textos, sobretudo os de cunho político (Andrews, 2003). O teórico soviético Oleg Chubarian ([1981?]) acompanharia essa visão, ao pontuar que essa abordagem roubakiniana colocaria em dúvida o papel do livro e da leitura como meios de formação de consciência social.

Ao mesmo tempo, a concepção de Roubakine ([1922] 1998) sobre o livro não nos parece dissociada integralmente de seu conteúdo objetivo. O pensador russo entende que o livro tem um conteúdo que lhe é próprio — mas que, simbólica e dialeticamente, se modifica a partir das inúmeras possibilidades de interpretação desse mesmo conteúdo por pessoas diferentes ou pelas mesmas pessoas em diferentes momentos de sua vida. O livro é a representação de seu leitor, ou seja, está em dependência funcional, portanto, de quem o lê em um dado espaço-tempo, embora sua forma física e linguística permaneça ali, cristalizada.

Além disso, a partir da concepção roubakiniana do livro como tudo aquilo que é lido (relação com o olhar freiriano — a palavra e o mundo), é interesse observar que Nicolas Roubakine posiciona este conceito no centro dos acontecimentos sociopolíticos que ocorrem à sua volta, nos quais o livro, enquanto artefato material e simbólico, assume uma função que vai além de seu uso para a apropriação de saberes, alcançando sua aplicação na interação do indivíduo com a realidade. Explicamos: o livro, para Roubakine ([1922] 1998), seria não uma ferramenta da verdade e da justiça, uma vez que este, em domínio quase que exclusivo de uma elite cultural minoritária, porém hegemônica, transmitiria em seu circuito de produção os interesses e intencionalidades dos que se encontravam, em seu espaço-tempo,

nos cargos de poder (ali, as elites e o czar), como antes já apontado por Vieira Pinto (2005) no contexto de surgimento da Cibernética e suas possibilidades de uso.

No espaço-tempo roubakiniano, essas classes detinham o controle sob as condições de produção de conhecimento (o acesso à educação formal, as atividades de escrita, a decisão sobre como o livro é feito, onde circula, como circula e para quem circula), mas não só; também determinavam, em certa medida, as intenções que perpassam cada processo de produção do livro, tanto seus aspectos internos (conteúdo), como externos (a materialidade do livro) — todos teriam sua própria psicologia, segundo Roubakine ([1922] 1998), e seriam resultado das mentalidades dos atores que participam desse processo. Desse modo, o teórico aponta que o livro seria, pois, um instrumento de luta pela verdade e pela justiça (Rubakin, A., 1968, 1979) — dito de outro modo, a partir do acesso irrestrito ao conhecimento que poderia ser alcançado via instrução popular, as classes trabalhadoras russas teriam possibilidades de se apropriarem desses objetos para além das intencionalidades imbuídas em sua construção, ou seja, a partir de um olhar crítico e reflexivo.

Em nosso entendimento, isso não significa negar qualquer objetividade do livro, ou seja, o seu conteúdo e a sua autoria, mas sim, pelo contrário, tornar possível que, a partir desse mesmo conteúdo, dessa mesma autoria, o leitor possa pensar criticamente sobre aquilo que foi lido de acordo com sua própria realidade. O livro, mais uma vez, só despertaria no leitor aquilo que ele já tem dentro dele, que ele traz em seu *mnéma*. A ideia roubakiniana seria, justamente, estudar esse leitor para poder encontrar para o livro e a autoria ideais, o que implica, de certa maneira, o estudo do livro e de sua autoria para além de um ponto de vista material, como também psicológico e social. Estão dadas, aqui, as concepções simbólicas, sociais, críticas e, poderíamos até mesmo dizer, revolucionárias, de Roubakine ([1922] 1998) sobre o livro. Este artefato seria, portanto, não apenas uma ferramenta para o desenvolvimento do conhecimento humano, ou seja, um aprimoramento das capacidades cognitivas para sua aplicação instrumental no cotidiano, mas também e, principalmente, um reflexo de quem escreve e quem lê no espaço e no tempo.

Por isso:

A força motriz de um livro não reside nele mesmo, mas na sua dada relação com um leitor de um determinado tipo (Roubakine, [1922]

1998, p. 19, tradução nossa).³⁹⁹

No horizonte praxiológico roubakiniano, podemos dizer que a "força motriz" desta obra, ou seja, o seu potencial para a transformação da realidade, estaria, antes de tudo, na ação que esta mesma obra exerce na pessoa leitora e, principalmente, nas diferentes possibilidades de apropriação de seu conteúdo:

A substância, a força de uma obra não consistem na ideia que o autor faz dela, mas sim na ação que essa obra exerce sobre os leitores ou os espectadores e, conseqüentemente, nas possibilidades inesgotáveis de seu conteúdo (Roubakine, [1922] 1998, p. 29, tradução nossa, grifo do autor).⁴⁰⁰

Aqui, o bibliotecário russo aponta, objetivamente, para as particularidades que marcam as experiências de leitura no espaço e no tempo; trata-se de um indivíduo leitor específico, com um contexto e uma intersubjetividade igualmente específicas que se modificam ao longo do tempo, modificando suas próprias concepções sobre uma obra e o seu conteúdo — podendo vir ou não a subverter a intencionalidade de uma autoria. Mais uma vez, assim como o significado das palavras não é o mesmo para todas as pessoas e para essas mesmas pessoas em diferentes momentos da sua vida, como nos mostra a lei de Humboldt-Potebnia, também o livro acompanha as transformações desses atores ao longo do tempo.

Isso demonstra, no olhar de Roubakine ([1922] 1998), a concepção do livro como um instrumento de excitação de estados psíquicos que dependem da vivência desse leitor no real e não da obra propriamente dita:

[...] aquilo que um livro despertará na alma do leitor depende dessa alma em si, e não do livro. O livro nada mais é do que um instrumento (Roubakine, [1922] 1998, p. 19-20, tradução nossa).⁴⁰¹

Sendo o livro, portanto, aquilo que o indivíduo leitor faz dele, ou seja, a projeção de sua mentalidade em um dado espaço-tempo — a maneira como pensa sobre si mesmo e o mundo (e como esses modos de pensar podem diferir dos pensamentos e intenções sentidos por uma autoria no momento da escrita, o que,

³⁹⁹ No original: *La force agissante d'un livre ne réside pas en lui-même, mais dans son rapport déterminé avec un lecteur d'un type donné* (Roubakine, [1922] 1998, p. 19).

⁴⁰⁰ No original: ***La substance, la force d'une oeuvre ne consistent pas dans l'idée que s'en est faite l'auteur, mais bien dans l'action que cette oeuvre exerce sur les lecteurs ou les spectateurs, et, par conséquent, dans les possibilités inépuisables de son contenu*** (Roubakine, [1922] 1998, p. 29, grifo do autor).

⁴⁰¹ No original: *[...] ce qu'un livre éveillera dans l'âme du lecteur dépend de cette âme elle-même, et non du livre. Le livre n'est qu'un instrument* (Roubakine, [1922] 1998, p. 19-20).

para Roubakine, [1922] 1998, poderia ser interessante se pensarmos nas possibilidades de subversão de um dado livro governamental, quando dados os meios de apropriação e reflexão crítica de saberes). Portanto, a ação do livro estaria não nas intencionalidades projetadas por uma autoria para sua apropriação, mas, antes, nas inúmeras possibilidades de impacto dessa obra na humanidade, de acordo com os contextos e intersubjetividades de cada pessoa leitora.

Ao mesmo tempo, seguindo os propósitos sociocríticos que circunscrevem a ciência roubakiniana, apesar de o livro estar condicionado em sua dependência funcional à figura de uma pessoa leitora (o livro existe, pois, em função do que esse leitor faz dele, sendo sua aplicação no real igualmente resultado dessa relação funcional), seria possível, através dos métodos indicados pela Bibliopsicologia, aprender a usar esse livro para despertar pensamentos, princípios, valores e ações em quem lê. Isso de daria especialmente porque, para o teórico:

[...] o livro e a palavra despertam toda uma série de fenômenos psíquicos muito mais complexos, tais como fenômenos religiosos, morais, éticos, sociais, etc (Roubakine, [1922] 1998, p. 140, tradução nossa).⁴⁰²

Esses fenômenos psíquicos poderiam ser intencionalmente despertados, segundo Roubakine ([1922] 1998), a partir do estudo do leitor e de suas experiências de leitura — suas condições de conhecimento, quem é esse leitor, o que lê, como lê, quais suas visões de mundo. Dito de outro modo, a partir do conhecimento do leitor e de suas configurações sociais e psicológicas, seria possível encontrar o livro ideal que vá ao encontro de seu *mnéma* e que sirva, portanto, para despertar aquilo que se quer alcançar: o reconhecimento crítico da realidade para as ações de transformação.

O livro — trata-se, pontualmente, aqui, fique claro, do conteúdo psicológico do livro — é um repositório não só de ideias, mas de sentimentos prontos a **nascer no leitor**, sentimentos e ideias que também podem dar origem ou desenvolver no leitor as sementes da ação (Roubakine, [1922] 1998, p. 128, tradução nossa, grifo do autor).⁴⁰³

⁴⁰² No original: [...] *le livre et la parole excitent toute une série de phénomènes psychiques beaucoup plus complexes, tels que phénomènes religieux, moraux, éthiques, sociaux, etc.* (Roubakine, [1922] 1998, p. 140).

⁴⁰³ No original: *Le livre, - il ne s'agit plus ici, bien entendu, qu du contenu psychologique du livre – est un dépôt non seulement d'idées, mais de sentiments prêts à **naître chez le lecteur**, sentiments et idées qui peuvent aussi faire naître ou développer chez celui-ci des germes d'ai si ces sentiments et ces germes d'action* (Roubakine, [1922] 1998, p. 128, tradução nossa, grifo do autor).

Por isso, Roubakine ([1922] 1998) diz que seria possível utilizar o livro como instrumento de transformação social, caso se saiba manejá-lo:

Mas é preciso aprender a manejá-lo, e nós podemos aprender. A vivência russa nos ensinou isso (Roubakine, [1922] 1998, p. 20, tradução nossa).⁴⁰⁴

Ao dizer que "a vivência russa nos ensinou isso", o bibliotecário está a apontar, centralmente, para as possibilidades de ações advindas das tomadas de consciência crítica coletivas de uma classe trabalhadora que lutava pela destituição do czarismo. Essa mesma vivência russa, de onde Roubakine ([1922] 1998) retira dados, fatos e materiais que formariam a metodologia de sua ciência, poderia também orientar o uso desse livro, "o instrumento mais potente na luta pela verdade e pela justiça" (Roubakine, [1922] 1998, p. 23, tradução nossa),⁴⁰⁵ nos diz o teórico russo, e sua aplicação na realidade justamente para esse propósito. E isso só poderia advir, esta é a interpretação roubakiniana, a partir da investigação do leitor e dos esforços a favor da construção e acesso aos meios que tornaria possível essa ação do livro. Tal perspectiva nos direciona, como exposto ao longo de todo este trabalho, para a centralidade do leitor na tessitura do pensamento roubakiniano:

Ninguém sabe nada a mais sobre os livros do que as impressões e as opiniões que tem sobre eles (Roubakine, [1922] 1998, p. 12, tradução nossa).⁴⁰⁶

Ninguém saberia mais do que o leitor. O leitor é, para a Bibliopsicologia, tudo. Este é o centro da ciência roubakiniana.

7.3.2 Leitor

Não apenas o vocabulário roubakiniano, como também a construção epistemológica da Bibliopsicologia, ou seja, as teorias, métodos e objetos que formam a ciência de Roubakine ([1922] 1998), estão dadas pela e para a pessoa leitora, como observado antes. O teórico russo já colocaria, na abordagem da lei de Hennequin, que a figura do leitor teria sido negligenciada pelas outras ciências

⁴⁰⁴ No original: *Mais il faut apprendre à le manier, et on peut l'apprendre. La vie russe nous l'a appris* (Roubakine, [1922] 1998, p. 20).

⁴⁰⁵ No original: *instrument le plus puissant dans la lutte pour la vérité et la justice* (Roubakine, [1922] 1998, p. 23).

⁴⁰⁶ No original: *Personne ne sait rien de plus des livres que les impressions et les opinions qu'il en a* (Roubakine, [1922] 1998, p. 12).

dedicadas ao estudo do livro e da palavra, como os estudos literários e a própria Bibliologia e Bibliografia. No entanto, para o seu pensamento:

[...] a Bibliopsicologia afirma: o leitor é tudo (Roubakine, [1922] 1998, p. 13, tradução nossa).⁴⁰⁷

Ao afirmar que o leitor é tudo, podemos observar que a figura leitora está no centro de toda a epistemologia da Bibliopsicologia roubakiniana. Conforme discutido em diferentes pontos ao longo deste trabalho, é na pessoa leitora que Roubakine encontra a razão de ser do livro, da leitura, da biblioteca, da prática bibliotecária e, em sentido amplo, das possibilidades de transformação do mundo. Este leitor é, antes e ao mesmo tempo, leitor da palavra e de mundo, para recorrermos à filosofia de Freire (2011) que, em muitos momentos, se aproxima da concepção roubakiniana do livro como tudo aquilo que pode ser lido e da leitura como leitura de mundo. Na visão do pensador russo, tal perspectiva faz com que o indivíduo seja parte formadora e integrante de uma realidade que influencia e é influenciada por suas formas de pensar sobre si e sobre os modos de perceber e interagir com essa realidade, sendo, pois, um ser social em sua essência.

No trecho abaixo, Roubakine ([1922] 1998) nos diz:

[...] além das características gerais, cada leitor possui suas características individuais (Roubakine, [1922] 1998, p. 54, tradução nossa).⁴⁰⁸

De igual maneira, conforme discutido na categoria anterior, o livro, a experiência de leitura e a ação exercida por esse artefato em quem lê se torna não apenas diferente para cada indivíduo, como também para um mesmo leitor em diferentes momentos de sua vida, ou seja, a depender de sua posição no espaço e no tempo. Essa perspectiva intersubjetiva dos atos de ler pode ser observada novamente no trecho abaixo:

Os leitores passam um após o outro ante os exemplares de um livro e ante um grande número dos mais diversos livros e, a cada vez, a reação de cada um deles varia de acordo com aquilo que lê (Roubakine, [1922] 1998, p. 12, tradução nossa).⁴⁰⁹

⁴⁰⁷ No original: [...] *la biblio-psychologie dit: le lecteur, c'est tout* (Roubakine, [1922] 1998, p. 13).

⁴⁰⁸ No original: [...] *en dehors des caractères généraux, chaque lecteur possède ses caractères individuels* (Roubakine, [1922] 1998, p. 54).

⁴⁰⁹ No original: *Les lecteurs passent tour à tour devant les exemplaires d'un livre et devant un grand nombre de livres les plus divers, et chaque fois la réaction de chacun d'eux varie suivant ce qu'il lit* (Roubakine, [1922] 1998, p. 12).

Tal olhar evoca o papel ativo exercido pelo leitor ao longo dos atos de leitura. O foco inicial das pesquisas sobre a leitura em BCI, como já discutido em Simsova (1983), Dumont (1998) e Ramírez Leyva (2007b), estava não no leitor em sua intersubjetividade, ou seja, como parte de uma realidade social que se constrói a partir da posição desse mesmo ser no mundo, mas sim no contexto de preocupação com a decodificação de uma mensagem enviada por um dado emissor (autoria) por parte de um dado receptor (pessoa leitora) através de uma mensagem (livro). Esse leitor seria compreendido, nessa ótica, como uma unidade “passiva” e não ativa nos processos informacionais, poderíamos dizer, não como um indivíduo que decodifica uma mensagem à luz de suas particularidades psíquicas, emocionais e cognitivas tampouco de sua realidade social, histórica, cultural e econômica.

Esta compreensão nos desloca para a centralidade dos estudos do leitor e da própria leitura, conforme delineado por Roubakine ([1922] 1998), que se coloca diante de um método de fundo positivista (a mensuração quanti-qualitativa do comportamento leitor como lente de observação do comportamento da sociedade) e, ao mesmo tempo, se desdobra para além de uma dimensão social que circunscreve essas experiências — desde a ideia que surge na mente de uma autoria (esta, particular em sua natureza) até todo o caminho percorrido para chegar no leitor — este, igualmente atravessado pelas condições que impactam nos processos de produção, circulação, acesso, apropriação e uso do livro. Por esse motivo, Roubakine ([1922] 1988) afirma que o livro existe em função de quem o lê, sendo, pois, um reagente no leitor que se encontra diante de sensações psíquicas decorrentes de todo o percurso de produção do artefato. Isso se relaciona com a compreensão do pensador russo sobre o que seria o leitor:

O que é o leitor? Eu o defino assim: tal como o livro, é um dispositivo psíquico, um dispositivo no qual a influência da leitura pode provocar o surgimento das mais diversas ondas psíquicas (Roubakine, [1922] 1998, p. 71, tradução nossa).⁴¹⁰

A pessoa leitora, em toda sua estrutura psíquica, mas acrescentamos, também social, é concebida, assim, como um “dispositivo” que recebe as influências de leitura — as quais estimulam uma série de reações e sensações psicológicas, emocionais, físicas e, até mesmo, sociais —, mas que não o faz de maneira passiva,

⁴¹⁰ No original: *Qu'est-ce que le lecteur? Je le définis ainsi : comme le livre, c'est un appareil psychique, un appareil dans lequel l'influence de la lecture peut faire apparaître les ondes psychiques les plus diverses* (Roubakine, [1922] 1998, p. 71).

ou seja, sem interferência das condições internas e externas que as provocam. Ao contrário, este indivíduo, no decorrer do ato de leitura, se comporta de maneira ativa, dialogando as ações exercidas pelo livro com as suas particularidades psíquicas, cognitivas, emocionais, bem como com os contextos, vivências e relações intersubjetivas que circundam sua posição no espaço e no tempo.

Para Roubakine ([1922] 1998), essas “ondas psíquicas”, decorrentes das experiências com o livro, tomado como um reagente que as estimula (as reações despertadas por um artefato, ou seja, os estados psíquicos evocados quando da ação leitora), exercem um estímulo de determinadas sensações e reações, as quais se encontram relacionadas com esses mesmos contextos e intersubjetividades que definem um indivíduo social e as formas como se apropria de um objeto de leitura. Tal perspectiva pode ser entrevista no trecho abaixo:

Um leitor pode ser caracterizado por uma maior excitabilidade de determinadas ondas psíquicas. Em nosso caso, essa excitabilidade é ativada pelo livro (Roubakine, [1922] 1998, p. 72, tradução nossa).⁴¹¹

A noção roubakiniana da figura leitora encontra articulações com os estudos de Lígia Dumont (1998) sobre as experiências de leitura. A autora como o indivíduo processa e incorpora uma informação que lhe é apresentada a partir da ficção (mas poderíamos aqui estender esse olhar para qualquer artefato de leitura). indaga Uma dessas possibilidades estaria na ocasião em que determinada leitura desperta uma reação que vai ao encontro de “algo que permanecia em seu âmago” (Dumont, 1998, p. 32), isto é, algo que estava em sua consciência, mas ainda não expressa em palavras. Isto se dá, pois, na visão trazida pela pesquisadora:

Nenhum leitor vem ao texto sem histórico, traz consigo experiências que são determinadas pela sua vivência e seu modo de ver os fatos. O leitor apreende o conteúdo de um texto em sua consciência e o transforma [...] pode inclusive acontecer como resultado, a partir do processamento das novas informações trazidas pelo texto, mudanças de conceitos anteriormente introjetados pelo leitor (Dumont, 1998, p. 35).

Dito de outro modo, as possibilidades de significação e ressignificação dadas, por sua vez, pelas possibilidades inúmeras de interpretação de um livro à luz das intersubjetividades de quem lê. Na aproximação com o conceito de *mnéma*

⁴¹¹ No original: *Un lecteur peut être caractérisé par une excitabilité plus grande d'ondes psychiques déterminées. Dans notre cas cette excitabilité est mise en jeu par le livre* (Roubakine, [1922] 1998, p. 72).

trabalhado por Roubakine ([1922] 1998), trata-se de pensar que a leitura desperta no leitor aquilo que ele já tinha dentro de si, fruto de suas vivências no mundo social que são registradas em sua memória orgânica. Sob outro olhar, podemos observar esse mesmo enfoque na abordagem de Dumont (1998, p. 32): “a leitura só causa alguma reação no leitor se for ao encontro de seus anseios, seu contexto, seu repertório informacional” — no léxico roubakiniano, se for ao encontro de seu *mnéma*. Sobre esse ponto em específico, Roubakine ([1922] 1998) aponta:

Na leitura, o leitor traduz constantemente para sua própria língua o discurso que é o resultado dos estados psíquicos de outrem. Os tradutores, comentaristas, popularizadores, críticos, etc., e em geral todo leitor, não fazem senão isso. Eles são apenas o material utilizado para o estudo do processo da leitura e dos tipos de leitores. Cada um exterioriza sua própria linguagem interior de acordo com sua experiência de vida (Roubakine, [1922] 1998, p. 72, tradução nossa).⁴¹²

Tal horizonte dialoga, mais uma vez, com as discussões de Dumont (1998), para quem os atos de leitura estão diretamente vinculados ao universo desse leitor, ou seja, são resultados da interação autoria-livro-leitor. No pensamento roubakiniano, esta noção coloca a pessoa leitora, a autoria e o livro não como entidades isoladas de um contexto social e histórico de conhecimento, mas sim, ao contrário, diante de uma interação que ocorre a todo momento com a realidade ao redor — como já colocado, a realidade como *devenir*, como movimento dialético que transforma e pode ser transformado continuamente.

Se retomarmos os objetivos roubakinianos em torno da socialização do livro, da leitura e do conhecimento para a transformação social, sobressai, novamente, o papel ativo exercido por este leitor diante de uma realidade repleta de assimetrias sociais e econômicas. Ao mesmo tempo, considerando o indivíduo como parte formadora e integrante das ações informacionais no mundo social, seria possível, através da própria ação leitora de “tudo aquilo que é lido” — a palavra e o mundo — alcançar uma apropriação crítica e reflexiva acerca das contradições existentes, no espaço-tempo de Roubakine, na Rússia imperial czarista.

⁴¹² No original: *Dans la lecture, le lecteur traduit constamment dans sa propre langue le discours qui est le résultat des états psychiques d'autrui. Les traducteurs, commentateurs, vulgarisateurs, critiques, etc., et en général tout lecteur, ne font pas autre chose. Ils ne sont que le matériel servant à l'étude du processus de la lecture et des types de lecteurs. Chacun extériorise son propre langage intérieur suivant son expérience de la vie* (Roubakine, [1922] 1998, p. 72).

7.3.3 Leitura

A leitura em Nicolas Roubakine, conforme discutido ao longo de toda esta reflexão, está colocada na relação direta estabelecida pela pessoa leitora com aquilo que é lido, sendo, os processos de leitura reflexos de quem lê, da posição de sua consciência em um dado meio social e histórico que condiciona as formas de apropriação do livro. Nesse olhar, a leitura é concebida, no pensamento roubakiniano, da seguinte forma:

A leitura não é outra coisa senão um antropomorfismo do leitor, uma antropomorfização ‘daquilo que ele lê’, uma lenta criação ‘daquilo que ele lê’ à sua maneira e à sua imagem (Roubakine, [1922] 1998, p. 12, tradução nossa).⁴¹³

Em um sentido mais amplo que posiciona a noção da leitura na teoria roubakiniana em uma dimensão social, é possível estabelecer um diálogo com as discussões de Dumont (1998), Ramírez Leyva (2007b) e Salomão (2020), de onde sobressai uma concepção dos atos de leitura alinhada à interação indivíduo-realidade, na qual esta experiência é tomada para além de sua condição material e decodificação de signos para alcançar uma leitura de mundo — contexto em que nos aproximamos da filosofia crítica de Paulo Freire (2011).

Em Roubakine ([1922] 1998), a leitura é compreendida como uma experiência que se constrói em seu espaço e em seu tempo, no interior de condições internas e externas que demarcam a interação de uma pessoa leitora com o objeto lido. Em outras palavras, ao longo do processo de leitura, o indivíduo está a se relacionar com a mentalidade e as leituras de mundo de outros indivíduos, que se refletem tanto na produção, circulação e acesso do livro (toda a psicologia envolvida no percurso do livro até chegar ao leitor, segundo Turin, 1929), como na apropriação e uso dos saberes na realidade intersubjetiva de quem lê.

Nessa interpretação, a leitura depende, fundamentalmente, do leitor em seu contexto, em sua configuração psíquica, cognitiva, emocional, social, histórica, cultural e política:

O processo da leitura não é um processo de absorção do conteúdo de um livro. É um processo de estados psíquicos próprios que

⁴¹³ No original: *La lecture n'est autre chose qu'un anthropomorphisme du lecteur, une anthropomorphisation de 'ce qu'il a lu', une lente création de 'ce qu'il a lu' à sa manière et à son image* (Roubakine, [1922] 1998, p. 12).

dependem inteiramente do meio psíquico em que são produzidos (Roubakine, [1922] 1998, p. 72, tradução nossa).⁴¹⁴

É na experiência de leitura, transcorrida em um dado meio social, momento histórico e nas vivências de uma determinada pessoa leitora, que podemos vislumbrar este processo como resultado não do que uma autoria intenciona alcançar em seu horizonte interpretativo, mas sim a partir do que o leitor projeta de sua realidade, modos de pensar e se relacionar com o mundo, o que se reflete nos estímulos suscitados pelo livro. O bibliotecário russo nos diz:

[...] a leitura de um livro, do início ao fim, é ao mesmo tempo um **total**, ou, mais exatamente, o **resultado** de todas os estímulos vivenciados por seu leitor durante a leitura (Roubakine, [1922] 1998, p. 197, tradução nossa, grifo do autor).⁴¹⁵

Desta paisagem, emerge a compreensão da leitura e, por sua vez, do horizonte epistêmico da Bibliopsicologia, à luz de uma dimensão social circunscrita, de um lado, pela particularidade do leitor e, por outro lado, de uma realidade social e historicamente construída. No olhar roubakiniano, a leitura dependeria, pois:

[...] das particularidades psíquicas do leitor; ou seja, da maneira como estão combinados em sua personalidade certos traços psíquicos bem definidos. Quais são esses traços e como eles agem sobre o processo da leitura? Eis a questão que a Bibliopsicologia estuda (Roubakine, [1922] 1998, p. 72-73, tradução nossa).⁴¹⁶

Para os propósitos sociais entrevistados no pensamento roubakiniano, estaria na leitura, portanto, junto à experiência leitora, instrumentos fundamentais na luta pelas formas de observação crítica de uma realidade que se colocava, no espaço-tempo pré-revolucionário russo, diante de condições assimétricas de existência e, mais ainda, diante da necessidade de justiça social. Esse cenário poderia se modificar, contudo, à medida em que se modificam as condições de ocorrência da leitura — na ciência de Roubakine, pela via da socialização do livro, da leitura, da biblioteca e do conhecimento, o que poderia ser alcançado, por sua

⁴¹⁴ No original: *Le processus de la lecture n'est pas un processus d'absorption du contenu d'un livre. C'est un processus d'états psychiques propres qui dépendent entièrement du milieu psychique dans lequel ils se produisent* (Roubakine, [1922] 1998, p. 72).

⁴¹⁵ No original: [...] *la lecture d'un livre, du commencement à la fin, est en même temps un **total**, ou plus exactement une **résultante** de toutes les excitations éprouvées par son lecteur au cours de la lecture* (Roubakine, [1922] 1998, p. 197, grifo do autor).

⁴¹⁶ No original: [...] *des particularités psychiques du lecteur; c'est-à-dire de la manière dont sont combinés dans sa personnalité, certains traits psychiques bien définis. Quels sont ces traits et comment agissent-ils sur le processus de la lecture? Voilà la question qu'étudie la biblio-psychologie* (Roubakine, [1922] 1998, p. 72-73).

vez, pelo acesso à educação às classes populares, em especial, às camadas trabalhadoras.

7.3.4 *Mnéma*

No pensamento de Otlet (2018), conforme também reconhecido em Saldanha (2019a), o *mnéma* seria um dos conceitos centrais na Bibliopsicologia roubakiniana, o qual não apenas ancora sua relação epistêmica com o campo da Biologia, a partir dos construtos do biólogo alemão Richard Semon em torno deste mesmo conceito, bem como representa a individualidade de uma dada pessoa leitora, ou seja, todo o conjunto complexo dos fenômenos psíquicos despertados nos atos de leitura, os quais poderiam influenciar na extensão dos impactos do livro na mentalidade de quem lê. Em específico, o *mnéma* integraria um vocabulário roubakiniano que encontra neste conceito nuclear os aportes para a compreensão dos impactos do livro no mundo.

No centro dos estudos bibliopsicológicos sobre o leitor e a leitura, destacamos abaixo o que Nicolas Roubakine ([1922] 1998) concebe como o *mnéma* do leitor:

[...] qual é o *mnéma* do leitor? Nada mais é do que um conjunto de fenômenos psíquicos por ele vividos no decurso da sua existência. Inclui não só sensações, percepções, representações e noções, mas também emoções, sentimentos, afetos, paixões, desejos e instintos (Roubakine, [1922] 1998, p. 264-265, tradução nossa).⁴¹⁷

A partir do exposto pelo pensador, trata-se de entender o *mnéma* como um conjunto de fenômenos psíquicos que reflete a posição da pessoa leitora no espaço e no tempo e, a partir daí, a maneira como se apropria de um objeto de leitura e como esse mesmo artefato age sobre sua mentalidade em momentos distintos da vida. No diálogo estabelecido na dimensão epistemológico-histórica entre a Bibliopsicologia e o horizonte biológico, trata-se de pensar, em sentido amplo, nas formas em que as experiências de um indivíduo no mundo impactam em sua estrutura orgânica, ou seja, nas memórias registradas em seu organismo ao longo de sua existência — o que, por sua vez, reflete nessas mesmas vivências no real.

⁴¹⁷ No original: [...] *qu'est ce que le mnéma du lecteur? Ce n'est qu'un ensemble de phénomènes psychiques éprouvés par lui au cours de son existence. En font partie non seulement les sensations, les perceptions, les représentations et les notions, mais aussi les émotions, les sentiments, les affections, les passions, les désirs et les instincts* (Roubakine, [1922] 1998, p. 264-265).

O teórico russo nos diz:

A doutrina do *mnéma* se baseia no fato de todos os processos e atividades que já tiveram lugar pelo menos uma vez na matéria orgânica (por exemplo, nos nervos, músculos e até nas células do organismo) deixarem nela vestígios de sua passagem (Roubakine, [1922] 1998, p. 102, tradução nossa).⁴¹⁸

Esses traços de vivências deixados na memória orgânica, na visão de Roubakine:

[...] formam uma espécie de registro de estímulos na matéria viva. Por esse motivo, pode-se chamá-las de engramas (palavra grega que significa 'registro', 'inscrição'). Esses engramas, tanto quanto os estímulos, se apresentam sempre na forma de complexos. Cada palavra lida ou ouvida, cada frase, etc., são apenas engramas no *mnéma* do leitor ou do ouvinte, em outras palavras, fenômenos não apenas psíquicos, mas também fisiológicos (Roubakine, [1922] 1998, p. 103-104, tradução nossa).⁴¹⁹

Na interpretação de Saldanha (2019a, p. 10), o *mnéma* seria, pois, “[...] uma noção que representa a memória orgânica hereditária da espécie e a memória individual, capaz de adquirir e de conservar *engrammes*, ou seja, as mudanças na matéria orgânica”. Esse olhar é também trazido por Turin (1929) e Simsova (1975) em proximidade com a lei de Taine abordada na teoria roubakiniana, no qual as autoras afirmam que o *mnéma* é constituído pela confluência de engramas decorrentes da hereditariedade, do âmbito social e da experiência individual, sendo sua estrutura, portanto, condicionada pela raça, meio social e momento — a projeção do conteúdo deste *mnéma*, por sua vez, ou seja, a projeção da mentalidade de um indivíduo autor e leitor, materializada no livro, seria parte essencial do processo de leitura.

Para Roubakine ([1922] 1998), tratar-se-iam não apenas de sensações de ordem fisiológica (a sensação física e sensorial na experiência e percepção no e do mundo, de cunho mais objetivo e mensurável, como colocado por Lydia Turin, 1929),

⁴¹⁸ No original: *La doctrine du mnéma se base sur ce fait que tous les processus et toutes les activités qui ont déjà eu lieu au moins une fois dans la matière organique (par ex., dans les nerfs, les muscles et même dans les cellules de l'organisme) y laissent des traces de leur passage* (Roubakine, [1922] 1998, p. 102).

⁴¹⁹ No original: *[...] forment une espèce de registre d'irritations de la matière vivante. Pour cette raison, on peut les appeler engrammes (mot grec qui veut dire 'registre', 'inscription'). Ces engrammes, tout comme les irritations, se présentent toujours sous forme de complexus. Chaque mot lu ou entendu, chaque phrase, etc., ne sont que des engrammes dans le mnéma du lecteur ou de l'auditeur, en d'autres termes, des phénomènes non seulement psychiques, mais également physiologiques* (Roubakine, [1922] 1998, p. 103-104).

mas, igualmente, de elementos mais intersubjetivos e complexos, como os pensamentos, reações e ações de caráter emocional, volitivo e, até mesmo, ético, moral, social e político.

Tais estados psíquicos, despertados pela leitura de um livro que mais se adequa às configurações psicológicas, contextos e intersubjetividades de uma dada pessoa leitora, ou seja, evocados de modo consciente ou inconsciente ao dialogar com suas vivências anteriores, poderiam mobilizar as formas pelas quais esse mesmo ser percebe, apropria e interage consigo e com a realidade. Em Salomão (2020), a partir de sua leitura de Roubakine ([1922] 1998), é possível reconhecer na pessoa leitora um conjunto de fenômenos psíquicos que demarca a individualidade de sua memória orgânica, ou seja, de seu *mnéma* e, por sua vez, do processo de leitura. Desse modo, o livro, conforme discutido nas seções anteriores, representaria igualmente para este leitor um complexo de estímulos, reações, sensações e pensamentos que encontram-se em seu íntimo e se relacionam aos seus contextos de vida, intersubjetividades, referências culturais e experiências individuais e sociais, podendo vir a evocar saberes, reflexões e ações que, antes da interação com este artefato, eram desconhecidos ou estavam latentes no inconsciente deste indivíduo:

Como já dissemos, do ponto de vista bibliopsicológico, todo homem que lê nada mais é do que um organismo fisiológico e psíquico específico que tem nas suas mãos um aparelho específico – o livro. Esse livro é uma fonte de estímulos visuais, entre outros, que variam de acordo com o lugar e o momento. O processo da leitura e da escuta é apenas uma série de engramas (Roubakine, [1922] 1998, p. 104, tradução nossa).⁴²⁰

Em outras palavras, conforme apontado por Roubakine ([1922] 1998), os impactos da ação leitora na mentalidade de quem lê, sobretudo aqueles de caráter científico, filosófico, religioso e social (os quais poderiam despertar, pois, para as possibilidades de reconhecimento crítico da opressão czarista), estariam relacionados, antes, ao próprio *mnéma* do leitor:

Constatam-se tais transformações nas concepções científicas, filosóficas, religiosas e sociais. A que são devidas? É óbvio que sua

⁴²⁰ No original: *Comme nous l'avons déjà dit, au point de vue biblio-psychologique, tout homme qui lit n'est autre chose qu'un organisme physiologique et psychique déterminé qui a entre ses mains un appareil déterminé — le livre. Ce livre est une source d'irritations visuelles et autres, variables suivant le lieu et le moment. Le processus de la lecture et de l'audition n'est qu'une série d'engrammes* (Roubakine, [1922] 1998, p. 104).

causa não está no livro, mas no *mnéma*. O livro era apenas o reagente do material já acumulado no *mnéma*. Esse material, o leitor já o tinha, há algum tempo, em seu subconsciente, sem perceber (Roubakine, [1922] 1998, p. 195, tradução nossa).⁴²¹

Neste trecho, podemos observar que tais perspectivas dialogam, mais uma vez, com as concepções de Roubakine ([1922] 1998) acerca do livro, as quais se aproximam das noções articuladas na lei de Humboldt-Potebnia e suas relações com os estudos da linguagem. O pensador russo nos diz que os fenômenos despertados nos atos de leitura não seriam evocados pelo livro propriamente dito, mas sim pelas experiências acumuladas pelo indivíduo leitor ao longo de sua vida e registradas em seu *mnéma*. Colocado de outra forma, a apropriação que se faz de um livro seria o próprio *mnéma* de um leitor, ou seja, as experiências vivenciadas no real e registradas em sua memória orgânica de modo consciente ou não.

Para Simsova (1975), ambos os princípios, de Humboldt-Potebnia e Semon, tratam da linguagem (os fenômenos verbais e os signos linguísticos) como estímulos que produzem uma reação no indivíduo: de um lado, um estado psíquico estimulado por um artefato (o livro) que vai ao encontro das vivências já registradas no *mnéma* do leitor e do outro lado, uma reação biológica igualmente despertada por um objeto que revive no organismo sensações de ordem fisiológica, emocional, social e política experienciadas em momentos distintos da vida deste leitor e que poderiam ocasionar, portanto, reações, pensamentos e ações que se voltam, esta é nossa interpretação, para a reflexão crítica acerca das condições assimétricas forjadas pelo império russo czarista, as quais poderiam ser enfrentadas e transformadas a partir das tomadas de consciência crítica coletiva possibilitada pelo livro e pela leitura e, em sentido mais amplo, pela própria luta coletiva empreendida pela classe trabalhadora oprimida por este regime.

O *mnéma*, junto de outros conceitos que formam o pensamento roubakiniano (livro, leitor e leitura), constituem um vocabulário singular que, em nossa compreensão, sintetiza o horizonte epistêmico da Bibliopsicologia e desvela uma ciência comprometida com os modos de transformação social. Na próxima seção, as três dimensões epistemológicas aqui analisadas — epistemológico histórica, teórico

⁴²¹ No original: *On constate de telles transformations dans les conceptions scientifiques, philosophiques, religieuses et sociales. A quoi sont-elles dues? Il est évident que leur cause est non pas dans le livre mais dans le mnéma. Le livre n'a été que le réactif du matériel déjà accumulé dans le mnéma. Ce matériel, le lecteur l'avait déjà, depuis un certain temps, dans son subconscient, sans s'en apercevoir* (Roubakine, [1922] 1998, p. 195).

metodológica e conceitual-categorial — são discutidas à luz de quatro categorias discursivas co-constituídas a partir do percurso biobibliográfico de Roubakine, nas quais vislumbramos aspectos que tecem sua produção sobre a leitura em diálogo direto com os traços biográficos de suas vivências na e para a Rússia.

8 DISCUSSÃO DOS DADOS: horizontes roubakinianos para humanizar a humanidade

Nesta seção, procedemos com a discussão dos dados à luz do referencial teórico, mas agora com foco nas três categorias discursivas co-constituídas e provenientes da análise e apreciação dos dados: teoria social da leitura; prática bibliotecária; e práxis transformadora. A partir dos dados analisados em relação com as teorias fundantes do campo da BCI, buscamos discutir de que maneira os construtos roubakinianos demonstram, na teoria e método de sua ciência, diálogos de, sobre e para a leitura com um horizonte praxiológico voltado para as possibilidades de transformação social pela via desse próprio campo.

Aqui, nossos esforços estão centralizados em expandir e repercutir o pensamento roubakiniano em BCI, entendendo que suas ideias em torno da leitura, do livro e do leitor, mas também sobre biblioteca e trabalho bibliotecário, poderiam contribuir não só para pensarmos sobre outros caminhos de constituição do domínio epistemológico da leitura no campo — ou seja, como se desenvolveu e se consolidou sob uma via não tradicionalmente discutida no campo (a da Rússia) —, mas também para a concepção da BCI como campo comprometido, desde o século XIX, com um horizonte de justiça social.

Do outro lado, seu pensamento demonstra um vasto território de articulação entre sua ciência e os construtos fundantes do próprio campo biblioteconômico-informacional, de certa forma “antecipadas” na teoria bibliopsicológica em temáticas que seriam articuladas, décadas após a atuação de Roubakine, como parte de um “campo novo”, “nascente” a partir dos anos de 1960. As inferências aqui alcançadas buscam demonstrar não um discurso de pioneirismo sobre uma dada “criação” ou “fundação” do campo aqui e ali, tampouco desconsiderar as teorias, métodos e objetos provenientes de diferentes linhas de investigação epistemológica que encontram-se no centro de constituição da BCI, mas sim de posicionar um outro caminho, uma outra lente que aponta, pela via roubakiniana e seus estudos sobre a leitura e a pessoa leitora ainda no final do século XIX e início do XX, uma configuração da BCI como um campo científico que revela, em sua natureza, ou seja, em sua *episteme*, uma práxis transformadora da realidade social. Dito de outra forma, a teoria social da leitura entrevista em Roubakine denota uma proposta transformadora do gesto leitor e dos modos de

pensar sua produção, circulação e apropriação, concebendo-a diante de seu potencial de obtenção de saberes e formulações críticas de percepção e impacto na realidade.

Para tanto, esta seção primária está subdividida em quatro seções secundárias, a saber: “8.1 Teoria social da leitura”, voltada para o percurso que descortina uma teoria da leitura vinculada ao seu contexto social; “8.2 Prática bibliotecária”, orientada para a atuação de Nicolas Roubakine no âmbito das bibliotecas e da compreensão do teórico acerca da função social e dimensão praxiológica entrevista neste *locus* e na prática bibliotecária como um todo; “8.3 Práxis transformadora”, dedicada à concepção da biobibliografia roubakiniana em um movimento de práxis transformadora que vislumbra na socialização do livro, da leitura e do conhecimento, e na postura crítica e reflexiva de quem lê, horizontes para transformar o mundo; e “8.4 Uma síntese da revolução epistemológica do pensamento de Nicolas Roubakine?”, que se coloca diante de indagações autocríticas acerca das possibilidades de revolução antevista por e para a epistemologia bibliopsicológica roubakiniana.

8.1 TEORIA SOCIAL DA LEITURA

Diante dos dados coletados a partir da análise da obra seminal roubakiniana de 1922, *Introduction à la psychologie bibliologique*, junto às fontes biobibliográficas consultadas ao decorrer desta pesquisa, podemos identificar alguns aspectos que marcam a constituição do que acreditamos tratar-se de uma teoria social da leitura desenvolvida por Nicolas Roubakine em uma relação muito próxima com o percurso biobibliográfico que demarca, de um lado, a construção epistemológica de seu pensamento e sua atuação como teórico da leitura e, do outro lado, sua formação como ser social crítico da realidade ao seu redor, em um movimento entre suas vivências e sua obra e entre sua obra e suas vivências.

Desta paisagem, emergem condicionantes internas e externas que marcam a trajetória de Roubakine em relação direta com o seu contexto de ocorrência, na qual podemos observar, ainda em sua infância e juventude, nas décadas de 1870 e 1880, aspectos não apenas sociais e políticos, mas também afetivos e simbólicos que orientam seu percurso epistêmico e apontam, por exemplo, para a influência exercida por sua mãe no seu amor pela ciência, pelos livros, pela leitura e pela

escrita. Tais influências se desdobram ainda em outros momentos da vida de Roubakine: 1) o trabalho desenvolvido na Biblioteca L. T. Rubakina; 2) a formação acadêmica na Universidade de São Petersburgo entre os anos de 1881 e 1887; 3) a opressão no império russo czarista; 4) o contato com as classes trabalhadoras russas na fábrica de seu pai; 5) as atividades de instrução popular que demonstram a circularidade epistêmica de seu pensamento; e 6) a concepção do livro, da leitura e do leitor em seus contornos sociocríticos.

Para nós, este percurso biobibliográfico se desdobra na tessitura de uma teoria social da leitura desenvolvida centralmente à luz do contexto de opressão czarista, o que evidencia os contornos sociocríticos de sua ciência a partir da crença na leitura como instrumento de transformação social. Especificamente no plano científico da BCI, de acordo com o próprio discurso de fundamentação epistemológica do campo, a teoria social da leitura que pode ser vislumbrada no pensamento roubakiniano antecipa conceitos, métodos e teorias que seriam trabalhadas décadas depois de sua atuação na abordagem epistêmica do gesto leitor, além de essa mesma teoria indicar outras lentes para a abordagem de conceitos que formam a *episteme* do discurso biblioteconômico-informacional (o livro, o leitor, a leitura, a biblioteca, o trabalho bibliotecário) diante de seu contexto pragmático. Nos cumpre, pois, neste movimento biobibliográfico, desvendar essas aproximações epistêmicas, teóricas, simbólicas e afetivas.

Em um primeiro momento, a partir da biografia escrita por Aleksandr Rubakin (1979), *Rubakin: lotsman knijnogo moria*, é possível observar que Roubakine viveu não apenas entre livros e bibliotecas, mas, sobretudo, para livros e bibliotecas — e, de maneira mais ampla, poderíamos acrescentar, pela luta a favor da instrução popular e do acesso irrestrito ao conhecimento às massas populares russas. Embora o teórico tenha vivido quatro décadas na Suíça, para onde exilou em 1907, nunca deixou de trabalhar para e pela Rússia.

As raízes para a luta que guiaria a biobibliografia roubakiniana podem ser encontradas, como já observado antes, no incentivo de sua mãe, desde à infância, às suas atividades sociais e literárias, sendo ela mesma, Lidija Rubakina, uma bibliotecária e defensora da educação popular, parte integrante de movimentos literários e sociais na Rússia nas décadas de 1860 e 1870 e que teria lutado, no âmbito familiar, para que seus filhos estudassem, embora seu marido quisesse que ambos seguissem seus passos no comércio.

Este desejo pelo conhecimento identificado ainda na infância será refletido não apenas no comprometimento de Nicolas Roubakine com a instrução popular, mas, antes disso, em sua atuação na biblioteca inaugurada por sua mãe em 1875, a Biblioteca L. T. Rubakina, o que demonstra, no movimento biobibliográfico descortinado por esta pesquisa, a profunda relação entre seus vínculos afetivos e simbólicos e suas vivências no mundo social. É, centralmente, nas experiências nesta biblioteca que o teórico russo tem contato inicial com as atividades bibliotecárias de maneira geral, como será discutido na próxima categoria discursiva, mas também com os atos de leitura, seja na orientação de pessoas leitoras, seja no estudo de suas interações com os livros, ambas fontes de onde retiraria elementos que seriam posteriormente retomados na construção de sua Bibliopsicologia e para a formação de um pensamento como teórico e ser social que vislumbra a educação, o livro e a leitura não apenas como ferramentas de decodificação de signos linguísticos, autoinstrução e uso instrumental na vida cotidiana, mas, para além disso, como instrumentos de reflexão e interação com o mundo (no caso, para o reconhecimento crítico da realidade em sua totalidade e condição desigual), nos quais esses artefatos emergem como artefatos de luta por uma vida nova — podemos dizer, uma realidade justa, livre e igualitária para todos os indivíduos.

Além disso, os esforços de Lidija Rubakina a favor da educação formal dos filhos, o que a leva a viajar com Nicolas Roubakine e seu irmão para São Petersburgo, ainda na década de 1870, para que pudessem estudar, orientam, igualmente, os caminhos que conduzem o bibliotecário à formação acadêmica na Universidade de São Petersburgo entre os anos de 1881 e 1887. No plano científico que circunscreve o curso de seu pensamento, é neste contexto que Roubakine entra em contato com o positivismo de Auguste Comte e Gabriel Tarde, duas figuras expoentes de uma corrente epistemológica positivista que dominaria o campo científico na segunda metade do século XIX. Essa influência pode ser observada, dentre outros desdobramentos, nos cursos escolhidos pelo teórico russo: ciências psicológicas e matemáticas, além de aulas frequentadas nos campos jurídico, histórico e filológico, aspectos que orientam, de igual maneira, teoria e método bibliopsicológico em uma proposta de investigação dos fenômenos psíquicos da leitura sob a ótica das ciências sociais e exatas.

Nesse panorama, refletimos que o pensamento roubakiniano, resultado igualmente do contexto científico de seu tempo, bebe da fonte do positivismo

comteano e, ao mesmo tempo, de outras interpretações decorrentes de aproximações teórico-metodológicas com os campos da Psicologia, Biologia, Física, estudos da linguagem, estudos literários e Bibliologia, os quais, ainda em vias de constituição, buscam um rigor científico ancorado nas formas de observação do mundo a partir de um olhar exato, preciso, objetivo e aparentemente neutro. Para os estudos de Roubakine, sua procura por uma cientificidade está na elaboração de leis que regulam o comportamento do leitor e na mensuração quantitativa de como apropriar informação, o que atribuiria um caráter “mais científico” para a sua teoria (Saldanha, 2019b).

No plano epistemológico-histórico em Biblioteconomia e Ciência da Informação, essa mesma perspectiva seria encontrada, dadas as devidas particularidades de cada abordagem, em Paul Otlet, não apenas amigo próximo de Roubakine e incentivador da publicação de sua *Introduction à la psychologie bibliologique*, em 1922, como também uma das vozes centrais de fundamentação do campo biblioteconômico-informacional, dada, centralmente, a partir de seu *Traité de Documentation*, de 1934. O advogado belga, que partilha da mesma paisagem científica que Nicolas Roubakine, ancora a cientificidade do que propõe como uma “ciência do livro”, a Bibliologia, também a partir da elaboração de leis que agem sob e sobre o livro, o documento e a informação, com um horizonte de aplicação voltado para o progresso social a partir da racionalização dos artefatos bibliográficos: o mapeamento e organização de todo o conhecimento humano já registrado em um ideal de busca pelo acesso universal e irrestrito a esses registros como forma de alcance do entendimento mútuo entre os diferentes grupos sociais e, a partir daí, no cenário da Primeira Guerra Mundial atravessado por Otlet, a paz mundial (Bezerra; Saldanha, 2013) — ainda que sua concepção de “universal” esteja concentrada, fundamentalmente, em uma produção de conhecimento ocidental e, em especial, eurocêntrica, e que seu próprio projeto positivista, o Repertório Bibliográfico Universal, tenha sido financiado pelo governo do Rei Leopoldo II (1835-1909) da Bélgica, responsável pelo genocídio no Congo belga na virada do século XIX para o XX (Saldanha, 2020a, 2024).

Apesar das contradições dialéticas vislumbradas no pensamento otletiano, é possível observar a influência da ciência roubakiniana na tessitura de sua Bibliologia, a qual, conforme discutido na dimensão epistemológico-histórica, circunscreve todos os aspectos relacionados ao livro e, de certa forma, a própria Bibliopsicologia. Tal

influência pode ser entrevista, por exemplo, no enfoque proposto por Otlet (2018) para os estudos do livro a partir de uma abordagem psicológica e social, dada na seção “155 A psicologia e as atividades da mente ou a psicologia bibliológica” de seu *Traité de Documentation*, no qual o pensador belga recorre à ciência tecida por Roubakine para construir os diferentes aspectos e impactos do livro na realidade social; Paul Otlet (2018) destaca, ainda, o horizonte social que descortinaria a Bibliopsicologia roubakiniana, dado no que entende ser uma de suas mais importantes aplicações: a luta por uma vida nova para os grupos sociais oprimidos através do livro.

De igual maneira, esse caráter positivista entrevisto na teoria e método roubakiniano ainda no século XIX, desdobrado a partir dos aportes das ciências naturais e exatas, sobretudo da Biologia e da Física, em noções como “*mnéma*”, “economia das forças” e “estática do livro”, por exemplo, demonstra uma certa proximidade com as configurações positivistas que dominariam os ditos primeiros esforços de consolidação epistemológica da BCI nos anos de 1960. Para Araújo (2003), o campo informacional se constitui à luz dos moldes da ciência moderna, a partir de um modelo das ciências exatas na busca por um conhecimento também exato — de inspiração matemática e quantitativa, ancorada centralmente na objetividade e na formulação de leis universais para o estudo do fenômeno informacional.

Este olhar, concebido por Rafael Capurro (2003) na forma de um “paradigma físico”, encontra um diálogo com teorias e métodos decorrentes de modelos matemáticos, físicos e biológicos (algo igualmente empreendido por Nicolas Roubakine para investigar o fenômeno da leitura) que se respaldam, por sua vez, na física social comteana como forma de consolidar uma racionalidade positivista para as formas de observação do comportamento da informação — esta, vinculada a uma mensagem que sai de um emissor e chega a um receptor com o menor ruído possível à sua transmissão (ao canal), conforme postulado pela teoria da informação shannoniana, sem uma preocupação com o significado dessa mensagem e/ou com “quem” é esse emissor e esse receptor, e seus impactos na realidade social.

Tal perspectiva, associada ao âmbito das experiências de leitura, encontra em Nicolas Roubakine, na Rússia do século XIX, a mesma busca positivista no estudo do fenômeno da leitura, dada a partir da investigação do comportamento do leitor e da ação do livro em sua mentalidade: um olhar preciso, exato e objetivo, também

ancorado nas ciências naturais e exatas (Física, Matemática e Biologia), para a formulação de leis que dêem conta de mensurar quantitativamente a ação leitora. No horizonte roubakiniano, a procura exata pelos impactos dos artefatos bibliográficos no mundo estaria diante de uma preocupação com a transmissão de uma mensagem (o livro) entre um emissor (a autoria) e um receptor (a pessoa leitora), mas não dissociada de um contexto pragmático de aplicação — a busca pelo livro ideal à luz de todas as condicionantes internas e externas que fazem este artefato chegar até um leitor.

O próprio método empregado por Roubakine ([1922] 1998) descortinaria a procura exata pelo indivíduo em sua intersubjetividade, ou seja, em sua relação com o mundo e as formas de transformação desse mesmo mundo, no caso, a destituição do absolutismo russo. Sua teoria decorre, pois, da necessidade da vida social, ou seja, da melhoria das condições de vida na Rússia czarista.

Tal como a influência de sua mãe no seu interesse pelo conhecimento e pela leitura e a estrutura positivista entrevista no pensamento de Roubakine a partir de seu contato com a filosofia comteana na Universidade de São Petersburgo na década de 1880, o exercício biobibliográfico roubakiniano nos desloca para outras experiências vivenciadas pelo teórico nesse mesmo período, o que atribuiria uma dimensão praxiológica para o seu olhar positivista acerca do fenômeno da leitura. É, igualmente, nos anos de faculdade, que Nicolas Roubakine se aproxima de leituras de teor socialista e marxista, bem como de outras reflexões tidas à época como subversivas — é na biblioteca de sua mãe que o bibliotecário organiza, em 1882, círculos de leitura sobre a temática, revelando o vínculo afetivo e simbólico desta biblioteca para com sua trajetória biobibliográfica, social, científica e epistemológica.

Alguns anos depois, entre 1887 e 1892, vemos o trabalho na fábrica de seu pai, onde Roubakine entra em contato com pessoas operárias na busca pela compreensão de suas vivências, necessidades de leitura e modos de interação e percepção da realidade — o que marcaria o protagonismo das classes trabalhadoras em sua ciência, bem como a centralidade da pessoa leitora para todo o processo de leitura. Além disso, o pensador também se aproxima de movimentos e organizações estudantis de caráter revolucionário, chegando a escrever materiais críticos ao czarismo, em um movimento que o levaria a sofrer perseguições políticas e tentativas de prisões que resultariam em seu exílio para a Suíça em 1907.

Ao mesmo tempo, interpretamos que são essas as vivências que despertam Nicolas Roubakine, como ser social, para o reconhecimento crítico da realidade ao seu redor — esta, atravessada por diferentes contextos de opressão —, servindo de orientação e inspiração para a proposta social de sua teoria da leitura. De modo geral, o regime de opressão czarista vivenciado por Roubakine nas últimas décadas do século XIX aos primeiros anos do XX é demarcado por repressões e perseguições políticas, prisões, violências, censuras e assimetrias sociais e econômicas no que se refere, centralmente, à produção, circulação e acesso ao conhecimento; junto a isso, temos a própria conjuntura política marcada pelos movimentos de 1905 e de suas repercussões que desencadeariam na Revolução Russa de 1917.

É esta paisagem social, histórica e política que demarca a epistemologia do que compreendemos como a teoria da leitura roubakiniana, a qual influenciaria na maneira como Roubakine percebe e se relaciona com o mundo e, a partir daí, na necessidade que surge da própria vida russa para a transformação dos modos de vida forjados pelo império czarista — deste contexto emergem suas concepções centrais, sob um olhar social, sobre o papel da educação, do livro, da leitura e da biblioteca para o alcance de uma vida melhor.

Esta crença no poder do livro, da leitura e da instrução popular para a transformação da realidade, influenciada por Lidija Rubakina, nos direciona para as atividades desenvolvidas por Nicolas Roubakine nos mais diferentes ramos do livro, de onde sobressai sua atuação não apenas como bibliotecário, mas também como escritor, educador e popularizador da ciência, o que evidencia, de um lado, as vivências que o conduziram ao estudo das condições de conhecimento do povo russo e, do outro lado, a própria erudição e circularidade epistêmica que pode ser entrevista em sua produção intelectual e, depois, na delimitação epistemológica de sua ciência. Para nós, para além da prática bibliotecária roubakiniana, essas três últimas atuações, Roubakine escritor, Roubakine educador e Roubakine popularizador, sobressaem de forma mais expressiva tanto na leitura de sua obra seminal como nas fontes biobibliográficas consultadas ao longo deste percurso investigativo.

Como abordado anteriormente, as atividades de escrita de Roubakine teriam início ainda na juventude, nos anos de 1870 (Rubakin, A., 1979), contexto em que o pensador russo escreveria poemas satíricos e artigos para jornais. Já na década

seguinte, em 1880, a partir da formação acadêmica em ciências psicológicas e matemáticas e do envolvimento do teórico com movimentos sociais e políticos, podemos verificar atividades voltadas para a escrita não só de livros e artigos científicos, mas também de textos críticos ao regime vigente e, como já pontuado, materiais de cunho didático. Nesse momento, o receio do império czarista acerca dos impactos da livre manifestação e circulação de pensamento conduziram, para Roubakine ([1922] 1998), às dinâmicas de controle e censura que refletiriam tanto a desigualdade de acesso às condições de conhecimento sobretudo por entre as classes em situação de vulnerabilidade socioeconômica como a precarização do sistema de ensino russo.

No espaço-tempo roubakiniano, o teórico afirma que o sistema de ensino público tal como dado pelo regime czarista era concebido como tendencioso e marcado pela escassez de materiais dedicados aos preceitos da igualdade e justiça social. Além disso, a vigilância e censura impostas à educação, às bibliotecas e aos livros (lembremos, muitos dos escritos de Roubakine seriam censurados, no cerne da Rússia czarista, por suas críticas ao regime vigente e por tratar de conhecimentos tidos à época como subversivos), junto aos materiais científicos escritos para as camadas populares em uma linguagem complexa, seriam, para Roubakine ([1922] 1998), um obstáculo para o estudo e compreensão da realidade.

Esse caminho decorre e, ao mesmo tempo, influencia suas experiências no mundo social. Isso pode se dar, de um lado, pelas vivências na biblioteca de sua mãe, pelas próprias leituras e movimentos com os quais entrou em contato durante a faculdade e, ainda, pela atuação na fábrica de seu pai, onde se aproxima da classe operária e, a partir da compreensão de suas realidades, ensina esses trabalhadores a ler e a escrever, bem como empresta livros de sua biblioteca e fornece orientações para o percurso de autoinstrução desses indivíduos. As atividades de instrução popular desenvolvidas por Roubakine, somadas às obras científicas escritas pelo teórico russo, emergem, entre outros aspectos, das relações e laços simbólicos construídos a partir de suas visitas e aulas em fábricas, vilarejos e escolas para adultos.

A própria circulação por diferentes áreas do conhecimento decorrente dessas ações em um contexto atravessado por censuras, vigilância política e pelo o que o bibliotecário concebia como um sistema de ensino precário, demonstra a erudição e circularidade epistêmica de sua trajetória como escritor e popularizador da ciência.

Esta trajetória se reflete na tessitura de sua teoria da leitura e na produção de materiais didáticos e guias para a autoinstrução em diferentes campos científicos com vistas à instrução popular das classes trabalhadoras russas em relação a um contexto pragmático de aplicação, partindo da crença de que, munidos de conhecimento não apenas científico, mas também de conhecimento de mundo, seria possível direcionar esses mesmos grupos sociais para as tomadas de consciência crítica coletiva que os levariam aos enfrentamentos e lutas pela transformação de suas condições de vida.

Em outras palavras, significa dizer que, de suas vivências na e para a vida russa, Nicolas Roubakine retira as raízes que dariam os contornos sociais para seus estudos sobre a leitura e, depois, orientariam a sua prática bibliotecária e, em sentido ainda mais amplo, o horizonte praxiológico de seu pensamento. É de seu movimento biobibliográfico que o teórico russo pensa a perspectiva social, crítica e política atribuída às categorias livro, leitura, biblioteca, trabalho bibliotecário e leitor — sendo este último conceito, em especial, o centro da epistemologia de sua ciência e, de maneira específica, de sua teoria da leitura, o que nos aproxima, como veremos, da *episteme* do campo biblioteconômico-informacional.

É nesta seara que vislumbramos, igualmente, a trajetória bibliotecária roubakiniana que não apenas demarca a posição da pessoa leitora no centro do acervo, das práticas e dos instrumentos biblioteconômicos, como também o comprometimento da própria biblioteca e de uma atuação aqui tomada como praxiológica, para os modos de transformação do mundo. Esta temática será abordada na subseção seguinte.

8.2 PRÁTICA BIBLIOTECÁRIA

Junto do que compreendemos como uma teoria social da leitura, é possível observar que a prática bibliotecária roubakiniana é igualmente demarcada por sua biobibliografia e pelo contexto sócio-histórico de seu tempo. Em sua biografia, seu filho nos diz: "[...] quando falo de bibliotecas, penso em meu pai e, quando falo de meu pai, penso em bibliotecas" (Rubakin, A., 1979, p. 54-55, tradução nossa), evocando as lembranças sobre a casa de seu pai na Rússia, e depois na Suíça, ambas repletas de estantes de livros; já demonstrando aí, nas próprias reminiscências que Roubakine deixaria em seu filho, sua relação com a biblioteca e

o trabalho bibliotecário. Ainda segundo A. Rubakin (1979), as bibliotecas de seu pai refletiam, ambas, o próprio pensamento roubakiniano, com seus instrumentos, acervo e práticas voltados para um horizonte social — dito de outra forma, a devoção ao livro e à leitura que marca a luta de sua vida: as condições de leitura das classes populares russas e a força do livro na luta pela instrução popular e pela transformação social.

De igual modo, a trajetória que marca a experiência bibliotecária de Roubakine em seu espaço-tempo é condicionada, assim como sua teoria da leitura: 1) pela influência de sua mãe e sua atuação como bibliotecário na biblioteca fundada por ela, a L. T. Rubakina; 2) pela atuação das bibliotecas administradas por Roubakine como *loci* de ações culturais, sociais e, podemos dizer, revolucionárias, no contexto pré-Revolução Russa de 1917, tanto na L. T. Rubakina, na Rússia, como na segunda biblioteca construída pelo teórico na Suíça em 1908, já no exílio; e 3) pela abordagem roubakiniana sobre a biblioteca, as atividades bibliotecárias e os instrumentos biblioteconômicos, que encontram na figura leitora o ponto focal de todo o seu desenvolvimento, contexto em que sobressai, em nosso entendimento, um horizonte de interpretação praxiológica tanto nas bibliotecas administradas por Roubakine ao longo de sua vida, quanto na própria visão do teórico sobre como as bibliotecas deveriam atuar diante de sua função social como instrumento de educação e transformação.

Aqui, mais uma vez, a mãe de Roubakine, Lidija Rubakina, exerce papel central no percurso de desenvolvimento de seu pensamento e de sua trajetória como bibliotecário. É ela a figura que, além de incentivar seu amor pelo livro, pela escrita e pelo conhecimento, o aproxima dos *loci* das bibliotecas e do fazer bibliotecário (Simsova, 1977), o qual, junto às investigações sobre a leitura, formariam o núcleo epistêmico de sua ciência, de sua atuação no universo bibliográfico e, mais ainda, de seus modos de observação da realidade social. As vivências roubakinianas são demarcadas, como relatado nas memórias de A. Rubakin (1979), pela biblioteca de sua mãe, na qual começa a trabalhar desde sua inauguração em 1875, ainda com 13 anos — inclusive, a proposta para a construção desta biblioteca seria incentivada pelo próprio Roubakine. É neste espaço que o teórico entra em contato com a biblioteca, com as experiências individuais de leitura, a orientação e atendimento aos leitores e, de forma geral, com as atividades bibliotecárias que, em seu exercício, seriam voltadas por e para o leitor.

Mais ainda, é da e para a prática bibliotecária — ou práxis bibliopsiológica, como podemos colocar — que Roubakine vislumbra as formas de educação popular e, a partir daí, a transformação da realidade. Essa perspectiva, condicionada por seu percurso biobibliográfico, teria seu início na L. T. Rubakina e depois seria continuada quando assume a responsabilidade pela biblioteca na década de 1880, bem como quando constrói sua segunda biblioteca já no exílio na Suíça. De todo modo, em ambos os cenários, repousa o comprometimento do pensador para com as condições de conhecimento das massas populares russas, com vistas ao seu esclarecimento, ou seja, a uma percepção crítica do mundo como ferramenta para as tomadas de consciência coletiva que poderiam transformar esse mesmo mundo (Senn, 1977).

Ainda na biblioteca de sua mãe, quando Roubakine estava na faculdade e propõe a organização de círculos de leitura de materiais socialistas e considerados subversivos que atrairiam, nos anos de 1880, pessoas leitoras das camadas trabalhadoras, sua concepção de um dos caminhos para a transformação do mundo estaria não apenas no acesso irrestrito ao conhecimento e nas investigações sobre a leitura, como também e, sobretudo, na construção e expansão de bibliotecas públicas para as camadas sociais que encontravam-se, naquele espaço-tempo, em condições desiguais de acesso ao saber produzido pela humanidade (especialmente se comparado a uma elite cultural dominante, ainda que minoritária).

No discurso biblioteconômico-informacional, a reflexão acerca de uma distribuição desigual dos saberes produzidos por e para a sociedade (sendo, pois, social em sua natureza) seria proposta por Mostafa (1985) e sua compreensão de que, no sistema capitalista que dominaria não só as formas de construção epistemológica do campo, como também os meios de acesso aos equipamentos culturais e de conhecimento, a distribuição desigual dos meios de sua produção e dos produtos daí decorrentes, se posicionado de acordo com um referencial marxiano, seria um obstáculo para a própria função social das bibliotecas e, em sentido mais amplo, da Biblioteconomia diante de seu potencial transformador.

No ponto que aproxima os construtos de Mostafa (1985) com a trajetória dentro do que compreendemos como uma praxiologia roubakiniana, é possível dizer que o trabalho bibliotecário desempenhado pelo teórico russo está intimamente relacionado ao seu contexto social, político e histórico, de onde sobressai o caráter

cultural, social, crítico e, acreditamos, revolucionário, que atribui às suas duas bibliotecas, seja na Rússia, seja na Suíça.

Esta dimensão vinculada a um propósito social estaria presente desde a inauguração da L. T. Rubakina, ainda em 1875: o foco nas camadas populares desfavorecidas — em especial, as trabalhadoras — e as possibilidades de acesso ao livro a preços mais acessíveis, junto de suas finalidades não lucrativas, de seu horário de funcionamento, estendido até o período noturno para abarcar grupos trabalhadores e estudantis, da própria formação de seu acervo (voltado, sobretudo, para a instrução popular) e do público que desejava alcançar. No escopo desta biblioteca, Roubakine daria orientações de leitura às pessoas usuárias, compilaria catálogos e bibliografias que apoiariam as atividades ali desenvolvidas, e teria um conhecimento profundo de sua coleção, posicionando a L. T. Rubakina, como já colocado, na base epistêmico-afetivo-simbólica do trabalho que guiaria sua vida.

Além disso, é interessante observar que a biblioteca de Lidija Rubakina sempre esteve, do mesmo modo, no centro dos movimentos políticos, sociais e intelectuais transcorridos na Rússia pré-revolucionária em oposição ao império czarista (Rubakin, A., 1979), sobretudo se considerarmos a data de sua inauguração (1875) e quando é doada para a Liga Pan-Russa para a Educação Popular na ocasião do exílio de Roubakine para a Suíça (1907), o que abarca as últimas décadas do século XIX e os primeiros anos do XX, ou seja, um período atravessado pelos acontecimentos que destituiriam, em 1917, o império czarista russo. Nessa paisagem, sua atuação estaria, fundamentalmente, na configuração de um *locus* de circulação de livros (sobretudo aqueles considerados subversivos), entrevisto nos próprios círculos de leitura ali realizados, bem como no fornecimento de materiais voltados para a instrução popular e para a própria atividade revolucionária — vale lembrar que as memórias de infância de A. Rubakin (1979) envolvem a figura de sua mãe na busca por materiais que, após as leituras e debates, seriam deixados e escondidos na biblioteca de Nicolas Roubakine.

Isso nos desloca, igualmente, para a constituição deste espaço como um *locus* para as discussões que refletiriam as agitações políticas e sociais da época, bem como o caráter intelectual que daria forma às revoluções de 1905 e 1917. Emerge aqui a transformação da biblioteca de Roubakine, tanto na Rússia e, especialmente, na Suíça, como um ambiente de e para encontros entre intelectuais, autorias, revolucionários, estudantes e trabalhadores, com vistas, sobretudo, aos

debates políticos e reflexões críticas sobre a opressão perpetrada pelo regime czarista; Lenin e Krupskaja, como antes já colocado, frequentariam e emprestariam materiais desta biblioteca durante os momentos em que exilariam para a Suíça.

Para nós, essas duas bibliotecas se colocam, assim, no solo da práxis: sua atuação como mediadora de um saber científico e político diante de seu propósito social, crítico e transformador, ou seja, diante de uma realidade que enxerga a necessidade de transformação das condições de vida desiguais na luta da classe trabalhadora e no fervor revolucionário da própria vida russa — um *locus* de e para o trabalho revolucionário, como nos diria A. Rubakin (1979). Esta perspectiva se aproxima tanto da práxis bibliotecária interpretada por Targino (1997) à luz de um olhar marxiano, como da prática social e educativa vislumbrada por Mostafa (1985) para a biblioteca e para o próprio campo biblioteconômico como um todo.

Esta dimensão crítica estaria, ainda, no próprio discurso de doação de sua biblioteca, em 1907, quando Roubakine evoca as bases sociais que formam seu pensamento e destaca a natureza sociocrítica de sua biblioteca ao concebê-la à luz de todo o conhecimento e a riqueza construída pelo coletivo. O gesto de doação de sua biblioteca é, antes de tudo, acreditamos, um movimento praxiológico que busca, no legado que deixa aos trabalhadores russos, um meio de transformação a partir de todo o conhecimento acumulado, organizado e compartilhado por sua biblioteca. É, ainda, um ato simbólico à própria socialização do conhecimento produzido por e para a sociedade, aproximando-se, novamente, dos construtos tecidos por Mostafa (1985) e Targino (1997): o conhecimento à serviço da transformação do povo.

Não é apenas nas atividades culturais e sociais desenvolvidas nas duas bibliotecas de Nicolas Roubakine, tanto na Rússia como na Suíça, que podemos vislumbrar uma preocupação com as condições de transformação na e para a vida russa, mas também e, sobretudo, na compreensão do teórico sobre a prática bibliotecária e, nesse âmbito, sobre o desenvolvimento de instrumentos biblioteconômicos. Já na véspera de seu exílio para a Suíça, Stuart (1998) nos diz que Roubakine pediu pela democratização das bibliotecas, o que, segundo o bibliotecário, poderia ser alcançado não apenas a partir da expansão, criação e acesso às bibliotecas por parte das camadas populares, como também através da aproximação desse espaço, de sua prática e de suas ferramentas, do usuário — ou, no léxico roubakiniano — da pessoa leitora. Assim, seria possível contribuir para o

percurso de autoinstrução das massas e, então, possibilitar a instrução que despertaria sua conscientização.

Antes de tudo, no entanto, é preciso destacar o profundo comprometimento não apenas de Roubakine, mas também de suas duas bibliotecas, com as atividades de instrução popular, as quais, dada a precarização do ensino russo, tornariam possível a apropriação de saberes críticos que poderiam ser aplicados na realidade para a busca por uma vida melhor — resultado, conforme já colocado, de suas vivências nesse contexto desde a infância. O bibliotecário, que se aproximaria de Nadezhda Krupskaja no âmbito dessas ações ainda na década de 1870, emprestaria livros de sua biblioteca para as atividades da educadora, bem como direcionaria o seu acervo e os instrumentos biblioteconômicos para os propósitos educativos. Além disso, essa participação como centro de instrução popular também se daria a partir do fornecimento de materiais e orientações de leitura, bem como pela compilação de bibliografias e catálogos, elaborados a partir da centralidade atribuída ao indivíduo leitor.

Sobre esse ponto em específico, podemos dizer que as bibliografias roubakinianas, por exemplo, seguiam um propósito social voltado para um percurso de autoinstrução do leitor, ou seja, orientado por quem lê e suas particularidades, como o grau de instrução, tipo psicológico e nível de dificuldade. Esses instrumentos seriam distribuídos, por sua vez, aos meios operários e camponeses, bem como às bibliotecas e escolas, com o intuito de contribuir para as ações de instrução popular e, até mesmo, para a propaganda revolucionária.

Aqui, podemos recuperar duas obras bibliográficas elaboradas por Nicolas Roubakine que serviriam a esse propósito, como “Entre livros”, de 1905, e “Prática de autoinstrução”, de 1914. O exercício bibliográfico roubakiniano, conforme antes pontuado por Savova (1998), se aproxima do campo da Bibliografia ao se dedicar à descrição de livros, mas, ao mesmo tempo, transcende esse mesmo domínio epistêmico ao ir além do objeto que tem diante de si, ou seja, ao se dedicar a uma dimensão descritiva não apenas em relação aos seus aspectos materiais (dados como título, autoria, data e lugar de publicação, editora, entre outros), mas também e, especialmente, a uma abordagem do conteúdo psicológico de uma obra; uma descrição e um arranjo centrados, portanto, na pessoa leitora a partir de suas particularidades e modos de apropriação de saberes (Ferrière, 1951; Simsova, 1975; Savova, 1998).

Tal proposta se colocaria, conforme observado, diante de um contexto atravessado pela hostilidade do regime czarista em relação, sobretudo, às atividades realizadas por bibliotecas públicas e à vigilância e censura direcionadas aos processos de conhecimento como um todo (Stuart, 1998; Smith-Peter, 2005). O receio estava, em específico, na possibilidade de essas bibliotecas se transformarem em centros de produção e circulação de ideias tomadas como subversivas — o que pode ser entrevisto nas duas bibliotecas de Nicolas Roubakine.

Ainda na segunda metade do século XIX, Elsa Ramírez Leyva (2007b) aponta que os debates acerca da função das bibliotecas assumiria um caráter social em diferentes territórios, como pode ser observado no movimento a favor das bibliotecas públicas no plano do acesso irrestrito ao conhecimento sobretudo em países como Inglaterra e Estados Unidos, junto às próprias discussões sociais e políticas que colocariam as bibliotecas na Rússia no caminho a favor da destituição do czarismo e, depois, como instrumentos de consolidação ideológica do regime soviético. Tal como o horizonte vislumbrado pelo pensamento roubakiniano, significa dizer que o objetivo-fim do trabalho realizado em bibliotecas, no espaço-tempo vivenciado pelo teórico, seria perpassado pela luta pelo esclarecimento do povo russo, dentre uma de suas possibilidades, através das bibliotecas e da própria prática bibliotecária.

Nessa direção, Chubarian ([1981?]) nos chama atenção para a configuração de outras lentes para pensar os conceitos, teorias e métodos do campo biblioteconômico diante de sua função social, contexto em que nos aproximamos do olhar de Roubakine ([1922] 1998) e, de maneira específica, do ensaio publicado em co-autoria com Marie Bethmann em 1937 — em ambos os cenários, encontramos na figura do leitor o núcleo central que orienta a prática bibliotecária; dito de outro modo, tudo por, para e pelo leitor (Rubakin, N.; Bethmann, 1968).

Na visão do bibliotecário russo, as bibliotecas deveriam se voltar para a pessoa leitora e o estudo de suas experiências de leitura, suas necessidades e comportamento psicológico de busca por informação — temática que seria discutida com mais ênfase no plano informacional nos anos de 1970, a partir do estudo de um “usuário” em suas bases cognitivas; ainda que, de maneira diferente ao proposto por Roubakine ([1922] 1998) em sua obra seminal de 1922, não voltado para a concepção desse indivíduo como um ser social que forma e integra a construção de sua realidade em um movimento dialético. Em outras palavras, Roubakine já nos diria, seja em seu *Introduction à la psychologie bibliologique* ou em seu *The*

psychology of the public library, que o centro da biblioteca estaria, portanto, no centro da vida social russa, ou seja, em sua promoção e uso por parte de pessoas leitoras com vistas ao acesso irrestrito ao conhecimento e instrução científica e crítica de mundo, sendo não um lugar apenas para o empréstimo passivo de livros, mas sim de uma postura ativa que vai até o leitor.

Isso nos desloca para o entendimento de que inúmeras das concepções propostas por Roubakine ([1922] 1998) e N. Rubakin e Bethmann (1968) ainda nas primeiras décadas do século XX se aproximam das noções que seriam abordadas por Ranganathan (2009) na Índia dos anos de 1930. Para nós, a compreensão do *locus* da biblioteca como um espaço não apenas para o empréstimo de livros, como também de sociabilidade, produção, circulação e troca de saberes seria apenas uma delas; outras ideias estariam, como já abordado, na compreensão de que “os livros são para usar”, com o intuito de expandir o máximo seu poder de ação sobre a população russa, algo que pode ser igualmente entrevisto na perspectiva da primeira lei rangathaniana e, até mesmo, na própria investigação do leitor para oferecer os livros que mais se aproximam de suas demandas e interesses, o que coloca Nicolas Roubakine e Ranganathan diante de uma dimensão social para o exercício da prática bibliotecária.

Também no que se refere ao propósito social e educativo dessas atividades dada via a centralidade conferida à pessoa leitora, vislumbramos aproximações entre essas duas figuras. Especialmente na segunda lei de Ranganathan (2009), “a cada leitor seu livro”, o bibliotecário indiano aponta, de forma central, para a ideia de que os livros são para todas as pessoas e não apenas para os “poucos eleitos”, demonstrando o comprometimento de sua teoria, assim como fizera Nicolas Roubakine na Rússia do século XIX, com a educação popular e a concepção da biblioteca diante de sua função educativa. Aqui, Ranganathan (2009, p. 50, grifo do autor) nos diz que “se o grito da Primeira [lei] era os livros são para usar, o da segunda é OS LIVROS SÃO PARA TODOS”, afirmando que os livros, como instrumentos de educação, pressupõem, antes, o acesso a essa mesma educação para todos os indivíduos.

Para nós, esta segunda lei é a que mais aproxima o pensamento rangathaniano e a Bibliopsicologia roubakiniana, uma vez que se coloca, igualmente, diante de um horizonte de socialização do livro e do saber, sobretudo às camadas populares, em relação às restrições históricas de condições de

conhecimento centralizadas em uma elite cultural hegemônica que detinha o domínio sobre as formas de produção, circulação, acesso e apropriação de saberes. Uma restrição que é, antes, fruto das intencionalidades desses mesmos grupos dominantes no que se refere ao acesso à informação em relação direta com as categorias sociais de classe e gênero, sem direito à educação e aos instrumentos de educação, ou seja, o perigo da educação à ordem social vigente. No contexto russo, Ranganathan (2009) nos chama atenção para o que seria um questionamento feito por um líder político da extrema direita quando da inauguração de uma biblioteca escolar em Moscou, na Rússia, em 1913: “Como pode o governo tolerar cursos de biblioteconomia, que prepararão o caminho para uma revolução?” (Ranganathan, 2009, p. 54), expondo, mais uma vez, o receio de que atividades e pensamentos como aqueles defendidos por Roubakine alcançassem as massas e colocassem em risco uma estrutura social desigual e benéfica para pequenos grupos hegemônicos — ali na Rússia pré-revolucionária de onde Ranganathan (2009) retira esse questionamento, a elite e o próprio czar.

Apesar dessa aproximação epistêmica entre Roubakine e Ranganathan, entrevista tanto nas noções que orientam a prática bibliotecária, como discutido na seção seis e, aqui, na concepção social da biblioteca, não encontramos, ao longo do percurso investigativo da tese, registros bibliográficos e/ou documentais que apontam para a relação entre essas duas figuras, embora suas teorias, dadas as devidas particularidades de cada abordagem, dialoguem entre si e que o bibliotecário russo e o indiano sejam contemporâneos. Quando Ranganathan publica suas “Cinco leis da Biblioteconomia” em 1931, Roubakine ainda estaria trabalhando em sua ciência bibliopsicológica; não apenas em 1922, menos de dez anos antes, publicaria sua obra seminal, como também, em 1937, publicaria um ensaio junto de Marie Bethmann sobre os fundamentos sociais da biblioteca e das atividades biblioteconômicas sob a perspectiva da Bibliopsicologia (Rubakin, N.; Bethmann, 1968). Ainda assim, não foi possível verificar em nossa pesquisa se essa produção, publicada em Paris, alcançou o território britânico no qual Ranganathan se encontrava à época; se partirmos da pouca repercussão roubakiniana no contexto anglófono, conforme Simsova (1975), é possível desconfiar que não.

É não apenas em Ranganathan que podemos encontrar proximidade entre o pensamento roubakiniano e os contornos sociais entrevistados na epistemologia do campo. Em Shera (1970), no plano da relação entre biblioteca e sociedade, é

possível vislumbrar algumas interlocuções. A partir do que estabelece, junto de Margaret Egan, como epistemologia social, o teórico estadunidense nos diz que o campo biblioteconômico deve se ocupar das finalidades sociais que envolvem a prática bibliotecária e todos os seus instrumentos e atividades, ou seja, deve se preocupar com o conhecimento que a biblioteca comunica e, principalmente, com a importância desse conhecimento para o indivíduo e para a sociedade. Dito de outra forma, o olhar sobre como o conhecimento influencia a sociedade e como a sociedade influencia na produção desse conhecimento para as finalidades que deseja alcançar — mesmo que não em um horizonte praxiológico, como o faz Roubakine ([1922] 1998), mas sim voltado para a posição da biblioteca como parte de um sistema de comunicação social mais amplo.

Esse mesmo sistema dependeria, por sua vez, da linguagem. É a linguagem natural e artificial (documentária) que respalda as atividades bibliotecárias e os seus instrumentos de representação e organização do conhecimento — comunicam, pois, ideias, visões de mundo, valores, princípios e ideologias, expressando um olhar que influencia e é influenciado pelo social. Em outras palavras, é através da linguagem em sua representação simbólica, diante de sua função social — no âmbito da epistemologia social de Shera (1970), ancorar e refletir o sistema de comunicação da sociedade — que o usuário/leitor confere sentido e significado aos livros, à biblioteca e, em sentido amplo, ao mundo, aproximando-se das ideias postuladas pelo pensamento roubakiniano no que se refere à própria prática bibliotecária.

Em mais um movimento que aproxima esses dois teóricos em espaço-tempo distintos, se, em N. Rubakin e Bethmann (1968) os instrumentos biblioteconômicos devem dialogar com a realidade da pessoa leitora, para que ela possa tanto manejar essas ferramentas quanto interpretar a biblioteca como um reflexo da realidade, em Jesse Shera (1970), os sistemas informacionais devem ser estruturados o mais próximo possível do uso que um indivíduo faz do conhecimento registrado, de modo a pensar que os próprios fundamentos da área deveriam se voltar para questões que envolvem o indivíduo, a sociedade e as formas como conhecem e apropriam saberes no contexto da biblioteca e na paisagem social como um todo, enfoque que demandaria uma abordagem sociopsicológica — perspectiva já traçada por Roubakine ([1922] 1998) em sua ciência bibliopsicológica e próxima de uma questão epistemológica norteadora de um paradigma cognitivo, para Capurro (2003), via noção de um ser cognoscente, e que orientaria, igualmente, as discussões iniciais

em BCI sobre a leitura, segundo Dumont (1998). Só que, para Roubakine ([1922] 1998), o foco atribuído ao leitor está não apenas em sua dimensão cognitiva, mas, acima de tudo, em seu aspecto social, como parte de uma construção social da realidade que se manifesta a partir da contradição do mundo social. Seu olhar está, fundamentalmente, na transformação dos artefatos bibliográficos e dos instrumentos biblioteconômicos em fontes para a percepção e compreensão crítica do real (Choldin, 1979; Saldanha, 2019a).

Na abordagem de Shera (1970), no entanto, não encontramos menções ao teórico russo ou à sua Bibliopsicologia, ainda que a própria epistemologia social de Jesse Shera e Margaret Egan seja concebida à luz de sua interlocução com outros campos de conhecimento, como a Sociologia, Antropologia, Linguagem, Economia, Psicologia e Matemática — áreas igualmente entrevistadas, em maior ou menor nível, na tessitura da ciência roubakiniana. Outra proximidade estaria na dimensão prática conferida por Shera (1970) à sua epistemologia social, cuja teoria se desdobra a partir da finalidade de sua aplicação no campo biblioteconômico e, nesse âmbito, à prática bibliotecária e à elaboração de instrumentos biblioteconômicos — ainda que, novamente, não voltada para um horizonte praxiológico, como o fazem N. Rubakin e Bethmann (1968).

Diante dessa paisagem, é possível dizer que o bibliotecário russo estaria, assim, diante de uma proposta social imbricada em um horizonte praxiológico: o uso dos saberes, do livro e da leitura para o alcance de tomadas de consciência crítica coletiva sobre as contradições do império russo — o propósito social-político-revolucionário que pode ser entrevisto em seu pensamento e nas atividades realizadas em suas duas bibliotecas. Esta dimensão estaria, se partirmos das considerações de Mostafa (1985), Targino (1997) e Meneses Tello (2021), no solo epistêmico do que concebemos como uma práxis bibliotecária — e, no vocabulário de Nicolas Roubakine, uma práxis bibliopsicológica —, ou seja, atividades biblioteconômicas que se desdobram sobre um horizonte teórico orientado por e para sua prática na realidade social, intimamente comprometida com as condicionantes históricas, sociais e políticas que mobilizam esta mesma prática e as possibilidades de transformação do mundo.

Na aproximação teórica e epistemológica que pode ser entrevista entre o pensamento roubakiniano e os construtos que seriam posteriormente abordados por Ranganathan (2009) nos anos de 1930, Egan e Shera (1952) e Shera (1970) em

uma proposta de observação social para o campo, é possível antever na Bibliopsicologia do pensador russo, ainda ali, na e para a Rússia no final do século XIX e início do XX, um referencial teórico que oferece um terreno social, crítico e dialético para essas fontes futuras. Colocado de outro modo, diferentes lentes de investigação epistêmica em BCI através do olhar de Nicolas Roubakine, cujas relações podem ser verificadas, mesmo que sem menção ao bibliotecário russo, tanto nas cinco leis rangathanianas como na Epistemologia Social de Egan e Shera (1952). Para nós, significa dizer que a prática bibliotecária roubakiniana, alinhada a uma teoria social da leitura no contexto de opressão czarista, nos conduz ao entendimento de que o pensamento de Roubakine estaria, pois, diante de uma práxis transformadora, tema da próxima subseção.

8.3 PRÁXIS TRANSFORMADORA

A teoria social da leitura tecida por Roubakine, junto à sua prática bibliotecária, nos traz ao terreno de sua práxis transformadora, respaldada na própria orientação central que demarca o percurso de sua ciência: o esclarecimento do povo russo, em especial, das massas populares trabalhadoras oprimidas pelas condições de vida assimétricas forjadas pelo império czarista, com o intuito de despertá-las para a percepção crítica do real. No âmbito de sua busca por uma práxis transformadora, os conceitos e categorias que mobilizam sua biobibliografia e sua ciência (livro, leitura, pessoa leitora, biblioteca, trabalho bibliotecário, Bibliopsicologia) assumem uma perspectiva social, crítica e política capaz de transformar a realidade ao redor. São não apenas reflexos da realidade e de todo o conhecimento humano já registrado (sociais, portanto, em sua natureza, se recorrermos à Mostafa, 1985), como também instrumentos de luta revolucionária pela verdade e pela justiça, ou seja, de luta pela justiça social — a socialização do livro e da educação, o acesso irrestrito ao conhecimento e às possibilidades de reconhecimento crítico de uma realidade que era, ali, perpassada por condições desiguais e opressoras de existência.

No ponto que conecta os construtos sociocríticos roubakinianos a um horizonte de práxis transformadora que orienta teoria e prática de seu pensamento, este, dado à luz de uma paisagem social e politicamente tecida, sobressaem os diálogos com uma das linhas de investigação propostas para uma teoria crítica da informação; esta, segundo Bezerra (2019), ancorada na perspectiva teórico-crítica

frankfurtiana da década de 1930 e cujos construtos dialéticos e conceitos marxianos também podem ser entrevistados, sob abordagens epistemológicas distintas, no interior das reflexões tecidas por Solange Mostafa (1985) e Maria das Graças Targino (1997). Trata-se, pois, de posicionar a *episteme* do campo biblioteconômico-informacional, em uma de suas vias científicas de configuração — proposta, para nós, via pensamento revolucionário de Roubakine sobre a leitura —, no centro das ações de exercício de uma mentalidade social e crítica que busca em uma práxis transformadora caminhos que demonstram a natureza epistêmica da BCI em seu comprometimento histórico com a justiça social e os modos de transformação do mundo.

Dito de outra forma, horizontes que retiram da vida social (contextos tradicionalmente marcados por desigualdades sociais, econômicas, políticas) dados para pensar sobre a atuação do conhecimento e do próprio campo nessa mesma vida social. Em sua Bibliopsicologia, por exemplo, Nicolas Roubakine ([1922] 1998) nos diz que retira da vida russa czarista fatos, objetos, teorias e materiais que o permitem refletir sobre as formas de potencializar os impactos do conhecimento nessa mesma vida russa (a teoria seria um meio e, a prática, pois, seu fim), ou seja, o bibliotecário em um ciclo de formulações teóricas que buscam sua aplicação na prática de transformação do mundo. Aqui, emerge o protagonismo das classes trabalhadoras com as quais Roubakine teve contato na fábrica de seu pai e nas ações de instrução popular, cuja voz deveria ser decisiva na condução dos rumos da humanidade; é, precisamente, em um proletariado consciente que o teórico russo enxerga as possibilidades de transformação das condições de vida forjadas pelo czarismo. É da práxis transformadora que Nicolas Roubakine acredita ser possível conscientizar criticamente a população russa sobre as assimetrias às quais estava submetida sob o império do czar, contexto em que indaga sobre as condições de aplicação de sua ciência para o alcance de uma vida nova, ou seja, para uma realidade de justiça social.

No olhar de Mostafa (1985), estaria dado, aí, a contradição entrevista no caráter social das forças produtivas (o conhecimento criado por e para a sociedade) em contraposição à apropriação privada dos meios de produção, em domínio de uma classe hegemônica minoritária — o próprio Roubakine ([1922] 1998) nos diria que a divisão da sociedade em classes já seria uma contradição ao princípio social, ou seja, à natureza social da produção do conhecimento. Mais ainda, estaria dado, aí, segundo a autora, os contornos “antissociais” que encontram-se no interior da

fundamentação epistemológica do campo, a qual se desdobra sob e sobre um discurso não comprometido, esta é a sua tese, com a justiça social.

Essa perspectiva, em relação às categorias de historicidade, totalidade e tensionalidade propostas por Cardoso (1994) para a observação epistemológica da BCI e dadas diante de um referencial marxiano, estaria ausente tanto em Pierce Butler (foco central de Mostafa, 1985) em sua delimitação científica do campo como ciência social ainda na década de 1930 (embora o teórico reconheça a natureza social do conhecimento e da Biblioteconomia), bem como na estrutura epistemológica dita fundacional para os estudos que seriam concebidos como informacionais, construídos a partir de um olhar positivista dado para além de seu contexto de ocorrência, sob uma posição dita neutra, objetiva e precisa de observação da realidade. Para Mostafa (1985), ao teorizar por sobre a sociedade e não junto à sociedade, a Biblioteconomia e a Ciência da Informação não poderiam ser instrumentos de transformação.

Em Roubakine ([1922] 1998), por outro lado, em diálogo com as perspectivas trazidas por Mostafa (1985), Cardoso (1994) e Targino (1997), podemos sugerir que há, em sua teoria e em sua prática, um olhar sobre e para o campo à luz de um tecido social que se estabelece a partir de uma ordenação desigual da sociedade e de seus produtos e meios de produção, para recorrer às categorias marxianas que formam as abordagens das autoras. Ainda que, conforme Salomão e Bezerra (2023), não se apoie em um materialismo histórico como lente de observação da sociedade, Roubakine parece entender e demonstrar que o seu trabalho está dado por e para uma práxis: a possibilidade de transformação social enunciada pela própria *episteme* do campo — o livro, a leitura e o leitor como categorias de força e luta revolucionária, fundada na e para a transformação da sociedade.

Nesta paisagem sobressai, centralmente, a figura do leitor como conceito e aplicação da praxiologia roubakiniana. Como fruto de seu percurso de investigação e de suas vivências com as ações de educação popular, popularização científica e leitura para o povo como modo de prover a classe trabalhadora russa com os saberes críticos que poderiam conduzi-la aos modos de luta contra as opressões e desigualdades perpetradas pelo império do czar, Nicolas Roubakine estabelece uma dimensão sociocrítica para sua teoria, ancorada em um horizonte comprometido com os modos de transformação da realidade social a partir do estudo particular do leitor e das experiências de leitura em um dado contexto. As vivências empíricas do

teórico em bibliotecas, trocas de correspondências com leitores e produção de material para a autoinstrução o levariam a adotar uma perspectiva intersubjetiva para a sua ciência, na qual, apesar de um método indutivo e integral de apropriação de saberes que serviria para “qualquer” leitor em uma concepção generalizável, se apoia na investigação sobre a condição sócio-histórica desse indivíduo diante de configurações psicológicas, emocionais, físicas, sociais, históricas e políticas igualmente particulares.

No horizonte roubakiniano, a figura leitora (ou usuário, para a BCI), já estaria dada na própria natureza de sua ciência: como o objeto livro (tudo aquilo que pode ser lido) age sobre a mentalidade do indivíduo leitor e, depois, da própria humanidade, em um espaço-tempo socialmente construído, contexto em que se aproxima das ciências sociais, em especial, da Psicologia — abordagem epistêmica que, no plano informacional, se daria a partir de uma perspectiva cognitiva (para Capurro, 2003, um “paradigma cognitivo”), estudada com maior ênfase a partir da década de 1970, com um enfoque direcionado para um “usuário” em suas bases cognitivas (o estudo sobre como conhece e introjeta conhecimento com vistas ao aprimoramento dos sistemas de busca e recuperação da informação).

Na interpretação de Araújo (2003), é neste marco temporal que repousa a contribuição das ciências humanas e sociais, com seus métodos, objetos, teorias e práticas, para a Biblioteconomia e Ciência da Informação. É aqui, centralmente, que o campo biblioteconômico-informacional se inscreve no domínio das ciências sociais e traz a figura de um “usuário” para o centro de suas investigações, próximo, no entanto, de um modelo positivista que encontra nas ciências exatas, através da física social comteana, maior identidade de propostas e métodos — o estudo da realidade social sob uma ótica quantitativa, estatística, objetiva e aparentemente neutra.

A aproximação epistêmica com as ciências sociais e com a concepção de um indivíduo cognoscente não representa, contudo, a demarcação numa abordagem social que considera a realidade em sua construção dialética, ou seja, que considera as práticas e ambientes sociais que significam e dão sentido aos modos de conhecer, apropriar e utilizar saberes em seus contextos de existência. Para Capurro (2003), apesar de um enfoque social centrado em um “usuário”, um ser que conhece, permanece a perspectiva cognitiva no sentido de investigar sob quais condições os processos informativos transformam sua estrutura cognitiva e mental,

sem uma preocupação, ainda, com sua posição no tempo e no espaço, ou seja, com as condicionantes internas e externas que interferem em seus modos de conhecer, apropriar e utilizar a informação no mundo social, ou seja, sem relação com um horizonte de construção social — a informação seria algo separado do usuário e não construído no usuário, fora dos condicionamentos sociais e materiais de sua existência.

Uma das dimensões sociais possíveis para a abordagem da informação e os processos que envolvem sua produção, circulação, apropriação e uso em um horizonte pragmático surge, segundo as colocações de Mostafa (1985), Cardoso (1994), Targino (1997) e Araújo (2003) aqui seguidas, a partir da aproximação do campo com uma perspectiva crítica que se daria, centralmente, via um referencial teórico marxiano (Araújo, 2003) construído com base nas categorias de historicidade, totalidade e tensionalidade (Cardoso, 1994), da condição histórica e material do discurso biblioteconômico-informacional em sua prática social e transformadora à luz dos obstáculos impostos por uma distribuição desigual de produtos e seus meios de produção, ou seja, as assimetrias nas condições de conhecimento (Mostafa, 1985), e do conceito de práxis bibliotecária entrevisto no fazer profissional do campo (Targino, 1997).

Para Capurro (2003), esta abordagem estaria, ainda, nas discussões que tomam forma a partir dos anos de 1990 sob uma perspectiva sociocrítica, na qual sobressai o papel ativo do usuário nas dinâmicas informacionais, decorrente de sua posição na realidade social, ou seja, dos interesses, contextos e intersubjetividades que marcam essas ações no interior de relações, práticas e discursos sociais — embora o avanço dos paradigmas epistemológicos enunciados pela abordagem capurriana (físico > cognitivo > social) não constitua, em si mesmo, uma temporalidade histórica linear. Antes disso, no próprio campo biblioteconômico, o pensador uruguaio vislumbra abordagens sociais nos estudos realizados ainda na Escola de Chicago, a partir da epistemologia social de Jesse Shera e Margaret Egan (1952) nos anos de 1950 — e, poderíamos incluir, a partir de Mostafa (1985), de Pierce Butler na década de 1930. Para nós, como veremos, seria possível recuar mais ainda neste processo histórico, no qual encontramos em Nicolas Roubakine, na virada do século XIX para o XX, raízes para pensarmos a *episteme* do campo sob o gesto leitor da palavra e do mundo. Em outras palavras, uma perspectiva sociocrítica

para pensar a informação e seus impactos em uma realidade social atravessada por constantes relações e disputas por poder (Saldanha, 2019b).

A questão/provocação que se coloca para nós é: esta perspectiva social, crítica e, sugerimos, praxiológica, pode ser encontrada já na teoria social da leitura roubakiniana, junto à sua concepção teórica, epistemológica e metodológica acerca dos elementos que formam, por sua vez, a própria *episteme* do campo biblioteconômico-informacional em sua dimensão social, crítica e comprometida com os modos de transformação do mundo. Neste enfoque, noções como livro, leitor, leitura, biblioteca, produção, circulação e apropriação de saberes são dadas à luz de um plano social, histórico e politicamente construído ainda nas últimas décadas do século XIX, no calor dos acontecimentos que marcariam a destituição do império czarista em uma Rússia pré-revolucionária e, depois, resultariam na Revolução de 1917. Tais perspectivas ocupam não só o centro da epistemologia da ciência roubakiniana - esta, por sua vez, tecida em diálogo com o próprio contexto científico das áreas com as quais faz fronteira (a Psicologia como exemplo central) — como também, em nossa interpretação, sugerem outras lentes epistêmicas para pensarmos a leitura e o próprio campo da BCI.

Se retomarmos, por exemplo, o discurso epistemológico sobre a leitura no campo, em especial no olhar estadunidense que ocuparia uma das linhas de investigação centrais para a consolidação da Biblioteconomia e Ciência da Informação no contexto ocidental, sobressai na Escola de Chicago, a partir dos anos de 1920 e 1930, uma das lentes de sistematização não apenas para as discussões sobre a leitura, mas também para a própria cientificidade do que viria a ser uma “ciência biblioteconômica” sob um enfoque social. Encontramos, aqui, a busca por uma delimitação científica da Biblioteconomia sob os esforços de Pierce Butler (1971) em 1931, as investigações de Douglas Waples sobre os impactos sociais da leitura sob uma abordagem psicológica nessa mesma década e, depois, nos anos de 1950, a epistemologia social de Shera e Egan (1952) no centro de constituição de uma fundamentação social para o estudo dos fenômenos informacionais — embora, nesse momento, nenhuma delas estivesse vinculada a um horizonte sociocrítico ou praxiológico de observação.

Além disso, este contexto de sistematização epistemológica da leitura como disciplina científica no discurso biblioteconômico-informacional em uma das principais escolas de pensamento social do campo no século XX, a de Chicago, é

um período, segundo Ramírez Leyva (2007b), demarcado por pesquisas voltadas para a pessoa leitora em sua dimensão psicológica e sociológica tanto no contexto ocidental como no plano soviético, conforme nos apontam as lentes de Chubarian ([1981?]). Este marco temporal é, igualmente, o cenário em que Nicolas Roubakine não só estaria vivo, como estaria, ainda, trabalhando em sua teoria bibliopsicológica (sua obra seminal seria publicada em Paris poucos anos antes, em 1922, e o teórico publicaria na década de 1930, junto com Marie Bethmann, um texto que abordaria a visão bibliopsicológica da prática bibliotecária, também publicado em Paris). É interessante observar, contudo, que ausentam-se ou são incipientes, nesta configuração anglófona dos estudos sociais da leitura, o diálogo com a teoria social da leitura proposta por Roubakine, conforme já colocado por Simsova (1975) e discutido ao longo de toda esta reflexão.

Aqui, Karetzky (1982) aponta que os pesquisadores da Escola de Chicago tinham conhecimento de trabalhos científicos realizados fora dos Estados Unidos, como as pesquisas realizadas na Europa e, até mesmo, na própria União Soviética; em específico, como já comentado, as pesquisas sobre a leitura do alemão Walter Hofmann chegariam ao território estadunidense via Douglas Waples. Essa ressonância se daria, sobretudo, a partir de resenhas de livros sobre a temática, sendo um modo de informar os pesquisadores sobre novas pesquisas realizadas fora dos EUA. Muitos trabalhos da Alemanha foram resenhados por Waples, especialmente os de autoria de Hofmann, em periódicos como o *Library Quarterly*, da mesma forma em que Waples alcançaria Inglaterra, Alemanha, Índia, Peru e, até mesmo, Rússia — o autor sugere que Roubakine tenha conhecido os trabalhos de Waples e Hofmann, embora não traga nenhum registro documental que possa respaldar essa aproximação.

Interessante observar, como já pontuado por Simsova (1966a), um certo silêncio sobre as teorias roubakinianas no contexto anglófono biblioteconômico, em um período de intenso desenvolvimento da leitura como campo científico nos EUA a partir do olhar da Psicologia e da Sociologia. Apesar da confluência teórica entre Europa e EUA, a autora destaca a escassez de trabalhos de e sobre Roubakine em língua inglesa (o autor nasceu na Rússia, mas viveu grande parte de sua vida na Suíça), exceto pelo artigo de Lydia Turin, na Psicologia, a tradução do questionário *Reader, know thyself* em 1934 e um breve obituário em 1947, ambas no *Library Journal* (o que evidencia, de certa maneira, um conhecimento sobre o pensamento

roubakiniano). O olhar simsoviano, somado à extensa sistematização de Karetzky (1982), parecem apontar para uma incipiência de repercussão de Roubakine no contexto anglófono do campo, o que não parece ter acontecido com figuras como Walter Hofmann, por exemplo.

Não sabemos se ou como essas figuras se conheceram ou se influenciaram (não há evidências dessa aproximação nem na obra roubakiniana de 1922 nem nas fontes às quais tivemos acesso ao longo da tese). Ao mesmo tempo, é interessante observar a proximidade dessas duas figuras em relação a alguns aspectos: a) o foco na psicologia do leitor; b) o método de coleta de dados (a partir da visão do próprio leitor de como o livro o afeta, via um questionário sobre se a obra foi útil ou não); c) a ideia de que esse método possibilitaria o estudo do leitor e da leitura; d) a busca do “melhor” livro para um dado leitor; e) o propósito educacional da biblioteca; e f) o enfoque na classe trabalhadora, como visto no título da obra de Walter Hofmann, *Psychologie des proletariats*, embora não saibamos se as camadas trabalhadoras representavam o núcleo focal de suas pesquisas.

De igual maneira, as *Sociological foundations of librarianship*, produção na qual Jesse Shera (1970), ao abordar os aspectos sociológicos entrevistados na fundamentação do campo biblioteconômico-informacional, toca na temática da leitura, o pesquisador estadunidense se pergunta como a palavra impressa pode afetar condutas individuais e coletivas, revelando as dificuldades de mensuração, de forma precisa e exata, da extensão dos impactos da leitura na sociedade, em especial, na comunicação social e no comportamento humano como um todo (tema discutido exaustivamente por Nicolas Roubakine desde o final do século XIX). Aqui, Shera (1970) aponta, a partir da figura de Douglas Waples, para a necessidade de se voltar para as problemáticas psicológicas envolvidas no ato de ler, de modo a recorrer a outras disciplinas para ter essas respostas, com vistas a aprimorar os instrumentos biblioteconômicos e, com isso, fazer a informação chegar até o leitor — estudar, pois, este leitor (ou, usuário) em uma abordagem psicológica.

Em Nicolas Roubakine ([1922] 1998), podemos reconhecer categorias sociais dadas a partir dos estudos da leitura, via a centralidade do indivíduo leitor, em proximidade com as áreas científicas das ciências exatas e sociais; o resultado dessa interlocução se coloca diante da constituição de categorias de luta e força revolucionária pela transformação social. Trata-se de pensar o indivíduo, seus processos de conhecimento e a própria Bibliopsicologia roubakiniana diante de um

real socialmente construído que reflete e é refletido pelas condições de vida desse mesmo ser. Essa perspectiva nos sugere, mais uma vez, a biobibliografia de Roubakine e suas próprias reflexões críticas sobre sua realidade na construção de uma ciência desenvolvida por um indivíduo social e direcionada igualmente para seres sociais que se encontram em condições desiguais e autocráticas de existência. É, pois, na leitura que o bibliotecário russo reconhece a compreensão do campo e de sua *episteme*, ou seja, no solo de uma teoria social da leitura e de sua prática bibliotecária.

Dito de outra forma, dentre uma das interpretações epistemológico-históricas possíveis para a constituição dos estudos científicos da leitura no campo, repousa a contribuição teórica e metodológica do pensamento de Roubakine no plano do estudo e da formação de leitores, bem como da atuação bibliotecária orientada para uma prática no real, sob o olhar do Leste Europeu na virada do século XIX às primeiras décadas do XX. É, fundamentalmente, neste contexto que sobressai, pela própria via roubakiniana, a operacionalização do conceito de leitura como categoria praxiológica que representa, poderíamos sugerir, uma das estruturas da epistemologia que integra e forma o território biblioteconômico-informacional, demonstrando os caminhos de influência da obra de Nicolas Roubakine, bem como de sua biobibliografia, para os estudos sociais da leitura em BCI.

Não nos cumpre aqui, porém, posicionar um discurso de pioneirismo em Roubakine, tampouco desconsiderar os avanços teóricos e metodológicos nos estudos sociais da leitura em outras fontes epistemológicas do campo. Nos interessa destacar a lente roubakiniana sobre esta configuração epistêmica que, em nosso olhar, aponta para uma certa originalidade, para seu espaço e seu tempo, de uma forma de ruptura com a epistemologia até ali conhecida por Nicolas Roubakine nos estudos da leitura, do leitor, do livro e das bibliotecas. Em nossa compreensão, o pensamento roubakiniano demonstra a necessidade de nos voltarmos para as especificidades de quem lê diante de uma sociedade que se manifesta sob diferentes formas de opressão e desigualdade pela via, dentre suas possibilidades, do conhecimento registrado.

8.4 UMA SÍNTESE DA REVOLUÇÃO EPISTEMOLÓGICA DO PENSAMENTO DE NICOLAS ROUBAKINE?

Diante de todo o esforço intelectual e aplicado, ou seja, da praxiologia que condiciona a biobibliografia roubakiniana, nos voltamos para a seguinte indagação: como não antever uma revolução epistemológica que sobressai no pensamento de Roubakine e em seu percurso biobibliográfico? Perguntamos à comunidade leitora desta reflexão. Em sua *Introduction à la psychologie bibliologique*, bem como no curso de sua atuação como bibliotecário, teórico, educador, bibliógrafo e popularizador da ciência em meio às assimetrias sociais, políticas e econômicas no contexto da Rússia imperial czarista, Roubakine apresenta uma proposta, a Bibliopsicologia e os estudos da ação leitora, que permite revolucionar a ciência que tem como objeto, criação e foco social e praxiológico.

Na tessitura de seu pensamento, é possível vislumbrar, desde as experiências iniciais com a leitura na Biblioteca L. T. Rubakina até a consolidação desse mesmo pensamento em sua obra de 1922, um esforço teórico e aplicado que (re)configura as noções que integram a *episteme* do campo biblioteconômico-informacional, como a leitura, o livro, o leitor, a biblioteca e o trabalho bibliotecário. Estas, alinhadas diretamente a um horizonte que posiciona a pessoa leitora, seu contexto e sua leitura de mundo e da palavra no centro de sua epistemologia bibliopsicológica no diálogo com a construção sócio-histórica da realidade.

Tal pensamento demonstra, de igual maneira, um vasto território de articulação entre a ciência da Bibliopsicologia e os construtos teóricos, históricos e epistemológicos fundantes em Biblioteconomia e Ciência da Informação, entrevistados pelo bibliotecário russo ainda ali, no final do século XIX e início do XX, por uma lente epistêmica que posiciona na leitura, no indivíduo leitor e em sua apropriação diante de uma realidade social e historicamente tecida uma proposta de fundamentação praxiológica para o campo. Como não indagar e antever, aí, uma proposta epistemologicamente revolucionária na ciência roubakiniana?

Fruto de sua paisagem social, histórica, política e científica, do olhar positivista que marcaria a constituição inicial das ciências sociais e da própria teoria social de Roubakine, além das contradições e complexidades que integram seu percurso biobibliográfico na Rússia pré-revolucionária, como não vislumbrar em seu pensamento, repetimos, aspectos que seriam desenvolvidos décadas depois nos estudos predados como informacionais? Mais uma vez, não se trata aqui de

apontar ou atribuir marcos temporais fixos que afirmam um pioneirismo da ciência roubakiniana aqui e ali, mas sim de reconhecer uma certa originalidade, em e para seu espaço e seu tempo, que rompe com a epistemologia conhecida até então por Roubakine no que se refere à abordagem do leitor, do livro, da leitura e da biblioteca.

Sob uma outra interpretação, não significa dizer que Nicolas Roubakine inaugurou os estudos sobre o gesto leitor e sua compreensão social, mas sim que o pensador russo propõe uma abordagem até então não explorada tanto pelas ciências que tratam do livro, como os estudos literários, a Bibliologia e a Bibliografia, quanto pelas lentes epistêmicas de sua época. O teórico estava a pensar conceitos, definições e noções que seriam tratadas depois em BCI, especialmente em seus estudos predados como sociais, nas reflexões de Ranganathan, Pierce Butler, Douglas Waples, Jesse Shera e pela configuração epistemológica dos estudos informacionais desde os anos de 1960 e suas fronteiras disciplinares — o olhar roubakiniano com enfoque para a centralidade do leitor que pode ser entrevisto nas investigações sobre um indivíduo “usuário” a partir da década de 1970, e nas disciplinas no escopo da Organização e Representação do Conhecimento. Não podemos esquecer, contudo, que esta mesma dimensão social e aplicada, sob a via roubakiniana, seria demonstrada nas pesquisas conduzidas por Sylva Simsova e Oleg Chubarian no plano biblioteconômico do Leste Europeu ainda nas décadas de 1960 e 1970.

O pensamento roubakiniano demonstra ainda, em toda sua tessitura, uma abordagem epistemologicamente revolucionária que encontra na pessoa leitora e na leitura uma práxis transformadora que seria o coração dos estudos biblioteconômico-informacionais. Mais ainda, que encontra na vida social, nas assimetrias vivenciadas pela classe trabalhadora em meio ao contexto imperial czarista russo, ou seja, em meio às opressões, às violências, às deportações, às perseguições, às prisões e às mortes, um modo de teorizar e demonstrar de que forma sua ciência, a Bibliopsicologia, poderia constituir um esforço revolucionário de resistência, enfrentamento e transformação das condições de vida forjadas por um regime político que se colocava como um obstáculo ao alcance de uma “vida nova”. Além disso, de uma ciência que, até o momento, não reconhecia toda a potência do livro e da leitura, os instrumentos mais poderosos na luta pela verdade e pela justiça.

Esta tese é, portanto, uma forma de identificar e de problematizar as tantas e quantas lacunas ainda a se investigar no pensamento legado por Roubakine ao que

hoje consideramos se denominar Ciência da Informação e suas fronteiras disciplinares. Que os estudos roubakinianos porvir possam contribuir para estas respostas sobre o passado, o presente e, fundamentalmente, o futuro de uma re-humanização da humanidade a partir da compreensão do conhecimento manifesto nos livros através das pessoas leitoras em seus contextos sociais.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS?: o porvir de uma travessia epistêmica em e a partir de Nicolas Roubakine

Mas minha busca não é somente teórica, ela é acima de tudo prática (Roubakine [1922] 1998, p. 10, tradução nossa).⁴²²

Não foi tarefa fácil chegar até aqui. Desde a sala 201 da Unirio, em pleno verão carioca de janeiro de 2013, com o convite para integrar o grupo de pesquisa *Ecce Liber: Filosofia, Linguagem e Organização de Saberes*, até novembro de 2025, quando esta pesquisa chega às suas considerações finais (ou, poderíamos dizer, iniciais, diante do vasto território ainda a ser explorado), a travessia epistêmica pela (re)constituição do pensamento de Nicolas Roubakine perpassa, mais uma vez, o percurso autobiobibliográfico que demarca esta tese. Esta trajetória tem início, como já relatado, ainda na formação desta pesquisadora como leitora, diante de uma curiosidade acerca das formas de pensar e repensar o mundo a partir das leituras de mundo de outras pessoas, seja no âmbito das feiras de livro, dos clubes de leitura ou, até mesmo, das experiências subjetivas de leitura que se tornam intersubjetivas ao dialogar diferentes mentalidades, leituras de mundo e concepções do real.

Das feiras de livro, dos clubes de leitura e das inquietações sobre como as experiências de leitura e o livro podem configurar elementos de transformação pessoal e social, chegamos ao terreno da leitura em Biblioteconomia e Ciência da Informação. As lentes abertas pela pesquisadora brasileira Lúcia Maria Moreira Dumont, a partir de seus estudos sobre o gesto leitor em suas diferentes manifestações sociais — entre elas, a que mais nos chama atenção, a investigação sobre os sentidos e experiências de leitura de mulheres leitoras de romances, manifestada em sua tese de 1998 defendida no PPGCI Ibict-UFRJ —, nos despertaria para as possibilidades de investigação, no próprio campo biblioteconômico-informacional, acerca da leitura em sua dimensão teórica, epistemológica, histórica e praxiológica; daí surgiriam as indagações que nos desvelariam os potenciais de transformação social a partir dos atos de ler.

Dentro e junto do *Ecce Liber*, em toda sua metodologia rigorosamente indisciplinada, mergulharíamos nas feiras de livro na cidade do Rio de Janeiro, nas livrarias, nos bares e nos cafés no Centro Histórico, nos clubes de leitura e, por quê

⁴²² No original: *Mais ma recherche n'est pas seulement théorique, elle est avant tout pratique* (Roubakine, [1922] 1998, p. 10).

não, na exposição igualmente indisciplinada de 2016. Esta trilha é aqui retomada não em uma espécie de rompante catártico emergido da urgência de registrar toda a travessia epistêmico-afetivo-simbólica que marca os mais de dez anos de estudos dedicados ao *Ecce Liber* e à leitura; muito mais do que isso, trata-se de um esforço — obviamente insuficiente — de relatar a construção de um percurso autobiobibliográfico que nos traz ao pensamento de Nicolas Roubakine.

Da sala 201 da Unirio com Gustavo Saldanha até Lígia Dumont, e de Lígia Dumont até a sala do Ibict em 2018, novamente com Gustavo Saldanha e seu “você precisa ler Nicolas Roubakine”, a biobibliografia do bibliotecário russo estaria sendo pacientemente tecida. Uma sugestão quase que premonitória, se tomarmos aqui uma certa liberdade epistemológica, que nos conduziria à Nicolas Roubakine e, de Nicolas Roubakine, ao seu pensamento centenário e epistemologicamente revolucionário. Por isso, retomamos a afirmação que inaugura esta seção “final”: não foi tarefa fácil chegar até aqui. (Re)constituir, pelas lentes do discurso biblioteconômico-informacional, um outro caminho de reflexão sobre os fundamentos dos estudos da leitura sob uma via social a partir de Nicolas Roubakine é, também, reconstituir o percurso como pesquisadora, bibliotecária, leitora — da palavra e do mundo — que tornou possível chegar até aqui. Não se trata de afirmar que Nicolas Roubakine não seria discutido no campo se não fosse esta pesquisa. Muito pelo contrário, o teórico russo já estava aqui, na Biblioteca Municipal de São Paulo, desde a década de 1950, bem como suas fontes biobibliográficas estão presentes nas bibliotecas da UnB e UFMG desde os anos de 1970, e nas pesquisas históricas e epistemológicas de Edson Nery da Fonseca nesse mesmo período.

No entanto, trata-se, esta pesquisa, de um esforço de sistematização do pensamento roubakiniano desvelado por esta mesma tese, muito menos em uma tentativa de se tornar “inédita” e muito mais com o desejo de lançar luz e reconhecer, a partir das lentes abertas e das lacunas, articulações, teorizações e aplicações ainda a serem tecidas em e a partir de Nicolas Roubakine, a atuação de uma figura que consideramos ser central para a constituição epistemológico-histórica dos estudos da leitura em Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Junto e para além de Nicolas Roubakine, um bibliotecário, bibliógrafo, popularizador da ciência e educador russo do final do século XIX e início do XX, cujo esforço positivista de mensurar, da e para a Rússia, a ação leitora em um espaço-tempo condicionado por assimetrias de classe e distribuição do

conhecimento, buscamos no decorrer desta reflexão compreender os caminhos que constituem sua biobibliografia. Roubakine, que nasceu na Rússia em 1862, filho de uma bibliotecária e defensora da educação popular, encontraria lentes de articulação no Brasil de 2025, a partir de seu pensamento centenário e, acreditamos, epistemologicamente revolucionário, o qual enxerga na leitura para as massas populares, oprimidas por diferentes modos autocráticos e desiguais de ordenação do mundo, um potencial para a transformação das assimetrias que marcam, historicamente, esse mesmo mundo — sobretudo se olharmos de um ponto de vista da distribuição desigual dos meios de produção e das condições de conhecimento do sistema capitalista sob o qual vivemos.

Para muito além das perspectivas sociocríticas que ancoram nossa lente de observação do pensamento roubakiniano, é possível vislumbrar ainda, não apenas em sua ciência bibliopsicológica tecida por e para o social, mas também em sua prática bibliotecária, práxis bibliopsicológica e em sua biobibliografia, a abertura de outros horizontes de reflexão para os campos da Psicologia, estudos literários, estudos da linguagem, Bibliografia, Bibliologia, Representação e Organização do Conhecimento. Margens de articulações sobre as particularidades que envolvem a ação de um objeto de leitura — seja o livro, tudo aquilo que pode ser lido, ou o mundo — em uma pessoa leitora, também leitora da palavra, de mundo e posicionada de modo específico em sua realidade socialmente construída.

No entanto, a busca por sua biobibliografia perpassa, no exercício metodológico seguido por esta tese, uma série de desafios e percalços, os quais, conforme antes relatado, integram o nosso percurso autobiobiográfico. Desde a sala do Ibict em 2018, na ocasião de acesso à obra seminal roubakiniana, ao mesmo tempo em que nos inquietaram as fontes ali desveladas sobre os traços biográficos e a produção de Roubakine, se impuseram as restrições linguísticas da pesquisadora, que não lê em russo ou em qualquer outra língua eslava — idiomas de grande parte dos textos recuperados — junto às dificuldades de acesso (remoto e presencial) a essas fontes, muitas não disponíveis *online* ou em acesso aberto, mas sim localizadas em bibliotecas que vão dos diferentes estados do Brasil até os Estados Unidos, México, Suíça e Inglaterra. Mais ainda, a pouca repercurssão do pensamento roubakiniano não só no Brasil e América Latina, mas também no contexto ocidental do campo de maneira geral, também impôs algumas limitações à busca biobibliográfica aqui intentada.

Ao mesmo tempo, tal paisagem nos redirecionou para a procura por outros caminhos metodológicos que desvelam — ainda que diante de uma incipiência de fontes se comparado ao vasto território roubakiniano — indícios de sua presença em diferentes territórios geográficos, o que abre outras lentes para pensar Roubakine em seu espaço, em seu tempo, mas também em sua circularidade epistêmica, ou seja, em suas possibilidades de diálogos com diferentes disciplinas, correntes e articulações. Como refletir sobre a presença de Nicolas Roubakine no acervo da Biblioteca Professora Etelvina Lima, da Escola de Ciência da Informação da UFMG, e na Biblioteca Central da UnB? Como explicar a primeira edição da biografia roubakiniana de Aleksandr Rubakin (1967) na Biblioteca da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP? Indagamos à comunidade leitora deste estudo. Estas e outras tantas perguntas ainda estão a ser desvendadas.

A decisão metodológica pelo território do conceito de *iter*, ou seja, de percorrer os caminhos geográficos na busca pela biobibliografia roubakiniana no Brasil e no mundo, a partir do contato com instituições e pessoas bibliotecárias, acabou desvelando e alcançando a própria (re)constituição de Nicolas Roubakine em BCI. O contato com a Biblioteca Digital Curt Nimuendajú e com a Biblioteca Municipal de São Paulo nos revelaram, por exemplo, um artigo sobre a Bibliopsicologia roubakiniana ainda em 1951 (Ferrière, 1951); e a Biblioteca do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ, a partir dos esforços bibliotecários a favor do compartilhamento de conhecimento, tornou possível a disponibilização, em acesso aberto, da tese simsovia sobre o pensador russo (Simsova, 1975) — um dos, senão o maior, esforço de sistematização do pensamento de Nicolas Roubakine no plano ocidental em BCI. Temos, agora, em novembro de 2025, esta fonte central para (re)descobrir Roubakine, em acesso aberto. Junto de tantos percalços, mas também de toda a colaboração bibliotecária nacional e internacional, o caminho metodológico aqui seguido contribuiu para o avanço de mais um passo na busca pela biobibliografia roubakiniana — Nicolas Roubakine esteve, está e estará na Biblioteconomia e Ciência da Informação do Brasil e do mundo.

No entanto, como antes abordado, esta tese não se propôs a alcançar a integralidade do pensamento roubakiniano. A própria escolha metodológica em adotar a biobibliografia para investigar Nicolas Roubakine e suas teorias nos leva a reconhecer, de um lado, os limites metodológicos deste exercício biobibliográfico —

diante das fontes disponíveis à época e às quais tivemos acesso ao longo do desenvolvimento deste trabalho — e, de outro lado, o próprio caráter interpretativo das categorias analíticas e discursivas de acordo com essas mesmas fontes que, nesta pesquisa, formam e integram a biobibliografia roubakiniana e orientam os objetivos que buscamos aqui alcançar; ou seja, o acesso aos traços biográficos de Roubakine e à sua Bibliopsicologia à luz não apenas do que foi escrito por e sobre o teórico russo, como também e, mais ainda, das contradições que circundam sua posição social, epistemológica, histórica e política em seu espaço e em seu tempo.

Em outras palavras, isso significa dizer que chegamos até aqui cientes de que ainda existem muitas lacunas que, em razão do espaço-tempo desta pesquisa, não puderam ser preenchidas, mas que abrem vasto terreno de investigação teórica, metodológica e epistemológica. A articulação entre os construtos roubakinianos e os estudos da Psicologia, da Filosofia da Linguagem, de uma Estética da Recepção e do funcionalismo na Sociologia de Émile Durkheim são apenas alguns exemplos dessas perspectivas ainda a serem exploradas.

De igual modo, compreendemos que o pensamento roubakiniano, dado o seu próprio contexto histórico, social, político e científico de tessitura, oferece diferentes margens de interpretação acerca da fundamentação teórico-metodológica de sua Bibliopsicologia, das autorias articuladas e do horizonte epistêmico proposto. É preciso lembrar, mais uma vez, de posicionar Roubakine em seu espaço e em seu tempo, ou seja, em um cenário de constituição das ciências sociais e, neste âmbito, dos campos que serviriam de base para a sua ciência, e das próprias contradições que formam o contexto de construção de sua biobibliografia; qual seja a complexidade de uma Rússia pré-revolucionária em vias de construção de um regime político inexistente no mundo até a Revolução Russa de 1917. É aí que Nicolas Roubakine, um indivíduo social de seu tempo, está, ou seja, no interior das contradições que regem o mundo social. Apesar disso, sua teoria e sua prática — para nós, sua práxis transformadora — está no solo dos esforços de superação dessas mesmas contradições pela via do livro, da leitura e do conhecimento, na busca por uma sociedade justa, livre e igualitária.

De igual maneira, no plano metateórico, ou seja, no terreno da epistemologia histórica biblioteconômico-informacional, é possível antever no percurso biobibliográfico roubakiniano o desenvolvimento de conceitos, métodos e teorias que antecipam e oferecem um vasto referencial teórico dialético que seria abordado, de

diferentes formas, por Paul Otlet, Shiyali Ramamrita Ranganathan, Pierce Butler, Jesse Shera, Solange Mostafa, Ana Maria Pereira Cardoso e Maria das Graças Targino — sem contar as lentes abertas pelas reflexões de Sylva Simsova, Oleg Chubarian, Lúgia Maria Moreira Dumont e Elsa Margarita Ramírez Leyva e pela tradição teórica e epistemológica dos estudos concebidos hoje como informacionais.

No centro da investigação da experiência leitora postulada pela ciência de Roubakine, podemos (re)encontrar o teórico na Bibliologia otletiana; nas cinco leis da Biblioteconomia ranganathanianas; na proposta de uma cientificidade para o campo e nos estudos sociais da Escola de Chicago via Pierce Butler, Douglas Waples e Jesse Shera; em um dos fundamentos sociocríticos para a BCI via teoria crítica da Escola de Frankfurt; na “Informação Social” de Ana Maria Pereira Cardoso; na práxis bibliotecária de Maria das Graças Targino; e, para além disso, na estrutura epistemológica dita inicial em Biblioteconomia e Ciência da Informação.

A relação autor-livro-leitor aberta pelas lentes roubakinianas como solo epistêmico de uma ciência dedicada ao leitor e sua ação leitora — o próprio solo epistêmico dedicado aos estudos hoje concebidos como biblioteconômico-informacionais —, pode ser dialogada junto e para além de uma das propostas epistemológicas de fundação do campo mais consolidadas, qual seja a teoria da informação de Claude Shannon e Warren Weaver. Ao evocar a primazia de uma postura ativa do leitor em sua relação com o artefato de leitura e com o mundo, o teórico russo coloca e antecipa, ainda, as perspectivas cognitivas e sociais do leitor/usuário em uma realidade construída por e para esse mesmo leitor/usuário. Ainda, podemos atentar para as possibilidades de diálogos entre a Bibliopsicologia roubakiniana e as políticas de leitura na contemporaneidade, que nos direcionam para as reflexões sobre as próprias práticas atuais de mediação.

A teoria social de Nicolas Roubakine, junto a seu percurso biobibliográfico, estão antevistos e costurados, de igual modo, na travessia epistemológico-histórica e social de constituição do que tomamos por Biblioteconomia e Ciência da Informação, enunciando, ainda ali, na virada do século XIX para o XX, em plena autocracia russa czarista e em meio a injustiça social que guiaria sua travessia praxiológica: “[...] a Bibliopsicologia afirma: o leitor é tudo” (Roubakine [1922] 1998, p. 13, tradução nossa).

Os caminhos percorridos nesta tese desvelam, pois, não o final e os limites da travessia biobibliográfica roubakiniana. Pelo contrário, revelam os passos iniciais a

serem explorados pelo e para o conjunto de horizontes que os estudos de Roubakine e sua obra permitem ainda a debater a partir do Brasil, da América Latina e dos territórios onde seu pensamento ainda não foi investigado em todo o seu potencial epistêmico. As indagações abertas pelos apêndices que podem ser encontrados ao final desta tese, seja no conjunto de produções de autoria de Roubakine ou sobre Roubakine em BCI e em sua circularidade epistêmica, oferecem um vasto referencial teórico e dialético que (re)direcionam nosso olhar para diferentes horizontes de estudos, em diferentes campos de conhecimento, em e para além de Roubakine e sua Bibliopsicologia; oferecem lentes que nos permitem, mais ainda, reconhecer no campo biblioteconômico-informacional, em sua cientificidade, epistemologia, teorias, métodos e aplicações, ou seja, em sua praxiologia, uma ciência comprometida com os modos de transformação do mundo pela via do livro, da leitura e do conhecimento. Uma ciência que se coloca, em sua história e em sua *episteme*, diante da luta pela justiça social.

Que o porvir dos estudos roubakinianos possam nos oferecer diferentes lentes e formas para re-humanizar a humanidade. Afinal, já nos diria Nicolas Roubakine: "Viva o livro, a ferramenta mais poderosa na luta pela verdade e pela justiça".

REFERÊNCIAS

- ANDREWS, James. An evolving scientific public sphere: state science enlightenment, communicative discourse, and public culture from Imperial Russia to Khrushchev's Soviet Times. **Science in context**, v. 26, n. 3, p. 509-526, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0269889713000161>. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/science-in-context/article/abs/an-evolving-scientific-public-sphere-state-science-enlightenment-communicative-discourse-and-public-culture-from-imperial-russia-to-khrushchevs-soviet-times/3F5EDFC894AF0AF3F2DB6718D6459D51>. Acesso em: 14 fev. 2024.
- ANDREWS, James. N. A. Rubakin and the popularization of science in the post-october period. **Russian History**, [s. l.], v. 16, n. 1, p. 9-29, 1989. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/24657663?seq=1>. Acesso em: 14 fev. 2024.
- ANDREWS, James. **Science for the masses**: the bolshevik state, public science, and the popular imagination in Soviet Russia, 1917-1934. Texas: Texas A&M University Press, 2003.
- ARAUJO, Andre Vieira de Freitas; ARAÚJO, Diná Marques Pereira; CRIPPA, Giulia. **Panorama de la historia del libro y de la bibliografía**. Colombia: Universidad de Los Andes, 2024.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. A ciência da informação como uma ciência social. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 32, n. 3, p. 21-27, set./dez. 2003. DOI: <https://doi.org/10.18225/ci.inf.v32i3.985>. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/985>. Acesso em: 09 fev. 2024.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Correntes teóricas da ciência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 38, n. 3, p. 192-204, set./dez., 2009. DOI: <https://doi.org/10.18225/ci.inf.v38i3.1240>. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1240>. Acesso em: 09 fev. 2024.
- AUTOINSTRUÇÃO. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010. p. 246.
- AUTOINSTRUÇÃO. In: MILL, Daniel (org). **Dicionário crítico de educação e tecnologias de educação a distância**. Campinas, SP: Papirus, 2018. p. 64.
- BARBIER, Frédéric. **História das bibliotecas**: de Alexandria às bibliotecas virtuais. São Paulo: Edusp, 2018.
- BETHMANN, Marie. L'Institut Roubakine de Psychologie Bibliologique à Lausanne, **Revue de la Documentation**, La Hague, v. 16, n. 1, p. 17-18, 1949.
- BETHMANN, Marie. Nicolas-A: Roubakine et son œuvre. **Nouvelles de l'Association des Bibliothécaires Suisses**, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 28-29, jan. 1947. Disponível em: <https://www.e-periodica.ch/digbib/view?pid=arb-004%3A1947%3A23%3A%3A4>. Acesso em: 25 fev. 2025.

BEZERRA, Arthur Coelho. Teoria crítica da informação: proposta teórico-metodológica de integração entre os conceitos de regime de informação e competência crítica em informação. *In*: BEZERRA, Arthur Coelho *et al.* **iKritika: estudos críticos em informação**. Rio de Janeiro: Garamond, 2019. p. 15-72.

BEZERRA, Arthur; SALDANHA, Gustavo Silva. Sobre Comte, Durkheim e Tarde em Otlet: o papel do positivismo na consolidação dos estudos da informação. *In*: ALBAGLI, Sarita (org.). **Fronteiras da Ciência da Informação**. Brasília: IBICT, 2013, v. 1. p. 34-56. Disponível em: <http://livroaberto.ibict.br/handle/1/1020>. Acesso em: 20 fev. 2024.

BEZERRA, Arthur Coelho; SCHNEIDER, Marco; SALDANHA, Gustavo Silva. Competência crítica em informação como crítica à competência em informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 29, n. 3, p. 5-22, jul./set. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ies/article/view/47337>. Acesso em: 20 fev. 2024.

BIBLIOPSICOLOGIA. *In*: BUONOCORE, Domingo. **Diccionario de bibliotecologia: términos relativos a la bibliología, bibliografía, bibliofilia, biblioteconomía, archivología, documentología, tipografía y materias afines**. 2. ed. aum. Buenos Aires: Marymar, 1976. p. 89.

BIBLIOPSICOLOGIA. *In*: CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008a. p. 49.

BIBLIOPSICOLOGIA. *In*: FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. **Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico**. São Paulo: EDUSP, 2008b. p. 99.

BIBLIOPSICOLOGIA. *In*: MARTÍNEZ DE SOUSA, José. **Diccionario de bibliología y ciencias afines**. 2. ed. aum. y actualizada. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1993. p. 88-89.

BIBLIOTECA DO CFCH/UFRJ. **[Artigo Psyche 1929 - Harvard University]**. Destinatário: Amanda Salomão. Rio de Janeiro, 06 out. 2023. *Online*.

BIBLIOTECA DO CFCH/UFRJ. **[Tese de Sylva Simsova sobre Nicolas Roubakine]**. Destinatário: Amanda Salomão. Rio de Janeiro, 11 mar. 2022. *Online*.

BIBLIOTECA DIGITAL CURT NIMUENDAJÚ. **[Artigo de Adolphe Ferrière sobre Roubakine]**. Destinatário: Amanda Salomão. *[S. l.]*, 26 maio 2021. *Online*.

РОССИЙСКАЯ ГОСУДАРСТВЕННАЯ БИБЛИОТЕКА [BIBLIOTECA ESTATAL RUSSA]. Научно-исследовательский Отдел Библиографии [Departamento de Pesquisa Bibliográfica]. **Николай Александрович Рубакин** [Nikolai Alexandrovich Rubakin] (1862-1946): Биобиблиографический указатель [índice biobibliográfico]. Москва [Moscou]: Пашков дом [Casa Pashkov], 2012.

BOBUTAKA, Bob. Bibliologie psychologique de Roubakine et la théorie de la réception de Jauss. **Revue de Bibliologie**: schéma et schématisation, *[S. l.]*, n. 72,

p. 51-64, 2010.

BORKO, Harold. Information science: what is it? **American Documentation**, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 3-5, jan. 1968. DOI: <https://doi.org/10.1002/asi.5090190103>. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/asi.5090190103>. Acesso em: 05 mar. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. **O que é a Covid-19?**. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>. Acesso em: 07 mar. 2023.

BUDD, John. Phenomenology and information studies. **Journal of Documentation**, Yorkshire, v. 61, n. 1, p. 44-59, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1108/00220410510578005>. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/00220410510578005/full/html>. Acesso em: 05 mar. 2023.

BUTLER, Pierce. **Introdução à ciência da biblioteconomia**. Rio de Janeiro: Lidor, 1971.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais** [...]. Belo Horizonte, 2003. Disponível em: https://www.capurro.de/enancib_p.htm. Acesso em: 26 nov. 2025.

CARDOSO, Ana Maria Pereira. Retomando possibilidades conceituais: uma contribuição à sistematização do campo da informação social. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 23, n. 2, p. 107-114, jul./dez. 1994. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/reb/article/view/38274>. Acesso em: 09 fev. 2024.

CHARTIER, Roger. Prefácio. In: DUMONT, Lígia Maria Moreira (org.). **Leitor e leitura na Ciência da Informação**: diálogos, fundamentos, perspectivas. Belo Horizonte: ECI/UFMG, 2020. p. 9-11. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/51566>. Acesso em: 08 set. 2025.

CHOLDIN, Marianna Tax. Nikolai Aleksandrovic Rubakin. In: KENT, Allen; LANCOUR, Harold; DAILY, Jay (ed.). **Encyclopedia of Library and Information Science**. New York: Marcel Dekker, Inc., 1979. v. 26. p. 178-179.

CHUBARIAN, Oleg Stepanovich. **Bibliotecología general**. La Habana: Editorial Científico-Técnica, [1981?].

CLEMENTE, Jose Edmundo. **Estética del lector**: notas para un estudio bibliopsicológico de la literatura. Buenos Aires: El Ateneo, 1950.

DARNTON, Robert. O que é a história do livro: revisitado. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 10, n. 16, p. 155-169, jan./jun. 2008. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1503>. Acesso em: 17 out. 2025.

DOBRENKO, Evgeny. **The making of the state reader**: social and aesthetic contexts of the reception of Soviet literature. Stanford, CA: Stanford University Press, 1997.

DUMONT, Lígia Maria Moreira. **O imaginário feminino e a opção pela leitura de romances de séries**. Orientadora: Nice Menezes de Figueiredo. 1998. 247 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro/Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 1998.

DUMONT, Lígia Maria Moreira. Construtos próprios sobre leitura na Ciência da Informação. *In*: DUMONT, Lígia Maria Moreira (org.). **Leitor e leitura na Ciência da Informação**: diálogos, fundamentos, perspectivas. Prefácio de Roger Chartier. Belo Horizonte: UFMG, 2020. p. 21-52. Disponível em: <https://biblio.eci.ufmg.br/ebooks/2020070001.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2024.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. 21. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

EGAN, Margaret; SHERA, Jesse. Foundations of a theory of Bibliography. **The Library Quarterly**, Chicago, v. 22, n. 2, p. 125-137, abr. 1952. DOI: <https://doi.org/10.1086/617874>. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/617874>. Acesso em: 03 out. 2025.

ESTIVALS, Robert. Preface. *In*: ROUBAKINE, Nicolas. **Introduction à la psychologie bibliologique**. Paris: Association Internationale en Bibliologie, 1998. v. 1. p. 3-5.

FAYET, Jean-François. Les révolutionnaires russes et polonais installés en Suisse pendant la première guerre mondiale. *In*: VUILLEUMIER, Christophe (dir.). **La Suisse et la guerre de 1914-1918**: actes du colloque tenu du 10 au 12 septembre 2014 au Château de Penthes. Genève: Éditions Slatkine, 2015.

FERRIÈRE, Adolphe. A psicologia bibliológica de Nicolas Roubakine. **Boletim Bibliográfico**, São Paulo, v. XVIII, p. 49-56, 1951.

FERRIÈRE, Adolphe. La psychologie bibliologique, d'après les documents et les travaux de Nicolas Roubakine. **Archives de Psychologie**, Genève, t. XVI, n. 61, p. 101-132, 1917.

FONSECA, Edson Nery da. Leitor/leitura. *In*: FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à Biblioteconomia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 1992. p. 73-97.

FONSECA, Edson Nery da. Leitor/leitura. *In*: FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à Biblioteconomia**. 2. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2007. p. 63-90.

FONSECA, Edson Nery da. Ler ou não ler todos os livros. *In*: FONSECA, Edson Nery da. **Problemas brasileiros de documentação**. Brasília: Ibict, 1988. p. 173-180.

FONSECA, Edson Nery da. Ler ou não ler todos os livros. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 35-42, jan./jun. 1974. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbbsb/article/view/28600>. Acesso em: 28 fev. 2024.

FOSKETT, Douglas John. Introduction. In: SIMSOVA, Sylva (ed.). **Nicholas Rubakin and bibliopsychology**. Hamden: Archon Books, 1968. p. 7-8.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 2011.

FURNER, Jonathan. Shera's social epistemology recast as psychological bibliography. **Social Epistemology: a Journal of Knowledge, Culture and Policy**, [s. l.], v. 16, n. 1, p. 5-22, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1080/02691720210132761>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/02691720210132761>. Acesso em: 08 dez. 2023.

GOMES, Sônia de Conti. Biblioteca e sociedade: uma abordagem sociológica. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 14-21, mar. 1982. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/reb/article/view/36404/28485>. Acesso em: 25 abr. 2024.

HATT, Frank. **The reading process**: a framework for analysis and description. London: Clive Bingley, 1976.

ITER. In: CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008. p. 216.

JAPIASSU, Hilton. **Introdução ao pensamento epistemológico**. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1977.

KARETZKY, Stephen. **Reading research and Librarianship**: a history and analysis. Connecticut: Greenwood Press, 1982.

KRASOVSKY, Dimitry. Bibliographical work in Russia. **The Library Quarterly**: Information, Community, Policy, Chicago, v. 4, n. 3, p. 449-466, jul. 1934. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/613497>. Acesso em: 30 ago. 2025.

L. T. RUBAKINA: a biblioteca da mãe de Nicolas Rubakin. **Blog Ecce Liber**, 9 fev. 2022. Disponível em: <https://www.ecceliber.org/single-post/l-t-rubakina-a-biblioteca-da-m%C3%A3e-de-nicolas-rubakin>. Acesso em: 29 nov. 2023.

LANCASTER, Frederick. **Indexação e resumos**: teoria e prática. 2. ed. rev. atual. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2004.

LARA, Marilda Lopes Ginez de. Conceito de bibliografia, ou conceitos de bibliografia? **Informação & Informação**, Londrina, v. 23, n. 2, p. 127-151, 2018. DOI:

<https://doi.org/10.5433/1981-8920.2018v23n2p127>. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/34501>. Acesso em: 16 set. 2024.

LASSO DE LA VEGA, Javier Jimenez Placer. La Bibliopsicologia. *In*: LASSO DE LA VEGA, Javier Jimenez Placer. **Como se hace una tesis doctoral**. San Sebastián: Editora Internacional, 1947. p. 121-124.

LENIN, Vladimir. Book review of N. A. Rubakin's 'Among Books'. *In*: SIMSOVA, Sylva (ed.). **Lenin, Krupskaja and libraries**. London: Bingley, 1968. p. 17-19.

LINDSTROM, Thaïs. N. A. Rubakin: architect of popular enlightenment. **The Slavic and East European Journal**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 122-136, 1959. DOI: <https://doi.org/10.2307/304573>. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/304573>. Acesso em: 12 fev. 2024.

MAICHEL, Karol. Russian retrospective bibliographies. **The Library Quarterly: Information, Community, Policy**, v. 28, n. 2, p. 122-131, abr. 1958. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/618522>. Acesso em: 30 jun. 2025.

MALCLÈS, Louise. **La Bibliografía**. 2. ed. Buenos Aires: Editorial Universitária de Buenos Aires, 1967.

MÁLEK, Rudolf. On the origin of the International Organisation of Librarians (IFLA): the Congress of Librarians in Prague 1926. **Libri**, [s. l.], v. 20, n. 3, p. 222-224, 1970. DOI: <https://doi.org/10.1515/libr.1970.20.3.218>. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/libr.1970.20.3.218/html>. Acesso em: 14 jun. 2025.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto comunista**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MATA, Diogo Xavier da. **Uma arqueologia do discurso biobibliográfico**: um percurso dos dicionários biográficos da renascença às plataformas biobibliográficas contemporâneas. Orientador: Gustavo Silva Saldanha. 2020. 154 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro/Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/handle/123456789/1312>. Acesso em: 17 out. 2025.

MENESES TELLO, Felipe. Bibliotecas y sociedad: el paradigma social de la biblioteca pública. **Investigación Bibliotecológica**, Ciudad de México, v. 27, n. 61, p. 157-173, 2013. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0187-358X\(13\)72558-9](https://doi.org/10.1016/S0187-358X(13)72558-9). Disponível em: <http://rev-ib.unam.mx/ib/index.php/ib/article/view/42818>. Acesso em: 01 maio 2025.

MENESES TELLO, Felipe. Oleg Stepanovich Chubaryan: teórico en acción de la bibliotecología socialista. **Revista Conhecimento em Ação**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 55-107, jan./jun. 2023. DOI: <https://doi.org/10.47681/rca.v8i1.59291>. Disponível em: <https://revistas.ufrrj.br/index.php/rca/article/view/59291>. Acesso em: 01 maio 2025.

MENESES TELLO, Felipe. La praxis social y política en el contexto bibliotecario para interpretar y transformar la sociedad. *In*: CARDONA, Natalia Duque; SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da. **Epistemologias latino-americanas na Biblioteconomia e Ciência da Informação**: bibliotecas desde Abya Yala e as sociedades e culturas na perspectiva Sul. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora, 2021. p. 67-91. Disponível em: <https://www.nyota.com.br/catalogo>. Acesso em: 01 maio 2025.

MENESES TELLO, Felipe. **Libros y bibliotecas en la vida y obra política de Lenin**: una biobibliografía. Ciudad de México: Círculo de Estudios sobre Bibliotecología Política y Social – CEBSI, 2006. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/8545/1/2006.25.03.FMenesesTello.Lenin.Bibliografia.pdf>. Acesso em: 01 maio 2025.

MERTA, Augustin. Informatics as a branch of science. *In*: FID/RI-International Federation for Documentation. Study Committee Research on Theoretical Basis of Information. **On theoretical problems of Informatics**. Moscou: All-Union for Scientific and Technical Information, 1969, p. 32-40. (FID 435).

MIGOŃ, Krzysztof. Mokslo apie knygą paradigmos prieš du šimtus metų ir dabar [Paradigmas na ciência do livro: 200 anos atrás e hoje]. **Knygotyra**, Vilnius, v. 54, p. 44-53, 2010. DOI: <https://doi.org/10.15388/kn.v54i0.3589>. Disponível em: <https://www.journals.vu.lt/knygotyra/article/view/3589>. Acesso em: 01 fev. 2024.

MIKHAILOV, Alexander Ivanovich; CHERNYI, Arkadii Ivanovich; GILYAREVSKY, Rudzhzero. Informatics: its scope and methods. *In*: FID/RI-International Federation for Documentation. Study Committee Research on Theoretical Basis of Information. **On theoretical problems of Informatics**. Moscou: All-Union for Scientific and Technical Information, 1969. (FID 435).

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo: HUCITEC, 2010.

MOSTAFA, Solange Puntel. **Epistemologia da Biblioteconomia**. 1985. 147 f. Tese (Doutorado em Filosofia da Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1985.

NEW YORK PUBLIC LIBRARY. **[Access request - Nicholas Rubakin: a life for books, by Alfred Erich Senn]**. Destinatário: Amanda Salomão. Nova York, 08 mar. 2022. *Online*.

NICOLAI Aleksandrovich Rubakin (Obituary). **Library Journal**, Nova York, v. 72, n. 1, jan. 1. p. 94, 1947.

NITECKI, Joseph Z. **Philosophical ancestry of American Library Information Science**. New York: J. Z. Nitecki, 1997.

ORTEGA Y GASSET, José. **Missão do bibliotecário**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2006.

OTLET, Paul. L'enseignement par soi-même et la lecture systématique. **Journal L'Interné**: Organe collectif d'œuvres de prisonniers de guerre, Lausanne, n. 1, p. 5, out. 1916.

OTLET, Paul. **Traité de documentation**: le livre sur le livre: théorie et pratique. Bruxelles: Éditions Mundaneum, 1934.

OTLET, Paul. **Tratado de documentação**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2018.

PAULA, Claudio Paixão Anastácio de; VALLE, Fernanda; SALOMÃO, Amanda. Lógica, estética e ética no ato discursivo: contribuições da Ciência da Informação à luz de Nicolas Roubakine. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24., 2024, Vitória. **Anais [...]**. Vitória, 2024, [p. 1-15]. Disponível em: <https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxivenancib/paper/view/2718>. Acesso em: 01 ago. 2025.

PETIT, Michèle. **A arte de ler**: ou como resistir à adversidade. São Paulo: Editora 34, 2009.

PETIT, Michèle. **Leituras**: do espaço íntimo ao espaço público. São Paulo: Editora 34, 2013.

PETIT, Michèle. **Ler o mundo**: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje. São Paulo: Editora 34, 2019.

PINHEIRO, Ana Virgínia. Glossário de Codicologia e Documentação, **Anais da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, v. 115, p. 123-213, 1995. p. 182. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/402630/per402630_1995_00115.pdf. Acesso em: 16 jun. 2025.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Campo interdisciplinar da Ciência da Informação: fronteiras remotas e recentes. **Investigación Bibliotecológica**, Ciudad de México, v. 12, n. 25, p. 132-163, jul./dez. 1998. DOI: <https://doi.org/10.22201/iibi.0187358xp.1998.25.3884>. Disponível em: <http://rev-ib.unam.mx/ib/index.php/ib/article/view/3884>. Acesso em: 03 out. 2025.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Ciência da Informação e sociedade: uma relação delicada entre a fome de saber e de viver. In: SALDANHA, Gustavo Silva; CASTRO, Paulo César; PIMENTA, Ricardo (org.). **Ciência da Informação**: sociedade, crítica e inovação. Rio de Janeiro: IBICT, 2022. p. 171-185. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/handle/123456789/1227>. Acesso em: 03 fev. 2024.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro; LOUREIRO, José Mauro Matheus. Traçados e limites da Ciência da Informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 42-53, jan./jul. 1995. DOI: <https://doi.org/10.18225/ci.inf.v24i1.609>. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/609>. Acesso em: 31 ago. 2025.

RAMÍREZ LEYVA, Elsa Margarita. La lectura de la bibliotecología. In: RÍOS ORTEGA, Jaime (coord.); RAMÍREZ VELÁZQUEZ, César Augusto (comp.). **7º Seminario Hispano Mexicano de Investigación en Bibliotecología y**

Documentación: 7, 8 y 9 de abril de 2010. Ciudad de México: UNAM, Centro Universitario de Investigaciones Bibliotecológicas, 2011. p. 1-13. Disponível em: http://ru.iibi.unam.mx/jspui/handle/IIBI_UNAM/L61. Acesso em: 16 jun. 2025.

RAMÍREZ LEYVA, Elsa Margarita. **Las representaciones y prácticas de lectura de los estudiantes del bachillerato UNAM**. Ciudad de México: UNAM, 2015. Disponível em: http://ru.iibi.unam.mx/jspui/handle/IIBI_UNAM/L112. Acesso em: 16 jun. 2025.

RAMÍREZ LEYVA, Elsa Margarita. Los estudios de las prácticas sociales de lectura. In: MARTÍNEZ ARELLANO, Filiberto Felipe; CALVA GONZÁLEZ, Juan José (comp.). **XXV años de Investigación en Bibliotecología y Estudios de la Información en México**: memoria del XXIV Coloquio de Investigación Bibliotecológica y de la Información. México: UNAM, 2007a. p. 145-164. Disponível em: http://ru.iibi.unam.mx/jspui/handle/IIBI_UNAM/CL929. Acesso em: 01 fev. 2024.

RAMÍREZ LEYVA, Elsa Margarita. Más de cien años de estudio de los lectores. In: MARTÍNEZ ARELLANO, Filiberto Felipe; CALVA GONZÁLEZ, Juan José (comp.). **Tópicos de investigación en Bibliotecología y sobre la Información**: edición conmemorativa de los XXV años del Centro Universitario de Investigaciones Bibliotecológicas. México: UNAM, 2007b. v. 1. p. 41-90. Disponível em: http://ru.iibi.unam.mx/jspui/handle/IIBI_UNAM/CL629. Acesso em: 01 fev. 2024.

RAMÍREZ LEYVA, Elsa Margarita. Problemáticas sobre los lectores y la lectura en el horizonte de la investigación bibliotecológica y de la Información. In: RÍOS ORTEGA, Jaime; RAMÍREZ VELÁZQUEZ, César Augusto (coord.). **Agendas de Investigación en Bibliotecología e Información**: tendencias nacionales e internacionales. Ciudad de México: UNAM, 2013. p. 163-176. Disponível em: http://ru.iibi.unam.mx/jspui/handle/IIBI_UNAM/CL450. Acesso em: 16 jun. 2025.

RANGANATHAN, Shiyali Ramamrita. **As cinco leis da Biblioteconomia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2009.

REIS, Daniel Aarão. **A revolução que mudou o mundo**: Rússia, 1917. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

RICHAUDEAU, François. Un précurseur des sciences de l'écrit: Nicolas Roubakine: Introduction à la psychologie bibliologique (T. I et II), **Communication & Langages**, [S. l.], n. 117, p. 122, 1998. Disponível em: http://www.persee.fr/doc/colan_0336-1500_1998_num_117_1_2874_t1_0122_0000_2. Acesso em: 18 abr. 2024.

ROLLAND, Romain. **Journal des années de la guerre, 1914-1919**: notes et documents pour servir à l'histoire morale de l'Europe de ce temps. Paris: Cercle du Bibliophile, 1952.

ROUBAKINE, Nicolas. **Introduction à la psychologie bibliologique**. Paris: Association Internationale de Bibliologie, [1922] 1998. v. 1.

RUBAKIN, Aleksandr Nikolaevich. The life of Nicholas Rubakin. *In*: SIMSOVA, Sylva (ed.). **Nicholas Rubakin and bibliopsychology**. Hamden: Archon Books, 1968. p. 58-67.

RUBAKIN, Aleksandr Nikolaevitch. **Rubakin**: lotsman knijnogo moria. [Moskva]: Molodaia Gvardiia, [1967].

RUBAKIN, Aleksandr Nikolaevich. **Rubakin**: lotsman knijnogo moria [Rubakin: piloto do mar dos livros]. 2. ed. [Moskva]: Molodaia Gvardiia, 1979.

RUBAKIN, Nicholas. Lenin-Ul'ianov: the man and the revolutionary. *In*: SIMSOVA, Sylva (ed.). **Lenin, Krupskaja and libraries**. London: Clive Bingley, 1968a. p. 53-54.

RUBAKIN, Nicholas. Nadezhda Lenin and the labour movement. *In*: SIMSOVA, Sylva (ed.). **Lenin, Krupskaja and libraries**. London: Clive Bingley, 1968b. p. 52-53.

RUBAKIN, Nicholas; BETHMANN, Maria. The psychology of the public library. *In*: SIMSOVA, Sylva (ed.). **Nicholas Rubakin and bibliopsychology**. Hamden: Archon Books, 1968. p. 9-25.

RUBAKIN, Nikolai. **El origen de los idiomas humanos**. Buenos Aires: Siglo Veinte, 1959.

SÁ, Jéssica Patrícia Silva de. **Aspectos simbólicos da prática da leitura literária em contextos de adversidade**. Orientador: Claudio Paixão Anastácio de Paula. 2022. 226 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/41428>. Acesso em: 07 mar. 2023.

SALDANHA, Gustavo Silva. Gramática de la intencionalidad en los estudios informacionales: estados maquínicos como objeto de la intención simbólica. *In*: RENDÓN ROJAS, Miguel Ángel (coord.). **La intencionalidad en la Ciencia de la Información Documental**. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2018. p. 75-105. Disponível em: https://ru.iibi.unam.mx/jspui/handle/IIBI_UNAM/L156. Acesso em: 04 ago. 2023.

SALDANHA, Gustavo Silva. A invenção da Ciência da Informação segundo Nicolas Roubakine (Rubakin). **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, [s. l.], v. 12, n. 1, 2019a. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/477>. Acesso em: 04 ago. 2023.

SALDANHA, Gustavo Silva. **Ciência da Informação**: crítica epistemológica e historiográfica. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, 2020a. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/handle/123456789/1101>. Acesso em: 31 jan. 2024.

SALDANHA, Gustavo Silva. Congo: economia política da epistemologia histórica em Ciência da Informação no plano comparado e internacional. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24., 2024, Vitória.

Anais [...]. Vitória, 2024, [p. 1-16]. Disponível em:

<https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxivenancib/paper/view/2598>. Acesso em: 26 out. 2025.

SALDANHA, Gustavo Silva. Entre a Carta VII de Platão e a democracia documentária: matrizes e exercícios na travessia dos 10 anos do grupo de pesquisa Ecce Liber: filosofia, linguagem e organização dos saberes. *In*: SALDANHA, Gustavo; CASTRO, Paulo César; PIMENTA, Ricardo (org.). **Ciência da Informação: sociedade, crítica e inovação**. Rio de Janeiro: Ibict, 2022. p. 171-185. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/handle/123456789/1227>. Acesso em: 31 jan. 2024.

SALDANHA, Gustavo Silva. Linha cumeada: uma arqueologia dos enunciados epistemológicos da Bibliografia na fundamentação da Ciência da Informação. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 25, n. esp. A Arte da Bibliografia, p. 1-16, 2020b. DOI: <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2020.e73443>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/73443>. Acesso em: 28 jan. 2024.

SALDANHA, Gustavo Silva. Raíces de una teoría de la mediación psicosociológica en las ciencias de la información: la cuestión de lo “inmediato” y lo “mediato” en Nicolas Roubakine. **Informatio**, [S. l.], v. 29, n. 2, p. 1-25, 2024. DOI: <https://doi.org/10.35643/Info.29.2.1>. Disponível em: <https://informatio.fic.edu.uy/index.php/informatio/article/view/478>. Acesso em: 29 jun. 2025.

SALDANHA, Gustavo Silva. Sem e cem teorias críticas em Ciência da Informação: autorretrato da teoria social e o método da crítica nos estudos informacionais, uma bibliografia benjaminiana aberta. *In*: BEZERRA, Arthur Coelho; SCHNEIDER, Marco; PIMENTA, Ricardo; SALDANHA, Gustavo Silva. **iKritika: estudos críticos em informação**. Rio de Janeiro: Garamond, 2019b. p. 171-240.

SALDANHA, Gustavo Silva. Sobre a bibliologia entre Peignot, Otlet e Estivals: vertentes de um longo discurso “metaepistemológico” da organização dos saberes. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 25, n. 2, p. 75-88, maio/ago. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/75>. Acesso em: 31 jan. 2024.

SALDANHA, Gustavo Silva. **Uma filosofia da Ciência da Informação**: organização dos saberes, linguagem e transgramáticas. 2012. 438 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro/Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/handle/123456789/667>. Acesso em: 31 jan. 2024.

SALDANHA, Gustavo Silva; ALENCAR, Patrícia Vargas. A leitura em contextos de isolamento social: a humanização pela literatura. *In*: SALDANHA, Gustavo Silva; MARTELETO, Regina. **A mediação dos saberes em perspectiva: V Colóquio Científico Internacional da Rede Mussi**. Rio de Janeiro: Ibict, 2022. p. 351-362. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/handle/123456789/1231>. Acesso em: 31 jan. 2024.

SALDANHA, Gustavo Silva; SALOMÃO, Amanda. Can we achieve diversity in digital literacy without a critical reflection on reading?: part 1: a new approach to adult

literacy programs. **International Review of Information Ethics**, Alberta, v. 30, p. 1-11, 2021. DOI: <https://doi.org/10.29173/irrie413>. Disponível em: <https://informationethics.ca/index.php/irrie/article/view/413>. Acesso em: 03 dez. 2023.

SALOMÃO, Amanda. **Leitura, apropriação de saberes e transformação pessoal: relações subjetivas e intersubjetivas a partir das perspectivas de mulheres pertencentes a clubes de leitura**. Orientador: Gustavo Silva Saldanha. 2020. 312 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro/Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/handle/123456789/1098>. Acesso em: 07 mar. 2023.

SALOMÃO, Amanda. **[Obra Nicholas Rubakin and Bibliopsychology]**. Destinatário: Bibliotecas Central da Universidade de Brasília e Biblioteca da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais. [S. l.], 11 mar. 2022c. *Online*.

SALOMÃO, Amanda. Nós nos agarramos aos livros: experiências de leitura em contextos de opressão na obra A Sociedade Literária e a Torta de Casca de Batata. **Revista EDICIC**, [S. l.], v. 2, n. 4, p. 1-14, 2022a. DOI: <https://doi.org/10.62758/re.v2i4.126>. Disponível em: <https://ojs.edicic.org/revistaedicic/article/view/126>. Acesso em: 29 jul. 2025.

SALOMÃO, Amanda. **[Tese de Sylva Simsova sobre Nicolas Roubakine]**. Destinatário: Biblioteca do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. [S. l.], 11 mar. 2022b. *Online*.

SALOMÃO, Amanda; ALENTEJO, Eduardo Silva. Bibliotecas circulantes na Inglaterra industrial: práticas biblioteconômicas e sua atuação como novo ambiente de distribuição e circulação de informação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 194-215, maio/ago. 2019a. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1192>. Acesso em: 25 abr. 2024.

SALOMÃO, Amanda; ALENTEJO, Eduardo Silva. Desarrollo de la mujer escritora en Inglaterra, siglos XVIII y XIX: contribución de las bibliotecas circulantes para la inclusión femenina en la economía del libro. **Revista Bibliographica**, Ciudad de México, v. 2, n. 2, p. 97-130, 2019b. DOI: <https://doi.org/10.22201/iib.bibliographica.2019.2.33>. Disponível em: <https://bibliographica.iib.unam.mx/index.php/RB/article/view/33>. Acesso em: 25 abr. 2024.

SALOMÃO, Amanda; BEZERRA, Arthur Coelho. Nicolas Roubakine pelas lentes de uma teoria crítica da informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 33, [p. 1-24], 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/67734>. Acesso em: 27 fev. 2025.

SALOMÃO, Amanda; SALDANHA, Gustavo Silva. Cultura feirante de informação: um relato de campo sobre as feiras de livro do Rio de Janeiro. **Informação e Informação**, Londrina, v. 22, n. 3, p. 269-296, set./out. 2017. DOI:

<https://doi.org/10.5433/1981-8920.2017v22n3p269>. Disponível em:
<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/27663>. Acesso em:
 07 mar. 2023.

SALOMÃO, Amanda; SALDANHA, Gustavo Silva. A feira de livros a partir de narrativas orais: uma experiência simbólica na cultura informacional do Rio de Janeiro. **INCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 9, n. 1, p. 168-193, mar./ago. 2018. DOI:
<https://doi.org/10.11606/issn.2178-2075.v9i1p169-194>. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/140617>. Acesso em: 07 mar. 2023.

SALOMÃO, Amanda; SALDANHA, Gustavo Silva. A teoria da leitura nas vidas de Sylva Simsova: reflexões biobibliográficas, 2022. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22., 2022, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: Ancib; UFRGS, 2022. p. 1-13. Disponível em:
<https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxienancib/paper/view/1052>. Acesso em: 02 fev. 2024.

SALOMÃO, Amanda; SALDANHA, Gustavo Silva. Can we achieve diversity in digital literacy without a critical reflection on reading?: part 2: Literacy programs that 'gestate a world'. **International Review of Information Ethics**, Alberta, v. 30, n. 1, p. 1-11, 2021a. DOI: <https://doi.org/10.29173/irie414>. Disponível em:
<https://informationethics.ca/index.php/irie/article/view/414>. Acesso em: 03 dez. 2023.

SALOMÃO, Amanda; SALDANHA, Gustavo. Cartas geobiobibliográficas para uma doxografia roubakiniana: itinerários e paragens da obra de Nicolas Roubakine. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 1-35, jan./jun. 2025. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/tpbci/article/view/736>. Acesso em: 29 jul. 2025.

SALOMÃO, Amanda; SALDANHA, Gustavo Silva. Horizontes para uma doxografia de Nicolas Roubakine: percursos teórico-empíricos. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24., 2024, Vitória. **Anais [...]**. Vitória, 2024, [p. 1-16]. Disponível em:
<https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxivenancib/paper/view/2256>. Acesso em: 01 ago. 2025.

SALOMÃO, Amanda; SALDANHA, Gustavo Silva. Leitoras de mundo: mulheres e vivências em clubes de leitura. **Tendência da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, [S. l.], v. 14, n. esp. Premiados Enancib - 2021, p. 1-22, 2021b. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/590>. Acesso em: 03 nov. 2023.

SALOMÃO, Amanda; SALDANHA, Gustavo Silva. *Loci* de leitoras e leituras: práxis das mediações sociotécnicas em clubes de leitura. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 21., 2021, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro, 2021c, p. 1-16. Disponível em:
<https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxienancib/paper/view/362>. Acesso em: 31 jan. 2024.

SALOMÃO, Amanda; SALDANHA, Gustavo Silva. A praxiologia de Roubakine: uma leitura epistemológico-crítica. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 23., 2023a, Aracaju, Sergipe. **Anais [...]**. Aracaju, 2023a, [p. 1-16]. Disponível em:

<https://ancib.org/enancib/index.php/enancib/xxxiiienancib/paper/view/1426>. Acesso em: 16 fev. 2024.

SALOMÃO, Amanda; SALDANHA, Gustavo Silva. Sylva Simsova, leitura e Bibliopsicologia: itinerários. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, [S. l.], v. 16, n. esp. Premiados Enancib - 2022, p. 1-26, 2023b.

Disponível em: <https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/635>. Acesso em: 13 fev. 2024.

SALOMÃO, Amanda; VALLE, Fernanda; SICILIANO, Mell; MATA, Diogo Xavier da; SALDANHA, Gustavo Silva. Rússia nos trópicos: em busca da biobibliografia de Nicolas Roubakine. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 29, p. 1–20, 2024. DOI:

<https://doi.org/10.5007/1518-2924.2024.99362>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/99362>. Acesso em: 27 fev. 2025.

SAVOVA, Elena. Avant-propos. *In*: ROUBAKINE, Nicolas. **Introduction à la psychologie bibliologique**. Paris: Association Internationale de Bibliologie, 1998. v. 1. p. 7-18.

SAVOVA, Elena. Nicolai Alexandrovitch Roubakine, fondateur de la psychologie bibliographique. **Lectures**, [S. l.], n. 54, p. 25-27, mar./avr. 1990.

SAVOVA, Elena; ESTIVALS, Robert. Roubakine. *In*: ESTIVALS, Robert. **Petite anthologie francophone de la bibliologie**. Paris: Société de Bibliologie et de Schématisation, 1993. p. 71-80.

SENESE, Donald. [Review of] Alfred Erich Senn, Nicholas Rubakin: a life for books. (Russian Biography Series, number 1). Newtonville, Mass.: Oriental Research Partners, 1977. 79 p., **The American Historical Review**, [S. l.], v. 83, n. 5, p.

1302-1302, 1978. DOI: <https://doi.org/10.1086/ahr/83.5.1302-a>. Disponível em: <https://academic.oup.com/ahr/article-abstract/83/5/1302/227764?redirectedFrom=fulltext>. Acesso em: 28 jan. 2024.

SENN, Alfred Erich. Nikolai Rubakin's library for revolutionaries. **Slavic Review**, [s. l.], v. 32, n. 3, p. 554-559, set. 1973. DOI: <https://doi.org/10.2307/2495410>.

Disponível em:

<https://www.cambridge.org/core/journals/slavic-review/article/nikolai-rubakins-library-for-revolutionaries/9269C70B16BD01F97CF3A6C77FDECDB7>. Acesso em: 09 fev. 2024.

SENN, Alfred Erich. **Nicholas Rubakin: a life for books**. Newtonvill: Mass. 1977.

SFEZ, Lucien. **A comunicação**. São Paulo, SP: Martins, 2007.

SHANNON, Claude; WEAVER, Warren. **A teoria matemática da comunicação**. São Paulo: Difel, 1975.

SHERA, Jesse. **Sociological foundations of Librarianship**. London: Asia Publishing House, 1970.

SILVA, Leyde Klebia Rodrigues da. **Feminismo negro e epistemologia social: trajetórias de vida de pesquisadoras negras em Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Orientador: Gustavo Silva Saldanha. 2020. 249 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro/Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/handle/123456789/1166>. Acesso em: 01 fev. 2024.

SIMSOVA, Sylva. Bibliopsychological dimensions of the reading experience. *In*: IFLA GENERAL CONFERENCE, 53., 1987, Brighton, UK. **Proceedings [...]**. The Hague: IFLA, 1987a.

SIMSOVA, Sylva. Bibliopsychology. *In*: KENT, Allen; LANCOUR, Harold (ed.). **Encyclopedia of Library and Information Science**. New York: Marcel Dekker, Inc., 1969. v. 2. p. 432-435.

SIMSOVA, Sylva. **An evaluation of Nicholas Rubakin's concept of bibliopsychology in the light of current psychological research**. 480 p. Thesis (M. Phil) - School of Library, Archive and Information Studies, University of London, 1975. Disponível em: <https://discovery.ucl.ac.uk/id/eprint/10146497/>. Acesso em: 14 fev. 2024.

SIMSOVA, Sylva. Guide to the literature on bibliopsychology. *In*: SIMSOVA, Sylva (ed.). **Nicholas Rubakin and bibliopsychology**. Hamden: Archon Books, 1968c. p. 68-71.

SIMSOVA, Sylva. Joy, not duty: reading and libraries. **Australasian Public Libraries and Information Services**, [S. l.], v. 21, n. 3, p. 109-114, set. 2008. Disponível em: <https://search.informit.org/doi/abs/10.3316/ielapa.296742421281124>. Acesso em: 29 jun. 2025.

SIMSOVA, Sylva (ed.). **Lenin, Krupskaja, and Libraries**. London: Bingley, 1968b.

SIMSOVA, Sylva. **Librarians as readers: bibliopsychological studies: 1966-1984**. London: Data Help, 1987b.

SIMSOVA, Sylva. Nicholas Rubakin. *In*: HARRIS, Gordon (ed.). **Four studies in Soviet Librarianship**. London: Library Association, 1977. p. 7-18.

SIMSOVA, Sylva (ed.). **Nicholas Rubakin and bibliopsychology**. Hamden: Archon Books, 1968a.

SIMSOVA, Sylva. Nicholas Rubakin and bibliopsychology. **Libri**, [s. l.], v. 16, n. 2, p. 118-129, 1966a. DOI: <https://doi.org/10.1515/LIBR.1966.16.2.118>. Disponível em:

<https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/LIBR.1966.16.2.118/html>. Acesso em: 27 set. 2023.

SIMSOVA, Sylva. The Rubakin experiment: a preliminary report. **Research in Librarianship**, Oldham, UK, v. 1, n. 4, p. 90-97, oct. 1966b.

SIMSOVA, Sylva. Subjective dimensions of the reading experience. *In*: MCILWAINE, Ia; MCILWAINE, John; METUCHEN, Peter G. New (ed.). **Bibliography and reading: a Festschrift in honour of Ronald Staveley**. New York: Scarecrow Press, 1983. p. 66-82.

SMITH-PETER, Susan. Provincial public libraries and the law in Nicholas I's Russia. **Library History**, [S. l.], v. 21, n. 2, p. 103-119, jul. 2005. DOI: <https://doi.org/10.1179/002423005x44943>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1179/002423005x44943>. Acesso em: 30 ago. 2025.

SOUSA, José António Correia de. O Dr. Nicolau Rubakine: apóstolo da instrução. **Sol Nascente**: Quinzenário Cultural de Literatura e Crítica, [Coimbra], n. 15, p. 11, 15 set. 1937. Disponível em: http://ric.slni.pt/Sol_Nascente/visualizador?id=20006.015&pag=11. Acesso em: 27 set. 2023.

SOUZA, Sebastião de. Fundamentos filosóficos da Biblioteconomia. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, DF, v. 14, n. 2, p. 189-196, jul./dez. 1986. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbbsb/article/view/41680>. Acesso em: 03 jun. 2025.

STUART, Mary. 'The ennobling illusion': the public library movement in late Imperial Russia. **The Slavonic and East European Review**, [S. l.], v. 76, n. 3, p. 401-440, 1998. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/4212684>. Acesso em: 17 set. 2025.

TARGINO, Maria das Graças. Práxis bibliotecária. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 7, n. 1, p. 26-33, jan./dez. 1997. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/352>. Acesso em: 14 fev. 2024.

TSVETKOVA, Milena. Conflicts with the reading and their decisions through the bibliopsychology. **International Journal of Media and Information Literacy**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 128-145, 2016. Disponível em: https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2900675. Acesso em: 21 set. 2025.

TSVETKOVA, Milena. Lies of the reader: disadvantages of the sociological research methods for the study of reading. **Slovak Republic European Journal of Contemporary Education**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 190-213, 2018. DOI: 10.13187/ejced.2018.1.190.

TURIN, Lydia. Dr. N. Roubakin on biblio-psychology. **Psyche**, [S. l.], p. 74-93, apr. 1929.

VALLE, Fernanda; SALDANHA, Gustavo Silva. Quem é a pessoa usuária do conhecimento registrado na ciência da informação? notas da neurodiversidade. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 23., 2023, Aracaju, Sergipe. **Anais [...]**. Aracaju, 2023, [p. 1-16]. Disponível em:

<https://ancib.org/enancib/index.php/enancib/xxxiiienancib/paper/view/1487>. Acesso em: 05 out. 2025.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **O conceito de tecnologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005. v. 2.

VOLODIN, Boris. History of Librarianship, Library History, or Information History: a view from Russia. **The Library Quarterly**: Information, Community, Policy, Chicago, v. 70, n. 4, p. 446-467, out. 2000. DOI: <https://doi.org/10.1086/603217>. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/603217>. Acesso em: 18 set. 2025.

VOLOTÃO, Carina; SALOMÃO, Amanda; DRUMOND, Geisa Meirelles. Leitura na biblioteca universitária: um olhar crítico sobre o digital. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 24., 2024, Vitória. **Anais [...]**. Vitória, 2024. Grupo de trabalho: Informação, Educação e Trabalho, [p. 1-16]. Disponível em:

<https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxivenancib/paper/view/2494>. Acesso em: 22 ago. 2025.

APÊNDICE A - RELAÇÃO DA PRODUÇÃO ACADÊMICO-CIENTÍFICA DA PESQUISADORA SOBRE O PENSAMENTO DE NICOLAS ROUBAKINE

1 - TRABALHOS ACADÊMICOS

01 - SALOMÃO, Amanda. **Leitura, apropriação de saberes e transformação pessoal**: relações subjetivas e intersubjetivas a partir das perspectivas de mulheres pertencentes a clubes de leitura. 2020. Orientador: Dr. Gustavo Silva Saldanha. 312 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – UFRJ/IBICT, PPGCI, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/handle/123456789/1098>. Acesso em: 10 jul. 2025.

2 - ARTIGOS DE PERIÓDICOS

02 - SALDANHA, Gustavo Silva; SALOMÃO, Amanda. Can we achieve diversity in digital literacy without a critical reflection on reading?: part 1: a new approach to adult literacy programs. **International Review of Information Ethics**, Alberta, v. 30, p. 1-11, 2021. Disponível em: <https://informationethics.ca/index.php/irie/article/view/413>. Acesso em: 29 jul. 2025.

03 - SALOMÃO, Amanda; SALDANHA, Gustavo Silva. Can we achieve diversity in digital literacy without a critical reflection on reading?: part 2: Literacy programs that 'gestate a world'. **International Review of Information Ethics**, Alberta, v. 30, n. 1, p. 1-11, 2021. Disponível em: <https://informationethics.ca/index.php/irie/article/view/414>. Acesso em: 29 jul. 2025.

04 - SALOMÃO, Amanda; SALDANHA, Gustavo Silva. Leitoras de mundo: mulheres e vivências em clubes de leitura. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, [S. l.], v. 14, n. esp. Premiados do Enancib - 2021, p. 1-22, 2021. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/tpbci/article/view/590>. Acesso em: 29 jul. 2025.

05 - SALOMÃO, Amanda. Nós nos agarramos aos livros: experiências de leitura em contextos de opressão na obra A Sociedade Literária e a Torta de Casca de Batata. **Revista EDICIC**, [S. l.], v. 2, n. 4, p. 1-14, 2022. DOI: <https://doi.org/10.62758/re.v2i4.126>. Disponível em: <https://ojs.edicic.org/revistaedicic/article/view/126>. Acesso em: 29 jul. 2025.

06 - SALOMÃO, Amanda; SALDANHA, Gustavo Silva. Sylva Simsova, leitura e Bibliopsicologia: itinerários. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, [S. l.], v. 16, n. esp. Premiados do Enancib 2022, p. 1-26, 2023. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/tpbci/article/view/635>. Acesso em: 29 jul. 2025.

07 - SALOMÃO, Amanda; BEZERRA, Arthur Coelho. Nicolas Roubakine pelas lentes de uma teoria crítica da informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 33, [p. 1-24], 2023. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1809-4783.2023v33.67734>. Disponível em:

<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/67734>. Acesso em: 29 jul. 2025.

08 - SALOMÃO, Amanda; VALLE, Fernanda; SICILIANO, Mell; MATA, Diogo Xavier da; SALDANHA, Gustavo Silva. Rússia nos trópicos: em busca da biobibliografia de Nicolas Roubakine. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 29, p. 1–20, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2024.99362>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/99362>. Acesso em: 29 jul. 2025.

09 - SALOMÃO, Amanda; SALDANHA, Gustavo. Cartas geobiobibliográficas para uma doxografia roubakiniana: itinerários e paragens da obra de Nicolas Roubakine. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 1-35, jan./jun. 2025. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/tpbci/article/view/736>. Acesso em: 29 jul. 2025.

10 - PAULA, Claudio Paixão Anastácio de; VALLE, Fernanda; SALOMÃO, Amanda. Além do logos: análise da infocomunicação à luz da interdependência lógica, estética e ética a partir da Bibliopsicologia. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 1-29, jan./jun. 2025. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/tpbci/article/view/754>. Acesso em: 17 out. 2025.

3 - TRABALHOS APRESENTADOS EM EVENTOS

11 - SALOMÃO, Amanda; SALDANHA, Gustavo Silva. Loci de leitoras e leituras: práxis das mediações sociotécnicas em clubes de leitura. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 21., 2021, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro, 2021. Grupo de trabalho: Mediação, Circulação e Apropriação da Informação, [p. 1-16]. Disponível em: <https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxenancib/paper/view/362>. Acesso em: 01 ago. 2025.

12 - SALOMÃO, Amanda. Clubes de leitura como espaços de apropriação de saberes: horizontes de transformação de mulheres leitoras. In: CONGRESO LATINOAMERICANO PARA EL DESARROLLO DE LA LECTURA Y LA ESCRITURA, 16., 2021, Puebla. **Libro de resúmenes**. Puebla, MX: Consejo Puebla de Lectura; Universidad Iberoamericana Puebla, 2021, p. 131-131.

13 - RIBEIRO, Daniel Strauch; ROSA, Victor Soares; SALOMÃO, Amanda. Leitura em tempos de crise: clubes de leitura, hashtags e pandemia de Covid-19 no Brasil. In: CONGRESO LATINOAMERICANO PARA EL DESARROLLO DE LA LECTURA Y LA ESCRITURA, 16., 2021, Puebla. **Libro de resúmenes**. Puebla, MX: Consejo Puebla de Lectura; Universidad Iberoamericana Puebla, 2021. p. 134-134.

14 - SALOMÃO, Amanda; VALLE, Fernanda; SICILIANO, Mell; MATA, Diogo Xavier da; SALDANHA, Gustavo Silva. Rússia nos trópicos: em busca da biobibliografia de Nicolas Roubakine. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL A ARTE DA BIBLIOGRAFIA, 8., 2021, São Paulo, 09 dez. 2021.

15 - SALOMÃO, Amanda; SALDANHA, Gustavo Silva. A teoria da leitura nas vidas de Sylva Simsova: reflexões biobibliográficas. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22., 2022, Porto Alegre. **Anais [...]**. Rio de Janeiro, 2022, [p. 1-13]. Disponível em:

<https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxii/enancib/paper/view/1052>. Acesso em: 01 ago. 2025.

16 - ROSA, Victor Soares; SALOMÃO, Amanda; RIBEIRO, Daniel Strauch. La lectura del mundo en Capitães de Areia bajo la óptica de Paulo Freire: potenciales constructos para la reflexión crítica y transformación social. *In*: COLLOQUE FREIRE HOJE, FREIRE HOY, FREIRE S(I)EMPRES, 2022, Toulouse, 27 out. 2022.

17 - SALOMÃO, Amanda; SALDANHA, Gustavo Silva. A praxiologia de Roubakine: uma leitura epistemológico-crítica. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 23., 2023, Sergipe. **Anais [...]**. Aracaju, 2023, [p. 1-16]. Disponível em:

<https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxxiii/enancib/paper/view/1426>. Acesso em: 01 ago. 2025.

18 - PAULA, Claudio Paixão Anastácio de; VALLE, Fernanda; SALOMÃO, Amanda. Lógica, estética e ética no ato discursivo: contribuições da Ciência da Informação à luz de Nicolas Roubakine. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24., 2024, Vitória. **Anais [...]**. Vitória, 2024, [p. 1-15]. Disponível em: <https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxv/enancib/paper/view/2718>.

Acesso em: 01 ago. 2025.

19 - SALOMÃO, Amanda; SALDANHA, Gustavo Silva. Horizontes para uma doxografia de Nicolas Roubakine: percursos teórico-empíricos. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24., 2024, Vitória. **Anais [...]**. Vitória, 2024, [p. 1-16]. Disponível em:

<https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxv/enancib/paper/view/2256>. Acesso em: 01 ago. 2025.

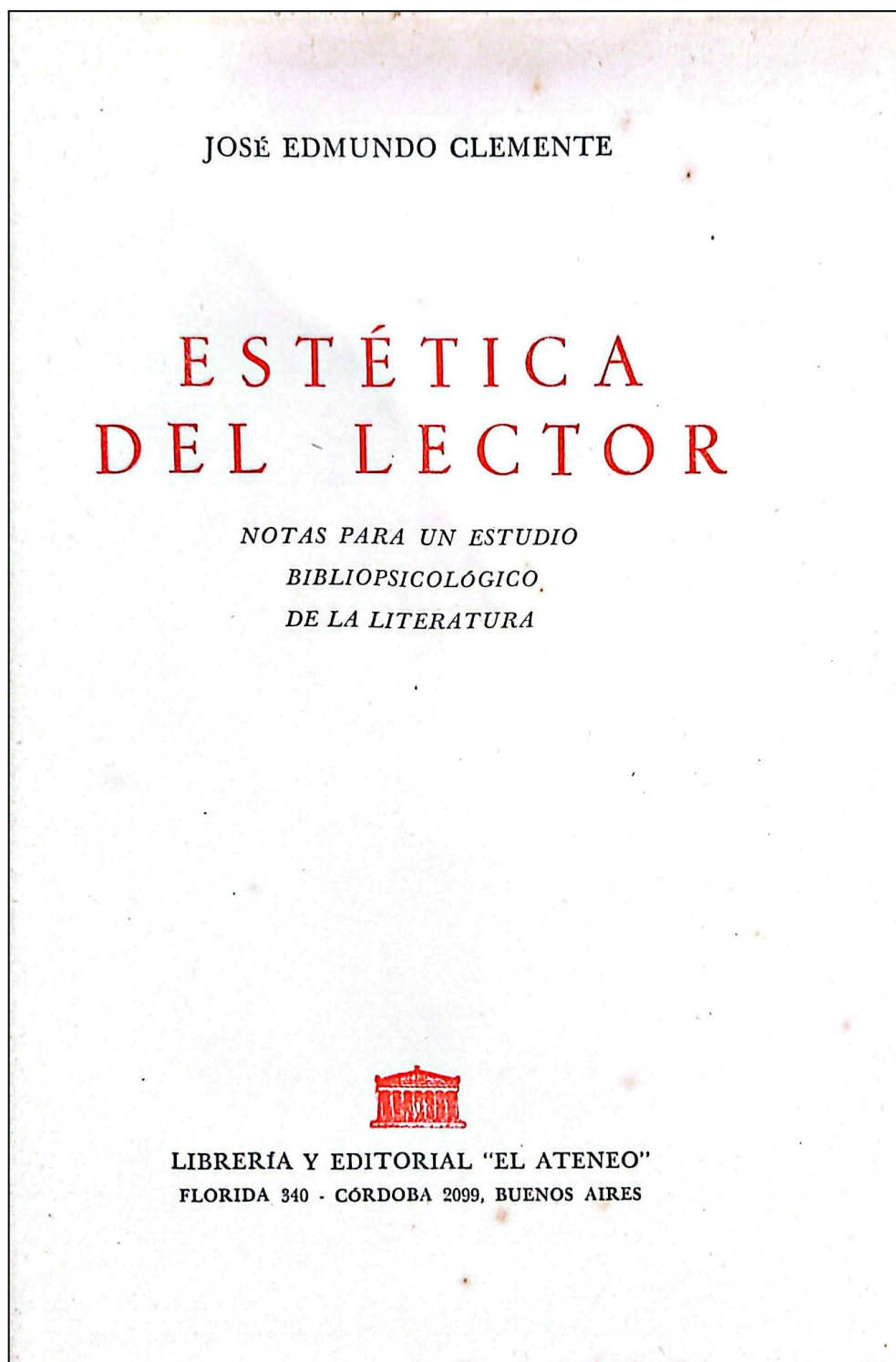
20 - VOLOTÃO, Carina; SALOMÃO, Amanda; DRUMOND, Geisa Meirelles. Leitura na biblioteca universitária: um olhar crítico sobre o digital. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24., 2024, Vitória. **Anais [...]**. Vitória, 2024, [p. 1-16]. Disponível em:

<https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxv/enancib/paper/view/2494>. Acesso em: 22 ago. 2025.

21 - SALOMÃO, Amanda; SALDANHA, Gustavo Silva. Nicolas Roubakine em Elsa Ramírez Leyva: reflexões teóricas sobre o conceito de e a práxis da leitura. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2025, Rio de Janeiro.

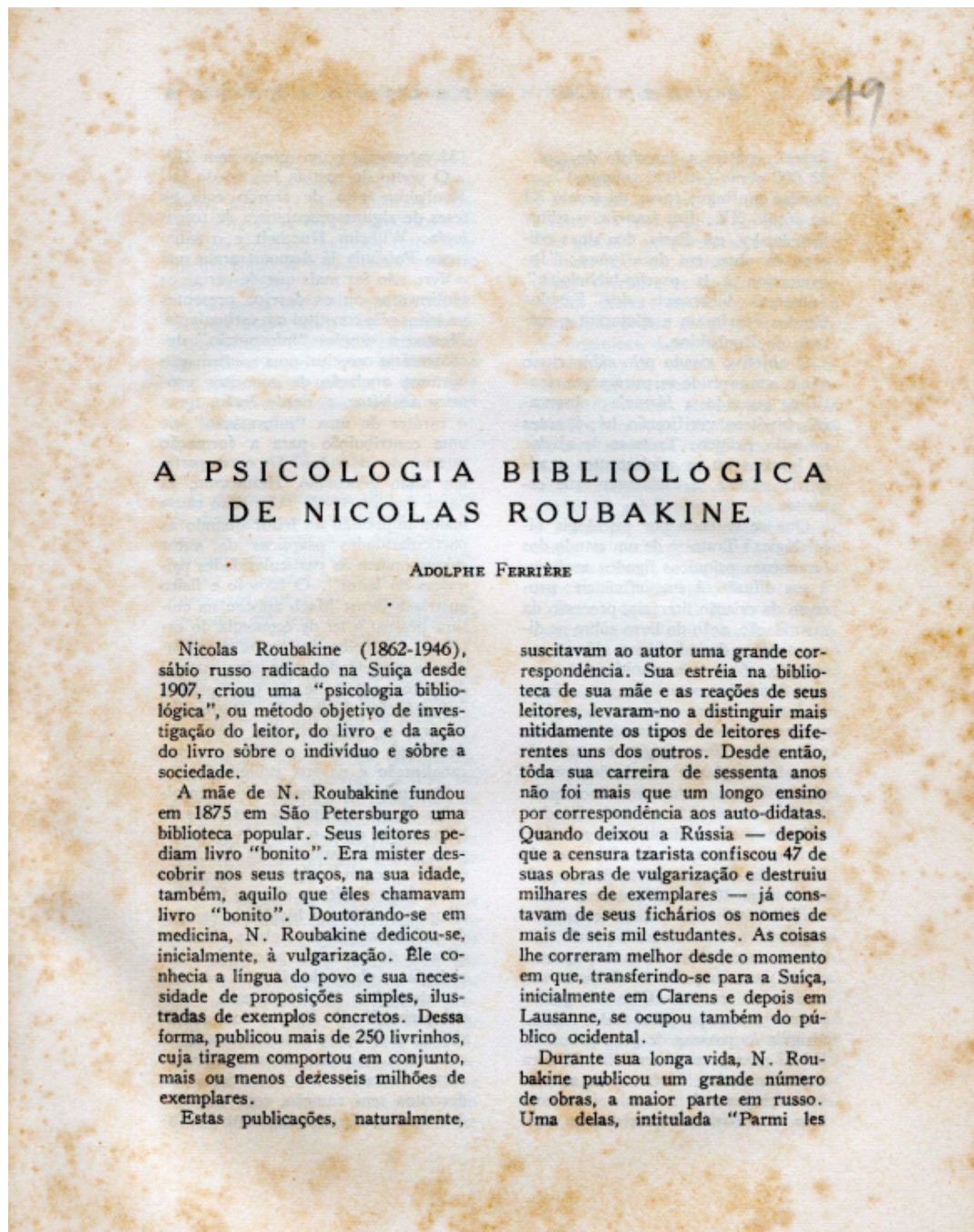
APÊNDICE B - TERRITÓRIOS *ITER*

1. *Estetica del lector: notas para un estudio bibliopsicológico de la literatura*, José Edmundo Clemente - 1950



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora (2025), a partir de compra realizada na Estante Virtual.

2. A psicologia bibliológica de Nicolas Roubakine, Adolphe Ferrière - 1951



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora (2025), a partir de cópia digitalizada fornecida pela Biblioteca Digital Curt Nimuendajú.

3. *La psychologie bibliologique d'après les documents et les travaux de Nicolas Roubakine, Adolphe Ferrière - 1916*

LA PSYCHOLOGIE BIBLIOLOGIQUE D'APRÈS LES DOCUMENTS ET LES TRAVAUX DE NICOLAS ROUBAKINE

Par M. ADOLPHE FERRIÈRE.

D^r en Sociologie, Professeur à l'Institut J. J. Rousseau.

Il est possible d'envisager le livre sous deux aspects différents : en tant que moyen de conservation et de transmission de la pensée humaine et en tant que réactif psychologique de la vie affective et volitive.

Sous le premier de ces deux aspects le livre est un instrument intercalé entre une force humaine qui s'exprime au dehors et un besoin humain qui se satisfait en s'assimilant cette force. Le livre est l'enregistreur, le conservateur, le transmetteur de la science pure ou tout au moins de la connaissance théorique. Notons qu'il peut être envisagé aussi bien dans son contenant que dans son contenu. Le **contenant**, c'est la partie matérielle du livre, visible et palpable : on peut l'étudier comme toute « richesse » ressortissant à la science économique :

a) au point de vue de sa production dans le passé : histoire du livre, histoire de l'écriture ;

b) au point de vue de sa production dans le présent : industrie du livre ;

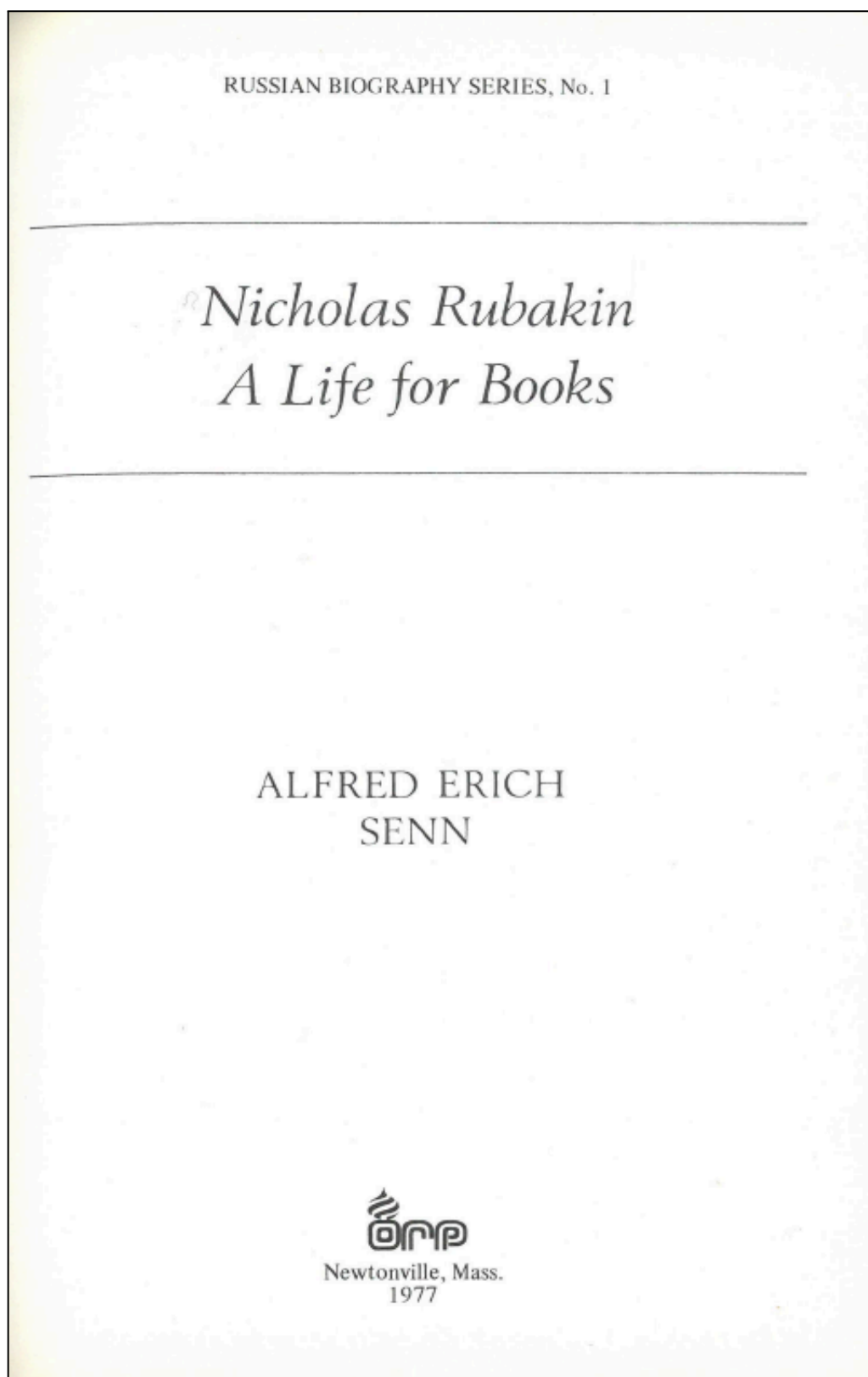
c) au point de vue de sa distribution dans l'espace : diffusion du livre, journal ou manuscrit. Cette distribution a une portée sociale : psychologique et pédagogique.

Le **contenu** du livre est d'ordre spirituel et, au point de vue où nous nous plaçons ici, plus spécialement d'ordre intellectuel. C'est la connaissance, produit du travail de l'esprit humain, dont la partie matérielle du livre est en quelque sorte le support ou le récipient. Ici encore nous rencontrons trois aspects :

ARCH. DE PSYCHOL., T. XVI. — N° 62. (Déc. 1916.)

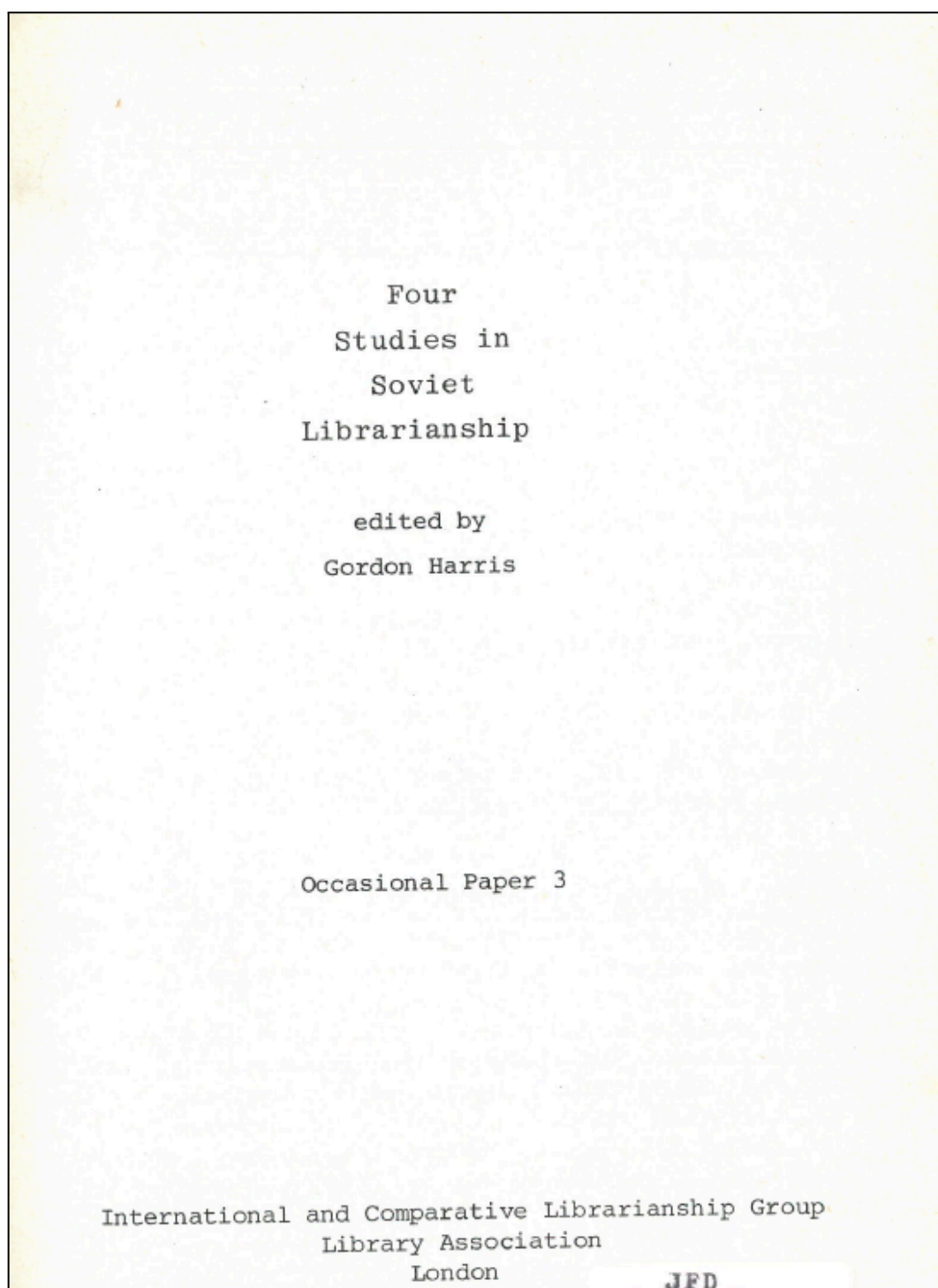
7

4. *Nicholas Rubakin: a life for books*, Alfred Senn - 1977



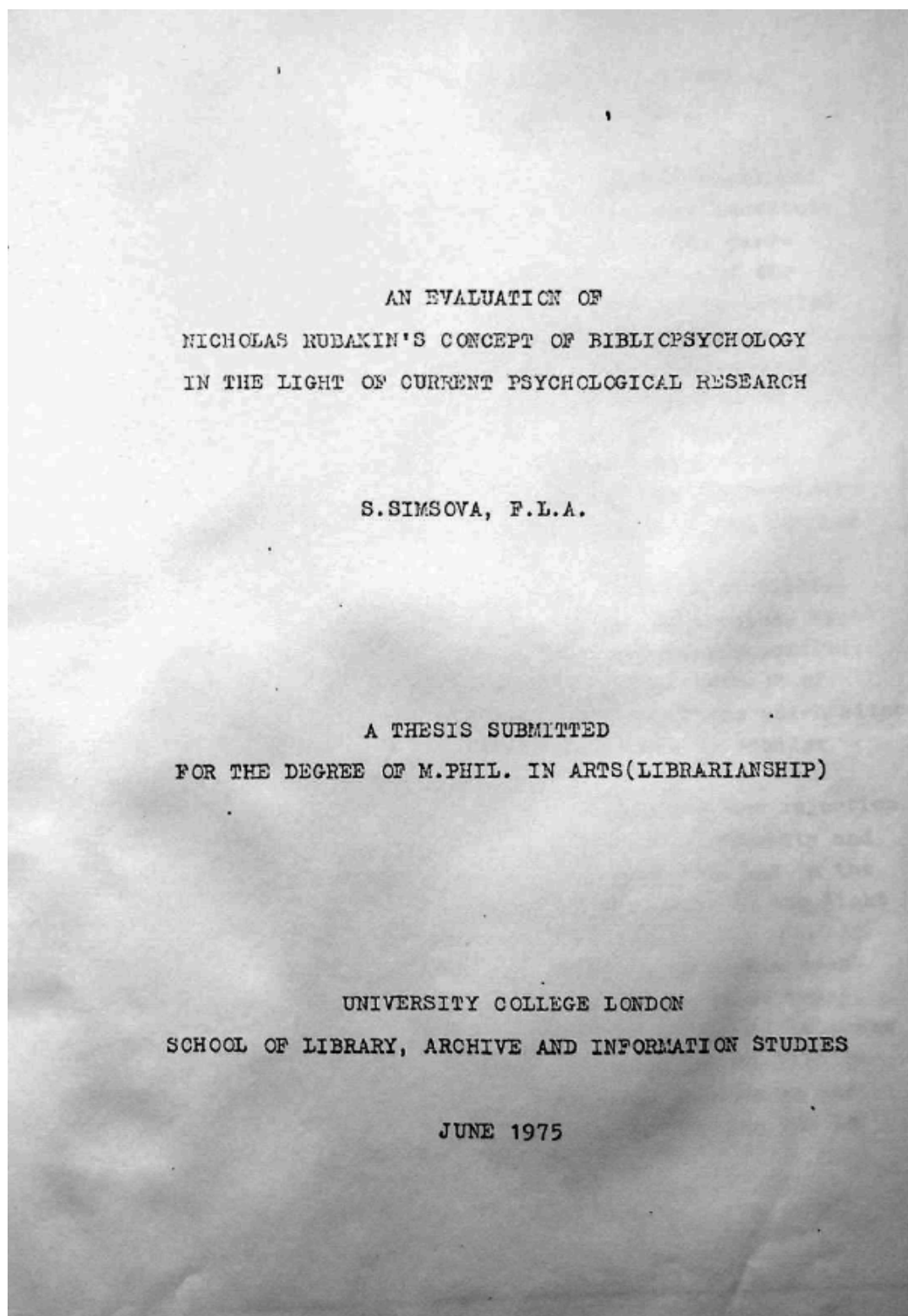
Fonte: acervo pessoal da pesquisadora (2025), a partir de cópia digitalizada fornecida pela Biblioteca Pública de Nova York.

5. *Nicholas Rubakin, Sylva Simsova - 1977*



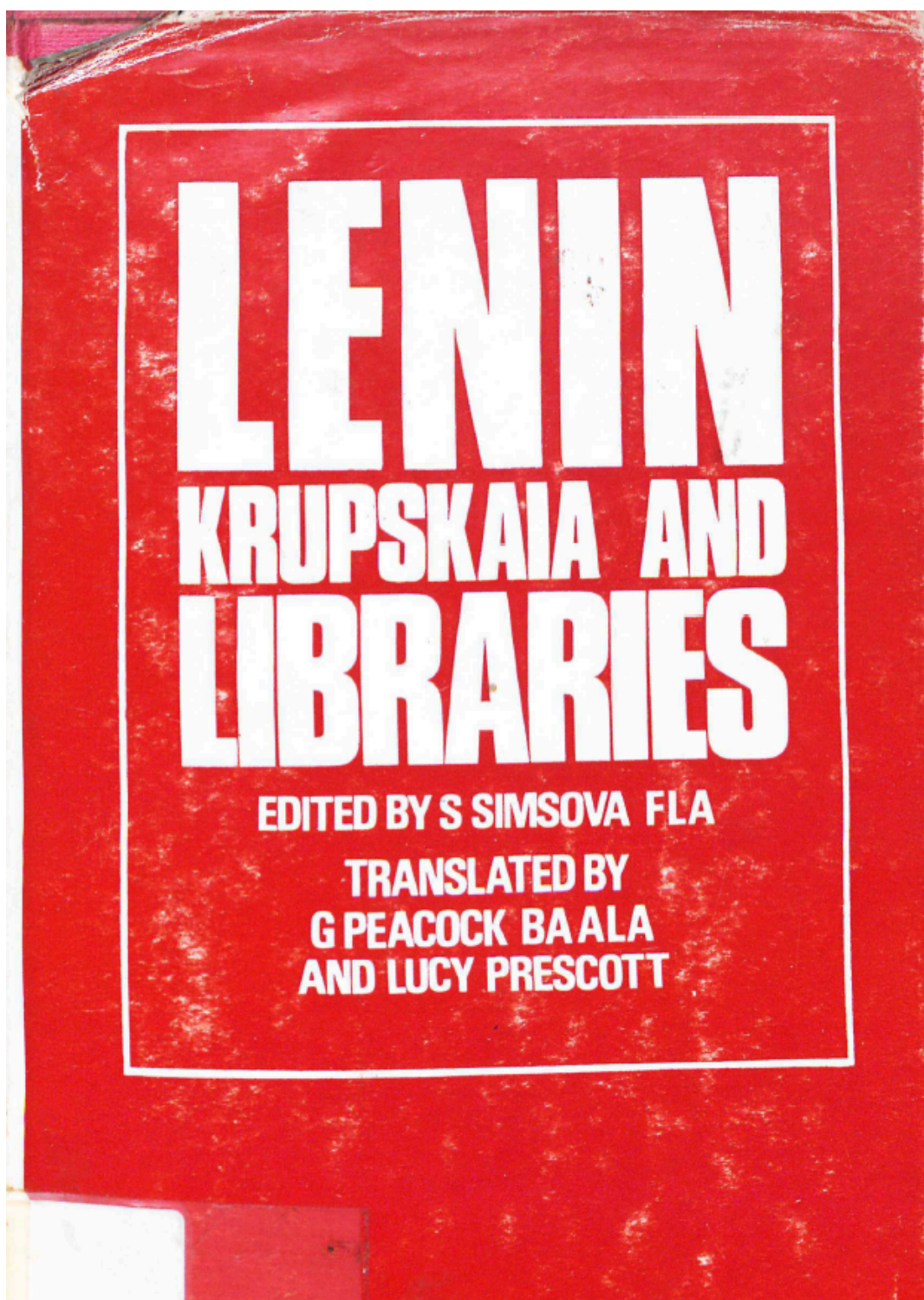
Fonte: acervo pessoal da pesquisadora (2025), a partir de cópia digitalizada fornecida pela Biblioteca Pública de Nova York.

6. *An evaluation of Nicholas Rubakin's concept of bibliopsychology in the light of current psychological research*, Sylva Simsova - 1975



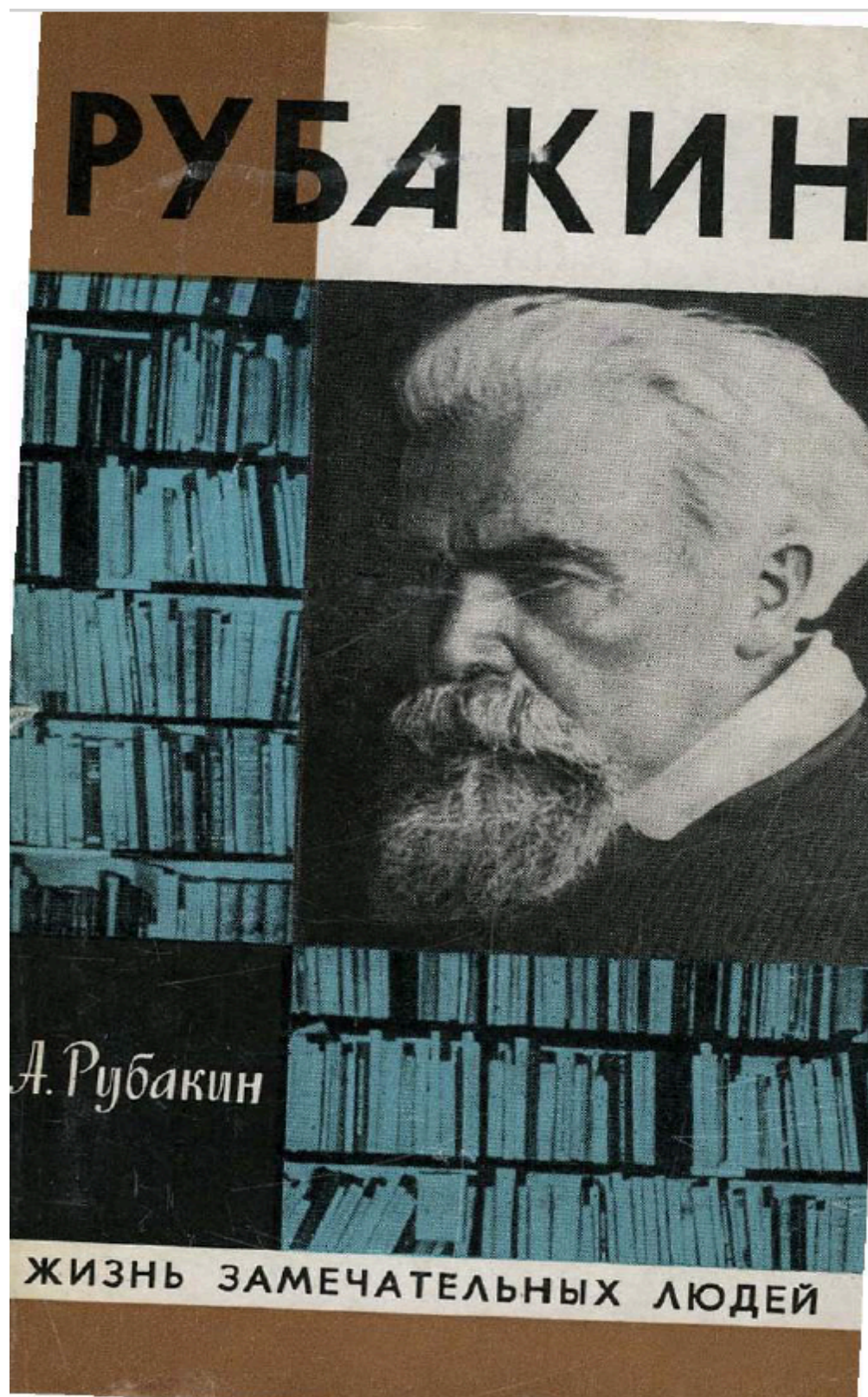
Fonte: acervo pessoal da pesquisadora (2025), a partir de cópia digitalizada fornecida pela Biblioteca da *University College London*, via mediação da Biblioteca CFCH/UFRJ.

7. *Lenin, Krupskaja and libraries*, Sylva Simsova - 1968



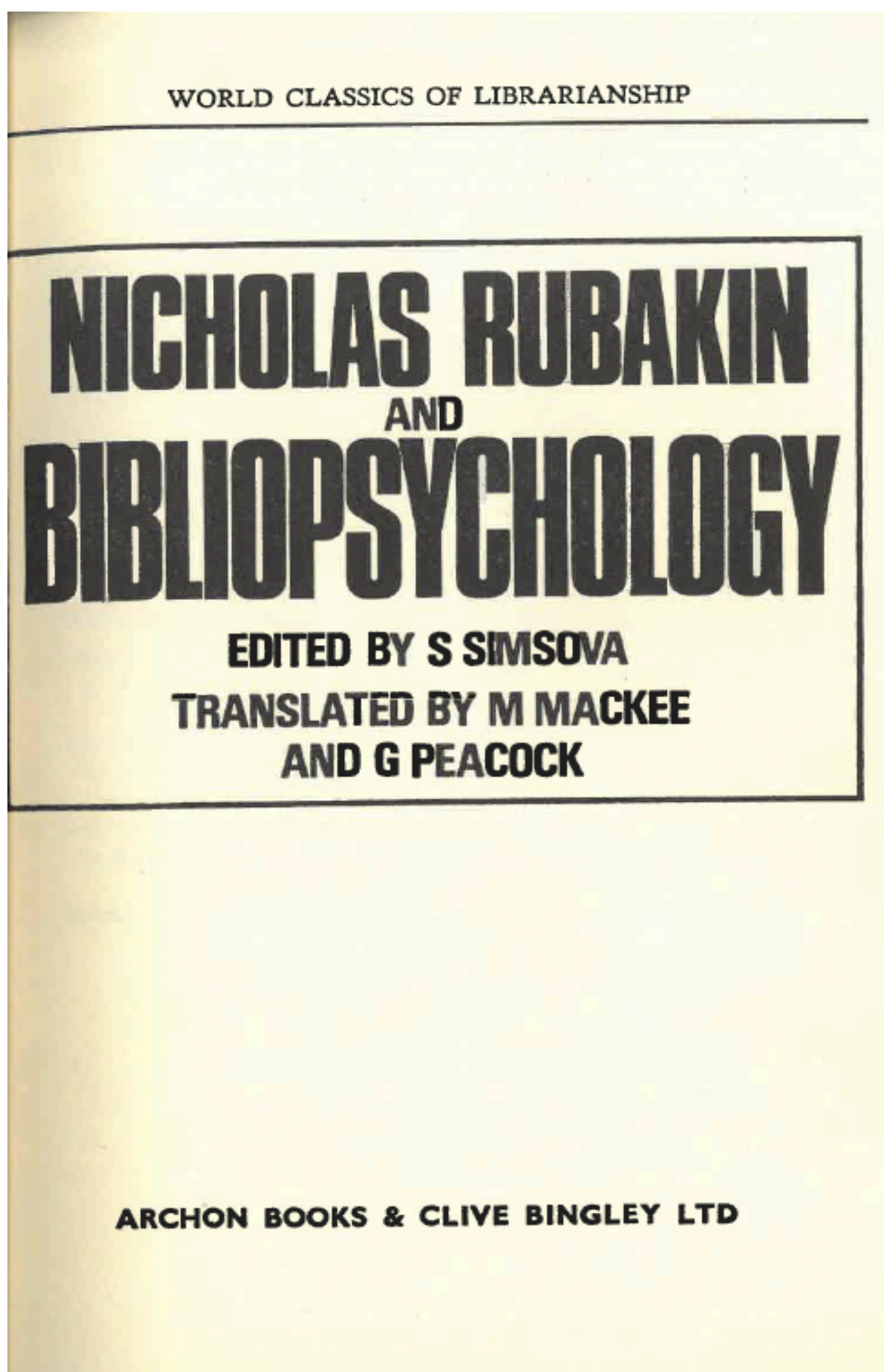
Fonte: acervo pessoal da pesquisadora (2025), a partir de cópia digitalizada fornecida pela Biblioteca ECA/USP.

8. *Rubakin: lótsman knijnogo moria*, Aleksandr Rubakin - 1979



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora (2025).

9. *Nicholas Rubakin and bibliopsychology*, Sylva Simsova - 1968



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora (2025), a partir de cópia digitalizada fornecida pela Biblioteca Pública de Nova York.

10. La biblio-psicología, Javier Lasso de La Vega Jimenez Placer - 1947

CÓMO SE DEBE LEER

La biblio-psicología

Esta rama de la ciencia, la biblio-psicología, reclama de día en día la atención del lector. La creación y la producción del libro debe desenvolverse y regularizarse con sujeción al orden lógico de los fenómenos de naturaleza psicofísica de la Humanidad en el curso de la evolución general de la vida social e histórica. Para los cultivadores de estos estudios, el libro no posee un contenido propio independiente de la personalidad y carácter del lector y de las condiciones del lugar y del momento en que la lectura se produce. Por ello la biblio-psicología, partiendo de este punto de vista, estudia al libro no bajo el aspecto de su importancia cultural y de su valor intrínseco, sino como una especie de aparato, ingenio o instrumento psicológico que sirve para provocar en el ser psíquico del lector ciertas experiencias determinadas y complejas. En la biblio-psicología el lector lo es todo.

Mientras la literatura se propone formular las reglas a que ha de acomodarse determinada rama de la producción o la evolución de estas ramas en el tiempo y en el espacio, la biblio-psicología procura fijar o explicar los efectos psicológicos de la lectura de una determinada forma literaria sobre un tipo individual o social. De esta suerte, esta disciplina nos expone cuáles son las obras que han ejercido mayor influencia sobre la creación de los grandes caracteres y nos indica a su vez cuáles han sido sus autores preferidos y por qué lo fueron, en virtud de qué rasgos psíquicos idénticos.

La biblio-psicología —dice Tarde— es una de las ramas de la inter-psicología que estudia las relaciones psíquicas entre los hombres, de «un cerebro sobre otro cerebro», las relaciones entre el autor, su obra y el lector.

La biblio-psicología ha tenido su principal teorizante en el ruso Roubakine, el cual expone sus principios en su *Introduction a la Psychologie Bibliologique* (París, 1922), obra tendenciosa, aunque de capital importancia para estos estudios. Atri-

11. *Subjective dimensions of the reading experience*, Sylva Simsova - 1983

SUBJECTIVE DIMENSIONS OF THE READING EXPERIENCE

Sylva Simsova

In his paper on the theory of practical education in librarianship Ronald Staveley discusses the meeting between reader and author, and he suggests that the skills and studies of librarians should be 'focused on and shaped by this central activity, these multiple mysterious meetings between readers and texts'.¹

For the last sixteen years the School of Librarianship at the Polytechnic of North London has been trying to do just that, and in acknowledgement of a debt to Ronald Staveley this paper is going to summarise a small section of recent research into the subjective dimensions of the reading experience.

The Nature of the Reading Experience

Reading is an event that happens at a particular time and in a particular environment. It is done by a reader who makes use of a text. If any of the four factors (time, environment, reader, text) change, the nature of the experience will change, too. The second reading of a book by the same person at a different time will be different from the first reading. The same book read by two readers produces different experiences.

In brief, each reading experience is unique and unrepeatable. Some, however, resemble others, and it is there-

12. Bibliopsychological dimensions of the reading experience, Sylva Simsova - 1987

 IFLA GENERAL CONFERENCE, BRIGHTON Division: Education and Research Section: Library theory and Research Round Table on Research in Reading	<u>63-READ-1-E</u> (179)
Bibliopsychological dimensions of the reading experience by Sylva Simsova Information Systems Consultant Data Help, London, UK 176	
<u>KEYWORD (S):</u> Bibliopsychology Reading	
<u>For internal use only:</u> (Si) To be brought to meeting no: <u>112</u> <u>Remarks:</u> to be presented orally ☒ for distribution only ☐	

Fonte: acervo pessoal da pesquisadora (2025), a partir de cópia digitalizada fornecida pela IFLA.

13. *Dr. N. Roubakine on biblio-psychology*, Lydia Turin - 1929

DR. N. ROUBAKINE ON BIBLIO-PSYCHOLOGY

By L. TURIN

Dr. Roubakine's name is a household word in Russia, for he has done more for the propagation of popular knowledge in that country than any other man in its history. Every Russian library, be it ever so small, is certain to contain some volume either written or edited by Dr. Roubakine who, for decades past, has acted as a link between Russian readers and the most recent developments in Western European thought and science.

Dr. Roubakine was born in Oranienbaum, near Petrograd, in 1862, and through his mother, who had started a public library in Petrograd, was brought up in an atmosphere of books. He entered the University in Petrograd in 1882 and studied natural sciences as well as mathematics, history and law. He graduated in 1887 and devoted himself to public service. For five years he lived as a worker among the workers of his father's factory and there became aware of the need—and thirst—for knowledge among Russian workers; it was this experience which finally decided him to turn his attention to the problem of voluntary popular instruction.

In 1892 he became the Director of his mother's library, which he transformed into a centre for the propagation of popular knowledge. He was also an active member of a vast number of similar institutions and at the same time devoted himself to the task of bringing the works of various Western European writers within the reach of working-class readers. Between 1890 and 1926 Dr. Roubakine had written 234 books and had edited and translated over three hundred works by Russian and European writers on various scientific subjects. In the course of a long and fruitful life he has been a librarian, author, head of a publishing house, editor, lecturer, propagandist, translator and printer; so it is with the authority born of practical experience that Dr. Roubakine speaks of books and the new science of books—biblio-psychology—of which he is, in a sense, the originator. With this science he deals at length in a manuscript of over 150,000 words, in two parts, some indication of whose contents may be gathered from the following summary.

14. The Rubakin experiment, Sylva Simsova - 1966

- 90 -

THE RUBAKIN EXPERIMENT: A Preliminary Report

by Mrs. S. Simsova, F. L. A.

Lecturer in Librarianship, North-Western Polytechnic

Purpose of the experiment.

The experiment was based on the work of Nicholas Rubakin, founder and director of the Institute of Bibliopsychology in Switzerland (1916-1946).¹

My original intention was merely to find out how one of his methods of investigation worked in practice. For this purpose I carried out a brief preliminary survey in the autumn of 1965,² but the results seemed to suggest that the method was worth further testing and I therefore attempted a large scale experiment lasting from January of this year till June.

The samples both of readers and books investigated this second time were sufficiently large to enable me to draw what I think are valid conclusions and I shall therefore describe the larger experiment as a survey of reading among lecturers and students at the North-Western Polytechnic School of Librarianship.

My primary interest, however, lies in the testing and the evaluation of Rubakin's method as such and I hope to attempt to do this in a later publication.

The method.

Selected passages from the authors investigated were written down in individual words, one word to a line. The readers were asked to classify their reaction to each individual word of the text under one or several psychological headings or else to record a blank. The points awarded under each heading were added up and the totals expressed in percentages (100% = total number of points under all headings minus blanks). The resulting formula shows the reading type of both the reader and the book.

TABLE 1. EXAMPLE OF TEXT USED IN THE EXPERIMENT

Rubakin experiment		C	N	R	S	E	V	I	A
		Ideas Images Sensation Emotion Volition Instinct Action							
1	by	1							
2	ten-forty-five		2						
3	it	3							
4	was	4							
5	all		5		5				
6	over.			6		6			
7	The	7							
8	town			8					
9	was	9							
10	occupied,					10			10
11	the	11							

Fonte: acervo pessoal da pesquisadora (2025), com cópia digitalizada fornecida pela Biblioteca de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Paraná.

15. Obituário de Nicolas Roubakine no periódico *Library Journal* - 1947

Nicolai Aleksandrovich RUBAKIN, known especially for his two-volume work *Introduction à la psychologie bibliologique* (Paris, 1922), died at Lausanne, Switzerland, Nov. 23, 1946. He was born in 1862, and was the author of several other works on bibliographical and library topics published in Russia.

Fonte: acervo pessoal da pesquisadora (2025), a partir de cópia digitalizada fornecida pela Biblioteca da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

16. *Bibliotecología general*, Oleg Chubarian - [1981?]



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora (2025), a partir de cópia digitalizada fornecida pela Biblioteca Adolfo Rodríguez Gallardo, da UNAM, e pela Biblioteca da Universidade do Kansas.

17. L'enseignement par soi-même et la lecture systématique, Paul Otlet - 1916

N° 1

L'INTERNÉ

5

L'ENSEIGNEMENT PAR SOI-MÊME

ET

LA LECTURE SYSTÉMATIQUE

Importance de la lecture. — L'homme apprend toute sa vie. L'école, qu'elle soit l'école primaire, le collège ou l'université, ne peut guère lui donner que les éléments des connaissances. A lui, plus tard et à tout moment, de les développer selon les circonstances. Apprendre se confond en un certain sens avec la vie intellectuelle elle-même. L'esprit comme le corps a besoin de nourriture. Il la trouve dans l'observation, la réflexion, la conversation, le voyage, la visite des villes, des musées, des établissements de toute nature ; il la trouve dans l'enseignement mais surtout dans la lecture. Cette dernière est à la portée de tous. Le livre, la revue, le journal, les illustrés, les mille et un documents imprimés de toute nature sont répandus à profusion et il en existe des collections, accessibles à tous, sous le nom de bibliothèque.

La lecture est plus qu'un simple passe-temps, elle doit être recherchée comme un plaisir de degré supérieur et comme une activité qui améliore, élargit et élève toutes les facultés. Entendu dans ce sens, la lecture utilitaire et la lecture récréative n'est pas seulement un objet que doit poursuivre l'individu parce qu'il l'intéresse directement. C'est aussi une fonction véritable de la vie sociale, et il n'est pas trop demandé d'y voir consacrer les forces collectives et le concours des bonnes volontés.

Première organisation de la lecture. — Il faut cependant distinguer les amas de livres des collections systématiquement organisées ; distinguer le fait de lire au hasard des rencontres et la lecture avec un but, suivant un plan, et en s'aidant de bonnes méthodes. Comme de toutes choses, il y a du livre une manière de s'en servir, et son utilisation féconde, le profit à en tirer, dépendent de cette manière. Il faut partir de l'idée que le livre est l'instrument du savoir. Il faut l'assimiler dans un certain ordre, en tenant compte de la préparation antérieure de l'esprit et des caractéristiques individuelles de celui-ci (types mentaux). A cet effet, il est nécessaire de disposer de trois choses : 1° Une méthode générale de lecture systématique, qui soit pour l'enseignement par soi-même l'analogue de ce qu'est la pédagogie pour l'enseignement par l'école. (Art de lire avec fruit, choix des meilleurs ouvrages, individualisation des ouvrages d'après le type des lecteurs, manière de faire les travaux d'annotation et d'analyse nécessaires à l'assimilation des ouvrages, etc.) 2° Des guides-manuels de lecture, sorte de catalogues raisonnés, qui soient pour chaque lecteur désireux de faire œuvre sérieuse et suivie l'organisation du

savoir : Ce que sont les programmes, les manuels scolaires, les journaux de classe dont fait usage l'enseignement. 3° Des bibliothèques choisies, composées des meilleurs livres correspondant au cycle entier des connaissances à acquérir et développées systématiquement par degrés, de manière à contenir des ouvrages relatifs aux diverses matières, aux divers degrés d'instruction et aux divers types d'esprit.

Travaux sur l'organisation de la lecture. — Diverses publications excellentes ont été produites jusqu'ici en vue d'aider à la formation des bibliothèques choisies et à l'usage méthodique des livres. On peut citer entre autres le catalogue de 10 000 ouvrages types de l'American Library Association publié par la Library of Congress. Le guide polonais des autodidactes. Des ouvrages tels que : « Ce qu'il faut lire », de Mazel, etc. Des catalogues types, tels que le catalogue de la Bibliothèque de Levallois-Perret, par M. Morel (classification décimale). Les leading Courses syllabus de l'Association anglaise National-Home Reading Union. Le Litterarischer Ratgeber, publié en collaboration par la Dürer Gesellschaft, etc. M. N. Roubakine a élaboré en détail une méthode basée sur la bibliologie psychologique. Elle tient compte dans le choix des ouvrages des types mentaux des lecteurs. Il a établi pour la littérature russe un guide d'éducation par soi-même en trois forts volumes (« Parmi les livres »). L'Institut International de Bibliographie a entrepris ces dernières années, diverses études relatives à la lecture systématique, la bibliographie choisie et la self education. Certains de ces travaux sont consignés dans son *Bulletin* qui contient aussi des analyses de la plupart des publications mentionnées ci-dessus.

L'œuvre de lecture pendant la guerre. — Une action pour la lecture du soldat et du prisonnier en temps de guerre a été entreprise dans la plupart des pays. En Angleterre, le Camp-Library (qui envoie chaque semaine cent mille revues et livres aux tranchées), le Fighting-Forces Book Council, la St-John's War Library Committee, la Young-Men's Christian Association (qui agit dans 1500 groupes), la National Home Reading Union, la Workers educational Association. En Belgique, le Livre du soldat belge. En Suisse : la Bibliothèque militaire des foyers du soldat. En France, les Croix-Rouges, assistées d'œuvres auxiliaires, etc. « L'Entraide Intellectuelle » a donné une attention spéciale à tout ce qui concerne la lecture.

P. O.

..... Chacun de nous a reçu en naissant des possibilités latentes, qualités pratiques ou talents intellectuels. Travaillons dès maintenant à réaliser ces dons ou à les accroître

Pour qu'il vive et progresse !

NOTRE SOUSCRIPTION

Le journal destiné aux internés paraît enfin ! Tous les amis des hôtes sacrés de la Suisse se réjouissent en recevant le premier numéro de notre publication. Malgré les complications qui ne furent point insurmontables, puisque nous nous en sommes rendus maîtres, nous réalisons aujourd'hui notre rêve et nous nous mettons joyeusement à la tâche que nous nous sommes imposée.

Mais notre désir de venir en aide aux prisonniers internés, en leur donnant un journal qui leur soit spécialement destiné, ne peut se réaliser d'une façon durable que s'il est soutenu par tous ceux que notre œuvre intéresse.

Bien qu'aucun de nos rédacteurs ne soit rétribué, les frais d'imprimerie et autres sont énormes, bien peu en rapport avec les ressources dont nous disposons. Nous avons besoin, pour les couvrir, du concours généreux de nos amis.

Déjà plusieurs d'entre eux ont répondu à notre appel, et nous les en remercions vivement. Leur prompt adhésion a été pour nous un encouragement précieux. Que d'autres les imitent !

Que tous ceux qui ont à cœur le sort des prisonniers que la Suisse hospitalise, se souviennent qu'il n'y a pas que des blessures physiques à guérir, mais des facultés morales à relever ou à développer.

Bienfaiteurs et Bienfaitrices des prisonniers.

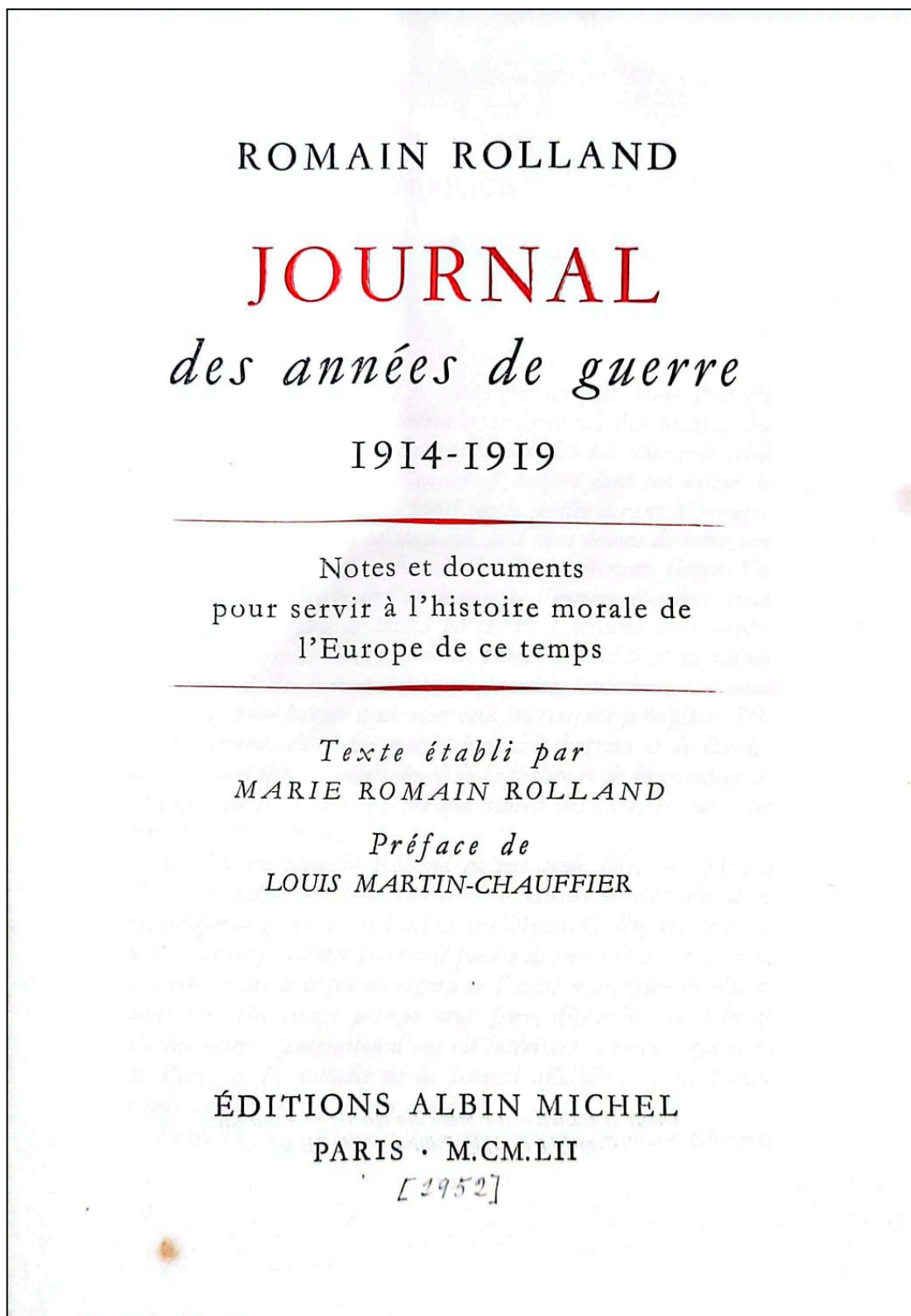
Le journal qui poursuit ce but mérite de trouver en vous le soutien nécessaire à sa vie. Que votre générosité se manifeste une fois encore en faveur des internés, et nous vous dirons merci du plus profond de notre cœur.

LE COMITE.

AVIS. — Prière d'adresser tous les envois de fonds à l'administration de *L'Interné* : 5, rue de Bourg, compte de chèques II.262.

1re Liste des dons reçus.

M. Hentsch, Genève (50 fr.). — M. et Mme Aragon-Roberti, Vevey (25). — M. Vuillemin, Teinturerie lyonnaise, Lausanne (18.50). — Demoiselles téléphonistes, Lausanne (15). — Docteur Perret, Aubonne (15). — M. H. George, Genève (10). — Bureau zurichois recherche disparus (10). — Mlle de Botassi, Genève (10). — M. et Mme Weissemberger-de Botassi, Genève (10). — Mme A. Spitzer, Sils-Maria (10). — Mlle L. Bulkley, Lausanne (10). — Mlle Jaquerod, Aigle (10).

18. *Journal des années de guerre: 1914-1919*, Romain Rolland - 1952

Fonte: acervo pessoal da pesquisadora (2025), a partir de compra realizada na Estante Virtual.

19. L'Institut Roubakine de Psychologie Bibliologique à Lausanne, Marie Bethmann - 1949

L'INSTITUT ROUBAKINE DE PSYCHOLOGIE BIBLIOLOGIQUE À LAUSANNE

028.02

par

MARIE BETHMANN.

Le 22 Novembre 1946, dans sa 85-ième. année, est décédé à Lausanne NICOLAS ROUBAKINE, fondateur de la Psychologie Bibliologique et premier directeur de l'Institut.

Le savoir encyclopédique de Nicolas Roubakine, sa connaissance presque illimitée des livres et la passion qu'il nourrissait pour ceux-ci, comme sa connaissance des lecteurs, son talent d'écrivain et de vulgarisateur des sciences, son intuition de l'âme humaine, son art d'éducateur, ses dons d'animateur, sa cordialité, sa bienveillance sans limites, son désintéressement, sa générosité, son amour pour l'homme et pour l'humanité le rendent irremplaçable. Chaque jour, davantage, l'Institut, ses collaborateurs et ses usagers ressentent plus profondément la perte irréparable qu'ils ont faite en sa personne.

Depuis 1916, il existe, en Suisse, un centre scientifique et culturel portant le nom d'„INSTITUT DE PSYCHOLOGIE BIBLIOLOGIQUE“.

Nous donnerons plus loin l'histoire de sa fondation, ainsi qu'une brève description de l'ensemble de ses diverses sections et des tâches qui lui incombent.

Tout ce qui touche les livres est l'objet de cette activité, et particulièrement tout ce qui concerne les bibliothèques. Dans ce domaine tous les éléments sont étroitement liés les uns aux autres et forment un tout indivisible.

On peut distinguer les branches principales suivantes de l'activité de l'Institut:

1. Création du livre,
2. Mise en circulation et propagation du livre,
3. Son utilisation à des fins d'instruction et d'auto-instruction.

Y sont adjoints:

- A. Un laboratoire pour l'étude du lecteur individuel et de la psychologie du lecteur en général;
- B. Un cabinet de consultation psychologique, spécialisé dans les questions d'auto-instruction par la lecture et caractérologie du lecteur.

Comment, par qui et comment fut fondé l'Institut de Psychologie Bibliologique? Le 20 octobre 1916, à Genève, devant un nombreux public, eut lieu une modeste cérémonie au cours de laquelle deux instituts scientifiques de renommée mondiale — l'Institut J. J. Rousseau de Genève et l'Institut International de Bibliographie de Bruxelles fondèrent un nouveau centre de recherches bibliologiques sous le nom de „Section de Psychologie Bibliologique“.

Ce fut lors de cette assemblée constituante, dont les organisateurs étaient le professeur Pierre Bovet, directeur de l'Institut J. J. Rousseau et feu Paul Otlet, secrétaire général de l'Institut International de Bibliographie, que le terme de „psychologie bibliologique“ fut prononcé pour la première fois dans le monde scientifique occidental. La séance était consacrée aux problèmes de la psychologie bibliologique, ou plus brièvement à la biblio-psychologie.

Paul Otlet, traita de l'état des connaissances bibliologiques et des problèmes qui y sont étroitement liés. „Aucune branche de la bibliothéconomie — disait-il — ne saurait plus se passer de psychologie“. Plus tard cette même idée fut développée par lui dans ses nombreuses publications scientifiques. (Voir

notamment le „Traité de Documentation“, le livre sur le livre, Théorie et pratique, Bruxelles, 1934). Il voyait dans la biblio-psychologie un approfondissement et un complément indispensable de la bibliologie.

Le professeur Adolphe Ferrière, sociologue, psychologue et pédagogue hautement apprécié en Europe et dans le monde entier, donna une importante conférence sur le sujet: „La psychologie bibliologique d'après les travaux de N. Roubakine“ („Archives de Psychologie“, 1916, no 12). Il y précisait la notion de cette nouvelle branche de la science psychologique.

Nicolas Roubakine, en sa qualité de créateur de cette nouvelle science qui ne tarda pas à s'implanter profondément dans le domaine du livre, fut appelé à diriger la section, qui après son décès devint l'INSTITUT ROUBAKINE.

Le terme de *psychologie bibliologique* s'applique à une branche spéciale de psychologie sociale, celle qui étudie l'homme et la collectivité sociale dans les processus de la lecture, de la conversation et du comportement verbal en général. Elle place au centre de ses études, non pas le livre, mais le lecteur. En d'autres termes, la biblio-psychologie étudie non pas les textes écrits et la parole orale tels que les phrases, les mots, les lettres, les intonations, les silences, mais leur action et leur influence sur l'individu et la collectivité.

La méthode biblio-psychologique facilite considérablement le travail dans le domaine du livre, car, comme le dit Paul Otlet (Voir „Traité de documentation“, Bruxelles, 1934, p. 35.)

1. Elle permet de rédiger et de vulgariser les livres scientifiques, et les manuels clairs de telle façon qu'ils soient lus plus que les belles-lettres;
2. Au lieu d'étudier pour s'instruire soi-même une quantité de livres, il est possible de poursuivre ce travail avec un nombre de livres relativement petit, sans porter préjudice aux connaissances reçues et au développement mental;
3. Transformer les bibliothèques en des laboratoires où l'on étudie la circulation des idées et de l'opinion publique;
4. Organiser l'activité des maisons d'édition, des rédactions de livres et de leur distribution, de façon que cette activité ne ressemble pas à un tir désordonné sur un but invisible.
5. Et c'est là peut-être le plus important, faire comprendre à tous ceux qui, sous le régime social actuel, sont opprimés, humiliés, offensés et appauvris et qui maintenant n'ont ni les connaissances, ni les possibilités de travailler pour la création de meilleures conditions donc qu'ils peuvent, eux aussi, lutter et travailler avec succès sans verser ni larmes, ni sang: ils peuvent tous apprendre à créer une vie nouvelle, et la créer toujours et partout avec patience et ferveur, et cela sans se faire remarquer par ceux qui maintenant construisent leur bonheur et leur aisance sur le malheur des autres.

Le but principal et final de la biblio-psychologie consiste à rapprocher le mot et la réalité d'une part, et le contenu du livre et le lecteur auquel ce contenu peut-être le plus utile, de l'autre. Car les livres — eux aussi — ont leur destinée selon l'accueil que leur réserve le lecteur.

Les recherches de l'Institut ont démontré que toutes les idées fondamentales constitutives des 7 lois biblio-psychologiques étaient déjà connues des anciens; quant à leur appli-

APÊNDICE C - CRONOLOGIA BIOBIBLIOGRÁFICA ROUBAKINIANA⁴²³

1830 - Nasce Aleksandr Yosifovich Rubakin (1830-1896), pai de Nicolas Roubakine. Seu pai não se interessava por assuntos políticos e era contra o fato de seus filhos estudarem e irem para a universidade, acreditando que eles deveriam seguir seus passos no comércio.

1842 - Nasce Lidija Ternet'evna Rubakina (1842?-1905), mãe de Roubakine. Bibliotecária devotada aos livros e incentivadora da educação popular, além de influência central no pensamento roubakiniano. Nas décadas de 1860 e 1870, se aproximou de círculos sociais e literários revolucionários, também nos esforços de luta pela educação popular.

1862 - Nasce Nicolas Aleksandrovich Roubakine em Oranienbaum, atual Lomonossov, região perto de São Petersburgo, Rússia. Filho de Lidija Ternet'evna Rubakina e Aleksandr Yosifovich Rubakin.

Década de 1870

Lidija Ternet'evna Rubakina, mãe de Nicolas Roubakine, viaja com ele e seu irmão para São Petersburgo, então capital do império russo, a fim de garantir sua educação formal.

Início das atividades de escrita de Nicolas Roubakine, desde poemas satíricos, artigos críticos e científicos, materiais de popularização da ciência, bibliografias, manuais de autoinstrução e programas individuais de leitura, distribuídos por áreas do conhecimento como Matemática, Física, Estatística, Biologia, Psicologia, Ciências Sociais, Sociologia, Economia, Política, História, Religião, Filosofia e Ética. Muitos dos escritos roubakinianos seriam considerados de teor subversivo e censurados na Rússia czarista por conter críticas ao regime vigente e por tratar de conhecimentos tidos também como subversivos.

1875 - Inauguração da Biblioteca L. T. Rubakina, em São Petersburgo, Rússia, no dia 22 de outubro. É nesta biblioteca que Roubakine tem contato inicial com as

⁴²³ Alguns dados históricos e políticos que integram esta cronologia foram retirados da obra de FIGES, Orlando. **Uma história cultural da Rússia**. Rio de Janeiro: Record, 2017.

experiências individuais de leitura e a prática bibliotecária, trabalhando como bibliotecário e depois substituindo sua mãe na administração da biblioteca.

1878 - Primeira grande onda de greves operárias na Rússia.

Década de 1880

Início das trocas de correspondências entre Nicolas Roubakine com pessoas leitoras na Rússia, África, Ásia, Europa e América. Estima-se que o bibliotecário tenha se correspondido com mais de 20 mil pessoas ao longo de sua vida, em sua maioria, trabalhadoras, camponesas, oficiais do exercício, professores e estudantes das classes populares.

Nicolas Roubakine substitui sua mãe na posição de bibliotecário e assume a responsabilidade pela biblioteca.

1881

Assassinato do imperador Alexandre II e ascensão de Alexandre III, que governou até 1894.

Criação da polícia política.

Nicolas Roubakine ingressa na Universidade de São Petersburgo para cursar ciências psicológicas e matemáticas, onde permanece até 1887. Nesse contexto, o teórico envolve-se em organizações e movimentos estudantis considerados ilegais, além de escrever panfletos e livros de teor revolucionário.

1882 - Nicolas Roubakine organiza, na Biblioteca L. T. Rubakina, círculos de leitura de obras de cunha socialista.

1884-1886 - No centro da luta contra o regime czarista, Roubakine foi acusado de publicar, armazenar e distribuir textos tidos como subversivos pelo governo vigente, tendo sua biblioteca, bem como sua atuação como escritor de obras de popularização do conhecimento científico, investigações sobre a leitura e o leitor, escritos políticos críticos ao czarismo, à nobreza e ao clero, perpassadas pela censura.

1887

Nicolas Roubakine conclui o curso de ciências psicológicas e matemáticas na Universidade de São Petersburgo.

O pai de Roubakine aluga uma fábrica de papel em São Petersburgo, na qual Roubakine trabalharia até 1892 na parte administrativa e de relacionamento com as pessoas operárias.

Os trabalhadores com os quais Roubakine entra em contato a partir de seu trabalho na fábrica integram os círculos de leitura na L. T. Rubakina, organizados desde 1882.

Assassinato de Alexandre Uliánov (1866-1887), irmão de Lenin, por seu envolvimento com a tentativa de assassinato contra o czar Alexandre III. A execução de Uliánov, de quem Nicolas Roubakine se aproximou em 1811, teria um impacto negativo no teórico, aprofundando mais ainda sua oposição ao czarismo.

Década de 1890

Nicolas Roubakine se aproxima de Nadezhda Krupskaya quando do seu envolvimento com o Comitê de Combate ao Analfabetismo e outras ações de educação popular.

1891

Nicolas Roubakine integra o Comitê de Combate ao Analfabetismo, reconhecido como um grupo de pensadores liberais.

Nicolas Roubakine, junto de outras pessoas envolvidas nas atividades de educação popular, cria um Museu Móvel de Recursos Educacionais, centrado no empréstimo de artefatos para o estudo de História Natural, Mineralogia, Geologia, Física e Química.

1891-1893 - Crise da fome na Rússia.

1894 - Morre Alexandre III e Nicolau II ascende ao trono, governando até 1917.

1897 - Primeiro recenseamento nacional realizado pelo império russo. Este censo demonstrou que a quantidade de pessoas não alfabetizadas nas camadas populares alcançava cerca de mais da metade da população russa.

Final da década de 1890 - Nicolas Roubakine exila para Ryazan, cidade russa localizada, atualmente, à sudoeste da capital Moscou.

1901

Formação do Partido Socialista Revolucionário.

Nicolas Roubakine se aproxima do Partido Socialista Revolucionário, o que intensificaria as perseguições e tentativas de prisão ao teórico por parte da polícia política czarista.

Exílio de Nicolas Roubakine para a Crimeia e Vyborg, antes de seu exílio definitivo para a Suíça em 1907.

1904

Nicolas Roubakine retorna à sua terra natal, após revogação de sua sentença de exílio, determinada pelo próprio governo russo. Em seu retorno, se envolve novamente com movimentos políticos revolucionários.

Nicolas Roubakine participa do Terceiro Congresso Pan-Russo de Trabalhadores de Educação Técnica e Profissional, transcorrido em São Petersburgo. Nessa ocasião, o teórico chama atenção para as condições precárias do que concebia como uma educação pública formal, por parte do regime czarista, de caráter tendencioso e voltado para os interesses de grupos detentores do poder econômico e político (as elites e o próprio czar). A partir daí, as perseguições políticas e tentativas de prisão à Roubakine por parte do regime czarista se intensificariam, dando início ao seu processo de exílio definitivo.

1905

Onda crescente de greves, protestos, organização do povo e exigência de reforma política e mudança social, refletindo em movimentos revolucionários para a destituição do czarismo.

Domingo Sangrento. Manifestação grevista protagonizada pelas classes trabalhadoras diante do Palácio de Inverno em São Petersburgo, sede e centro do poder imperial, sendo combatida de forma violenta e deixando milhares de pessoas mortas e feridas.

Nicolas Roubakine se encontra sob perseguições políticas e vigilância policial.

Nicolas Roubakine publica sua obra bibliográfica *Sredi knig*. A obra se tornaria, pelo menos até a década de 1970, uma ferramenta para a teoria e prática biblioteconômicas na Rússia.

Morre a mãe de Nicolas Roubakine, Lidija Rubakina. Sua obra, *Sredi knig*, é dedicada a ela.

1907

Nicolas Roubakine doa sua primeira biblioteca, composta por mais de 100 mil volumes e constituída a partir da Biblioteca L. T. Rubakina, para a Liga Pan-Russa para a Educação Popular em razão de seu exílio.

Nicolas Roubakine exila para a Suíça, primeiro estabelecendo-se em Clarens.

1908

Nicolas Roubakine constrói sua segunda biblioteca na Suíça, tendo por base parte do acervo da Biblioteca L. T. Rubakina que trouxe da Rússia. Esta biblioteca seria legada à Biblioteca Estatal de Lenin após sua morte, em 1946.

1911 - Roubakine se aproxima de Vladimir Lenin, líder da revolução socialista, na Suíça, cujo irmão, Alexander Uliánov (1866-1887), Roubakine teria contato antes, em 1880, ainda como estudante universitário.

1911-1915 - Publicação de uma segunda edição da obra bibliográfica *Sredi knig*, em três volumes.

1914

Primeira Guerra Mundial.

Publicação da resenha sobre a obra *Sredi knig* escrita por Lenin na revista *Prosveshchenie*. O líder político questionaria o vocábulo “bolchevismo”, acreditando que Roubakine propunha um posicionamento neutro.

Nicolas Roubakine publica uma outra obra bibliográfica, *Praktika samoobrazovaniia* (Prática de autoinstrução).

Nicolas Roubakine, já exilado na Suíça, passa a se corresponder via cartas com oficiais do exército russo, que recorriam a ele com pedidos de orientação de leitura para a autoinstrução.

Nicolas Roubakine entra em contato com o intelectual francês Romain Rolland.

1916

Em 22 de outubro deste ano, Roubakine dá uma palestra sobre a teoria bibliopsicológica no Instituto Jean-Jacques Rousseau e no Instituto Internacional de Bibliografia, a qual constitui o capítulo primeiro de sua *Introduction à la psychologie bibliologique*.

Nicolas Roubakine funda uma Seção de Psicologia Bibliológica no Instituto Jean-Jacques Rousseau, na qual atuou como diretor e incluiu o acervo de sua própria biblioteca.

1917

Destituição do czarismo.

Revolução Russa.

Já exilado na Suíça, Nicolas Roubakine publica o texto *Qu'est ce que la Révolution Russe?*, no qual explica as causas da Revolução Russa de 1917.

1918

Fim da Primeira Guerra Mundial.

Início da Guerra civil na Rússia.

1919 - Ao viajar para Praga, na atual República Tcheca, a convite da Sociedade Bibliográfica da Tchecoslováquia, para participar de um congresso, Nicolas Roubakine tem seu retorno à Suíça negado pelo próprio governo. Levariam mais quatro meses de negociações com as autoridades suíças até que obtivesse um visto de retorno e pudesse voltar.

1922

Publicação de *Introduction à la psychologie bibliologique* em Paris, em dois volumes.

Nicolas Roubakine muda de Clarens para Lausanne, transferindo sua biblioteca para a cidade onde permaneceria até sua morte, em 1946.

1924 - Morte de Lenin.

1928 - Publicação de *Psikhologiia chitatelia i knigi: kratkoe vvedenie v bibliologicheskuiu psikhologiyu* [Psicologia do leitor e dos livros: uma breve introdução à psicologia bibliográfica], edição em russo da obra *Introduction à la psychologie bibliologique*.

1928-1930 - Nicolas Roubakine elabora um questionário internacional em língua francesa, *Lecteur, connais toi toi-même!*, o qual lhe trouxe cerca de 500 respostas de leitores de diversas partes do mundo.

1929 - Nicolas Roubakine renomeia a Seção de Psicologia Bibliológica para Instituto de Psicologia Bibliológica ou Instituto Internacional de Psicologia Bibliológica. O Instituto funcionaria até 1946, ano de sua morte.

Década de 1930

Nicolas Roubakine recebe uma pensão do governo soviético em razão de sua atuação no âmbito da educação popular e pelo uso de sua biblioteca, L. T. Rubakina, como espaço de ações e debates que contribuiriam para a Revolução Russa de 1917. Em troca, legaria sua biblioteca à Biblioteca Estatal de Lenin, após sua morte.

1934 - Publicação, em língua inglesa, do questionário *Reader, know thyself* (tradução do questionário *Lecteur, connais toi toi-même!*) no periódico *Library Journal*.

1937 - Publicação do ensaio *La psychologie de la bibliothèque populaire in Institut International de Coopération Intellectuelle*, escrito por Nicolas Roubakine com Marie Bethman, sobre a aplicação das teorias bibliopsicológicas nas atividades bibliotecárias desenvolvidas em bibliotecas públicas.

1939 - Início da Segunda Guerra Mundial.

1942 - Já com 80 anos, Nicolas Roubakine continua a ajudar prisioneiros russos que fugiram da Alemanha e buscavam abrigo junto às autoridades suíças; ainda que, nesse momento, não pudesse contribuir financeiramente, Roubakine enviaria cerca de dez mil volumes de sua biblioteca para essas pessoas, na tentativa de trazer conforto aos prisioneiros.

1945 - Fim da Segunda Guerra Mundial.

1946

Morre Nicolas Roubakine em Lausanne, na Suíça, em 23 de novembro de 1946, aos 84 anos.

Após sua morte, a segunda biblioteca de Nicolas Roubakine, construída em seu exílio na Suíça, é legada à Biblioteca Estatal de Lenin, em Moscou, atual Biblioteca Estatal Russa. Esta biblioteca foi armazenada em um setor voltado para as coleções especiais, *Rubakin Collection* (Rb). Igualmente, o arquivo de Nicolas Roubakine, formado por suas correspondências e manuscritos e também adquirido pelo governo soviético, encontra-se no Setor de Manuscritos desta mesma biblioteca.

1947 - Publicação de um breve obituário no periódico *Library Journal*, em janeiro de 1947, o qual reconhece a contribuição das atividades bibliotecárias e dos trabalhos publicados por Nicolas Roubakine na Rússia.

APÊNDICE D - DIMENSÕES EPISTEMOLÓGICAS DE ANÁLISE

Dimensão epistemológico-histórica

Variável	Capítulo	Página	Definição
Epistemologia bibliopsicológica	Prefácio	p. II	“Temos o direito de afirmar — e se sim, até qual ponto — que todo livro possui um conteúdo que lhe é próprio, independentemente da personalidade do leitor, do processo da leitura, das condições do lugar e do momento onde esse processo se efetua?”
Epistemologia bibliopsicológica	Prefácio	p. II	“ Que devem fazer os eleitos da humanidade , essa elite intelectual à qual a sorte atribuiu a responsabilidade de conduzir as massas populares, de instruí-las e guiá-las espiritualmente? De que forma essa elite deverá trabalhar a fim de espalhar a educação o mais rapidamente possível por entre essas massas populares cuja voz se torna cada vez mais decisiva nos destinos do mundo?”
Epistemologia bibliopsicológica	Prefácio	p. II-III	“Insistimos particularmente na importância cada vez maior das classes trabalhadoras de todos os países estarem armadas e, conseqüentemente, de armarem-se: 1º de conhecimentos exatos que melhor correspondam à realidade ao redor; 2º de uma cultura intelectual , ou seja, um hábito de pensar corretamente; 3º finalmente, demonstramos a eles a necessidade de aprender a apreciar, de um ponto de vista humanitário, tudo o que existe, quando se trata do processo de aplicação de conhecimentos e ideias à criação de uma vida nova ”
Epistemologia bibliopsicológica	Prefácio	p. III	“Como a realidade dada é ? Como ela deveria ser?”
Epistemologia bibliopsicológica	Prefácio	p. III	“A totalidade da personalidade nos conduz naturalmente a falar da totalidade da humanidade. A divisão da humanidade em nações, classes e mesmo em profissões está em completa contradição com o princípio de totalidade e representa um obstáculo importante a uma vida mais extensiva e intensiva”
Epistemologia bibliopsicológica	Prefácio	p. III	“A Bibliopsicologia é um dos meios de humanizar a humanidade , se ousarmos nos expressar assim”
Epistemologia bibliopsicológica	Prefácio	p. V	“Entendemos por esse nome uma ciência que estuda os fenômenos psicológicos ligados à existência do livro e das riquezas livrescas da humanidade”
Epistemologia bibliopsicológica	Prefácio	p. VI	“O autor desta obra trabalhou toda sua vida pelas classes de trabalhadores do povo russo”
Epistemologia bibliopsicológica	Introdução	p. 4	“[...] partiremos da teoria para chegar à prática. A teoria não é para nós senão um meio, enquanto a prática constitui o fim”
Epistemologia bibliopsicológica	Introdução	p. 4	“[...] a quem o queira, mesmo às pessoas das classes trabalhadoras e aos mais amplos círculos do proletariado

			e da democracia, aos menos favorecidos no que concerne à fortuna, procedimentos fáceis e relativamente rápidos para se munir a si mesmos de saber e para se desenvolver, intelectualmente e moralmente, com a maior economia possível de tempo, de força e de dinheiro”
Circularidade epistêmica	Cap. 1	p. 9	“[...] abre - essa é minha convicção profunda - novas e vastas perspectivas às ciências filosóficas, filológicas, psicológicas e sociais, para não citar a bibliologia”
Epistemologia bibliopsicológica	Cap. 1	p. 9	“[...] traçar, com toda a precisão possível, o limite que a separa [a Bibliopsicologia] das outras ciências contíguas, das quais ela toma emprestado materiais, sobretudo fatos, mas também teorias”
Epistemologia bibliopsicológica	Cap. 1	p. 10	“Mas minha busca não é somente teórica, ela é acima de tudo prática”
Epistemologia bibliopsicológica	Cap. 1	p. 10-11	[...] é o estudo da dependência funcional de três séries de fenômenos psíquicos, de três fatores, que, como tais, dão origem à uma pesquisa exata, científica e até matemática: o leitor, o livro e o autor
Epistemologia bibliopsicológica	Cap. 1	p. 11	“[...] dependência funcional dos dois primeiros fatores, isto é: em primeiro lugar, ‘aquilo que é lido’ e, em segundo lugar, o ‘leitor’”
Epistemologia bibliopsicológica	Cap. 1	p. 11	“O objeto da psicologia bibliológica é qualquer palavra que conserve sua forma fora do psíquico humano, que se separou dela, por assim dizer, e possui uma existência própria em si mesma”
Epistemologia bibliopsicológica	Cap. 1	p. 11	“Se nós a chamamos preferencialmente de ‘bibliológica’, em detrimento de outra denominação, é porque é especialmente nos livros que ela aparece sob essa forma cristalizada”
Estudos da linguagem	Cap. 1	p. 14	“A Bibliopsicologia ajudará o linguista não somente a interpretar os materiais que estuda, mas também a conhecer a própria personalidade do autor e a compreender sua época e sua maneira de interpretar os fatos e as ideias”
Estudos literários	Cap. 1	p. 14	“A teoria da literatura [...] encontrará uma base sólida na Bibliopsicologia, que lhe explicará o efeito psicológico de dada forma literária em dado tipo individual ou social”
Epistemologia bibliopsicológica	Cap. 1	p. 14-15	“Ela estuda o objeto da leitura em relação ao sujeito que lê e busca explicar o nascimento, a composição, o caráter e os limites dos conhecimentos do leitor”
Circularidade epistêmica	Cap. 1	p. 15	“As ciências mais intimamente relacionadas com a Bibliopsicologia e que formam o terreno onde ela finca suas raízes são as seguintes: a linguística, e particularmente duas de suas subdivisões: a semântica e a psicologia da linguagem; a história e a teoria da literatura, a crítica, a estética e a pedagogia, a lógica, a teoria do conhecimento e particularmente a psicologia – sobretudo a psicologia experimental, sem falar,

			naturalmente, dos outros ramos da bibliologia”
Circularidade epistêmica	Cap. 1	p. 15	“Eis exatamente onde se pode encontrar indicações valiosas para a Bibliopsicologia: em títulos da teoria da literatura, bibliologia, bibliografia teórica, história da literatura, crítica (científica, estética, social), psicologia (experimental, teórica, psicológica, pedagógica, individual, social, etc.), teoria do conhecimento (gnosologia), lógica, ética e estética, filosofia, filologia, linguística e todas suas subdivisões, em particular a semântica e a psicologia da linguagem”
Ciências Naturais	Cap. 1	p. 15-16	“[...] as ciências naturais – antropologia, fisiologia, biologia em geral, nos fornecem um material abundante”
Matemática Física	Cap. 1	p. 16	“É por isso que a Bibliopsicologia retira dados do campo da matemática e da teoria das probabilidades, bem como da física e outras ciências correlatas”
Epistemologia bibliopsicológica	Cap. 1	p. 16	“Embora extraia seus materiais das mais variadas ciências, senão de todas as ciências, como fazem, a propósito, todas as novas ciências em seu nascimento, a Bibliopsicologia não é, de forma alguma, uma simples mistura de fatos fornecidos por numerosas disciplinas científicas. Ela possui objetivos próprios, seus métodos, seu objeto próprio, seu campo de estudo [...] ela pode ser considerada como uma ciência especializada e independente”
Epistemologia bibliopsicológica	Cap. 1	p. 16	“A Bibliopsicologia é uma síntese de todas essas ciências, mas uma síntese que persegue seu objetivo particular, que é o estudo da força motriz do discurso cristalizado”
Psicologia	Cap. 1	p. 16	“A Bibliopsicologia nada mais é do que uma seção das ciências psicológicas [...]”
Biologia	Cap. 1	p. 16	“O professor R. Semon conseguiu obter aplicações notáveis na biologia, e todas foram utilizadas pela psicologia bibliológica”
Epistemologia bibliopsicológica	Cap. 1	p. 17	“[...] em sua dependência funcional do leitor”
Epistemologia bibliopsicológica	Cap. 1	p. 17	“[...] as relações funcionais dos autores e dos leitores”
Epistemologia bibliopsicológica	Cap. 1	p. 18	“São os intelectuais russos, ou, como são chamados, a ‘intelliguentzia’ russa, e especialmente seus integrantes socialistas que, sendo justo, devem ser considerados como os verdadeiros fundadores da Bibliopsicologia; foi essa ‘intelliguentzia’ que, desde o início do século XIX e particularmente desde 1870, trabalhava intensamente, sob as condições mais penosas, e até mesmo mais intoleráveis, para instruir os camponeses e os operários russos, lutando assim por seu direito a uma vida melhor. Os russos que lutaram pela instrução do povo foram os primeiros a compreender, por experiência própria, a grande importância da Bibliopsicologia”

Epistemologia bibliopsicológica	Cap. 1	p. 18	“[...] o segredo da enorme influência do livro não residia no livro em si, mas no leitor, nas suas especificidades psicológicas e sociais, em sua situação econômica e política. Eles aprenderam, com a ajuda de vários livros, a tentar provocar uma ação determinada sobre a psiquê do leitor. A experiência lhes mostrou que não é raro que mesmo o livro mais governamental desperte neste ou naquele leitor as ideias mais antigovernamentais, de acordo com o leitor que o lê, a maneira que ele o lê, de acordo com o modo e as circunstâncias em que o livro lhe foi dado, de acordo também com o prefácio que o livro recebeu e as condições políticas e econômicas do momento”
Epistemologia bibliopsicológica	Cap. 1	p. 20	“A Bibliopsicologia nasceu na escola, na biblioteca, na sala de leitura, dentro do auditório dos cursos populares, na redação da revista e do jornal, no escritório da editora, na livraria, no ‘lugar de conspiração’ do propagandista revolucionário ou do sectário fanático. Aqueles que a criaram não são teóricos, mas homens de ação, não eruditos que buscavam a verdade objetiva em seus gabinetes, longe do ruído da vida, mas homens devotados, que lutaram pelos direitos do homem e do cidadão, pelos princípios da declaração de 1789 e do Manifesto Comunista de 1847”
Epistemologia bibliopsicológica	Cap. 1	p. 20	“A Bibliopsicologia aplicada nasceu, antes da teoria, sob a opressão do regime absolutista russo; nasceu à custa de sofrimentos inconcebíveis, deportações, execuções, de que nem os propagandistas mais pacíficos escaparam”
Epistemologia bibliopsicológica	Cap. 1	p. 20	“São precisamente essas pessoas que elaboraram todos os procedimentos práticos essenciais para propagar os conhecimentos, as concepções, os estados de espírito, a ação; são elas que provaram que a influência de um livro bom e honesto sobre a multidão de leitores pode ser incomensuravelmente mais forte e mais fecunda do que é; que essa influência pode ser conscientemente intensificada com o objetivo de transformar a vida mais ordinária e mais rasa [...]”
Epistemologia bibliopsicológica	Cap. 1	p. 20-21	“É proposital que me detenha sobre este aspecto da evolução histórica da Bibliopsicologia, para mostrar a força, o significado social e moral e também a beleza dessa nova ciência”
Epistemologia bibliopsicológica	Cap. 1	p. 21	“Não esqueçamos que a Rússia, minha pátria, é o país onde os mais esclarecidos detentores do poder supremo, como, por exemplo, Catherine II, escreviam de próprio punho: ‘Não se deve instruir a plebe, porque se ela vier a saber tanto quanto vocês e eu, ela não nos obedecerá mais como agora’; e essa política é a que seguiam, embora menos abertamente, todos os czares até a revolução e todos os ministros de instrução pública nomeados por eles. Não esqueçamos que a Rússia foi, até 1917, o país de numerosas censuras, onde certo livro, antes de chegar ao leitor, devia passar por três e às vezes seis censuras; onde, a cada ano, por ordem dos tribunais ou sem sua ordem, a polícia queimava centenas de

			milhares de exemplares de livros. E que livros!”
Epistemologia bibliopsicológica	Cap. 1	p. 21	“De 1904 até nossos dias, foram queimados ao menos 25 milhões de livros”
Epistemologia bibliopsicológica	Cap. 1	p. 21-22	“[...] a prática da Bibliopsicologia mostrou ao mundo inteiro que essa ciência era mais forte que toda opressão e repressão e que qualquer ideia, mesmo a mais proibida, poderia alcançar seu objetivo, apesar de todas as dificuldades, internas ou psicológicas, externas ou sociais”
Epistemologia bibliopsicológica	Cap. 1	p. 22	“[...] da teoria, buscando confirmação na prática. A teoria é apenas um instrumento do qual devemos nos servir da melhor maneira possível para alcançar os objetivos que perseguimos”
Epistemologia bibliopsicológica	Cap. 1	p. 22	“Em 1904-1905, produziu-se uma crise, uma ruptura na consciência dos camponeses e dos trabalhadores russos e, desde então, o povo russo não está mais do lado do absolutismo, ele mesmo trabalha para sua educação, sem se importar com a vontade do poder supremo”
Epistemologia bibliopsicológica	Cap. 1	p. 23	“A própria vida russa fez com que a nova ciência tivesse como lema: fé na força motriz do livro, o instrumento mais potente na luta pela verdade e pela justiça”
Epistemologia bibliopsicológica	Cap. 1	p. 23	“A Bibliopsicologia começou pela seguinte questão prática que se colocava aos trabalhadores russos: ‘Como, por meio de qual livro, agir sobre tal leitor, em tais condições, com vistas à luta pelos direitos do homem e em particular pelo seu direito de se educar?’”
Epistemologia bibliopsicológica	Cap. 1	p. 25	“A história da Bibliopsicologia se confunde com a história das ciências das quais ela extrai seus materiais”
Psicologia	Cap. 1	p. 25-26	“[...] a história da Bibliopsicologia foi absorvida cada vez mais pela psicologia experimental”
Biologia	Cap. 1	p. 27	“O professor R. Semon, em suas notáveis obras ‘Die Mneme’, e ‘Die mnemische Empfindungen’, confirma, do ponto de vista biológico, essa ideia fundamental da Bibliopsicologia que acabamos de expor”
Epistemologia bibliopsicológica	Cap. 1	p. 35	“[...] parte aplicada da Bibliopsicologia, isto é, na questão do melhoramento do livro e dos canais de circulação do livro, bem como dos processos da leitura, com o objetivo de obter o máximo de resultado com o mínimo de esforço”
Epistemologia bibliopsicológica	Cap. 1	p. 41	“A Bibliopsicologia deve estudar todos os fenômenos da vida do livro, tomando-o desde o seu nascimento e acompanhando-o até o momento de sua utilização, de seu consumo, poderíamos dizer, até o momento em que é lido e exerce uma ação sobre a mentalidade do leitor”
Estudos literários	Cap. 1	p. 44	“Veremos então que todo o campo da literatura, no sentido mais amplo da palavra, e de sua história se resume a isto: o estudo da linguagem cristalizada, do manuscrito, do livro como um tipo particular de aparelho ou engenho capaz de exercer, em determinadas

			condições subjetivas e objetivas, uma certa ação silenciosa sobre a mentalidade humana, tanto individual como coletiva. Essa ação depende das particularidades do leitor, do meio, da obra, do escritor”
Bibliologia e bibliografia	Cap. 1	p. 61	“O estudo do aspecto do livro cabe à bibliologia e à bibliografia. Mas a Bibliopsicologia também se apropria dele ao considerar a influência das variações da forma do livro sobre o leitor”
Bibliologia	Cap. 1	p. 62-63	“A bibliologia é a ciência geral do livro, a Bibliopsicologia é apenas uma divisão sua e se concentra no lado psicológico dos fenômenos que a bibliologia geral também estuda sob outros aspectos”
Bibliologia	Cap. 1	p. 63	“Sobre esse assunto, é impossível não partilhar da opinião do bibliólogo notável e universalmente conhecido como especialista do livro e de tudo o que lhe diz respeito: P. Otlet, diretor do Instituto Internacional de Bibliografia de Bruxelas”
Psicologia	Cap. 1	p. 63	“[Os livros] devem ser estudados em detalhes e não apenas do ponto de vista histórico, literário ou bibliográfico, mas – e insisto nesse ponto – do ponto de vista psicológico”
Psicologia	Cap. 1	p. 69	“Uma das tarefas da Bibliopsicologia é estudar cuidadosamente a psicologia da circulação do livro [...] Deve-se, ao mesmo tempo, estudar em detalhes a psicologia de cada uma de suas etapas, bem como a psicologia de todos os processos de difusão do livro [...] em uma palavra, estudar a psicologia da escolha dos livros e de todos os fenômenos que levam tal livro às mãos de um dado leitor”
Ciências exatas	Cap. 1	p. 71	“[...] é com isso que começa a Bibliopsicologia como uma ciência exata”
Ciências exatas	Cap. 2	p. 80	“A psicologia bibliológica é um ramo das ciências exatas. Ela parte do conhecimento preciso dos fatos, da correta avaliação das relações entre eles e da comparação do valor deles [...]. Como qualquer outra ciência, ela busca conhecer a realidade com o máximo de precisão. Em outras palavras, ela quer saber o que existe ”
Biologia	Cap. 2	p. 101	“As obras desse estudioso [Richard Semon] são de particular interesse para a Bibliopsicologia, pois erguem, por assim dizer, uma ponte sólida e cientificamente construída entre a Bibliopsicologia e a biologia e demonstram as fontes biológicas dessa nova ciência”
Bibliografia Bibliologia	Cap. 3	p. 120	“[...] os métodos e objetivos da bibliologia e da bibliografia são considerados como sendo aqueles da Bibliopsicologia. Mas não é este o caso. Cada uma dessas ciências se ocupa do estudo do livro, mas cada uma tem o seu próprio objeto, os seus objetivos particulares, os seus próprios meios e, conseqüentemente, a sua própria razão de ser.

Bibliografia Bibliologia	Cap. 3	p. 120	“A bibliografia , como o nome sugere, é uma ciência que trata da descrição dos livros, independentemente da forma como são lidos e da ação sobre os diferentes leitores. Sob o nome de bibliologia é designado o conjunto de todas as ciências que lidam com o livro, incluindo a bibliografia e a Bibliopsicologia”
Bibliografia Bibliologia	Cap. 3	p. 120	“A Bibliopsicologia, por sua vez, estuda os fenômenos psíquicos ligados à existência do livro, começando pela sua gênese na alma do autor e terminando com a sua ação sobre o leitor. A Bibliopsicologia, no sentido restrito da palavra, é apenas uma subdivisão da bibliologia. Estuda, mas apenas do ponto de vista psicológico, todas as propriedades dos livros assim como todos os fenômenos bibliográficos e bibliológicos”
Circularidade epistêmica	Cap. 3	p. 121	“Os métodos da Bibliopsicologia são os de todas as ciências exatas: das ciências naturais, da psicologia teórica comparada e experimental, pois a Bibliopsicologia pertence a estas ciências. Descreve e estuda os seus fenômenos apenas na medida em que a física e a biologia descrevem e estudam os deles”
Bibliografia	Cap. 3	p. 121	“A bibliografia trabalha no silêncio das bibliotecas. A Bibliopsicologia trabalha no meio de uma vida ativa, no seu centro. Ela estuda o livro especificamente na sua relação com os leitores, com dezenas, milhares, milhões de leitores. A bibliografia afirma que um livro pode e deve ser conhecido em si mesmo, porque cada livro tem o seu conteúdo próprio. A Bibliopsicologia prova que um livro nada mais é do que a projeção da alma do leitor, que o conteúdo do livro é essencialmente variável, que varia consoante o leitor e que apenas as imagens gráficas das letras e das palavras não variam. Ora, essas imagens não constituem o conteúdo do livro. Este conteúdo nada mais é do que o que estas imagens excitam na alma do leitor. Os resultados desta excitação são sempre diferentes: os fatos, as suas interpretações, as ideias suscitadas por estas imagens são variáveis de acordo com o leitor. Os métodos da bibliografia são apenas processos verbais de livros, ou seja, a sua descrição”
Bibliografia	Cap. 3	p. 121	“A bibliografia é a estática do livro. Por sua vez, Bibliopsicologia, sendo uma ciência que lida com as funções psíquicas dos livros lidos, é a sua dinâmica ”
Bibliografia	Cap. 3	p. 122	“Significa estudar qualquer livro (artigo, discurso e, em geral, qualquer palavra viva ou cristalizada), não em si mesmo ou de acordo com o seu conteúdo aparente, mas de acordo com a sua ação sobre a alma humana”
Bibliografia	Cap. 3	p. 122-123	“A bibliografia moderna não estuda as individualidades psíquicas dos livros. [...] Ela não dá nenhuma indicação das particularidades que se encontram em cada livro e que o transformam num meio vivo de ação sobre a alma do homem vivo e da sociedade humana”
Bibliografia	Cap. 3	p. 124	“Ao falar de bibliologia, Otlet há muito insistia no seu elemento psicológico e sociológico, trazendo assim a esta ciência dos ‘ratos de bibliotecas’ amplas e novas

			concepções e aquela nova vida de que tanto ela necessitava”
Bibliologia	Cap. 3	p. 124-125	“Em 1911, Otlet procurou chamar a atenção dos bibliógrafos para a individualidade psicológica do livro. Podemos assim considerar P. Otlet como um dos precursores da Bibliopsicologia. Embora a ideia fundamental da Bibliopsicologia não tenha sido formulada por ele, foi Otlet, com os professores A. Ferrière, P. Bovet e E. Claparède, de quem falaremos mais tarde, um dos primeiros, já em 1916, a compreender a importância desta ideia. Foi também ele – e este é um dos seus grandes méritos – que em 1919 colocou a Bibliopsicologia na base de toda a bibliologia. [...] Otlet coloca na base da ‘bibliologia teórica’ as quatro subdivisões da Bibliopsicologia expostas na conferência dada no Instituto J.-J. Rousseau (em Genebra) em 22 de outubro de 1916, e que formaram o capítulo I deste trabalho”
Bibliologia	Cap. 3	p. 125-126	“Aqui estão estas subdivisões tal como foram formuladas por Otlet (devemos acrescentar que esta fórmula não difere em nada da nossa): 1º Bibliologia científica: aperfeiçoamento de que é passível o livro considerado como expressão e cristalização cada vez mais adequada do pensamento e da ciência. Papel social do livro de ciências. 2º Bibliologia psicológica: processos de criação, circulação, utilização e influência do livro e da imprensa. Pesquisa das relações entre os autores e leitores pelo meio impresso. Pesquisa sobre a correspondência entre o tipo mental do escritor e do leitor; condições ótimas para a leitura individual; o papel do texto e da imagem. 3º Bibliologia sociológica: difusão do livro nos vários estratos da sociedade; o seu papel na formação da ideologia popular; como os dados fundamentais da vida e conduta das sociedades deveriam ser constantemente difundidos em todo o corpo social, com vistas ao progresso; a função atribuída a este respeito às publicações dos organismos oficiais, associações e jornais. 4º Bibliologia pedagógica: preparação dos espíritos para a leitura e a crítica; ensino, desde os jovens e continuando nos adultos, dos melhores métodos de leitura fecunda, iniciação no ensino superior às fontes escritas de conhecimento. Teoria geral da popularização da ciência, da propaganda de ideias, e da formação da opinião pública através do meio impresso. [...] Com essas palavras, Otlet não apenas reconhece a Bibliopsicologia como uma ciência autônoma, mas lhe dá um lugar central entre todas as outras ciências bibliológicas estudadas pelo Institut International de Bibliographie”
Epistemologia bibliopsicológica	Cap. 3	p. 129	“A Bibliopsicologia estuda estas mesmas obras de acordo com a sua ação sobre o leitor ”
Epistemologia bibliopsicológica	Cap. 3	p. 129	“O campo de estudo da Bibliopsicologia é mais amplo do que o das outras duas ciências [teoria e história da literatura] em questão. Inclui todas as palavras que podem ter um efeito sobre os homens: fala ou escrita, obra de arte ou manual escolar, ou mesmo simples conversa. Todas as outras formas de arte são também objeto do seu

			estudo: a arte da fala, teatro, música, pintura, escultura, etc.”
Circularidade epistêmica	Cap. 3	p. 141	“Resta-nos agora discutir os métodos próprios da Bibliopsicologia e, sobretudo, os que lhe são comuns com as outras ciências, a saber: 1º as ciências exatas em geral; 2º as ciências naturais; 3º a psicologia como parte desta última”

Fonte: a pesquisadora (2025).

Dimensão teórico-metodológica

Variável	Capítulo	Página	Definição
Teoria	Prefácio	p. I	"[...] para que se faça economizar o tempo e as forças do leitor na ocasião da utilização do livro"
Método	Prefácio	p. III	"As pesquisas sobre os tipos psíquicos mais frequentes, sobretudo entre as classes trabalhadoras de todos os países, provam que é precisamente esse método integral de aquisição de conhecimentos que pode conduzir as pesquisas mais segura e rapidamente aos objetivos que se deseja alcançar"
Teoria	Prefácio	p. VII	"Não é senão graças aos encorajamentos de seus amigos, de MM. Ad. Ferrière, professor no Instituto J.-J. Rousseau, diretor do Bureau International des Écoles Nouvelles no campo, e de P. Otlet, diretor do Instituto Internacional de Bibliografia em Bruxelas, que o autor desta obra acreditou poder sair de sua biblioteca e ceder às instâncias de seus amigos que lhe afirmam o interesse da Bibliopsicologia para a Europa ocidental. É por isso que o autor se faz um dever e um prazer dedicar esse livro a MM. Ad. Ferrière e P. Otlet"
Método	Cap. 1	p. 9	"[...] amparado por métodos científicos exatos [...]"
Método	Cap. 1	p. 9	"Gostaria igualmente de expor de uma maneira concreta, através de exemplos precisos, o método próprio a esta nova Ciência, cujo aperfeiçoamento, apoiado pela prática [...]"
Método	Cap. 1	p. 10	"Suas diversas partes devem ainda ser submetidas a uma elaboração exata e rigorosa"
Teoria	Cap. 1	p. 10	"[...] cedendo aos apelos de meus amigos, M. Paul Otlet e o professor A. Ferrière, eu decidi apresentar-me perante o público francês [...]"
Método	Cap. 1	p. 11	"[...] uma pesquisa exata, científica e até matemática"
Método	Cap. 1	p. 13	"A Bibliopsicologia aconselha a estudar de novo e de novo o leitor e o processo da leitura, e de estudá-los cientificamente, com precisão, com a ajuda de todos os métodos que tornam célebre a ciência contemporânea: observações, experiências, induções, hipóteses, deduções, verificações, experimentais e outras, levantamentos, estatísticas e, por fim, análises matemáticas dos dados"
Método	Cap. 1	p. 23	"A experiência dos trabalhadores russos reuniu uma quantidade enorme de materiais, fatos e teorias, cujo estudo contribui substancialmente para fornecer uma resposta científica à questão apresentada"
Teoria	Cap. 1	p. 26	"É a Guillaume de Humboldt que cabe a honra de ter sido o primeiro a formular, em termos científicos, a questão essencial da Bibliopsicologia"
Teoria	Cap. 1	p. 26	"O discurso nada transmite de uma psiquê à outra; ele só faz acender nesta última os materiais que já estão ali acumulados, sob a forma de experiências psíquicas do sujeito"
Teoria	Cap. 1	p. 27	"Para Potebnia, a palavra isolada, assim como o estilo e qualquer obra literária, são meios de excitação, e não de transmissão de experiências psíquicas do escritor ao leitor. 'A palavra não transmite o pensamento', diz ele. Se nos parece que ela é um meio de comunicar

			o pensamento, é unicamente porque ela provoca naquele que a escuta um processo de criação de pensamento análogo àquele que ocorreu no homem que fala”
Teoria	Cap. 1	p. 28	“Se uma palavra, um som despertam em você uma ideia, é porque essa ideia já estava em você, sob uma outra forma , não organizada, não cristalizada; mas essa ideia, ninguém lhe deu ”
Teoria	Cap. 1	p. 29	“[...] o espírito da Bibliopsicologia, elas nos indicam ainda em qual direção devemos trabalhar para desenvolver essa ciência, ao estudar o poder de ação de cada livro, de todas as obras de arte de modo geral, como excitadores de experiências psíquicas, em diferentes tipos psicológicos e sociais de leitores”
Teoria	Cap. 1	p. 29-30	“[...] a mesma palavra significa coisas diferentes para homens diferentes, e, para o mesmo indivíduo, as mesmas palavras significam coisas diferentes, em momentos diferentes”
Teoria	Cap. 1	p. 30	“Essa semelhança, no autor e no leitor, é explicada pela semelhança das mentalidades particulares e das condições sociais nas quais os fenômenos ocorrem”
Teoria	Cap. 1	p. 30	“[...] essa lei de Humboldt e Potebnia provoca toda uma revolução no domínio das opiniões comumente difundidas sobre o livro, e o estabelecimento dessa lei pode ser considerado como o ponto de nascimento da teoria bibliopsicológica”
Teoria	Cap. 1	p. 31	“[...] se em tal pessoa não há, por uma razão ou outra, elementos que possam ser excitados, nenhum livro, nenhuma palavra produziria excitação até o momento em que os elementos indispensáveis fossem acumulados pela experiência de vida, que dá a cada palavra sua significação”
Teoria	Cap. 1	p. 32	“Toda obra literária exerce ação mais forte sobre o leitor cuja organização psíquica oferece mais analogia, isto é, semelhança, com a do autor”
Teoria	Cap. 1	p. 32	“Isso significa que as palavras de tal obra, de tal autor, despertam na alma de um determinado leitor maior quantidade de estados psíquicos idênticos ou semelhantes aos que o próprio autor sentiu escrevendo sua obra”
Teoria	Cap. 1	p. 32	“[...] pode ser interessante que o autor e o leitor sejam completamente diferentes. Assim, a obra de um espírito autocrático pode exaltar a paixão de um democrata”
Teoria	Cap. 1	p. 32-33	“Como podemos saber exata e autenticamente que tais estados psíquicos ocorreram precisamente na alma do autor? A resposta para esta questão só pode ser fornecida pelo estudo exato dos autores, de seu espírito criador e das obras criadas, bem como pelo estudo do autor como leitor, porque todo autor é, necessariamente, ao mesmo tempo um leitor”
Teoria	Cap. 1	p. 33	“[...] a influência de um livro é determinada por suas qualidades, que dependem, elas mesmas, do processo de criação e do tipo psicológico do autor”
Teoria	Cap. 1	p. 33	“O campo de seus estudos abrange o indivíduo e a sociedade, a psicologia e a sociologia, o escritor e o leitor. Hennequin se esforça em indicar os métodos que nos permitem remontar do estudo de uma

			obra ao estudo do autor e dos leitores, através das análises estética, psicológica e sociológica. Ele reúne, por meio de laços indissolúveis, esses três objetos de estudo: o autor, a obra, o leitor”
Teoria	Cap. 1	p. 34	“Ele [Hennequin] colocou claramente em primeiro plano a questão do leitor como fator particular e muito importante da literatura, fator completamente ignorado até agora pela imensa maioria dos historiadores da literatura”
Teoria	Cap. 1	p. 34	“Hennequin é o primeiro de quem tenho conhecimento a aproximar essa questão do leitor à do escritor e a procurar elucidar as relações naturais desses dois fatores, as suas relações reais e objetivas. Para ele, os três objetos da Bibliopsicologia – o escritor, a obra e o leitor – devem ser igualmente submetidos a um estudo científico”
Teoria	Cap. 1	p. 35	“[...] lei da analogia psíquica do leitor com seu autor favorito”
Teoria	Cap. 1	p. 35	“[...] obter o máximo de resultados práticos na propagação do conhecimento através de uma escolha determinada de livros. É, igualmente, essa lei que deve reger todas as formas de propaganda: científica, pedagógica, política, social, etc.”
Teoria	Cap. 1	p. 35	“A teoria do meio social , um dos fatores essenciais dos fenômenos estudados pela Bibliopsicologia, é um ponto muito importante na história dessa ciência”
Teoria	Cap. 1	p. 35	“A teoria do meio social complementa a teoria da individualidade do leitor”
Teoria	Cap. 1	p. 35	“A experiência adquirida por este depende de seu meio social; as diferenças e as analogias existentes entre os diferentes leitores dependem, acima de tudo, das diferenças e das analogias do meio social de cada um deles”
Teoria	Cap. 1	p. 36	“Um autor, uma obra literária, um leitor não são manifestações apenas da vida individual, mas também da vida social. É o meio social que os cria, eles vivem nele, agem nele e, por sua vez, o modificam. Esses três fatores devem ser estudados em relação ao seu meio social”
Teoria	Cap. 1	p. 36	“[...] pelo conjunto determinado das condições físicas e sociais do autor; essas condições podem ser divididas em três categorias principais: 1º a raça, 2º o meio, físico e social, 3º o momento”
Teoria	Cap. 1	p. 36	“É precisamente esse meio que determina a forma e o conteúdo da mentalidade individual, o <i>mnéma</i> (entendemos por esse termo a notação das sensações cotidianas e da experiência pessoal)”
Teoria	Cap. 1	p. 36-37	Todo leitor é o objeto de sugestão e o sujeito de imitação
Teoria	Cap. 1	p. 37	“A raça, o meio e o momento agem sobre a sua forma de compreender um livro. Esses três fatores determinam o que chamamos a experiência da vida do leitor”
Teoria	Cap. 1	p. 37	“A atmosfera social lança entre a alma do autor e a do leitor uma ponte mais sólida do que o próprio livro. O livro contém apenas os materiais que já estão na mentalidade do leitor; o meio, por sua vez, torna esses materiais mais ou menos idênticos entre os diversos leitores que têm experiências de vida similares”

Teoria	Cap. 1	p. 37	“As obras de Gabriel de Tarde sobre a sugestão e a imitação são de particular interesse para a Bibliopsicologia”
Teoria	Cap. 1	p. 37	“[...] transforma, de certa forma, o leitor individual em um microcosmo da coletividade da qual ele faz parte: multidão, público, nação etc.”
Teoria	Cap. 1	p. 37	“O estudo da aptidão do leitor à imitação e de sua receptividade às opiniões, às sugestões e à hipnose tem uma importância capital para a Bibliopsicologia”
Teoria	Cap. 1	p. 39	“Quando um homem que tem influência sobre seus alunos, seus leitores e seus seguidores age sobre a sensibilidade deles, ele dirige seus olhares para algo a que eles não teriam prestado atenção por conta própria. No entanto, nesse caso, eles veem exatamente da mesma forma que teriam visto se seus olhares tivessem se dirigido espontaneamente para aquela coisa”
Teoria	Cap. 1	p. 39-40	“Quanto maior a ação intermental entre os antepassados de dois determinados indivíduos e quanto mais ela tiver criado neles pensamentos, desencadeamento de ações, sentimentos comuns, mais fácil também será para esses dois indivíduos, quando eles se encontrarem, de comunicarem um ao outro o estado de sua alma”
Teoria	Cap. 1	p. 41	“[...] elucidar as condições naturais de reforma e de melhoria do processo de cristalização do discurso”
Teoria	Cap. 1	p. 41	“[...] até que ponto se pode reformar e melhorar a expressão dos estados psíquicos do homem, de modo que a palavra cristalizada, o livro, dê à leitura o máximo de resultado com o mínimo de esforço por parte do autor, do leitor, do livreiro, bem como de todas as outras pessoas que participam do processo bibliopsicológico? Como intensificar o poder de ação do livro?”
Teoria	Cap. 1	p. 41	“Cada etapa desse processo deve ser estudada e reformada com o objetivo de economizar as forças”
Teoria	Cap. 1	p. 41	“É o princípio da utilização ordenada e econômica da experiência ou, mais simplesmente, da economia das forças”
Teoria	Cap. 1	p. 41-42	“O princípio de economia das forças, aplicado ao campo da Bibliopsicologia, deve operar, ao longo do tempo, uma aproximação entre a mentalidade do leitor e a do autor, aproximação com a qual nenhum autor ou leitor pode sequer sonhar hoje. A Bibliopsicologia saberá encontrar os meios para excitar, na alma de outrem, por meio das palavras escolhidas ou criadas para obter o máximo de utilidade, os estados psíquicos (ideias, emoções, tendências, reflexões) que o autor especificamente quis criar?”
Teoria	Cap. 1	p. 42	“Cada divisão da Bibliopsicologia pode, a nosso ver, ser resumida, desde já, pela fórmula de sua lei fundamental. Vimos que às cinco divisões da Bibliopsicologia correspondem cinco leis: 1ª a de Humboldt-Potebnia; 2ª a de Hennequin; 3ª a de H. Taine; 4ª a de Tarde; 5ª a de Mach. A primeira dessas leis formula a própria causa da ação de uma palavra; a segunda, seu papel como instrumento de ação do livro e do autor sobre o leitor; a terceira e a quarta definem o papel do meio social, fator principal dessa ação; a quinta nos traça o caminho natural das reformas a serem realizadas no mundo do livro, de acordo com os princípios indicados pela Bibliopsicologia”

Método	Cap. 1	p. 43	“O pesquisador deverá estudar cada leitor individualmente, o processo da leitura de cada um deles e o conjunto de leitores. Ele deverá, igualmente, estudar a propagação dos livros por entre a multidão, a influência (sobre o leitor e a leitura) da maneira como se adquiriu a obra em um determinado meio social, do local onde se pôde obtê-la, etc. Ele estudará o trabalho do autor, tanto o seu trabalho exterior (em outros termos, o processo da escrita) quanto seu trabalho interior, psíquico”
Teoria	Cap. 1	p. 45	“A aplicação dos princípios fundamentais ou deduções do estudo científico de obras impressas, seu surgimento e produção, seu efetivo, sua difusão, seu rendimento máximo com o mínimo de esforço para fins individuais, sociais e históricos, com vistas ao desenvolvimento da vida individual e social”
Teoria	Cap. 2	p. 81	“[...] o mesmo texto, falado ou escrito, as mesmas frases e as mesmas palavras, agem de uma forma diferente sobre os diferentes ouvintes e os leitores. Despertam, nas diversas almas, fenômenos psíquicos que são não só diferentes como muitas vezes até contraditórios”
Teoria	Cap. 2	p. 81	“[...] todo ouvinte ou todo leitor, ouvindo ou lendo o mesmo texto, relaciona seus estados psíquicos não só às qualidades desse texto (ou seja, desse discurso ou desse livro), mas também às qualidades do objeto, ou seja, da realidade da qual o texto trata. Dito de outro modo, um sujeito julga um objeto a partir de si mesmo, a partir de suas próprias qualidades e não a partir daquelas do objeto”
Teoria	Cap. 2	p. 85	“É por isso que todo objeto no mundo exterior não é nada mais do que uma projeção do mundo interior do sujeito; o mesmo se aplica àquilo que se refere ao livro. Se o sujeito mudar, seu objeto também mudará, e se for dado esse mesmo livro a um outro leitor, ele o verá de uma maneira diferente [...] Não existem e não podem existir dois leitores que, tendo lido o mesmo texto, dele tenham tido o mesmo complexo de impressões exatamente iguais e em quem o texto tenha despertado os mesmos pensamentos [...] Por isso as projeções de um livro são sempre e inevitavelmente diferentes em leitores diferentes. Também o são para o mesmo leitor em períodos diferentes e sob circunstâncias diferentes”
Método	Cap. 3	p. 142	“A aplicação de métodos bibliopsicológicos nada mais é do que a aplicação de toda a gama de métodos psicológicos ao estudo dos fenômenos bibliopsicológicos. Uma vez que a psicologia moderna deriva os seus métodos das ciências naturais e das ciências exatas em geral, os métodos da Bibliopsicologia fundem-se sem exceção com os destas ciências”
Método	Cap. 3	p. 143-144	“Em que consiste então um método rigorosamente científico? Segundo a feliz definição de Pearson, caracteriza-se por três sintomas fundamentais: a) por uma classificação meticulosa e exata dos fatos devidamente apurados e cuidadosamente estudados, bem como por um estudo das suas relações recíprocas e da sua periodicidade; b) pela elaboração, através da imaginação criativa, de leis científicas, entendendo-se sob este termo ou sob o termo ‘a lei da natureza’ não uma regra estabelecida por não se sabe quem ou o quê e que rege os fenômenos que observamos, mas uma certa fórmula concebida por um ser humano normal que tem uma determinada organização cerebral e estado de espírito, baseados na observação de fenômenos (ou fatos, classificados, estudados e generalizados). De acordo com esta definição, uma lei da natureza não é a causa da existência

			destes fenômenos, mas a sua expressão exata e resumida, mesmo, se possível, matemática”
Método	Cap. 3	p. 146	“[...] entre os métodos bibliopsicológicos, a observação e a experiência devem ser considerados os como os métodos fundamentais desta ciência”
Método	Cap. 3	p. 157	“Esta auto-observação permite ao leitor ver claramente como o processo de leitura afeta o lado qualitativo e quantitativo da projeção do livro na alma”
Método	Cap. 3	p. 169	“A introspecção desempenha um papel crucial no estudo do pensamento do leitor. Um leitor pensa no livro começando a leitura, durante a sua leitura e depois de o ter terminado. Finalmente pensa por ocasião deste livro, experimentando novamente os fenômenos psíquicos que este livro despertou nele. Além disso, um leitor segue os seus próprios pensamentos, pensamentos estranhos ao livro lido e que são despertados no seu cérebro pela própria vida”
Método	Cap. 3	p. 169	“É apenas através deste último [introspecção] que um leitor pode analisar o processo do seu pensamento, a psicologia dos seus julgamentos, todas as suas nuances e tons, as suas formas, as suas cores, etc. Para cada julgamento o leitor apresenta não só uma simples declaração de fatos, mas também a sua apreciação (intelectual, estética, ética, errônea ou verdadeira, etc.)”
Método	Cap. 3	p. 171	“[...] mesmo para a introspecção, os sentimentos e emoções são um objeto de estudo excessivamente ingrato, devido ao seu caráter muito subjetivo e aos laços estreitos que os unem ao lado mais íntimo do ‘eu’ do leitor: é muito difícil para um leitor ver claramente os seus próprios sentimentos, dado que são vagos, mal definidos, extremamente variados e, finalmente, muito transitórios”
Método	Cap. 3	p. 173	“Tudo o que até agora foi elucidado nestes fenômenos pelos métodos habituais de investigação objetiva e experimental é insignificante em comparação com o que foi estudado com a ajuda da introspecção. Esta última permitiu-nos determinar não só a intensidade da ação dos livros, mas também a sua duração e as causas dos atos cometidos sob a influência dos livros lidos (estas causas nem sempre coincidem com os argumentos apresentados pelo próprio livro). Um livro pode determinar ações voluntárias de dois tipos: primeiro, ações que são visíveis aos outros, ou seja, de natureza física, por exemplo, gestos, movimentos, e segundo, ações que são invisíveis aos outros, ou seja, de ordem interior e psíquica (desejos, tendências, intenções)”
Teoria	Cap. 3	p. 174	“[...] não só um livro, mas mesmo uma palavra exerce, em maior ou menor grau, uma sugestão real”
Teoria	Cap. 3	p. 174	“[...] na medida em que certas palavras, aforismos ou expressões ficam profundamente enraizadas na alma do leitor, e este se vê durante muito tempo sujeito à sua ação”
Teoria	Cap. 3	p. 175	“Esta imitação pode ser voluntária ou involuntária, externa (por voz, gestos, escrita) ou interna (psicológica). O leitor imita as palavras, o estilo de um livro, assim como o seu plano, o seu tema, as suas imagens, os seus heróis, as suas palavras, os seus trajes”
Método	Cap. 4	p. 185	“[...] a primeira fase das pesquisas bibliopsicológicas é o estudo do leitor feito por ele próprio ”

Método	Cap. 4	p. 192	“Ao utilizar um livro como reagente de si próprio, qualquer leitor pode determinar, por meio de uma leitura com suficiente precisão, o real grau ou nível (e não acadêmico ou oficial, medido pelos diplomas) de seu conhecimento, em qualquer ciência”
Método	Cap. 4	p. 192	“Para isso, basta que ele tenha em mãos uma pequena lista de livros, por exemplo, livros didáticos de ciências, classificados de acordo com a dificuldade de compreensão, ou seja, de acordo com o grau de preparação deste leitor ou, em termos da Bibliopsicologia, de acordo com o volume e conteúdo do suposto <i>mnéma</i> do leitor”
Método	Cap. 4	p. 192	“[...] quem busca se educar pode transformá-lo em um verdadeiro método científico”

Fonte: a pesquisadora (2025).

Dimensão categorial-conceitual

Variável	Capítulo	Página	Definição
Livro	Cap. 1	p. 11	“[...] toda a palavra cristalizada, encapsulada em formas fixas, constantes, estáveis, seja um provérbio, uma elocução, um enigma, uma canção e, de maneira geral, um produto falado do folclore, ou mesmo que seja um manuscrito, uma produção impressa, literária, científica ou outra: livro, jornal, revista, relatório, anúncio, etc; em suma, todas as coisas caracterizadas pela cristalização da forma e, por assim dizer, pelo seu caráter estático”
Livro	Cap. 1	p. 11	“Pode-se alargar o campo de pesquisa da psicologia bibliológica incluindo o estudo da influência da palavra verbal, da música, da pintura e das belas-artes sobre a mentalidade de seus consumidores”
Livro	Cap. 1	p. 11	“Por questões de brevidade, chamarei de ‘livro’ toda palavra cristalizadaPor questões de brevidade, chamarei de ‘livro’ toda palavra cristalizada, mas rogo aos meus leitores que não se esqueçam do que exatamente quero dizer com esse termo”
Livro	Cap. 1	p. 12	“A psicologia bibliológica ousa afirmar que um livro, na medida em que é lido, é função daquele que o lê”
Livro	Cap. 1	p. 12	“Um livro é aquilo que alguém pensa dele, seja ‘alguém’ um leitor isolado, uma unidade, ou uma coletividade, um grupo social, uma condição social, uma classe, um círculo, uma nação, etc”
Livro	Cap. 1	p. 12	“Todo leitor é uma variável independente; todo livro lido por ele, isto é, a ideia que ele forma de seu conteúdo, bem como de todas as suas qualidades, depende desse leitor funcionalmente”
Livro	Cap. 1	p. 12	“Ninguém sabe nada a mais sobre os livros do que as impressões e as opiniões que tem sobre eles”
Livro	Cap. 1	p. 12	“[...] o fenômeno leitura , são nossas opiniões sobre os livros ou as opiniões de outrem objetivadas de uma maneira ou de outra no momento em que o livro é lido, na realidade, no momento em que sua função é exercida”
Leitor	Cap. 1	p. 12	“Os leitores passam um após o outro ante os exemplares de um livro e ante um grande número dos mais diversos livros e, a cada vez, a reação de cada um deles varia de acordo com aquilo que lê”
Leitura	Cap. 1	p. 12	“A leitura não é outra coisa senão um antropomorfismo do leitor, uma antropomorfização ‘daquilo que ele lê’, uma lenta criação ‘daquilo que ele lê’ à sua maneira e à sua imagem”
Leitor	Cap. 1	p. 13	“[...] a Bibliopsicologia afirma: o leitor é tudo”
Livro	Cap. 1	p. 19	“A força motriz de um livro não reside nele mesmo, mas na sua dada relação com um leitor de um determinado tipo”

Livro	Cap. 1	p. 19-20	“[...] aquilo que um livro despertará na alma do leitor depende dessa alma em si, e não do livro [...] O livro nada mais é do que um instrumento”
Livro	Cap. 1	p. 20	“Mas é preciso aprender a manejá-lo, e nós podemos aprender. A vivência russa nos ensinou isso”
Livro	Cap. 1	p. 27	“O livro, não mais que a palavra, nada transmite: é também, à sua maneira, uma centelha que acende na alma do leitor os mais diversos focos de experiências psíquicas, oriundas do passado do indivíduo”
Livro	Cap. 1	p. 29	“A substância, a força de uma obra não consistem na ideia que o autor faz dela, mas sim na ação que essa obra exerce sobre os leitores ou os espectadores e, consequentemente, nas possibilidades inesgotáveis de seu conteúdo”
Livro	Cap. 1	p. 30	“[...] o livro é um engenho de uma espécie particular, cujo objetivo – consciente ou inconscientemente – é excitar as experiências psíquicas. Essas experiências são de natureza diversa, segundo as condições interiores e exteriores nas quais ocorrem”
Livro	Cap. 1	p. 30	“O livro, assim como todos os seus elementos, incluindo cada uma de suas palavras, são instrumentos de excitação de experiências psíquicas correspondentes a todas as particularidades da mentalidade em que essas experiências ocorrem, e não instrumentos de transmissão dessas experiências”
Livro	Cap. 1	p. 31	“A pessoa em quem os estados psíquicos são despertados por um livro relaciona esses estados não ao sujeito, mas ao objeto da leitura, no entanto eles não estão nem podem estar aí. E, inversamente, se em tal pessoa não há, por uma razão ou outra, elementos que possam ser excitados, nenhum livro, nenhuma palavra produziria excitação até o momento em que os elementos indispensáveis fossem acumulados pela experiência de vida, que dá a cada palavra sua significação”
Leitor	Cap. 1	p. 54	“[...] além das características gerais, cada leitor possui suas características individuais”
Livro	Cap. 1	p. 63	“Todo livro tem, com efeito, sua própria psicologia, que é a do leitor e a do autor. Ela é determinada pelo meio, que é constituído pelo conjunto de mnémas de vários milhares de indivíduos”
Leitor	Cap. 1	p. 71	“O que é o leitor? Eu o defino assim: tal como o livro, é um dispositivo psíquico, um dispositivo no qual a influência da leitura pode provocar o surgimento das mais diversas ondas psíquicas”
Leitor	Cap. 1	p. 72	“Um leitor pode ser caracterizado por uma maior excitabilidade de determinadas ondas psíquicas. Em nosso caso, essa excitabilidade é ativada pelo livro”
Livro	Cap. 1	p. 72	“Ao estudar a ação de um livro, é preciso levar em consideração o momento em que essa ação se exerce: o mesmo livro tem em cada um de nós uma ação diferente em

			um momento diferente”
Leitura	Cap. 1	p. 72	“O processo da leitura não é um processo de absorção do conteúdo de um livro. É um processo de estados psíquicos próprios que dependem inteiramente do meio psíquico em que são produzidos”
Leitor	Cap. 1	p. 73	“Na leitura, o leitor traduz constantemente para sua própria língua o discurso que é o resultado dos estados psíquicos de outrem. Os tradutores, comentaristas, popularizadores, críticos, etc., e em geral todo leitor, não fazem senão isso. Eles são apenas o material utilizado para o estudo do processo da leitura e dos tipos de leitores. Cada um exterioriza sua própria linguagem interior de acordo com sua experiência de vida”
Leitura	Cap. 1	p. 72-73	“[...] das particularidades psíquicas do leitor; ou seja, da maneira como estão combinados em sua personalidade certos traços psíquicos bem definidos. Quais são esses traços e como eles agem sobre o processo da leitura? Eis a questão que a Bibliopsicologia estuda”
Livro	Cap. 2	p. 82	“[...] um livro não é mais do que uma projeção exterior da mentalidade do leitor . Seria mais correto dizer que é uma projeção de seus estados psíquicos, os quais variam de acordo com o momento e as circunstâncias”
<i>Mnéma</i>	Cap. 2	p. 102	“A doutrina do mnéma se baseia no fato de todos os processos e atividades que já tiveram lugar pelo menos uma vez na matéria orgânica (por exemplo, nos nervos, músculos e até nas células do organismo) deixarem nela vestígios de sua passagem”
<i>Mnéma</i>	Cap. 2	p. 103-104	“[...] formam uma espécie de registro de estímulos na matéria viva. Por esse motivo, pode-se chamá-las de engramas (palavra grega que significa ‘registro’, ‘inscrição’). Esses engramas, tanto quanto os estímulos, se apresentam sempre na forma de complexos. Cada palavra lida ou ouvida, cada frase, etc., são apenas engramas no mnéma do leitor ou do ouvinte, em outras palavras, fenômenos não apenas psíquicos, mas também fisiológicos”
<i>Mnéma</i>	Cap. 2	p. 104	“Como já dissemos, do ponto de vista bibliopsicológico, todo homem que lê nada mais é do que um organismo fisiológico e psíquico específico que tem nas suas mãos um aparelho específico – o livro. Esse livro é uma fonte de estímulos visuais, entre outros, que variam de acordo com o lugar e o momento. O processo da leitura e da escuta é apenas uma série de engramas”
Livro	Cap. 3	p. 128	“O livro – trata-se, pontualmente, aqui, fique claro, do conteúdo psicológico do livro – é um repositório não só de ideias, mas de sentimentos prontos a nascer no leitor , sentimentos e ideias que também podem dar origem ou desenvolver no leitor as sementes da ação. Se estes sentimentos e estas sementes da ação se encontram no livro, é porque alguém os colocou lá”
Livro	Cap. 3	p. 140	“[...] o livro e a palavra despertam toda uma série de fenômenos psíquicos muito mais complexos, tais como fenômenos religiosos, morais, éticos, sociais, etc”

Livro	Cap. 4	p. 195	“Constatam-se tais transformações nas concepções científicas, filosóficas, religiosas e sociais. A que são devidas? É óbvio que sua causa não está no livro, mas no <i>mnéma</i> . O livro era apenas o catalisador/reagente do material já acumulado no <i>mnéma</i> . Esse material, o leitor já o tinha, há algum tempo, em seu subconsciente, sem perceber”
Leitura	Cap. 4	p. 197	“[...] a leitura de um livro, do início ao fim, é ao mesmo tempo um total , ou, mais exatamente, o resultado de todas os estímulos vivenciados por seu leitor durante a leitura”
<i>Mnéma</i>	Cap. 5	p. 264-265	“[...] qual é o <i>mnéma</i> do leitor? Nada mais é do que um conjunto de fenômenos psíquicos por ele vividos no decurso da sua existência. Inclui não só sensações, percepções, representações e noções, mas também emoções, sentimentos, afetos, paixões, desejos e instintos”.

Fonte: a pesquisadora (2025).

APÊNDICE E - PRODUÇÃO ROUBAKINIANA

1 - LIVROS

01 - РУБАКИНЬ, Н. А. [ROUBAKINE, N. A.]. **Среди книг** [Entre livros]. 2. ed. Москва [Moscou], 1911-1913. 2 v.

02 - RUBAKIN, N. A. **Krug znaniy** [Círculo de conhecimento]. São Petersburgo, 1912.

03 - RUBAKIN, N. A. **Pered rassvetom** [Antes do amanhecer]. São Petersburgo, 1912.

04 - RUBAKIN, Nikolai. **Introduction à la psychologie bibliologique**: la psychologie de la création des livres, de leur distribution et circulation, de leur utilisation par les lecteurs, les écoles, les bibliothèques, les librairies, etc: théorie et pratique. T. I. et II. Paris: Povolozky, 1922. 2 v.

05 - RUBAKIN, Nikolai. **Psikhologiiia chitatelia i knigi**: kratkoe vvedenie v bibliologicheskuiu psikhologiiu [Psicologia do leitor e dos livros: uma breve introdução à psicologia bibliográfica]. Moscow-Leningrad: Gos.izd., 1928.

06 - RUBAKIN, Nikolai. **El origen de los idiomas humanos**. Buenos Aires: Siglo Veinte, 1959.

07 - ROUBAKINE, Nicolas. **Introduction à la psychologie bibliologique**: la psychologie de la création des livres, de leur distribution et circulation, de leur utilisation par les lecteurs, les écoles, les bibliothèques, les librairies, etc: théorie et pratique. T. I. et II. Paris: Association Internationale de Bibliologie, 1998. 2 v.

08 - РУБАКИН, Н. А. [ROUBAKINE, N. A.]. **Избранное**: в двух томах: составление, краткий биографический очерк и комментарии профессора А. Н. Рубакина: том первый [**Obras escolhidas**: em dois volumes: compilação, breve esboço biográfico e comentários pelo Professor A. N. Roubakine: volume 1]. Москва [Moscou]: Книга [Livro], 1975.

2 - CAPÍTULOS DE LIVROS

09 - ROUBAKINE, Nicolas; BETHMANN, Marie. La psychologie de la bibliothèque populaire: recherches théoriques et pratiques sur la lecture publique au point de vue psychologique et sociale. *In*: MISSION sociale et intellectuelle des bibliothèques populaires: son organisation, ses moyens d'action. Paris: Institut International de coopération intellectuelle, 1937. p. 137-176.

10 - ROUBAKINE, Nicolas. Romain Rolland et le peuple russe. *In*: HOMMAGE à Romain Rolland. Genève: Éditions du Mont-Blanc, [1945]. p. 69-74.

11 - RUBAKIN, Nicholas. Lenin-Ul'ianov: the man and the revolutionary. *In*: SIMSOVA, Sylva (ed.). **Lenin, Krupskaja and libraries**. London: Clive Bingley, 1968. p. 53-54.

12 - RUBAKIN, Nicholas. Nadezhda Lenin and the labour movement. *In*: SIMSOVA, Sylva (ed.). **Lenin, Krupskaja and libraries**. London: Clive Bingley, 1968. p. 52-53.

13 - RUBAKIN, Nicholas; BETHMANN, Maria. The psychology of the public library. *In*: SIMSOVA, Sylva (ed.). **Nicholas Rubakin and bibliopsychology**. Hamden: Archon Books, 1968. p. 9-25.

14 - RUBAKIN, Nikolai. Introduction à la psychologie bibliologique. *In*: ESCARPIT, Robert (ed.). **Le littéraire et le social**: éléments pour une sociologie de la littérature. Paris: Flammarion, 1970. p. 285-296.

3 - ARTIGOS

15 - RUBAKIN, N. A. Osnovnye zadachi bibliotecnogo dela [As principais tarefas no trabalho bibliotecário], **Russkaia Shkola**, n. 7-8, p. 174-203, 1907.

16 - RUBAKIN, N. Bibliologicheskaja psikhologija kak teoriia i praktika kizhnogo dela. **Congrès International des Bibliothécaires et des Amis du Livre**, Prague, v. 2, p. 537-580, 1926.

17 - RUBAKIN, N. A. Kak pisat' nauchnye knizhki dlja chitatelia: bibliopsikhologicheskii printsipy popularizatsii [Como escrever livros científicos para o leitor: princípios bibliopsicológicos de popularização], **Kniga i proftoiuzy**, [S. l.], n. 2, 1927.

18 - ROUBAKINE, N.; BERTRAND, François-Louis. Remarques au sujet du nouveau procédé d'investigation. **Pour l'ère nouvelle**: revue internationale d'éducation nouvelle, [S. l.], ano 7, n. 42, p. 206-207, nov. 1928.

19 - RUBAKIN, N. Reader, know thyself. **Library Journal**, New York, v. 59, n. 8, p. 344-346, apr. 1934.

20 - ROUBAKINE, N. Programme de culture populaire dans les pays primitifs. **Pour l'ère nouvelle**: revue internationale d'éducation nouvelle, [S. l.], ano 16, n. 138, p. 172-178, jul. 1938.

APÊNDICE F - BIOBIBLIOGRAFIA SELETIVA DE NICOLAS ROUBAKINE EM BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

1 - LIVROS

1.1 - Década de 1950

01 - CLEMENTE, Jose Edmundo. **Estética del lector**: notas para un estudio bibliopsicológico de la literatura. Buenos Aires: El Ateneo, 1950.

1.2 - Década de 1960

02 - SIMSOVA, Sylva (ed.). **Lenin, Krupskaja and libraries**. London: Clive Bingley, 1968.

03 - SIMSOVA, Sylva. **Nicholas Rubakin and bibliopsychology**. London: Clive Bingley, 1968.

1.3 - Década de 1970

04 - MAVRICHEVA, K. G. **N. A. Rubakin (1862–1946)**. Moskva: Kniga, 1972.

05 - HATT, Frank. **The reading process**: a framework for analysis and description. London: Clive Bingley, 1976.

06 - ESTIVALS, Robert. **La bibliologie**. [S. l.]: Société de Bibliologie et de Schématisation, 1978.

1.4 - Década de 1980

07 - CHUBARIAN, Oleg Stepanovich. **Bibliotecología general**. La Habana: Editorial Científico-Técnica, [1981?].

08 - SIMSOVA, Sylva. **Librarians as readers**: bibliopsychological studies 1966-1984. London: Data Help, 1987.

1.5 - Década de 1990

09 - NITECKI, Joseph Z. **Philosophical ancestry of American Library Information Science**. New York: J. Z. Nitecki, 1997.

1.6 - Década de 2010

10 - РОССИЙСКАЯ ГОСУДАРСТВЕННАЯ БИБЛИОТЕКА [BIBLIOTECA ESTATAL RUSSA]. Научно-исследовательский Отдел Библиографии [Departamento de Pesquisa Bibliográfica]. **Николай Александрович Рубакин** [Nikolai Alexandrovich Rubakin] (1862-1946): Биобиблиографический указатель [Índice biobibliográfico]. Москва [Moscou]: Пашков дом [Casa Pashkov], 2012.

11 - RAMÍREZ LEYVA, Elsa Margarita. **Las representaciones y prácticas de lectura de los estudiantes del bachillerato UNAM**. México: UNAM, 2015. Disponível em: http://ru.iibi.unam.mx/jspui/handle/IIBI_UNAM/L112. Acesso em: 21 jun. 2025.

1.7 - Década de 2020

12 - SALDANHA, Gustavo Silva. **Ciência da Informação**: crítica epistemológica e historiográfica. Rio de Janeiro: IBICT, 2020. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/handle/123456789/1101>. Acesso em: 29 jun. 2025.

2 - CAPÍTULOS DE LIVRO

2.1 - Década de 1910

13 - OTLET, Paul. L'organisation des travaux scientifiques. *In*: ASSOCIATION FRANÇAISE POUR L'AVANCEMENT DES SCIENCES. **Conférences faites en 1919-1921**. Paris: Association Française pour L'Avancement des Sciences, 1919. p. 13-50. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5732169g>. Acesso em: 14 jun. 2025.

2.2 - Década de 1930

14 - OTLET, Paul. La psychologie et les activités de l'esprit ou Psychologie bibliologique. *In*: OTLET, Paul. **Traité de documentation**: le livre sur le livre: théorie et pratique. Bruxelles: Editiones Mundaneum, 1934, p. 32-35.

2.3 - Década de 1940

15 - LASSO DE LA VEGA, Javier Jimenez Placer. La Bibliopsicologia. *In*: LASSO DE LA VEGA, Javier Jimenez Placer. **Como se hace una tesis doctoral**. San Sebastián: Editora Internacional, 1947. p. 121-124.

2.4 - Década de 1960

16 - FOSKETT, Douglas John. Introduction. *In*: SIMSOVA, Sylva (ed.). **Nicholas Rubakin and bibliopsychology**. Hamden: Archon Books, 1968. p. 7-8.

17 - LENIN, Vladimir. Book review of N. A. Rubakin's 'Among Books'. *In*: SIMSOVA, Sylva (ed.). **Lenin, Krupskaja and libraries**. London: Clive Bingley, 1968. p. 17-19. Originalmente em: *Prosveshchenie* (4) April 1914. Signed V I.

18 - RUBAKIN, Aleksandr Nikolaevich. The life of Nicholas Rubakin. *In*: SIMSOVA, Sylva (ed.). **Nicholas Rubakin and bibliopsychology**. Hamden: Archon Books, 1968. p. 58-67.

19 - SIMSOVA, Sylva. Bibliopsychology. *In*: KENT, Allen; LANCOUR, Harold (ed.). **Encyclopedia of Library and Information Science**. New York: Marcel Dekker, Inc., 1969. v. 2.

20 - SIMSOVA, Sylva. Nicholas Rubakin and bibliopsychology. *In*: KUJOTH, Jean Spealman (ed.). **Libraries, readers, and book selection**. Metuchen, NJ: Scarecrow Press, 1969. p. 191-206.

2.5 - Década de 1970

21 - ESTIVALS, Robert. Création, consommation et production intellectuelles. *In*: ESCARPIT, Robert. **Le littéraire et le social**: éléments pour une sociologie de la littérature. Paris: Flammarion, 1970, p. 165-203.

22 - RAYWARD, Warden Boyd. Gradual disintegration. *In*: RAYWARD, Warden Boyd. **The universe of information**: the work of Paul Otlet for documentation and international organisation. Moscow: All-Union Institute for Scientific and Technical Information, 1975. p. 274-303.

23 - SIMSOVA, Sylva. Nicholas Rubakin. *In*: HARRIS, Gordon (ed.). **Four studies in Soviet Librarianship**. London: Library Association, 1977. p. 7-18.

24 - CHOLDIN, Marianna Tax. Nikolai Aleksandrovic Rubakin. *In*: KENT, Allen; LANCOUR, Harold; DAILY, Jay (ed.). **Encyclopedia of Library and Information Science**. New York: Marcel Dekker, Inc., 1979. v. 26.

2.6 - Década de 1980

25 - KARETZKY, Stephen. Nicholas Rubakin and bibliopsychology. *In*: KARETZKY, Stephen. **Reading research and Librarianship**: a history and analysis. Connecticut: Greenwood Press, 1982. p. 307-319.

26 - SIMSOVA, Sylva. Subjective dimensions of the reading experience. *In*: MCILWAINE, Ia; MCILWAINE, John; METUCHEN, Peter G. New (ed.). **Bibliography**

and reading: a *Festschrift* in honour of Ronald Staveley . New York: Scarecrow Press, 1983. p. 66-82.

27 - FONSECA, Edson Nery da. Ler ou não ler todos os livros. *In*: FONSECA, Edson Nery da. **Problemas brasileiros de documentação**. Brasília: Ibict, 1988. p. 173-180.

2.7 - Década de 1990

28 - OTLET, Paul. The international organisation of Bibliography and Documentation. *In*: RAYWARD, W. Boyd (ed.). **International organisation and dissemination of knowledge**: selected essays of Paul Otlet. Amsterdam: Elsevier, 1990.

29 - FONSECA, Edson Nery da. Leitor/leitura. *In*: FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à Biblioteconomia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 1992. p. 73-97.

30 - ESTIVALS, Robert. Psychologie Bibliologique. *In*: ESTIVALS, Robert (dir.). **Les sciences de l'écrit**. Paris: Retz, 1993.

31 - SAVOVA, Elena; ESTIVALS, Robert. Roubakine: fondateur de la bibliologie scientifique. *In*: ESTIVALS, Robert. **Petite anthologie francophone de la bibliologie**. Paris: Société de Bibliologie et de Schématisation, 1993. p. 71-80.

32 - ESTIVALS, Robert. Preface. *In*: ROUBAKINE, Nicolas. **Introduction à la psychologie bibliologique**. Paris: Association Internationale de Bibliologie, 1998. v. 1. p. 3-5.

33 - SAVOVA, Elena. Avant-propos. *In*: ROUBAKINE, Nicolas. **Introduction à la psychologie bibliologique**. Paris: Association Internationale de Bibliologie, 1998. v. 1. p. 7-18.

2.8 - Década de 2000

34 - POULAIN, Martine. Entre preocupaciones sociales e investigación científica: el desarrollo de sociologías de la lectura en Francia en siglo XX. *In*: LAHIRE, Bernard (coord.). **Sociología de la lectura**: del consumo cultural a las formas de la experiencia literaria. Barcelona: Gedisa, 2004. p. 17-57.

35 - FONSECA, Edson Nery da. Leitor/leitura. *In*: FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à Biblioteconomia**. 2. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2007. p. 63-90.

36 - RAMÍREZ LEYVA, Elsa Margarita. Los estudios de las prácticas sociales de lectura. *In*: MARTÍNEZ ARELLANO, Filiberto Felipe; CALVA GONZÁLEZ, Juan José (comp.). **XXV años de Investigación en Bibliotecología y Estudios de la Información en México**: memoria del XXIV Coloquio de Investigación Bibliotecológica y de la Información: 18-20 de octubre de 2006. México: UNAM, Centro Universitario de Investigaciones Bibliotecológicas, 2007. p. 145-164.

Disponível em: http://ru.iibi.unam.mx/jspui/handle/IIBI_UNAM/CL929. Acesso em: 21 jun. 2025.

37 - RAMÍREZ LEYVA, Elsa Margarita. Más de cien años de estudio de los lectores. *In*: MARTÍNEZ ARELLANO, Filiberto Felipe; CALVA GONZÁLEZ, Juan José (comp.). **Tópicos de investigación en Bibliotecología y sobre la Información**: edición conmemorativa de los XXV años del Centro Universitario de Investigaciones Bibliotecológicas. México: UNAM, Centro Universitario de Investigaciones Bibliotecológicas, 2007. v. 1. p. 41-90. Disponível em: http://ru.iibi.unam.mx/jspui/handle/IIBI_UNAM/CL629. Acesso em: 21 jun. 2025.

2.9 - Década de 2010

38 - RAMÍREZ LEYVA, Elsa Margarita. La lectura de la bibliotecología. *In*: RÍOS ORTEGA, Jaime (coord.); RAMÍREZ VELÁZQUEZ, César Augusto (comp.). **7º Seminario Hispano Mexicano de Investigación en Bibliotecología y Documentación**: 7, 8 y 9 de abril de 2010. México: UNAM, Centro Universitario de Investigaciones Bibliotecológicas, 2011. p. 1-13. Disponível em: https://ru.iibi.unam.mx/jspui/handle/IIBI_UNAM/L61. Acesso em: 21 jun. 2025.

39 - RAMÍREZ LEYVA, Elsa Margarita. Problemáticas sobre los lectores y la lectura en el horizonte de la investigación bibliotecológica y de la Información. *In*: RÍOS ORTEGA, Jaime; RAMÍREZ VELÁZQUEZ, César Augusto (coord.). **Agendas de Investigación en Bibliotecología e Información**: tendencias nacionales e internacionales. México: UNAM, 2013. p. 163-176. Disponível em: http://ru.iibi.unam.mx/jspui/handle/IIBI_UNAM/CL450. Acesso em: 21 jun. 2025.

40 - OTLET, Paul. A psicologia e as atividades da mente ou psicologia bibliológica. *In*: OTLET, Paul. **Tratado de documentação**: o livro sobre o livro: teoria e prática. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2018. p. 45-48.

41 - SALDANHA, Gustavo Silva. Gramática de la intencionalidad en los estudios informacionales: estados maquínicos como objeto de la intención simbólica. *In*: RENDÓN ROJAS, Miguel Ángel (coord.). **La intencionalidad en la Ciencia de la Información Documental**. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2018. p. 75-105. Disponível em: http://ru.iibi.unam.mx/jspui/handle/IIBI_UNAM/L156. Acesso em: 29 jun. 2025.

42 - SALDANHA, Gustavo Silva. Sem e cem teorias críticas em Ciência da Informação: autorretrato da teoria social e o método da crítica nos estudos informacionais, uma bibliografia benjaminiana aberta. *In*: BEZERRA, Arthur Coelho; SCHNEIDER, Marco; PIMENTA, Ricardo; SALDANHA, Gustavo Silva. **iKritika**: estudos críticos em informação. Rio de Janeiro: Garamond, 2019. p. 171-240.

2.10 - Década de 2020

43 - SALDANHA, Gustavo Silva. Entre a Carta VII de Platão e a democracia documentária: matrizes e exercícios na travessia dos 10 anos do grupo de pesquisa

Ecce Liber: filosofia, linguagem e organização dos saberes. *In*: SALDANHA, Gustavo; CASTRO, Paulo César; PIMENTA, Ricardo (org.). **Ciência da Informação: sociedade, crítica e inovação**. Rio de Janeiro: Ibict, 2022. p. 171-185. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/handle/123456789/1227>. Acesso em: 31 jan. 2024.

44 - SALDANHA, Gustavo Silva; ALENCAR, Patrícia Vargas. A leitura em contextos de isolamento social: a humanização pela literatura. *In*: SALDANHA, Gustavo Silva; MARTELETO, Regina. **A mediação dos saberes em perspectiva: V Colóquio Científico Internacional da Rede Mussi**. Rio de Janeiro: Ibict, 2022. p. 351-362. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/handle/123456789/1231>. Acesso em: 31 jan. 2024.

3 - ARTIGOS DE PERIÓDICO

3.1 - Década de 1910

45 - OTLET, Paul. L'enseignement par soi-même et la lecture systématique. **Journal L'Interné**: Organe collectif d'œuvres de prisonniers de guerre, Lausanne, n. 1, p. 5, out. 1916.

3.2 - Década de 1920

46 - FRANCO, Pedro. Biblioteconomía. **Boletín del Museo Social Argentino**, [S. l.], ano XVII, p. 560-565, nov. 1929.

3.3 - Década de 1940

47 - BERTHOLD, Arthur B. Survey of recent Russian library literature. **The Library Quarterly**: Information, Community, Policy, Chicago, v. 17, n. 2, p. 138-147, abr. 1947. DOI: <https://doi.org/10.1086/617345>. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/617345>. Acesso em: 10 jul. 2025.

48 - BETHMANN, Marie. Nicolas-A: Roubakine et son œuvre. **Nouvelles de l'Association des Bibliothécaires Suisses**, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 28-29, jan. 1947. Disponível em: <https://www.e-periodica.ch/digbib/view?pid=arb-004%3A1947%3A23%3A%3A4>. Acesso em: 25 fev. 2025.

49 - KOSTENICZOVNA, K. Nikolaj Rubakin. **Bibliotekarz**, [S. l.], n. 9-10, p. 130-131, 1947.

50 - NICOLAI Aleksandrovich Rubakin (Obituary). **Library Journal**, New York, v. 72, n. 1, jan. 1. p. 94, 1947.

51 - HAYKIN, David Judson. Let's get down to fundamentals. **Bulletin of the Medical Library Association**, [s. l.], v. 36, n. 2, p. 82-85, abr. 1948. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC194713/>. Acesso em: 12 jun. 2025.

52 - BETHMANN, Marie. L'Institut Roubakine de Psychologie Bibliologique à Lausanne. **Revue de la Documentation**, La Hague, v. 16, n. 1, p. 17-18, 1949.

3.4 - Década de 1950

53 - MAICHEL, Karol. Russian retrospective bibliographies. **The Library Quarterly: Information, Community, Policy**, Chicago, v. 28, n. 2, p. 122-131, abr. 1958. DOI: <https://doi.org/10.1086/618522>. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/618522>. Acesso em: 14 jun. 2025.

3.5 - Década de 1960

54 - ANKUDOWICZ, Janusz. N. A. Rubakin. **Bibliotekarz**, [S. l.], n. 11-12, p. 345-351, 1960.

55 - BEYERLY, Elizabeth. Soviet bibliographical projects. **American Documentation**, v. 11, n. 11, p. 44-54, jan. 1960. DOI: <https://doi.org/10.1002/asi.5090110109>. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/asi.5090110109>. Acesso em: 29 jul. 2025.

56 - IVANOVA, L. M. Arkhiv N. A. Rubakina, **Sovetskaia bibliografia**, v. 3, p. 98-109, 1962.

57 - SIMSOVA, Sylva. Nicholas Rubakin and bibliopsychology. **Libri**, [S. l.], v. 16, n. 2, p. 118-129, 1966. DOI: <https://doi.org/10.1515/LIBR.1966.16.2.118>. Disponível em: <https://www.degruyterbrill.com/document/doi/10.1515/LIBR.1966.16.2.118/pdf>. Acesso em: 29 jun. 2025.

58 - SIMSOVA, Sylva. The Rubakin experiment: a preliminary report. **Research in Librarianship**, Oldham, UK, v. 1, n. 4, p. 90-97, oct. 1966.

59 - SEROV, V. V. Library Science and some problems of Library Education in the USSR. **Libri**, [S. l.], v. 19, n. 3, p. 175-190, 1969. DOI: <https://doi.org/10.1515/libr.1969.19.1-4.175>. Disponível em: <https://www.degruyterbrill.com/document/doi/10.1515/libr.1969.19.1-4.175/html>. Acesso em: 29 jun. 2025.

3.6 - Década de 1970

60 - MÁLEK, Rudolf. On the origin of the International Organisation of Librarians (IFLA): The Congress of Librarians in Prague 1926. **Libri**, [s. l.], v. 20, n. 3, p. 222-224, 1970. DOI: <https://doi.org/10.1515/libr.1970.20.3.218>. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/libr.1970.20.3.218/html>. Acesso em: 14 jun. 2025.

61 - FONSECA, Edson Nery da. Ler ou não ler todos os livros. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 35-42, jan./jun. 1974. Disponível

em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbbsb/article/view/28600>. Acesso em: 29 jun. 2025.

62 - GORECKI, Danuta. The development of public libraries in Poland: some socio-historical considerations. **The Journal of Library History**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 6-25, jan. 1976. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/25540669>. Acesso em: 12 jun. 2025.

3.7 - Década de 1980

63 - RAYMOND, Boris. Libraries and adult education: the Russian experience. **The Journal of Library History** (1974-1987), [S. l.], v. 16, n. 2, p. 394-403, 1981. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/25541204>. Acesso em: 21 jun. 2025.

3.8 - Década de 1990

64 - CORDÓN GARCÍA, José Antonio; LÓPEZ-CÓZAR, Emilio Delgado. La bibliología: ciencia de la comunicación escrita, planteamientos actuales. **Boletín de la Asociación Andaluza de Bibliotecarios**, Málaga, Andalucía, ano 6, n. 19, p. 29-40, abr./jun. 1990. Disponível em: <https://aab.es/boletin-10-19/>. Acesso em: 12 jun. 2025.

65 - SAVOVA, Elena. Nicolai Alexandrovitch Roubakine, fondateur de la psychologie bibliographique. **Lectures**, [S. l.], n. 54, p. 25-27, mar./avr. 1990.

66 - ESTIVALS, Robert. Història de la bibliologia. **Item: Revista De Biblioteconomia i Documentació**, Barcelona, n. 11, p. 25-41, 1992. Disponível em: <https://www.raco.cat/index.php/Item/article/view/22404>. Acesso em: 17 set. 2025.

67 - ESTIVALS, Robert. Histoire du livre et bibliologie. **Canadian Review of Comparative Literature/Revue Canadienne du Littérature Comparée**, Alberta, v. 21, n. 3, p. 457-468, set. 1994. Disponível em: <https://journals.library.ualberta.ca/crci/index.php/crci/article/view/3314>. Acesso em: 12 jun. 2025.

68 - OBERMAN, Cerise; KIMMAGE, Dennis. Preface. **Occasional Papers**, Illinois, n. 200-201, out. 1995. Publicação resultante do Russian-American Seminar on Critical Thinking and the Library, transcorrido em Moscou, Rússia, em 1992.

69 - STUART, Mary. 'The ennobling illusion': the public library movement in late Imperial Russia. **The Slavonic and East European Review**, [S. l.], v. 76, n. 3, p. 401-440, jul. 1998. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/4212684>. Acesso em: 22 ago. 2025.

3.9 - Década de 2000

70 - LELIKOVA, N. K. The development of Book Science in Russia in the nineteenth century and first third of the twentieth century. **Solanus: International Journal for Russian & East European Bibliographic, Library & Publishing Studies**, London, v. 15, p. 116-126, 2001.

71 - FURNER, Jonathan. Shera's social epistemology recast as psychological bibliography. **Social Epistemology: A Journal of Knowledge, Culture and Policy**, [s. l.], v. 16, n. 1, p. 5-22, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1080/02691720210132761>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/02691720210132761>. Acesso em: 12 jun. 2025.

72 - STILWELL, Christine. Community information services: a view of the theoretical foundations. **DESIDOC: Journal of Library & Information Technology**, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 15-33, 2003. DOI: <https://doi.org/10.14429/djlit.19.1.3455>. Disponível em: <https://publications.drdo.gov.in/ojs/index.php/djlit/article/view/3455>. Acesso em: 29 jul. 2025.

73 - BLANQUET, Marie-France. Nicolas Roubakine, le fondateur de la Bibliologie Scientifique. **Schéma et schématisation: revue du schématisation**, n. 66, p. 9-16, 2007.

74 - SIMSOVA, Sylva. Joy, not duty: reading and libraries. **Australasian Public Libraries and Information Services**, [S. l.], v. 21, n. 3, p. 109-114, set. 2008. Disponível em: <https://search.informit.org/doi/abs/10.3316/ielapa.296742421281124>. Acesso em: 29 jun. 2025.

75 - GUTIÉRREZ VALENCIA, Ariel. El estudio de las prácticas y las representaciones sociales de la lectura: génesis y el estado del arte. **Anales de Documentación**, Espinardo, v. 12, p. 53-67, 2009. Disponível em: <https://revistas.um.es/analesdoc/article/view/70241/67711>. Acesso em: 12 jun. 2025.

3.10 - Década de 2010

76 - BOBUTAKA, Bob. Bibliologie psychologique de Roubakine et la théorie de la réception de Jauss. **Revue de Bibliologie: schéma et schématisation**, [S. l.], n. 72, p. 51-64, 2010.

77 - MIGOŃ, Krzysztof. Mokslo apie knygą paradigmos prieš du šimtus metų ir dabar [Paradigmas na ciência do livro: 200 anos atrás e hoje]. **Knygotyra**, Vilnius, v. 54, p. 44-53, 2010. DOI: <https://doi.org/10.15388/kn.v54i0.3589>. Disponível em: <https://www.journals.vu.lt/knygotyra/article/view/3589>. Acesso em: 14 jun. 2025.

78 - ESTIVALS, Robert. Paul Otlet dans l'histoire de la Bibliologie. **Cahiers de la documentation**, [S. l.], v. 2, n. esp., p. 67-70, jun. 2012. Disponível em: https://www.abd-bvd.be/wp-content/uploads/2012-2_Estivals.pdf. Acesso em: 23 ago. 2025.

79 - RAMÍREZ LEYVA, Elsa Margarita. La lectura en el espacio bibliotecológico. **Anuario de Bibliotecología**, v. 1, n. 1, p. 145-157, 2012. Disponível em: http://ru.atheneadigital.filos.unam.mx/jspui/handle/FFYL_UNAM/ANUARIO_A10. Acesso em: 21 jun. 2025.

80 - BORODINA, V. A. Heritage of N. Rubakin: lessons from the past. **Bibliotekovedenie** [Russian Journal of Library Science], [S. l.], n. 1, p. 66-71, 2013. Em russo. DOI: <https://doi.org/10.25281/0869-608X-2013-0-1-66-71>. Disponível em: <https://bibliotekovedenie.rsl.ru/jour/article/view/885/974>. Acesso em: 05 out. 2025.

81 - HJØRLAND, Birger. User-based and cognitive approaches to Knowledge Organization: a theoretical analysis of the research literature. **Knowledge Organization**, [S. l.], v. 40, n. 1, p. 11-27, 2013. DOI: <https://doi.org/10.5771/0943-7444-2013-1-11>. Disponível em: <https://www.imrpress.com/journal/KO/40/1/10.5771/0943-7444-2013-1-11>. Acesso em: 22 ago. 2025.

82 - RAMÍREZ LEYVA, Elsa Margarita. La lectura más allá de la letra en la formación de lectores. **Investigación Bibliotecológica**, Ciudad de México, v. 29, n. 66, p. 7-14, maio/ago. 2015. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.ibbai.2016.02.023>. Disponível em: <http://rev-ib.unam.mx/ib/index.php/ib/article/view/54442>. Acesso em: 21 jun. 2025.

83 - SALDANHA, Gustavo Silva. Sobre a bibliologia entre Peignot, Otlet e Estivals: vertentes de um longo discurso “metaepistemológico” da organização dos saberes. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 25, n. 2, p. 75-88, maio/ago. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/75>. Acesso em: 31 jan. 2024.

84 - SALDANHA, Gustavo Silva. A grande bibliologia: notas epistemológico-históricas sobre a ciência da organização dos saberes. **TransInformação**, Campinas, v. 28, n. 2, p. 195-207, maio/ago. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/2318-08892016000200006>. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/transinfo/article/view/6024>. Acesso em: 29 jun. 2025.

85 - TSVETKOVA, Milena. The theory of reading of Roubakine: deficit in the digital age. **Bulgarian Library and Information Association**, [S. l.], v. 6, n. 4, p. 21-24, 2016.

86 - STOLYAROV, Yuri. Comrade Rubakin: the soviet personal pensioner: a detail in the biography of the great librarian and educator. **Scientific and Technical Libraries**, [S. l.], n. 4, p. 94-104, 2017. Em russo. DOI: <https://doi.org/10.33186/1027-3689-2017-4-94-104>. Disponível em: <https://ntb.gpntb.ru/jour/article/view/186>. Acesso em: 30 jun. 2025.

87 - BRISKMAN, Tatiana Yakovlevna. N.A. Rubakin, the great man of book, in letters and memoirs. **Bibliotekovedenie** [Russian Journal of Library Science], [S. l.], v. 67, n. 2, p. 165-172, 2018. Em russo. DOI: <https://doi.org/10.25281/0869-608X-2018-67-2-165-172>. Disponível em: <https://bibliotekovedenie.rsl.ru/jour/article/view/647>. Acesso em: 05 out. 2025.

88 - STOLYAROV, Yuri. Black pages in the Soviet Book Studies (based on the correspondence between Nikolas Rubakin and Nikolai Somov: part 1. **Scientific and Technical Libraries**, [S. l.], n. 2, p. 65-79, 2018. Em russo. DOI: <https://doi.org/10.33186/1027-3689-2018-2-65-79>. Disponível em: https://ntb.gpntb.ru/jour/article/view/279?locale=en_US. Acesso em: 30 jun. 2025.

89 - STOLYAROV, Yuri. Paul Otlet and Nikolas Rubakin: creative commonwealth. **Scientific and Technical Libraries**, [S. l.], n. 10, p. 98-115, 2018. Em russo. DOI: <https://doi.org/10.33186/1027-3689-2018-10-98-115>. Disponível em: <https://ntb.gpntb.ru/jour/article/view/355>. Acesso em: 30 jun. 2025.

90 - BEZERRA, Arthur Coelho; SCHNEIDER, Marco; SALDANHA, Gustavo Silva. Competência crítica em informação como crítica à competência em informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 29, n. 3, p. 5-22, jul./set. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ies/article/view/47337>. Acesso em: 29 jun. 2025.

91 - SALDANHA, Gustavo Silva. A invenção da Ciência da Informação segundo Nicolas Roubakine (Rubakin). **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, [S. l.], v. 12, n. 1, 2019. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/477>. Acesso em: 29 jun. 2025.

3.11 - Década de 2020

92 - KUSHNARENKO, Natalya; SOLYANYK, Alla. News discoveries in N. A. Rubakin's works. **Scientific and Technical Libraries**, [S. l.], v. 7, p. 121-132, 2020. Em russo. DOI: <https://doi.org/10.33186/1027-3689-2020-7-121-132>. Disponível em: <https://ntb.gpntb.ru/jour/article/view/620/554>. Acesso em: 17 set. 2025.

93 - SALDANHA, Gustavo Silva. Linha cumeada: uma arqueologia dos enunciados epistemológicos da Bibliografia na fundamentação da Ciência da Informação. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 25, n. esp. A Arte da Bibliografia, p. 1-16, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2020.e73443>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/73443>. Acesso em: 11 jul. 2025.

94 - SHVETSOVA-VODKA, Galina. Discovering Nicholas A. Rubakin anew. **Scientific and Technical Libraries**, [S. l.], n. 5, 107-120, 2020. Em russo. DOI: <https://doi.org/10.33186/1027-3689-2020-5-107-120>. Disponível em: https://ntb.gpntb.ru/jour/article/view/589?locale=en_US. Acesso em: 29 jun. 2025.

95 - DVORKINA, Margarita Ya. The landmark book on Nicholas Rubakin. **Scientific and Technical Libraries**, [S. l.], n. 5, p. 145-152, 2021. Em russo. DOI: <https://doi.org/10.33186/1027-3689-2021-5-145-152>. Disponível em: <https://ntb.gpntb.ru/jour/article/view/785>. Acesso em: 12 jun. 2025.

96 - PAULA, Claudio Paixão Anastácio de. Uma epistemologia genética dos ecossistemas de desinformação?: problema interdisciplinar/resposta transdisciplinar. **Palavra chave (La Plata)**, Buenos Aires, v. 10, n. 2, p. 122, abr./set. 2021. DOI:

<https://doi.org/10.24215/18539912e122>. Disponível em:
<https://www.palavraclave.fahce.unlp.edu.ar/article/view/PCe122>. Acesso em: 21 jun. 2025.

97 - SALDANHA, Gustavo Silva; SALOMÃO, Amanda. Can we achieve diversity in digital literacy without a critical reflection on reading?: part 1: a new approach to adult literacy programs. **International Review of Information Ethics**, Alberta, v. 30, p. 1-11, 2021. DOI: <https://doi.org/10.29173/irie413>. Disponível em:
<https://informationethics.ca/index.php/irie/article/view/413>. Acesso em: 29 jun. 2025.

98 - SALOMÃO, Amanda; SALDANHA, Gustavo Silva. Can we achieve diversity in digital literacy without a critical reflection on reading?: part 2: Literacy programs that 'gestate a world'. **International Review of Information Ethics**, Alberta, v. 30, n. 1, p. 1-11, 2021. DOI: <https://doi.org/10.29173/irie414>. Disponível em:
<https://informationethics.ca/index.php/irie/article/view/414>. Acesso em: 29 jun. 2025.

99 - SALOMÃO, Amanda; SALDANHA, Gustavo Silva. Leitoras de mundo: mulheres e vivências em clubes de leitura. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, [S. l.], v. 14, p. 1-22, 2021. Disponível em:
<https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/590>. Acesso em: 29 jun. 2025.

100 - SALOMÃO, Amanda. Nós nos agarramos aos livros: experiências de leitura em contextos de opressão na obra A Sociedade Literária e a Torta de Casca de Batata. **Revista EDICIC**, [S. l.], v. 2, p. 1-14, 2022. Disponível em:
<https://ojs.edicic.org/index.php/revistaedicic/article/view/126>. Acesso em: 29 jun. 2025.

101 - MENESES TELLO, Felipe. Oleg Stepanovich Chubaryan: teórico en acción de la bibliotecología socialista. **Revista Conhecimento em Ação**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 55-107, jan./jun. 2023. DOI: <https://doi.org/10.47681/rca.v8i1.59291>. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rca/article/view/59291>. Acesso em: 01 maio 2025.

102 - SALDANHA, Gustavo Silva. Ranganathan between philosophical and epistemological dilemmas: around the problem of Library Science "scientificity" in the 1930s. **Bibliothecae.it**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 123-153, 2023. DOI: <https://doi.org/10.6092/issn.2283-9364/16781>. Disponível em:
<https://bibliothecae.unibo.it/article/view/16781>. Acesso em: 29 jun. 2025.

103 - SALOMÃO, Amanda; BEZERRA, Arthur Coelho. Nicolas Roubakine pelas lentes de uma teoria crítica da informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 33, [p. 1-24], 2023. Disponível em:
<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/67734>. Acesso em: 27 fev. 2025.

104 - SALOMÃO, Amanda; SALDANHA, Gustavo Silva. Sylva Simsova, leitura e Bibliopsicologia: itinerários. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, [S. l.], v. 16, n. esp. Premiados Enancib - 2022, p. 1-26, 2023. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/635>. Acesso em: 13 fev. 2024.

- 105 - SALDANHA, Gustavo Silva. Raíces de una teoría de la mediación psicosociológica en las ciencias de la información: la cuestión de lo “inmediato” y lo “mediato” en Nicolas Roubakine. **Informatio**, [S. l.], v. 29, n. 2, p. 1-25, 2024. DOI: <https://doi.org/10.35643/Info.29.2.1>. Disponível em: <https://informatio.fic.edu.uy/index.php/informatio/article/view/478>. Acesso em: 29 jun. 2025.
- 106 - SALDANHA, Gustavo Silva. Das raízes do fascismo no século XXI: diagnósticos esquematológicos. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, [S. l.], v. 17, n. esp. Premiados Enancib - 2023, p. 1-21, 2024. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/697>. Acesso em: 29 jun. 2025.
- 107 - SALOMÃO, Amanda; VALLE, Fernanda; SICILIANO, Mell; MATA, Diogo Xavier da; SALDANHA, Gustavo Silva. Rússia nos trópicos: em busca da biobibliografia de Nicolas Roubakine. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 29, p. 1-20, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2024.99362>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/99362>. Acesso em: 27 fev. 2025.
- 108 - SALOMÃO, Amanda; SALDANHA, Gustavo. Cartas geobiobibliográficas para uma doxografia roubakiniana: itinerários e paragens da obra de Nicolas Roubakine. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 1-35, jan./jun. 2025. Premiados Enancib - 2024. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/736>. Acesso em: 29 jun. 2025.
- 109 - PAULA, Claudio Paixão Anastácio de; VALLE, Fernanda; SALOMÃO, Amanda. Além do logos: análise da infocomunicação à luz da interdependência lógica, estética e ética a partir da Bibliopsicologia. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 1-29, jan./jun. 2025. Premiados Enancib - 2024. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/tpbci/article/view/754>. Acesso em: 17 out. 2025.
- 110 - ROSA, Victor Soares. Uma pré-história da competência em informação: a busca pelos indícios dos elementos fundantes de um campo. **RISC: Revista Informação na Sociedade Contemporânea**, Natal, v. 9, p. 1-27, jan./dez. 2025. DOI: <https://doi.org/10.21680/2447-0198.2025v9n1ID38040>. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/informacao/article/view/38040>. Acesso em: 29 jul. 2025.

4 - TRABALHOS ACADÊMICOS

- 111 - SIMSOVA, Sylva. **An evaluation of Nicholas Rubakin's concept of bibliopsychology in the light of current psychological research**. 480 p. Thesis (M. Phil) - School of Library, Archive and Information Studies, University of London, 1975. Disponível em: <https://discovery.ucl.ac.uk/id/eprint/10146497/>. Acesso em: 29 jun. 2025.
- 112 - SALDANHA, Gustavo Silva. **Uma filosofia da Ciência da Informação: organização dos saberes, linguagem e transgramáticas**. 2012. 438 f. Tese

(Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro/Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/handle/123456789/667>. Acesso em: 31 jan. 2024.

113 - SALOMÃO, Amanda. **Leitura, apropriação de saberes e transformação pessoal**: relações subjetivas e intersubjetivas a partir das perspectivas de mulheres pertencentes a clubes de leitura. Orientador: Gustavo Silva Saldanha. 2020. 312 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro/Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/handle/123456789/1098>. Acesso em: 29 jun. 2025.

114 - SILVA, Leyde Klebia Rodrigues da. **Feminismo negro e epistemologia social**: trajetórias de vida de pesquisadoras negras em Biblioteconomia e Ciência da Informação. Orientador: Gustavo Silva Saldanha. 2020. 250 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro/Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/handle/123456789/1166>. Acesso em: 29 jun. 2025.

115 - SÁ, Jéssica Patrícia Silva de. **Aspectos simbólicos da prática da leitura literária em contextos de adversidade**. Orientador: Claudio Paixão Anastácio de Paula. 2022. 226 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/41428>. Acesso em: 22 ago. 2025.

5 - TRABALHOS PUBLICADOS EM ANAIS DE EVENTOS

116 - SOLOVJEVA, N. N. Bibliography as a means of education. *In*: INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS, 36. Session, 1970, [24 p.], Moscou. **Proceedings [...]**. [S. l.]: [s. n.], 1970.

117 - SIMSOVA, Sylva. Reading and culture. *In*: NATIONAL CONFERENCE ON MULTICULTURALISM AND LIBRARIES, 2., 1985, Melbourne. **Proceedings [...]**. [S. l.]: [s. n.], 1986.

118 - SIMSOVA, Sylva. Bibliopsychological dimensions of the reading experience. *In*: IFLA GENERAL CONFERENCE, 53., 1987, Brighton, UK. **Proceedings [...]**. The Hague: IFLA, 1987.

119 - ABDELHAMID, Arab. Relation entre la Bibliologie et la bibliothéconomie. *In*: COLLOQUE INTERNATIONAL DE BIBLIOLOGIE, SCIENCE DE LA COMMUNICATION ÉCRITE, 19., 2006, p. 1-6, Alexandrie, **Proceedings [...]**. [S. l.]: [s. n.], 2006. Disponível em: https://www.aib.ulb.be/colloques/2006-alexandrie/2006_index.html. Acesso em: 05 out. 2025.

120 - ESTIVALS, Robert. La Bibliologie: une science francophone. *In*: COLLOQUE INTERNATIONAL DE BIBLIOLOGIE, SCIENCE DE LA COMMUNICATION ÉCRITE, 19., 2006, p. 1-8, Alexandrie, **Proceedings [...]**. [S. l.]: [s. n.], 2006. Disponível em: https://www.aib.ulb.be/colloques/2006-alexandrie/2006_index.html. Acesso em: 05 out. 2025.

121 - SIMSOVA, Sylva. Reading and libraries. *In*: METROPOLITAN LIBRARIES SECTION CONFERENCE (METLIB), 2008, Prague, Czech Republic. **Proceedings [...]**. [Prague]: [IFLA], 2008.

122 - SILVA, Leyde Klebia Rodrigues da; SALDANHA, Gustavo Silva. A caminho da compreensão do “social” da Ciência da Informação: questionando a ressignificação de conceitos segundo os estudos sociais da informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 17., 2016, Salvador. **Anais [...]**. Salvador, 2016, [p. 1-20]. Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br/download/189124>. Acesso em: 18 set. 2025.

123 - SALDANHA, Gustavo Silva. Epistemologia crítica e social da Ciência da Informação: 50 anos de uma escola dialética. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., 2018, Londrina, PR. **Anais [...]**. Londrina, PR, 2018, p. 195-214. Disponível em: http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XIX_ENANCIB/xixenancib/paper/view/1274. Acesso em: 29 jun. 2025.

124 - SALDANHA, Gustavo Silva. A invenção da Ciência da Informação segundo Nicolas Roubakine (Rubakin). *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 20., 2019, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis, 2019, [p. 1-20]. Disponível em: <https://conferencias.ufsc.br/index.php/enancib/2019/paper/view/1089>. Acesso em: 05 out. 2025.

125 - SALOMÃO, Amanda; SALDANHA, Gustavo Silva. Loci de leitoras e leituras: práxis das mediações sociotécnicas em clubes de leitura. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 21., 2021, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro, 2021, [p. 1-16]. Disponível em: <https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxienancib/paper/view/362>. Acesso em: 29 jun. 2025.

126 - SALOMÃO, Amanda; SALDANHA, Gustavo Silva. A teoria da leitura nas vidas de Sylva Simsova: reflexões biobibliográficas. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22., 2022, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre, 2022, [p.1-13]. Disponível em: <https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxiiencib/paper/view/1052>. Acesso em: 11 jul. 2025.

127 - SALDANHA, Gustavo Silva. Faces do fascismo no século XXI: diagnóstico da esquematologia sobre as engrenagens do (neo)liberalismo contemporâneo. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 23., 2023, Aracaju, Sergipe. **Anais [...]**. Aracaju, 2023, [p. 1-15]. Disponível em:

<https://ancib.org/enancib/index.php/enancib/xxxiiienancib/paper/viewFile/2027/1167>. Acesso em: 06 abr. 2024.

128 - SALOMÃO, Amanda; SALDANHA, Gustavo Silva. A praxiologia de Roubakine: uma leitura epistemológico-crítica. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 23., 2023, Aracaju, Sergipe. **Anais [...]**. Aracaju, 2023, [p. 1-16]. Disponível em: <https://ancib.org/enancib/index.php/enancib/xxxiiienancib/paper/view/1426>. Acesso em: 16 fev. 2024.

129 - VALLE, Fernanda; SALDANHA, Gustavo Silva. Quem é a pessoa usuária do conhecimento registrado na ciência da informação? notas da neurodiversidade. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 23., 2023, Aracaju, Sergipe. **Anais [...]**. Aracaju, 2023, [p. 1-16]. Disponível em: <https://ancib.org/enancib/index.php/enancib/xxxiiienancib/paper/view/1487>. Acesso em: 05 out. 2025.

130 - PAULA, Claudio Paixão Anastácio de; VALLE, Fernanda; SALOMÃO, Amanda. Lógica, estética e ética no ato discursivo: contribuições da Ciência da Informação à luz de Nicolas Roubakine. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 24., 2024, Vitória. **Anais [...]**. Vitória, 2024, [p. 1-15]. Disponível em: <https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxivenancib/paper/view/2718>. Acesso em: 01 ago. 2025.

131 - SALOMÃO, Amanda; SALDANHA, Gustavo Silva. Horizontes para uma doxografia de Nicolas Roubakine: percursos teórico-empíricos. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 24., 2024, Vitória, ES. **Anais [...]**. Vitória, 2024, [p. 1-16]. Disponível em: <https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxivenancib/paper/view/2256>. Acesso em: 29 jun. 2025.

132 - VOLOTÃO, Carina; SALOMÃO, Amanda; DRUMOND, Geisa Meirelles. Leitura na biblioteca universitária: um olhar crítico sobre o digital. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 24., 2024, Vitória. **Anais [...]**. Vitória, 2024. Grupo de trabalho: Informação, Educação e Trabalho, [p. 1-16]. Disponível em: <https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxivenancib/paper/view/2494>. Acesso em: 22 ago. 2025.

6 - TRABALHOS APRESENTADOS EM EVENTOS

133 - SALOMÃO, Amanda. Clubes de leitura como espaços de apropriação de saberes: horizontes de transformação de mulheres leitoras. *In: CONGRESO LATINOAMERICANO PARA EL DESARROLLO DE LA LECTURA Y LA ESCRITURA*, 16., 2021, XVI, 2021, Virtual. **Libro de resúmenes**, 2021. p. 131-131.

134 - RIBEIRO, Daniel Strauch; ROSA, Victor Soares; SALOMÃO, Amanda. Leitura em tempos de crise: clubes de leitura, hashtags e pandemia de Covid-19 no Brasil.

In: CONGRESO LATINOAMERICANO PARA EL DESARROLLO DE LA LECTURA Y LA ESCRITURA, 16., 2021, XVI, 2021, Virtual. **Libro de resúmenes**, 2021. p. 134-134.

135 - SALOMÃO, Amanda; VALLE, Fernanda; SICILIANO, Mell; MATA, Diogo Xavier da; SALDANHA, Gustavo Silva. Rússia nos trópicos: em busca da biobibliografia de Nicolas Roubakine. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL A ARTE DA BIBLIOGRAFIA, 8., 2021, São Paulo, 09 dez. 2021.

136 - ROSA, Victor Soares; SALOMÃO, Amanda; RIBEIRO, Daniel Strauch. La lectura del mundo en Capitães de Areia bajo la óptica de Paulo Freire: potenciales constructos para la reflexión crítica y transformación social. *In*: COLLOQUE FREIRE HOJE, FREIRE HOY, FREIRE S(I)EMPRES, 2022, Toulouse, 27 out. 2022.

137 - SALOMÃO, Amanda; SALDANHA, Gustavo Silva. Nicolas Roubakine em Elsa Ramírez Leyva: reflexões teóricas sobre o conceito de e a práxis da leitura. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2025, Rio de Janeiro.

7 - RESENHAS

138 - ASHEIM, Lester. [Review]. **The Library Quarterly**: Information, Community, Policy, v. 53, n. 2, p. 181-182, abr. 1983. Resenha da obra de: KARETZKY, Stephen. Reading research and librarianship: a history and analysis. Westport, Conn.: Greenwood Press, 1982. 385 p. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/4307621>. Acesso em: 11 jul. 2025.

139 - LEVIS, Joel. [Review]. **RQ**, v. 8, n. 1, p. 66, 1968. Resenha da obra de: SIMSOVA, Sylva. Nicholas Rubakin and Bibliopsychology. Hamden, Conn.: Archon Books, 1968. 76 p. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/25823219>. Acesso em: 14 jun. 2025.

140 - OBOLER, Eli. [Review]. **The Journal of Library History**, v. 4, n. 4, p. 355-357, out. 1969. Resenha da obra de: SIMSOVA, Sylva. Nicholas Rubakin and Bibliopsychology. Hamden, Conn.: Archon Books, 1968. 76 p. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/25540196>. Acesso em: 14 jun. 2025.

141 - SIMSOVA, Sylva. [Review]. **Journal of Librarianship and Information Science**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 133-135, abr. 1976. Resenha da obra de: HATT, Frank. The reading process: a framework for analysis and description. London: Clive Bingley, 1976. DOI: <https://doi.org/10.1177/096100067600800205>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/096100067600800205>. Acesso em: 18 set. 2025.

142 - CHOLDIN, Marianna Tax. [Review]. **Slavic Review**, [S. l.], v. 39, n. 1, p. 120, mar. 1980. Resenha da obra de: SENN, Alfred Erich. Nicholas Rubakin: a life for books. Newtonville, Mass.: Oriental Research Partners, 1977. DOI: <https://doi.org/10.2307/2497315>. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/slavic-review/article/abs/nicholas-rubakin-a-life-for-books-by-alfred-erich-senn-russian-biography-series-no-1-newtonville-mass-or>

[iental-research-partners-1977-390-paper/9139512EBB476CBC07AEC83947D50396](https://www.jstor.org/stable/25541421). Acesso em: 21 set. 2025.

143 - LYMAN, Helen Huguenor. [Review]. **The Journal of Library History**, [S. l.], v. 18, n. 3, p. 354-359, 1983. Resenha da obra de: KARETZKY, Stephen. Reading research and librarianship: a history and analysis. Westport, Conn.: Greenwood Press, 1982. 385 p. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/25541421>. Acesso em: 14 jun. 2025.

144 - SIMSOVA, Sylva. [Review]. **Journal of Librarianship and Information Science**, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 67-72, jan. 1984. Resenha da obra de: KARETZKY, Stephen. Reading research and librarianship: a history and analysis. Westport, Conn.: Greenwood Press, 1982. 385 p. DOI: <https://doi.org/10.1177/096100068401600109>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/096100068401600109>. Acesso em: 18 set. 2025.

145 - SIMSOVA, Sylva. [Review]. **Journal of Librarianship and Information Science**, [S. l.], v. 34, n. 4, p. 222-223, dez. 2002. Resenha da obra de: PARETZKY, Stephen. Not seeing red: American librarianship and the Soviet Union, 1917-1960. Lanham, MD: University Press of America, 2001. 504 p. DOI: <https://doi.org/10.1177/096100060203400410>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/096100060203400410>. Acesso em: 29 jun. 2025.

146 - VARGANOVA, Galina; LOKHVITSKAYA, Svetlana. Knowledge pulling through the epoch. **Scientific and Technical Libraries**, [S. l.], n. 4, p. 131-139, 2020. Resenha da obra de: STOLYAROV, Yu. N. Rubakin regained. Moscow: RUSLA, 2019. 416 p. Em russo. DOI: <https://doi.org/10.33186/1027-3689-2020-4-131-139>. Disponível em: https://ntb.gpntb.ru/jour/article/view/574?locale=en_US. Acesso em: 23 ago. 2025.

8 - DOCUMENTO DE ACESSO EXCLUSIVO EM MEIO ELETRÔNICO

147 - SALDANHA, Gustavo Silva. A luta continuará: Ciência da Informação e revolução social. **Blog Ecce Liber**, Rio de Janeiro, 05 abr. 2018. Disponível em: <https://www.ecceliber.org/single-post/2018/04/05/a-luta-continuará-ciência-da-informação-e-revolução-social>. Acesso em: 29 jun. 2025.

148 - BIBLIOTECONOMIA social em Nicolas Roubakine com Gustavo Saldanha. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (1h12min). Publicado pelo canal webconcib. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UmZ5XCq643w>. Acesso em: 21 set. 2025.

149 - BLANQUET, Marie-France. Nicolas Roubakine: créateur de la psychologie bibliologique. **Savoirs CDI**, [S. l.], c2021.

150 - L. T. RUBAKINA: a biblioteca da mãe de Nicolas Rubakin. **Blog Ecce Liber**, 9 fev. 2022. Disponível em:

<https://www.ecceliber.org/single-post/l-t-rubakina-a-biblioteca-da-m%C3%A3e-de-nicolas-rubakin>. Acesso em: 29 nov. 2023.

151 - CERUB: 1º Ciclo do Círculo de Estudos Rubakinianos. [S. l.: s. n.], 2022. 1 vídeo (3h27min). Publicado pelo canal Ecce Liber. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UNZGoruw2Ck&t=10s>. Acesso em: 21 set. 2025.

APÊNDICE G - BIOBIBLIOGRAFIA SELETIVA DE NICOLAS ROUBAKINE EM SUA CIRCULARIDADE EPISTÊMICA

1 - LIVROS

01 - FOUILLÉE, Alfred. **Esquisse psychologique des peuples européens**. 10. ed. Paris: Félix Alcan, 1903. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k432010d.texteImage>. Acesso em: 21 set. 2025.

02 - ROLLAND, Romain. **Journal des années de la guerre, 1914-1919**: notes et documents pour servir à l'histoire morale de l'Europe de ce temps. Paris: Cercle du Bibliophile, 1952.

03 - RUBAKIN, Aleksandr Nikolaevich. **Rubakin**: lotsman knijnogo moria [Rubakin: piloto do mar dos livros]. [Moskva]: Molodaia Gvardiia, 1979.

04 - BROOKS, Jeffrey. **When Russia learned to read**: literacy and popular literature, 1861-1917. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1985.

05 - DOBRENKO, Evgeny. **The making of the state reader**: social and aesthetic contexts of the reception of Soviet literature. Stanford, CA: Stanford University Press, 1997.

06 - ANDREWS, James. **Science for the masses**: the bolshevik state, public science, and the popular imagination in Soviet Russia, 1917-1934. Texas: Texas A&M University Press, 2003.

2 - CAPÍTULOS DE LIVRO

07 - ROBINE, Nicole. La lecture. In: ESCARPIT, Robert (ed.) **Le littéraire et le social**: éléments pour une sociologie de la littérature. Paris: Flammarion, 1970, p. 221-244.

08 - SMEJKALOVÁ, Jirina. Monitoring the 'red model'. In: SMEJKALOVÁ, Jirina. **Cold war books in the 'other' Europe and what came after**. Boston: Brill, 2011. p. 43-80.

09 - REBECCHINI, Damiano; VASSENA, Raffaella. Reader, where are you?: an introduction. In: REBECCHINI, Damiano; VASSENA, Raffaella (ed.). **Reading in Russia**: practices of reading and literary communication: 1760-1930. Milano: Ledizioni, 2014. p. 11-37.

3 - ARTIGOS DE PERIÓDICO

3.1 - Década de 1910

10 - FERRIÈRE, Adolphe. La psychologie bibliologique, d'après les documents et les

travaux de Nicolas Roubakine. **Archives de Psychologie**, Genève, t. XVI, n. 61, p. 101-132, 1917.

3.2 - Década de 1920

11 - TURIN, Lydia. Dr. N. Roubakin on biblio-psychology. **Psyche**, [S. l.], p. 74-93, apr. 1929.

3.3 - Década de 1950

12 - FERRIÈRE, Adolphe. A psicologia bibliológica de Nicolas Roubakine. **Boletim Bibliográfico**, São Paulo, v. XVIII, 1951.

13 - LINDSTROM, Thaïs S. N. A. Rubakin: architect of popular enlightenment. **The Slavic and East European Journal**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 122-136, 1959. DOI: <https://doi.org/10.2307/304573>.

Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/304573>. Acesso em: 23 ago. 2025.

3.4 - Década de 1960

14 - KEEP, John. 1917: the tyranny of Paris over Petrograd, **Soviet Studies**, [S. l.], v. 20, n. 1, p. 22-35, 1968. DOI: <https://doi.org/10.1080/09668136808410630>.

Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09668136808410630>.

3.5 - Década de 1970

15 - SENN, Alfred Erich. A Russian voice on the Polish question, 1916. **The Polish Review**, [S. l.], v. 19, n. 2, p. 83-87, 1974. Disponível em:

<https://www.jstor.org/stable/25777203>. Acesso em: 21 set. 2025.

3.6 - Década de 1980

16 - ANDREWS, James. N. A. Rubakin and the popularization of science in the post-october period. **Russian History**, [s. l.], v. 16, n. 1, p. 9-29, 1989. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/24657663>. Acesso em: 23 ago. 2025.

3.7 - Década de 1990

17 - RICHAUDEAU, François. Un précurseur des sciences de l'écrit: Nicolas Roubakine: Introduction à la psychologie bibliologique (T. I et II), **Communication & Langages**, [S. l.], n. 117, p. 122, 1998. Disponível em:

http://www.persee.fr/doc/colan_0336-1500_1998_num_117_1_2874_t1_0122_0000_2. Acesso em: 18 abr. 2024.

18 - ALAVA, Séraphin; ÉTÉVÉ, Christiane. Médiation documentaire et éducation. **Revue Française de Pédagogie**, n. 127, p. 119-164, abr./maio/jun. 1999.

3.8 - Década de 2000

19 - FAYET, Jean-François. Nicolas A. Roubakine (1862-1946), un militant "culturo-révolutionnaire". **Cahiers AEHMO**: Association pour l'étude de l'histoire du mouvement ouvrier, [S. l.], n. 19, p. 71-87, 2003. DOI: <http://doi.org/10.5169/seals-520270>. Disponível em: <https://aehmo.org/publications/cahier-n-19/>. Acesso em: 27 fev. 2025.

20 - MARTIN, Henri-Jean. L'histoire du livre: de la tentation d'une histoire globale à une réflexion sur les systèmes de communication. **Cultura**: Revista de História e Teoria das Ideias, [S. l.], v. 21, p. 10-20, 2005. DOI: <https://doi.org/10.4000/cultura.2772>. Disponível em: <http://journals.openedition.org/cultura/2772>. Acesso em: 21 set. 2025.

21 - SALES, Karina Lima. As letras por entre as grades: considerações sobre a formação do leitor a partir de Memórias de um sobrevivente. **Leitura**: Teoria & Prática, Campinas, SP, v. 27, n. 3, p. 46-52, 2009. DOI: <https://doi.org/10.34112/2317-0972a2009v27n53p46-52>. Disponível em: <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/394>. Acesso em: 21 set. 2025.

3.9 Década de 2010

22 - ANDREWS, James. An evolving scientific public sphere: state science enlightenment, communicative discourse, and public culture from Imperial Russia to Khrushchev's Soviet Times. **Science in context**, v. 26, n. 3, p. 509-526, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0269889713000161>. Acesso em: 11 jul. 2025.

23 - TSVETKOVA, Milena. Conflicts with the reading and their decisions through the bibliopsychology. **International Journal of Media and Information Literacy**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 128-145, 2016. Disponível em: https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2900675. Acesso em: 21 set. 2025.

24 - TSVETKOVA, Milena. Lies of the reader: disadvantages of the sociological research methods for the study of reading. **Slovak Republic European Journal of Contemporary Education**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 190-213, 2018. DOI: 10.13187/ejced.2018.1.190.

4 - TRABALHOS PUBLICADOS EM ANAIS DE EVENTOS

25 - TSVETKOVA, Milena; KALVACHEVA, Eleonora. The stolen book: communication significance beyond the criminal act. *In*: HUMAN AND SOCIAL SCIENCES AT THE COMMON CONFERENCE, 4., 2016, p. 46-52, Slovak Republic. **Proceedings [...]**. Zilina, Slovakia: Publishing Institution of the University of Zilina,

2016. Disponível em:

<https://bazawiedzy.ue.poznan.pl/info/book/UEP62e3d3b9eb194c78a30a79250a92acdf?ps=20&lang=en&title=&pn=1&cid=4568850>. Acesso em: 21 set. 2025.

5 - RESENHAS

26 - A. G. C. [Review]. **Journal of European Studies**, [S. l.], v. 4, n. 3, p. 304-305, 1974. Resenha da obra de: RUBAKIN, Nikolai. *Sredi knig*. 2. ed. Moscou, 1913-1915. 3 v. DOI: <https://doi.org/10.1177/004724417400400328>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/004724417400400328>. Acesso em: 21 set. 2025.

27 - LYMAN, Helen Huguenor. [Review]. **The Journal of Library History**, [S. l.], v. 18, n. 3, p. 354-359, 1983. Resenha da obra de: KARETZKY, Stephen. *Reading research and librarianship: a history and analysis*. Westport, Conn.: Greenwood Press, 1982. 385 p. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/25541421>. Acesso em: 14 jun. 2025.